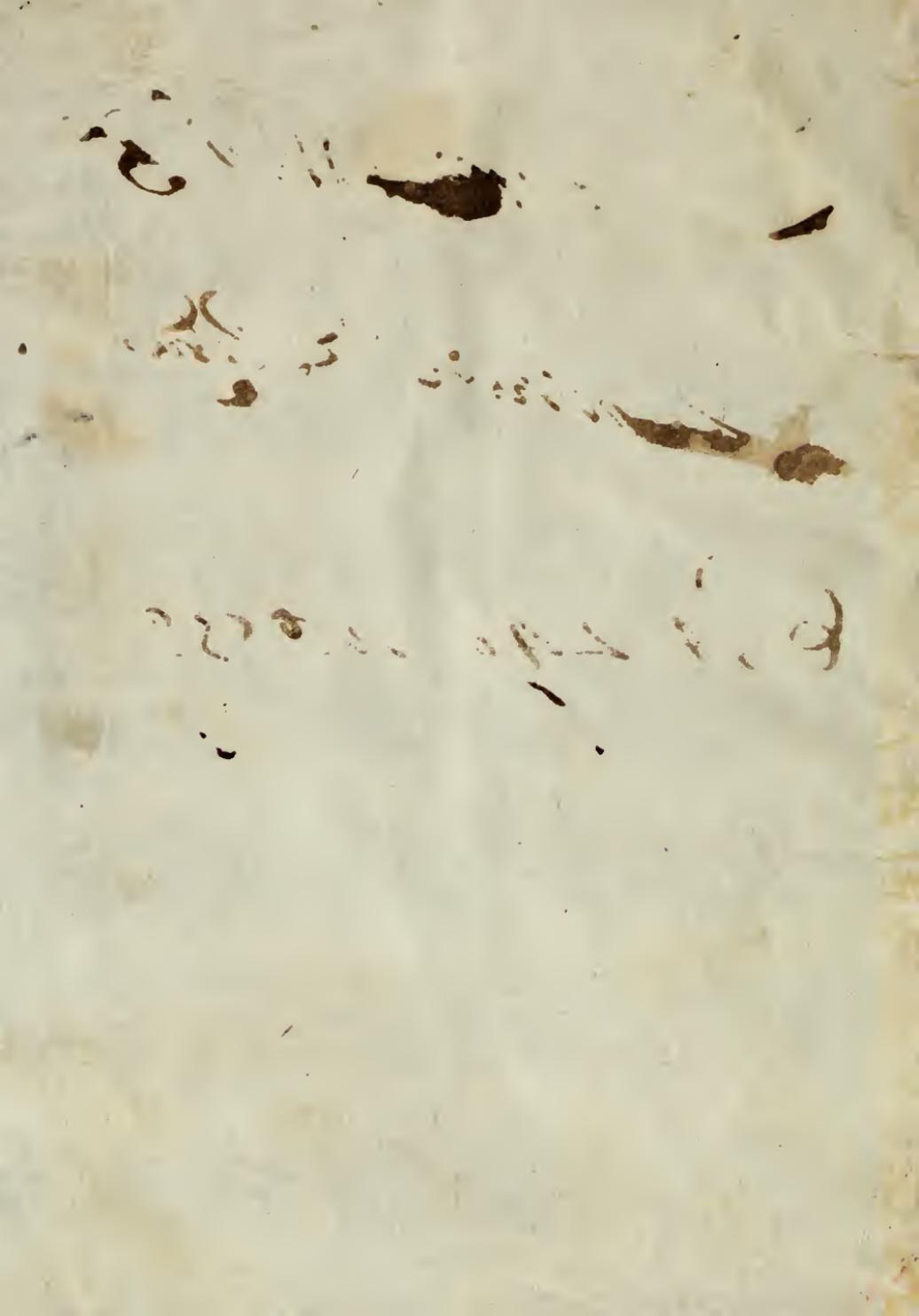


11
-1111

1778
1730

0468

1887



~~Carta N.º 34~~

~~Carta de Leitura~~

~~Carta 24º n.º 3º~~
Carta 26º grade 6º

grade 6º

1800

1801

1802

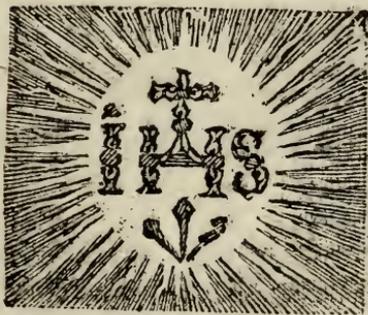
SERMOENS

DO PADRE
MANOEL DOS REYS
DA COMPANHIA DE
J E S U,

Lente de Escriptura muitos annos
em o Collegio de Coimbra.

SEGUNDA PARTE,

Em q̄ se contem Sermoões do Sacra-
mento, da Senhora, & de alguns
Apostolos.



E V O R A,

Com todas as licenças necessarias, na Officina da Uni-
versidade, Anno de M.DCC.XX.

SERMONEIS

DO PADRE

MANOEL DOS REYS

DA COMPANHIA DE

JESU.

Leitura de Escripuras mltas annos
em o Collegio de Coimbra.

SEPTIMA EDICAO

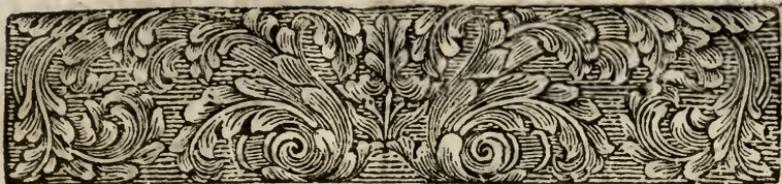
BX
1756
R454
pt. 2

Em q se contem sermões do Sr. P.
meiro, da Companhia, & de alguns
Apostolos.



E V O R A

Com o qual se necessita a leitura da U.
velha, Anno de MDCXXI



AO LEYTOR.

N Amtenho aqui, que advertir, que não fique dito ja na primeira parte, de que em alguns Sermões se encontrarãẽ clausulas de outros; mas como não sam consideravelmente cousa, que faça identidade, lhe deve dar o Leytor os descontos, que ja adverti: como tambem senam deve reparar, em que alguns não tenham as ultimas clausulas, que o Autor fiava da sua memoria, & por serem as comuas, com que se fecham os Sermoẽs, he mui facil acrecentalas, & eu o fizera se nam quizera, que tudo fosse da mesma nam, & porque se nam cuide, que assim como aquellas o sam de outra, averã mais suplementos. Bem se ve, que a falta he de muito poucas regras, & que estam acabados.



LICENÇA DA ORDEM.

ANtonio de Souza da Cõpanhia de JESU Preposito Provincial na Provincia de Portugal, por particular cõcessão, q̃ para isso me foy dada do nosso muyto R. P. Miguel Angelo Tamborino Preposito Geral da mesma Cõpanhia, dou licença, pera q̃ se possa imprimir a Segunda Parte dos Sermoões do nosso P. Manoel dos Reys, que foy muitos annos Lente de Escriptura no Collegio de Coimbra, na qual parte se contem Sermoões do Sacramento, da Senhora, & de alguns Apostolos. Foy examinada, & approvada por pessoas graves, & doutas da mesma Cõpanhia: & por verdade dei esta assignada com o meo final, & sellada com o sello do meo officio. Dada no Collegio do Porto aos 21. de Novembro de 1715.

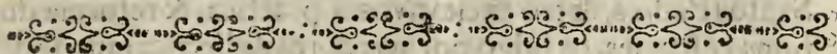
Antonio de Souza.



LICENÇA Do Santo Officio.

O Padre Mestre Francisco da Apresentação, & Sales, Qualificador do Santo Officio veja a Segunda Parte dos Sermoões, de que trata esta petição, & informe com seu parecer. Lisboa 16. de Junho de 1716.

*Hasse. Monteiro. Ribeiro. Fr. Rodrigo Lencastre.
Guerreyro. Souza.*



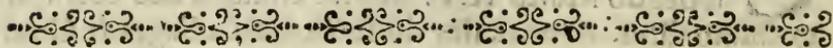
EMINENTISSIMO SENHOR.

COm grande gosto, & attenção revi este livro de Sermoões do Muito R. P. Mestre Manoel dos Reys dignissimo filho, & professor do Instituto da Sagrada Companhia de JESUS, pois de seu grande Patriarca soube imitar, & conseguir repetidas vezes os dictames, nas empresas mais gloriozas, interpretando a difficuldade das Escrituras na cadeira, doutrinando ao povo os mysterios da Fé, & as verdades Catholicas no pulpito, convertendo, & reformando com as suas exhortaçoes os vicios dos peccadores no confessorio, & exercendo nos lugares para isso destinados as mais heroicas obras da caridade. Aos prégadores evangelicos mandou Christo, que fossem como sal, & que fossem como luz: como sal nas obras, como luz na doutrina; mas este grande prégador athe na doutrina teve muito sal: bem se deixa ver na graça do dizer, com que recrea, na futeleza do engenho, com que emleua, na descripção, & a-

gudeza do discurso, com que agrada, no eloquente do estylo, com que convida, no pezo das rezoens, com que persuade, na propriedade & pureza de palavras, com que atrahe; pois com as discretas suspende, com as compassivas enternece, com as rigurozas compunge.

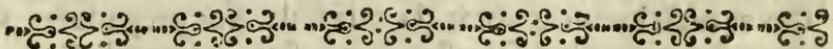
Parece que nestes seus Sermoões se vem resuscitados os ecosda sua voz, & as vivezas de seu espirito: assim o ponderou hum Sabio advirtindo nos escritos de outro: *Penetrat aures, demulcet oculos, animos invadit.* Sene- ca. As obras posthumas pela maior parte padecem o dezar de defectuozas, por não serem pela propria pena polidas; mas estes Sermoens, ainda, os que não foraõ totalmente acabados, em tudo estam perfeitos: nelles tem os leitores, & ouvintes, ainda que sejaõ pregadores, muito que aprender, & muito mais de que se aproveitar: & finalmente por serem estes Sermoens em tudo conformes com a nossa Santa Fè com a expozição dos Santos Padres, & taõ excitativos à practica, & reforma dos bons costumes, os julgo por acredores da licença, que se pede, & muito dignos da dourada estampa, que merecem. São- to Eloy em 29. de Julho de 1716.

Francisco da Apresentação de Sales.



O Padre Mestre Fr. Caetano de São Joseph, Qualificador do Santo Officio, veja a Segunda Parte dos Sermoões, de que faz menção esta petição, & informe com seu parecer. Lisboa 11. de Agosto de 1716.

Hasse. Monteiro. Ribeiro. Fr. Rodr. Lencastre. Guerreyro.



EMINENTISSIMO SENHOR.

O Autor deste livro foy taõ conhecido, & taõ geralmente admirado no nosso seculo pelo singular talento,

lento, que teve para o ministerio do pulpito, que para estes Sermoens correrem livres de toda a censura, & para se constituirem acredores despois de impresos da mesma estimação, que tiveraõ quando pregados, bastava dizerse, que os pregou o Muito Reverendo Padre Mestre Manoel dos Reys da Sagrada Companhia de JESUS.

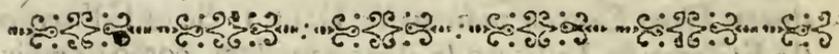
Neste illustriſſimo Instituto parece que Deos se empenhou, ou em reproduzir a arvore da Sciencia perdida no Paraizo, ou em anticipar a da vida (cujos frutos, & folhas haviaõ de ser o remedio do mundo) promettida no Apocalypse: Só com a differença de que os frutos da Sciencia no Paraizo eraõ taõ reservados, que a ninguem era permitido goſtallos; mas neste Sagrado Instituto se cõmunicaõ a todos, & sustentaõ o mundo: da arvore da vida por encarcimento da sua fecundidade, diz S. Joaõ, que dava fruto todos os mezes: *Per singulos menses reddens fructus suos.* Porem os que produz este fecundissimo Instituto, saõ de todos os dias; porque cada dia vemos sahir a luz os partos sempre admiraveis dos seus engenhos em tantos livros, que naõ ha Sciencia, Faculdade, nem Arte, que naõ se ache illustrada com doutiſſimos Cõmentarios dos Filhos da Companhia.

Maseu naõ reparo tanto na Copia, como na grandeza agigantada dos frutos, os quais, como os da terra da Promissaõ, saõ de taõ agigantada estatura, como os seus moradores: *Filios Enacim vidimus ibi.* Deut. 1. Se os Filhos deste Esclarecido Instituto se denominassem, como os mais, do seu Patriarca, haviaõ de chamar-se Ignacinos, ou Enacinos, que he o mesmo que gigantes: & quadravalhe bem o nome; porque todos saõ grandes, ou nas letras, ou nas virtudes. Hum Cornelio nas Escriitturas, hum Soares nas Theologias, hum Sanches nos Moraes, hum Bellarmino nas Controversias, hum Estrada na Historia, hum Cotzen nas Politicas, hum Peturio na Erudiçaõ, hum Clavio nas Mathematicas, hum Vieira no pulpito, que saõ, senaõ outros tantos gigantes de tamanha estatura, que em comparaçaõ

delles tudo o mais he menos? *Ibi vidimus monstra quedam filiorum Enacim de genere giganteo, quibus comparati, quasi locustæ videbamus.* Num. 13. 34.

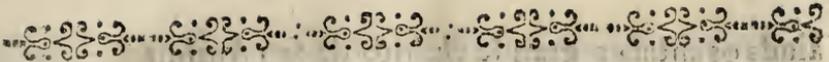
Esta geração em nada degenerou o Reverendo Padre Mestre Manoel dos Reys, que não somente foy hum grande Pregador, mas foy ou dos mayores, ou o mayor do seu tempo. Esta Corte, a Universidade de Coimbra, & a Curia Primacial de Braga, foraõ os theatros, onde foy admirada a sua eloquencia, a sua grande erudição, & o seu grande espirito; sendo a sua modestia igual ao seu raro engenho, & a sua doutrina animada com o seu exemplo. De tudo são testemunhas mayores de toda a exceção os seus escritos, que custumaõ ser os retratos mais naturaes dos grandes engenhos, & me parece que seria injustiça não se darem ao prelo, para que nelles viva eternizada a memoria de taõ celebre Orador Evangelico para credito da Nação Portugueza, para honra da sua Religião, & para exéplar, & modello dos que tem officio de pregadores. Nelles não ha couza, que desdiga da pureza da fe, ou dos bons costumes; pelo que se deve conceder a licença costumada, para se imprimirem. Corpus Christi. 8. de Março de 1717.

Fr. Caetano de S. Joseph.



V Ista as informações, pode se imprimir a Segunda Parte dos Sermoões do Padre Manoel dos Reys da Companhia de JESUS, & impressos tornarão para se conferir, & dar licença, que corraõ, & sem ella não correrão. Lisboa 12. de Março de 1717.

Hasse. Monteiro. Ribeiro. Rocha. Fr. Rodrigo Lencastre. Guerreiro.

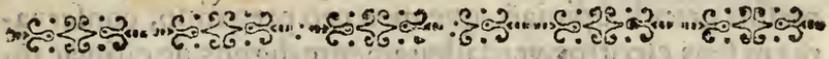


LICENÇA

Do Ordinario.

D Amos licença, para que se possaõ imprimir os Sermoẽs, de que esta petiçaõ trata; & depois de impressos tornarãõ, para se conferirem, & dar licença, que corram. Evora 5. de Fevereiro de 1720.

Alvares Cidade.



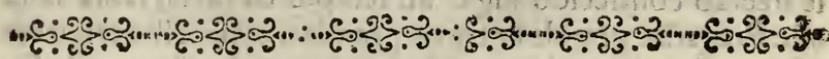
LICENÇA

Do Paço.

O Padre Pedro Alvares da Congregação do Oratorio veja o livro, de que esta petiçaõ faz mençaõ; & com seu parecer o remetta a esta Meza. Lisboa Occidental. 27. de Julho de 1717.

D. P. Andrada. Botelho. Pereira. Oliveyra.

Noronha. Guedes.



S E N H O R.

V Ia Segunda Parte dos Sermoens, que pregou o Padre Mestre Manoel dos Reys; & pareceme que ainda via, & ouvia o Author nestes Sermoẽs. Tam viva, & taõ efficaz foi a sua eloquencia, que athe faltandolhe a alma de sua voz; naõ parecem estes Sermoẽs cadaveres; porque
ainda

ainda os anima o grande espirito de seo Author.

Observou Tacito *l. 4. Annal.* de Quinto Aterio, que teve melhor fortuna orando, que escrevendo; porque as mesmas oraçoës, que ouvidas conseguiraõ louvores, lidas mereceraõ desprezos: *Q. Aterius eloquentia, quoad vixit, celebrata; monumenta ingenij ejus haud perinde retinentur.* Saõ descontos da opiniaõ, que a muitos dà a fortuna mais, que o merecimento, ou que se grangea pelos accidentes do Pregador, & naõ pela substancia dos Sermoës. Ao Padre Manoel dos Reys, havendo sido hum Pregador, de quem todos disseraõ maravilhas, só esta, de ter accidentes sem substancia, podemos dizer que faltou; porque teve, tudo: por isso a mesma grande opiniaõ, que mereceo pregando, conservara em seos escritos, verdadeiramente dignos de estimaçaõ, de applauzo, & da eternidade.

Para o que basta dizer, que a Sagrada Companhia de JESUS, em quem saõ tantos os grandes Letrados, & grandes Pregadores, quantos os filhos; como se formasse escrupulo de que obras taõ dignas de vida ficassem com seo Author sepultadas; lha quer perpetuar pella impressaõ. Muitos & muito altos saõ os merecimentos (dizia Elrey Athalarico *apud Cassiod. Epist. 8.*) de quem mereceo juizo favoravel de tantos homês, & taõ doutos: *Non unius dignitatis est vir estimandus, qui ab illa turba doctorum bonum potuit referre judicium.* Julgaraõ, como taõ sabios, que entre os muitos Pregadores de seo acreditadissimo Instituto, que se fizeraõ conhecido lugar no templo da fama, fazia falta este Pregador grande entre os grandes; & para lhe erigirem estatua, se naõ igual, parecida à desmarcada estatura de seo talento, lha quizeraõ assentar, como sobre proporcionada peanha, sobre os volumes de seos Sermoës; pois só imprimindose os que pregou, podia de algum modo crescer, & avultar mais o credito de seo Author, conseguindo aquelle excelso, que na opiniaõ de Trithemio *de laud. Script.* fazem os Escriitores aos Pregadores: *Majus est Scriptoris officii*

um officio predicantis. O mesmo descuido, que a modestia do Padre Manoel dos Reys teve de perpetuar o seu nome nos seus livros, mereceo todo este cuidado em perpetuo; & está requerendo a Vossa Magestade sempre attento ao amparo de filhos de pays benemeritos, que patrocine estes, que são filhos bem parecidos àquelle grande Pay, que os deyxou ao dezamparo: *Bene Principalis clementia suscipit, quos pietas paterna destituit,* disse Elrey Theodorico, *apud Cassiod. l. 4. Epist. 42.* E he o meu parecer. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa Occidental 12. de Agosto de 1717.

Pedro Alvares.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario; & depois de impresso torne à Meza, pera se conferir, & taxar, & tem isso não correrá. Lisboa Occidental 30. de Agosto de 1717.

*D. P. Andrada. Botelho. Pereira. Oliveira.
Noronha. Guedes. Costa.*

Isto estar conforme com o Original pode correr. Lisboa Occidental o primeiro de Março de 1720.

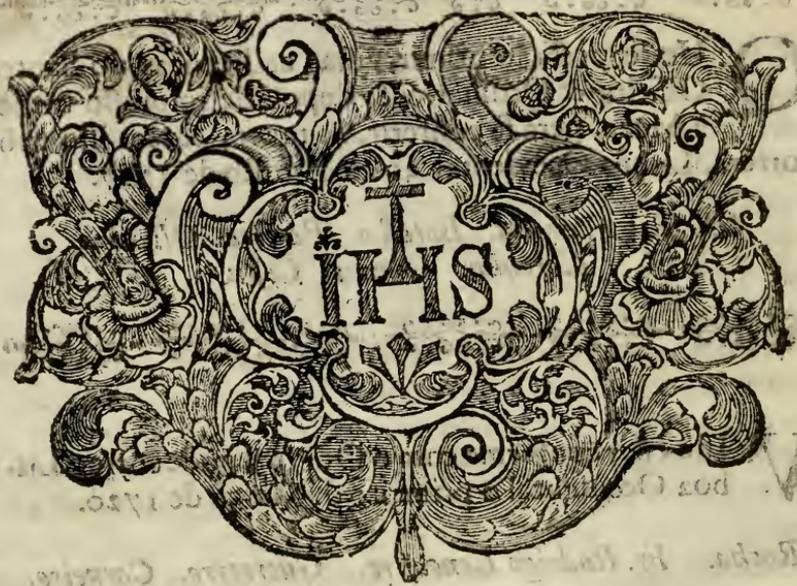
Rocha. Fr. Rodrigo Lencastre. Guerreyro. Carneiro.

Pode correr visto estar conforme com o Original. Evora. 18. de Março de 1720.

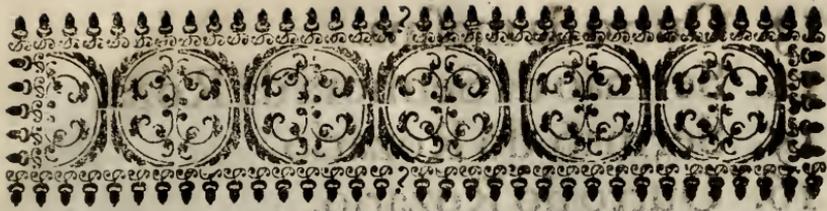
lvares Cidade.

Taxaõ este livro em oito fentos reis. Lisboa Occidental. 9. de Marco de 1720.

Andrada. Guedes. Oliveyra. Costa.



LISTA



LISTA DOS SERMOENS,

Que se contem neste tomo.

1. **S**ermaõ do Sacramento.
2. **S**outro do mesmo.
3. **S**outro do mesmo.
4. **S**outro do mesmo.
5. **S**outro do mesmo.
6. Sermaõ do Nascimento da Senhora.
7. Sermaõ da Encarnação.
8. Sermaõ da Visitação.
9. Sermaõ da Purificação.
10. Sermaõ da Senhora da Esperança.
11. Outro da mesma invocação.
12. Outro da mesma.

13. Outro da mesma.
14. Sermaõ da Senhora da Roza.
15. Sermaõ do Rozario.
16. Outro do Rozario.
17. Sermaõ da Assumpçam.
18. Sermaõ da Conceiçam.
19. Outro da Conceiçam.
20. Outro da Conceiçam.
21. Sermaõ de nossa Senhora a Branca.
22. Sermaõ da Senhora da Piedade.
23. Outro da mesma.
24. Outro da mesma.
25. Sermaõ de S. Joaõ Evangelista.
26. Sermaõ de S. Joaõ ante portam Latinam.
27. Sermaõ de S. Thomè.
28. Sermaõ de Santiago Maior.
29. Outro do mesmo.
30. Serm. da Conversam de S. Paulo.



SERMAM

D O

SACRAMENTO

Nas festas de Braga.

Inhabitet gloria in terra nostra. Ex.Pf.84.v.10.

§. I.

Temos a gloria na nossa terra (Divina, humana, & sempre amorosa Magestade) Temos a gloria na nossa terra. Assim o pedia a Deos o Profeta Rey, mas não logrou em seus dias, o que pedia: os suspiros foram seus; & os logros foram nossos: elle dezejou, nos possuimos:

assim havia de ser pera ser maior esta mesma gloria. E verdadeiramente, q̄ quando estes dias vejo a nossa terra com tantas demonstraço-ês de alegria, que aos genios mais melancolicos pode facudir tristezas, com tanto affeo de galas, que pode servir de escola à primavera; em que aprenda a matizar suas flores; com tanta rique-

zade joyas, que parece hum mappa abreviado de todo o Oriente; com tam numeroso concurso de povo; & de nobreza, que pode ser emulação da mais celebrada corte. E se das ruas, & praças me recolho a este magestoso templo, que flores pode ter toda a eloquencia humana pera descrever a elegancia de seu exquisito ornato, aonde sem declaração da victoria compete a riqueza com o artificio, & cõ a pompa a grandeza; aonde os olhos em caracteres de feda estam lendo a ambição gloriosa dos empenhados na festa; aonde a harmonia das vozes, & a consonancia dos instrumentos he elevação, & suspensão dos ouvidos; aonde o ambar, & o almiscar, & outras especies aromaticas se vaporam nas caçoulas fragancias tam suaves, que pello olfacto convidam, & attrahem o concurso; aonde em fim todas as circumstancias fazem tam fermosa esta Basilica, que se pode dizer della, o que la disse S. Joam, da que vira

decer do Ceo: *Tanquã sponsam ornatam viro suo.*

2 Quando, torno a dizer, vejo esta alegria, esta riqueza, este ornato, esta pompa, esta magestade, & esta fermosura, sou obrigado a exclamar: He isto terra, ou Ceo! he Braga, ou he a gloria! Tudo he; porque he terra transformada em Ceo; & he a gloria traslada da à Braga: *Inhabitetur gloria in terra nostra.*

3 Mas a quem deve a nossa terra a gloria? Quem converte esta Cidade em Ceo? Quem hade ser, Soberano Senhor, senão vossa real presença nesse Sacramento Divinissimo. Esta he a gloria, que David suspirava, & pedia com instancia, que beatificasse a sua terra: *Inhabitetur gloria in terra nostra. Per gloriam Dei,* diz hum douto Expositor da Companhia, *Per gloriã Dei in terra intelligit Eucharistiam.* Pella gloria de Deos na terra entende David o Santissimo Sacramento da Eucharistia. Ja vejo, que estais vendo aonde caminha o

meu

Benedictus
Fernã-
d. to. I.
c. 14.
sect. 8.

meu discurso, que he a provar, que na nossa terra temos a gloria; porque temos na nossa terra o Santissimo Sacramento. Antes se me dais licença, que sim dareis; pera provar, o que sinto, direi, que no Sacramento temos mais alguma couza do que na gloria; mas nem à gloria; nem ao Sacramento he licito chegar sem graça. Saudemos có o Anjo a May da graça.

AVE MARIA.

§. II.

Inhabitetur gloria in terra nostra

4 **E** Sta a nossa terra hum ma gloria; porque está na nossa terra o Sacramento Eucharistico. Pois o Sacramento da Eucharistia pode ser a gloria? antes parece, que nada se parece có a gloria o Sacramento. Na gloria entra a vista sem fê; no Sacramento entra a fê sem vista: na gloria entra a vista sem fê; porque na vi-

sta do Summo Bem consiste toda a gloria: *Visio est tota merces*: no Sacramento entra sem vista a fê; porque a fê exclue a evidencia: *Fides est argumentum non apparentium*: na gloria tirase a venda ao amor; no Sacramento correse hum veio aos olhos; na gloria tirase a venda ao amor; arde a vontade; porque a vista clara da Divina amabilidade a necessita a ser Feniz daquelle incendio: no Sacramento correse hum veio aos olhos; ama o amor; mas não ve a fê, o que ama: na gloria fica de fora a esperança; no Sacramento esta em sua flor a esperança: na gloria fica de fora a esperança; porque a posse daquelle Bem incómutavel he hum a sua yssima morte de toda a ansia: no Sacramento está em sua flor a esperança; porque a gloria he o fructo do Sacramento: *Qui manducatur hunc panem, vivet in aeternum*. Pois se as differenças entre a gloria, & o Sacramento são tam notaveis, como manifestas; como pode ser, que tenhamos na nossa

Heb.
II. I.

terra a gloria; porque temos nella o Sacramento? *Inhabitabit gloria in terra nostra. Per gloriam Dei in terra intelligit Eucharistiã.* Esta he a difficuldade, a que David nos empenha. Mas que bem nos desempenha o mesmo Senhor, que no Ceo dâ a gloria, & na terra o Sacramento.

5 Pera Christo explicar a felicidade eterna, que la na gloria lograõ os eternamente ditos na vista do Sũmo Bem disse, que lhes havia de por a meza: *Ego dispono vobis regnum, ut edatis, & bibatis super mensam meam in regno meo.* E no Sacramento que faz? naõ nos poem tambem a meza, em que nos dá o delicioso prato de seu corpo, & de seu sangue; & com elle sua Divindade? assim o confessamos com a fê. Agora notai, que nem na meza da gloria hade fazer mais, do que fez na meza do Sacramento, nem na meza do Sacramento fez menos, do que hade fazer na meza da gloria. Que hade fazer o mesmo Senhor na

meza da gloria? Ouçamolo no cap. 12. de S. Lucas. *Amen dico vobis, quod præcinget se, & faciet illos discumbere; & transiens ministrabit illis.* Luc. 12. Digo vos na verdade, que la na meza da gloria o mesmo Senhor da gloria se hade cingir, & apertar, & hade fazer sentar a meza aos seus predestinados; & passando os servirã. Hade de cingir, & apertar, diz o Eminentissimo Cardeal Toledo, pera mostrar a honra sobre todo o encarecimento grande daquella meza, em que o mesmo Senhor da meza hade servir os pratos, ou servir de prato aos convidados. Hade assentalos a meza pera lhes ensinar a eternidade sem fim daquella sua felicidade. Hade servirlos passando, *Transiens ministrabit*; pera lhes declarar, que as delicias daquella meza serã varias, naõ porque nellas hade haver mudança; mas porque se ham de variar pella desigualdade dos merecimentos de cada hum dos convidados. Isto he o que diz Christo hade fazer la na meza da gloria

gloria. E que he o que fez na meza do Sacramento. Le-de o cap. 13. de S. Joam, & vereis, que ou S. Lucas trasladou a S. Joam pera escrever, o que hade passar na meza da gloria; ou S. Joam trasladou a S. Lucas pera referir o que passou na meza do Sacramento.

6 Quando o amantissimo Senhor quiz instituir o Divinissimo Sacramêto; diz S. Joam, que foi na hora, em que estava pera passar deste mundo (ide notando, & conferindo as palavras) *Venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo.* Diz mais, que se cingira, & apertara: *Linteo præcinxit se.* Parou aqui? Não: assentou consigo a meza aos Discipulos: *Hoc nemo scivit discumbentium.* & alli os servio com o regaladissimo prato de feu corpo, & de feu sangue. Ha maior identidade de circumstancias em huma, & outra meza; na meza da gloria, & na meza do Sacramento! Ha maior identidade de palavras em hum, & outro. Escriptor Sagrado, em S. Lucas, & em S. Joam!

Na meza da gloria cingido o Senhor: *Præcinget se;* na meza do Sacramento tambem cingido: *Præcinxit se.* Na meza da gloria sentados os convidados: *Faciet illis discumbere;* na meza do Sacramento os hospedes tambem sentados: *Nemo scivit discumbentium.* Na meza da gloria servindo como ministro o mesmo Senhor da gloria: *Ministrabit illis;* na meza do Sacramento ministrado como servo o mesmo Senhor da meza: *Ego in medio vestrum sum, sicut qui ministrat:* Na meza da gloria servindo como quem passa: *Transiens ministrabit:* Na meza do Sacramento servindo, quando passava: *Venit hora ejus, ut transeat.* Descreve S. Joam a meza do Sacramento, pinta S. Lucas a meza da gloria; mas nem o pincel deste Divino Apelles exprime mais na gloria, do que a pena daquella Sagrada Aguia descreve no Sacramento, ambos pellas mesmas palavras; & ambos pella mesma frase: & qual tomaria do outro? S. Lucas, de S.

Joam; ou S. Joam de S. Lucas? S. Joam escreveu o seu Evangelho ao menos cincoenta annos depois, que S. Lucas escreveu o seu: logo foi S. Joam, o que tomou de S. Lucas. Pois S. Joam não era aquella famosa Aguia de Ezequiel, que voava sobre todos os quatro Querubins enigmaticos; *Facies aquilæ desuper ipsorum quatuor*; pois como agora segue os passos do novilho, que representava a S. Lucas? Não tinha o Evangelista outras palavras pera explicar, o q̄ Christo fez na meza do Sacramento, senão as mesmas, com que S. Lucas explicou, o que hade fazer na meza da gloria? Parece que não; porque como o objeto signficado era o mesmo; as palavras significadoras haviam de ser as mesmas: como Christo não fez menos no Sacramento, do que hade fazer na gloria; nem na gloria ha de fazer mais, do que fez no Sacramento; por isso nem S. Lucas fallando da gloria disse mais; nem S. Joam fallando do Sacramento disse

menos.

7 Mas ouçamos ao mesmo Christo, que em hum só palavra explicou, esta gloriosa identidade do Sacramento com a gloria. Falla Christo com seu Eterno Pay naquelle sermão amorosissimo, que sobre meza fez a seus Discipulos na ultima noite de sua vida mortal, & diz assim: *Ego claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis.* Joan. 17. 22. Pay, & Senhor meu, eu dei aos homens a claridade, que vos me destes amim. Duvidam os Expositores Sagrados, que claridade he esta, que Christo diz recebera de seu Eterno Pay, & comunicara aos homês? Santo Agostinho, o Veneravel Beda, o Abbade Ruperto citados pello Doutissimo Maldonado dizem, que esta claridade, que Christo diz dera aos homês, he a gloria, que lhes havia de dar: *Augustinus, Beda, & Rupertus intelligunt claritatem, quam in vita æterna erant habituri.* Mas como pode constar esta explicação com o rigor do texto? A explicação diz, que fallaa-

fallava o Senhor da gloria, que havia de dar de futuro: *Quam in vita aeterna erant habituri*; & Christo não diz, que lha havia de dar; fenaõ que ja lha tinha dado: *Claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis*? Se lha havia de dar, ainda lha não tinha dado; & se ja lha tinha dado, como tinha ainda pera lha dar? Ora tudo he; tinhalhes ja dado a gloria, que lhes havia de dar, & havialhes de dar a gloria, que ja lhes tinha dado. E como? S. Cyrillo, Santo Hilario, Leoncio, & outros authores julgam, que esta claridade, ou gloria he o Divinissimo Sacramento, que Christo tinha ja instituido, & dado a seus Discipulos. Ah si! Pois vedesahi, como lhes tinha ja dado a gloria, que lhes havia de dar; porque quando lhes deu o Sacramento, lhes deu a gloria: o mesmo foi darlhe o Sacramento, que darlhe a gloria; *Claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis*. Entam se cõprio a primeira vez o desejo de David: *Inhabitet gloria in terra nostra*; porque foi o

mesmo verse na terra o Sacramento, que verse a gloria na terra.

8 Quando Christo espirou na Cruz, dizem os Evangelistas, que o veõ do templo se rasgara de alto abaxo: *Velum templi scissum est à summo usque adorsum*. Este veõ cubria, & encubria aquella parte mais intima, & mais sagrada do templo, que chamavaõ o *Sancta Sanctorum*. E o *Sancta Sanctorum* que figurava? O Doutissimo Padre Ribera com o Veneravel Beda, & outros muitos Doutores dizem, que o *Sancta Sanctorum* era figura da gloria. Pois o veõ, que escondia a gloria rasgado? & a gloria do Ceo patente na terra? Sim, diz Euthimio, isto significa o rompimento do veõ: *Scissum velum significat divisum jam esse medium parietem inter caelum, & terram*. Aquelle veõ fazia a divisam, & a distincão entre o Ceo, & a terra; pois rasgasse o veõ, pera que se saiba, que ja a terra he Ceo, & que ja na terra temos patente a gloria. Mas quem fez esta

maravilha? quem fez da terra Ceo? quem trouxe a gloria à terra? Sabeis quem, diz S. Joam Chrysostomo, o mysterio do Sacramento: *Dum in hac terra sumus, ut terra nobis celum sit, facit hoc mysterium.* Em quanto vivemos na terra, quem faz, que tenhamos o Ceo na terra, he este Divino mysterio. Nam tem ja a terra, que envejar ao Ceo; porque ja o Sacramento fez da terra Ceo, do desterro patria, & do templo gloria, como dezejava David: *Inhabitet gloria in terra nostra.*

§. III.

9 Não he esta a maior difficuldade; a maior difficuldade parece o que amim me parecia, que ha no Sacramento algum segredo, que eu não sei (depois veremos se o podemos descubrir) com que parece leva ventagões a gloria. Eu não sei, q̄ os Santos acham no Sacramento, que ainda a vista da gloria, suspirão pello Sacramento. Venhaõ os homês,

& venhaõ os Anjos a nos desempenhar, ou a provar esta gloria do Sacramento.

10 Perseguido da enveja de seu irmão Esau (que este monstro nem a seu sangue perdoa) peregrinava Jacob de Chanaan a Mesopotamia; chegou a huma campina, quando ja a noite despregava sobre o mundo o manto de suas sombras; & como hia fatigado não menos dos cuidados, que do caminho, descansou a cabeça sobre huma pedra fria, & o corpo sobre a dura terra. Vedé que olandas estas pera convidar o sono. Adormeceu comtudo o cansado peregrino; quando alta noite se lhe rasga o Ceo de par em par; ve lançada do Ceo a terra huma escada de mais mysterios, que degraos; vê a Deos encostado no mais alto della; vê Anjos huns a subir de Jacob a Deos, outros a decer de Deos a Jacob. E não so ve, mas ouve ao mesmo Deos, que como se quizesse fazer ostentaçãõ de sua liberalidade, parece que não acabava de numerar os benefi-

benefícios, que lhe prometia fazer. Prometteolhe, que o faria Senhor da terra, em que dormia; que a sua descendencia se multiplicaria em tanto numero, que igualaria o pó da terra; que a extensaõ de seu dominio se dilataria de norte a sul, & de levante a poente; & sobre tudo, que seria seu descendente o Messias, em quem, ou por quem haviaõ de ser abençoadas todas as nações do mundo: que ultimamente seria seu Anjo da guarda, que em toda a parte lhe assistiria até o restituir a mesma terra, de que o desterrava o odio de seu irmaõ. Ao estrondo de tantos benefícios acõrdou o peregrino; & pera protestar seu agradecimento fez a Deos este voto:

Gen. 28. 20. *Si dederit mihi panem ad vescendum, erit mihi Dominus in Deum:* Se me der pamperra comer, de meu Senhor, que he, o adorarei por meu Deos.

II Jacob, Jacob acordai, que parece, que ainda estais dormindo: Vos não vedes o Ceo aberto? não e-

stais vendo a Deos, que esta fallando com vosco? não vedes os Anjos, que estam subindo, & decendo por essa escada; & que he isto, senaõ huma vista da gloria? Vos mesmo o dizeis: *Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta Cali.* Pois com a vista da gloria, ou com a gloria a vista, ainda tem lugar em vosso coração o dezejo do pam: *Si dederit mihi panem?* a gloria não he huma plenissima satisfação de todo outro dezejo: *Satiabor, cum apparuerit gloria tua?* Que pam he logo este, que no logro da mesma gloria faz saudade a Jacob? He, diz S. Paschasio, o pam Sacramentado: *Hunc itaque cibum Jacob Patriarcha esuriebat, dicens: Si dederit mihi panem ad vescendũ.* De modo, que nem companhia dos Anjos, nem a gloria do Ceo patente, nem a vista do mesmo Deos pode adormecer em Jacob a fome daquelle Divino pam, por isso entre todas estas demonstrações da gloria mostrava elle o seu dezejo, ou a sua ansia, com que suspirava por este

este Divino pam: *Si dederit mihi panem ad vescendum, erit mihi Dominus in Deum.*

12 Mas não passemos sem reparar nesta ultima clausula: *Erit mihi Dominus in Deum.* De meu Senhor o terei por meu Deos. Parece, que havia de trocar os termos Jacob; & não dizer, de meu Senhor, que he, o terei por meu Deos; senão de meu Deos, que he, o terei por meu Senhor; & a rezaõ he; porque como ensinaõ os Theologos o titulo de Deos convem a Deos desde a eternidade; & o titulo de Senhor compete a Deos em tempo: se Deos não produzira creatura nenhuma, fora Deos; mas não fora Senhor; fora Deos; porque o nome Deos significa a natureza, & effencia Divina, que he necessaria sem respeito; & absoluta sem dependencia: não fora Senhor; porque o nome Senhor diz respeito à servos; como o nome de pay diz respeito à filho, & o de mestre a discipulo; & assim como não ha mestre sem discipulo; nem pay sem filho;

assim não pode haver Senhor sem servo: logo se Deos não produzira nenhuma creatura, não seria Senhor, ainda que sempre seria Deos. Parece logo, que não diz bem Jacob, em dizer; que teria por Deos ao Senhor; senão que teria a Deos por Senhor: não: *Erit mihi Dominus in Deum*; mas: *erit mihi Deus in Dominum?* Ora deixaio, que disse o que havia de dizer: tornemos a ler: *Si dederit mihi panem ad vescendum, erit mihi Dominus in Deum.* Se me der pam. Este pam não diz S: Paschafio, que he o Divinissimo Sacramento? Sim. Pois Divinamente diz Jacob; porq̃ neste beneficio, & mysterio do Sacramêto não se mostra Senhor, mostra se Deos: nos outros beneficios, & mysterios, diz Jacob, adorarei a Deos por meu Senhor; mas neste beneficio; & mysterio adorarei ao Senhor por meu Deos. O quanto disse Jacob no que disse! So o poderá entender, quem conhecer a differença, q̃ ha de Senhor a Deos; & de Deos a Senhor:

O no-

O nome de Senhor diz poder pera fazer bem: o nome de Deos diz fazer o bem, q̄ pode: effa he a natureza de Deos: *Ipsa Dei natura est dare*, disse o Plataõ dos Hebreos. O nome de Senhor diz grandeza; o nome de Deos diz Bondade. Os antigos ainda tem luz da fê deraõ a Deos os elogios de Optimo, & Maximo: *Deus Opt. Max.* Maximo como Senhor; Optimo como Deos: Maximo pello poder; *Propter vim*, diz Marco Tullio: Optimo pella beneficencia: *Propter beneficia*. Mas notai, o que notou o mesmo Cicero, & depois d'elle, Plinio Segundo, que primeiro lhe deraõ o nome de Optimo, que o de Maximo, que havendo de haver preferencia de hum dos nomes, antes quer o de Deos, que o de Senhor; antes o de Optimo, q̄ o de Maximo: *Parentumque Optimi prius, ac inde Maximi nomine colitur*, diz o Panegyrista de Trajano. O nome de Senhor diz respeito, & temor; assim o significou o mesmo Se-

nhor a seu povo pello Profeta Malaquias: *Si ego sum Malac: Dominus, ubi est timor meus.* 1. 6.
Se sou Senhor, aonde estã o meu temor? porque me não temeis: O nome de Deos, diz benevolencia, & amor. Quando Christo na Cruz se queixou do desemparo, com que padecia, formou a queixa com estas palavras: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Deos meu, Deos meu; porque me desamparaste? A Pessoa a quem Christo se queixava era Pay, & era Deos, & em semelhante occasiaõ mais parece que conduzia pera a queixa o nome de pay, que o nome de Deos; pois porque não chama a Deos Pay; & porque chama ao pay Deos? porque não diz Pay meu, Pay meu: senão Deos meu, Deos meu? Por isso mesmo, que a occasiaõ era de tanta ternura, como afflicãõ, não acodio com as queixas a Deos como a Pay; mas ao Pay como a Deos; porque ainda o nome de Deos he mais brando, he mais benigno, he mais suave, & de maior amor,

amor, que o de Pay.

13 É se o nome de Deos he mais amoroso, que o de Pay, quanto mais amoroso será, que o de Senhor? Por isso Jacob disse divinamente, que trocaria os nomes, se lhe desse o pam Eucharistico; & que de Senhor, que era seu, o reconheceria por seu Deos; que nos outros benefícios de sua liberalidade, ainda que he Deos, tambem he Senhor; porque dezeja nelles ser temido; mas no Sacramento Divinissimo parece que so he Deos; porque so dezeja ser amado: *Si dederit mihi panem, erit mihi Dominus in Deum.* Não he logo muito, que à vista da mesma gloria suspire Jacob por este pam: *Si dederit mihi panem.* Dos homês passamos aos Anjos.

§. IV.

14 Pois tambem aos Anjos, como aos homês, lhes faz laudade na vista de Deos a vista deste pam do Ceo? Que os homês suspirem por elle, mais facilmente se en-

tende; porque em fim he sustentado seu; mas dos Anjos, que sam puramente espiritos, como se podê entender? Ora ouvi hum singular pensamento ao Bispo Theodoro. Comenta o douto Padre o verso 25. do Plalmo 77. em q̄ o Profeta diz, que comêra o homê o pam dos Anjos: *Panem Angelorum manducavit homo;* & entendendo com a corrente dos Padres, & Expositores por este pam dos Anjos o Sacramento do altar, diz assim: comeo o homem o pam dos Anjos; *Hic enim victus vita est Angelicæ substantiæ.* Porque este pam he a vida da natureza Angélica. Notavel dizer. Pois os Anjos não se sustentão da vista clara de Deos? Não he a gloria a meza, de que se alimentaõ: assim o disse a Tobias o Anjo S. Rafael: *Ego cibo invisibili,* ^{Tob.} *& potu, qui ab hominibus vi-* ^{12. 19.} *deri non potest, utor.* Logo como se alimentaõ com este pam? Da a rezam o grande Padre: *Nam in eum desiderat Angeli prospicere.* Sustentão-se os Anjos deste maná suavissimo;

villimo; nam porque o comão, como o comem os homens; mas porque o dezejaõ ver: E porque o Lucifer naõ se alimentou com este pam do Ceo; por isso cahio do Ceo; por isso anda pallido, descorado, & macilento: *Et quia contempfit facere Angelus, cecidit; & hujus panis sempiternam patiens in ediam semper est pallidus.* De modo que os Anjos bons naquella famosa batalha, que tiveraõ com os maos, pelejaraõ, vencerãõ, & triumpharaõ; porq̃ se esforçaraõ com este Divino pam; & os maos foram vencidos, & cahiraõ; porq̃ naõ trataram de se alentar com este pam ceestial: *Quia contempfit facere Angelus, cecidit.* Este he o pensamento de Theodoreto.

15 Mas se os Anjos estam sempre vendo a face de Deos: *Semper vident faciem Patris;* como dezejaõ ver, & divertem os olhos ao Sacramento: *In eum desiderant Angeli prospicere?* He possivel, que na gloria anhelem os Espiritos bemaventurados outra gloria? Sim que

naõ sei que mais acham no Sacramento, que entre as delicias da mesma gloria naõ tiraõ os olhos deste pam Sacramentado: *In eum desiderant Angeli prospicere.*

16 Vede tudo em huma expressa figura. Aquelle lugar mais sagrado, & mais intimo do templo de Salamaõ, que se dizia *Sancta Sanctorum*, ja dissemos, que representava a gloria. E que estava neste Sacrario do templo? Estava a Arca do Testamento, & sobre a Arca o Propiciatorio; que era huma lamina de ouro de dous covados & meio de comprido, & covado & meio de largo: de hum, & outro lado da arca estavam dous Querubins cõ os rostos, & olhos virados pera a Arca, *Versis vultibus in Propitiatorium.* Assim os Exod. 25. 20. mandou Deos fazer a Moyses; & assim os mandou depois fazer Salamaõ. Mas na gloria a Arca do Testamento? Sim, & naõ pello que era; mas pello que representava; E que representava a Arca do Testamento? representava, diz S. Gregorio Papa, a Christo

1. Pet.

1. 12.

Christo no Ceo: *Arca intra velum est Christus in Caelo.* Mas Christo em que mysterio? Vede o que estava dentro na arca. Estava o Manà, a figura mais natural do Sacramento. Donde se confirma aquella piedosa opiniaõ dos contemplativos, que dizem, que no Ceo se hade conservar eternamente o Sacramento em huma hostia consagrada; como no *Sancta Sanctorum* se conservava o Manà. Reparai agora na postura dos Querubins: *Versis vultibus in Propitiatorium.* Pois na gloria os Querubins com os olhos no Sacramento? Na gloria não está Christo visível, & glorioso? não está como Sol no zenit do meyo dia explicando todo o circulo de seus immensos resplandores? Pois que fazem os Querubins, que não empregam, & se fazem todos olhos pera verem a Christo cercado de luzes, & rayos; senão que toda a sua ansia he contemplalo no Sacramento, aonde esta escondido? *Versis vultibus in propitiatorium?* He o que dize-

mos, que não sei, que mais acham no Sacramento, que lhe leva na mesma gloria as attenções todas: & não sei se tambem todos os respeitos. No cap. 4. de suas revelações diz o Evangelista S. Joam, que levantando os olhos ao Ceo, vira nelle aberta huma porta, pera mostrar que, o que via, não succedia na terra: ouvio logo huma voz, que o mandava subir pera ver de mais perto a maravilha, de que havia de dar fê: *Ascende huc.* Obedeceo o Evangelista, & que vio? Vio hum trono magestosissimo, & a Personagem, q̄ o occupava, era semelhãte a duas pedras preciosas, que eraõ Jaspe; & Sardio, & que pera maior ornato, & pompa do mesmo trono lhe servia de arco triumphal a Iris com a alegre variedade de suas cores. Advirtio nos Grandes, que faziam corte ao Principe supremo, & diz que eram 24. veneraveis anfiões sentados todos, & todos coroados. Acrecenta, q̄ do trono procediam trovo-

ês, vozes, & rayos: & que diante do mesmo trono estava ardendo sete tochas, ou lampadas, que sam os sete espiritos de Deos. Vio mais, na figura enigmatica de quatro animaes quatro Querubins, que alternadamente entoavaõ aquelle Divino trisagio, *Sanctus, Sanctus, Sanctus*. O que agora acrescenta S. Joam he o que me faz admirar; porque diz q̄ tanto que os vinte quatro anfiaõs ouviaõ aos Querubins cantar esta letra ao Senhor, que estava no trono, se desmontavaõ de suas cadeiras, & prostrados por terra, ou por Ceo, adoravaõ a o mesmo Senhor, & tirando as coroas das cabeças, as arrojavaõ ao pêdo trono. *Et cum darent illa animalia gloriam viventi in secula seculorum, procidebant 24 seniores ante sedentem in throno, & adorabant, & mittebant coronas suas ante thronum*. Vahame Deos, que appareceo aqui de novo? Estes cortesaõs da gloria naõ tinhaõ visto a pomposa magestade, ou a magestosa pompa da-

quelle trono? Sim tinhaõ. E deixavaõ se estar sentados. Naõ estavaõ vendo a gloria do Senhor, que occupava o mesmo trono? Sim estavaõ; & ainda naõ faziam alguma demonstraçaõ de respeito. Naõ ouviaõ o estrondo das vozes, & dos trovoês; naõ viaõ o fuzilar dos rayos, o scintillar das luzes, o tremolar dos resplandores, que sahiaõ do trono, & o faziaõ horrorosamente veneravel? Sim viam; & com tudo estavaõ immoveis. Naõ viaõ aos sete espiritos, que como sete tochas animadas ardiaõ inclinando toda sua luz ao trono? Assim era; & atequi sem fazerem a menor inclinaçaõ. Oüvem aos Querubins cantar aquella sua cansaõ, *Santo, Santo, Santo*; & entaõ se levantam; entam se inclinam, entaõ se prostraõ, entaõ adoram, entaõ tiram as coroas da cabeça, & as tributam aos pês do trono: *Procidebant, adorabant, mittebant coronas suas ante thronum*. Que rezam houve pera tam nova, & subita demonstraçaõ de respeito? O

Doutíssimo Padre Alcazar, subtilíssimo Commentador do Apocalypse, diz que estes cortejaõs do Ceo nesta sua adoraçaõ representavaõ no Ceo a honra, o culto, & a gloria, que na terra dam a Deos no Saerificio da Missa os Sacerdotes Catholicos: *Seniores procidebant divinũ cultum representantes, quem Christiani Sacerdotes in Missarum celebritate Deo deferunt.* Agora notai. Aquella magestade, que residia no trono, era Christo Deos, & homé (diz S. Ambrosio) por isso semelhante ao Jafpe, & ao Sardio: ao Sardio em quanto homé, & ao Jafpe em quanto Deos: mas có esta diversidade, que em quanto os Querubins naõ cantaraõ, representava-se no trono, mas fora do Sacramento; & depois que cantaram os Querubins, representava-se Sacrametado como no Saerificio da Missa. A mesma letra dos Querubins, como se corridas as cortinas de suas azas expuzessem o Santissimo, o estava significando. Aquella re-

piticaõ mysteriosa de *Santo, Santo, Santo*, significa Santissimo; os Hebreos na sua lingua, como ja tereis ouvido, naõ uzaõ de superlativos; & pera suprir esta falta, repetem tres vezes o positivo; & como pera dizerem: fulano he illustrissimo, dizem, he tres vezes illustre: assim pera dizerem, he Santissimo, dizem, he tres vezes Santo. E aonde se chama Christo por antonomasia Santissimo? Naõ he no Sacramento do altar? Assim he. Tornemos agora a por os olhos com S. Joam naquella Templo da gloria, & veremos, que aquelles mesmos cortejaõs, que em quanto viram a Christo fóra do Sacramento, ainda que em trono de Magestade, lenaõ tinhaõ abalado, tanto que o viraõ Sacramentado, & com o elogio de Santissimo fizeram todos aquelles excessos de obsequio, de veneraçãõ, de respeito: *Procidebant, adorabant, mittebant coronas suas ante thronum.* Como se seu amor fizesse distincãõ entre Christo, & Christo, entre

entre Chriſto fora do Sacramento, & entre Chriſto Sacramentado. A Chriſto no trono de ſua gloria não rendem tantas adorações; a Chriſto no Sacramento todas as adorações lhes parecem poucas; todós os obſequios limitados; & todas as venerações pequenas. Affim leva o Sacramento aos corteſãos da gloria não ſo as atenções das viſtas; mas tambem as do respeito; como ſe no Sacramento achaffem mais alguma couza digna de maior amor, & de mais culto, que na meſma gloria.

§. V. Obſervem a

18 Mas que couza pode ſer eſta, que no Sacramento descobrem os homés, & os Anjos, que na meſma gloria lhes arrebatam as atenções; & parece rouba os affectos? O ſe os meſmos Anjos nos explicaffem eſte ſegredo! mas em quanto elles o não explicação, direi; o que me parece. Digo que a rezam pode ſer; porque a gloria faz os homés ſemelhan-

tes a Deos; & o Sacramento faz aos homés Deos. A gloria faz huma ſemelhança entre o homé; & Deos; o Sacramento faz huma identidade entre Deos, & o homé: pella gloria fica o homé ſemelhante a Deos; pello Sacramento fica a meſma couza com Deos. Provemos a ſemelhança na gloria; logo provaremos a identidade no Sacramento. S. Joam no cap. 3. da ſua primeira carta: diz affim: *Nunc filii Dei sumus; & nondum apparuit, quid erimus.* Agora neſta vida mortal ſomos filhos de Deos por graça; & o que havemos de ſer, ainda ſe não manifesta: *Scimus, quoniam cum apparuerit, ſimiles ei erimus, quoniam videbimus eum, ſicuti eſt.* Mas temos por certo, que quando ſe manifeſtar, feremos ſemelhantes a Deos; porque o havemos de ver como em ſi he. De modo que la na gloria correrá Deos a cortina ao ſol de ſua Divindade; & enveſtidos, ou reveſtidos de ſeus rayos os béaventurados verão em ſi por ſemelhança, o que vem

em Deos na realidade: Cõ-
param os Santos a essen-
cia Divina claramente vista
a hum espelho crystallino;
mas tem este cristal purissi-
mo huma notavel differen-
ça aos vossos espelhos: che-
gaes a vos compor a hum es-
pelho; exprime o cristal em
si a vossa imagem; mas não
imprime em vos a sua seme-
lhança; vos vedes vos no es-
pelho; mas o espelho não o
vedes em vos. No cristal da
Divindade não he assim. Vê
o Bemaventurado a este pu-
rissimo Cristal; mas não dá
ao espelho a sua semelhan-
ça; antes ree-be em si a se-
melhança do espelho: não fi-
ca Deos semelhante ao bem-
aventurado, o bem-ventu-
rado sim; fica semelhante a
Deos: *Similis ei erimus, quon-
iã videbimus eum, sicuti est.*
19. Daqui parece, que
podemos dar hũa nova ex-
plicação a hum lugar do Ge-
nesis. Quis Deos formar ao
primeiro homẽ, & disse: *Fa-
ciamus hominem ad imagi-
nem, & similitudinem nostrã.*
Formemos o homẽ a nossa
imagem, & semelhança. Este

era o conselho de Deos; mas
quando foi à execução, im-
primio no homẽ a imagem,
mas não exprimio a seme-
lhança; assim o diz o Sagra-
do Texto: *Creavit Deus ho-
minem ad imaginem suam, ad
imaginem Dei creavit illum.*
Creou Deos o homẽ a sua
imagem, creou-o a imagem
de Deos. Duas vezes diz q̃
o creara à sua imagem; &
nenhuã que o creara à sua
semelhãça. Pois sea primei-
ra resolução foi fazer o ho-
mẽ não so imagem, mas se-
melhança: *Faciamus hominẽ
ad imaginem, & similitudi-
nem nostram;* como se fez so
a metade do que estava reso-
luto; como sahio Adam so
imagem; & não semelhança?
A rezam he; porque o ser i-
magem de Deos pertencia a
esta vida; o ser semelhança
de Deos a outra. O ser Adaõ
imagem de Deos era benefi-
cio, que Deos como author
da natureza fez a Adam: o
ser Adam semelhança de De-
os, era beneficiõ, que Deos
havia de fazer a Adam; co-
mo author da gloria. E co-
mo Adam sahia das mãõs de
Deos

Deos pera ficar nesta vida; deulhe Deos a imagem; que pertencia a esta vida; não lhe deu a semelhança, que pertencia à outra. A perfeição de ser semelhante a Deos he favor, que so na gloria se cõcede: *Similes ei erimus; quoniam videbimus eum sicuti est.* De sorte que a gloria faz o homẽ semelhante a Deos; mas o Sacramento faz ao homẽ Deos: a gloria beatifica; mas o Sacramento Deifica. Não he a fraze minha, he de S. Joam Damasceno; o qual com S. Joam Chrystostomo reconhecendo naquella brazza, cõm que o Serafim purificou a boca a Isaias, o Divinissimo Sacramento, diz assim: *Divinum carbonem sumamus; & participatione Divini ignis Deificemur*: metamos no coração a esta Divina brazza; & com esta participação seremos Deificados, isto he, feitos huma Deos. Assim explica o Grande Abba de Rupto aquellas palavras de Christo: *In me manet; & ego in illo*: fica em mi; & eu

nelle: *Hic perspicue Divinitatem suam pollicetur cenam suam manducantibus: quid enim hoc dicto nobis pollicitus est, nisi ac si aperte dixisset. Dij estis, & filij exo-hi omnes.* O gloria do Sacramento, maior que a mesma gloria: a gloria beatifica; o Sacramento Deifica: a gloria beatifica; porque faz o homẽ semelhante a Deos: o Sacramento Deifica; porque faz ao homẽ Deos.

21. Agora pergunto; & qual ho mais, a semelhança de Deos, ou a identidade cõ Deos? Ser semelhante; ou ser o mesmo? Claro esta, que mais he a identidade, que a semelhança; mais he ser o mesmo, que ser semelhante. A semelhança suppoem distincção entre os termos semelhantes; a identidade tira as differenças entre os extremos identificados: a semelhança suppoem distincção entre os termos semelhantes; porque de si pera si não pode haver semelhança: humana pode ser semelhante a outra rosa; mas semelhante a si mesma não pode ser.

à identidade tira as diferenças entre os extremos identificados; porque de si pera si mesmo não pode haver distincção; aonde os extremos são a mesma couza; não pode haver diferenças. Mais he logo a identidade, que a semelhança: mais faz logo o Sacramento que a gloria: a gloria faz a semelhança; mas deixa os termos distintos: Deus fica Deus; & o homẽ fica homẽ. O Sacramento tira as diferenças, & ficam os extremos a mesma couza: o homẽ fica Deus; & Deus fica homẽ. *In me manet, & ego in illo.*

Profundamente discute Tertulliano, que por meio do Sacramento configuamos a mesma individuidade com Christo. Comenta o Grãde Africano aquella petição do Padre nosso: *Panẽ nostrum quotidianum da nobis*, & diz com profundo juizo. *Itaque petendo panem quotidianum, perpetuitatem postulamus in Christo, & individuitatem in corpore ejus.* Peilo que pedindo este pãe quotidiano, isto he, o Divi-

nissimo Sacramento, pedimos huma perpetuidade em Christo; & huma individuidade em seu corpo. Individuidade, que quer dizer? Eu o direi, te me dam licença os Filozofos. Assim como as naturezas especificas tem suas diferenças, que chamão especificas, com que huma natureza não he outra: assim os individuos da mesma especie tem suas diferenças, a que chamão individuan-tes, com que hum individuo não he outro. Ponhamos hum exemplo desta filosofia; pera que tambem os que não são filozofos, nos entendam. O homẽ, & o leam são duas naturezas especificas debaixo do genero de animal. E quem faz, que nem o homẽ seja leam; nem o leam homẽ? Todos dizeis, que o homẽ não he leam; porque o homẽ he racional, & o leam não he homẽ; porque he irracional; pois effe racional he a especificação, ou a diferença, que faz, que o homẽ não seja leam; & o irracional faz, que o leam não seja homẽ. O mesmo passa

passa nos individuos: Pedro, & Paulo taõ dous individuos debaxo da mesma natureza humana; mas ainda que Pedro he homê, & Paulo tambem he homê, cõ tudo nem Pedro he Paulo, nem Paulo he Pedro. E que faz que Pedro não seja Paulo? Quem? huma differença, que se chama individuidade. Daqui se segue, que se Pedro tivesse a mesma individuidade, que Paulo: Pedro seria Paulo, & Paulo seria Pedro: não de outra sorte, que se o homê tivesse a mesma differença especifica, que o Leão; o homê seria leão, & o leão seria homê. Supposta esta philosophia, entendi agora a Tertulliano. Assim como eu tenho a minha individuidade; assim Christo como verdadeiro homê tem a sua, que faz, q̄ Christo não seja eu, & que eu não seja Christo. E que faz o amor de Christo Sacramento? O' milagre de hum amor Omnipotentel. Ou extingue as individuidades; ou faz, que a de Christo seja a minha; ou que a mi-

inha seja a de Christo: *Postulamur individuitatem in corpore ejus.* Donde se segue, que eu, que comungo, (se o faço dignamente) fico Christo; & Christo comungado fica eu: *In me manet, & ego in illo.*

§ VI.

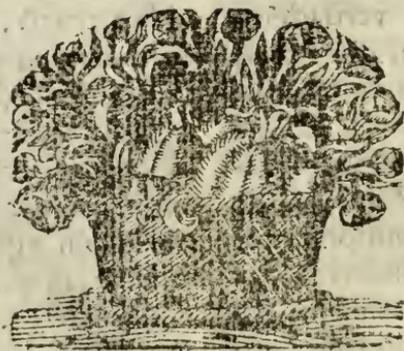
231 Vedes ja quãto mais faz o Sacramento, que a gloria: a gloria faz a semelhança, mas deixa as individuidades: o Sacramento tira as individuidades, & faz a identidade: na gloria eu fico semelhante a Deos, mas eu fico eu; & Deos fica Deos: nõ Sacramento eu fico a mesma couza com Christo; eu fico Christo; & Christo fica eu. Esta deve ser sem duvida a rezaõ, porque assim os homêes, como os Anjos ainda na vista da gloria, ou cõ a gloria á vista estam com os olhos no Sacramento: *In eum desiderant Angeli prospicere.* Com a gloria tem a semelhança; mas não tem a identidade com Deos; & como esta se logra no Sacra-

mento; por isso anhelam na mesma gloria por este Divino pam. *Si dederit mihi panem ad vescendum; crit mihi Dominus in Deum.*

24 E se o Sacramento Divinissimo (acabemos, q he tempo) & se o Sacramento Divinissimo não so he penhor da gloria, como lhe chama a Igreja, nem so he a mesma gloria, como lhe chama David; mas he mais, ou tem mais alguma couza, como deixamos provado, nestes dias, em que a nossa terra com tantas demonstraço-ões de applauso celebra a o Santissimo Sacramento, por que não diremos, que com enveja do Ceo habita na nossa terra a gloria: *Inhabitet gloria in terra nostra. Per*

gloriam Dei in terra intelligit Eucharistiam.

25 O que importa, Catholicos, he, que esta gloria não seja so por fora, & de fora; mas que seja de dentro, & por dentro. Toda a gloria da Igreja diz o nosso Profeta, que não consiste so no ornato de fora, mas na fermosura de dentro: *Omnis gloria ejus filia regis ab intus.* 14. Este culto, este asseo, esta pompa he gloria de fora; & com tudo isto podeis ficar fora da gloria: quem vos hade metter dentro da gloria, he a gloria de dentro; & em que consiste esta gloria? Consiste na fê, na virtude, na santidade, no amor, na graça do Divinissimo Sacramento penhor da Eterna gloria.





SERMAM

D O

SACRAMENTO

Na Se de Braga.

Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum. Zach. 9.

§. I.

Verdadeiraméte. (Senhor)
 verdadeiraméte, que quádo
 considero esta solennidade,
 este apparatus, esta pompa,
 esta riqueza, este gasto, estes
 cuidados tam luzizos, com-
 que Braga se mostra tam
 gostosamente sempenhada
 sobre todas as Cidades de
 Portugal, & ainda de todo

o mundo Catholico em ce-
 lebrar os triumphos do Sacra-
 mento Divinissimo da Eu-
 charistia, me occorre hum
 estranho pensamento, que se
 me naõ condenais, antes de
 me ouvir, vereis que tenho
 razão. E que pensamento
 pode ser este? Mudar o no-
 me a Braga. Vede se he es-
 tranho o pensamento. Mudar
 o nome a Braga? Pois que

B 4. nome

nome mais glorioso pode inventar a eloquencia? Não he o nome de Braga o Augusto, o Antigo, o Fiel: o Augusto na majestade, o Antigo na duração; & na lealdade o Fiel; não he o famosissimo em todas as historias, o celebradissimo em todas as idades, o gloriosissimo nos annaes da fama? Não he Braga, a que antigamente foi freo do valor Romano, sendo emula de seus triumphos? Não he a que foi Corte, & morada real dos Principes, & Reys Suevos? Não he a primeira, que em toda Hespanha ouvio, recebeu, abraçou a se Catholica? Não he a Primas na authoridade, na honra, na dignidade Pontificia? Não he a que deve a fertilidade de seus campos ao sangue de tantos, & tam invictos Martyres, com que foi regada? Não he finalmente a officina de Marte, em que se formaraõ valerosissimos capitães? O talher de Minerva, donde sahiram homés finaladissimos em todas as ciencias, & artes? Não he o Zo-

diaco, 'em que o Sol da nobreza tem tantas, & tam illustres cazas? Pois mudar este nome tam antigo, tam glorioso, tam celebrado me hade vir ao pensamento, ou passar pella imaginaçãõ?

2 Saibamos que nome he este, em que se hade fazer a mudança? Digo que o nome he Heliopolis, que he o mesmo, que Cidade do Sol; porque Helios na lingua Grega quer dizer Sol, & polis significa Cidade. Quereis o fundamento desta minha imaginaçãõ? Eu o digo. Das cinco opinioes, em que se dividem os authores, sobre o fundador primeiro deste antiquissimo povo, a mais provavel a meu juizo he a daquelles, que dizem, q os primeiros fundadores de Braga foram os Egipcios, q em companhia de seu Rey Osiris, ou Hercules vieram á conquista de Hespanha, & cattivos da frescura, & amenidade do sitio lançaram os primeiros fundamentos a esta augusta Cidade. Isto supposto (& tambem sem o suppor) havia na Provincia de

de Egipto huma principalissima Cidade chamada Heliopolis, de que não sô as letras profanas, mas tambem as sagradas fazem repetida menção. Em certo dia de cada anno (que tambem era dia do Sol; & se era dia do Sol, era Domingo, a quem os antigos chamavaõ *Dies Solis*) se empenhavaõ seus moradores supersticiosamente devotos em fazer festa ao Sol; & era tam celebre, & plausivel aquelle dia, que se abalavaõ todos os povos circumvizinhos pera lograr de mais perto os applausos da solennidade. Os templos, as praças, as ruas tudo fervia em musicas, em descantes, em bayles. E esta era a razam, porque entre todas as Cidades daquella grande Provincia, esta se chamava Heliopolis, ou Cidade do Sol.

3. Eu não sei, se seus fundadores trasladaõ a Braga gentílica esta sua solennidade; o que sei he, que Braga ja Catholica converteo esta solennidade nos applausos de outro Sol mais Divi-

no, & mais humano, quero dizer de Christo no Sacramento; aonde como a Sol o adorou em profecia o Profeta Rei: *In sole posuit tabernaculum suum; id est, carnem suam*, disse o Cardeal Hugo. Logo, infirira eu agora, logo se aquella Cidade, por se empenhar entre todas em festejar ao Sol natural, lhe deram o nome de Cidade do Sol; porque não daremos a Braga o nome de Cidade do Sol, se sobre todas as do mundo se singulariza em solenizar o Divino Sol Sacramentado? Jactemse embora as outras Cidades com os nomes de seus fundadores: Lisboa com o de Ulysses; Roma com o de Romulo; Alexandria com o de Alexandre; Pompeiopolis com o de Pompeio; Cesarea com o de Cesar; Constantinopla com o de Constantino; & outras com outros; que a vossa Augusta Braga justissimamente se pode levantar com o nome de Cidade do Sol, não do natural; & visivel, mas do Divino, & invisivel, por Sacramentado; podendo di-

zer de Braga; o que o Profeta Zacharias disse do Sacramento: *Quid bonum ejus; & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum.* Que couza, melhor tem Braga: *Quid bonum ejus?* que couza mais fermosa: *& quid pulchrum ejus?* fenaõ o dia, em que solénisa o pã dos escolhidos; que he o Sol Sacramento: *Nisi frumentum electorum?*

Estes he o thema, que nos offerece o Profeta Zacharias pera materia deste discurso. Poz o Profeta os olhos nos mysterios da vida, & vida de Christo, que he o assumpto do cap. 9. de sua profecia, & parecendo-lhe todos, o que na verdade sã, riquissimos de bondade, & fermosura, chegou ao Sacramento Divinissimo da Eucharistia, & concluiu o cap. com este epifonema, ou aclamação emphatica: *Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?* Como se dissera. Vi os mysterios todos, que o Filho de Deos feito homẽ hade obrar em a terra; mas se me

perguntais, qual delles he mais ventajozo na bõdade, & fermosura: *Quid bonum ejus; & quid pulchrum ejus?* Respondo, que he o pã dos escolhidos, isto he o Sacramento de seu corpo, & sangue: *Frumentum electorum, & vinum germinans virgines.* O Profeta naõ nos dá a rezam, ou as razoês, q̃ teve pera dar esta ventagem a este fermosissimo mysterio: & assim tomaremos por trabalho desta tarde o explicito callas; naõ poderá ser sem grande luz da Divina graça; o trono della está patente, valhanos a intercessã da chea de graça.

AVE MARIA.

Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?

S. II.

5. **A** Rezam, que os Expositores Sagrados dizem tivera o Profeta pera dar a ventagem a este Divino mysterio sobre os mais mysterios da graça, he ser hum compendio, ou huma

Lorin. in Pf. Cor. nel. hie.

hum cifra de todos elles. Fez Christo no tépo da ley da graça, o que tinha feito em todos os tépos: foi sempre estilo de Deos reduzir, & compendiar a unidade o que tinha partido em numeros: assim o fez nas obras da natureza; assim o fez na ley natural; assim o fez na ley escrita; assim o fez ultimamente na ley da graça. Nas obras da natureza compendiou todas as creaturas em hum creatura; porque no homé unio o ser, o crescer, o sentir, o entender, que estava dividido pellas creaturas: por isso disse S. Gregorio: *Omnis creatura est homo*. Na ley natural compendiou todos os preceitos em hum preceito; porque ao preceito do amor reduzio a observácia de todos os preceitos; como diz S. Paulo: *Qui diligit, legem implevit*. Na ley escrita compendiou todos os sabores em hum sabor; porque no maná cifrou todos os sabores: *Omnis delectamentum in se habentem; & omnis saporis suavitatem*, diz Salamaõ. Finalmente, na ley da graça

compendiou todos os mysterios em hum mysterio; porque no mysterio soberano da Eucharistia cifrou todos os mysterios da graça: como cantou David: *Memoriam fecit mirabilium suorum*. Os mysterios da graça, como sabeis, sam a Encarnação, o nascimento, a morte, a resurreição de Christo, & de todos estes mysterios he o Sacramento a cifra. De modo, que assim como o homem, em quem Deos compendiou a perfeição das mais creaturas, he entre as visiveis a creatura mais excellente: assim como o preceito do amor, em quem Deos cifrou a observancia dos mais preceitos, he entre todos o mais soberano; assim como o maná, em quem Deos compendiou os sabores todos, he o sabor mais suave: assim o mysterio da Eucharistia, em quem Christo epilogoou os outros mysterios da graça he o mais glorioso mysterio. O homem he a creatura das creaturas: o amor he o preceito dos preceitos; o maná foi o sabor dos sabores; E o

Sacra-

Psalm.
110. 4.Sap. 7.
20.

C. 11.

Sacramento he o mysterio dos mysterios; porque de todos he cifra.

6 E assim differa eu, q̄ he o Sacramento entre os mysterios da graça, o que a cifra entre os numeros da Arithmetica. A cifra na arithmetica (como algum dia notei a outro intento) faz subir muito o valor dos numeros. Ponde huma cifra diante de huma unidade, & o que valia hum, ja val dez, ponde duas, & o que valia dez, ja val ceni. Pois o que he a cifra entre os numeros da arithmetica, he o Sacramento entre os mysterios da graça. Antes do Sacramento todos os mysterios da graça eram numeros, & de valor infinito: mas o Sacramento foi a cifra de todos elles: (isso mostra aquelle circulo sagrado, & por isso circular pera ter a figura de cifra) & fez subir tanto de preço os mesmos mysterios, que parece acrecétou o valor à seu valor.

7 Donde se segue, que assim como Christo no Sacramento cifrou todos os se-

us mysterios em hum mysterio; assim compendiou todos os seus amores em hum amor; assim intitulou o melifluo Bernardo, o amor do Sacramento: *Amor amorum*. Cant: Amor dos amores de Christo: nos outros mysterios amou Christo, aos homens; mas no Sacramento amou os amores, cō que os amou. Ovi ao mesmo Christo no livro de seus amores, ou Cantares de Salamaõ. Convida a seus amigos, pera que se assentem á sua meza; & falo com estas regaladas palavras: *Comedite, amici, & bibite, & inebriamini, charissimi*. Comei, amigos, meu corpo, & bebei meu sangue com tanta fome, & sede, que fayaes de vos, pera ficar em mĩ: *Inebriamini, charissimi*. Em lugar daquella palavra *Charissimi*, tem o texto Hebreo: *Amoribus: Inebriamini amoribus*: Satisfazeivos de amores. Como de amores? No Sacramento ha mais que hum amor? O amor de Christo naõ foi hum so, ainda que sobre todo o encarcimento grande, quando instituiu

stituiu o Sacramento de seu corpo, & sangue? Pois se o amor do Sacramento foi hũ so no singular; & por isso mesmo mais singular; porq̃ lhe chama amores no plural: *Inebriamini amoribus?* Porque o Sacramento assim como he muitos mysterios em hum mysterio, assim he muitos amores em hum amor. O amor da Encarnação não he amor do nascimento; porque pudera Christo encarnar sem nacer: o amor do nascimento não he amor da morte; porque pudera nacer sem morrer; o amor da morte não he amor da resurreição; porque pudera morrer sem resuscitar; porẽ o amor do Sacramento he amor da resurreição; he amor da morte; he amor do nascimento; he amor da Encarnação; he tudo, ou he todos os amores de Christo: *Inebriamini amoribus?* Os outros amores de Christo sam rios, o amor do Sacramento he mar. O mar he hum rio, que se compoem de todos os rios: o Sacramento he hum amor, q̃ se compoem de todos os a-

mores.

8 Neste mesmo pensamento se conformou a Espôsa com seu Divino Espôso. Poz ella os olhos no Sacramento do altar; & parececolhe, que via hum ramalhete: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi.* Do Sacramento explica este lugar dos Cantares Ghislerio antigo, & doutissimo Comentador deste livro. Christo ramalhete na Eucharistia? Em outros mysterios sei eu, que se compara Christo a huma flor. Assim o considerou na Encarnação o Profeta Evãgelico: *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet.* Pois se em cada hum dos outros mysterios he huma so flor, no mysterio do Sacramento porq̃ hade ser ramalhete: *Fasciculus myrrhæ?* Porque a differença que faz o ramalhete a huma so flor, faz este mysterio aos outros mysterios: Hum ramalhete sam muitas flores em huma so flor: huma rosa, hum cravo, hum jazmĩ, huma perpetua divididos não sam ramalhete: hum

hũ ramallete he perpetua, he jazmim, he cravo, herosa, he todas as flores, de que se compoem. Pois esta differença de hum ramallete a huma so flor tem o mysterio do Sacramento a cada hum dos outros mysterios. He hum mysterio de todos os mysterios, he huma flor de todas as flores, he hũ amor de todos os amores de Christo. Christo na Encarnação he huma rosa encarnada; no nascimento he hum jazmim mimoso; na morte he hum lirio roxo; na resurreição he huma perpetua immortal; porem no Sacramento he perpetua, & he lirio, he jazmim, & he rosa; porque he hũ ramallete, aonde com os laços de seu amor unio em huma flor todas estas flores: *Fasciculus myrrhae dilectus meus mihi*. Vede agora se teve razam Zacharias pera dar a este mysterio, naõ so a maior bondade; mas a maior fermosura: *Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum*. Ele tem Braga mais que rezam pera se empenhar em

applaudir sobre todos este mysterio?
 §. III.
 Temos considerado o mysterio do Sacramento em ordem aos outros mysterios geralmente; deçamos agora mais ao particular; & comparemos esta flor com cada huma das outras flores; ou este amor com cada hum dos outros amores de Christo. Grande foi, naõ haver a ingratitude, que o negue, grande foi o amor da Encarnação; fazer se Deos homẽ, unir se com tam estreito laço a natureza Divina com a humana, que se cõmunique reciprocamente as propriedades de Deos ao homẽ; & as do homẽ a Deos; grande amor!
 10 Mas denos licença este grande amor, que ainda o do Sacramento foi maior. Dizem comumente os Santos Padres, que o Sacramento he huma extensão à Encarnação; pella Encarnação unio se Deos a huma so humanidade, ficou homẽ; mas hum

hum fo homê: pello Sacramento unefe a todos os homês, que dignamente o recebem: de modo, que a Encarnação he húa comunhão, ou cómunicação limitada; a comunhão he húa Encarnação sem limite: na Encarnação uniofe huma fo vez; no Sacramento unefe muitas vezes: na Encarnação limitou o favor a huma fo humanidade; no Sacramento estende o beneficio aos homês todos: em fim pella Encarnação fezse Deos homê; pello Sacramento faz aos homens Deos: *Ego dixi: Dijestis.* Por isso dizem que o amor do Sacramento he o *plus ultra* do amor da Encarnação.

II Isto he, o que todos dizem, & parece que bastava pera provar, o que eu dizia. Mas eu não me contento, com que o amor do Sacramento seja fo maior na extensão; digo que tambem na intensam he maior. Não fo amou mais no Sacramento; porque se estendeo a mais o amor; senão, porque se entendeo mais a fineza. O

intento; & a intensam do amor he de dous fazer hum: logo aquelle amor, que fizer mais hum, he maior, & mais amor: O amor do Sacramento faz mais hum, que o amor da Encarnação: logo não he fo maior por mais extenfo; mas he maior por mais intenso. De dous modos podem duas couzas ser huma: ou podem ser huma por uniam; ou podem ser huma por unidade: as couzas, que sam huma por unidade, sam mais huma; que as que sam huma por uniaõ. E a rezam he; porque as couzas, que sam huma por uniaõ, podem deixar de ser huma; mas não podem deixar de ser huma, as que sam huma por unidade: as que sam huma por uniaõ, podem deixar de ser huma; porque se podem apartar; as que sam huma por unidade, não podem deixar de ser huma, porque se não podem dividir. Expliquemos toda esta filosofia com hum exemplo. A alma com o corpo faz hum homê; & consigo mesma faz huma alma: com esta diversidade, q̄ com

com o corpo faz hum por uniam; & consigo faz hum por unidade: donde se segue, que do corpo pode se apartar, & apartase; porque com o corpo faz hum por uniam: de si mesma não se pode dividir, porque consigo faz hum por unidade. A uniaõ faz hum, mas divisivel; a unidade faz hum, mas inseparavel: Logo faz mais hum o amor, que faz de dous hum por unidade, que aquella, que de dous faz hum por uniam. Não tem isto duvida.

12. Agora digo, que o amor do Sacramento faz mais hum, que o amor da Encarnação. O amor da Encarnação fez a Deos, & ao homê hum por uniam; o amor do Sacramento faz ao homê, & a Deos hum por unidade. O amor da Encarnação fez a Deos, & ao homê hum por uniaõ; porque a uniaõ hypostatica, que chamaõ os Theologos, foi a que deu a laçada entre o homê, & Deos. O amor do Sacramento faz ao homê, & Deos hum por unidade: &

quem o hade provar? Quem hade ser, senaõ o mesmo author do Sacramento.

13. Sobre meza de pois de instituir Christo este Divino mysterio fez esta oração a seu Eterno Pay: *Pater Joann. Sancte, serva eos in nomine 17. II. tuo, quos dedisti mihi, ut sint unum, sicut & nos*; Eterno, & Santissimo Pay, guardai em vossõ nome, & com vossa graça aos homês, que me destes; pera que sejaõ hum comigo, & entre si; como vos, & eu somos hum; *Ut sint unum, sicut & nos*. E qué hade fazer este milagre? que meio termo hade ser este; em que ham de ser hum dous extremos tam distantes, como sam homês, & Deos? S. Cyrillo, & Santo Hilario dizem, que este meio he o Sacramento: *Quasi optet Christus*, diz citando aos dous Santos Doutores o doutissimo à Lapidè: *Quasi optet Christus, ut Apostoli per assumptionem corporis sui in Eucharistia fiant unum & secũ, & inter se, idque verè corporaliter, & substantialiter; sicut ipse verè cum Patre unũ est*.

est substantialiter. De modo, que por meio do Sacramento ficão sendo Christo, & o homê hum, como o mesmo Christo, & o Pay sam hum. Agora perguntó: o Pay, & o Filho como sam hum? Sam hum por uniaõ, ou sam hũ por unidade? Por uniaõ, não; por unidade, sim. Cõmunica o Eterno Pay a feu Eterno Filho a mesma natureza Divina; & por esta cõmunicaçaõ da natureza fica o Pay, & o Filho sendo hum, não por uniaõ; mas por unidade. Pois o que faz entre o Pay, & o Filho a cõmunicaçaõ, faz de certo modo entre Christo, & o homê a comunhaõ; faz hũ a Christo, & ao homê não so por uniaõ, mas por unidade: & pera Christo explicar esta unidade, que faz o amor do Sacramento uzou do exemplo Divinissimo, com que a cõmunicaçaõ da natureza faz hum ao Pay, & ao Filho: *Ego, & Pater unum sumus.* Excellentemente Santo Hilario: *Ut omnes unum sint: tũ deinde unitatis profectus exemplo unitatis ostenditur.* Pe-

raque todos sejam hum: & o effeito desta unidade entre os homês, & Christo se mostra com o exemplo da unidade entre Christo, & o Pay. Não diz o Sãto, que se mostra a uniaõ, mas a unidade: *Profectus unitatis exemplo unitatis.* E se o amor do Sacramento faz hum por unidade, & o amor da Encarnaçaõ faz hum por uniaõ; mais hum faz o amor do Sacramento, que o amor da Encarnaçaõ: logo he maior, & mais amor.

14. E tanto maior; que o amor da Encarnaçaõ foi amor; o amor do Sacramento sobre amor foram zelos. O amor da Encarnaçaõ foi amor: assim o disse o mesmo Senhor Encarnado: *Sic Deus dilexit mundum, ut filium suum unigenitum daret:* O amor do Sacramento sobre amor foraõ zelos; assim o cantou David em nome do mesmo Senhor: *Zelus domus tue comedit me:* O zelo de vossa casa me comeo: quer dizer, diz Zaccolio citado pello eruditissimo Lorino: *Zelus Dei comedit Christum, id est,*

Joan: 13.
Vitalis
Zaccolius
hom.
45. in
Marc.
apud
Lorin.
in Pf.
68. no.
19.

efficit, ut se ipsum comedendum exhiberet in Eucharistia. O zelo da caza de Deos comeo a Christo; porque o obrigou a que se desse a comer no Sacramento. De modo que na Encarnação parou o amor em amor: no Sacramento de amor passou à zelos: na Encarnação ardeo o amor; no Sacramêto fez as cinzas; porque aquelles nevados accidentes, aquellas purissimas, & brancas cinzas mais sam sinaes de abraçado, que dissimulações de escondido.

15 E podeis duvidar, q̄ he maior amor, o que de amor passa à zelos, que o que so para em amor? Ora ouvi a Salamaó: Assigna o sabio a differença entre os zelos, & o amor, & diz assim no cap: 8. dos seus Cáticos: *Fortis est ut mors dilectio; & dura sicut infernus emulatio.* O amor, que parou em amor compete na fortaleza com a morte: *Fortis est ut mors dilectio;* mas o amor, que de amor passou a zelos, que isso quer dizer *emulatio*, ou *zelotypia*, como tem o texto

Grego, compete na dureza com o inferno: *Dura sicut infernus emulatio.* Fazei agora a comparação entre a morte, & o inferno; & logo vereis a differença entre o amor, & os zelos.

16 A morte mata, o inferno atormenta: a morte apressa o golpe pera perdoar a dor; o inferno perdoa à vida pera eternizar o tormento: a morte contentase com tirar a vida huma vez; o inferno não se satisfaz com estar repetindo perpetuamente a morte: a morte mata, mas sem affronta; o inferno martiriza, mas com infamia: a morte poem termo aos desgostos da vida temporal; o inferno da principio as penas da eterna. Isto faz a morte, isto faz o inferno: & que faz o amor, & que fazem os zelos? O amor sem vos tirar a alma, que tendes, vos dá a do amante, que não tinheis; os zelos tiramvos a vossa, & a do amado: o amor se he morte do corpo, he vida da alma; os zelos sam tormento da alma, & do corpo: o amor goza a victoria; os zelos

los levam os despojos: o amor mata a hum vivo; os zelos nem a hum morto perdoam: o amor mata, mas sem injustiça; os zelos ferem mas com tyrannia: o amor fere com huma setta de ouro; os zelos matam com hum rayo de fogo; o amor enriquece, a quem fere; os zelos despojam a quem abrazam. Tudo isto quiz dizer Salamaõ quando disse: *Fortis est ut mors dilectio, & dura sicut infernus amulatio.* Sendo pois muito maior o amor, quando passa a ser zelos, claro está, que hade obrar muito mais finamente, que quando so para em amor: & como a Encarnação foi obra do amor: *Sic Deus dilexit mundum, ut filium suum unigenitum daret.* E o Sacramento effeito dos zelos: *Zelus domus tue comedit me:* Como não havia o Profeta dar a ventagé ao amor do Sacramento: *Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus nisi frumentum electorum?*

§. IV.

17 Passemos da Encar-

nação ao nascimento. E será também maior o amor do Sacramento? Parece q̄ não; porque naquelle mysterio tudo está espirando amor. Ver a Deos feito menino, nas inclemencias de Dezembro reclinado em humas palhinhas, por fora tremendo de frio, por dentro ardendo em fogo, despedindo aos corações em cada palhinha huma setta, em cada lagriminha huma bala, em cada suspirinho hum incendio; quem se hade defender a tanto fogo, quem não hade arder a tanta chama?

18 Mas ainda assim pergunto: E este menino Deos aonde foi nacer? que lugar escolheo pera seu nascimento? Todos sabem, que a Belem: *Cum natus esset JESUS in Bethlem Juda.* E Belem, que quer dizer? Belem quer dizer caza de pam. Vedes como todo o amor do nascimento foi hum ensayo pera o amor do Sacramento. Pera se dar aos homens em pam foi nacer a Belem entre palhirhas, diz S. Gregorio: *Locus, in quo Dominus nascitur,*

citur, panis antea vocatus est, quia futurum profecto erat, ut ille ibi per materiam carnis appareret, qui electorum mentes interna satietate reficeret. De modo que entre todas aquellas finezas, com que nacia, tinha o menino Deos os olhos no pam, em que se havia de dar aos homês. Se em Belem chorava as lagrimas, como menino, tinha os olhos em Jerusaleem, aonde se havia de Sacramentar. Como se quizesse darnos a entender, que não haviamos de tomar a medida à seu amor pelas finezas do Nascimento em Belem; mas pelas do Sacramento em Jerusaleẽ; pelas de Belem não; porq̃ ainda que eram tam grandes, como suas, lhe pareciam de menino; pelas do Sacramento sim; porque haviam de ser as suas maiores finezas; não se fe por isso naceo de noite; como quem não queria apparecer, por não fiar muito de seu amor, nem avaliar por grandes seus excessos.

19 Nem vos pareça q̃ he sem fundamento a con-

jectura; porque antes de se dar sacramentado, tudo quanto fazia, ainda que fosse muito, julgava por muito pouco o seu amor. Foi advertencia do insigne cõmentador dos Evangelhos o Doutissimo Padre Maldonado, que todas as couzas singularmente grandes, ou grandemente singulares, q̃ Christo bem nosso fizera neste mundo, as fizera sempre sobre meza: *Observo ejus fuisse consuetudinem, ut res omnes magnas post prandium, aut cœnam institueret.* Instituo a S. Pedro Principe, & Pastor Universal de sua Igreja, & nota o Evangelista Aguia, que fora depois de comer: *Cum ergo prandissent.* Deu a seus Discipulos poder pera perdoar peccados; & adverte S. Lucas, que lho dera, depois que comeo: *Et cum manducasset coram eis.* Deu se a conhecer depois de resuscitado aos dous Discipulos de Emãus; & diz o Evangelista, que o fez estando à meza. *Cognoverunt eum in fractione panis.* Subio tri-
 24-35
 umfante ao Ceo no dia de sua
 sua

sua gloriosa Ascensam, & antes de subir, diz S. Lucas, que comera: *Convalescens praecepit eis; Et videntibus illis, elevatus est.* Pois, que mysterio tem, que não pode ser sem mysterio, este tam notavel, & tam repetido costume de Christo? Era por ventura menos alentado o seu poder antes da meza? Claro está, que não; porque sempre era o mesmo: pois se o poder era o mesmo, porque esperava aquellas occasiões pera obrar as couzas maiores, que obrou: *Observo ejus fuisse consuetudinem, ut res omnes magnas post prandium, aut cenam institueret?* Ja estaes védo a razam. Porque todas as vezes, q̄ Christo se assentou à meza, se deu Sacramentado ou na realidade, ou na representação; & depois de seu amor instituir o Sacramento, sahia o seu poder com as maiores emprezas, como quem buscava no amor do Sacramento o credito a suas finezas. E como em seu nascimento ainda não tinha instituido o Sacramento, não tinha por grã-

des as finezas do nascimento.

20 Em fim o nascimento foi o berço de seu amor: o Sacramento o meyo dia. Christo, como disse o Profeta, nasceu como Sol: *Orietur vobis sol justitiae:* em ^{Milac!} ^{4. 2.} Belem, aonde naceo, teve o berço; em Jerusaleem aonde se sacramentou, teve o meyo dia: *Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie:* Peço-vos, Senhor, lhe dizia a alma Santa, que me digaes, aonde daes de comer, & aonde de descansaes ao meyo dia: *In meridie:* & que meyo dia era este? He o Sacramento da Eucharistia: *Christus in Eucharistia recte vocatur meridius,* diz A Lapide de opiniaõ de S. Gregorio Niseno. Christo na Eucharistia he o Sol no meyo dia. O Sol nas mantilhas do Oriente não podemos negar, q̄ sam fermosos seus rayos; porem no Zenit do meyo dia, quem não experimenta mais intensos seus resplandores? quando sahe menino entre as purpuras da aurora, bem sofre o exame de suas luzes;

mas quando divide o dia em duas partes iguaes, nem as aguias se alentam a examinar seus rayos. Esta differença de sol a sol, do sol no Oriente ao sol no meyo dia, ha de mysterio à mysterio, do mysterio do nascimento ao mysterio da Eucharistia. No mysterio do nascimento he Christo Sol; mas Sol no berço; no mysterio da Eucharistia he Sol, mas Sol no meyo dia; & por isso mais intensos seus rayos, & mais fermosos seus resplandores: *Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?*

§. V.

21 Já vejo, que vedes a ventagem, que o amor do Sacramento faz aos dous amores, ao amor da Encarnação, & ao amor do nascimento; mas ao amor da morte? Esta parece a maior difficuldade; porque he texto expresso do mesmo Christo, que não pode o amor chegar a maior fineza, que a perder a vida pello amado: *Ma-*

iorem hanc dilectionem nemo habet, quam ut animam suam ponat quis pro amicis suis. E verdadeiramente que padecer a morte, & tal morte o author da vida: espirar em huma Cruz por amor dos homés, quem inspirou em hum sopro a alma ao primeiro homé, he huma fineza tam fina, que parece não pode subtilizar mais a mais aguda imaginação.

22 Mas sim pode o amor de Christo; & assim dispoz, que fosse o Sacramento huma representação da mesma morte. Mas com huma grande differença; porq̃ ainda que na morte ardeo docemente o amor de Christo, houve com tudo nella algumas circumstancias, que a fazião menos fermosa. A treição de hum discipulo, a negação de outro, a fuga de todos; a enveja, o odio, a crueldade, a injustiça, o sacrilegio dos inimigos, não se pode negar que não deixavao parecer, nem sahir tanto a fermosura da morte de Christo. E que fez o amor do Sacramento? Poz em limpo

po a mesma morte; despioa de todas as circunstancias de horror; & ficou este amor por todas as partes fermofo: *Quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum!*

23 E pera que vejamos com mais clareza esta ventagem, havemos de suppor, que o amor de Christo nas ultimas horas de sua vida, sahio a campo com o odio dos homés: por isso aonde S. Joáo diz: *In finem dilexit: trafladam muitos: Dilexit in contentionem.* Amou à cõpetencia: claro está, que esta competencia não era entre amor, & amor; porque nenhum amor humano podia fazer competencia ao amor de Christo: era logo entre o amor de Christo pera com os homés, & entre o odio dos homés pera com Christo; porque foram tam ingratos, & tam injustos, que apostaraõ, os excessos de seu odio com as finezas do amor de Christo. Barbara ingratição formar as settas do odio na officina do amor! E se me perguntais, por quem ficou a victoria nesta competen-

cia? pello odio dos homés, ou pello amor de Christo? claro está, que havia de ficar pello amor. Mas por qual amor? pello amor da morte, ou pello amor do Sacramento? Digo que pello amor do Sacramento. A cõpotencia, que o odio dos homens teve com o amor de Christo foi em sua morte tam porfiada, que ainda que lhe era impossivel a victõria, parece que a fez duvidoza: E se não vede, como foi o odio pellos mesmos passos, que o amor. A' hora da morte chamou o Evangelista hora de Christo: *Sciens, quia venit hora ejus.* E a esta mesma teve o odio por sua; assim o disse Christo aos que no horto o prenderam: *Hæc est hora vestra.* O amor da morte foi amor de graça; porque amou aos homés sendo inimigos; como diz S. Paulo: *Cum adhuc peccatores essemus, Christus pro nobis mortuus est:* O odio dos inimigos tambem foi odio de graça; porque aborreceraõ a Christo sem nenhũa cauza: assim se queixou por David

o mesmo Senhor: *Odio habuerunt me gratis*: em fim o amor da morte parou na morte; mas o odio passou a-yante; porq̃ correo ao peito de Christo a lança depois de morto. Não foi logo o amor da morte, o que nesta competencia logrou sem controversia a victoria. Quem triumphou sem duvida foi o amor do Sacramento, & como?

24. Eu o direi, ou o dirá por mim aquelle coração, q̃ se não apostou com Deos finezas, affectou impossiveis pera explicar suas finezas com Deos. E quem foi este? Quem havia de ser, senão Agostinho. Reparou com todos o Feniz dos engenhos na sede, que Christo significou padecer em sua Cruz: *Sitio*: & sabeis o que lhe pareceo? não, que pedia remedio à sua sede; mas que insultava ao odio de seus inimigos: & tomando a voz do amor; diz em nome de Christo: *Hoc minus fecistis*. Vede homés, que fizestes hum menos. No mais apostou vosso odio a igualar meu amor;

mas meu amor fez hum mais; vosso odio fez hum menos: *Hoc minus fecistis*. E q̃ mais he este, q̃ fez o amor? & que menos he este, q̃ fez o odio? Ouçamos o menos do odio, & dahi conheceremos o mais do amor: o menos do odio foi não darem a Christo, o que eraõ: *Hoc minus fecistis, date, quod estis*. Como se differa Christo por Agostinho, ou Agostinho por Christo: Meu amor obrigou-me a vos dar o que sou: vosso odio ainda não chegou a me dar o que sois; meu amor obrigou-me a vos dar o que sou, porque me obrigou a me Sacramentar nas especies de pany, & vinho: vosso odio ainda não chegou a me dar o que sois; porque ainda não chegou a vos Sacramentar neste vinagre: *date, quod estis, hoc minus fecistis*. De modo, que a victoria esteve em hum mais, que fez o amor; & em hú menos, que fez o odio; mas este mais não o fez o amor da morte, fello o amor do Sacramento. He verdade, q̃ na Cruz declarou o amor

por

por si a victoria, mas aonde a alcançou foi no Sacramento. Ao amor da morte emulou perversamente o odio; as finezas do Sacramento nem pella imaginação lhe passaraõ. Bem diz logo o nosso Profeta, que o amor do Sacramento entre todos os amores de Christo se levanta com a victoria: *Quid bonum ejus, & quid pulchrũ ejus, &c.*

§ VI.

Segue-se o ultimo mysterio, ou o ultimo amor da resurreição, em que Christo attendendo igualmẽte à sua gloria, & à nosso amor, se revestio seu corpo de immortais resplandores, confirmou aos homẽs na esperança da resurreição; porque se morreo, como diz S. Gregorio, pera que não temessemos o morrer, resuscitou, pera que esperassemos resuscitar: *Redemptor noster suscepit mortem, ne mori timeremus: ostendit resurrectiõnem, ut nos posse resurgere confidamus.*

25 Mas se a resurreição he a esperança da nossa resurreição, o Sacramento he o penhor, & tam seguro, q̃ ainda que Deos não tivesse decretado, que haviaõ de resuscitar os homẽs todos, como a fe nos ensina; os que comungam dignamente haviaõ de lograr unicamente a gloria de resuscitados. Notavel proposição. Pois não tem menos author, que o mesmo author da resurreição. *Qui manducat meã carnem, & bibit meum sanguinem; ego resuscitabo eum in novissimo die.* Quem cõmungar meu corpo, & meu sangue, la no ultimo dia do mundo, eu sou, o q̃ o heide resuscitar. Pois, meu Senhor, so aos que comungão haveis de resuscitar? Não sois vos, o que haveis de resuscitar a todos, que por isso vos chamastes, resurreição, & vida: *Ego sum resurrectio, & vita:* Pois se todos ham de resuscitar, que especialidade de favor he a que prometteis aos que cõmungão? Muito grande; porque ainda q̃ a resurreição não fora universal

verfal pera todos, havia de ser especial pera os que comungão: não resuscitariam os homês; porque se não fora o decreto Divino não tinhaõ titulo pera resuscitar; mas os que comungão pella participação do corpo de Christo acquirem novo titulo pera a resurreição: *Novo titulo reddit magis dignū resurrectione gloriosa*, disse o Expositor mais erudito dos Psalmos. De modo, que assim como entre os resuscitados hade haver differença entre os maos, & os bons; assim entre os bons hade haver differença entre os que não comungaraõ, & os que comungaraõ. Os bons, que não comungaraõ, haõ de resuscitar por hum so titulo; & os que comungaraõ, haõ de resuscitar por dobrados titulos; os que não comungaraõ, haõ de resuscitar a titulo de gloriosos; os que comungaraõ, haõ de resuscitar à titulo de gloriosos, & a titulo de comungados; & ainda que não tivessem o primeiro, bastavalhes o segundo; por isso o Concilio Nif-

seno chamou ao Sacramento symbolo da resurreição: *Resurrectionis symbolum.*

26 Assim que se a resurreição de Christo he a esperança de nossa resurreição: *Ostendit resurrectionem, ut nos posse resurgere confidamus*; o Sacramento he o penhor: na sua resurreição deunos Christo a gloria da nossa em esperança: no Sacramento deunola em penhor; que por isso chama a Igreja ao Sacramento penhor da gloria. E aonde esta mais certa a gloria, na esperança, ou no penhor? Quem duvida, que no penhor. Dar huma esperança he dar hum cuidado; dar hum penhor he dar hum seguro: quem dá huma esperança, dá huma flor, q̄ pode murchar; quem dá hum penhor, da hum fruto, que se começa a possuir. Quem dá huma esperança dá mais fogo ao desejo; quem dá hum penhor dá mais allivio ao cuidado: em fim a esperança he huma ansia inquieta da posse; o penhor he huma quietação suave da esperança. E

Apud
P. Suar
to I. in
3. P. d.
47. f. 2.

Lorin.
in. Pf.
21. n.
17.

se Christo'no mysterio da resurreição nos deu a esperança, & no mysterio do Sacramento nos deu o penhor, bem se segue, que foi maior o amor do Sacramento que o amor da resurreição. Assim havia de ser, pera que o Sacramento ficasse sendo hum mysterio de todos os mysterios, huma flor de todas as flores; & hum amor de todos os amores de Christo, unindo em si a bondade, & a fermosura de todos: *Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum.*

§. VII.

27 Tenho mostrado a rezam, & as rezoões, que teve o Profeta Zacharias pera reconhecer no mysterio soberano da Eucharistia o excessõ, & a ventagem sobre os mais mysterios da Graça; & estas mesmas rezoões, que teve o Profeta pode ter a Cidade, ou os Cidadãos de Braga pera se empenharem em solennizar com mais estrõdo esta festa sobre todas as mais festas; pera que

se este he o mysterio dos mysterios, seja tambem esta a festa das festas; naõ perdando a gastos; como quem sabe, que o que se gasta em servir, & honrar o corpo de Christo, naõ se gasta, guarda-se. Quando a Magdalena ^{Joan.} em Betania ungiu os pês de ^{12. 7d} Christo com huma libra de preciosissimo unguento repararam muito os Discipulos naquelle gasto, & censuraramno por perdição: *Ut quid perditio hac?* O que a Magdalena gastou nas vaidades do mundo, ninguem o censurou; o que gastou em obsequio de Christo, ate os Apostolos o murmuraraõ. Acudio Christo, & disse: *Sinite illam, ut in diem sepulturae meae servet illud.* Deixaia, pera que guarde esse unguento pera o dia, em que me sepultarem. Pera que o guarde? aqui estã a minha duvida. Senhor, se a Magdalena, esta gastando, & derramando o unguento, como o hade guardar? o que se gasta, naõ se poupa. Assim he, se se gasta com outrem, & com outras couzas; mas o q̃ se

se gasta em servir, & honrar o corpo de Christo, não se gasta, poupase; não se derrama, guardase: *Ut in diem sepulturae meae servet illud.*

28 O que importa he, que este gasto, este applauso, esta festa não seja exterior, & pera os olhos; seja també interior, & pera o coração: não offendamos com as culpas ao mesmo Senhor, a quem festejamos com os obsequios. Que será grande escandalo da fé, & do amor, que devemos a Christo Sacramentado affrontallo cõ a mesma honra, que lhe fazemos, injuriallo com o mesmo obsequio, que lhe consagramos, & offendello com a mesma festa, com que o perendemos obrigar. Oh não demos occasiaõ ao mesmo Senhor, pera que se queixe de Portugal, como em semelhante occasiaõ se queixou de Espanha.

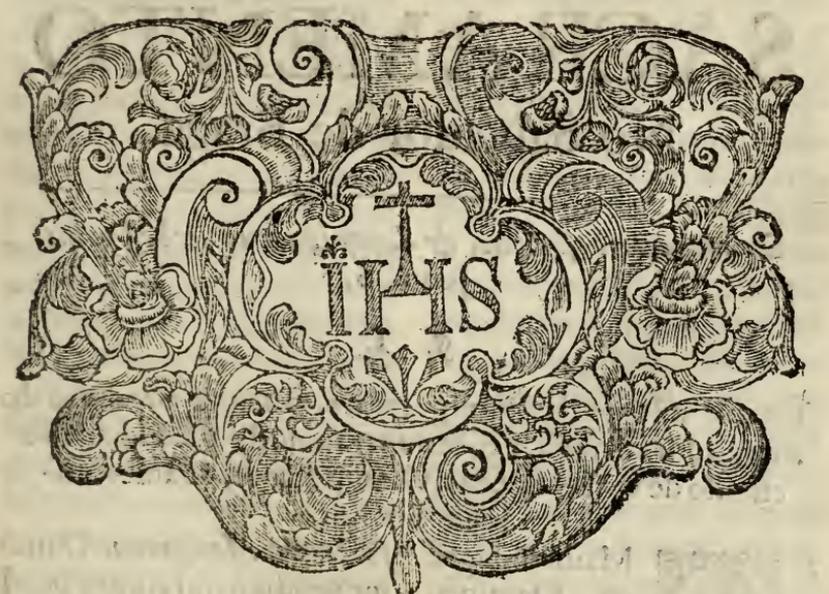
29 Na menhã de hum dia como o de hontem sabindo a procissã do Santissimo, & com ella todo o povo, se deixou ficar so na Igreja de Ezija. Dona San-

cha Carrilho aquella grande mulher illustrissima no Sãngue, & muito mais na Santidade, de cuja canonizaçã se trata na Curia Romana. Estava em oraçã, quando Deos visivelmente lhe mostrou aos olhos outra procissã; & que procissã? Aquella em que o Filho de Deos feito homé sahio com a sua Cruz aos hombros pellas ruas de Jerusalem, cõ aquellas affrontas, com aquella dor, com aquelle sentimento que tereis ouvido muitas vezes. Enterneceose a Santa Senhora, & arrojandose aos pês de Christo, lhe disse: Senhor, que he isto? Neste dia, meu Deos! Sim Sancha, respondeo o Senhor apartando dos olhos huma madexa de cabellos tintos em sangue, que lhe empediam a vista: Sim, Sancha, assi ã me tratam hoje em Espanha; estã sam pera mim as festas de *Corpus*. Oh vede Catholicos, não tenha rezamo amor do Sacramento pera dizer em Braga de Portugal, o que disse em Ezija de Hespanha: Ja que este

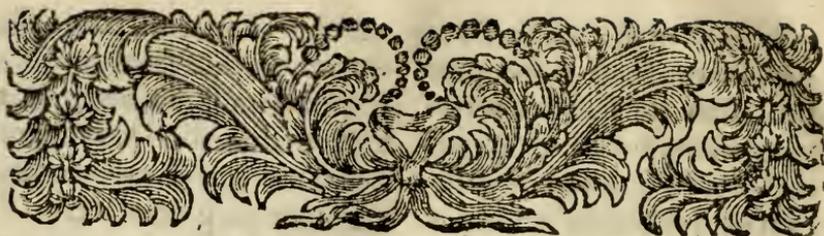
este anno não tem passo a os: Antes com actos de fé,
procissam, não a fazamos de veneração, de amor cor-
procissão de Passos, reno respondamos ao amor dos
vando com nossas culpas os amores de nosso Deos, pera
defacatos, que se comette- que o mereçamos amar eter-
ram em Jerusaleem. contra namente na gloria. &c.

SERMAM

DO



SERMAM



SERMAM

DO

SACRAMENTO

No Salvador de Braga.

Caro mea verè est cibus, & Sanguis meus verè est potus.

Joan. 6.

§. I.

O maior milagre da Omnipotentia, o maior prodigio do amor adora a nossa Fê, & venera a nossa Piedade nesse circulo de vossas finezas, Omnipotente, & amorosissimo Senhor.

M Maior milagre da Omnipotentia; porque he o maximo de todos os milagres, como lhe chamou o Doutor Angelico: *Miraculorum ab ipso factorum Maximum.* O maior prodigio do amor; porq̃ no Sacramento do corpo, & sangue como em duas columnas escreveo o amor o seu: *Non plus ultra.* Por isso disse S. Maximo, que com a ultima

ma Cea, em q' Christo Redemptor nosso deu seu corpo em sustento: *Caro mea verè est cibus*; & seu fangue em bebida, *Sanguis meus verè est potus*, cessára a operaçáo dos milagres: *Factà cæna, cessavit patratio miraculorũ*. Cessaram os milagres, ou porque depois deste milagre ficou a Omnipotencia com o braço gostosamente cansado; ou porque o amor com este prodigio ficou docemente satisfeito. Pera os outros milagres bastava a Omnipotencia applicar hum dedo: *Si in digito Dei ejicio demonia*: pera este milagre foi necessario applicar ambas as mãos. Quando Christo quiz instituir este Sacramento Divinissimo, ou fazer este milagre, nota o Evangelista amado, que sabia o Senhor, que seu Eterno Pay lhe tinha posto nas mãos a Omnipotencia pera fazer tudo, o que quizesse: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus*: Notai, que não diz em huma mão; mas em ambas as mãos: *In manus*; porque pera fazer este milagre, pa-

rece que não bastava hum dedo; nem bastava huma so mão; ambas as mãos eram necessarias à Omnipotencia: *Omnia dedit ei Pater in manus*.

2 E se cessáraõ os milagres da Omnipotencia com este milagre; tambem cessaram os prodigios do amor com este prodigio. Os prodigios do amor de Christo foraõ sua Encarnação, sua morte, & sua gloria, & o Divinissimo Sacraméto. Assim o nótu devótissimamente S. Thomas: *Se nascens dedit socium, se moriens in pretium, convalescens in edulium, se regnans dat in præmium*. No nacimiento se fez nosso companheiro; morrendo se fez nosso preço: reinando se faz nosso premio: Sacramentandose se faz sustento nosso: *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus*. Mas o prodigio do amor em que se nos deu por companheiro na Encarnação, & nacimiento. *Se nascens dedit socium*: o prodigio do amor, em que se nos deu por preço na morte: *Se*

moriens in pretium; & o prodigio do amor, em que se hade dar por premio na gloria: Se regnans dat in premium, cessaram, ou cessam a vista daquelle prodigio, em que no Sacramento se nos dá em alimento: Convescens in edulium: Caro mea verè est cibus. E quem tam liberalmente se nos dá no Sacramento, não nos negará a graça, se a pedimos por intercessão da Virgem Senhora:

AVE MARIA.

§. II.

Caro mea, &c.

3 **N**O capitulo sexto de suas revelações vio o Evangelista Profeta quatro Cavalleiros montados sobre diversos ginetes, que em galhardo desafio contendiaõ na velocidade da carreira, quem havia de levar o prego, & a coroa. O primeiro sahio em hum cavallo pombo, que na candura vencia as neves, & na ligeireza aos ventos: O se-

gundo vinha montado em hum cavallo vermelho: o terceiro em hum cavallo negro; o quarto em hum cavallo gemado. Entram os Expositores a explicar: que eram estes cavalleiros. E respondem com Santo Ambrosio, Ansberto, Aretas, & Arias, que era Christo, o que fazia todas estas figuras: *Horum omnium unus, & idem sessor Dominus.* E que os ginetes significam os diversos mysterios da vida de Christo: Mas que mysterios? Varios os explicaõ variamente fundando o seu pensamento na significação das cores, que vestiaõ os cavallos. Mas a nosso intento hum Expositor moderno tomando a significação dos quatro animaes, que assistiaõ ao trono, & correspondiam aos cavallos: diz, que o primeiro vivente, que era leam, correspondia ao cavallo branco, em que se representava o mysterio da Eucharistia: *Equus primus albo insidens equo, Christum in Eucharistia, ubi albis accidentibus inest, significat.* O segundo vivente, que

que era novillo, corresponde ao cavallo vermelho, em que se representa o mysterio da paixão, & morte de Christo. O terceiro vivente, que era homé corresponde ao cavallo preto, que significa o mysterio da Encarnação. O quarto vivente, que era Agnia corresponde ao cavallo gemado, em que se representa o mysterio da resurreição.

4. Supposta assim esta explicação dos cavallos, & do Cavalleiro, que o Cavalleiro he Christo, & os cavallos os mysterios principaes da vida de Christo; isto he sua Encarnação, sua morte, sua resurreição, & o Sacramento Sãtissimo da Eucharistia; bem se deixa ver, que a competencia não era de pessoa a pessoa; porq̃ a pessoa de Christo he huma só, & de si pera si não ha competencia; mas que era de mysterio à mysterio: competiam entre si os mysterios da vida de Christo, qual havia de levar a palma, & a coroa? Ea quem se deu a palma? & por quem se declarou a vi-

storia? isto nos dirá o Evangelista; porque fallando de Christo montado no cavallo branco, isto he no mysterio da Eucharistia, diz assim: *Et ecce equus albus,* & *qui sedebat super illum, habebat arcum,* & *data est ei corona,* & *exiit vincens, ut vinceret.* Apareceo hum cavallo branco, diz S. Joáo, & o cavalleiro tinha hum arco; & foilhe dada huma coroa; & sahio vencedor pera vencer. Ha maior singularidade! Christo em todos os mysterios de sua vida foi sempre vencedor, nunca vencido; pois porque fo no mysterio da Eucharistia se lhe deu a coroa de vencedor: *Data est ei corona?* O mesmo texto nos da a rezam: *Exiit vincens, ut vinceret.* Sahio vencedor pera vencer. Nos outros mysterios sahio vencedor, mas não pera vencer. No mysterio da Encarnação sahio vencedor; porque venço a magestade de filho de Deos pera se fazer filho do homé; mas não sahio pera vencer o amor da morte; porque ainda he problema:

D. qual

qual foi maior fineza: se encarnar, se morrer? No mysterio da morte sahio vencedor; porque triumphou, como diz S. Paulo, do poder do inferno: mas não sahio pera vencer o amor da resurreição; porque se morreo, foi pera resuscitar, & pera nos resuscitar consigo à gloria. No mysterio da resurreição sahio vencedor; porque venceo com sua resurreição o imperio da morte; mas não sahio pera vencer; porque depois de resuscitado se havia de auzentar da terra pera o ceo: porem no mysterio do Sacramento sahio vencedor pera vencer; porque neste mysterio venceo tudo, o que venceo nos outros mysterios; & venceo aos mesmos mysterios. Na Encarnação venceo a Magestade; & no Sacramêto venceo a Magestade; & venceo a Encarnação: na morte venceo o inferno; & no Sacramento venceo o inferno, & venceo sua mesma morte. Na resurreição venceo a morte, & no Sacramento venceo a morte, & venceo a

resurreição. Por isso diz o Evangelista, que sahira vencedor pera vencer: *Exiit vincens, ut vinceret*: & por isso mais neste, que nos outros mysterios de sua vida lhe foi dada a palma, & a coroa: *Data est ei corona*.

5 Mas em que esteve esta victoria do mysterio do Sacramento sobre os outros mysterios? Digo, q̄ nos outros mysterios seguiu o amor de Christo as leys da fineza conforme a arte; & no Sacramento sahio das leys, & da arte a fineza. Plutarcho disse, que o Amor ensinava a Musica: *Amor musicam docet*: & nesta musica fazem as vozes os dezejos, as ansias as figuras, as esperanças os tempos, & o compasso o amor: mas ha na musica huns primores, a que os professores da arte chamaõ fantasias, & famaquelles pontos, & passos, que sahem fora da regra, & vão sobre toda a arte; & este foi o primor; & a fineza do Sacramento, foi fantasia de amor. E achalahemos na Escriitura Sagrada? Poderá ser.

fer.

Zach.
10.

6. No cap. 10 diz assim o Profeta Zacharias: *Petite à Domino pluviam in tempore serotino, & Dominus faciet nives.* Pedia Deos a chuva no tempo tardio; & o Senhor fará neves. Os 70 Interpretes lem: *& Dominus faciet phantasias.* E o Senhor fará fantasias. Mas que chuva? Que tempo tardio? Que fantasias? S. Jeronimo diz, que esta chuva, que o Profeta exhorta, que peçam ao Senhor, he Christo; a que as Escrituras dam este nome: *Rorate celi desuper, & nubes pluant justum:* orava Isaias pedindo o nascimento de Christo; & a Igreja alludindo ao vello de Gedeam, diz que deera Christo como chuva: *Sicut pluvia in vellus descendisti:* o tempo tardio he o da ley da graça; tam tardio, que primeiro q̄ chegasse passaram quatro mil annos, dous mil da ley natural, & dous mil da ley escrita. E quaes foraõ as fantasias, que fez o Senhor? O mesmo S. Jeronymo diz; que verteram os setenta em

lugar de neves fantasias, pera explicarem a grandeza da graça, & excessõ da liberalidade, que o Senhor havia de uzar com seus fieis nestes ultimos tempos do Evangelho. Estã bem, mas em que mysterio fez o Senhor estas fantasias? Em que mysterio havia de ser (respon- de o Veneravel Padre Joã Eusebio) senãõ no mysterio da Eucharistia; neste mysterio fez as fantasias sua fineza; porque neste mysterio foi o amor sobre toda a arte, & fora de todas as regras, & leys do amor. Nos outros mysterios seguirãõ suas finezas os compassos do amor: mas no Sacramento fez as fantasias; porque aqui excedeo tanto as leys da fineza, que foraõ sobre toda a imaginaçãõ.

L. 2. do
Prodi-
gio do
D. A.
mor c.
1. § 1.

Isai.
45. 8.

7. Notavel couza he, q̄ depois de Christo dizer, q̄ seu corpo era verdadeiro alimento; & seu sangue verdadeira bebida, *Caro mea verè est cibus; & sanguis meus verè est potus;* fosse tam mal ouvida esta fineza de muitos de seus Discipulos;

que julgaram a doutrina por escandalosa, & por dura a proposição; & indigna totalmente de credito: *Durus est hic sermo; & quis potest eum audire?* E deixando ao Divino Mestre se retiraram de sua escola. Mas esperai, homens incredulos, & ingratos, esperai. Este Senhor, & Mestre Divino, não tem ensinado, que he o Unigenito filho de Deos; & que decendo do Ceo unio a si a natureza humana pera morrer entre os homêes? *Sic Deus dilexit mundum, ut filium suum Unigenitum daret?* Não tem ja ditto, que ha de ser levantado em huma Cruz, aonde com sua morte hade dar vida ao mundo: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita exaltari oportet filium hominis?* Não tinha ja fallado, na gloria de sua resurreição, quando disse: *Soluite templum hoc, & in tribus diebus excitabo illud.* Assim era, ja Christo tinha ensinado todos estes mysterios. Pois se nenhuma destes mysterios vos parece incrível; se vos não escandaliza-

is de ouvir, que Deos se fez homê; se vos não parece couza dura crer, que Deos ha de morrer em húa Cruz; se vos accomodais a sentir, que hum homê, sehem juntamente Deos, morto a tormentos, se hade levantar glorioso de huma sepultura; quando diz, que hade dar a comer seu corpo, & a beber seu sangue; porque fechais os ouvidos; porque vos parece tam dissonante esta musica, que a não podeis ouvir: *Durus est hic sermo: Et quis potest eum audire?* Ahi vere-

Joan.
6.31

Joan.
13.

Joan.
3.14.

§. III.

aos mortaes. Ouviram dizer ao Divino Mestre, que havia de resuscitar tres dias depois de sepultado, pera levar consigo à gloria aos homês; & não avaliaraõ por impossivel a fineza; porque ainda que eraõ finissimas estas finezas, não eram maiores; que sua imaginaçãõ, cabiam nella. Mas tanto que ouviram dizer, que o mesmo Deos havia de fazer prato de seu corpo: *Caro mea verè est cibus*. Aqui foram os escandalos, aqui os impossiveis, aqui o desemparrar a escola, & o mestre, que isto ensinava: *Durus est hic sermo, & quis potest eum audire*; porq̃ como o Sacramento foi a fantasia do amor, não lhe coube a elles na imaginaçãõ: nem ainda nos ouvidos: *Ecquis potest eum audire?* Assim habio o amor do Sacramento fora de todas as regras da fineza, que os seus excessos foram fantasias: *Et Dominus faciet phantasias*. Mas façamos a comparaçãõ em particular, pera que se vejaõ mais suas fantasias.

8 O primeiro mysterio, em que se nos deu Christo a si mesmo foi o da Encarnaçãõ, & Nascimento, & a fineza, que ponderava Santo Thomas neste mysterio, he, que se nos dera por companheiro: *Se nascens dedit socius*. Eu não nego, nem posso negar, que decer Deos do Ceo a terra, vestir o grosseiro sacco de nossa humanidade pera nos fazer companhia, deixando no Ceo innumeraveis Espiritos Angelicos, que o acompanhavaõ, & lhe assistiaõ no trono de sua gloria, foi huma excessiva fineza de amor; mas não foi fantasia de amor; foi fineza, sim; porque se fez semelhante à nos vencendo pera isso a distância infinita, que havia entre o homê, & Deos; mas não foi fantasia de amor; porque não foi sobre as regras da fineza. E a rezaõ he, porque supposto, que Deos amava tanto ao homê, que pertensam mais natural a quem ama, que viver em companhia do ama-

do? Que ansia mais executiva pera vencer as difficuldades, que se podem oppor ao logro desta pertensam? Pouco sabe da arte, que assim o não entende. Logo o encarnar o filho de Deos, & fazer-se homẽ pera viver em companhia dos homens ainda que foi fineza de amor, não foi fantasia da fineza.

9 Mas que este mesmo Senhor nos fizesse iguaria de seu corpo, & de seu sangue nos compuzesse o Caliz; Que nos desse a comer sua propria carne, & a beber seu proprio sangue, em que regra, ou em que ley de fineza pode caber? Que hum homẽ seja Deos, bem entendo a gentilidade, que podia ser, quando supersticiosamente adorou a tantos homẽs por Deoses; mas que hum homẽ, coma a Deos, so o podia fazer a fantasia da fineza. Quando Moyses la no deserto quis mostrar ao ingrattissimo povo, que o novilho de ouro, a quem rendera adorações não era, nem podia ser Deos, que he o q̃ fez? Diz o Texto, que toma-

ra o novilho, que o queimara, que o fizera em pô, & o dera a beber aos filhos de Israel: *Arripiens vitulum, cõ-* Exod. 32. 20.
bussit, & contrivit usque ad pulverem, quem sparsit in aquam, & dedit ex eo potum filijs Israel. Estranha diligẽcia! Que pertende Moyses? Que conheça aquelle povo a falsidade do Deos, que adoravaõ: Pois beberem as cinzas da Divindade, he ademonstração, que Moyses faz pera destruir a opiniaõ, que aquelles homẽs tinhaõ della? Sim. Pareceolhe a Moyses tam alheio, ou tam contrario a Divindade que os homẽs a comeessem, ou a bebessem ainda que fosse em pôs de ouro, ou em ouro em po, que se persuadio, que bastava aquella demonstração pera apear da Divindade ao novilho, & defenganar aquelle povo, que não era Deos, o que bebiaõ em huma taça. Mas ah Moyses, quem vos dissera entam, que dahi a mil, & quinhentos, & trinta annos havia o verdadeiro Deos dar seu sangue a beber aos homẽs: *Sanguis meus*

meus verè est potus; & não fo a beber o sangue; mas a comer sua carne: Caro mea verè est cibus. Mas isto que não coube entaó no pensamento de Moyfes, coube depois na fantasia do amor. E nisto mesmo mostra com maior evidencia sua Divindade, que se nos dá em alimento: do q̄ mostrou em se nos dar por companheiro.

10 Na tarde do dia da resurreiçãõ caminhavaõ dos Discipulos de Jerusaleme pera Emaús: ajuntou selhe Christo por companheiro no caminho; explicoulhe as Sagradas Escriitturas, em q̄ se fallava do mesmo Senhor; & diz o Evangelista, que tinhaõ os olhos prezos pera o não conhecer: *Oculi eorum tenebantur, ne eum agnoscerent.* Chegaraõ ao Castello, sentaraõ se à meza; tomou Christo o pam nas maõs, lançoulhe a sua bençaõ, & deu aos dous Discipulos: *Acceptit panem, & benedixit; ac fregit, & porrigebat illis.* E que succedeo? *Aperti sunt oculi eorum, & cognoverunt eum.* Abriraõ selhes os olhos,

& conheceraõ-no. Pois agora? Quando se fez seu companheiro na jornada, não se lhe abrem os olhos pera o conhecer; quando sentados à meza sim: no caminho não; na meza, sim? Ahi veréis a differença de se dar Deos por companheiro, a se dar por sustento, & alimento nosso. No caminho fez se companheiro dos dous Discipulos; & não bastou a cõpanhia pera abrirem os olhos, & o conhecerem: *Oculi eorum tenebantur, ne eum agnoscerent.* Na meza deuse por sustento, porque se deu Sacramentado, & tanto, que o receberam no Sacramento logo se lhe abriram os olhos, & o conhecera n: *Aperti sunt oculi eorum, & cognoverunt eum.* O que não fez a companhia de Christo, fez Christo com o Sacramento; porq̄ huma fineza de amor, que sahe tanto das leys, & da arte de amar, a quem não ha de abrir os olhos pera conhecer, & adorar a Divindade, de quem se da em manjar aos amados: *Caro mea verè est cibus.* Cesse logo o prodigio,

da Encarnação, & Nacimẽto porque se neste mysterio se nos deu por companheiro: *Se nascens dedit socium:* no Sacramento se nos dá por iguaria: *Convencens in edulium.*

§. IV.

II O outro prodigio do amor de Christo foi sua morte, em que se deu por preço de nossa redenção: *Se moriens in pretium.* Grande fineza; & que parece o ultimo primor a q̄ pode chegar a arte, conforme o texto de Christo: *Maiorem Charitatem nemo habet, quam ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* Não pode adlegar-se mais a fineza, que a dar a vida pellos amigos. A ley do amor manda, que eu ame a meu proximo, como a mim mesmo; mas não me manda, que o ame mais; & chegar a dar a vida pello amigo he amar mais o amigo, que a vida: logo parece, que esta he a ultima raya, a que pode chegar a fineza. E que passar daqui não será so fi-

neza, mas fantasia de amor. Pois daqui passou o amor do Sacramento.

12 Que fez o amor da Cruz? Deu a vida por preço de nossa redenção; mas isto foi huma so vez: *Hoc enim fecit semel;* diz S. Paulo: & com isto satisfez a ley da maior fineza; porque em morrer por nos, nos amou mais, que a si mesmo. Aqui parou o amor da morte, como na ultima raya; mas não parou aqui o amor do Sacramento, porq̄: anelou as fantasias da fineza. Por se a cuidar como nesta parte podia ir sobre esta arte, & ley do amor; & como não podia dar maior preço por nossa liberdade, inventou modo pera repetir eternamẽte este mesmo preço; & assim offerece o mesmo corpo, & o mesmo sangue, que huma vez derramou na Cruz infinitas vezes no Sacramẽto. Na Cruz foi a redenção temporal; porque se consummou com a morte; no Sacramento he eterna; porque hade durar ate o fim dos tempos. Assim he chamou o melhor inter-
prete

prete do Sacramento S. Paulo: *Introivit semel in sancta aeterna redemptione inventa.* Que ainda que alguns explicam este lugar da redemção da Cruz; outros o explicação da redemção do Sacramento. E notai a propriedade daquelle verbo: *Inventà*: achada: os latinos fazem distincção entre as significações destes dous verbos: *Invenio*, & *reperio*; porque ainda que ambos significação achar; *Invenio*, significa achar o q se buscou com cuidado; & *reperio* achar a cazo, o que se não buscou de proposito: *Tu non inventa reperta es*, disse o outro latino de Proserpina, que buscada com grande ansia da mãy, não foi achada; & foi achada, quando a não buscavaõ. Supposta esta distincção de significações, não diz S. Paulo, *Reperta*, mas *Inventa: aeterna redemptione inventa*; porque esta redemção do Sacramento foi achada com estudo, com cuidado, com ansia; porque não era so amor, era fantasia de amor, a que a buscava. Repetire-

ternamente no Sacramento a morte, que huma vez padecco na Cruz; invento era, que pedia muito cuidado ao amor.

13 Assim o significou, o mesmo Deos na figura mais expressa da morte, & do Sacramento. A figura em que mais ao vivo se representou a morte de Christo, & o Sacramento do altar foi o Cordeiro Paschoal; foi figura da morte; porque se matava; & foi figura do Sacramento porque se comia. Lede agora o cap. 12. do Exodo, & notareis, que mandava Deos a seu povo, que pera agradecimento do beneficio, que lhes fazia em lhes quebrar os ferros do cativeiro, que padeciam em Egipto, mattariam hum Cordeiro, & o comerião. Mas he notavel o numero das ceremonias; com que o mandava comer; Que o comeriam assado ao fogo; & de nenhum modo cozido; que não guardariaõ nada delle pera o dia seguinte; que se ficassem algumas reliquias, as queimariam no fogo; que quando o comessem

fem estariam com as roupas na cinta, com os pés calçados, com bordoês nas mãos; & que o comeriam a pressa, & com hervas amargas. Quando eu li este ritual de ceremonias, com que se havia de comer o cordeiro, cuidei que seria mais largo o das ceremonias, com que se havia de matar; mas lendo huma, & outra vez aquelle capitulo, não achei huma so palavra do modo, que devia guardar em matar o cordeiro. Não vos parece digno de reparo este cuidado, & este descuido, este descuido na morte do cordeiro; & este cuidado no comer do mesmo cordeiro: Tanto cuidado em como se havia de comer; & nenhum cuidado, em como se havia de matar? Era menor o mysterio da morte, que o da meza? Eu não sei: o que sei he, como ja disse, q o cordeiro morto representava a Christo em sua morte; & o cordeiro comido representava a Christo no Sacramento; & o Sacramento levou tanto as attenções a Deos, que pare-

ce lhe não ficaraõ nenhũa pera a morte: na morte não fahio o amor das leys; da fineza: no Sacramento foi a fineza sobre todas as regras do amor; por isso ao Sacramento deu todo o cuidado; todo o desvelo, & todas as attenções; porq não fazia o Sacramento so pera ostentação do amor; mas pera fantasia da fineza: *Et Dominus faciet phantasias.*

14 Mas eu não posso deixar de cõtrapor este cuidado de Deos ao nosso descuido, ainda que seja de caminho. Deos teve tanto cuidado em ajustar as ceremonias, com que se havia de comer o cordeiro, que era huma figura do Sacramento; & que cuidado, que disposição, que attenções nos leva o Sacrameto quando o chegamos a comer? Se o dia fora mais desembaraçado, cõ muito gosto me detivera em vos dar huma meditação sobre esta materia; que a inculcaõ admiravelmente as ceremonias do cordeiro. Dividamos o trabalho por abreviar. Eu as apontarei, vos as estudai

estudai pera as discorrer. Primeiramente aquelle fogo em que se assava o cordeiro, que outra couza era, senão o abrasado amor, com que o Divino Cordeiro nos preparou de seu corpo esta iguaria? As roupas na cinta, ou apertadas, que nos ensinão senão a pureza do corpo, & alma, com que devemos chegar aquella Sagrada meza: *Lumbos præcingimus, cum carnis luxuriam per continentiam coarctamus*, diz S. Gregorio. Aquelles baculos, ou bordoês nas mãos, que nos persuadem, senão que havemos de chegar como peregrinos, que por isso se chama também viatico o Sacramento. Calçados havemos de chegar, porque livres da servidaõ, & cattiveiro da culpa, que era o calçado antigamente sinal da liberdade. Aquellas hervas amargas, que nos inculcaõ, senão a dor, a compunção, & o arrependimento de ter offendido a infinita Bondade dignissima de infinito amor. A pressa com que se come, que nos indica, senão

o dezejo, & a ansia, com que havemos de suspirar por caminhar com toda a pressa pera a terra promettida, isto he pera o Ceo nossa patria. Finalmente a cautela, com que Deos mandava, que não guardassem nada pera o dia seguinte, nos aviza, que comunguemos com tal cuidado neste dia, que nos descuidemos do dia de amanhã, comõ se este dia fosse o ultimo de nossa vida.

15 Com estas ceremonias, ou com estas consideraçõs se deve comer este Divino Cordeiro; mas não sei se se come assim: As nossas vidas mostraõ, que não. Tanta comunhaõ, & nas vidas tam pouca emenda? Os mesmos vicios, & as mesmas inclinaçõs que levamos, trazemos daquella meza? Que quereis que diga? Senão, q̄ ainda que com a fê confessamos a real prezêça de Christo no Sacramento, com as obras a negamos. Depois de partido Elias pera o Ceo, chegou Elizeo com a capa q̄ lhe ficara de seu Mestre ao rio Jordam, & querendo-o passar,

4. Reg.
2. 8.

passar, ferio com a capa as agoas, pera que dividindo-se lhe abriffem o passo franco; mas as agoas seguindo seu curso natural não obedecerão ao golpe: *Percussit aquas, & non sunt divisæ.* Attonito Elizeo de ver, que as agoas se rebollavao aos acenos da capa, exclamou: *Ubi est Deus Elia etiam nunc?* E aonde está agora o Deos de Elias? Aonde está Profeta? aonde a fê vos ensina que está: aqui como em toda a parte. Pois se o Profeta sabia pellas noticias da fê, que Deos estava alli; como o mostra duvidar: *Ubi est?* Porque se Deos estava naquella capa, como não paravao as agoas? Como seguiam do mesmo modo suas correntes? Isto he o que podia fazer duvida a Elizeo, ainda que a fê otivesse maõ pera não duvidar: *Ubi est Deus Elia etiã nunc?* Aquella capa, diz S. Drogo Bispo de Ostia foi figura do Sacramento: *Remansit ei pallium tuum in memoriam tui, hoc est, Sacramentum corporis tui.* Mas ah, que se a fê me não ensinara, que com a

quella capa dos accidentes se disfarça no Sacramento a verdadeira Divindade, quantas comunhoes me podiam fazer vacillar nesta verdade! Se vejo, que tocamos tantas vezes, & não só tocamos, mas entranhamos em nos mesmos não a capa de Elias; mas o Sacramento do corpo, & sangue de JESU Christo; & que não param as correntes de nossos vicios; antes com maior pezo nos despenhaõ nossas viciosas inclinaçoës; como não heide exclamar com Elizeo: *Ubi est Deus Elia etiã nunc?* A fe me obriga a confessar, que alli está; & assim o creio: mas vivemos depois de cõmungados de forte, que he necessario muita fê pera o crer. Ora ja que comemos a Deos; ja que nos sustentamos de Deos, quando não sejamos Deoses, sejamos Sãtos, pera pagarmos a Deos esta fantasia de seu amor, em que quiz ser alimento nosso: *Caro mea verè est cibus: Convescens in edulium.*

§ V.

16 O ultimo prodigio do amor, em que Deos se dá ao homê, he a gloria: & a fineza, que encarece Santo Thomas, he que se nos dá por premio: *Se regnans dat in premium*. Grande fineza, que o mesmo Deos seja o premio de nossos merecimentos. O premio não pode ser maior, & se o amor se mede pella dadiva, parece que não pode ser maior o amor, porque não pode ser maior a dadiva. Mas ainda assim digo, que o amor da gloria não he fantasia de amor: fineza sim, fantasia não. E porque? pella mesma rezam, que he premio. O premio suppoem merecimento, & o merecimento induz obrigação de justiça; & o amor he graça, não he justiça. Deos em se dar aos homê na gloria mais he juiz, que amante. Expressamente S. Paulo. Falla S. Paulo da gloria, & diz assim: *Reposita est mihi corona justitiae, quam reddet mihi Dominus in illa die justus iudex*. Estame guardada huma

coroa de justiça, a qual naquelle dia ultimo me hade pagar o Senhor, como justo juiz. Notaí, que não diz S. Paulo, como Senhor amante, se não como juiz justo; porque a coroa da gloria não a dà Deos tanto pera satisfazer a seu amor, quanto pera satisfazer a sua justiça. Eu bem sei, que esta justiça, com que nos dá a gloria, tem seu principio no amor, com que nos dá a graça; porque se nos não desse como amante a graça, não nos podia dar a gloria como justo: mas considerada precisamente a gloria, não he puramente amor, porque he premio.

17 Porem o Sacramento he puramente amor sem mistura de outro affecto. E não so he amor, mas fantasia de amor em respeito do amor da gloria. E em que está esta fantasia do amor no Sacramento? Em que se a gloria se compra; também se compra o Sacramento; mas com esta differença, em que a gloria compra se compra com preço; & o Sacramento compra se sem preço. A gloria com

com preço, que fani os mer-
recimentos; o Sacramento
sem preço. Ouvi hum texto
a Iaias. Falla o Profeta no
cap. 55. do Divinissimo Sa-
cramento como sente S. Je-
ronymo, S. Cyrillo, Proco-
pio, Castro, & outros; & diz
assim: *Venite, emite absque
argento, & absque ulla com-
mutatione vinum, & lac*: Vin-
de, & comprai sem prata, &
sem outra alguma permuta-
çam o vinho, & o leite. Vin-
de, & comprai; mas não tra-
gais preço: Ha tal contrato
de compra! O contrato de
compra, como, definem os
Juristas, *Est conventio pretij
pro merce*: He convenção, ou
ajustamento do preço pella
mercadoria: logo sem pre-
ço, não pode haver compra.
Pois como nos exhorta o
profeta a que compremos
sem preço: *Emite absque ar-
gento, & absque ulla commu-
tatione*? Direi. Os mesmos
Juristas distinguem dous ge-
neros, ou duas sortes de có-
pra: huma real, & verdadei-
ra; outra imaginaria, & fan-
tastica: a real, & verdadeira,
he, aquella, em que dou o

preço pella jóya: a imagina-
ria, & fantastica, he aquella
em que sem preço adquiro
a jóya a titulo de compra.
Esta he a compra do Sa-
cramêto? Na gloria ha com-
pra real, & verdadeira; no
Sacramento ha compra ima-
ginaria, & fantastica: na glo-
ria ha compra real, & verda-
deira, porque ha preço ver-
dadeiro, que são os mercci-
mentos; no Sacramento ha
compra imaginaria, & fan-
tastica, porque não ha pre-
ço. E quem podia fazer, que
no Sacramento houvesse
compra fantastica, senão a
fantasia do amor?

18 Ora vede como. Não
ha amor, que senão preze de-
mui liberal, & se não he libe-
ral, dizeis, que não he amor.
E qual he o intento do amor
nestas suas liberalidades?
Não ha duvida, que he o-
brigar ao amado; quanto
mais ama, mais dá; & quan-
to mais dá, mais pertende o-
brigar: esta he a ley do amor,
dar pera obrigar: logo o a-
mor, que sabille desta regra,
& fosse sobre esta ley, ja fe-
ria sobre fineza, fantasia de
fine-

fineza. Pois isto faz o amor do Sacramento: não dá pera obrigar, dá pera desobrigar; por isso se chama compra: *Emite*. Comprais a joya a o artifice; pagaishe o preço della; ficais com a joya, & sem obrigação nenhuma a quem a védeo. Eis ali a fantasia do amor no Sacramento: se se dera a titulo de dadi-va, dera se pera obrigar: mas como se dá a titulo de compra, da se pera desobrigar. Se se dera a titulo de da vida fora fineza, que seguia o compasso do amor; mas da se a titulo de compra, porque he fantasia, que sahe da regra, & vay sobre todas as leys da fineza: *Dominus faciet phantasias.*

19. Estas sam as fantasias da fineza, que o amor de

Christo executou, & exercita dandonos seu corpo em iguaria, & em bebida seu sangue: *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus.* Pois assim como à vista deste milagre cessaram os outros milagres da Omnipotencia: *Facta cena, cessavit patratio miraculorum:* assim à vista deste prodigio cessam todos os outros prodigios da fineza, o da Encarnação, o da morte, o da gloria: o da Encarnação; porq̃ no Sacramento a ampliou mais o amor: o da morte; porque no Sacramento a repetè infinitas vezes a fineza; o da gloria, porque no Sacramento temos por penhor da gloria o mesmo Senhor da gloria, &c.



SERMAM



SERMAM DO SACRAMENTO

Qui manducat hunc panem, vivet in eternum.

Joan. 6.

§. I.

Emos hoje a maior festa na casa do maior Santo: a festa he do Sacramento; a casa he de S. Pedro; & nem a festa pode ser maior, nem pode ser maior o Santo a festa não; porque he festa da primeira cabeça; o Santo tambem não; porque he a cabeça primeira. Mas se S. Pedro he depois de Christo a primeira cabeça da Igreja, como he a Igreja de S. Pedro a ultima, em que se faz festa ao Sacramento? Não se pode negar, admirar sim o glorioso empenho, com q̃ esta Augusta Cidade celebra os merecidos applausos deste augustissimo mysterio; & fazendo hum luzido circulo por todos os seus templos, o vem finalmente a fechar nesta do Principe dos Apostolos.

Ios. E cuidava eu, que aqui aonde acaba, havia de começar. Quem cuidais, que foi o primeiro Juiz, ou Mordomo (como lhe quizerdes chamar) do Sacramento? Ainda o não sabeis? Pois sabeis, que foi S. Pedro. Não he consideração de Pregador, hê Evangelho de S. Lucas. Quando Christo nas vesperas de sua morte houve de instituir pera maior demonstração de seu amor, & allivio singular de nossas faudades o Divinissimo Sacramento, mandou a Jerusaleem dous Discipulos, a quem encomendou o ornato, & asseo da sala, (que entam, & depois servio de templo) em q se havia de celebrar a primeira festa ao Sacramento. E quem eram estes dous Discipulos, que Christo mandou? Diz S. Lucas, que eram Pedro, & João. *Misit Petrum, & Joannem dicens: Euntis, parate nobis Pascha, ut manducemus.* Vedes, como S. Pedro foi o primeiro, a quem Christo encomendou esta festa? E porque lhe deu por companheiro a S.

João? Porque se Pedro era o Principe de sua Igreja, João era o secretario de seu amor: & pera os applausos do Sacramento não admitte S. Pedro outro companheiro, q o secretario: *Misit Petrum, & Joannem.*

2. Pois se S. Pedro foi o primeiro a quem Christo encomendou a festa do Sacramento, como agora he o ultimo, que ao Sacramento faz a festa? La o primeiro, & ca o ultimo? Sim; & não he menor gloria ser ca o ultimo, como ha ser o primeiro. Ser o primeiro, & ser o ultimo he ser principio, & he ser fim: & que privilegio mais singular de Pedro, q ter o titulo mais glorioso de Christo. La dizia Christo no *Apoc. pocalypse; Ego sū Alpha, & Omēga, Principiū, & finis.* Eu sou principio; porq sou o primeiro; sou fim, porque sou o ultimo; sou o primeiro; porque a tudo dou principio: sou o ultimo; porque sou o fim de tudo. O mesmo pode dizer Pedro, senão em ordem a tudo; em ordem a festa do Sacramento: *Prin-*

E- cipium,

cipium, & finis: Principio, porque fui o primeiro, que celebrei a festa ao Sacramento: fim; porque sou o ultimo, que ao mesmo Sacramento faço a festa neste meu templo.

3 E tem muita razam S. Pedro pera se empenhar muito nesta festa. E porque? Porque conio Supremo Pastor tem obrigação de dar pasto à suas ovelhas; assim lho intimou Christo, quando depois de examinar seu amor, lhe deu com a dignidade de Pontifice o officio de pastor: *Pasce oves meas*. E que pasto mais regalado, que o Divino Sacramento da Eucharistia. Pam de vida, & vida Eterna lhe chama o mesmo Senhor Sacramentado: *Qui manducat huc panem, vivet in aeternum*. E supposto que o Sacramento he pam de vida, não sayamos deste assumpto; & examinemos pera maior gloria deste glorioso mysterio, que vida he, a que temos no Sacramento. A fonte da graça está patente, chegemos a ella por intercessão da Se-

nhora.

AVE MARIA.

§. II.

*Qui manducat hunc panem,
vivet in aeternum.*

4 **N** As rodas da carroça, em que navegava a gloria de Deos, diz o Profeta Ezequiel, que estava o espirito da vida: *Spiritus vitae erat in rotis*. Naquella roda, ou circulo nevado, em que a gloria de Deos, melhor que na carroça de Ezequiel, se ve hoje tronizada, temos tambem o espirito não so da vida; mas das vidas. Pera intelligencia, & explicação desta gloriosa verdade, havemos de luppôr com os Filosofos, que o homé não tem huma só vida, mas tres vidas; tem vida vegetativa, tem vida sensitiva, tem vida racional: tem vida vegetativa, que o faz crescer; tem vida sensitiva, q o faz sentir; tem vida racional, que o faz entender: com a vida vegetativa crece, como

mo as plantas; com a vida sensitiva sente como os animais; com a vida racional entende, como os Anjos. A esta Filosofia alludio o Grande Poeta Latino, quando disse, que a Deosa Feronia dera tres vidas a Herilo seu filho. *Nascenti cui tres animas Feronia mater*

(*Horrendum dictu*) *dederat.*

5. Mas pera que he de termonos em outras authoridades, se temos a maior de todas. Depois que Deos formou de barro aquella esttua, que depois se chamou Adam, diz o Texto: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ*. Que lhe soprara no rosto o espirito de vida. No texto Original, que he o Hebreo, está: *Spiraculum vitarum*. O espirito de vidas: & explicam os Expositores, que estas vidas sam as mesmas, que diziamos: Vida vegetativa pera crescer; vida sensitiva pera sentir, vida racional pera entender. Crecer sem sentir, he das plantas; crescer, & sentir sem entender, he dos brutos; entender sem crescer, & sem sentir,

he dos Anjos; crescer, sentir, & entender he dos homês. Isto supposto, digo, que no Divinissimo Sacramento do altar, como em pan de vida temos tres vidas: temos a vida vegetativa pera crescer; temos a vida sensitiva pera sentir; temos a vida racional pera entender: por isso os Christaõs na primitiva Igreja chamavaõ ao Sacramento por antonomasia Vida. Começemos pois pella vida vegetativa.

§. III.

6. A vida vegetativa, como temos ditto, he a que faz crescer, ate que o vivente chega àquelle estado, a q̄ chamaõ de consistencia os Filosofos. Nace no campo, ou no jardim junto a huma fonte huma varinha ao principio tam tenue, & tam delgada, que a penas se deixa ver; vay occultamente estendendo as raizes, que pera comer na terra sam dentes, & pera beber na fonte sam esponjas: & a varinha crece, mas ninguem o ve; engrossa,

mas ninguem o sabe; sobe, mas ninguem o sente; & a q̄ hontem era huma varinha quasi invisivel, hoje he ja huma arvore pomposa, estende tanto os braços, que parece quer apertar entre elles toda a esfera do ar; levanta tanto os ramos, que cuidareis, que affecta enxertallos nas estrellas; dilata tanto as folhas, como se formara escudos pera rebater os golpes, que no estio lhe atira o Sol com seus rayos; na primavera se enfeita de tantas flores, que direis choveo sobre ella as suas perolas o Oriente; no outono se enriquece tanto de frutos, que dividido o appetite entre o gosto, & a vista, não se determina, à qual dos sentidos lizonjea mais a fermosura de seus pomos. Pomos, flores, folhas, ramos, braços, tronco tudo deve esta arvore a vida vegetativa; esta lhe doutra os pomos, esta lhe pratea as flores, esta lhe bate as folhas, esta lhe sublima os ramos, esta lhe estende os braços, esta lhe tornea o tronco.

7 Não he minha a descripção, he de David no primeiro dos seus Psalmos, aonde na metaphora, ou semelhança de hũa arvore plantada junto à corrente das agoas descreve ao homé justo: *Erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum.* E se me perguntais, que corrente de agoas he esta, aonde o justo, como arvore bebe os alentos da vida vegetativa pera crescer, & se augmentar? Lavre hum diamante a outro diamante, & explique hum profeta a outro profeta, Isaías a David. No cap. 55. convida Isaías à todos pera a meza do Divinissimo Sacramento, & diz assim: *Omnes siti-* ^{Isai:} ⁵⁵⁻ *entes venite ad aquas:* Vinde todos os sequiosos, vinde, & correi às agoas. Neste sentido explica S. Jeronymo ao profeta, & tem rezam pera o explicar assim, pello que logo acrecenta o Profeta: *Properate, & comedite:* Apressaivos, & comei. Se os convida com agoa: *Venite, ad aquas;* como lhe manda, que comaõ: *Comedite:* a agoa

goa come-se? Não: Bebe-se. Pois porque falla hum profeta tam discreto como Isaias com esta que parece impropriedade? porque assim explica mais propriamente o mysterio, de que falla: falla do mysterio do Sacramento; & este ainda que debaxo de huma especie se bebe, debaxo de outra se come: *Qui manducat hunc panem*; por isso ainda que brinda com agoa: *Venite ad aquas*, exhorta o profeta, que comam *Comedite*. Temos logo, que a corrente das agoas, junto das quais plantou David a sua arvore, ou o seu justo, sam as agoas do Sacramento, a que Isaias convida à todos os sequiosos: *Omnes siti- entes venite ad aquas*: & como a arvore nas agoas bebe a vida vegetativa, com que crece, com que engrossa, cõ que frutifica: assim o justo nas agoas do Sacramento tem a vida, que o faz crescer, & augmentar: *Erit tanquam lignum. quod plantatum est se- cus decursus aquarum*. Que bem o entendeo assim, aquelle antigo Patriarcha, a quem

seu Pay deu a benção nas duas substancias, que sam materia deste Sacramento.

8 Estando pera morrer o Patriarcha Jacob, chamou a seus doze filhos, & por despedida lançou a cada hum delles a sua benção. A Ruben seu primogenito deulhe por benção, que não crecesse: *Non creascas*: Que o crescer muito muitas vezes he maldição. A Simeão, & a Levi deulhe por benção o dividillo: *Dividam eos in Jacob, & dispergam eos in Isra-* Gen.¹
el: Que dividir os maos po- 49. 4.¹
de ser arbitrio pera serem &c.
bons; como he industria pera apagar o fogo o espalhallo. A Juda deulhe benção de leão: *Catulus leonis Juda*; Que se traz na cabeça a coroa pera o imperio, nas mãos traz as garras, pera a preza. A Zabulon deulhe por benção o contrato do mar: *Zabulon habitabit in littore maris*: arriscado contrato, q se a agoa o dá, a agoa o leva. A Issachar deulhe a benção de animal de carga: *Issachar asinus fortis*. Que dar o cargo a quem não serve mais q

pera a carga, não he benção, he maldição. A Dan deulhe benção de cobra: *Fiat Dan coluber in via*: Que sabe dar muitas voltas pera chegar onde quer. A Gad deulhe a benção de Soldado: *Gad accinctus præliabitur*. Trabalhosa benção, sempre jugando as armas, & com a vida jugada sempre. A Aser deulhe a benção de abundancia: *Aser pinguis panis ejus*; mas logo lhe deu, quem a comeffe: *Et præbebit delicias regibus*. A Nephthali deubenção de cervo, ou veado, & de grande labia: *Nephthali cervus emissus dans eloquia pulchritudinis*; porque os que tem grande labia pera fallar, tem melhores pês pera fugir. A Benjamí deulhe benção de lobo: *Benjamin Lupus raptax*; furtando o que come, & comendo do contado.

19 Chegou finalmente a Joseph, & disse: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens*: Joseph o filho que cresce, o filho q̄ cresce. Bem estais vendo a diversidade da benção. Se a nenhum dos outros filhos deu Jacob por

benção que crecesse; Joseph porque hade ter por benção o crescer, não huma mas duas vezes: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens?* Foi affeição particular do pay, ou merecimento singular do filho? Foi merecimento do filho. Não vos lembraõ os sonhos de Joseph. Sonhou, que no campo se levantava em alto a sua pavea, & que prostradas por terra as de seus irmaõs a adoravaõ. E q̄ pavea sonhada era esta de Joseph? Diz Santo Ambrósio, que era Christo: está bê; mas em que mysterio? Claro está, que Christo representado em huma pavea de trigo, he Christo nõ mysterio do Sacramento. Mais: Farao rei de Egipto deu a Joseph o nome de Salvador do mundo: *Vocavit eum linguã Egyptiaca Salvatorem mundi*. ^{Gen. 41. 45.} E com que mereço Joseph a gloria deste titulo? Bem sabeis, que foi a providencia com que naquella fome universal acudio com pã ao mundo: & fez Joseph, dizem os Santos a figura do q̄ he verdadeiramente Salvador

dor do mundo, & se converte em pam, ou converte o pam em seu corpo pera sustentar ao mesmo mundo. De modo q̄ duas vezes tratou Joseph do Sacramento; pois por isso he o que crece, não huá, mas duas vezes: *Filius accrescēs Joseph, filius accrescēs*. Crecido duas vezes; porq̄ duas vezes tratou, ainda q̄ em figura este mysterio: mediolhe, o pay os augmentos; & olhou pera o pam; & disse: crescerá Joseph huma vez, porq̄ huá vez sonhou com Christo Sacramentado na pavea: *Filius accrescens Joseph*: & crecerà outra vez; porque outra vez fez a figura de Christo Sacramentado sustentando ao mundo com pam: *Filius accrescens*. Vedes como he proprio do Sacramento o fazer crescer; & como temos no Sacramento a vida vegetativa?

10 Mas não passemos sem reparar no que alguem ja advirtio com bem diferente pensamento. Duas vezes diz Jacob, que creceria Joseph: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens*. E por-

que duas vezes? porque Joseph teve dous modos de crescer; de hum modo crecia de baxo pera cima; de outro crecia de cima pera baxo: crecia de baxo pera cima; porq̄ de menino crecia a mancebo, & de mancebo a varam: crecia de cima pera baxo; porque de varam crecia a mancebo, & de mancebo a menino. O primeiro modo como he natural não necessita de prova; porque assim crecem todos: o segundo modo vos parece mais difficiloso; mas ouvi o texto como lhe gradua a idade. Falla de Joseph o Sagrado texto no cap. 39. do Genesis no n. 2. & diz assim. *Erat vir in cunctis prosperè agens*. Era Joseph hum varam, que em tudo o que punha a maõ, punha Deos a virtude: Mais a baxo no n. 10. *Mulier molesta erat adolefcenti*: a mulher era importuna ao mancebo: Depois no cap. 41. no n. 12. *Erat ibi puer Hebraeus*. Estava alli hum menino Hebreo. Não reparais, que primeiro lhe chama varam: *Vir*; mais adiante mancebo: *adolefscēs*;

& ultimamête menino: *Puer*: quando parece, que havia de começar menino, & acabar varam; começa varam, & acaba menino: não he isto crecer de cima pera baxo? E porque teve Joseph estes dous modos de crecer? porque duas vezes, como ja dissemos, tratou do Sacramento ainda que em figura: & he proprio do Sacramento fazer crecer destes dous modos: faz crecer de baxo pera cima; & faz crecer de cima pera baxo: faz crescer de baxo pera cima; porque dos meninos faz velhos: faz crescer de cima pera baxo; porq̃ dos velhos faz meninos: dos meninos faz velhos; porque dá aos meninos o siso, & a madureza dos velhos: dos velhos faz meninos; porque dá aos velhos a candura, & a innocencia dos meninos.

II Por isso o Profeta *Isaias* no lugar que ja citamos, chamou ao Sacramento Vinho, & leite: *Venite, emite absque argento, & absq̃ ulla cõmutatione vinum, & lac.* Pois o mesmo Sacramento he vinho, & he leite? Sim.

O vinho dizem, que he o leite dos velhos; & o leite o vinho dos meninos: & o Sacramento pera os velhos he vinho, & he leite; & pera os meninos, he leite, & he vinho; pera os velhos he vinho, & leite; porque de velhos os faz meninos; pera os meninos he leite & vinho; porque de meninos os faz velhos.

12 E se eu agora perguntara, qual destes dous efeitos he mais conforme a vosso desejo; se sendo velhos tornarvos meninos; ou se sendo meninos tornarvos velhos? Vejo que me respondeis, Que maior ansia he a dos velhos fazerse meninos; que a dos meninos fazerse velhos. Que não faz hum velho pera se fazer menino? Todos aquelles dezenganos, que ou no rosto, ou na cabeça lhe nevou a idade, ou os corta, ou os dissimula. Mas esta ansia, ou este desejo so o podeis lograr no Sacramento. Do manna, que como diz *Origenes*, foi enigma do Sacramento, diz o Sagrado Texto na versão de *Filo*

Filo Hebreo, que era semelhante as meninas dos olhos: *Simile pupillæ oculi*. E que tem as meninas dos olhos pera tam nobre semelhança? Diz Plinio com sua costumada ponderação, que os espelhos sam os olhos da arte; & os olhos sam os espelhos da natureza; & assim como vos vedes a hum espelho; vos podeis ver nas meninas dos olhos; mas com esta differença, que não sei se ategora a notastes: Que o espelho representa a idade, & a pessoa; as meninas dos olhos representa a pessoa, mas não a idade: o espelho, se fois velho, representavos velho; & se fois menino, representavos menino: as meninas dos olhos ou se jais velho, ou menino, sempre vos representam, menino; q̄ dahi deviam tomar o nome. Esta he a virtude deste espelho da natureza; & esta era a virtude do mannà, não pelo que era, mas pelo que significava. Significava o Sacramento; & o Sacramento he hum espelho diz Santo Agostinho: *Fecisti, Domine,*

speculum de corpore tuo; mas não he espelho, como os q̄ a arte forma do cristal; he espelho, como o que das meninas dos olhos forma a natureza. O' se chegasseis a vos ver a este espelho, como he bem, que chegueis, como desperieis as velhices do antigo, & primeiro Adam; & tomarieis a imagem do novo, & segundo, q̄ he Christo; isto he a candura, & a innocencia de meninos: como experimentarieis, que no Divinissimo Sacramento he Christo espirito não so de vida, mas de vidas; *Spiraculum vitarum*: vegetativa, pera crescer, & se augmentar: *Qui manducat hunc panem, vivet.*

§. IV.

13 A vida sensitiva, que he a segunda vida, consiste principalmente no uzo, & exercicio dos sentidos externos, do ver, do ouvir, do gosto, do olfacto, & do tacto. E quem não tem uso destes sentidos, não tem vida sensitiva; está morto. Não ha
couza

couza mais parecida à morte, que o sono: *Quid est somnus gelida nisi mortis imago?* O sono he huma morte temporal; a morte he hum sono eterno: a morte he hum sono, que vos acaba; o sono he huma morte, que se acaba: entre o que morre, & o que dorme não ha mais differença, que a duração: se a morte durara menos, a morte fora sono; & se o sono durara mais, o sono fora morte. Hia Alexandre huma noite correndo as muralhas, achou dormindo hum soldado, q̄ fazia centinella; precipitou-o da muralha, & matou-o; dizendo, que o deixara, como o achara: achou-o morto, deixou-o morto; so com esta diversidade, que a morte em que o achou, era mais breve; & a morte, em que o deixou, foi mais longa. E que couza he o sono? O sono, dizem os Filozofos, he huma prizam dos sentidos exteriores: *Ligatio sensuum externorum.* Donde se os sentidos estam prazos, & sem uzo, estais morto; porque dormis; se estais soltos, & com exerci-

cio, viveis, porque vigiaes. Logo no uzo, & exercicio dos sentidos consiste a vida sensitiva.

14 Esta vida nos promette tambem Christo no Sacramento: *Qui manducat hunc panem, vivet.* Vay S. Paulo no cap. II. da primeira carta, que escreveo aos de Corinthio, tratando do Sacramento Divinissimo; & estranhandolhes o modo, cõ que conecorriam as Igrejas (como agora o pudera tambem fazer) diz, que ja não comungavaõ, ou não comiam a Cea do Senhor: *Jam non est Dominicam cenam manducare.* E que inferio o grande Apostolo desta negligencia dos Corinthios? *Ideo inter vos multi infirmi,* ^{1. Ad} *& imbecilles,* ^{Cor.} *& dormiunt multi.* ^{11. 30.} Por isso se acham entre vos muitos enfermos, & fracos, & sam muitos os que dormem. Deixemos por hora os fracos, & os enfermos, & despertemos os que dormem. Dormem muitos, porque não comem: *Jam non est Dominicam cenam manducare: ideo dormiunt multi.* Ha mais

mais notavel consequencia! Dormis, porque não comeis. O não comer cauza sono? antes o tira; porque o sono he effeito dos vapores, que o comer manda ao cerebro. Pois porque diz S. Paulo, q por isso dormem; porque não comem? *Non est Dominicam cenam manducare: Ideo dormiunt multi.* Porque não falla o Apostolo de qualquer manjar; mas da quella Divina Cea, que com a sua Omnipotencia guizou o amor de Christo; & esta não cauza; antes tira o sono; não prende os sentidos, antes os desperta; em fim os q a não comem, morrem, porque dormem: *Dormiunt multi: os que a comem dignamente vivem; porque vigiam. Qui manducat hunc panem, vivet.*

17 Vivem os olhos; porque este Divino pan tem virtude pera os abrir. Na menhá da resurreição hiam dous Discipulos de Christo pera Emmaus levados de sua incredulidade, & desesperação. Fezêlhes o Senhor companheiro na jornada, &

tecendo com elles practica lhe foi explicando as sagradas escrituras; & diz S. Lucas, que tinhaõ os olhos prezos pera o não conhecerem:

Oculi eorum tenebantur, ne eum agnoscerent. Chegaram

Luc:
24. 16;
&c.

ao Castello; sentaramse a meza; tomou o Senhor o pam nas mãos, lançoulhe a bençã, partio-o, & repartio-o aos dous discipulos; & immediatamente, diz o Evangelista se lhe abriram os olhos: *Et dum recumberet cū eis, accepit panem, & benedixit, ac fregit, & porrigebat eis: Et aperti sunt oculi eorū.*

Pois na meza sim; & no caminho não? No caminho não foi Christo desenvolvendo, & explicando as escrituras, que fallavam do mesmo Senhor, começando de Moyses, & discorrendo por todos os Profetas: *Licipiēs a Moysē, & omnibus prophetis interpretabatur illis in omnibus scripturis, quæ de ipso erant?* Assim foi. Trazia o Divino Mestre hum passo; ou hum texto, com que provava sua Encarnaçã, seu nascimento em Belem, & a adora-

adoração dos Anjos, dos pastores, dos Reys: E os Discipulos com os olhos fechados: *Oculi eorum tenebantur.* Hia por diante; allegava outro passo, ou outro texto, com que explicava sua circuncizaõ, o nome de Salvador, a apresentação no templo, a fugida pera Egipto, a volta pera Nazaret: & os Discipulos, como dantes: *Oculi eorum tenebantur.* Continuava o caminho, & continuava Christo com a explicação: com outro lugar, & texto provava o baptifmo, o deserto, o jejum, as tentações, & a victoria dellas; E os Discipulos ainda cegos: *Oculi eorum tenebantur.* Allegava as profecias, que fallavaõ de sua pregação, de seus Apostolos, de seus milagres, & maravilhas: E os olhos dos dous Discipulos fechados: *Oculi eorum tenebantur.* Finalmente explicavalhes as escrituras, que fallavaõ de sua venda, de sua prizam, de seus açoutes, de sua Cruz, de seus tormentos, de sua morte, & de sua resurreiçãõ: & os Discipu-

los a nada disto abriram os olhos: *Oculi eorum tenebantur, ne eum agnoscerent.* Pois se nada disto bastou pera abrir em os olhos estes dous homês; como bastou o pam, que Christo lhe deu na meza? Porque este pam era aquelle Divino pam Sacramento. Assim o dizem comumente os Santos Padres; nem era necessario, que elles o dicefsem; porque as palavras com que o diz o Evangelista, o estam dizendo: *Accipit panem, & benedixit, ac fregit.* E este pam Sacramento tẽ virtude pera abrir os olhos mais-cegos, & fechados: *Aperti sunt oculi eorum.* De modo q̃ aquelles olhos, que se não abrião nem com a Encarnação, nem com o Nascimento, nem com os milagres, nem com a Cruz, nem com a morte de Christo, se abriram com o Sacramento: *Aperti sunt oculi eorum.* E como em ver consiste a vida, ou parte da vida sensitiva; tem os olhos vida neste Sacramento.

16. Passai da vista ao gosto; & se o não provais com...

com a experiencia, eu volo-provarei com a fê. Falla do mannâ a Sabidoria', & diz que era hum pam do Ceo, que encerrava a suavidade de todos os sabores: *Panem de cælo præstitisti eis omne delectamentum in se habentem, & omnis saporis suavitatem.* A mesma Igreja, como melhor interprete das letras sagradas, accomoda, & explica este texto do Sacramento. Antes parece que so do Sacramento, & não do mannâ, se deve entender. Diz o Texto, que o mannâ era pam do Ceo: *Panem de cælo præstitisti eis.* E Christo no Evangelho diz, que não era nem pam do Ceo, nem verdadeiro pam o mannâ: *Non Moyses dedit vobis panem de cælo.* Pois se a sabidoria, que he livro canonico, & de fê, diz que o mannâ era pam do Ceo: *Panê de Cælo:* como diz Christo não era pam do Ceo o mannâ: *Non Moyses dedit vobis panê de cælo?* Respon-do, q̄ o mannâ era do Ceo, mas nam era de Ceo verdadeiro; era pam; mas não era verdadeiro pam: não era de

Ceo verdadeiro; porq̄ o mannâ formavase no ar, & cahia do ar: & o ar não he Ceo verdadeiro: nam era verdadeiro pam; porq̄ era sombra, & figura do pam verdadeiro, que he o Sacramento, & nem a sombra, nem a figura he verdade. Pois qual he o pam do Ceo verdadeiro, & qual he verdadeiro pam? o mesmo Senhor o diz: *Sed pater meus dat vobis panem de Cælo verum.* Porem meu Eterno Pay he o que vós dá o pam do Ceo verdadeiro. Agora digo, se o mannâ, que não era a verdade, mas a sombra, que não era pam do Ceo, mas do ar, era huma cifra de todo o gosto, & huma quinta essencia de suavidade: *Omne delectamentum, & omnis saporis suavitatem in se habentem;* o Sacramento que he a verdade; o Sacramento, que he o pam decido do verdadeiro Ceo, que hade ser, sennão hum gosto, da gloria; ou a gloria do gosto? E não cuidcis, que fallo so do gosto espiritual; tambem fallo do sensivel. De S. Felippe Neri; diz o author da

da sua vida, que quando cômungava, sentia tam suave gosto nas especies Sacramêtaes, que pello não perder, estava sem comer, & sem beber muitas horas. Tem tambem logo o gosto no Sacramento a vida. Do tacto não digo nada; porque todos sabem, que sem tacto não ha gosto.

17. E terã tambem vida no Sacramento o sentido do olfacto? Ouvi a Santo Ambrosio sobre o Plalmo 22. *Bona pasqua Divina Sacramenta sunt.* O Divinissimo Sacramento he o prado, ou o jardim, em que as almas, como abelhas sollicitas achão o pasto mais mimoso pera lavrarem seus favos. *Carpis illic novum florem.* (continua o Arcebispo de Milão) *qui bonum odorem dedit resurrectionis.* Alli colheis huma nova flor verdadeiramente do paraizo, que exhalou o suavissimo cheiro da resurreiçãõ. *Carpis libum, in quo sit splendor eternitatis:* alli colheis huma açucena, que na gala de neve, que traja, esta dando hum esplendor

da Eternidade. *Carpis rosam, hoc est Dominici corporis sanguinem:* alli colheis huma rosa não tinta com o sangue da fingida divindade, como mentiraõ os poetas; mas cõ o sangue daquelle Deos verdadeiro, que pera se nos dar no Sacramento tomou nossa carne, & nosso sangue. Vede se aonde tam tantas as flores, pode faltar a fragancia pera dar vida ao olfacto?

§. V.

18. Estava pera passar ao sentido do ouvir; mas ouço, que me dizeis, que facilmente me concedeis, q̃ tem este sentido a vida no Sacramento; mas os outros sentidos não pode ser: este vive; os outros morrem. Santo Thomas com os Theologos Catholicos todos dizem; q̃ os sentidos (excepto o de ouvir) padecem no Sacramento hum doce engano: *Visus, gustus, tactus in te fallitur, & auditu solo tute creditur.* Succede aqui aos sentidos com o Sacramento; o que là succedeo a Isaac com Jacob.

Jacob. Entrou Jacob a for-
tar a benção a seu irmão E-
sau, & se bem reparais, to-
dos os sentidos de Isaac se
enganarão, só o de ouvir
não. Enganou-se o gosto;
porque cuidou que a caça
era do mato, & ella era do
rebanho: enganou-se o tacto,
porque julgou, que as maós
eram de Esau, & ellas eram
de Jacob: enganou-se o chei-
ro; porque imaginou, que
a fragrancia dos vestidos era
do filho mais velho; & ella
era do mais moço. E se os o-
lhos senão enganarão, foi
porque estavam cegos. Só o
ouvir senão enganou; porq̃
conheceo que a voz era de
Jacob, como verdadeiramẽ-
te era: *Vox quidem vox. Jaco-
cob est.* Isto mesmo succede
aos sentidos com o Sacra-
mento. Todos se enganão.
Enganão-se os olhos, porque
cuidam, que he pam, o que
estão vendo, & o que vem
não he pam. Engana-se o go-
sto; porque lhe parece, que
he pam o que come, & o que
come não he pam: Enganão-
se o tacto, & o olfacto, por-
que imaginão, este que o

cheiro; aquelle que o tacto
he de pam; & não ha alli
pam; que tenha aquelle ta-
cto, nem aquelle cheiro. Só
o ouvir se não engana; por-
que ouve a voz de Christo,
que diz: *Hoc est corpus me-
um.*

19 Pois se os sentidos
se enganão com o Sacramẽ-
to, como podem ter vida no
Sacramento os sentidos? Vi-
vem enganados, & vivem?
Primeiramente respondo,
que este engano que no Sa-
cramento padecem os senti-
dos, não he engano. E por-
que? Porq̃ he engano, que se
ama; a quem ama o engano
não se faz engano. Grande
texto em S. Paulo. Escreve
S. Paulo a seu Discipulo Ti-
motheo, & tratando do pec-
cado de nossos primeiros
Pays diz esta difficullosa
sentença: *Adam non est sedu-
ctus; mulier autem seducta in
prevaricatione fuit.* Adam
não foi enganado; a mulher
sim. Bem estais vendo a dif-
ficuldade. Eva foi engana-
da, porq̃ deu credito à ser-
pente, que naquelle pomo
vedado lhe fingia Divinda-

des;

Gen.

27. 22.

1. Ad
Tim.
2. 14

dês: pois se Adam deu credito a Eva, que lhe mentia o mesmo, como não foi enganado Adam? O mesmo credito dado de Eva à serpente, he engano; & dado de Adam a Eva, não he engano? Não. Eva enganouse; Adam deixou-se enganar. Eva enganouse; porque não sabia, que a enganavao. Adam deixou-se enganar; porque sabia, que o enganavao: amou o engano; porque amava a enganadora; & a quem ama o engano, não se faz engano: *Adam non est seductus*. Por isso Eva disse a Deos, que a serpente a enganara: *Serpens decepit me*; mas Adam não disse, porque o não podia dizer, que o enganara Eva. De modo que se ama mais o engano, não sois enganado. Como no Sacramento tudo he amor, ate o engano, que padecem os sentidos, he amavel; & como amaõ este mesmo engano, não sam enganados.

20 Quanto mais, que ha enganos, que dam vida, como defenganos, que matao. Senão dizeime (pera q.

vos argumente com o vosso mesmo exemplo) em que esteve a vida, & felicidade de Jacob? Em se enganarem os sentidos de Isaac: se os sentidos do pay senao enganaram, não sabia o filho co a bençao, antes sahiria com a malijao. E que bençao foi esta? Disse o mesmo Isaac: *Fruento, & vino stabi*. Gen. *livi eum*: Que foi o mesmo 27. 35. que dizer, diz S. Pafchasio, *Hoc est apertè dicere: Firmavi eum pane corporis Christi, & vino Sanguinis*: Deilhe por bençam o pam do corpo de Christo, & o vinho de seu sangue: & como era bençao do Sacramento em que estava a vida, & felicidade de Jacob, foi necessario, que padecessem aquelle engano os sentidos de Isaac: mas nesse mesmo engano tinham a vida; porque ha enganos, que a dam. Assim a dá naquelle Sacramento a nossos sentidos docemente enganados aquelle pam de vida: *Qui manducat hunc panem, vivet*.

§. IV.

21 A terceira vida he a racio.

nal; & em que consiste esta vida? Assim como a sensitiva consiste no exercicio dos sentidos; assim a racional consiste no uzo do entendimento, que sem entendimento não ha vida. Vida, & entendimento sam sinonimos. Quando o demonio pediu licença pera perseguir a Job; disse-lhe Deos: *Animam illius serva*: Tudô o mais podes fazer, mas na vida não lhe toques. E que vida era esta? Era o entendimento diz com outros Interpretes Olimpiodoro: *Principem animi partem ne attinge*. Pois se Deos manda ao demonio, que não tire a Job o entendimento, porque diz, que lhe não tire a vida? *Animam illius serva*: porque não ha differença entre entender, & viver: Quem vos quer tirar o vosso entendimento, quervos tirara vossa vida. Vive quem entende, quem não entende não vive. Aonde he maior o entendimento, ahi he maior a vida. Os viventes racionais sam tres, he o homem, he o Anjo, & he Deos: A vida do homẽ, em quem he

menor: o entendimento, tem principio; & tem fim: a vida do Anjo; em quanto entendimento he maior, tem principio, mas não tem fim: a vida de Deos, em quem o entendimento he maximo, não tem principio, nem fim.

22 Aonde esta o entendimento, ahi está a vida. Fala S. João no principio de seu Evangelho do Verbo Eterno, & diz: *In ipso vita erat*. No Verbo estava a vida. E porque mais no Verbo, q̃ no Pay, ou no Espirito Santo? Porque mais no Verbo, que no Pay, em quem está a Omnipotencia? Porque mais no Verbo, que no Espirito Santo, em quem está o amor? Porque no Verbo está o entendimento; & aonde está o entendimento, ahi está a vida: *In ipso vita erat*.

23 Esta vida racional, esta vida de entendimento he a que nos communica o mesmo Verbo Sacramento do. *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem; & qui manducat me, & ipse vivet propter me*. A fim como meu Eterno Pay me

mandou ao mundo; & eu vivo pella vida, que meu Eterno Pay me comunica; assim quem me come a mim, vivirá pella vida, que eu lhe comunico a elle. Bem sei, q̄ aquelle *Sicut*, assim como não significa igualdade; mas não se pode negar, que significa semelhança. A vida q̄ Christo comunica no Sacramento aos homês não he igual à vida, que o Pay comunica ao mesmo Christo; não he igual, mas he semelhante? E em que consiste esta semelhança? Sabeis em que? Não. Pois fabei primeiro, que o Eterno Pay comunica a vida ao Filho com o entendimento: comunicandolhe o entendimento lhe comunica a vida. Pois assim como o Eterno Pay comunica a vida ao Filho; assim o Filho no Sacramento comunica a vida aos homês. O Pay ao Filho o entendimento, & a vida: o Filho aos homês a vida, & o entendimento. *Qui manducat me, & ipse vivet propter me.*

24. La no Paraizo não

era a mesma, nem estava no mesmo lugar a arvore da vida com a arvore da ciencia; mas no Paraizo da Igreja he a mesma a arvore da ciencia, & a arvore da vida; porque o Divinissimo Sacramento dá entendimento; & dá vida. La no Paraizo quem quizesse vida havia de comer de huma arvore, & quem quizesse ciencia havia de comer de outra: mas aqui basta comer o fruto desta Divina arvore pera comer com o entendimento a vida, & com a vida o entendimento. S. João Chrysofomo chamou a meza do Sacramento meza de aguias: *Aquilarum hæc mensa est.* A aguia he o symbolo dos entendidos; & que chega ao Sacramento sahe huma aguia.

Temos provado o que promettemos, que Christo no Sacramento he pam não so de vida, mas de vidas; de vida vegetativa pera crescer; de vida sensitiva pera sentir; de vida racional pera entender.

(:?:)

§. VII.

§. VII.

25 Mas contra todo este discurso estão argumentando as nossas vidas. Não ha duvida que todos mais, ou menos frequentemente comemos aquelle pam de vida; mas tambem he sem duvida, que não experimentamos seus milagrosos effeitos; não os da vida vegetativa; porque nada crescemos no exercicio das virtudes; não os da vida sensitiva; porque muitos são como os idolos da gentildade, que dizia David, que tinham olhos, mas nada viam; tinham ouvidos, mas nada ouviaõ, tinham mãos, mas não palpavaõ, tinhaõ pes, mas não se moviaõ: E quantos ainda depois de comungarem, ficam idolos cegos pera não verem os caminhos de sua perdiçaõ; surdos pera não ouvirem as inspiraçoës, com q̃ Deos os chama; sem mãos pera fazerem huma boa obra; sem pés pera darem hu-

passo no caminho da Salvaçaõ. Não os effeitos da vida racional; porque vivem sem razam, sem entendimento como brutos.

26 Pois se recebemos tantas vezes aquelle pam de vida, como são estas as nossas vidas? Como não experimentamos os seus effeitos? Sabeis porque? porque não chegamos a receber no Sacramento a vida; chegamos a receber a morte. Ouvi a Santo Agostinho no 1. Sermão de Tempore: *Mutet vitam, qui vult accipere vitam; nam si non mutet vitam, ad judicium accipiet vitam.* Muda a vida, quem quer receber a vida; porque se não mudar a vida, receberá a vida pera sua morte, & condemnaçaõ. O' que terrivel sentença! Tanto comungar, tanto receber a vida, & não fazer nenhuma mudança na vida! Que quereis que diga, senão que não recebeis a vida, mas a morte, & a condemnaçaõ. *Si non mutet vitam, ad judicium accipiet vitam.*



SERMAM

DO

SACRAMENTO

Nas Festas de Braga.

*Memoriam fecit mirabilium suorum Misericors, & misera-
tor Dominus, escam dedit timentibus se.*

Ex Psal. 10 supra 100.

§. I.

Iez Deos na ley da graça, o que tinha feito em todas as leys (Divina, humana, & sempre amorosa Magestade) fez Deos na ley da graça, o que tinha feito em todas as leys: na ley da natureza recopilou todas as creaturas em hu-
ma creatura: na ley escrita compendiou todos os sabores em hum sabor: na ley Divina reduzio todos os preceitos a hum preceito: na ley da graça cifrou todas as maravilhas da Omnipotencia em huma maravilha. Na ley da natureza recopilou em huma creatura todas as creatu-

creaturas; porque no homẽ unio o fer, que tinha dividido nas couzas, que tinha creado: o fer dos elementos, o crescer das plantas, o sentir dos brutos, o entender dos Anjos, tudo ajuntou no homẽ; por isso disse aquelle grande homẽ S. Gregorio Magno; que o homẽ era todas as creaturas: *Homo est omnis creatura*. Na ley escripta compendiou todos os sabores em hum sabor; porque no manna unio em hum so prato todos os gostos; por isso lhe chamou David todos os manjares: *Omnem escam abominata est anima eorum*. Na ley Divina reduzio todos os preceitos a hum preceito; porque todos os preceitos se incluem no preceito do amor pera com Deos, & pera com o proximo: *Ex his duobus mandatis universalis lex pendet*, disse o Supremo Legislador. Na ley da graça cifrou todos os Sacrificios em hum Sacrificio, todos os Sacramentos em hum Sacramento, & todas as maravilhas em huma maravilha. Mas que maravilha?

mas que Sacramento? mas q̃ Sacrificio serã este? Diz David no nosso thema, que he o Sacramento Divinissimo da Eucharistia: *Memoriam fecit mirabilium suorum, escã dedit timentibus se*. Allegar Doutores, que expliquem o texto do Sacramento fora fiar pouco de vossa erudição; que naõ topareis algũ, que assim o naõ entenda.

2. Primeiramẽte he cõpendio de todos os Sacrificios; porque todos os Sacrificios que Deos mandava antigamente se offerecessẽ a seus altares, se contem com eminencia neste Divino Sacrificio. Todos os Sacrificios, que Deos na ley antiga mandava lhe offerecessẽ, como cõmentando o nosso texto nota o Doutissimo Padre Lorino, ou se considerem da parte da materia, que eram as couzas sacrificadas; ou se considerem da parte da forma, que era o modo, comque se sacrificavaõ, se podem reduzir a tres especies: porque ou eram couzas, que tinham vida, & chamavase victima, ou Hostia: *Vi-*

Gen.
22.

etima à vinciendo; porque a levavaõ atada ao Sacrificio; por isso Abraham quando quiz sacrificar a Isaac, diz o texto, que o atara: *Cumque alligasset Isaac filium suum.* Chamavase tambem Hostia, porq̃ era *contra hostes*, pera conseguir victoria dos inimigos; ou porque se matava *ad ostium templi*, à porta do templo. A segunda especie era de couzas inanimadas, & solidas, & chamavase *Immolatio*; porque se moiaõ. A terceira especie era de couzas liquidas, & dizia-se *Libamen*, porq̃ eram aptas *ad libandum*. Da parte da forma a primeira especie era Holocausto, em que a victima se abrazava, & consumia toda no fogo. A segunda era Hostia pacifica, em que da victima sacrificada se dava parte a Deos, parte ao Sacerdote, & parte ao que offerecia o Sacrificio. A terceira era *Hostia pro peccato*; em q̃ do Sacrificio se consagrava parte a Deos, & parte ao Sacerdote. Estes eram em summa os Sacrificios da ley velha, & todos estes Sacrificios

contem com eminentissima perfeição o Sacrificio unico da Eucharistia. Ouvi ao Demosthenes da Igreja S. Leão: *Omnium differentiã hostiarũ unius corporis, & sanguinis tui complet oblatio.*

3 He victima, porque alli vem o Divino Cordeiro naõ so ligado às palavras da consagração; mas tambem às especies, ou accidentes sacramentaes. He Immolação, porque pera este sacrificio se moe, & converte em pô a substancia do pam, & nelle se representa a paixão de Christo, em que o Sagrado corpo do mesmo Senhor foi na roda, ou pedra de inhumanos tormentos quebrantado, & maltratado. He *Libamen*; porque neste Sacrificio dá a beber o nectar de seu precioso sangue: *Sanguis meus verè est potus.* He *Hostia pro peccato*; porque se offerece a Deos; & porque o Sacerdote o participa. He Hostia pacifica; porque se consagra a Deos em acção de graças; & o recebe o Sacerdote, & tambem o secular, quando na Missa commun-
ga.

ga. He finalmente Holocausto; porque alli se acaba, & destrue totalmente a substancia de pam; & o mesmo Christo sacrificado; porque quando o Sacerdote o comunga, acaba de todo o Sacrificio quanto a rezam sacrificativa; & por isso a Igreja chama consumir ao comungar do Sacerdote. Vedes como o Sacramento da Eucharistia em quanto Sacrificio he hum compendio de todos os Sacrificios? Vede agora como o mesmo Sacrificio em quanto Sacramento he hum epilogo de todos os Sacramentos.

4 Do Baptismo; porq̃ se o Baptismo nos regenera em Christo, & nos une a Christo como a cabeça nossa; a Eucharistia he a que dà a perfeição ultima a esta uniaõ. Da Penitencia; porq̃ se a Penitencia he a esponja, que risca os peccados cometidos depois do Baptismo, a Eucharistia algumas vezes, ainda que *per accidēs* (como fallam os Theologos) obra o mesmo effeito; alem de que dando maior

pureza à alma a preserva de novas culpas. Da Confirmação; porque se a Confirmação ministra forças, & alentos pera as batalhas da fê; a Eucharistia mette na alma novos socorros pera o mesmo effeito; & pera fazer galharda resistencia ao inimigo. Da Ordem; porque se a Ordem, faz aptos aos ministros da Igreja, pera que sirvaõ cõ decencia nas couzas sagradas, a Eucharistia inspira reverencia pera com Deos, & concilia amor pera com os proximos. Da Extrema Unção; porq̃ se esta extingue as reliquias da culpa, a Eucharistia como Viatico nos alenta pera aquelle ultimo confito. Do Matrimonio; porque aqui verdadeiramente se desposa a alma com Deos, verificandose o que do Matrimonio disse o mesmo Senhor: *Erunt duo in* Gen. 2. 24. *carne una.* Assim he este Divino Sacramento hum epilogo de todos os Sacramentos.

5 E naõ he menos hũa cifra das grandezas, & maravilhas de Deos: As grandezas,

dezas, & maravilhas de Deos não são as maiores as obras da criação; as maiores são as obras da redenção: nestas se mostrou Deos magnifico, & maravilhoso: na Encarnação, no nascimento, na morte, na ressurreição de Deos homem: & na Eucharistia se vêem cifrados todos estes mysterios; porque Deos Sacramentado he Deos encarnado, he Deos nacido, he Deos morto, he Deos resuscitado. He Deos encarnado por extensão; he Deos nacido por supposição, he Deos morto por representação, & he Deos resuscitado por existência. O' quanta rezam teve o Propheta Rey pera dizer, que no Sacramento fizera Deos huma memoria, ou hum memorial de suas grandezas, & maravilhas: *Memoriam fecit mirabilium suorum Misericors, & miserator Dominus; escam dedit timentibus se.*

6 E que posso eu dizer nesta grande solennidade, senão conformarme com o pensamento de David; & conforme a elle digo, que o

Sacramento Eucharistico he o Comentario Real das Proezas do Senhor. Muita luz do Ceo he necessaria pera lermos este Real Comentario; valhanos aquella grande Senhora, a quem todas as luzes do Ceo tributarão ambiciosos obsequios.

AVE MARIA.

§. II.

7 **E** Stilo foi observado na antiguidade, q' aquelles Principes, que com o valor de seu braço encheram o mundo de victorias, & triumphos, escrevessem Comentários em que consagraassem à immortalidade a memoria de suas insignes proezas. Assim o fez em Macedonia Felipe, no Ponto Mitridates, em Roma Augusto, Tiberio, & Scilla, & em Portugal o Grande Afonso de Albuquerque. Mas entre todos foram celebrados os do famoso Julio Cesar; a quem com agudo, & vivo pensamento gravou a antiguidade ao pé de suas
estatu-

estatuas huma espada, & huma pena, que com hum laço de verde louro amigavelmente se abraçavaõ, animando a empreza aquelle sabido mote: *Ex utroque Caesar*. Como quem queria prudentemente advertir, que não he menor gloria, nem elogio menor de huma imperial mão saber escrever com a pena as Heroicas emprezas, que saber executalas com a espada: so pode ser digno author de hum Cómentario Real hũa Pessoa Real: nem pode acreditar dignamente as acçoões de huma mão generosa, senão a mesma mão, que as fez: não pode explicar os altos pensamentos de hum grande animo, senão o peito, em que couberam. Da mesma fonte do coração correm a hum braço Real os espiritos generosos soministrado a espada, & a pena igual argumento de gloria. De modo que se a espada appara a pena, a pena faz voar a espada: se a espada derrama nas campanhas o sangue; a pena semea nas folhas a tinta: se a espada tira

a vida aos vivos; a pena da espirito aos mortos: se a espada dá terror aos inimigos; a pena vence o esquecimento: se a espada he ministro da fortaleza; a pena he instrumento da sabidoria: se a espada faz couzas dignas de serem escritas; a pena escreve couzas dignas de serem feitas: se a espada merece a fama; a pena à mesma fama empena as azas: se a espada do louro de Marte, a pena do louro de Apollo tecem immortaes coroas: *Ex utroque Caesar*.

8 Mas pera que nos detemos no profano, quando nos podemos acolher a sagrado. Por esta mesma rezam dissera eu, que quiz o Espirito Santo, que os mesmos authores das emprezas fossem os authores dos Cómentarios sagrados. Guia Moyses no campo hum numerosissimo exercito; & pondo da mão o estoque, toma na mão o estilo: Dà Josue horrendas batalhas, consegue illustrissimas victorias; & de Guerreiro se faz de repente Historico. Descreve

David

David suas façanhas; & a mesma pena que deu azas às fétas, deu plectro à cythara. Historiou Salamaõ as suas grandezas, Job as suas dores, Esdras as suas fadigas, & os profetas as suas visões, & todos com seu proprio estylo as consagraraõ à eternidade: como se sendo escritas por outra maõ perdessem o credito, & o valor.

§. III.

9 E que homê, ou que Anjo podia haver de tanta sabedoria, que com a historia filha da opiniam pudesse dignamente escrever as empresas do Rey dos Reys, superiores a toda a opiniaõ; & tam difficultosas de escrever, como foram de executar. Naõ excederiaõ de vulgares as gloriosas proezas de Christo, se fossem escritas por huma pena vulgar; pois nem para obrar o que escreveu, nem para escrever o que obrou, podia haver outro author, senaõ o mesmo Christo. Elle quiz ser o Escriitor de suas proezas,

fazendo na Eucharistia o Cõmentario Real de todas ellas. Grande prova em Ezequiel.

10 No cap 9. de suas revelaçoens mostrou Deos no templo ao profeta Ezequiel hum varam vestido de branco, que trazia à cinta todo o necessario pera escrever: *Vir quoque unus vestitus lineis in medio eorum erat, & atramentarium scriptoris ad renes ejus.* Naõ sei, que haja Expositor, que neste homê hum, & unico naõ venere huma expressa figura de Christo Redemptor dos homêes, mas ainda que elles o naõ explicassem, o mesmo Texto o significa, quando diz, que este homê Deos fora mandado por Deos, pera que escrevesse na testa dos escolhidos aquelle mysterioso *Tau*, jeroglifico da Cruz: *Signa Tau super frontes virorum gementium.* A assim naõ temos duvida, em que este varaõ vestido de branco figurava a Christo. A duvida lo pode ser, em que mysterio o figurava? Alguns dizem, que na Cruz. Mas na Cruz:

Cruz esteve Christo despi-
do, & se vestido; não foi da
brancura do linho, mas da
purpura de feu fangue. Que-
reis saber o mysterio? fabei
qual era o habito. Huma, &
outra Glossa, assim a Interli-
neal, como a de Lyra acor-
dadamente dizem, que o ha-
bito era de Sacerdote: *Septi-
mi habitus erat sacerdotis.*
Christo Sacerdote, & reve-
stido de branco, em que my-
sterio podia ser, senão no da
Eucharistia: alli o veste, por-
que o cobre a neve das es-
pecies Sacramentaes. Mas
ahi com pena, & tinta: *A-
tramentarium scriptoris ad-
renes ejus*, pera que? Ah Ca-
tholicos, vede como chega-
is ao Sacramento do altar,
& como assistis no templo
ao altar do Sacramento, pois
alli está Christo com tinta,
& pena pera notar, & escre-
ver as menores irreverenci-
as, & que ferâ sacrilegios?
Examinai, se he da mesma
cor o vestido, com que che-
gais. A alvura significa a pu-
reza, & innocencia, provai
se vestis esta mesma cor. S.
Paulo mandava a os que

chegavaõ a comungar, que
se provaßem primeiro: *Pro-
bet autem se ipsum homo, &
sic de pane illo edat.* Heisvos
de provar a vos como pro-
vais o vosso vestido; que se
não veste julto, não o vestis.
Mas não malenconizemos o
discurso.

II Digamos antes, que
na Eucharistia appareço
com tinta, & pena; porque
na Eucharistia escreveu o
Cómentario Real de suas
maiores proezas: aonde lhe
serviraõ de papel os brancos
accidentes de pam, de tinta
feu proprio fangue, & de pe-
na a setta de feu amor. He
bem verdade, que a victoria
que neste Real Cómentario
escreveo com caracteres
maiores foi a que alcançou
na Cruz da morte, & do in-
ferno: assim o canta nestes
dias a Igreja: *Recolitur me-
moria passionis ejus*: & quem
podia dignamente escrever
a batalha, que sustentou
contra dous tam poderosos
inimigos, senão o mesmo, q̃
a venceo? Como mantene-
dor em campo descuberto
appareço cuberto das luzi-
das

das armas de sua fortaleza, empunhou a espada de sua Humanidade sacrosãta, pelejou por espaço de 3. horas, assaltou, & insultou, combatteo, & abbateo, retirou-se, & adiantouse, cahio, & mattou finalmente a hum, & outro inimigo. Humida de suor foi a victoria, tinta de sangue foi a sua palma, achoute com as mãos feridas, aberto o peito, & vencedor semelhante a vencido alcançou hum famoso, & gloriosissimo triumpho. E seria bem, q̄ não deixasse ao mundo escrito da sua mão hum Cômmentario de tam memoravel façanha?

12 Este he sem duvida o Cômmentario, por quem antigamente suspirava o exemplo, senão foi o exemplar da paciencia o Santo Job: *Quis mihi det, ut librum scribat ipse, qui judicat:* O' quem me dera, que sahisse a luz com hum livro o mesmo, que julga. Pouco sabe, quem não sabe, que nas Sagradas letras sam synonimos os nomes de Deos, & de Juiz. E que livro era este, que Job dezejava

ver dado à estampa; & que tivesse por author ao mesmo Deos? *Librum scribat ipse, qui judicat?* Eu julgo, que era o Cômmentario Eucharistico: ouvi, o que diz havia de fazer. deste livro? *Et circumdem illum quasi coronam mihi:* farei delle huma coroa: Livro, que seja coroa, fo o pode ser a Eucharistia. Dê luz hum profeta a outro profeta, & hum Rey a outro Rey, David a Job. No Salmo 64. falla David com Deos; & diz: *Benedices coronæ anni benignitatis tuæ.* Vos, Senhor, lançareis huma benção a coroa do anno de vossa benignidade. O anno da benignidade de Deos foi o anno da Redemção dos homês, & qual foi a coroa deste anno? foi a Eucharistia. Assim le o author Incognito: *Coronæ, id est, hostiæ in formam coronæ:* a Hostia tem a forma, & a figura de coroa. Nome, que lhe deu o rio de ouro, senão he o mar da eloquencia Grega: falla o Grãde Chrysofotomo, da pureza que devem ter as mãos dos Sacerdotes, que tratao ao Sacra-

Sacramento Santissimo, & dezeja, que cada huma del-
 las vença ao sol, & os dedes
 os raios do mesmo sol pera
 dignamente tratarem esta
 coroa: *Quos radios solares
 non deberet excedere manus
 illa, que hanc coronam per-
 tractat.* Era logo a Eucharis-
 tia o Comentario, ou o li-
 vro, que Job dezejava escre-
 vesse o mesmo Deos, pera
 fazer delle huma Real co-
 roa: *Circundem illum quasi
 coronam miki.*

§. IV.

13 Mas porque estes
 textos são do Testamento
 velho, & quando Christo
 instituiu este Divino myste-
 rio, o chamou Testamento
 novo: *Hic calix novum testa-
 mentum est in meo sanguine,*
 fêra precisado o nosso dis-
 curso a buscar no Testamen-
 to novo texto, que o desem-
 penhe; & supposto, que o
 Apocalipse faz o Passo, seja
 o Texto do Apocalipse. Vio
 S. Joam aquelle trono de
 grande Majestade, que des-
 creve no cap. 4. & logo no

cap. 5. diz que viu na
 mão do Senhor, que occu-
 pavá o trono hum livro fe-
 chado com sette sigillos, ou
 sellos: *Et vidi in dextera se-* Apoc.
dentis supra thronum librum 5. 1.
scriptum intus, & foris signa-
tum sigillis septem. Buscou se
 no mundo todo, quem pu-
 desse abrir este livro; & por-
 que senão achou, diz o E-
 vangalista, que lhe custara
 muitas lagrimas: *Et ego fle-*
bam multum, quia nemo dig-
nus inventus est aperire librū.
 Enxugoulhe as lagrimas hú-
 dos Grandes, que assistiam
 ao trono, dizendolhe, que o
 Leam da tribu de Juda ven-
 cera aquella insuperavel
 difficuldade, abrira o livro;
 & lhe rompera os sellos: *Ec-*
ce vicit leo de tribu Juda a-
perire librum, & solvere se-
ptē signacula ejus. Tornou a
 olhar o Evágelista, & quan-
 do esperava ver hum leam,
 vio no meyo do trono hum
 cordeiro vivo na realidade,
 & morto na representação:
Et vidi, & ecce in medio thro-
ni Agnum stantem, tanquam
occisum.

14 Ainda que eu não tí-
 vera

vera Doutores, que provaf-
sem a minha opiniaõ, disse-
ra, que este livro, ou Com-
mentario, que em sua maõ
direita tinha a Majestade do
Senhor, que estava sentado
no trono, era o Divinissimo
Sacramento da Eucharistia.
Em que mysterio, senaõ he
no da Eucharistia he Chri-
sto Cordeiro com semelhan-
ças de morto entre as reali-
dades de vivo? *Agnum tan-
quam occisum?* & aonde está
fechado com sette sellos, se-
naõ no mesmo mysterio? a-
onde com sette maravilhas,
que continuamente allí está
obrando, se fecha de sorte a
toda à rezam natural, que
naõ ha entendimento crea-
do, que sem a chave da fê os
possa abrir? E que milagres
sã estes? Lancemoslhe a
conta com o Doutissimo à
Lapide. O primeiro he a
transustanciãção, em q̄ por
força das palavras consecra-
tivas a sustancia do pam se
converte na sustãcia do cor-
po de Christo. O segundo,
que os accidentes do pam se
sustentãõ sem foyeito. O ter-
ceiro, que sendo a quanti-

dade do corpo de Christo
de oito palmos, se reduza
toda à pequena esfera de
huma hostia. O quarto, que
vindo à hostia so o corpo
por força das palavras da
consagração, venha por có-
comitancia à mesma hostia
a alma, o sangue, & a Divin-
dade. O quinto he estar
Christo no mesmo tempo
em partes quasi infinitas;
porque está em toda a parte
aonde se consagra seu corpo.
O sexto milagre he estar to-
do em toda a hostia, & todo
em qualquer parte ainda q̄
seja minima. O settimo, &
ultimo he, que sendo man-
jar verdadeiro, naõ o con-
verta em si, quem o come.
Estes sã os sette sigillos, ou
milagres, que o Cordeiro a-
bre no Sacramento da Eu-
charistia, tam fechados ao
lume natural, que naõ havia
nem no Ceo, nem na terra,
nem debaxo da terra, como
chorava o Evangelista, que
os pudesse abrir. É esta foi a
dificuldade, que naõ deixou
lograr as differenças do ou-
tro insigne Filosofo Aver-
roes; quando dezcjando des-
cubrir

cubrir pera morrer nella a ley mais racionavel; lhe pareceo a ley dos Judeos ley de meninos, & a dos Mouros ley de torpes: *Lex puerorum, lex porcorum*: & levantolhe os olhos a fermosura das ceremonias catholicas, & a pureza de suas verdades, reparou, em que diziaõ os Christaõs, que no Sacramento do altar comiaõ a feu Deos, & lhe pareceo este mysterio tam impossivel, q se deixou perder com os mais filosofos: *Sed quia Deum suum manducant, moriatur anima mea cum reliquis Philosophis*. Ah necio, ainda q tam aplaudido de douto, imaginavas que este Divino livro o podias abrir, como abrias os dos mais Filosofos Esta victoria foi so daquelle Divino Cordeiro; a quem toda a Corte do Ceo com hum novo cantico deu della o perabem: *Viginti quatuor seniores ceciderunt coram Agno: & cantabant canticum novum dicentes: Dignus es, Domine, accipere librum, & solvere signacula ejus*.

15 E se ainda dezejais outro texto no mesmo Apocalipse, lede o cap. 10. aonde hu Anjo deu da sua maõ hum livro ao Evangelista; dizendo, que o comeffe, & nelle comeria hum favo de mel: *Accipe librum, & devorara illum, & in ore tuo erit dulce tanquam mel*. Fello assim o Evangelista: tomou o livro, comeo, & experimentou a verdade, do que o Anjo lhe dissera: *Accepi librum de manu Angeli, & devoravi illum, & erat in ore meo tanquam mel dulce*. Se os livros foram doces, muito mais gulosos dos livros foram os nossos estudantes; mas elles dizem, que amargaõ como fel; & que por isso os naõ comem. Pois que livro he este, que se come, & tem o sabor do favo? S. Bernardino, Penha, La Haye, & outros graves Interpretes, dizem que he o Sacramento da Eucharistia: *Divina Eucharistia verè est liber, in ea enim Divinarum rerum mysteria leguntur, & nullibi clariùs apparet, quantum Divina Maiestas hominem dilexerit*.

rit; disse hum Expositor Portuguez. Sabeis o que he a Eucharistia, verdadeira-mente he hũ livro, fechado, quando retirado no Sacramto; aberto, quando exposto ao trono; neste livro podeis ler todos os mysterios Divinos; & em nenhum outro se escreveo cõ letras mais claras, & significativas, quanto a Magestade Divina amou ao homẽ? O quanto se pode estudar neste Real, & Divino Cõmentario.

16 Mas noto eu, q̃ não encomendou o Anjo ao Evangelista, que metesse este livro na cabeça, mas que o metesse no peito: *Devorabitur*. A cabeça he o lugar dos livros; porque he o lugar do entendimẽto. Assim he; mas esta he a differença deste livro aos mais livros: nos outros livros estuda mais, quẽ melhor entende; neste livro entende melhor, quem mais ama. Dos Serafins, que correjavão a Deos em seu trono diz Isaias, que voavaõ: *Dubius volabitur*. Dos Querubins, que tiravaõ pella carriage da gloria de Deos, diz

Ezequiel, que andavaõ: *Unumquodque coram facie sua ambulabat*. Pois os Serafins com voos, & os Querubins com passos? Huns, & outros não sã Principes da primeira Jerarquia? Huns, & outros não fazem corte ao mesmo Deos? Porque rezam logo repetem os voos os Serafins, quando os Querubins sã multiplicãõ os passos? Ora o cazo he, que no trono, que vio Isaias estava Deos, como naquelle trono. Assim o sentem muitos dos Expositores, que o Senhor disfarçado entre as azas dos Serafins se representava a si mesmo encuberto nas especies Sacramentales: & nas noticias de Deos Sacramentado se os Querubins andam, os Serafins voam: Os Querubins sã os entendidos, os Serafins os amantes; & no livro do Sacramẽto não estuda melhor, quem mais entende; entende melhor, quẽ mais ama: O melhor entendimento quando mais andarã com os Querubins; *Unumquodque coram facie sua gradicatur*: o maior amor voará

ará com os Serafins: *Duabus volabant*. Por isso o Anjo não mandou ao Evangelista, que metesse o livro na cabeça, que he o palacio do entendimento; mas no peito, que he a Corte do amor: *Devora illum*.

17 E porque disse o Anjo, & experimentou o Evangelista, que o fabor deste livro era como de hum favo de mel? *Erat in ore meo tanquam mel dulce?* Porque assim havia de ser, sendo este livro, ou Cómentario o Sacramento Divinissimo. A prova desta verdade não corre por minha conta; mas por conta daquelle leam, em cuja boca vedes exposto o Sacramentado Senhor. Bem sabeis, (ou não sei se o sabeis, que quem censurou de improprio o passo, não devia saber, o que elle representa) Bem sabeis, digo, o que succedeo ao valeroso Sansam na jornada, que fez a Thamnata Cidade dos Filisteos. Sahiolhe ao encontro hum Leam, cuja ferocidade encarece o Sagrado Texto, dizendo, que era

Sævus, & rugiens; todo ferreas, & todo bramidos. Na guedelha, ou jubas, que prolixamente lhe cahiaõ sobre os hõbros, tremolava a bandeira pera a batalha: dos olhos, que temerosamente accendia a colera, disparava duas balas, senaõ eram raios de fogo; em cada humada garras desembainhava hum punhal de agudissimos fios; com o bramido, que aatroava os montes, tocava a degollar. E à vista de tam ferroz, tam forte, & tam armado inimigo, que fez o esforçado Nazareno? temeo, desmayou, retirouse? Nam; com animoso alento investe ao leam; & com sũma facilidade o faz pedaços entre as mãos. *Irruit Spiritus Domini in Sanson; & dilaceravit leonem*. Passados alguns dias veyo curiosidade a Sansam de ver os despojos da sua victoria; & achou, que na boca do leam morto, tinham as abelhas fabricado hum favo de mel, que a lembrança do perigo passado fazia mais doce. Deste successo compoz Sansam aquelle problema,

ma, ou enigma, que não acabaram de entender os Filisteos: *De Comedente exivit cibus; & de forti egressa est dulcedo.* Do que come sabio o comer; & do forte sabio a doçura. Mas quem era o Leam? & aquelle favo, que representava? O Doutissimo à Lapide de opinião de Santo Agostinho, de S. Paulino, & de outros Padres, diz que o Leam era Christo, ou fazia a figura de Christo; a quem o texto do Apocalypse chama Leam da tribu de Juda: *Vicit leo de tribu Juda;* & o favo significava o Suavissimo Sacramento da Eucharistia: *Leo,* diz elle, *significabat Christum, ipse enim est leo de tribu Juda: Unde ex eo post mortem prodijt mel Eucharistia.* Sim, mas quando esteve este favo na boca do Leam? No mesmo tempo, em que se instituiu o Sacramento; porque ainda, que os Evangelistas o não digaõ, todos os Padres cõumente o ensinaõ, que Christo se comungara a si mesmo. Vejam agora os Criticos, se nas letras Sagradas se podia a-

char de passo allufam mais fermosa pera se expor a nossos olhos o favo docissimo da Eucharistia? E se os Filisteos como ignorâtes o não entendem, q̃ culpa lhe tem Sansam? E como a Eucharistia he hum favo, por isso o Evangelista achou no livro; ou Cõmentario, que symbolizava a Eucharistia, o sabor do favo: *Erat in ore meo tanquam mel dulce.*

§. V.

18 Temos provado, q̃ a Eucharistia he Cõmentario das proezas heroicas de Christo, como dizia David: *Memoriam fecit mirabilium suorum;* mas parece, que não temos provado, que he Real este Cõmentario. antes não temos provado outra couza. Porque se o Cõmentario se chama Real, porque he Rey o seu author; em nenhum mysterio se mostrou Christo mais, & maior Rey, que no magnifico mysterio da Eucharistia. So aqui parece lhe quadra o nome de Rey; porque fo aqui acci-

rou

tou este glorioso titulo. Duas vezes em sua vida teve Christo a aclamação Real: huma no principio, outra no fim de seus annos: huma em Belem, outra em Jerusaleem; huma no presepe; & outra na Cruz: huma, quando os Reys o acclamaraõ Rey: *Ubi est, qui natus est Rex*: outra, quando na Cruz teve sobre a cabeça o titulo; em q̄ estava escrito: *JESUS Nazarenus Rex*: E porque mais nestas occasioes, que em outras? porque nestas occasioes se considerou Sacramentado: Em Belem, diz S. Gregorio; porque Belem quer dizer caza de pam; & ja alli considerava o pam, em que havia de consagrar seu corpo: na Cruz; porq̄ na Cruz ao golpe de huma lança lhe sahio do peito o sangue, que representava, como todos sabem, o sangue Eucharistico. De modo, que em Belem, aonde nacia pera Sacramentar seu corpo em pam, quiz que o acclamassẽ Rey: *Ubi est, qui natus est Rex*: & na Cruz, aonde abriu o peito, pera sahir o sangue do Sa-

cramento, quiz que o coroasse o titulo de Rey: *JESUS Nazarenus Rex*: E notai, q̄ em Belem considerava sô o corpo Sacramentado; em pam: & naõ o sangue: isso quer dizer Belem, caza de pam; & na Cruz dava so o sangue, & naõ o corpo: *Exiit sanguis*: Que he o que dá na Hostia, & no Caliz, *Ex vi verborum*: na Hostia dá o corpo, & naõ o sangue: no Caliz dá o sangue, & naõ o corpo: mas ou dê so o corpo, como em Belem; ahi se mostra, & quer ser acclamado Rey: *Ubi est, qui natus est Rex*: ou dê sô o sangue como na Cruz, ahi aceita o titulo de Rey: *JESUS Nazarenus Rex*: Rey huma, & outra vez; porque em nenhum mysterio se mostra mais, & maior Rey, que na Eucharistia.

19 Ouvi hum famoso Isai. 334
lugar de Isaias: Falla o Profeta Evangelico da Igreja Militante, como sentem S. Jeronymo, Theodoretto, & outros, & pedindolhe as alvissaras de suas felicidades diz assim: *Respice Sion civi-*

tatem solennitatis nostræ; videbunt oculi tui, Jerusalem, habitationem opulentam, tabernaculum, quod nunquam transferrî poterit; quia ibi solummodo magnificus est Dominus noster. Volta, ò Siao, a vista pera a Cidade da nossa solennidade. Veraõ teus olhos, ó Jerusalem, huma habitação opulenta, hum tabernaculo, que não poderã ter mudança; porque ahi sò he magnifico nosso Senhor. Aquella claufula, *Tabernaculum, quod nunquam transferrî poterit*, estã mostrando sem duvida, não o altar do Sacramento, mas o Sacramẽto do altar, que he o tabernaculo, em que Deos habita na terra: assim lhe chamou David: *In sole posuit tabernaculum suum, id est corpus suum*, explica o Cardeal Hugo: assim lhe chamou S. Paulo na carta que escreveo aos da sua nação, quando disse, que entrara Christo no *Sancta Sanctorum* por hum tabernaculo maior, & mais perfeito, que o do templo de Salamaõ: *Per amplius, & perfectius tabernaculum*, en-

tendendo, como entendem cõmumente os Expositores, por este tabernaculo o corpo, ou a humanidade de Christo Redemtor nosso: E que este tabernaculo hade estar sempre sem mudança na Igreja militãte, disseo o mesmo Senhor, quando disse: *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem sæculi.* Supposto pois, que o tabernaculo de Deos na Igreja militante he o Sacramento da Eucharistia, vamos ao lugar de Isaias; a que me peza chegar tam tarde; porque me parece, que quando o Profeta pronunciou este oraculo, tinha os olhos nesta nossa sèpre augusta, & sempre fiel Cidade de Braga, principalmente neste dia. Ora vamos lo construindo. *Respice, o Sion, civitatem solennitatis nostræ.* Voltai os olhos, O Igreja militante, voltai os olhos pera a Cidade da nossa Solennidade. E que cidade merece com mais rezam o nome de Cidade da Solennidade do Sacramento, que a Cidade de Braga: esta he

Pf. 18.
6.

Mat.
28. 20.

Isai. 33.
20. &c.

he por antonomasia a sua solennidade; não só porque em nenhuma outra se empenha com mais custo; mas porque nenhuma outra cidade, que sabemos, na Igreja solenniza com maior applauso este Divino mysterio: vay por diante o Profeta: *Videbunt oculi tui, Jerusalem, habitationem opulentam.* Veram vossos olhos, ò Jerusalem huma habitação rica. Pera vermos a verdade desta clausula, basta abrir os olhos: *Videbunt oculi tui.* Esta pompa, este apparatus, este custo, & esta riqueza, com q̄ vemos enriquecido este augustissimo templo: estas galas, estas sedas, estas joyas, & estes thezouros, em que a arte vence excessivamente o preço, com que no triumpho, ou procissão sahem exornadas tantas figuras, quantas cõpoem aquelle formosissimo corpo, não está mostrando aos olhos a verdade do oraculo: *Videbunt oculi tui habitationem opulentam.* E destes antecedentes podiamos inferir com o Profeta: *Quia ibi solūmodo magnificus*

est Dominus noster: Que só em Braga em hum Domingo do Senhor se trata o Senhor com a magnificencia conveniente à sua Magestade suprema. Mas vamos a nosso primeiro intento, a q̄ nos obriga, esta ultima clausula do Oraculo.

20 *Quia ibi solummodo magnificus est Dominus noster.* Que o Profeta diga, que o Senhor se mostra Principe, & magnifico no Sacramento, não haverá ingratitude, que o negue; mas que só no Sacramento se mostre magnifico: *Quia ibi solummodo magnificus est Dominus;* tem grande difficuldade; & maior ainda, se a havemos de medir pella regra dos Dialecticos; que explicação a particula exclusiva *Solum,* dizendo, que a hi só, & em nenhuma outra parte se mostra o Senhor magnifico. Deos não mostra sua magnificencia em todas as suas obras? Assim o cantou Moyses naquellè seu cantico, que como Cysne com poz nas vespervas de sua morte: *Date* Deu
magnificentiam Deo nostro: ter. 32.

Pf. 8.2.

Dei perfecta sunt opera. Não he argumento de sua magnificencia a grandeza, com que torneou essas esferas celestes empedrandoas de estrelas? assim o entoou David ao som da sua harpa: *Elevata est magnificentia tua super caelos.* Pois se Deos em todas as suas obras fez ostentação de sua magnificencia, como affirma tam seguramente Isaias, que so na obra do Sacramento se mostrou verdadeiramente magnifico: *Quia ibi solummodo magnificus est Dominus noster?* Que diremos a esta grande duvida? Digo, que nas outras obras dignas todas de sua grãdeza, se mostrou Deos magnifico, mas neste, ou naquelle attributo; mas na obra do Sacramento mostrou-se magnifico em todos os attributos: em todas as outras obras foi parcial a magnificencia; na obra do Sacramento foi magnificencia total: em todas as outras obras foi parcial a magnificencia; porque em humas mostrou-se Deos magnifico na Omnipotencia; em outras

magnifico na sabidoria; nestas mostrou-se magnifico na bondade; naquellas magnifico no amor; mas na obra do Sacramento mostrou-se magnifico em todos seus attributos, no amor, na bondade, na sabidoria, na Omnipotencia: & como esta magnificencia total se acha so no Sacramento, por isso diz absolutamente o Profeta, q so no Sacramento se mostra magnifico: *Quia ibi solummodo magnificus est Dominus noster.*

21 E taõ magnifico, taõ grandioso, & taõ grande se mostra Christo Senhor nosso no Sacramento, que parece alli maior, que o mesmo Pay: Bem sei, que o não he, mas digo, que o parece. No Salmo 109. vio, ou ouviu o Profeta Rey, que o Padre Eterno dizia a seu Eterno Filho, que se sentasse à sua maõ direita: *Dixit Dominus Domino meo: sede à dextris meis.* E peraque deu o Pay a maõ direita ao Filho? Pera mostrar, dizem todos, que o Filho he igual ao Pay; ou que o Pay não he maior, que

que o Filho. Esta bem: Tornou a olhar o Profeta, & vio trocados os lugares; porque vio o Pay à maõ direita do Filho: *Dominus à dextris tuis*. Ha tal composiçaõ de lugares; se ainda agora estava o Filho à maõ direita do Pay; & o Pay à maõ esquerda do Filho; *Sede à dextris meis*; como està ja o Filho à maõ esquerda do Pay, & o Pay à maõ direita do Filho? *Dominus à dextris tuis*. Pella mesma rezam, q̃ no principio deu o Pay a maõ direita ao Filho, deu o Filho a maõ direita ao Pay: o Pay deu a maõ direita ao Filho, pera que ninguem cuidasse, que era o Filho menor, que o Pay: Dá o Filho a maõ direita ao Pay, pera que ninguem imagine, que o Pay he menor que o Filho. *Si ipse ad dexterã Patris sedet, quomodo Pater rursus sedet ad dexteram Filij? Ut equalis Filio Pater ostendatur*, disse Brunonio. Agora a minha duvida; & aonde se mostra tam grande o Filho, que he necessario dar a maõ direita ao Pay pera mostrar, que o

Pay naõ he menor; mas he igual ao Filho? Aonde? Le-de o verso antecedente: *Tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedec. Dominus à dextris tuis*. Vos sois, diz David ao mesmo Filho, vos sois sacerdote eterno segundo a ordem de Melchisedec. Que foi aquelle Sacerdote, que offereceo Sacrificio de pam, & vinho, figura expressa como todos sabem, do Sacramento da Eucharistia. Pois no Sacramento he que o Filho da a maõ direita ao Pay: *Dominus à dextris tuis*; porque no Sacramento se mostra o Filho tam magnifico, tam grãdiofo, & tam grande, que he necessario mostrar, que naõ he maior, que o Pay: *Sedet ad dexteram Filij, ut equalis Filio Pater ostendatur*. No Ceo dá o Pay a maõ direita ao Filho: *Sedet à dextris Dei*: no Sacramẽto dá o Filho a maõ direita ao Pay: *Dominus à dextris tuis*: No Ceo dá o Pay a maõ direita ao Filho, pera mostrar no Ceo, que naõ he maior que o Filho: no Sacramento dá

o Filho a mão direita ao Pay, pera mostrar no Sacramento, que não he maior, q̄ o Pay: *Ut aequalis Filio Pater ostendatur.*

22 E se no Sacramento se mostra tam magnifico, & tam magnificado, que só no Sacramêto como diz Isaias, se mostra magnifico, podeis negar, que no Sacramento se mostra mais, & maior Rey? A magnificencia, diz S. Joam Chrysoſtomo, he virtude de principes: *Si quis Principem laudare vellet, nihil illi adeo decorum ascriberet, quàm magnificentiam.* & aonde o Rey se mostra mais magnifico, ahi se mostra mais, & maior Rey. Logo não deixará de ser Real o Comentarío Eucharístico; aonde o seu Author se mostra tam repetidas vezes Rey.

§. VI.

23 O'Comentarío verdadeiramente Real, Idea, & exemplar de Comentaríos! E que perfeição se pode dezejar em hum Comentarío de Heroica historia, que se

nao ache no Comentarío Eucharístico? A authoridade do Escriitor? E que maior authoridade, que a de Deos? Nobreza da materia? alli serve de papel a neve dos accidentes. Fineza da tinta? De tinta a purpura finissima do sangue. Artificio dos caracteres? Alli esta a imagem, & o esplendor da bondade. Alteza do fugeito? Alli tendes todas as Emprezas de Deos Homé. Que mais dezejais? Figuras dos Humanistas? Alli se escõde não só a figura, mas a verdade da Humanidade do Redêtor. Energia nas palavras? Alli samtam efficazes, que bastam quatro, pera trazerem a Deos do Ceo à terra, & o porem naquelle breve circulo? Cores da Rhetorica? Alli naquelle circulo, como no arco das nuvens, se vê matizado das cores de sua innocencia, & de seu amor. Verdade? Aqui esta a summa Verdade empenhada no q̄ diz: *Caro mea verè est cibus: Sanguis meus verè est potus.* Que mais quereis? Brevidade? Nam pode ser maior, por-

porque naquella brevissima esfera está abreviada a Immenfidade. Clareza? Alli resplandecem os rayos todos do Sol Divino. Suavidade de estílo? Alli está a fonte de toda a suavidade, como diz o Doutor Angelico. *Spiritualis dulcedo in suo fonte gustatur.* O' vede pois, quãta rezam teve o Real Profeta pera dizer, que no Sacramento fez Deos huma memoria, ou Cómentario Real de todas suas maravilhas: *Memoriam fecit mirabilium suorum misericors, & miserator Dominus, escam dedit timentibus se.*

24 Segue-se agora exhortarvos à lição deste Real Cómentario. E ja sabeis, que este livro lesse comendo. Assim o mandou Deos a S. Joam; *Devora illum.* E assim o tinha mandado a Ezequiel. Mostrou Deos hum livro fechado a Ezequiel, & diz o Profeta, que neste livro estavaõ escrittas, lamentações, canticos, & ays: *Et scriptæ erant in eo lamentationes, carmen, & væ:* E mandou Deos ao Profeta, que o comes-

se: *Comede volumen istud.* Este livro, dizem alguns dos Expositores mysticos, que era o Sacramento Santissimo da Eucharistia em figura. E o effeito o mostrou, porque achou nelle o Profeta o gosto, que S. Joam: *Comedi illud, & factum est in ore meo tanquam mel dulce.* Mas se este livro era o Sacramento, como estavaõ escrittas nelle, lamentações, canticos, & ays? No Sacramento a melodia de hum cantico, esta bem; mas a dissonancia de huma lamentaçãõ, & a lastima de hum ay no Sacramento? *Lamentationes, & væ?* Sim: Vede, Catholicos, como chegais a ver, ou a comer este sagrado volume. Hade preceder a lamentaçãõ, isto he, as lagrimas do arrependimento da dor, do pezar das culpas: se assim for, achareis a suavidade de hum doce Cantico; *Lamentationes, & carmen:* mas se assim naõ for, comereis nelle a terribilidade de hum ay eterno. Origines diz, que aquelle *carmen*, quer dizer a vida dos bemaventurados:

Car-

Apoc.
10. 9.

Ezec.
2. 9.

Carmen, id est, vita Beatorum: E o *væ*, o ay dos condenados: E isto he o Sacramento diz S. Thomas: *Mors est malis, vita bonis:* pera os maos he morte, pera os bós he vida. Vede outra vez como comeis este sagrado volume: se o comeis com lagrimas de dor, comereis nelle a vida; se o comeis sem arrependimento comereis nelle a morte: se o comeis digna-

mente, comereis nelle hum cantico suavissimo: *Carmen:* se o comeis indignamente, comereis nelle hum ay eterno: *Et væ*, se o comeis indignamente, comereis nelle nova culpa; se o comeis dignamente, comereis nelle nova graça: se o comeis indignamente, comereis nelle a pena eterna: se o comeis dignamente, comereis nelle eterna gloria.





SERMAM DO NACIMENTO D A SENHORA

Em Coimbra na Igreja do Salva-
dor no Anno de 1681.

De qua natus est JESUS. Mat. 1.

I **S**E os Evange-
lhos comque a
Igreja celebra
seus mysterios,
faõ o norte, a que devem di-
rigir seus discursos os Ora-
dores Evangelicos, naõ sei
como havemos de compor
hoje o Evangelho da festa
com o mysterio do dia. Por-
que se ponho os olhos no E-
vangelho, inclina a luz toda

a Belem; & me vay guiando,
como a estrella aos Reys, a
adorar o nascimento do Sal-
vador recém-nacido. Se vol-
to os olhos ao mysterio do
dia, vejo que em Nazaret
me está chamando com os
efficazes acenos de seus ra-
yos húa tam fermosa estrel-
la, que nos primeiros ber-
ços de sua luz tem emulaço-
ens de Sol. O Evangelho
diz,

diz, que naceo o Salvador da Senhora: *Natus est JESUS*: o dia está dizendo, que naceo a Senhora do Salvador: em fim o Evangelho he do nascimento do Filho: o mysterio he do nascimento da Mãy. Equivocos, quando não confusos, devem estar os dous nascimentos.

2. Se o Evangelista fallara daquelle nascimento Eterno, em que o Filho de Deos sahe sem fahir do entendimento do Pay, facilmente entendera eu, ou creera facilmete em que no mesmo instante da Eternidade he igual na duração o Pay, q̄ produz, & o Filho produzido; mas que fallando o Evangelho do nascimento temporal do Filho, o hajames de accômodar ao nascimento da Mãy! Se a Mãy naceo quinze annos primeiro que o Filho; como lemos nacido o filho no dia, em que applaudimos o nascimento da Mãy? Esta he a difficuldade, senão a repugnancia, que o Evangelho da festa parece ter có o mysterio do dia.

3. Direis, que os Evan-

gelistas não escreveraõ o nascimento da Senhora; & como não tem proprio Evangelho o seu nascimento, como outro se podia mais dignamente applaudir aquelle dia felicissimo, em que arreyou sobre a terra esta bellissima aurora, do que com aquelle, que nos pede as alviças de ter ja nacido o Sol: *Natus est JESUS*.

4. Está bem ditto. Mas eu perguntara ainda. E porque não escreveraõ os Evãgelistas o nascimento da Virgem Mãy? Não foi este nascimento o annunciado por tantos Profetas, o prometido a tantos Patriarcas, o ideado em tantas figuras, o dezejado em todas as idades, o suspirado em todos os tempos; que chegou a dizer o Grande Damasceno, que andavaõ os seculos em huma porfiada, & piedosa batalha sobre qual levaria a gloria de cahir em seus dias este dia do nascimento da Senhora: *Certabant secula, quodnam ortu Virginis gloriaretur?*

5. Pois que rezaõ podia mor-

mover a pena dos Sagrados historiadores pera passar em silencio a luz de hum tam fermoso dia? Satisfaçamos a esta duvida particular com huma universal resposta. Fazem questaõ os Expositores, de que os Evangelistas dissessem tam pouco da vida, & prodigios da Virgem Senhora. E responde em nome de todos aquella grande luz da Theologia o Padre Soares: *Tota Evangelistarũ intentio ad Christum ferebatur; quia illo cognito, ejusque fide satis fundata, non poterat ejus excellentia, aut ignorari, aut occultari.* O intento todo, a que tiraraõ os Evangelistas foi a dar a conhecer ao mundo a pessoa de Christo; & huma vez, q̃ o mundo conhecesse a Christo, & seus mysterios, naõ se podia occultar a grandeza, & excellencia de Maria. Estava o conhecimento da soberana Senhora cifrado todo nas noticias de Christo; & naõ podia ignorar o que era Maria, quem soubesse o q̃ Christo era: *Illo cognito, non poterat Mariæ excellentia aut oc-*

cultari, aut ignorari.

6 A o lume desta rezaõ manifestamete se deixa ver, a que tiveraõ os Evangelistas, pera naõ fazer mençaõ do nascimento da Senhora, & passar em silencio a narraçaõ de hum tam singular prodigio, com que puderaõ illustrar mais que ordinariamente sua divina historia. Escreveraõ o nascimento de Christo; & julgaraõ, q̃ era superfluo escrever o nascimento da Senhora; porque nas circunstancias de hum nos davaõ a ler as glorias do outro. Naceo o Filho em Belém; nasceo em Nazaret a May; mas a differença dos lugares naõ variou a semelhança dos nascimentos; conhecido o nascimento do Filho, tendes conhecido o nascimento da Mãy: *Illo cognito, non poterat Mariæ excellentia aut ignorari, aut occultari.* Sigamos pois este pensamento, que he ja tarde pera mudar de assumpto. E por favor desta Princeza q̃ nasce chegemos àquelle trono da gloria em requirimento da graça.

AVE MARIA.

De quantus est JESUS.

7 **N** Aceo a Mãy, diz o mysterio do dia: naceo o Filho, diz o Evangelho da festa. E se me perguntais: como naceo a Mãy? Responde a Igreja com o Evangelho: *Natus est JESUS*: naceo, como naceo JESUS: como hum naciẽto he exemplar de outro naciẽto, pera saber como naceo a Mãy, basta saber como naceo o Filho. He tanta a semelhança entre hum, & outro naciẽto, que não parecem diversos.

8. Vede como os igualou o Espirito Santo em figura, & em profecia. A figura mais expressa de Christo he o Sol; & da Senhora he a lua. E como naceo o Sol? E como naceo a Lua? O Texto o diz no primeiro cap. do Gen. I. *Genesis: Fecit Deus duo luminaria magna.* Creou Deus duas grandes luzes. Notavel simuldade de naciẽtos; se hade nacer o Sol, porque não nacerá primeiro, q̃

a lua: se a lua hade participar a luz do sol; porque não nacerá depois a lua: mas a lua, & o sol não s̃o no mesmo dia; mas tambem no mesmo instante? Todas as outras creaturas tiverão entre si precedencia na creação: o Ceo creouse primeiro que a terra: a terra antes que a luz; a luz primeiro q̃ as agoas; & assim as mais. Pois se Deos na creação das mais creaturas guardou esta ordenada prioridade de hũas a outras; no sol, & na lua porque a não guardou? Porque não creou primeiro; o sol; & depois a lua; ou primeiro a lua, & depois o sol? Porq̃ assim a creação do sol, como a da lua representava outros mais luzidos, & mysteriosos naciẽtos. Não nacerão igualmente o sol, & a lua, pello que eraõ, nacerão igualmente pello que representavaõ. A creação do sol representava o naciẽto de Christo; a produçãõ da lua representava o naciẽto da Senhora. Pois nação igualmente a lua, & o sol; pera que à luz de hum,

& outro Planeta se veja a semelhança do nascimento da Senhora com o nascimento de Christo. Na ordem da natureza primeiro naceo a Mãe, & depois o Filho; mas a graça confundio tam mysteriosamente os dous nascimentos, que os unio no mesmo instante: *Fecit Deus duo luminaria magna.*

9 Direis, que he affectada a semelhança; & que com offensa do sol lizonjemos a lua; porque pera ver a differença de hum, & outro Planeta basta abrir os olhos, nem parecia necessario, que o texto a apontasse, quando ao sol chamou luz maior, & a lua menor luz: *Luminare maius: luminare minus.* Não sou tam cego, q̄ não veja a differença. Mas fazeime graça de tornar a ler o texto: *Fecit Deus duo luminaria magna:* Creou Deos duas luzes grandes. Agora reparo, & difficulto. Se o texto havia depois dizer, q̄ era maior o sol, & menor a lua; porque o não disse logo? Porque não disse: creou Deos huma luz maior, & outra

menor; mas disse: creou Deos duas luzes grandes: *Duo luminaria magna?* Porque quando o texto lhes chamou maior, & menor, olhou pera os officios, que Deos lhes queria dar: quando lhes chamou grandes, olhou pera a grandeza do nascimento, que Deos lhes dera. Queria Deos dividir entre o sol, & a lua o governo do dia, & da noite; & pera repartir os officios não olhou pera a grandeza, com que nacerão; olhou pera a diversidade, cō que luziaõ: ao sol, que luzia mais, deu a presidencia do dia: *Luminare maius, ut præesset diei:* à lua, que luzia menos, deu a presidencia da noite: *Luminare minus, ut præesset nocti.* Não mede Deos a capacidade pera as presidencias, ou precedencias pello berço; medea pello talento; não pello berço, em que nacestes; mas pello talento, com que excedeis: Que importa que nacesteis entre purpuras, se he de burel o genio; ou que vos embalassem em berço dourado, se he de ferro o talento, nacerdes

cerdes grande deve-se a outrem; o fazeros grande, deve-se a vos. Em fim levou o sol o melhor lugar; porque eraõ maiores seus rayos.

10 Mas este excessõ, q̃ o sol fez à lua; não foi no nascimento, ambos naceraõ iguais, ambos grandes, ambos luzidos: *Duo luminaria magna*. Quem visse a ambos em seus nascimentos, ou o nascimento de ambos, não distinguiria, qual era o sol, & qual era a lua: com hum amavel engano julgaria, que a lua era o sol; & que o sol era a lua: tam pura, tam brilhante, tam fermosa appareceo em seu nascimento a lua. Distinguirãõ depois os rayos aos dous Planetas Principes; mas os nascimentos equivocarãõnos.

11 Trasladaí agora este discurso do literal a o allegorico, ou das figuras aos figurados; do sol, & da lua à Christo, & Maria. Não posso negar, q̃ excede Christo a Maria, quanto o sol excede a lua; mas se considerardes seus nascimentos, não sei se alcançareis o excessõ:

tam glorioso foi o nascimento da May; que se confunde gloriosamente com o nascimento do filho. Tam cheia de graça; & de gloria appareceo logo esta fermosissima lua; que roubou os agrados todos a Deos.

12 Em hũa couza particular tenho reparado; & não sei se notastes ja. Tenho reparado; em que escolheira Deos o tempo da noite pera fazer aos homês os maiores beneficios, & pera não dilatarmos o discurso pellos tempos da ley da natureza, & escripta: não sayamos do tempo da ley da graça. Encarnou o Divino Verbo; & obrouse de noite este Divino mysterio, como sente S. Boaventura, Pedro Blesense, & outros sobre aquelle lugar da sabedoria: *Cum qui Sap. et in silentiũ tenerent omnia,* 18. 14. *& nox in suo cursu medium iter haberet.* Naceo dahi a nove mezes em Belem; & sahio o sol a meya noite; como nos ensina a Igreja com a piedade dos Santos. Trãfigurouse no Thabor dãõnos naquella gala da gloria,

com que revestio seu corpo huma mostra da gala, com q̄ havia de adornar os dos seus predestinados; & como inferem do contexto dos Evangelistas os melhores Expositores, passou de noite esta mostra. Deu pera preço de nossa liberdade seu sangue em o Calvario; & ainda que era ao meyo dia, as trevas que sobrevieraõ; fizeraõ do dia noite: *Tenebrae factae sunt super universam terram.*

Mat. 27. 45 Mas pera que nos cansamos, se temos aos olhos a maior prova desta induçãõ. O maior beneficio, porque cifra de todos seus beneficios, q̄ Deos fez ao mundo, he o Divinissimo Sacramẽto da Eucharistia; porque se mediso beneficio pella dadiva; esta não pode ser maior; porque he o mesmo Deos, & se o medis pello amor; não pode ser mais excẽsivo, porq̄ he o fino de todas as finezas. Pois este beneficio de todos seus beneficios em que tempo, ou em que hora o fez a o mundo? S. Paulo fez de fẽ, que foi de noite: *In nocte, qua trad:batur.*

13 E se agora me perguntais a rezaõ; porque escolheo Deos mais as horas da noite, que as do dia pera a execuçaõ de suas liberalidades? Desdo principio do mundo estã respondido: *Luminare minus, ut præesset nocti.* As horas da noite sã as horas da lua: as horas do dia sã as horas do sol: o sol assiste ao dia com seus rayos, a lua assiste à noite com seus influxos: E pera Deos mostrar quanto lhe rouba o agrado; não a lua material, mas a mystica; não a que creou no quarto dia; mas a que hoje creou; fez seus maiores beneficios, não nas horas do sol; mas nas horas da lua; não de dia; mas de noite.

14 Bem sei, que aõs rayos daquelle Divino sol, quero dizer, aõs merecimentos de Christo devemos principalmente a graça de seus beneficios; & os beneficios de sua graça; mas defertanto aõs agrados da Divina Lua; que sem sua assistencia parece os não pode cómunicar.

Jof. 10
12.

15 Prodigioso sempre o cazo de Josue. Hia o valeroso capitão no alcanse de cinco Reys inimigos do povo de Deos; & vendo que lhe faltava o sol; & vinha cahindo a noite a roubar à suas bandeyras as cores, & à suas armas a victoria, galhardamente confiado levantou com a espada a voz; & disse: *Sol, contra Gabaon ne movearis; & luna, contra vallem Aialon.* Pare o sol, & pare a lua. E parai vos tambem valeroso General. Que mandeis parar ao sol, & medir o curso de seus rayos pellos fios de vossa espada; bem está: mas que mandeis tambem parar a lua, pera que? Quem pode embaraçar a victoria, he a falta do dia; & o dia não o faz a lua; talo o sol; pois se basta o sol; porque manda o capitão, que pare tambem a lua: *Et luna contra vallem Aialon?* Porque ainda que o sol bastava sô pera o dia; pera o favor, não bastava so o sol: bastava so o sol pera lhe dar a luz; não bastava so pera lhe dar a victoria: a extensão do dia dependia do

sol; a gloria do triumpho dependia tambem da lua. Mas de que lua, & de que sol? No literal do sol, & da lua, que vemos: no allegorico do sol, & da lua, que não vemos: daquelle sol, que alli vemos sem o ver, & da lua, que hoje celebramos nacida. Ambos parados; o sol por amor dos homens; & a lua por amor do sol: pera que entendamos como entendeu Josue, que pera aquelle Divino sol parar em nosso favor, & nos assistir com seus rayos, hade parar igualmente a lua; porque sem a assistencia de Maria não quer Christo favorecer aos homens. Tam semelhantes fez Deos a estes Divinos astros nos favores; como os fez semelhantes nos nacimentos: *Fecit Deus duo luminaria magna.* Esta foi a figura: vejamos agora como os igualou o Espirito Santo em profecia.

16 Falla Isaias do nacimiento de Christo, & da Senhora, & mudando a metaphora de astros a flores diz assim: *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus*

ejus ascendet. Nacerà da raiz de Jêssê huma vara; & da raiz brotarà huma flor. Falla o Profeta de Maria, & de Christo no sentir dos Padres todos. Mas não reparais no modo de dizer, de que uza o Profeta: Diz que da raiz nacerà a vara; & da raiz nacerà a flor. Qué tal vio nunca? O que vemos cada dia, he nacer a vara, crescer, engrossar, formar-se em olhos, vestir-se de folhas; & a beneficio do sol ir pouco & pouco formando o botaósinho, ate q̄ dilatãdose em suas folhas, ou sejaõ de neve, ou de purpura, accêde o ar vizinho cõ a suavidade de sua fragrançia. Mas nacer a vara, & nacer a flor ambas da mesma raiz? Sim; que se nas outras varas, & flores se distinguê os nascimentos; em Christo, & em Maria equivocãse. Nas outras plantas vese primeiro nacer a vara, & depois a flor: na arvore do Evangelho vara, & flor ambas nace-m igualmente. Por isso cõ o nascimento da flor: *Natus est JESUS*; celebramos o nascimento da vara: *Egre-di-*

etur virga de radice Jesse.

17 Temos provado o assumpto em comum: deçamos a algumas circunstancias particulares: & ouçamos aos Anjos, o que dizem, ou o que cantaõ no Nascimento de Christo. Na hora em que naceo Christo em Belem appareceraõ os Anjos aos pastores; & dandolhes a nova do felicissimo nascimento entoaraõ aquella letra; em q̄ recopilarã as felicidades, q̄ hum, & outro mundo havia de lograr: *Gloria in altissimis Deo: & in terra pax hominibus?* No Ceo gloria a Deos; & na terra paz aos homens. De modo que com o nascimento de Christo naceo pera Deos a gloria, & pera os homês a paz.

18 Não sei se no nascimento da Senhora se ouvio na terra a mesma letra; mas que cauzou os mesmos effectos seu nascimento eu o provo. Primeiramente que teve Deos neste dia especialissima gloria, mal o poderã negar, quem souber a ansia cõ que Deos esperava este dia. E se a quereis ver, estendei

Gen
32. 24.

os olhos aos campos de Mesopotania; vereis ao Divino Verbo em figura de hum Anjo à braços com Jacob: *Ecce vir luctabatur cum Jacob.* Que busca Deos naquelles braços; q̄ pertende com aquella luta? ficar vencedor, ou ser vencido? ser vencido; & vencedor: Assim succedeo; porque Jacob prevaleceo no conflito, como diz o Profeta: *Oseas: Invaluit ad eum:* mas como vencido reconheceo superioridade: *Flevit, & rogavit eum.* Apertava Jacob ao competidor, instava este por se libertar de seus braços; durou a batalhá a noite toda. Manda, ou pede Deos a Jacob, que o deixe: *Dimitte me; jam enim ascendit aurora:* Deixaime, q̄ vem nascendo a aurora. Reparaí com alguma novidade, na rezaõ, que da, pera que o deixe. Se Jacob o apertava; parece que havia de dizer; deixaime que me apertais; mas deixaime, que nasce a aurora, com que consequencia? Que tem de ver com o nacer da aurora o apertar de Jacob: antes parece que ha-

via Jacob de apertar mais; porque se visse a melhor luz a valentia de seus braços.

19 Ora o cazo he, que as instancias de Jacob com Deos eraõ pera que Deos se fizesse homê; aquelles apertos eraõ as ansias; aquella luta era ensayos. E na hora em que nasceo a Divina aurora de Maria, acabou a luta; tiveraõ fim as ansias, & termo os apertos, em q̄ Deos andava. Nem Jacob tem mais que instar a Deos; nem Deos tem mais que lutar cõ Jacob: *Dimitte me; jam enim ascendit aurora.*

20 Em quanto não alegrou o mundo com seu nascimento esta aurora bellissima, andava Deos em huma luta continua com os homês: ja os apertava com o braço direito de seus favores; ja com o esquerdo de seus castigos: Deos instando por se apertar mais com os homês: os homês porfiando a se apartar mais de Deos: cansado parece que o traziaõ as ingraticões humanas; queixa he de seu amor pello Profeta Malaquias: *Laborare fecistis*

cistis Dominum. Mas no ponto, em que começou a subir sobre o horizonte da vida a Aurora de Nazaret coroada de rosas, & de raios, parece que acabou em Deosa noite de suas ansias; & amanheceo o dia de suas glorias: *Dimitte me; jam enim ascendit aurora.*

21 É como não havia de amanhecer neste dia hum dia de grande gloria pera Deos; se nacia o seu centro. Centro chama de Deos à Virgem Senhora hum douto expositor dos Proverbios de Salamaõ, fundado na authoridade de S. Bernardo, & de Anastasio Synaita. *Christus ad Virginis uterum, tanquam ad centrum suum descendit.* Ora ponderai agora a ansia natural, & inquietação amorosa, com que buscaõ o seu centro os elementos. E se o quereis ver com os olhos, pondevos a contemplar em huma agulha nautica: vereis, que tremula se move; como se volve inquieta, que desassocogada se altera. Voltaia ao Oriente; não aquieta: apon-

taia ao Occidente; não descansa: fixaia ao polo Antartico; não socega. Dá hum, & outro gyro; fazse em huma, & outra volta; & ate não achar a estrella do norte, não para. Pois metal duro, que te inquieta? Aço inanimado, que te commove? Se buscas estrellas; porque te não bastaõ, quantas ardem no firmamento? Que quereis? A do norte he o seu centro; pera alli a inclina sua occulta, & natural sympathia; por isso so nella descansa, & aquieta a ansia naturalmente amorosa, com que tudo propende pera seu centro.

22 O'estrella do mar Maria! O' centro, & descanso unico da Divindade! Lançai, Senhores, os olhos por tres mil novecentos, sesenta, & cinco annos, que tantos tinhaõ corrido desde principio do mundo ate o dia felicissimo, em que naceo esta Divina estrella; & em todos achareis a Deos se dentro em si summamente bemaventurado; fora de si parece que inquieto, buscando entre as creaturas alguma, em que

Ecc.
24.

pudesse descansar seu cuidado, & seu amor. Assim o disse em nome da Sabedoria no cap. 24. do Ecclesiastico: aonde depois de dizer, como assistira na produção de todas as couzas criadas; ajuntou logo: *In his omnibus requiem quaesivi*. Buscou o descansante nos Anjos, a quem criara como estrellas; mas não achou, o que buscava; porq̃ huma grande parte se converteo de estrellas em exhalações, que o mesmo fogo, que as accendo, as precipitou. Buscou-o nos homês, & não logrou, o que dezejava; porque ao leve golpe de huma maçã renderão cobardemente as armas; & perderão o paraizo. Tornou na descendencia de Abrahaõ a criar novas estrellas; mas discorrei por todos aquelles Patriarcas; & achareis como em nenhum podia Deos descansar a seu amor. Assim andava de huma em outra creatura, como o aço de huma em outra estrella, sem descanso, sem quietação, sem fôcego. Mas hoje, que a fermosissima Estrella Ma-

ria começou em seu nacimiento a explicar a belleza purissima de seus rayos; achou a Divindade o seu centro: ja descansã; ja acquieta; ja fora de si mesmo logra a gloria, que buscava. Expressamente o Doutor Melifluo: *Hæc est illa unica salutaris femina, in qua sola quaesitam in omnibus requiem invenit*.

23 E não achou so o amor Divino descanso; porque naceo a Mãy, de que havia de nacer Deos feito homem; mas porque tambem por amor da mesma May havia de satisfazer a outra ansia, ou dezejo seu. Não ha duvida, que foi vehemente o dezejo, que Christo teve de se Sacramentar; o mesmo Senhor o significou naquella mysteriosa repetição, que disse a seus Discipulos antes da ultima Cea: *Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum*. Pois, meu Senhor; não sabeis, quantos haõ de chegar a essa Divina meza com o coração de Judas; & que nesse osculo de paz haõ de ser traydores à vosso amor? Como deze-

Luc.
22. 15.

dezejaistanto Sacramentavos, se vos hade offender tanto nesse beneficio a ingratitude humana? Como não resfriaõ o ardor de vossos dezejos as offensas desse Divino mysterio?

24 Sabem porque? Porque a Eucharistia, como dizem os Padres, & Theologos he huma extensão repetida da Encarnação. Não cõvinha encarnar outra vez o Verbo, & nacer de Maria May sua. Pois que remedio pera lograr repetidas vezes o gosto, que teve no discurso de nove mezes? Sacramentarse; & entrar Sacramentado naquelle peito, em que entrara huma vez pera encarnar. A preço de tantas injurias, quantas ou a infidelidade, ou a malicia lhe faz no Sacramento, comprou Christo o gosto de renovar huma sombra de sua Encarnação: & estimou por maior essa gloria, que suas offensas.

25 Pois se com o nascimento desta Estrella Divina naceo pera Deos o centro, em que descança; & logra a maior gloria accidental, bem

podemos neste dia cantar com os Anjos, ainda q̄ não seja como Anjos: *Gloria in altissimis Deo.*

26 *Et in terra pax hominibus.* A paz he a segunda felicidade, que no Nascimento de Christo prometteraõ os Anjos aos homês; & eu quizera mostrar no nascimento da Senhora. Vamos ao seu Evangelho, que he o Apocalypse.

27 Vio S. João em hum soberano trono a Magestade de Deos; & tecia com a variedade fermosa de suas cores huma coroa ao trono o Iris, ou Arco Celeste: *Iris* Apoc: *erat in circuitu sedis.* Todos 4. 3. sabem, que neste Arco escreveo Deos os ajustamentos da paz, que depois daquelle universal diluvio fez com os homês: *Arcum meum in nubibus ponam.* &c. Com o Arco nas mãos fez Deos as pazes; porque com as armas nas mãos parece se ajustaõ melhor. Mas agora perguntará vossa curiosidade: Este Arco, ou milagre natural como se forma nas nuvês? Que Apelles tira naquelles len-

ços tam finos humas linhas tam futís? Que pincel lhes dá aquellas cores tam vivas? Sabeis quem? O pintor he o Sol; seus rayos faõ o pincel; & as tintas sua luz. Para huma nuvem fronteira ao sol, ou como espelho, a que se componha, ou como taboa, em que se retrate; & conforme as disposiçoens, que na nuvem topam seus rayos; assim variaõ as cores: como disse o grande Poeta: *Mille trahit varios adverso sole colores.*

28 Supposta assim esta Filosofia: quem era o sol, a cujos rayos se formava no trono de Deos aquelle Arco de paz? Vio o mesmo Evangelista, quando vio, que nacia, ou apparecia no Ceo aquelle milagroso meteoro, ou prodigioso sinal, pera cuja gloria, & ornato conspiraraõ os astros todos: *Mulier amicta Sole, Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum duodecim.* Apareceo nacida esta glo-

Ap.12. riosa Senhora: *Signum magnum apparuit in Cælo; & logo no trono de Deos se*

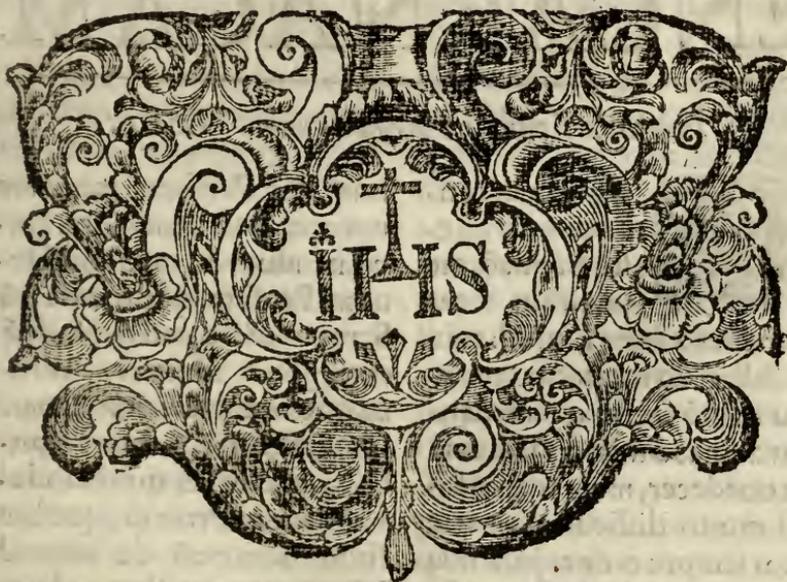
vio o Arco da paz; porque à vista de Maria cahem a Deos os rayos da maõ: *Iris erat in circuitu sedis.* Cor. nel. 11 Genes.

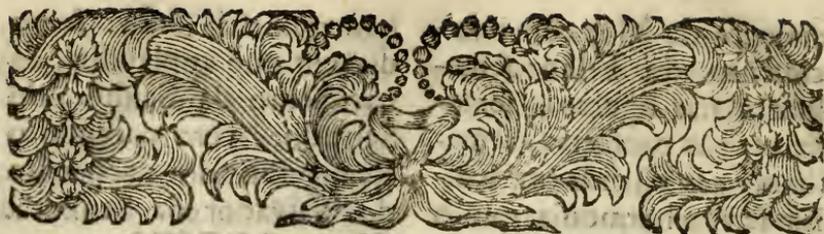
29 Ou digamos, como dizem muitos, que o Iris representa a Christo, a quem S. Paulo chamou Paz nossa; *Ipsè enim est pax nostra.* Mas se em algum mysterio com singularidade tem Christo a semelhança de Iris, ou Arco, he no Sacramêto da Eucharistia: ou porque daquelle nevado circulo, como de Arco, despede as mais ardêntes settas de seu amor; ou porque alli entre nuvens de accidentes forma aquelle Iris penhor mais seguro de sua, & nossa paz: naquella nuvem diafana, & opaca, diafana pera os olhos da fê, opaca pera os sentidos do corpo està promettendo aos homês a felicidade da paz, mas tudo à vista do sol, que apparece na menina, que hoje apparece nacida: *Signum Magnum apparuit: Iris in circuitu sedis.*

30 Parece que temos provado o assumpto; & mostrado a semelhança do nacemento-

cimento da Mãe com o nascimento do Filho: semelhante nas figuras; semelhante nas profecias, semelhante nas felicidades. E assim se ve a harmonia, que o mysterio do dia faz com o

Evangelho da festa: & no dia, em que applaudimos o nascimento da Senhora do Salvador, vem nascendo o Evangelho do nascimento do Salvador da Senhora: *Natus est JESUS.*





SERMAM

D A

ENCARNACAM.

Fiat mihi secundum verbum tuum. Luc. i.

I  Uando me encomendarão este Sermao, me pediraõ, ou mandaraõ logo; que havia de fallar do mysterio: pareceo entaõ facil a quem mandava; mas a mim, que havia de obedecer, me pareceo logo muito difficuloso; que nem sempre o dezejo, ainda que ardente de obedecer, facilita o difficil: reconhecer a difficuldade he afinar os quilates à obediencia. Em fim que me succedeo o que a

hum dos Profetas menores em occaziaõ semelhãte. Encomendou, ou mandou Deos ao Profeta, que fizesse hũ Sermao; & como cuidais q̃ começou? *Domine, audivi* Haba-
auditionem tuam, & timui. cuc 33
Ouvi, Senhor, o q̃ me mandais, & temi. E que mandava Deos ao Profeta, que lhe fosse occaziaõ de temer? Mandava, diz Santo Agostinho, Eusebio Emissoeno, Apud
P.Ri-
bera, S. Jeronymo, & outros muitos Doutores, que pregasse o mysterio da Encarnaçõ.
Pois

Pois o mysterio da Encarnação dá que temer a hū Profeta? Se Deos lhe mandasse, como a Isaias, pregar a Achaz a ruina de Israel; se lhe mandasse, como a Jeremias, pregar ao povo o cattiveyro de Babylonia; se lhe mandasse, como a Jonas, pregar a Ninive sua assolação, se lhe mandasse, como ao grande Baptista, pregar a Herodes; hūa verdade, que lhe havia de custar a cabeça; não forá muito que temesse o Profeta; mas q̄ mandando-o Deos pregar ao mundo o mysterio da Encarnação, confesse ingenuamente o Profeta, que temeo: *Audivi auditionem tuam, & timui.* De que temeis, Profeta Santo? Não he este mysterio o dezejado em todas as idades, o pertendido em todos os tempos, o suspirado em todos os seculos? Não he este mysterio o pedido por todos os Patriarcas; o annuciado por todos os Profetas, o significado por todos os Sacrificios? Não he este mysterio, o que a Deos hade servir de gloria, aos Anjos

de pafmo; aos homēs de remedio? Pois que verdade mais gostosa podieis profetizar ao mundo? que mysterio mais applaudido podieis pregar aos homens? Claro está, que nenhum. Mas por isso mēsmo temeo o Profeta. He tam alto, he tam sublime, he tam estupendo o mysterio da Encarnação, que so ouvillo cauza temor; & que será o pregallo? Ouvio o Profeta, *Audivi*; & temeo: *Et timui.* E se o Profeta quando o mādaraõ ouvir, temeo; que fará, quem não sendo Profeta he mandado fallar deste mysterio?

2 Não ha duvida, que são grandes as cauzas pera temer; porque aonde toda a Rhetorica Angelica emmudece, a eloquencia humana como não hade pafmar? Por isso aonde o nosso texto diz: *Timui*, temi: lem os 70 Interpretes: *Expavi*, pafmei; fiquei attonito sem voz, sem palavras, sem discurso.

3 Temos encarecido a difficuldade do preceito; mas que faremos, se nos não quizerão escuzar? Obedecer,

cer, ja que não temos outro remedio. E pera applaudirmos a grandeza deste mysterio, ponderemos a grandeza deste dia. E pera isso digo, que foi não só grande, mas o maior. O maior pera Deos; o maior pera o homê; o maior pera a Virgem Senhora: o maior dia pera Deos; porque nelle se fez homê; o maior dia pera o homê, porque nelle se fez Deos; o maior dia pera a Virgem; porque nelle foi Mãe de Deos. O maior dia pera Deos; porque nelle logrou o desempenho de seu amor: o maior dia pera o homem; porque nelle se poz o ultimo remate a suas perfeições: o maior dia pera a Virgê; porque nelle competio sua humildade com a grandeza do Eterno Pay. Pera assumpto tam grande bem se ve a necessidade que temos da Divina graça. Vós Princeza Serenissima, a quem hoje o Anjo saudou chea de graça, nos alcançai, a de que necessitamos.

AVE MARIA.

Fiat mihi, &c.

4. **C** Hámei o maior dia a o da Encarnação; porq̃ nelle fez Deos astres maiores obras, em que igualmente se empenhou com seu amor sua Omnipotência. Neste dia, diz Ruperto, creou Deos ao primeiro homê em o campo Damasceno: neste dia encarnou na Cidade de Nazaret: Neste dia remio com sua morte ao mundo em o monte Calvario. E dia afinalado com as maiores obras de Deos, quem duvida, q̃ he o maior dia. Dia grande se chama nas Escrituras aquelle dia, em que Deos o-
 Ribera
 ad illud
 Osee. i.
 Quia
 magnus
 dies

5. O dia maior pera De-
 Jezra-
 hel.

os; porque nelle logrou seu amor o desempenho. Considera o antigo, & profundo Tertulliano a Deos com o barro em as mãos em o campo Damasceno: admira o cuidado, venera o conselho,
 ado-

adora a sabedoria, respeita a providencia, pasma do amor, com que o Divino artifice se poz a delinear aquella rude estatua; a alizarlhe a testa, a rasgarlhe os olhos, a afilarlhe o naris, a abri-lhe a boca, a ondearlhe os cabellos, a formar finalmente huma imagem, que sendo humana fosse copia de hum Original Divino: & pareceo-lhe ao douto Padre, que não era aquella estatua, tanto obra, como penhor: *Non tantum Dei opus erat, sed & pignus.* Era obra da Omnipotencia; & do amor era prenda. A Omnipotencia desempenhava-se na obra; & o coração empenhava-se na prenda, & a que se empenhava, ou penhorava o coração de Deos? No que então fez empenhavate ao que hoje faz: então fez ao homê, hoje faz-se homê: Todas aquellas feições, que Deos hia abrindo naquelle primeiro Adão, erao linhas, que hia lançando ao segundo: *Quodcunque linus exprimebatur, christus cogitabatur homo futurus:* Quem olhasse naquella oc-

cazião pera as mãos de Deos, veria formar hum corpo pera Adão: quem penetrasse o coração, & o amor, veria, que se enfiava então em o campo Damasceno pera formar hoje pera si hum corpo humano em Nazaret; as mãos pegavao do barro; o amor pegava-se ao barro, ou o barro ao amor: as mãos pegavao do barro, como de obra; o amor pegava-se a o barro como a prenda: *Non tantum Dei opus erat, sed & pignus.*

6 E ficou tam empenhado seu amor da obra pera a prenda, que não descansou, ate não chegar este dia, em que logrou o desempenho. Este he o mysterio daquelle celebrado texto, em que diz o historiador sagrado, que depois de sahir a luz com esta prodigiosa maquina do mundo, descansara Deos no dia septimo: *Requievit die septimo ab omni opere, quod patrarat.* Mysterioso descanso, & pello dia ainda mais mysterioso. E porque não escolhe Deos qualquer dos outros seis dias. Cria em o primei-

primeiro dia a luz tam obedi-
 ente a seus acenos, que
 mais parece ecco de suas pa-
 lavras, que execucao de seus
 imperios: *Fiat lux, & facta
 est lux*; tam bella por natu-
 reza, como por condicao
 benefica: & não acha Deos
 rezaõ pera descansar neste
 dia? Manda no dia segundo,
 que a parte mais cristallina
 das agoas se congele em fa-
 sifras; & que dellas se forme
 sobre a terra o firmamento:
 & que a outra parte, que af-
 fogava a terra, se retire a seu
 lugar, aonde lhe sirva de fa-
 cil, & fiel carcere as miudas
 areas da praya; & não des-
 cansa ainda Deos na obedi-
 encia tam prompta de hum
 elemento tam indomito co-
 mo o mar. Ordena no tercei-
 ro dia, que a terra ate alli in-
 fecunda: ja se orne da verde
 pompa de suas plantas, & ar-
 vores: ja se a fermosee aqui
 com a purpura, alli com a
 neve de suas flores: ja se en-
 riqueça com a abundancia
 de seus frutos. E nem ainda
 no terceiro dia acha Deos o
 descanso que buscava: Sahe
 no quarto dia a luz com es-

fas duas tochas do universo,
 ou dous olhos da natureza
 sol, & lua: semente de estrel-
 las, como pudera de flores o
 firmamento; & quando pa-
 rece, que na fermosura de
 tam luzidas creaturas se po-
 dia dar por satisfeito seu a-
 mor, não lemos, que descã-
 fasse. Manda no quinto dia,
 que corte, & inquiete as en-
 tranhas do mar esse numero
 sem numero de peixes: que
 as aves variamente pintadas
 dominem vagamente a esfe-
 ra do ar. Manda no sexto dia
 que a terra de vida a o vulgo
 todo de feras, & animaes
 tam diversos na condicao,
 como diferentes na figura.
 E não descansa toma o bar-
 ro nas mãos; forma ao pri-
 meiro homẽ com o vagar,
 com o cuidado, com o amor,
 que dissemos. E sendo a obra
 tanto da sua mão, como do
 seu peito, pois com hum so-
 pro lhe deu vida, nem ainda
 neste dia descansou.

7 Amanheceo finalmẽ-
 te o dia settimo, & diz o tex-
 to, que descansara Deos ne-
 ste dia. *Requievit die 7.* No
 dia settimo? E porque? Por-
 que

que no dia settimo diz S. Le-
no, vio figurado aquelle dia,
em que havia de encarnar
nas entranhas purissimas de
Maria: *Requiescit libens flo-
rentissimo in domicilio casti-
tatis, & in visceribus Sacrae
Virginis comparat sibi corpus
suo iudicio nasciturus.* Não se
pode dizer com mais elegancia.
Estava empenhado o amor;
& não descansou ate que não
vio o dia, em que havia de
lograr seu desempenho. E como
aquelle dia foi figura deste dia,
descansou naquella figura; porque
não era ainda chegado o figurado:
Requievit die septimo. Produzio
Ceos, terra, sol, lua, estrellas,
Anjos, & homês; mas como nenhuma
destas creaturas eraõ de
sempenho de seu amor, em
nenhuma descansava: Fez-se
homê, & descansou.

8 E se quereis ver agrã-
deza deste dia. sobre os mais
dias, reparai; que fallando o
texto dos seis dias antecédentes,
de todos diz, que tive-
raõ menhá, & tarde; principio,
& fim: *Factum est vespere,*
& *mane dies unus: Factum*

est vespere, & mane dies secundus: E assim dos mais.
Chega ao settimo dia; & ainda
que teve principio, não diz que
tivesse fim: ainda q̄ teve menhá,
não diz que tivesse noite. Pois,
valhame o Ceo: Se os mais dias tem
menhá, & tarde, tem principio,
& fim; se começaõ, & acabaõ:
o dia settimo porque não se
medirà pellas mesmas horas,
se tem principio, porque não tem
fim; se tem menhá, porque não tem
tarde? Porque era figura deste
grande dia. Como a obra, que
representava, era a maior, que
Deos fez, ou pode fazer; foi
tambem maior o dia: medio-se
o dia pella obra da Encarnação;
& como a Encarnação foi obra
de hum amor sem fim, não teve
tambem fim o dia, que a representa-
va.

9 Por isso Christo ao dia da
Encarnação chama por antonomasia
dia seu. Falla o Senhor da amorosa
ansia, comque Abrahão suspirava,
por este dia; & diz assim: *Abraham exultavit, ut*
videret diem meum: Abrahã
ham

Joan.
8.

berm.
de
Nati-
vite.

Gen. 1.

ham dezejou muito ver o meu dia. Este dia, de que aqui falla Christo, diz o Cardeal Toledo com Santo Agostinho, Santo Irineo, & outros Expositores Sagrados, que foi o dia de sua Encarnação. Dia seu o dia da Encarnação? Sim. Não costumais dizer, que teve seu dia o pregador, em que com mais applauso foi ouvido? Que foi seu dia o do capitão, em que alcançou a victoria mais illustre; & ainda o dia, em que sahio de gala a fermosura, & pareceo melhor levando os olhos, & os corações, não dizeis, que foi seu o dia? Pois esse he o mysterio, com que Christo chama seu o dia da Encarnação. Veyo a palavra do Pay; & fez o primeiro Sermão, quando encarnou: *Verbum caro factum est*: Veyo o Capitão General, & deu a primeira batalha formando campo das entranhas purissimas de Maria: *Ex te existit dux*: Veyo a fermosura do Ceo a vestir-se da gala de nossa humanidade: & pareceolhe, que tinha tanto ar

na gala, tanta gloria na victoria, tão agrado no Sermão; que teve por seu o dia: *Exultavit, ut videret diem meum*.

10 Mas porque rezaõ foi mais seu o dia da Encarnação, que o dia do nascimento, o dia da Epifania, o dia da morte, o dia da resurreição? Nace em hum prezepe por amor nosso, accendendo em amor a mesma neve, que cahia sobre seu corpo fino delicado; & não chama seu o dia do nascimento? Accende o Ceo huma estrella: conduz tres Principes do Oriente, que abrindo os corações com os thezouros adoraõ, & reconhecem em hum prezepe a hum Rey; em hum menino a hum Deos: & não chama seu ao dia da Epifania? Dã a vida pella redempção dos homês com passino, & affombro da natureza, que ou agradecida à fineza, ou obediente à dor; mostrou no sentimento que queria acabar cõ seu author: & não chama seu ao dia da morte? Resuscita gloriosamente ao terceiro dia, sendo seu:

seu rosto enveja do sol, suas chagas pejo das rosas; & todo seu corpo hum retrato glorioso da immortalidade: & não chama seu a odia da resurreyção? So o da Encarnação he o seu dia, *Diem meum?*

11 E porq̄ rezaõ? Deve ser; porque ainda que nos outros dias mostrou largamente as finezas de seu amor: a Encarnação foi as primicias de suas finezas: as outras finezas foraõ segundas: a Encarnação foraõ as primeiras finezas: & as segundas finezas, ainda que sejaõ grandes, não avultaõ comparadas com as primeiras. Servio Jacob os primeiros sette annos em obsequio de Raquel; & faz o texto grandes encarecimentos das finezas do pastor: enganou-o Labaõ trocandolhe o objecto, mas não o amor; & pediu-lhe outros sette annos de serviço. Aceitou Jacob o partido; mas não diz o texto nada das finezas de Jacob nestes ultimos sette annos. Pode ser questaõ, quando andou Jacob mais fino: nos

primeiros sette annos; ou nos segundos? E parece sem duvida, que nos segundos. Nos primeiros servia Jacob, & a esperança sem duvida lhe servia de allivio: Nos segundos servia Jacob, mas depois de enganado; & a esperança duvidosa lhe servia de tormento. E q̄ não desmaye Jacob depois de se ver enganado; mas que continue a servir com a mesma pontualidade; grande fineza. Pois porque a não encarece o texto; como encarecco a primeira? Pello mesmo caso, que era segunda: as segundas finezas, ainda que sejaõ iguais, & ainda maiores não merecem a mesma estimação, que as primeiras: as primeiras finezas são o mimo do amor; são as flores do dezejo; são a aurora dos cuidados; por isso o texto, que das primeiras finezas faz grandes elogios ao amor de Jacob: das segundas não diz huma so palavra. E pella mesma rezaõ aos dias das segundas finezas, ainda que eraõ seus, não chama seus o Encarnado Verbo; & ao dia

da Encarnação, por ser o dia de suas finezas primeiras chama por antonomasia seu: *Exultavit, ut videret diem incum.* Todas as outras finezas dependeraõ da fineza da Encarnação: Esta foi a fonte; as outras foraõ rios: *Opus Incarnationis miraculorum omnium est caput*, disse S. João Damasceno.

Orat.
1. de
Annun-
tiat.

Sores
de In-
carn.
d. 9. f. 1.

E que esta fosse a maior fineza não he conceito de pregador, senão verdade em todo o rigor Theologico provada. Todo o amor, & a fineza toda aspira a unir os extremos, que se amaõ: este he o fim, este he o effeito, esta he a ansia do amor: o amor da Encarnação unio Deos ao homê, & o homê a Deos com o laço de uniaõ mais estreita, que pode ser: logo o amor da Encarnação foi o maior amor, & a maior fineza: Que a uniaõ hypostatica, que he a comq Deos se unio ao homê na Encarnação, seja a maior prova facilmente.

12 A quatro classes podemos reduzir os generos todos de unioens, que ha na

terra: (discorramos hũ pouco Theologicamente, pois o mysterio o pede) toda a uniaõ ou he affectuosa, ou natural, ou sobrenatural: accidental; ou sobrenatural substancial: unese Jonathas a David, & esta uniaõ he affectuosa: unese a alma ao corpo; & esta uniaõ he natural; unese a alma a Deos por graça; & esta uniaõ, ainda que he sobre a natureza, he accidental: unese Deos ao homê na Encarnação; & esta uniaõ sendo sobre a natureza he substancial: a uniaõ affectuosa està nas maõs de Jonathas, & de David; a uniaõ entre a alma, & o corpo està nas maõs da morte: a uniaõ entre a alma, & Deos, està nas maõs do homê; a uniaõ entre o Verbo, & a Humanidade està nas maõs de Deos. E que se segue daqui? Notai: a uniaõ affectuosa pode se perder, & perde se; ou porque os Jonatas como Principes se enfastiaõ, ou porque os Davis como homens se mudaõ: a uniaõ natural entre a alma, & o corpo tambem se perde, & hade perder;

perder; ou porque os achaques a cortaão; ou porque os annos a desfatao: a uniao entre a alma, & Deos por graça perde-se; porque ainda q̄ Deos não quer; os homês por sua culpa, & por suas culpas a destroem: a uniao entre o Verbo, & a humanidade, nem se perdeo, nem se perde, nem se hade perder; porque nem estâ fogueita às inconstancias da vontade humana, como a affectuosa; nem aos achaques, & annos, como a natural; nem aos golpes da culpa, como a da graça; sô à vontade, & amor de Deos esta fogueita. E que se-gura estâ de se perder esta uniao?

13 La quiz Salamao encarecer o maior amor, & disse, que era tam forte, como a morte: *Fortis est ut mors dilectio*: mas o amor da Encarnação foi mais valente, que a morte. A valentia da morte consiste toda em romper a uniao natural entre a alma, & o corpo: isto he o que executa a morte nos homês; isto he o que executou em Christo: chegou a morte à Cruz,

deu hum golpe na uniao entre a alma, & o corpo de Christo; & morreo; isto fez a morte na uniao da natureza; mas na uniao da Encarnação, que fez a morte? nada: porque ainda o corpo, & alma de Christo ficarao unidos ao Verbo da mesma forte, que antes. Isto sim, isto he amor, que não acaba cõ a vida; esta uniao sim, que dura ainda depois da morte. Elegantemente S. Leão Papa: *In tantam unitatem Dei, & hominis natura convenit, ut nec supplicio potuerit divini, nec morte diffungi.*

14 Mas entre q̄ extremos se dá esta uniao tam estreita, tam apertada, tam indissolvel? Esta he a admiração, este o pasmo, este o assombro: de huma parte Deos; de outra o homê! O homê! O Deos! O extremos! Deos, que tem de necessidade o ser livre: de privilegio o não ter igual: de natureza o ser Senhor; & de essencia, que todos sejaõ seus servos. Deos, que tudo sustenta sem sentir pezo; tudo governa sem sentir molestia: tudo do-

Serm.
17. de
paf.
Dñi.

mina sem sentir dano; tudo conserva sem tirar proveito: Deos, a quem nem a voracidade do tempo diminue; nem a eternidade do obrar fatiga; nem algum successo infeliz altera; nem algum acontecimento improviso varia: Deos, que ainda, que todo he clemencia se teme; ainda que se não aparte, se perde; ainda que se não perturba; se indigna; ainda que se não mude, se aplaca: Deos que tudo abarca, sem ser espaço; que tudo enche sem ser corpo; que tudo illustra, sem ser luz; que tudo aperfeiçoa, sem ser arte: Deos, Senhor dos exercitos, q̄ faz guerra, & não tem, que combater; combate, & não tem que vencer; vence, & não tem, que pertender; pertende, & não tem, que conquistar: Deos unido ao homê! ao homê, de quem pafma David, que Deos se lembrasse: *Quid est homo, quòd memor es ejus?* E se tanta admiração cauzava a David a lembrança; que será a união: *Quid est homo?* Deixemo-lo em admiração, porque

naõ pareça, que tornamos hoje a pregar da cinza. E que hoje se fizesse esta união entre extremos tam distantes, tam diversos, & tam diferentes! grande fineza! grande extremo! grande dia!

15 E se foi o maior dia pera Deos; tambem pera o homê foi o maior: o maior dia pera o homê; porq̄ nelle se poz o remate ultimo à suas perfeições. E agora acaba, & acabareis tambem de entender aquella grande diversidade, com que se Deos houve com as creaturas, & com o homê em sua primeira creação. Diz o historiadador sagrado, que assim como Deos hia creando a cada huma das creaturas, assim hia examinando sua perfeição; & as hia approvando. Creou a luz: vio-a, approvou-a: creou a terra, creou a agoa, creou os elementos; vios, approvou-os: creou os Ceos, creou o sol, creou a lua, & as estrellas, vios, & approvou-as. E assim das mais. Creou ao homê, & fo o homê entre todas as creaturas ficou sem a approvaçãõ, & abona-

abonação de Deos.

16 Grande duvida, & que tem dado que cuidar aos Expositores todos. He possível, que achão os olhos de Deos, que abonar em todas as mais creaturas; & que so ao homé não hade approvar por bom? Senhor, que vedes no homé, pera que no exame de vossos Divinos olhos não saya approvado? ou que vedes nas outras creaturas, que não depositasseis no homé? Não he o homé hum mundo pequeno, em quem compendiaestes as perfeições do mundo grande? Não participa o ser com os elemêtos? Não comunica no crescer com as plantas; não se parece no sentir com os brutos; não se assemelha no entender com os Anjos? Pois se cada huma das creaturas vistas em si, levarão a Deos o agrado; porque vistas juntas no homé não merecerão a approvação?

17 Porque vay grande differença das mais creaturas a o homé: As mais creaturas sahiraõ logo cabalmête perfeitas com a perfeição

que cabia nellas; o sol sahio logo com toda a perfeição; porque no sol não cabia mais, que o ser Sol; a luz sahio com toda a perfeição; porque na luz não cabia mais, que o ser luz; porem o homem não sahio com toda a perfeição; porque no homé cabia mais, que o ser homé; & que mais cabia no homé? cabia o ser Deos: creou Deos ao homé com huma grandeza tam ca paz, & com huma capacidade tam grande, que não so cabia nelle a perfeição do ser com os elemêtos; não so cabia nelle a perfeição do crescer com as plântas; não so cabia nelle a perfeição do sentir com os brutos; não so cabia nelle a perfeição do entender com os Anjos; mas tambem cabia nelle o ser immenso de Deos. Na primeira creação poz Deos os olhos na luz; & como na luz vio toda a perfeição, que cabia na luz; deu-a por perfeita, & acabada: *Vidit lucem, quod esset bona:* poz os olhos no Ceo, na terra, nos elementos, & nas mais creaturas; & como vio nel-

Gen. 1.

las toda a perfeição, que cabia nellas, deu-as por acabadas, & perfeitas: *Vidit, quod esset bonum.* Poz os olhos no homê, & ainda que vio no homê hum compendio das perfeições, q̄ divididamente repartira pellas creaturas, vio tambem, que não estava o homê cabalmente perfeito; porque cabia ainda nelle outra perfeição maior, que era o ser Deos; & como o não vio com toda a perfeição, que cabia nelle, não o deu entãõ por perfeito, & acabado; deixou a approvaçãõ pera hoje.

18 Hoje sim sahe approvado o homê, & cabalmente perfeito, porque chegou a lograr toda a perfeição, & grandeza, que cabia no homê; porque pella uniaõ entre o homê, & Deos, creceo tanto o homê, que chegou a emparelhar com Deos. Hoje sim, q̄ he o dia, em que os dous infinitamente desiguais, Deos, & o homê sahiraõ iguais, medidos pello mesmo tamanho nas entranhas purissimas da Virgem Senhora. Hoje sim,

que acabou de ver o homê; que lugar tinha entre as couzas creadas. Admiravelmente Santo Agostinho: *Demõstratum est homini, quem locum haberet in rebus, quas Deus condidit, quandoquidem sic Deo conjungi potuit humana natura, ut ex duabus substantiis fieret una persona.* Lib. 13 de Trinitate to. 3. Atê a o dia da Encarnaçãõ não sabia o homê a sua grandeza; ignorava o seu lugar. Podia cuidar, que era menos que o sol; porque não era tam luzido; podia cuidar, q̄ era menos, que o cedro; porque não era tam incorrupto; podia cuidar, que era menos, que o leaõ; porque não era taõ generoso; podia cuidar, que era menos, que o Anjo, porque não era tam entendido: mas no dia da Encarnaçãõ saiba o lugar, q̄ tem; porque pella uniaõ a Deos ficou superior a todas as creaturas, & igual ao mesmo Deos: *Demõstratum est homini, quem locum haberet in rebus, quas Deus condidit.*

19 Paremos aqui hum pouco por reverencia do mysterio, & por occasiaõ do

do tempo. Em tẽpo de Quaresma, & mysterio tam grande bem he que paremos hũ pouco na consideração de nossas obrigações. *Demonstratum est homini, quem locum haberet in rebus, quas Deus condidit.* Que antes de o homẽ se ver aparentado com Deos, não estimasse tãto sua nobreza na ignorancia de quem era, podia ter desculpa sua fraqueza; mas que depois que pella Encarnação do Verbo vio sua natureza sublimada à dignidade de Deos, se estime tam pouco, que se abata a hum appetite, que o arrasta; que se humilhe a huma enveja, a hum odio, a huma vingança, que o precipita.

20. O' que diversa estimação faz Deos do homẽ; & o homẽ de si mesmo. Deos estima tanto ao homem, que o faz Deos; o homem estimase tam pouco, que se faz bruto. Deos estima tanto ao homẽ, que o assenta consigo no mesmo trono; o homẽ estimase tam pouco, que faz trono da mesma vileza de seus vicios. Deos esti-

ma tanto ao homẽ, que o levanta sobre as creaturas todas; o homem estimase tam pouco, que se abate, & se fogeita as couzas mais vis do mundo. Consideremos bem nossa dignidade, diz S. Leão, pera que não degeneremos nas antigas vilanias: *Considera, o homo, dignitatem tuam; & noli ad pristinam vilitatem redire.*

21. Foi tambem o dia maior pera a Virgẽ Senhora; porque nelle alcançou a dignidade infinita, ou quasi infinita de Mãe de Deos; titulo tam glorioso, que o não pode ser mais. Porque nelle, ao q' parece, deu mais o Eterno Pay à Senhora, do q' a seu proprio Filho. Larga proposição; vejamos se a podemos provar. Ao Eterno Filho deu o Eterno Pay, quanto tem; *Omnia, quae cumque habet Pater, mea sunt.* Tudo o que tem meu Eterno Pay, diz Christo, tenho eu; porque o mesmo Pay me comunica: se he eterno, tambem sou eterno; se he immenso, tambem sou immenso; se he todo poderoso, tambem

fou omnipotente; se he infinitamête sabio, tambem fou a mesma sabedoria; se he Deos; tambem fou Deos igual em tudo a o mesmo Pay. Pode ser a comunicação mais universal? parece não: com tudo reservou para si o Eterno Pay hũa propriedade, que não comunicou a o Filho. E que foi, o que não comunicou a hum Filho infinitamente amado? Sabeis o que? a Paternidade: comunicoulhe fecundidade para produzir com o mesmo Pay o Espirito Santo, mas não lhe communicou o ser Pay: esta gloria especial he propria so do Pay; porque so a primeira Pessoa entre as tres Divinas he Pay. Pois esta gloria da Paternidade, q̃ unicamente reservou para si o Pay, he a que hoje comunica à Virgem May: A primeira Pessoa Pay por arcano Secretissimo da Divindade: a Virgem May por communicação amorosissima do mesmo Pay: a primeira Pessoa Pay, porque gerou na Eternidade hum Deos Filho: a Virgem, Mãe; porque ge-

rou em tempo hum homem Deos: a primeira Pessoa Pay, & Pay unicamête, porque a nenhuma das Divinas Pessoas communica a gloria da Paternidade, a Virgem, Mãe; & Mãe unicamente, porque participa com o mesmo Pay a paternidade para com Christo.

22 E se quereis ver esta gloria Divina por hum exemplo humano, ide comigo ao tribunal de Salamaõ, & vede aquellas duas mulheres litigando sobre o filho, de que cada huma queria ser Mãe. Ouvidas as partes, deu sentença o Rey dos Sabios, que se dividisse o menino: por embargos à sentença o amor, da que verdadeiramente era Mãe; & disse; que por nenhum cazo se dividisse; antes se entregasse todo à sua contraria. Notavel resolução do amor! Vem ca mulher! que te não sofra o coração ver a teu filho dividido em duas partes pella crueldade do ferro; assim o esperava eu de teu amor: mas que te sofra o mesmo amor perder de todo ao filho, a quem

quém tam encarecidamente
 amas !reclama, o que ja tens
 ditto; dize que viva o me-
 nino; & que supposto se não
 pode averiguar, qual das du-
 as he a verdadeira may; fi-
 que este filho de ambas; &
 fiquem ambas mays deste fi-
 lho. E assim nem o filho per-
 derá a vida; nem tu perderas
 de todo ao filho? Assim pa-
 rece se podia compor facil-
 mente a demanda não divi-
 dindo o filho, mas partindo
 a contenda. Pois porque o
 não fez assim esta may? por-
 que era may verdadeira. A
 natureza bem pode dar a
 huma may dous filhos; mas
 a hum filho não pode dar
 duas mays; & se a natureza
 o não pode fazer; como o
 havia de consentir o amor.
 Creceria o menino; & quan-
 do a que verdadeiramente o
 era, visse que o filho, cha-
 mava may, a que o não era;
 que zelos, que dor, que ma-
 goa lhe penetrariaõ a alma.
 Ah sim; pois antes perder o
 filho: *Date illi infantem vi-
 vum;* que metter o coração
 em taes apertos.

23 Isto que não soffreo

o amor de huma May; he o
 que hoje soffre o amor do E-
 terno Pay: não soffreo o a-
 mor daquella may cõmunica-
 com outra a matednida-
 de hum filho; hoje soffre o a-
 mor do Eterno Pay cõmunica-
 com a Virgem a paterni-
 dade de seu filho: Ouvi a
 Santo Anselmo, que com pa-
 lavras expressas diz tudo o
 que temos ditto. *Hunc sibi
 tamunicum, tam dilectissimũ,
 & in omnibus equalem non
 passus est remanere solummo-
 do suum; sed eundem in rei ve-
 ritate voluit esse Beatæ Ma-
 riæ unicum; & dilectissimum,
 & naturalem filium.* Mais diz
 ainda o Santo. Eu dizia, que
 soffria o amor do Pay cõmu-
 nicar à Senhora a paterni-
 dade: Santo Anselmo diz,
 que lhe não soffrera o amor:
Non passus est; não cõmuni-
 car à Senhora esta gloria sin-
 gularmente unica, & unica-
 mente sua.

24 E se me perguntaes,
 que partê teve a Senhora
 nesta gloria: expliquemos
 as palavras do nosso texto:
*Fiat mihi secundum Verbum
 tuum.* Depois que o Anjo

Emba-

Luc. 1. Embaxador deu por fiador de sua pureza ao Espirito Santo, respondeo a purissima Senhora, que se obrasse o mysterio conforme o que tinha ditto. *Fiat mihi secundum verbum tuum.* E que se seguiu a este *Fiat* da Virgem Senhora? Tornai comigo ao principio do mundo; & vereis, que com hum *Fiat*, deu Deos o ser ao mundo todo: disse, *Fiat lux*, & fezse a luz: disse, *Fiat firmamentum*; & fezse o firmamento. Comparai agora hum *fiat*, com outro *fiat*: o *fiat* de Deos com o *fiat* da Senhora: o *fiat* de Deos foi de quem mandava: o *fiat* da Senhora, foi de quem obedecia: E que se seguiu ao *fiat* de Deos? Seguiu-se o Ceo, seguiu-se a terra, seguiu-se as mais creaturas: E a o *fiat* da Senhora, que se seguiu? Seguiu-se a Encarnação do filho de Deos. E se havemos de julgar pella consequencia dos effeitos, mais poderoso foi o *fiat* da Senhora obedecendo; que o *fiat* de Deos mandando. O *fiat* de Deos mandando sahio com huma creatura feita

luz; o *fiat* da Senhora obedecendo sahio com hū Deos feito homē: o *fiat* de Deos mandando, tirou ao mundo do nada, & deu-lhe o ser, que não tinha: o *fiat* da Senhora obedecendo tirou ao Verbo do peito de seu Eterno Pay, & deu-lhe o ser humano. O *fiat* de Deos mandando venceo huma distancia finita: o *fiat* da Senhora obedecendo venceo huma infinita distancia. Do não-ser a o ser diz a Filosofia mais moderna, que he finita a distancia; & esta he a que venceo o *fiat* de Deos mandando: Do Creator à creatura; de Deos ao homem em toda a Theologia he infinita a distancia; & esta he a que venceo o *fiat* da Senhora obedecendo.

o 25 Mas direis: que Deos com o seu *fiat*, do que era menos fez mais: porem que a Senhora com o seu *fiat*, do que era mais fez menos: Deos com o seu *fiat*, do que era menos fez mais; porque do nada que he menos, ou mais que menos, fez a luz, fez o Ceo, fez o mundo, que he mais:

mais: porem a Senhora com o seu *fiat*, a Deos, que he mais, ou mais que tudo, fez homê, que he menos; & infinitamente menos que Deos: E fazer do menos mais, isso sim, que he gloria do poder; mas fazer menos do mais; milagre he, que fazem cada dia os homês.

26 A muito me obriga a infancia. Que quereis, q̄ diga; que tambem a Senhora com o seu *fiat* fez do menos mais? não pode ser; porque Deos não pode ser mais: mas se aquelle mar infinito de perfeições podera crescer com alguma marê, so entrando nesta madre podia parecer, que crecia. Ponderemos huma clausula ao nosso Evangelho. Vay o Anjo Embaixador explicando à Senhora as excellencias do Filho, que da parte de Deos lhe promettia; & diz entre outras: *Hic erit magnus*. Este será grande. Aquelle futuro *erit*, he o que de presente me embaraça. O filho, que o Anjo annuncia, não he Deos, & filho de Deos? O mesmo Anjo o disse: *Filius*

Altissimi vocabitur: E se he Deos, tem toda a grandeza possível, não pode, nem he possível ser maior. Pois se he grande, & tam grande, que não pode ser maior; como diz o Anjo, que será grande: *Erit magnus*? Quem diz, q̄ será grande, suppoem que pode crescer; mas como pode crescer o infinito? Pode crescer, não em si; porque em si não he capaz de augmento; mas pode parecer, que cresce.

27 Supponhamos hum milagre, que Deos não fez ainda, mas pode fazer. Se Deos reduzisse a immensidade de agoa, de que consta o Oceano, às estreitas margês do Módego, aonde corre de húa, & outra parte mais encarcerado entre rochedos, que havia de succeder? hirião crescendo as agoas humas sobre outras; & estas sobre aquellas ate chegarem a borrifar as estrellas. Pois não são estas as mesmas agoas, de que se compoem o Oceano. Sim são; pois como creceraõ tanto sem crescer? La no Oceano não chegaõ a

se levantar duas lanças sobre o ar; & aqui chegam a ameaçar as estrellas; & isto sem se lhe acrecentar mais hum gotta de agoa? Sim. Não vedes, que la no Oceano tem esta immensidade de agoa hum espaço tam dilatado; porque se estende; & que aqui está apertada, & reduzida a tam breves margês; por isso não crescendo a agoa; crecera o mar; & seria milagre natural o crescer sem acrecentar.

28. Pois este milagre, q̄ Deos não fez no mar, he o que hoje fez em si. He Deos hum Oceano infinito de perfeições: dilata se pellos espaços immensos de sua Divindade; & assim he incapaz de augmento; não pode crescer. Mas hoje, que esse Oceano, como se fora rio, entra na madre: *Ecce concipies in utero*: hoje que se aperta ao claustro virginal de Maria; sobem tam alto as ondas, q̄ não crecendo, parece que crecem; & não podendo ser maiores; parece que se augmentão. *Hic erit magnus*. Depois que entrou nas entranhas

purissimas da Senhora não podendo crescer, parece que creceo.

29. Vedes como hoje decco do Ceo sem aparato, & sem estrondo; ora vede como subio. Vio David em espirito; & sendo muitos annos antes ouvio as vozes dos Anjos, que acompanhavaõ ao triumphante Senhor; & diziaõ aos de dentro: *At-* Pf. 237
tolite portas Principes ve- 7.
stras, & elevamini portæ æ-
ternales. Abri, Principes, estas portas; antes as tirai de seu lugar; pera que possa entrar o Principe, & Rey da Gloria. Ouvio David as vozes, & reparou no mysterio S. Gregoriõ Nazianzeno. Valhame Deos; Este Senhor que sobe da terra ao Ceo, não he o mesmo, que decco a terra? O mesmo he, diz S. Paulo: *Qui descendit, ipse est,* Eph. 4. 9.
& qui ascendit. Pois se quando decco, não foi necessario abrir portas pera caber; quando sobe, como não cabe sem se abrirem as portas, & ainda se lançarem fora dos quicios? Era menor, quando decco; & quando subio, era

maior? Não, mas parecia-o. E d'onde nasceo o parecer maior aos Anjos? Eu o não fei; o q̄ fei he, q̄ quando deceo era so filho do Eterno Pay, & quando subio era també filho da Virgê May. E se por filho daquelle Pay não podia fer maior; por fer filho desta May podia-o parecer.

30 Vede agora se foi este o maior dia; o maior dia pera a Virgê Senhora, em q̄ sua humildade emulou a grandeza do Eterno Pay: o maior dia pera o homé, em q̄ vio posta a coroa a suas perfeições; o maior dia pera Deos, em q̄ logrou feu amor o feu maior desempenho.

31 Mas se vejo a Deos desempenhado, vejo vos, o May de Deos, muy empenhada. A Deos desempenhado pera consigo, a vos muy empenhada pera comnosco.

Neste dia, Virgem Senhora, em que Deos se fez filho vosso, se fez nosso irmão; & pello mesmo cazo vos empenhou no amor de May pera comnosco. Como filhos a sua May chegamos, May amorosissima, a vossos pês. E que podemos pedir, que vosso amor nos negue, se pedirmos o que for conforme a vosso amor? O que pedimos, & o que nos basta, he que nos deis hum amor de filhos pera comvosco. E quanto nos dareis neste amor? Neste amor nos dareis o amor de vosso filho: neste amor nos dareis o amor das virtudes; neste amor nos dareis o odio dos vicios: neste amor nos dareis o amor da graça; neste amor nos dareis o aborrecimento da culpa: neste amor nos dareis a préda mais certa da gloria, &c.





SERMAM DA VIZITAC,AM D A SENHORA

Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione. Luc. I.

§. I.

NO primeiro dia da creaçam fahiram das mãos de Deos as celestiaes esferas, ou torneadas de cristal, ou congeladas de perolas, pera que có hũa inquietaçã gloriosa dessẽm volta ao mundo, participando liberalmente à terra o beneficio de seus saudaveis influxos; & sendo este o fim, pera que os Ceos foram cre-

ados, he certo pera admirara que nos primeiros tres dias estivessem parados os Ceos. Os Ceos parados? seu curso em suspensã? em pausa seu movimento? porque razam? Dizem, que como ainda não havia sublunares, a que cómunicar suas influencias, por não desperdiçar seus beneficios, suspendiam seus movimentos. Mas esta razam ou he desar de sua propen-

propensam, ou offensa de sua liberalidade: quando vemos, que hum fonte, ainda quando não ha, quem recolha seus cristaes, não para suas correntes: não he argumento de animo generoso dar o beneficio, & perdelo; mas perder o beneficio, & dalo he o primor maior da generosidade. E sendo os Ceos o paradigma da mais generosa beneficencia, suspender o movimento por não desperdiçar os influxos, fora dehdourar o credito de sua liberalidade. Qual seria logo a razam de darem treguas a seu movimento naquelles tres dias primeiros? Digo, que senão moveram os Ceos ate o terceiro dia; porque ate o dia terceiro faltava aos Ceos aquelle principio entre os astros, a quem haviam servir de carroça os mesmos Ceos. Creou Deos no quarto dia o Sol, & no mesmo ponto, em que as esferas se viram douradas de seus rayos, & lizonjeadas de seus resplandores, soltaram livremente as redeas a seus movimentos, levando ao

mundo todo a efficacia de suas influencias.

2 Este foi o retrato, que com anticipadas cores copiou o exemplar, que hoje no Evangelho pintou o Evangelista S. Lucas, tam diligente na pena, como valente no pincel. Diz, que naquelles dias, depois que o Divino Sol se engastara na cristallina esfera das entranhas virginaes (a quem os Santos côcordeméte chamaó Ceo) se levantara a Virgem May, & com acelerado movimento dirigira seu curso às montanhas de Judea: *Exurgens Maria abijt in montana cum festinatione.* Pois porque agora, & não antes? antes nos retiros de Nazaret sem movimento; agora nos caminhos de Judea com tanta pressa? antes parado este animado Ceo sem dar hum passo; agora com arrebatado curso vencendo asperezas, & montanhas: *Abijt in montana?* Sim; porque antes ainda não tinha em si ao Divino Sol humanado: mas depois que veyo o Anjo Embaxador, & da parte de De-

os lhe annunciou a Encarnação do Sol em o Ceo de suas entranhas purissimas, logo deu principio à sua carreira pera levar ao mundo a beneficencia de seus liberaes influxos: *Exurgens Maria abijt in montana cum festinatione.*

3. E a que sobe com tanta pressa às montanhas? a fazer huma vizita; & foi verdadeiramente vizita da Misericordia: senão vede como estavam os vizitados: Santa Izabel sobre os achaques da velhice tinha tambem os da prenhes: o filho, que era o Baptista, estava enfermo mortalmente do veneno da primeira culpa: Zacharias, que era o patram da caza, estava mudo; havia seis mezes: não vos parece, que estava a caza hum hospital, & q̃ foi vizita da misericordia a misericordia desta vizita? Assim o canta agradecido Zacharias: *Per viscera misericordiae Dei nostri, in quibus visitavit nos?* Assim o testemunha a saltos, em quanto não pode à vozes, o mesmo menino inquietando o silen-

cio das entranhas maternas: *Exultavit praegaudio infans in utero matris*: Assim o agradece Isabel reconhecendo o favor: *Unde hoc mihi, ut veniat &c.* Agora vejo com quanta razam escolheo a Misericordia, ou a Irmandade da Misericordia antes este, que outro mysterio da grande Mãe de Misericordia, pera invocar seu patrocinio, & imitar seus exemplos. E conforme a este pensamento dos filhos da Misericordia, veremos na Mãe crecida a misericordia de Deos; & nos filhos imitada a misericordia da Mãe. Peçamos à mesma Mãe de misericordia nos assista com seu favor pera alcásar a graça.

AVE MARIA.

§. II.

Exurgens Maria abijt in montana cum festinatione.

4. **S**endo sua Misericordia o attributo, de q̃ Deos nas letras sagradas costumava fazer maior gala; depois

pois que vestio a de nossa humanidade nas entranhas purissimas de Maria, começou a lograr mais encarecidos os creditos de sua clemencia: humanouse o Sol no Signo, ou no seyo de Virgê, & quebrada a força de seus rayos deixou trataveis seus resplendores. No Iris, ou Arco das nuvês poz Deos o emblema de sua misericordia; assim o notam os Expositores todos, quando o deus a Noe por penhor de sua palavra, de que não affogaria o mundo com segundo diluvio. *Arcum meum ponam in nubibus... & non erit ultra diluuium.* Este arco, que Deos poz nas nuvês, trassadou depois das nuvês a seu trono: assim o vio S. Joam em seu Apocalypse: *Iris erat in circuitu Sedis.* Agora notai, que este Arco, ou Meteoroso entam se forma, & apparece, quando o Sol apparece sobre o nosso horizonte; o Sol he o pintor, que com o pincel de seus rayos no lenço, ou volante de huma nuvem lhe da huma, & outra cor, ja o escurece de roxo;

ja o accende de purpura, ja o matiza de azul, como cantou o poeta: *Milke trahit varios aduerso sole colores.* Supposto logo, que o Iris, ou Arco Celeste nem se forma, nem apparece tenam à vista do Sol, qual foi o Sol, a cuja vista se formou o Iris, ou Arco, que coroava o trono de Deos: *Iris erat in circuitu Sedis?* Nam he necessario buscamos outro author. O mesmo Evangelista no mesmo livro do Apocalypse diz q̄ vira em o Ceo a huma prodigiosa Mulher, a quem o Sol cortava a gala da tela abrazada de seus rayos: *Mulier arrieta Sole;* & fora ser bisonho o provar, que esta matrona era a Virgem Senhora Nossa, porque nam ha quem o negue. De modo, que no mesmo tempo o Arco appareceo em o trono, & na Senhora o Sol; o Sol pera formar o Arco; o Arco pera denotar a misericordia de Deos: *Iris erat in circuitu Sedis.*

5. E notai huma couza particular, ou differença gloriosa, que faz o Iris, ou Arco

do trono, a o Iris, ou arco das nuvês: o Iris, ou arco das nuvês não he mais, que meio circulo, nam fecha a roda toda, porem o Iris, ou arco do trono, era circulo inteiro, fechava toda a roda: *Iris erat in circuitu Sedis.* Pois se o Iris nas nuvês he so meyo circulo; no trono porque he circulo inteiro? Porque o Iris nas nuvês significa a misericordia de Deos antes de apparecer a Senhora: o Iris no trono significa a mesma misericordia depois que a Senhora appareceo: & antes de apparecer a Senhora era a misericordia de Deos meio circulo, ou meia misericordia: depois que appareceo a Senhora, fechou a misericordia o circulo, & ficou misericordia inteira: Appareceo a Senhora: *Apparuit mulier amicta Sole:* & appareceo no tronô de Deos todo o circulo de sua misericordia: *Iris erat in circuitu Sedis.* Assim creceço; ou appareceo crecida a misericordia: & quando, senam hoje começou este attributo alogar estes augmentos? Diz

S. Joam, que a mulher cuberta de Sol tinha hum filho em suas entranhas: *In utero habens:* & quando a Senhora appareceo hoje nas montanhas de Judea, não foi depois de ter concebido ao filho de Deos? assim foi; que appareceo hoje vestindo ao Sol, & vestida do Sol; vestindo ao Sol da purpura da humanidade, & vestida do Sol, dos rayos de sua Divindade; & dos reflexos destes rayos se formou no trono de Deos o circulo da Misericordia: *Iris erat in circuitu Sedis.*

6 E lenão vamos aosefeitos: chegou a Senhora a caza de Zacharias; saudou a Isabel; & aos accents suavissimos desta saudaçam, se alvorçoou o Baptista; & sahindo de si có alegria, quiz sahir do carcere, em que as leys da natureza o tinhara prezo, pera festejar em maior terreiro como outro David a Arca do Testamento. Esta saudaçam não so foi dirigida de May a may; mas de filho a filho; nam so de Maria a Isabel; mas de Christo ao Baptista. Pois se esta
mes-

mesma voz da Senhora era voz de Deos, como a ouve nam so sem temor, mas com jubilos hum menino? Ategora era a voz de Deos tam religiosamente espantosa, que temiam morrer os que a ouviam: *Ne loquatur nobis Dominus, ne forte moriamur*, diziaõ os de Israel: Naõ nos falle o Senhor porque a sua voz nos pode tirar a vida; hoje está tam brandamente humana, que dá vida o ouvilla: *Ut facta est vox. Exultavit infans*. E donde naceo a differença? S ibem donde? De que hoje falla Deos pella boca de Maria: & aquella mesma voz; que antigamente era huma voz de trovam, como lhe chamou David: *Vox tonitrus tui*, que fazia estremecer ao mundo, de articulada pella lingua da May de misericordia he tam suave, & branda, que atè a hum menino faz dar saltos: *Exultavit infans*. Antigamente fallava Deos ou de hũ espinheiro como a Moyses, ou de huma tempestade como a Job, hoje falla do Propiciatorio de sua clemẽ-

cia. Pois que muito que aquella voz, que antigamente senaõ ouvia sem temor: *Audivi vocem tuam, & timui*, hoje se ouça com jubilos: *Exultavit infans in utero*.

7 Donde me parece, q̃ fez o Divino Verbo duas Encarnaçõs; huma da Pessoa, outra da voz: a da Pessoa no ventre Virginal da Senhora; & da voz na lingua suavissima da mesma Senhora: pella primeira Encarnaçam ficou humanado o Divino Verbo; pella segunda ficou humana a voz Divina. Pella encarnaçam da Pessoa converteramse os antigos rigores de sua justiça nos effectos amabilissimos de sua misericordia: pella encarnaçam da voz, os estrondos temerosos, com que fallava trocaramse na suavidade das vozes, com que hoje falla: em fim encarnou o Verbo, & humanou a voz.

8. Falla S Joam do Verbo Eterno, & chamalhe Unigenito: *Unigenitus, qui est Joam in sinu Patris*: falla S. Lucas ^{1.3.}

do mesmo Verbo ja feito
K. 2.º homẽ;

homẽ, & chamalhe Primo-
 Luc.2 genito: *Peperit filium suum primogenitum*. Entre Unigenito, & Primogenito ha huma grande differença: o filho Unigenito tem a prerogativa de primeiro, & a singularidade de unico; he unico sem respeito a outros irmãos: o filho Primogenito, ainda que logra a prerogativa de primeiro, não tem a singularidade de unico; he primeiro, mas tem relação a outros irmãos. Isto supposto reparo assim: tam Unigenito he Christo em quanto filho da Virgem May, como he Unigenito em quanto filho do Eterno Pay; porque se o Pay lhe não deu, nem podia dar outro irmão; tambem a May nem lho deu, nem lho podia dar: pois se S. Joam lhe chama Unigenito; *Unigenitus, qui est in sinu Patris*; porque lhe chama Primogenito S. Lucas? Porq̃ o nome de Unigenito, diz Santo Illesonso, he nome de magestade: *Unigenitus est nomen maiestatis*: o nome de Primogenito he nome de amor: o nome de Unigenito

he nome de magestade; porque não admitte companhia nem no amor, nem na herança: o nome de Primogenito he nome de amor; porque diz respeito a outros irmãos menores: & como S. Joam fallou de Christo como nacido do Eterno Pay, deulhe o nome de Magestade, & de temor: *Unigenitus, qui est in sinu Patris*; & como S. Lucas fallou de Christo como nacido da Virgem May, deulhe o nome de clemencia, & de amor: *Peperit filium suum Primogenitum*. Encarnou o Unigenito; & ficou Primogenito: encarnou o Verbo, & humanou a voz: porque a voz de Unigenito, que o singularizava, se trocou pella voz de Primogenito, que diz respeito a muitos irmãos: *Ut esset primogenitus in multis fratribus*, diz S. Paulo.

S. III.

9 **M**As antes de fechar este discurso, dai-me licença pera examinar de caminho hũa questam. Supposto

posto que Christo em quanto filho da Virgem Mãe he Primogenito, & diz respeito a outros irmãos, que irmãos sam estes, a quem diz respeito? Em outra occasiam fora mais embaraçada a pergunta; & menos prompta a resposta. Digo, que os irmãos, à quem Christo diz respeito de Primogenito em quanto filho da Virgẽ Mãe, sam os irmãos da Misericordia. De todos os Catholicos, & ainda dos homens todos he Christo irmão; porque a todos com seu sangue mereceo a adopção de filhos de

Joan. 1. Deos: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri.* Mas vay muito de irmãos, a irmãos; dos mais irmãos aos irmãos da Misericordia: os outros fieis sam meios irmãos de Christo, os irmãos da Misericordia sam irmãos enteiros: os outros fieis sam meios irmãos de Christo; porque sam filhos do mesmo pay; mas nam sam filhos da mesma Mãe; os da Misericordia sam irmãos enteiros; porque sam filhos da mesma Mãe, & do mesmo Pay. Aos mais fieis

chamou Christo filhos de seu Eterno Pay: mas nunca lhes chamou filhos da Virgem Mãe: aos irmãos da Misericordia chamou filhos de seu Eterno Pay: *Estote misericordes, ut sitis filij Patris vestri;* & não ha duvida, que sam tambem filhos da mesma Mãe. Quereis que o prove: ora vedeo com evidencia: A Virgem Senhora he Mãe da Misericordia: *Mater misericordiae:* os irmãos da Misericordia sam irmãos da Misericordia: logo os irmãos da Misericordia sam filhos da Virgem Mãe. Não he evidente esta consequencia? Assim he. Mas replicaes. Que tambem os outros fieis; que servem à Virgẽ Senhora em outras irmandades, sam filhos da Virgem Mãe. Nego a replica, & respondo, que os outros fieis sam servos, não sam filhos: senão vedeo o titulos. A Virgẽ dos Prazeres não chamais Mãe dos Prazeres, senão Senhora dos Prazeres: à Virgem do Rosario não chamais Mãe do Rosario, mas Senhora do Rosario; & assim das

Luc:
6. 36.

mais. Mas à Virgem da Misericordia não chamais Senhora da Misericordia, senão May da Misericordia. De modo que os outros Catholicos, que servem à Virgem em outras irmandades, servem à May, como a Senhora; os que servem na irmandade da Misericordia servem à Senhora como a May: servir à May como a Senhora he ser servo; servir à Senhora como a May, he ser filho. Esta he a singularidade desta caza: nas outras suas cazas a Virgem he Senhora; nesta he May; nas outras tem os servos; nesta os filhos: nas outras he seu filho Unigenito: nesta Primogenito; porque nesta sam irmãos filhos do mesmo Pay, & da mesma May.

10 O' que adiantados foram nos favores do Primogenito os Irmãos da Misericordia! Quando Joseph no Egipto se declarou com seus irmãos, diz o Sagrado texto, que dera a cada hum delles duas galas; & que a Benjamin dera cinco mais ricas, & sobre isso trezentas

moedas: *Singulis quoque proferri jussit binas stolas: Benjamin vero dedit trecentos argenteos cum quinque stolis optimis.* Se eu entam me achara presente havia de replicar a Joseph. Senhor, supposto q' a Providência Divina vos levantou à dignidade de Visorrey de Egipto; & ao valimento de Faraó, bem he, que saibam vossos irmãos, que o sois na liberalidade, que ufais; mas que esta vossa liberalidade seja tam desigual, que parece offendeis os mesmos, que obrigais? quem me desiguala no beneficio, diminue em minha estimaçam; & beneficio, que me abate, antes he aggravado, q' favor: Benjamin com cinco galas, & todos os mais có duas; se pera Benjamin dais cinco de largo, pera os outros dailhos de curto? Nam vos lembra, que o principio de vossas desgraças foi hum tunica mais galante, que vos deu vosso pay Jacob; & que nella, ou à sua vista se accendeo a enveja de vossos irmãos; pois como a ventajais tanto a Benjamin; como não

naõ temeis o seu successo no vosso successo; & o seu perigo no vosso perigo? Sabem porque? Sabem porque preferio Benjamin tam vantajosamente aos mais irmãos sem receyo da enveja? A razão foi; porq̃ os mais eram fo meios irmãos; Benjamin era irmão inteiro: os mais eraõ meios irmãos filhos do mesmo pay; mas naõ eram filhos da mesma may: Benjamin era irmão inteiro, filho do mesmo pay, & da mesma may, que foi Raquel. Bem pode logo Benjamin ter a graça de preferido sem o temor de envejado: bem pode lograr estes excessos nos favores de Joseph, sem receyar os perigos na emulação dos irmãos.

II Foi Joseph figura de Christo, como Raquel retrato da Virgem May; & quem sãõ os Benjamins, os mimosos, os preferidos, senam os Irmãos da Misericordia, que sãõ filhos do mesmo Pay, & da mesma may? Logram sem enveja, ainda que sãõ muito pera envejar, os favores do Primo-

genito; porque sãõ amados naõ de meias, como meios irmãos, mas inteiramente como irmãos inteiros. E a que devem estes privilegios, senam àquella May, em quem o Verbo encarnou a Pessoa, & humanou a Voz: *Ut facta est vox salutationis tue in auribus meis, exultavit præ gaudio infans in utero meo:* pera grangear por seu meio novos creditos à sua Misericordia. A Virgem Senhora chamou Andre Arcebispo de Jerusalé Dioptra do Sol Divino: *Divini Solis Dioptra.* Pera entendermos a elegancia deste elogio, sabei, que Dioptra chamaõ os Astrologos aquella parte do Astrolabio, pella qual conhecem, & medem a distancia, a altura, & a grandeza do Sol. Todas as creaturas sãõ instrumentos, que nos estãõ intimando a gloria, & magnificencia de Deos; mas em todas ellas ficava limitada a esfera da Divindade: appareceo no mundo a Senhora; & nella, & por ella se pode conhecer, & medir a altura, & a grandeza dos at-

tributos Divinos, & entre todos o de sua misericordia, que he o Sol entre todos el-
 Mat 5. les: *Qui solem suum oriri fa-*
 45. *cit super bonos, & malos.*

§. IV.

12 Assim se vio na Virgem May crecida a misericordia de Deos; & como se vê imitada nos filhos a misericordia da May? Nam sayamos do nosso thenia. *Exurgens Maria abijt in montana cum festinatione.* Levantandose a Senhora subio as mōtanhas com pressa. Santo Ambrosio cōmentando estas palavras repara muito, nam tanto no sentido literal, quanto no mystico, & diz, que sendo ja a Senhora May de Deos pera onde podia subir, senam pera hum lugar superior: *Quo enim jam Deo plena, nisi ad superiora conscenderet?* Mas se era May de Deos, aonde podia subir? Ha lugar mais eminente, mais sublime, mais glorioso, que a dignidade de May de Deos? Pois pera onde podia subir a May de

Deos? Digo, que de May de Deos podia subir a fer May de Misericordia. Notai: Bem podia a Senhora fer May de Deos sem fer May da Misericordia; mas nam podia fer May de Misericordia sem fer May de Deos. Podia fer May de Deos sem fer May de Misericordia? Sim. He questam famosa entre os Theologos, se no cazo em que Adam naó peccasse, como podia naó peccar, havia de encarnar, & fazerse homé o Filho de Deos? E responde Scoto com a sua Escola, que sim, que havia o Verbo Divino unir a si hypostaticamente a natureza humana. Neste cazo seria a Virgem Senhora May de Deos, & naó seria May de Misericordia: seria May de Deos; porque em suas entranhas purissimas se vestiria o Verbo de nossa humanidade: naó seria May de Misericordia; porque naó haveria entam miserias: como as miserias, que padecemos, foram todas consequencias da primeira culpa; se nam houvesse aquella culpa primeira-

meira não haveria misérias; & como a misericórdia he huma compaixam da miséria alheia; faltando a mesma, necessariamente havia de faltar a misericórdia. Logo podia a Senhora ser May de Deos, sem ser May de Misericórdia. Mas não podia ser May de Misericórdia, sem ser May de Deos. A Deos chamou S. Paulo Pay das Misericórdias: *Pater Misericordiarum*: & pera que a May da Misericórdia correspondesse ao Pay das Misericórdias, supposto que nam podia ser Deos, nam podia ser, senam May de Deos: em grande elogio da pureza Virginal disse S. Bernardo; que se Deos havia de ter May, sò huma Virgem podia ser May de Deos: & que se huma Virgem havia de ter filho; sò Deos podia ser filho de huma Virgem: o mesmo digo da Misericórdia: Que se a Misericórdia havia de ter May, sò a May de Deos podia ser May da Misericórdia: & se a May de Deos havia de ter filha, sò a Misericórdia podia ser filha

da May de Deos.

13 Donde se a Senhora podia ser May de Deos, sem ser May da Misericórdia; & nam podia ser May da Misericórdia, sem ser May de Deos; depois de ser May de Deos, bem podia subir a ser May da Misericórdia: & isto he o que hoje fez: *Exurgens Maria abiit in montana: Quo enim jam Deo plena, nisi ad superiora conscenderet?* Mas direis: ir vizitar huma pessoa de tam inferior calidade, como era Isabel; a que ja era May de Deos: entrar em caza de Zacharias, a que ja era adorada dos Anjos por Senhora, & Rainha sua: ir a assistir, & ainda servir a huma creatura, a que era May do Creador, era subir, era levantar, era authorizar sua dignidade? Sim; porque hia a exercitar huma obra de Misericórdia. Estava a caza de Zacharias, como diziamos, feita hum hospital de varias enfermidades; & esta obra de tanta caridade está tam longe de diminuir a authoridade, que a sublima; nam he decer, he subir:

Quo jam plena Deo, nisi ad superiora conscenderet.

14 O' que glorioso exemplar! O' que illustre imitação dos filhos da Misericórdia! Nam he assim, que tem por credito de sua nobreza servir nos hospitaes aos enfermos; assistir nos carcerees aos prezos; entrar nas cazas mais humildes pera dar allivio, & remedio aos misera-veis, & necessitados? Assim he, porque este he o fim desta gloriosa irmandade. Mas pera que algum entendimêto menos entendido nam cuide, que sam estes exercicios indignos de sua nobreza, digo, que nunca mais nobres, nunca mais illustres, q̄ nestas occasioes.

15 No cap. 30. de sua profecia promette Isaias ao mundo hum dia tam illustre, tam glorioso, & tam luzido; que a luaterá emulaçoões de Sol; & o Sol em hum so dia logrará os resplandores de sette dias: *Erit lux lune sicut lux solis; & lux solis erit septemplerum sicut lux septem dierum.* Fermo so dia! Se vi-
 Mai. 30. femos, que em hum dia ama-

nheciã ao mundo sette So-
 es, que seria? tudo seriam
 rayos; tudo luzes; tudo res-
 plandores. E que dia ferá
 este? O Profeta o disse logo:
*In die, qua alligaverit Domi-
 nus vulnus populi sui, & per-
 cussuram plagae ejus sanaverit.* Sabeis, quando hade ser
 este dia? Quando Deos che-
 gar a hum hospital, & ahi
 atar a venda ao ferido, & cu-
 rar as chagas ao miseravel.
 Quem tal cuidara: se disses-
 se o Profeta, que entam suc-
 cederia este prodigio, quan-
 do Deos apparecessẽ em hũ-
 trono de gloria fazendo o-
 stentaçam, de sua Magesta-
 de; que entam multiplicasse
 o Sol seus resplandores, & a
 lua suas luzes, estava bem;
 mas que no dia, em que hade
 decer a apertar com suas ma-
 õs a ferida a hum pobre: *Qua-
 alligaverit vulnus populi sui;*
 & se hade abater a curar cõ-
 seus dedos a chaga a hum
 miseravel: *Et percussuram
 plagae ejus sanaverit*, entam
 hajam de succeder estes mi-
 lagres no Sol, & na Lua: *E-
 rit lux lune sicut lux solis; &
 lux solis sicut lux septem di-
 erum?*

erum? Sim que tem Deos esta acção por tam lustrosa; & por tam glorioso este exercicio, que accenderá novas luzes em o Ceo, pera que todos vejam ao mesmo Deos, quando se occupar nesta grande obra. Pera criar o Ceo, & a terra contentou se Deos com huma pequena luz: *Fiat lux*: pera tratar da cura dos feridos, & dos enfermos, multiplica sette vezes a luz do Sol; como se tivesse por mais digno de sua grandeza tratar da faude dos miseraveis; que da producção do mundo.

16 Senhores, os que vos prezais de filhos da Misericordia, sabej, que aquelle dia, em que afflitis, ou a o necessitado no carcere, ou ao enfermo no hospital, ou a o miseravel na choupana mais humilde, he o dia de vosso maior luzimento. Se fois tam illustres como o Sol, multiplicaes o lustre à vossa nobreza: *Erit lux solis sicut lux septem dierum*. Se fois menos nobres como a lua; crecereis às emulações de Sol? *Erit lux luna; sicut lux solis*. Assim

creceo hoje a Lua Mistica; assim resplandeceo o Divino Sol; creceo a Lua; porq̄ subio, quando parece, que nam tinha mais pera onde subir: *Exurgens Maria abiit in montana*: assim resplandeceo o Divino Sol, começando a lograr os effeitos de seus humanados rayos: *Exultavit infans in utero*.

17 Nem ha que temer, que a humildade do lugar, ou seja carcere, ou hospital, faça menos lustroso este exercicio de misericordia, porque elle so basta pera fazer dos carceres paraizo; & gloria do mesmo inferno. A o bõ ladram prometteo Christo, que no mesmo dia se veria com elle no paraizo: *Hodie mecum eris in paradiso*. Luc. 23. 43. Depois pode ser, que repararemos no *Hodie*, agora so reparo no paraizo. E que paraizo foi este, em q̄ Dimas se vio cõ Christo. A opinioõ mais provavel quer q̄ fosse o seyo de Abraham. O seyo de Abraham paraizo? naõ era o seyo de Abraham hũ carcere nas entranhas da terra, em que estavam prizionciras

as almas dos que morriam na amizade de Deos? Nam gra hum meyo inferno, em que se padecia aquella parte mais terrivel sua, que era a pena de dano? Quem trocou logo hum carcere em hum paraizo; hum inferno em huma gloria? Direis que a companhia de Christo. Se assim fora, na Cruz tivera o ladram o paraizo; porque na Cruz estava em companhia de Christo. Mais houve logo naquelle lugar, que o converteo em paraizo. Sim houve: & que foi? O exercicio de huma obra de Misericordia, que Christo alli foi executar. Havia muitos annos, que naquelle carcere estavam tantos prezos, quantas almas alli estavaõ em bargadas pella primeira divida, ou culpa: chegou a Misericordia de Christo, abriu as portas do carcere, & poz aquellas almas em sua liberdade. Ah sim, & a Misericordia, ou hum filho da Misericordia chegou a illustrar cõ suas obras esse lugar; pois ainda que seja hum inferno veloheis trocado em gloria:

ainda que seja hum carcere; veloheis convertido em paraizo: *Hodie mecum eris in paradiso*. Taes conversoens como estas sabe, & pode fazer a Misericordia; dos carceres faz paraizos; & dos hospitaes faz Ceos. De Socrates disse Seneca, que entrara no carcere pera tirar a o carcere a ignominia: *Carcerem intravit, ignominia ipsi loco detracturus*; & que com sua presença trocara o carcere em palacio: *Omni honestiorem curia reddidit*. E se isto pode fazer hum filho da Filosofia gentilica; que não fará hum filho da Misericordia Christam? Entra nos carceres pera authorizar aos carceres: entra nos hospitaes pera enobrecer os hospitaes; entra em huma caza humilde pera a trocar em hum palacio, como hoje ficaria a Caza de Zacharias com a presença da May de Misericordia: *Exurgens Maria abijt in montana cum festinatione*.

§. V.

18. *Cum festinatione*: Cõ pressa.

pressa. Esta he a segunda li-
gam, que a May de Miseri-
cordia dá aos filhos da Mi-
sericordia. *Medicina omnium*
in festinatione nebulae. O re-
medio de todos está na pres-
sa da nevoa. Se o Ecclesiasti-
co fallara das nevoas de Bra-
ga, não sei se as louvaria de
medicinaes; que nevoa he
logo esta, que na pressa, com
que voa, tras o remedio de
todos? He a Virgem Senho-
ra, diz a mesma Senhora por
boca do mesmo author: *Ego*
quasi nebula texi omnem ter-
ram. Como nevoa estendi
meu patrocínio sobre toda a
terra. E notai, que nam diz,
que está lo o remedio na ne-
voa; mas na pressa da nevoa:
In festinatione nebulae: Que
nam está o remedio no reme-
dio; mas na pressa do reme-
dio. Que importa ser o reme-
dio muito grande, se he mui-
to vagaroso; se quando che-
ga o remedio, ja não tendes
remedio, melhor fora nam
chegar: por isso a Senhora
acudio hoje com pressa: *Cū*
festinatione; porque na sua
pressa levava o remedio à
caza de Zacharias: *Medici-*

*na omnium in festinatione ne-
bulae.*

19 Os antigos pintaram
o amor com duas azas: eu se
pintara a misericordia, ha-
via de pintala com seis; por-
que he muito mais apressa-
da a misericordia, que o a-
mor: se o amor voa com du-
as; a misericordia voa com
seis azas. Estava enfermo I-
saias nam sei de que acha-
que, que o obrigava a dar
ays: *Veni mihi.* Compadeceo-
se do Profeta hum dos espi-
ritos bemaventurados, que
assistiam ao trono de Deos,
& voou a dar remedio ao
enfermo. He questam entre
os Doutores, se era Anjo,
ou se era Serafim este bema-
venturado espirito? S. Dio-
nyfio Areopagita, & outros
dizem, que era Anjo: mas o
mesmo Isaias diz que era
Serafim: *Volavit ad me unus* Isai:
de Seraphim. Hū Anjo pin- 6. 6.
tase com duas azas; & hum
Serafim com seis; pois se co-
mo Anjo tinha duas; porq̃
tomou seis de Serafim? Por-
que vinha dar remedio a hū
enfermo; vinha a exercitar
huma obra de misericordia;

& pera voar com mais pressa, às duas que tinha de Anjo, ajuntou as quatro de Serafim: *Volavit ad me unus de Seraphim.* Tanto mais voa a misericordia, que o amor: se o amor pera acudir pellos ares, toma duas azas: a misericordia uza de seis.

20 É pera que não cuideis, que fo ao amor creado faz este excessão a misericordia, façamos o argumento no amor Divino. Adoceo Lazaro gravemente; fizeram suas duas irmãs avizo a Christo do perigo, em que estava o enfermo: & acudio logo Christo com o remedio? Nam; antes se detevetanto, que quando chegou a Bethania, ja nam achou a Lazaro vivo; mas com quatro dias de sepultura. Ide reparando nestes vagares. Antes q̄ o resuscitasse, começou a tecer huma larga practica com as duas irmãs: pergunta depois aonde o puzeram: vay caminhando com grande vagar pera o lugar da sepultura: chega; manda levantar a campa; levanta a voz, & chama por Lazaro:

Lazare, veni foras. Ora ide agora comigo à Cidade de Naim. Hia o mesmo Senhor caminhando pera aquella Cidade; & chegando às portas, encontrou hum esquife, em que hia a sepultar hum mancebo filho unico de huma viuva. E sem esperar nem tempo, nem rogos, tocou o esquife, & com huma palavra lhe restituio a vida: *Surgere: & recedit, qui erat mortuus.* Senhor, daime licença: Tanta pressa na resurreiçam deste mancebo: tantos vagares na resurreiçam de Lazaro? Lazaro hade esperar quatro dias pello remedio: & este mancebo nem quatro horas? Sim: sabem porque? Porque em Bethania obrou o amor: em Naim a misericordia: em Bethania o amor; assim diz S. Joam, que o disseram, os que se acharam presentes naquella occasiã: *Ecce quomodo amabat eum.* Em Naim a misericordia: assim o refere S. Lucas: *Misericordia motus.* E obrou com tanto maior pressa a misericordia de Christo, q̄ o amor do mesmo Christo;

Joan. 11.
Luc. 7.

que.

que o amor gastou quatro dias em levar o remedio a Lazaro; & a Misericordia nam gastou tempo em dar remedio ao defunto de Namim. Se assim obra a Misericordia do Filho, como nam havia de obrar assim a Misericordia da May, ou a May de Misericordia: *Abijt in montana cum festinatione.*

21 Com esta pressa deve acudir a misericordia, ou o ministro da misericordia, senam quer faltar à justiça: nos outros homês a misericordia he misericordia; em hum ministro da misericordia a misericordia he justiça: nos outros homens a misericordia he misericordia; porque nam devem, o que fazem, quando dam o remedio ao necessitado: no ministro da misericordia a misericordia he justiça, porque faz o que deve: & quando a misericordia he justiça, hade tomar azas pera levar o remedio. Tudo temos no maior Ministro, ou Provedor da Misericordia Divina. Quem foi o maior Ministro da Misericordia Divina? Todos

sabeis, que foi Christo: & como veyo Christo a executar esta misericordia? Ouvi ao profeta Malaquias: *Orietur vobis sol justitiae, & sanitas in pennis ejus.* <sup>Malac²
4. 2.</sup> Nacerà o Sol de justiça. Que viesse como Sol, està bem; mas como Sol de justiça? Se vinha a exercitar a maior misericordia, chamelhe Sol de misericordia, mas de justiça; que troucou em justiça a misericordia? O mesmo titulo comq vinha; vinha por ministro da misericordia; & em hum ministro da misericordia he justiça a misericordia; por isso lhe chamou Sol de justiça: *Orietur vobis sol justitiae,* E que fez o Sol de justiça? tomou o remedio nas azas, ou deu azas ao remedio: *Et sanitas in pennis ejus.* Com tanta pressa deve acudir o remedio o Ministro da misericordia, que este he o exemplo, que lhe dà a May de Misericordia: *Abijt in montana cum festinatione.*

§. VI.

22 E não he menor o exem-

exemplo, que nos dá a todos nesta pressa a May de Misericordia. O intento principal desta velocidade, comq̃ a Virgem Senhora subio as montanhas de Judea, foi livrar ao menino Baptista do peccado Original. Estava o Precursor mordido da serpente infernal, & occupado de seu veneno: chega a Senhora; & com a voz de sua foudaçam, como se fora huma setta, mata a serpente, extingue o veneno, dá vida ao menino. Expliquemos este successo da May de Deos com outro successo mais da natureza, que da arte. Havia em Creta hum famoso tirador de arco, & frecha chamado Alcaó sahio hum dia a caça; & deixou no campo a hum menino filho seu: deulhe o sono, & deixou se occupar d'elle suavemente a eriança; quando huma serpente, que entre outras a-creditava, ou infamava aquella verde treigam, se chegou ao menino, & apertando-o có enganosos abraços o cingio com huma, & outra volta, com hum, & outro

gyro. Voltou o Pay, & vendo enroscada a serpente, ficou attonito a primeira vista, & perplexo entre o ardor, & o medo; entre o ardor da vingança, & o medo da morte do filho. Mas a quanta lizonja lhe servio o sobrefalto! Pega do arco, embebe a setta, tira a corda, faz pontaria, despede a frecha; sahe esta rompendo o ar com tanto silencio, como velocidade, com tanta obediencia ao amor, que governava o impulso, que cravando a serpente de meyo a meyo, ao menino naõ offendeo apelle. Acertado tiro; admiravel destreza, prodigiosa arte. A arte diz Manilio, era o ser Pay: a natureza venceo o perigo; & no mesmo tempo livrou ao filho do sono, & da morte; da imagem, & da verdade.

*Ars erat esse patrem, vicin-
natura periculum;*

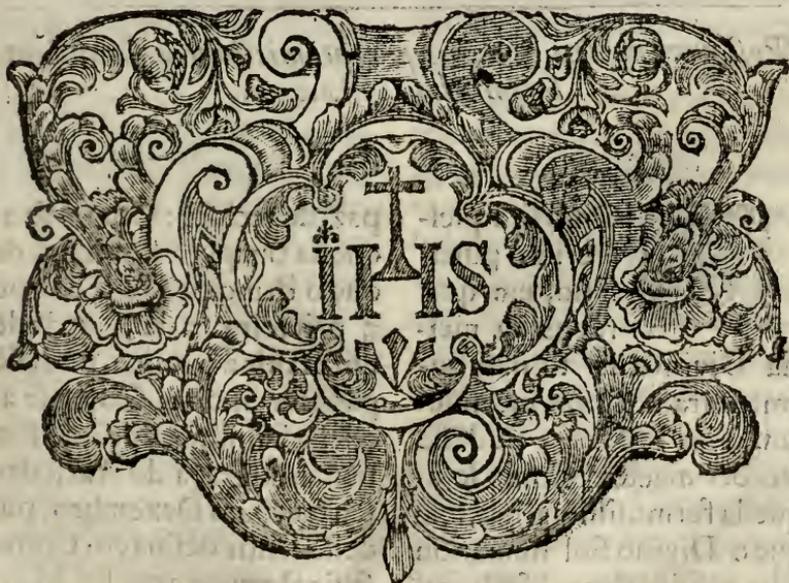
*Et pariter juvenem som-
noq̃, & morte levavit.*

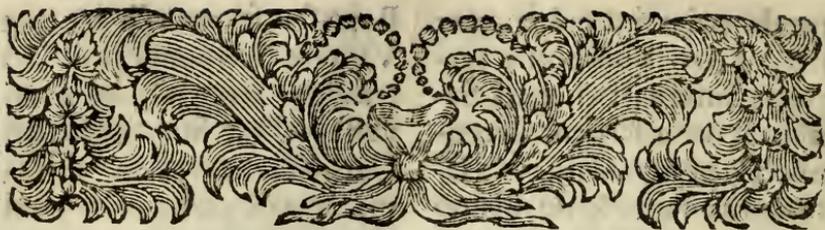
23 Dormindo estava na ignorancia das entranhas maternas o menino Baptista, cingido estava do vene-

no da primeira culpa, que no paraizo vomitou a serpente infernal: chega a Senhora, ve a serpente, reconhece o perigo, despede a feta de sua voz, & no mesmo tempo atravessa a serpente, livra ao menino, que conhecendo o beneficio de se ver livre, o agradece a saltos: *Exultavit infans pro gaudio.* Rara destreza, milagrosa arte; mas a arte era ser Mãy de Misericordia: *Ars erat esse matrem.*

24. Pois pera livrar ao

Baptista se apressa tanto a Virgem Senhora; pera isto traspõe montes, & atravessa valles? Sim; pera isto Catholicos pera livrar a huma alma dó peccado: & pera isto não ha pressa, que não seja vagar. Quem sabe o que he estar huma alma em peccado: quem sabe o que he estar huma alma fora da graça de Deos, as mesmas azas, com que voa a buscar o remedio, julga, que sam vagarosas.





SERMAM DA PURIFICACAM DA SENHORA

*Postquam impleti sunt dies purgationis Mariae secundum
legem Moysi. Luc. 2.*

§. I.

I  Omo se aquel-
le cristal purif-
simo, em q os
rayos da mes-
ma Divindade se naõ au-
gmentaram a luz, intende-
ram seus reflexos, pudesse
receber macula: Como se a-
quella fermosissima luz, em
que o Divino Sol humanou
seus resplandores, fosse ca-

paz de eclipse: Como se a-
quella purpura finissima, de
que o Principe Deos cortou
a primeira gala, quando
quize sair a publico, pudesse
padecer nodoa: Como se a-
quella bellissima flor, que sem
perder a graça do Abril deu
seu frutõ no Dezembro, pu-
desse sentir desmayo; Como
se finalmente aquella Mãe,
que

que pera o haver de ser do mesmo Deos, capitulou primeiro com o Anjo as izenções de sua pureza, experimentasse em seu Divino parto aquella natural indecencia, que costumaõ experimentar as outras mãys, sobe hoje ao templo a dar cumprimento a ley da Purificação: *Impleti sunt dies purgationis Mariae secundum legem Moysi.*

2 Todos os Expositores com os Padres quasi todos eximem à Virgem Senhora nossa da obrigação desta ley, & com rezam, porque se a ley não tem lugar, aonde não tem lugar a rezam da ley, que rezam podia haver pera ter lugar na Senhora a ley da Purificação, sendo aquelle cristal sem macula, sendo aquella luz sem eclipse, sendo aquella purpura sem nodoa, sendo aquella flor sem desmayo, sendo aquella mãy, que não teve priuceira pera o exemplo, nem terá segunda pera a imitação?

3 Pois a que sobe ao templo a Immaculadissima

Senhora? Direi: Não sobe a se purificar a si: sobe a purificar a ley da purificação. A ley purificava as outras mãys; a Senhora purificou à mesma ley: as outras mãys necessitavaõ da ley pera se purificarem: a ley pera se purificar a si necessitava da Senhora. Pois a ley, que purificava, necessitava de purificação? Sim; eu direi como. A ley juntamente purificava, & maculava: purificava a pessoa, & maculava a opiniaõ: purificava a pessoa, porque lhe tirava aquella indecencia legal, que contrahia no parto: maculava a opiniam, porque suppunha achaque em quem tomava o remedio: Assim o ponderou agudamente o Bispo Almeida: *Purificatio dum emaculat, pristinae puritatis commaculat famam.* De modo q̄ a ley da Purificação, causava dous effeitos oppostos; que eram pureza, & maculava: macula, porque a punha na opiniaõ, pureza, porque a dava à pessoa. Daqui se segue, que a mesma ley que purificava, necessitava de

fer purificada: purificava, em quanto pureza da pessoa; necessitava de ser purificada, em quanto macula da opiniaõ. Mas quem havia de purificar esta ley em quanto macula da opiniaõ? Que não necessitasse da mesma ley em quanto pureza da pessoa; porque não achando a ley que purificar na pessoa, não tinha que macular na opiniaõ.

4. Grande exemplo no filho, que so pode ser o exemplar da Mãe. Recebeo Christo o baptismo da mão de seu Precursor, & diz Santo Ambrosio, & depois delles Santo Agostinho, que não foi pera se purificar a si com o baptismo; mas pera purificar ao baptismo consigo; ou em si: *Baptizatus est Dominus non mundari volens, sed mūdare aquas.* Que Christo tomasse o baptismo, & não pera se purificar a si, bem o entendo; porque como era a summa innocencia, nem necessitava, nem era capaz dos effeitos daquelle remedio: mas que tomasse o baptismo pera purificar o

mesmo baptismo: *Non mundari volens, sed mūdare?* O baptismo, que purifica aos baptizados, necessitava de purificaçaõ? Digõ, que sim; não pello que he; mas pello que suppoem; pello que he, não; porque he instrumento pera a graça; pello que suppoem, sim; porque he remedio pera a culpa; & em quanto remedio pera a culpa, desfoudora a opiniaõ.

5. Bem está. Mas porq̃ hade ser Christo, o que purifique per si mesmo o baptismo? porque não comette esta diligencia a algum de seus ministros? Porque so Christo o podia purificar. O baptismo purifica em quanto instrumento da graça; & necessitava de ser purificado em quanto remedio da culpa: em quanto instrumento da graça he hũa luz, que afermosea a alma: em quanto remedio da culpa he huma sombra, que eclipsa a opiniã: E como Christo era so, o que não necessitava do baptismo, como de instrumento pera a graça; vinha a ficar o baptismo em Christo;

Lib. I.
in Luc.

Christo sem o desfar de remedio pera a culpa; & assim puro, ou purificado em Christo; porque como não purificava a pessoa, não maculava a opiniam. Este foi o fim pera que Christo se baptizou; & este o fim pera q se purificou a Senhora: O Filho sem necessidade do Baptismo: a Mãe sem lhe ser necessaria a purificação: o filho baptizado, mas pera baptizar o baptismo: a Mãe purificada, mas pera purificar a purificação. *Impleti sunt dies purgationis Mariæ.*

6 As rezoés, que dam os Doutores pera eximir da obrigação desta ley a Virgê Senhora he por Senhora, & por Virgem. Por Senhora; porque como Senhora, & Princeza do Universo; quando não seja por natureza, por privilegio ao menos estava livre desta obrigação. Por Virgem; porque a ley so obrigava, as que com quebra de sua pureza fossem Máys. Ir contra o parecer de tantos, he perder muitos amigos. Digo com todos, q a Virgem Senhora por Se-

nhora, & por Virgem estava izenta da ley; mas torno a dizer que por Virgem, & por Senhora estava obrigada à execuçaõ da ley. Parece que me implico; porque se estava obrigada, como estava izenta; & se estava izenta, como estava obrigada? Se as rezoés de Senhora, & de Virgem cortavaõ os laços a esta obrigação; como podiam as mesmas rezoés dar a laçada pera a obrigarem à execuçaõ da ley? Isto he o q havemos de ver no discurso: Pera ser com graça penhoremos a mesma Senhora.

AVE MARIA.

§. II.

*Impleti sunt dies purgationis
Mariæ secundum legem
Moysi.*

7 **Q**ue a Virgem Senhora por ser Senhora, & Princeza do Universo estava izenta da ley da Purificação fora trabalho facil o provallo; mas que a mesma rezam de

Senhora, que a eximia, a obrigasse à execução da mesma ley, esta he a difficuldade maior. Ora vejamos se a podemos vencer.

8 Não ha duvida, que a observancia das leys em os Princeses, quando não seja obrigação; ninguem poderá negar, que he decencia: assim o dizem os Theologos, que absolvendo aos Principes da obrigação das suas leys, os sojeitam a ellas por huma natural decencia: Agora digo, que esta decencia nos principes he justiça. A decencia nos outros homês não he justiça; nos Principes he justiça a decencia. Tornemos ao Jordaõ.

9 Chegou Christo às margês daquelle rio pera receber o baptismo das mãos do Grande Baptista: resistia a humildade do Precursor venerando a grandeza do baptizando; & não serendo ate que o Senhor não disse aquellas imperiosas palavras: *Sine modo: Sic enim nos decet implere omnem justitiam*. Deixai, que assim he decente dar satisfação a toda

a justiça. Daimo licença, Senhor, que parece vos implicais nestes dous termos: *Decet, Justitiam*: Se he decencia: *Decet*; como lhe chamais justiça: *Omnem justitiam*: E se he justiça, como lhe dais o nome de decencia. Entre o decente, & o justo ha toda aquella distancia, que entre o livre, & o necessario; entre o voluntario, & o obrigatorio. O que he decente, posso deixallo sem culpa; o que he justo não o posso omittir sem delito. Assim he em mim, que sou particular; mas não era assim em Christo, que he Principe: a decencia no vassallo he so decencia; no Principe a decencia tambem he justiça: faltar o vassallo ao q̄ he decente, he faltar a huma obra de supererogação: faltar o Principe ao que he decente, he faltar a huma obra de justiça: por isso ajuntou Christo os termos, que parece implicavaõ pera explicar esta obrigação aos Principes: *Sic nos decet implere omnem justitiam*.

10 É donde nacerá aos Prin-

Apud
P. A.
zor. pa.
B. 399.

Mat. 3.
15.

Principes huma obrigação tam precisa? donde nacerá, que o que nos outros homês não he mais que decencia, passê nos Principes a obrigação de justiça? Eu creio, q. lhes nace da eminencia do lugar, que occupam. Como vivem mais eminentes, estão mais expostos à censura: & o que nos vassallos passa sem reparo; nelles não se deixa passar sem nota. He certo, q. todos os Planetas padecem seus eclipses: Padece seu eclipse a estrella de Jupiter; a de Saturno, a de Marte; & assim dos mais. Mas se consultardes as Efemerides Mathematicas, não achareis, q. a algum destes Planetas se notem os eclipses; porem os do Sol, & os da lua não to os achareis notados mas adivinhados muitos annos antes. Ha mais injusta curiosidade! ha mais desigual censura! Senam calculais os eclipses de Saturno; porque notais os do Sol? senam reparais esses defeitos em Venus; porque os censurais na Lua? Porque Venus, Saturno, ou Marte sam vulgo en-

tre os Planetas: o Sol, & a Lua sam Principes entre os astros: & os defeitos do vulgo bem pode ser, que lhes perdoe a curiosidade; mas os eclipses dos Principes não lhes perdoa a censura.

II Pera penhor, ou sinal da faude promettida a El-rey Ezequias fez Deus a quelle prodigioso milagre, quando o sol voltando atraz dez graos renaceo antes de morrer; & diz o texto Sagrado na historia dos Reys: *Reduxit umbram per lineas;* ^{4. Reg. 20.} *quibus jam descenderat in horologio Achaz, retrorsum decem gradibus:* Que a mudança da sombra do meyo dia, em que então estava pera o Oriente, se vira no relógio del-Rey Achaz pay do mesmo Ezequias. Eu bem fei, que alguns Expositores, ainda que poucos tiveram pera si, que não fora o sol, o q. voltara atraz; senão a sombra. Mas o mais certo conforme ensinam os Santos Padres, he que não so a sombra, mas o mesmo sol, desfandara as dez linhas, que naquelle dia tinha corrido. E

se o prodigio se fez no Sol; consequencia era natural, & necessaria, que em todos os relogios de sol houvesse esta mudança de sombras; & se assim não fora, fora nova maravilha. Pois se em todos os mais relogios houve esta variedade na sombra; porq̃ diz o texto, que se no relogio de Achaz se notara esta mudança: Nos mais sem nota; se no de Achaz notada? Sim: & porq̃? Porq̃ os mais relogios eram vulgares: o de Achaz era de Principe: os mais estavaõ em lugar mais humilde; & o de Achaz estava em palacio; & as sombras, que nos relogios particulares desprezou a curiosidade; no do Principe não lhes perdoou a censura. E não faltaria por ventura quem calculasse por erro aquella sombra, sendo forçosa obediencia ao sol. O' pensam rigorosissima dos lugares eminentes; não vos basta, que por sublimes fiqueis mais proximos aos rayos das nuvens; senão que tambem heis de estar mais expostos a estes vapores da terra! He

possivel, que ate adiantar, ou atrazar hũa sombra não heis de poder sem nota. Que mintaõ tantas vezes as horas os relogios vulgares, & que se não advirta: & que o relogio de Achaz por ser de Principe não possa mudar a sombra de huma pera outra hora, sem que o censurem os olhos: *Reduxit umbram in horologio Achaz retrorsum decem gradibus.*

§. III.

12 Pois como as acções dos Principes sejam tam expostas à censura, seja obrigação no Principe, o que no vassallo he se decencia; & faça por justiça da ley o que manda a ley do decoro. Por Senhora, & Rainha do universo estava izenta da ley da Purificação a Virgem Senhora, mas essa mesma rezam que a eximia, a obrigava. Como pessoa particular não necessitava da purificação a Senhora: mas como a Princeza do Ceo; & terra era necessaria a Purificação. Como a pessoa particular
naõ

naõ era necessaria a purificação; porque era depois de Deos a maior pureza; como a Senhora, & Princeza do Ceo, & terra era necessaria a purificação; porque assim o pedia o exemplo, & edificação dos vassallos. E o que naõ he necessario a hũ Principe em quanto homem; he necessario a hum homẽ em quanto Principe.

13 Fazem questam os Sagrados Expositores sobre a costa de Adam, de que Deos formou a Eva; & perguntam, se era necessaria, ou se era superflua em Adam esta costa: porque se era superflua, era Adam monstruoso, porque tinha de mais huma costa; & se era necessaria, depois que Deos lha tirou, ficava Adam defeituoso; porque tinha huma costa de menos: & ou sobejasse, ou faltasse a Adam huma costa; sempre era monstruosidade em Adam. Variamente respondem à difficuldade os Expositores; mas a meu juizo, melhor que todos o Bispo de Avila, que mereceo justamente o nome de Sala-

maõ Hespanhol: *Dicendum, quod illa costa aliquo modo erat superflua: aliquo modo erat necessaria.* Mas se era superflua, como era necessaria; ou como podia ser necessaria, se era superflua? Tornamos à mesma difficuldade; & deixamos a Adam com o mesmo de far. Ora naõ deixamos. Adam ou se pode considerar como homẽ; ou se pode considerar como Principe, & principio dos homẽs. Se considerais a Adam como homẽ, era superflua aquella costa; porque hum homẽ tem naturalmente 24 costas; & Adam tinha 25. Se considerais a Adam como Principe, aquella costa era necessaria; porque daquella costa se havia de edificar Eva: *Illa costa (continua o Abulense) erat superflua respectu Adæ; erat tamen necessaria respectu formationis Evæ, quia ipse totius humani generis unicum principium esse debebat.* De modo q̃ aquella mesma costa naõ era necessaria, & era necessaria; naõ era necessaria a Adam em quanto homẽ; & era

era necessária a Adam em quanto Príncipe. Havia Adam de concorrer cõ aquella costa pera o edificio, ou edificação de Eva, como Príncipe, ou principio dos homês; pois ainda que não fosse necessaria pera aquelle Príncipe em quanto homê, era necessaria àquelle homê, em quanto Príncipe. Aqui verdadeiramente não basta; o que basta; he necessario, o que sobeja: a hum homê basta o que basta; a hum Príncipe he necessario o que sobeja: a hum homê basta o q̃ basta; porque vive so pera si; a hum Príncipe he necessario o que sobeja; porque vive pera os vassallos.

14 Superflua, & necessaria foi a Purificação da Virgem Senhora; superflua, se considerais a mesma Senhora, como pessoa particular, necessaria, se a considerais como Senhora, & Princeza do mundo todo. Como a pessoa particular era superflua branquear a neve, pratear o ouro, illustrar o Sol; como a Princeza era necessaria; porque era necessa-

ria a o exemplo, & edificação dos vassallos. Parece, q̃ esteve o Espirito Santo meditando os passos, que a Senhora dava hoje de Belem pera o templo, & pareceraõ-lhe tam ayrosos, que o obrigaraõ a fahir neste elogio: *Quàm pulchri sunt gressus tui* Cant. *in calceamentis, filia Princi-* 7. 1. *pis.* Que fermosos sãm vossos passos, o filha do Príncipe: *In hoc calceamento, scilicet corporis, speciose processit Maria, quæ sine ulla commistione corporeæ consuetudinis auctorem salutis virgo generavit.* Diz Santo Ambrosio. Que leve, & emleve os olhos ao Divino amor a fermosura, comque hoje dá seus passos ate o templo de Jerusalema. Virgem Senhora, não me admira; porque como hia cheia de graça, ate com graça pizava: mas que nesta occasiam lhe chame filha, & filha de Príncipe: *Filia Principis?* Argumento assim. Dar cumprimento à ley da purificação era proprio das mãys, & não das filhas; as mãys eram as que necessitavaõ daquela ley: logo nesta occasiam

ziam mais competia à Senhora o nome de Mãy, que o de filha; pois porque lhe não chama o Espirito Santo Mãy; mas filha, & nomeadamente filha de Principe: *Filia Principis?* Direi. A Virgem Senhora era Mãy, & era filha do Principe Deos: Como Mãy, não necessitava de dar aquelles passos; como a filha de Principe aquelles passos eram necessarios: não necessitava delles em quanto mãy; porque foi mãy com maior pureza, do que do Sol o custuma ser a aurora: em quanto filha de Principe eram necessarios; porque como Princeza, & Senhora do mundo todo, devia a nosso exemplo, & edificaçam aquelles passos: Por isso lhe não chama mãy; por isso lhe chama filha de Principe: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis.*

15 Vedes como o mesmo titulo de Senhora, & de Princeza, que eximia a Senhora da ley da Purificação a obrigava à execuçãõ da mesma ley; porque o que nos

vassallos he so decencia nos Principes, he justiça; & o que os Principes não devem à ley, devemno ao exemplo, que devem dar a seus vassallos. Cuidais agora, que esta doutrina serve so la pera as cortes, aonde vivem os Principes: pois tambem pera as terras, que não sãõ cortes, serve esta doutrina. Principe he no seu reino o Rey; mas tambem he Principe na sua Diocese o Prelado; tambem he Principe na sua Igreja o Parocho; tambem he Principe na republica o Governador; tambem he Principe no tribunal o Ministro; & ate o pay de familias em sua caza tambem he Principe. Pois aprendam, se o não sabem, ou saibam, se o não querem aprender estes Principes, que nem tudo o que he licito, lhes he licito; pode ser licito; porque a ley o permite; não lhes he licito; porque o condena a decencia: pode ser licito, porque não he contra a razam; não lhes he licito, porque he contra o exemplo: pode ser licito como a homens particula-

Ecclesiasticos quanto devem attender a si &c.

culares; não lhes he licito como a Principes.

16 Ouçãõ estes Principes a hum Principe não menos, que de toda a Igreja Catholica: Escreve S. Paulo aos Corinthios, respondendo a huma duvida, que lhe perguntaraõ: se era licito comer dos manjares offerecidos aos idolos; & depois de decidir a questam diz assim no capitulo 10. da primeira Carta, que lhes escreveu: *Omnia mihi licent; sed non omnia expediunt*: Tudo me he licito; mas nem tudo me he conveniente. Pois Sagrado Apostolo, senão he conveniente, como vos he licito; & se he licito, como não he conveniente? S. Bernardo no 3. livro de Consideratione diz ao Papa Eugenio, que o homê, que trata de sua alma, antes de executar alguma acção hade examinar tres couzas: 1. *an liceat*; em primeiro lugar, se he licita: *deinde, an deceat*: em 2. lugar se he decente: *Postremo, an expediat*: em 3. lugar se he conveniente: Porque (diz o Santo Doutor) na Filoso-

fia Christã, não he decente, senão o que he licito; nem he conveniente, senão o que he decente, & licito: logo aindaq̃ o que he licito pode não ser conveniente; o que não he conveniente não pode ser licito. Pois como diz S. Paulo fallando das couzas indifferentes, a que os Gregos chamaõ *Adiophora*, que tudo lhe he licito, mas que nem tudo lhe he conveniente? Pois pello mesmo caso, que não he conveniente, não he licito? Assim era: era licito, & não era conveniente: era licito a Paulo como a Paulo; não era conveniente a Paulo como a Principe da Igreja. E porque rezam o que era licito a Paulo como a Paulo; não era conveniente a Paulo como a Principe? Não he necessario, que nõs o digamos, porque o mesmo S. Paulo o disse: *Omnia mihi licent; sed non omnia expediunt: Omnia mihi licent, sed non omnia edificant*. Tudo me he licito; mas nem tudo me he conveniente; porque nem tudo edifica; & o que não edifica, não he conveniente;

1. Ad
Cor.
10.

niente; & o que não he conveniente, não he licito: de modo, que a mesma acção, que era licita a Paulo como particular; nam era licita a Paulo como a Príncipe; porque como Príncipe era obrigado a dar exemplo, & edificação: *Omnia mihi licent, sed omnia edificant.*

17 Vejam agora la, os que na sua esfera são Príncipes, se tudo o que he licito, lhes he licito? Como tem obrigação de servir ao exemplo dos subditos, se o que he licito, não edifica, não lhes he licito. Licito era à Virgẽ Senhora não obedecer à ley da Purificação; porque a rezam de Senhora, & de Princesa a eximia; mas porque esta obediência conduzia pera o exemplo, & edificação dos vassallos, vay hoje ao templo a dar cumprimento a esta ley: *Impleti sunt dies purificationis Mariae.*

§. IV.

18 A segunda rezam, q̃ tem os Sagrados Doutores pera eximir a Virgem Se-

nhora da obrigação desta ley he por Virgem purissima. Mas eu digo, que esta mesma rezam a obrigava à execução da ley. Eu confesso, que a verdade de sua pureza izentava a Senhora; mas a pureza de sua opinião a obrigava: não tinha q̃ satisfazer à verdade; mastinha, que satisfazer à opinião: não se purificou pera purificar sua pureza: purificou-se pera purificar sua opinião: Torne outra vez o Bispo Almeriense. *En cur se festivit in templo, non ut emacularetur immaculata, sed ut immaculata ab omnibus crederetur.* O mesmo que as outras mãys faziam pera a verdade de sua purificação, fez a Senhora pera a opinião de sua pureza. Dizem que ha couzas em que he melhor a verdade, que a opinião; outras em que he melhor a opinião, que a verdade: na materia das riquezas melhor he a verdade, que a opinião: que vos importa a opinião de rico, se vos morreis de fome. Na materia das letrasmelhor he a opinião, que

que a verdade; que me monta a mim a verdade de letrado; se ninguem diz, que o sou; porem na materia da pureza não importa menos a opiniaõ, que a verdade. Descreve o texto Sagrado o modo de vida, que depois da morte de seu esposo instituiu a valerosa Judit; & depois de dizer a estreiteza da clausura em que vivia, a aspereza dos filicios, com q̄ lastimava seus delicados membros; o rigor dos jejuns, com que macerava seu attenuado corpo; coroa o panegyrico com este elegante epifonema. *Erat hæc in omnibus famosissima, quoniam timebat Dominum valde.* Era Judit famosissima; porque era muito temerola de Deos. E basta isto pera louvor de Judit? Nam: ouvi o que acrecenta o texto: *Nec erat, qui loqueretur de illa verbum malum.* Estava tambem opinada a sua honestidade, que nam havia quem dissesse palavra em seu desdouro. Pois se o texto tinha encarecido a verdade da pureza de Judit; pera que lança por co-

Judit.
8.8.

roa de seus elogios a opiniaõ de sua pureza? Que importa esta opiniaõ pera aquella verdade? Nesta materia importa tanto como a verdade. Pureza, que anda em opiniaõ, perdeo muito de sua verdade: *Non satis pudica est, de qua queritur:* declamou com tanto engenho, como verdade o outro gentio. Por isso o texto depois de abonar a verdade, da honestidade de Judit, a confirmou com a opiniaõ: *Nec erat, qui loqueretur de illa verbum malum.*

19. Que elegantemente disse Tertulliano; que à honestidade, & pejo Catholico não basta o ser; he necessario tambem, o parecer: *Pudicitia Christiana non satis est esse: verum. & videri.* E ja que tocamos este primor do pejo Catholico, eu não posso deixar de estranhar, ainda que seja de caminho, o que me dizem do pouco pejo de alguns Catholicos, que não só não querem o ser; mas nem o parecer quererem. E como quer parecer honesto, quem nas conversações faz gala de sua culpa?

culpa? Verdadeiramente q̄ duvido muito da vossa tẽ; porque vejo, que temeis mais a justiça humana, que a Divina. Dizeime: se essa culpa fosse tal, que a justiça humana vos havia de castigar com pena de morte, haviẽis de publicalla, haviẽis de jactarvos della? He certo que não: pois se a justiça Divina vos hade castigar com pena eterna por essa culpa; & ainda assim fazeis gala della, & quereis que por ella vos louvem, & vos façã festa; não he temer mais a justiça humana, que a Divina? E que se? & que se he a daquelle, que teme mais aos homens, que a Deos?

20 Ah Moyses, & como huma culpa destas fizera tirar de seu passo a vossa mansidã, & vos metterã na mão a espada pera passar aos fios della a semelhantes despejados, por lhe não dar outro nome. Em quanto Moyses estava no monte, fabricaraõ os Israelitas no valle aquella fatal bezerro: & pera que fosse maior o escãdalo, publicaraõ pera o dia

seguinte huma grande festa em veneraçã do novo idolo: *Præconis voce clamavit dicens: Cras solemnitas Domini est.* Revelou Deos no monte a Moyses, o que se fazia no valle: de ce do monte; chega aos arrayaes vê o idolo; ouve as festas, que lhe faziam, & os applausos, que lhe davã; & faye de si com zelo, com cholera, com indignaçã: *Cumque appropinquasset ad castra, vidit vitulum, & choros, iratusque valde;* & mettendo a mão à espada, ou mettendo-a na mão aos Levitas mattou naquelle dia a 23. mil dos culpados. Ha tal rigor nas entranhas de hum Moyses, de quem diz o texto, que não havia no mundo homem de coraçã mais brando? E que vê Moyses no valle, que Deos lhe não tivesse revelado no monte? Ja Deos lhe tinha ditto o idolo, & a idolatria do povo: *Fecerunt sibi vitulum, & adoraverunt:* & não lemos, que se irasse, & indignasse Moyses: Mais vê logo no valle; do que tinha sabido no monte. Mas que

Exod:
32. 19

mais

mais he este? *Vidit vitulum, & choros*: Vio o bezerro, fim; mas vio demais as festas, os applausos, com que celebravaõ o seu peccado; & não tanto o idolo, que fizeram, quanto a festa, que lhe fazião, foi a que accendeo a ira de Moyses; & fulminou os raios de sua indignação: *Iratu valde... cecideruntque in illa die quasi 23. millia hominum*. Homês, que publicão o peccado, que fazem festa, & gala delle, morram taes homês, tirelhe a vida, como a indignos della. Homens lhe chamei, erreilhes o nome, não são homês, são brutos. A natureza não deu pejo aos brutos, a quem não deu rezam; a o homê a quem deu rezam, deu o pejo; & homê; que se não envergonha de huma acção tam vergonhosa como he o peccado; não o alisteis entre os homens, contaio entre os brutos.

Em fim, Senhores, que a honestidade, & a pureza tanto necessita da opiniaõ, como da verdade; & não lhe basta só o ser, tambem lhe

he necessario o parecer. Não sei se he este o mysterio de se unirem no mesmo dia a festa da Purificação com a festa das candeas, ou da luz. Em dia da Purificação accendamsê as luzes, para que todos saibam, que a verdade da pureza, & a pureza da opiniaõ correm igualmente sem embaraço. Pois se a pureza deve igual cuidado a opiniaõ, que a verdade; se lhe não basta o ser, senão que lhe he necessario o parecer. Como podemos negar, que ainda que a verdade de sua pureza izentava a Virgem purissima da ley da Purificação, a opiniaõ de sua pureza a obrigava a execucao da mesma ley: Faça pella opiniam, o que as outras mãys faziam pella verdade: *Impleti sunt dies purgationis Mariae secundum legem Moysi*.

§. V.

21 Mas parece que eclifamos a fineza desta acção, quando a pertendiamos elogiãr: a fineza estava, em que a Senhora executasse a ley, não

naõ estando obrigada; mas cumprir huma obrigação, que fineza pode ser? Se a mostrarmos izenta, & encareceramos a pontualidade da execuçaõ, entam sim, seguirmos o caminho, que hoje seguem os elogiadores desta aççaõ. Ora digo, que nesta obrigação esteve a maior fineza: andou tam fina a Virgem Senhora, que da izençaõ fez obrigação: fogueitou-se como obrigada à ley, de que estava izenta; & quiz que parecesse obediencia da ley, o que era obsequio da fineza. E naõ pode adelgar-se mais a fineza, que a querer, que o sacrificio mais voluntario pareça o mais obligatorio.

22 O Sacrificio de maior fineza, que tem a ley da graça, & tam fino, que he unico, he o da Sagrada Eucharistia. Ouvi agora huma couza, que pode ser naõ tenhais ouvido; & he, que Christo Redemptor nosso se obrigou com voto a instituir este Sacrificio. Assim o prova o Veneravel Padre Barradas com Santo Ago-

stinio, com Cassiodoro, cõ Remigio, & com outros, sobre aquelle verso do Psalm 21. aonde David diz assim em nome de Christo: *Vota mea Domino reddam in conspectu mentium eum*: Pagarei meus votos ao Senhor à vista dos que o temem. E q' votos sam estes? Santo Agostinho: *Vota mea, id est, Sacramenta corporis, & sanguinis mei reddam*. Estes votos sam os Sacramentos de meu corpo, & de meu sangue. Notavel aççaõ de Christo! Se a nenhum dos sacrificios, que de si fez em sua vida, & em sua morte, sabemos que se obrigasse com voto, o Sacrificio da Eucharistia; porque fez voto de o fazer? Porque o Sacrificio da Eucharistia he o maior empenho de seu amor: & quiz parecesse obrigação do voto o que era a maior fineza de sua vontade. Quem cumpre a obrigação com titulo de obsequio, quer obrigar, & faz da justiça graça: quem faz o obsequio a titulo de obrigação, quer desobrigar, & faz da graça justiça: & isto he fine-

za sobre fineza; porque he dissimular huma fineza com outra.

23 Tal he o Sacrificio, que Christo offerece de si na Eucharistia, & tal he o Sacrificio, em que a Senhora se offerece a si no templo. Que a Virgem Senhora se offereça hoje no templo pera se purificar estando izenta; grande fineza: mas querer que pareça obrigaçam da ley, o que he obsequio de sua vontade; grande Sacrificio. A mim não me admirar no Evangelho que se encheram os dias da Purificação da Senhora: *Impletisunt dies purgationis Mariae*: o q me admira he ouvir fallar em ley: *Secundū legem*. Que pareceffe obrigaçãõ da ley, o que só mandava a ley da fineza: assim havia de ser pera ser a fineza por todas as circunstancias maior.

§. VI.

24 Chegou em fim a Senhora ao templo (& heja tẽpo de chegarmos ao fim) levando como a aurora, o

Sol em seus braços. Agora fim, que acabo de entender a eleição deste dia pera esta festa: O dia da Purificação da Senhora pera a festa da Senhora da Luz. Nam vedes, que entra hoje a Senhora em o templo, como S. Joam a vio em o Ceo; com a lua debaxo dos pês, pizando, & triumphando maculas, & defeitos, levando por gala nova, ou novo manto a tela abrazada do mesmo Sol: *Mulier amicta sole*. E quando se podia com eleição mais discreta applaudir a Luz da Senhora, ou a Senhora da Luz, que no dia, em que lhe servem de rayos os do mesmo Sol Divino. Assim o conhecido como aguia, quando cantou como Cysne o ditoso velho Simeão: *Lumen ad* Luc.2.
revelationem gentium, & gloriam plebis tue Israel. E quando se não neste dia havia a Illustre Irmandade de Nossa Senhora da Luz applaudir a Luz da Senhora; senão no dia de sua Purificação. Podia duvidar da pureza da Senhora, quem a visse no templo observando as ceremonias

Apoc.
12.

mónias daquella ley; pera desfazer estas sombras, pera deterrar estas nevoas, sahe hoje esta sua Irmandade a coroalla de luzes: nam disse bem: a coroalla de estrellas. Ja disse, que a Senhora entrara hoje em o templo, como S. Joam a vira, vestida de Sol: *Mulier amicta sole*: mas ainda falta pera perfeição da figura a coroa de estrellas: & quaes seraó as estrellas desta coroa? Sem duvida que sam os Irmaós, que vedes naquella meza. Contaios bem, & contai as estrellas, & achareis, q̄ saó doze: doze as estrellas, & doze os Irmaós: *In capite ejus corona stellarum duodecim*. Enaó he muito que em cada hum dos Irmaós reconheça eu huma estrella, quando no Juiz da Irmandade venero a coroa toda; ja sabeis, que *Stephanus* em Grego significa o mesmo que *Corona* em latim.

25 Com esta coroa entra hoje a Senhora em o templo tam segura da opiniam de sua pureza, que hoje melhor, que nunca fez a figura de Arca do Testamento. *In*

atrio templi vera erat testamenti Arca Virgo Deipara; verum Propitiatorium Christus: Duo quoque Cherubim Anna, & Simeon, liz o Dutilissimo Barradas. No templo se via hoje a verdadeira Arca do testamento, que era a Virgem May de Deos: no templo se via hoje o verdadeiro Propiciatorio, que era feu Unigenito filho: no templo se viaó os dous Querubins, que eraó Simeao, & Anna. Mas eu aindaque vejo a Arca, & o Propiciatorio, naó vejo so dous Querubins; porque vejo tantos quantos sam os Irmaós desta Irmandade Illustrissima. Os Querubins do Propiciatorio eram todos de ouro; & naó sam de ouro todos os nossos Querubins? De ouro o mais illustre dos metaes: de ouro o metal de genio mais brando; de ouro, o metal mais amado, & mais amavel. Mas reparais com muita rezam: ja que neste dia ham de assistir à Virgem Senhora os Anjos; porque naó seram de outro coroa? porque ham de ser Querubins? Sabeis por-

M. 2. que?

que? Pello que representaõ, & pello que significaõ? E q̄ significaõ, & que representaõ os Querubins? Perguntaio aos doutos na lingua Hebraica; & dirvos haõ: Que *Cherub* he o mesmo, q̄ *Quasi puer*, quasi menino. Vede se quadra a estes filhinhos da Senhora a reprezação de Querubins? E que mais significa o nome de Querubim. Significa, *multitudinem scientia*; multidam de sabidoria: & ainda que ainda agora naõ arrebetam de sabios, vaõ-se criando pera isso. E poucos annos com estudo de sabidoria; ou estudo de sabidoria em poucos annos, sam os escolhidos, & os mimosos pera assistir à Arca do Testamento.

26 Desta Arca, q̄ tamhem he Cadeira da Divina Sabidoria, ensinará Deos aos nossos Querubins as liçoës mais importantes pera a salvaçaõ: que eu vos quero resumir a dous versos de hum devoto poeta; & estimara, que os mandareis com cuidado à memoria: pequena liçaõ he a de dous versos:

Diz o primeiro.

Si Christum nescis, nihil est, sic cetera nescis:

27 Se naõ sabeis, se naõ amais, senaõ servís a Christo, importa pouco, ou nada importa, que saibais tudo o mais. Que importa saber a Filosofia como Aristoteles, se como Aristoteles ignorais a Christo, & vos condenais? Que importa saber as Mathematicas como Euclides; se como Euclides naõ conheceis a Christo, & vos perdeis? Que importa saber a Medicina como Galeno se como Galeno naõ servís a Christo, & morreis eternamente. Que importa saber como Cicero a Oratoria; se como Cicero naõ obedecis a Christo; & vos condemnais? Que importa saber a Poesia como Virgilio, se como Virgilio, naõ amais a Christo, & vos ides ao inferno. Que importa finalmente saber como hum Salamaõ, se como Salamaõ vos naõ souberdes salvar. Meu Senhor estudante estudai bem este primeiro verso.

Si Christum nescis, nihil est,

est, si cætera noscis.

E que diz o segundo.

Si Christum noscis, satis est, si cætera nescis.

28 Mas se amais, se servís, se sabeis a Christo: *Si Christum noscis*; isto vos basta, ainda que não saibais outra couza. Saber a Christo pera o servir, & pera o amar, esta he so a sabedoria, que deveis estudar com toda a ansia, que deveis aprender com toda a curiosidade.

& de que so vos deveis prezear; porque esta he so a que vos basta. *Si Christum noscis, satis est, si cætera nescis.*

29 Decorai, Senhores, estes dous versos; meditai o q̃ vos dizem, porque com esta liçam aprendereis a fugir o vicio, amar a virtude; desprezar o mundo; & buscar a Christo nesta por meio de sua graça, & na outra em sua gloria.





SERMAM DA SENHORA DA ESPERANCA, A

Beatus venter, qui te portavit. Luc. II.

§. I.

I  Uando eu esperava, que no Evangelho acharia esta festa, acho que a festa senão pode compor com este Evangelho. O Evangelho he hum elogio, que Marcella fez do ventre Virginal de Maria Senhora nossa; porque encerrou em si o immenso, & comprehendeo o Infinito, isto he, ao mesmo Deos, fei-

to homem: *Beatus venter, qui te portavit.* Mas esta mesma felicidade he a que senão pode compor com a nossa festa: porque a festa se consagra à Esperança da Senhora, ou à Senhora da Esperança: & o Evangelho aclama por bemaventurada a Senhora não pella esperança, mas pella posse de ter em suas purissimas entranhas ao Redemptor do mundo: *Be-*
atus

atus venter, qui te portavit.

E ja sabeis, que a posse senão pode compor com a esperança: o que se espera, ainda senão possui; o que se possui, ja senão espera: a esperança he a flor, & a posse o fruto: mas o fruto he a morte da flor: a esperança he a Raquel, & a posse o Benjamin; mas em nascendo Benjamin, logo morre Raquel. A esperança he a aurora, & a posse he o Sol: mas em apparecendo o Sol, desaparece a aurora: Ate no mesmo Ceo, sendo tam dilatado, não cabe a esperança com a posse; chega ate a porta, mas não entra com a alma, que entra a possuir a vista do Summo Bem.

2 Sendo pois a esperança incompativel com a posse; & sendo o Evangelho hú encomio da Virgem Senhora por possuir em seu Sagrado ventre o objecto, das esperanças do mundo, como lhe chamou Jacob: *Ipse erit expectatio gentium*, como se hade compor com a festa, se a festa he da esperança, que senão pode unir com a pos-

se? Esta he a difficuldade. Mas que difficuldade nos pode acobardar; se no ventre purissimo de Maria, maior, que o mesmo Ceo, se viram juntos loutros extremos mais distantes: se nelle se unio o temporal ao Eterno, o limitado ao Immenso, a carne a o Verbo, Deos ao homém; porque senão unirá tambem a esperança; & a posse? Louvava o Sacrario do mesmo Utero Virginal o Espirito Santo nos Cantares de Salamao, & dizia: *Venter tuus sicut acervus tritici vallatus lilijs.* O vosso ventre purissimo he como hum monte de trigo cercado de lirios. E quando foi o Utero da Senhora hum monte de trigo, senão quando teve em si aquella Senhor, que huma, & muitas vezes se chamou pam decido do Ceo: *Ego sum panis vivus, qui de calo descendi?* Nam está aqui a duvida. O que duvido he no cerco, que lhe faziam os lirios: *Vallatus lilijs.* O lirio, como diz Pierio, he symbolo da esperança: pois se o Sacrario Virginal estava ja

Cant.
7. 2.

pôssuindo o pam do Ceo, *Venter tuus sicut acervus tritici*; como o cercavaõ as esperanças: *Vallatus lilijis*? estava na posse, & esperava? Sim, que tanta he a capacidade daquelle Virginal peito, que cabem juntas nelle a posse, & a esperança. Nam destroem, autes confirmaõ isto mesmo os exemplos, q̄ allegavamos; porque se a esperança he a flor, & a posse he o fruto; no peito Sacratissimo de Maria, se ajuntou o fruto com a flor; porque com o fruto bendito do seu ventre conservou a flor de Virgem. Se a esperança he Raquel, & a posse Benjamí; a Senhora sahio a luz com o seu Benjamin Christo; & não perdeu a Luz da vida. Se a esperança he a aurora, & a posse o Sol; quando o Divino Sol appareceu em o mundo, não desappareceu, antes começou a apparecer mais esta aurora Divina. Finalmente se no Ceo não cabe a esperança com a posse, he porque o Ceo he mais pequeno, que o peito da Virgem Senhora; porque cou-

be nelle, o que não cabe no Ceo: *Quem celi capere non poterant, tuogremio contulisti*. Nam encontra logo o Evangelho antes favorece muito a nossa festa da Esperança: mas pera fallarmos della, he necessaria muita graça. Vos Virgem Senhora da Esperança, por cuja intercessam a esperamos, nos alcançai a que havemos mister.

AVE MARIA.

§. II.

Beatus venter, &c.

3 **O**S Theologos, & tambem os Philosophos, dizem que a Esperança tem por objecto algum bem; porque o mal não se espera, teme-se: temeis a enfermidade, esperais a saude: temeis o inferno, esperais a gloria; porque a gloria, & a saude sam bens, o inferno, & a enfermidade sam males: mas este bem, que he objecto da Esperança, hade ser vestido de tres condiçoens,
ou

ou circumstancias; hade ser futuro, & não presente; hade ser difficultoso, & não facil; hade ser possível, & não impossível. Hade ser futuro, & não presente; porque o que está presente, lograse, não se espera. Hade ser difficultoso, & não facil; porq̃ o que tendes na vossa mão, & podeis conseguir com facilidade, não he empreza da esperança. Hade ser possível, & não impossível; porq̃ esperar impossiveis he de necios. Ora eu querendo acomodar o discurso desta filosofia à Senhora da Esperança, ou à Esperança da Senhora, ou não acho a Esperança, ou acho tudo trocado; & como? Porque a Senhora da Esperança, ou a Esperança da Senhora não tem futuração, não tem difficultade, não tem impossibilidade. Não tem futuração; porque do futuro faz presente: não tem difficultade; porque do difficultoso faz facil; não tem impossibilidade, porque do impossível, faz possível. Estes seram os tres pontos do discurso. Na

Esperança da Senhora nem ha futuro, nem ha difficultoso, nem ha impossível.

4. Não ha futuro; porq̃ como diziamos, do futuro faz presente. O que na providencia, & na disposição Divina he futuro, na esperança da Senhora he presente. Foi Christo, & sua Mãy convidados pera authorizar com sua presença aquelles desposorios, que se celebraraõ em Cana de Galilea; & ou porque o provimêto não foi muito, ou porque os convidados picaram mais o passo, começou a faltar no melhor da festa aquelle liquor, que custuma ser a alegria das mezas: *Deficiente vino*. Conheceo a Senhora a falta, & representou-a a Christo: *Vinum non habent*. Ouvio Christo, & respondeo: *Quid mihi, & tibi est mulier? nondum venit hora mea*. E que tenho eu, & vos com isso? Ainda a hora determinada pella providencia Divina pera fazer milagres não he chegada. E com esta resposta, que fez a Esperança da Senhora? Disse

aos que serviam, que fizessem pontualmente o q̄ Christo lhe mandasse: *Quodcumque dixerit vobis, facite*. Minha Senhora, daime licença, pera pôr huma replica a esta vossa esperança. Se vosso filho Santissimo acaba de dizer, que não he chegada a hora decretada pera fazer milagres: *Nondum venit hora mea*; como esperais que o faça; & pera isso mandais, q̄ fação, o que elle mandar: *Quodcumque dixerit vobis, facite*? Deos assim como não faz milagres sem necessidade, assim os não faz antes de tempo; pois se ainda não he tempo; como se hade fazer a maravilha? O certo he, que Christo a fez; & foi o primeiro milagre, que fez, convertendo a agoa em vinho. Pois fez o milagre antes de tempo? Digo, que sim, & digo que não? Digo que sim; porq̄ na disposição da Providencia Divina, ainda não era chegado o tempo. Digo que não, porque na Esperança da Senhora ja era chegado. Dous milagres se fizeram neste milagre: o primeiro fez

a Esperança da Mãy; o segundo fez a Omnipotencia do Filho: a Esperança da Mãy fez, que a hora, que não era chegada, chegasse: a Omnipotencia do Filho fez, que o que era agoa fosse vinho: a Esperança da Mãy converteo o futuro em presente: a Omnipotencia do Filho converteo hum liquor em outro.

5. E verdadeiramente, que não sei qual foi maior milagre, se o que fez a Esperança da Senhora, se o que fez a Omnipotencia do Senhor? A Omnipotencia do Senhor converteo a agoa em vinho; isso faz a natureza em huma vide, ainda que com mais vagar: a Esperança da Senhora fez, que a hora, que era futura fosse presente, & que chegasse o tempo, que ainda não era chegado: & este milagre nem com todos os vagares do tempo o pode fazer a natureza. Assim como não ha forças, que possaõ ter maõ no tempo pera que não voc; assim as não ha, pera que o tempo futuro seja presente. No
tem.

tempo de Josue parou o Sol; mas nam parou o tempo: o Sol estava parado; mas o tempo hia correndo. Pois assim como se não pode travar a roda do tempo, pera q̄ nam ande; assim se não pode apressar pera que ande mais. Mas ó Esperança Omnipotente de Maria Senhora nossa! Aquella hora que não era chegada: *Nondum venit hora mea*, fez que chegasse; & fez presente o tempo, q̄ era futuro. Por isso chamou S. Joam Geometra a Virgẽ Mãy Mãy dos tempos: *Gemitrix temporum*.

6 Donde entenderéis hum texto de S. Paulo, que não tem facil concordia, cõ a comú doutrina dos Theologos. Escreve o Apostolo aos Galatas, & fallando da vinda do Filho de Deos ao mundo, diz assim: *Ubi venit plenitudo temporis, misit Deus filium suum*: Tanto que se encheo o tempo, mandou Deos ao mundo a seu Filho. Esta he a doutrina de S. Paulo; & qual he a dos Theologos? Ensinão comummente os Theologos, que ainda q̄

a Senhora não mereceo a Substancia da Encarnação do Verbo, mereceo a anticipação della: não mereceo, que o Verbo encarnasse; mas mereceo, q̄ encarnasse mais cedo alguns annos antes, do que havia de encarnar, se a Senhora com a sua Esperança, & dezejos o não apressara. Pois se o Verbo pellos merecimentos da Senhora anticipou o tempo da Encarnação, como diz S. Paulo que pera encarnar esperou, que se enchesse o tempo? *Ubi venit plenitudo temporis?* se esperou, que o tempo se enchesse, não anticipou o tempo: & se anticipou, o tempo não esperou, que se enchesse o tempo? Como havemos de concordar os Theologos com S. Paulo? Facilmente, se advirtirmos, que quem fez anticipar o tempo foi a Mãy dos tempos: anticipouse o tempo da Encarnação; porque encarnou o Verbo antes do tempo determinado nos decretos da Providencia: encheose o tempo pera a Encarnação; porque a Senhora
como

como Mãy dos tempos do futuro fez presente; & que chegasse o tempo determinado antes de chegar. Tal he a Omnipotencia da Esperança da Senhora, ou da Senhora da Esperança.

7 A vossa esperança sempre he do bem futuro; mas se quereis que effe bem futuro seja presente, ponde a vossa esperança nas mãos da Senhora. Estava na sua Cruz o bom ladrao, quando metteo a Christo aquelle memorial de lembrança: *Domine, memento mei, dum veneris in regnum tuum.* Senhor lembrai vos de mim, quando chegardes a vosso reino. Ouvio estas vozes Santo Agostinho, & exclamou: *O latro, quid in futura secula fidem in te perfectam fatigas.* O ladram pera que canfas com as esperanças dos seculos futuros huma fê em ti tam perfeita? De modo que esperava o ladram esta lembrança; mas era pera dahi a muitos seculos; ou como diz S. Joao Chrysoftomo, ate o dia do juizo. Mas que succedeo? Que o bem, que esperava

futuro, & tam futuro, o logrou no mesmo dia: *Hodie mecum eris in paradiso.* Hoje, hoje, lhe responde Christo, entrarás comigo no paraizo. Ha tal pressa! Ha tal ventura! Se a esperança do bom ladram se contenta de conseguir este bem la pera o dia do juizo: *In futura secula;* como o alcanfa no mesmo dia? *Hodie?* Sabeis porque, diz S. Pedro Damiaó, porq̄ entre a Cruz de Christo, & a Cruz do bom ladrao estava a Virgem Senhora^{23:} nossa, & que fez o ladram? a petiçao metteo nas mãos de Christo, & a esperança nas mãos da Senhora: *Beata virgo inter crucem filij, & crucem latronis posita, Jesum pro latrone deprecata est.* E como a esperança esteve nas mãos da Senhora, o despacho, que havia de ser futuro, foi presente; & o que esperava pera o dia do juizo: *In futura secula,* o logrou no mesmo dia: *Hodie mecum eris in paradiso.* Ja vedes, que a Esperança da Senhora não tem futuros; porque dos futuros faz presentes.

Apud
P. a La-
pide. in
Luc.,

Serm.
130. de
Temp.

Serm.
1. de
Latr.

§. III.

8 A segunda condição, que hade ter o bem esperado, he a difficuldade; hade ser difficuloso; & não facil; mas a Senhora da Esperança do difficuloso faz facil. Ainda aquillo que a nōsso parecer faz Christo com difficuldade, com facilidade o faz a Virgem Senhora. Vejamos em duas figuras huma de Christo, outra da Senhora: Caminhavaõ os Israelitas de Egipto pera a terra de promissam; chegaram ao mar vermelho, quando ja os vinha picando na retaguarda o inimigo. O aperto não podia ser maior; porque se achava o povo entre dous mares, hum de fogo, outro de agoa; nas costas hum mar de fogo; por frente hum mar de agoa; se fugiam do fogo, que era Faraõ com seu exercito, affogavaõ se no mar de agoa; se fugiaõ da agoa, que era o mar vermelho, cahiaõ no mar de fogo: não havia remedio. Acode Moyses a Deos; mandalhe o Senhor, que tome a sua vara na maõ,

que a estenda sobre o mar, q̄ o fira, q̄ o reprehenda, como diz David: *Incepuit mare rubrum*; que parece não acabava de se dividir pera dar passo franco aos fugitivos Hebreos. Ora dobrai aqui a folha, que he a do cap. 14. do Exodo; & passai das praias do mar vermelho às marges do rio Jordam. Chegou o mesmo povo ao rio Jordam, (que naquelles dias hia de verde a verde, como nota o Texto; & chegando à sua vista a Arca do Testamento, suspendem as agoas sua impetuosa corrente, abrem caminho, passa o povo a pê enxuto: *Omnis populus per aren-* Josue
tem alveum transibat. 3. 17.

9 Ja vedes a duvida dignissima de todo o reparo. Pera se abrir o mar vermelho tanta difficuldade; que he necessario estender sobre elle a milagrosa vara, darlhe hum, & outro golpe; & ainda reprehendello: *Incepuit*: E tanta facilidade pera suspender o Jordam seu arrebatado impeto? Sim; porque a vara de Moyses era figura de Christo, & de sua Cruz:
a Arca

a Arca do Testamento era figura da Senhora: *Arca foederis*, lhe chama a Igreja, & aquelle mesmo milagre, que Christo parece obrar com difficuldade, obra com facilidade a Senhora. Moyses, em cujo tempo se fez o primeiro milagre, tinha posto a sua esperança na vara: Josue em cujo governo se fez o segundo, tinha a sua esperança na Arca. Se pondez a vossa esperança na vara, isto he, no Filho, não duvido, que se faça o milagre, mas será tal vez com difficuldade: se pondez vossa esperança na Arca, isto he, na Mãe, não haverá difficuldade em fazer a maravilha; porque a Esperança da Senhora do difficuloso faz facil.

10 Que bem o entendeo assim o piedoso Rey Ezequias. Adoeceo este Principe mortalmente; mandou-lhe Deos dizer pello Profeta Isaias, que tratasse de se dispor, que sem duvida morreria: *Morieris tu, & non viues*. Mas o Rey, que estava ainda na flor dos annos, não se accomodava bem cõ esta

disposiçãõ. Recorreo a Deos, pediolhe com lagrimas a vida; & ouviu Deos as vozes de suas lagrimas; revogou a sentença, & mandou ao Profeta, que lhe assegurasse de vida mais quinze annos: & pera fazer segura esta esperança, assentou o Rey com o Profeta, que fizesse hum milagre na sombra de hum relogio do Sol: *Vis, ut ascendat umbra decem lineis, an, ut revertatur retrosum?* Aqui está agora o meu reparo. Pera a sombra do relogio ou subir, ou voltar atraz, havia de subir, ou decer o Sol; pois se o Sol hade fazer o milagre; porque não pede Ezequias, que o milagre se faça no Sol, mas na sombra. Trate com o Sol, & não com a sombra, hum negocio em q̄ lhe vay a sua vida. Alguem dirá, que obrou Ezequias, como quem sabia tanto da Cortè. O Sol he o Principe, & o valido a sôbra do Principe: & se quereis negociar na Corte, não trateis o vosso negocio com o Sol, trataio com a sombra; não com o Principe, mas com o valido.

II Mas Ezequias tinha mais altos os pensamentos, & vio, como ensinaõ os Santos, naquelle milagre outro milagre maior, que era a Encarnação do Divino Verbo, quando decendo dez linhas, isto he, os nove coros dos Anjos, havia de parar na decima, que he o homem. Isto supposto o Sol he Christo, & a sombra he sua Mãy Santissima, a quem na Encarnação fez sombra o Espirito do Altissimo: *Virtus altissimi obumbrabit tibi*: aonde diz, o Bispo Almeriense: *Mariae corpus umbra filij Dei est*. Poise xahi a rezam, porque Ezequias poz a esperança da sua vida naõ no Sol, mas na sombra; naõ no Sol, naõ porque o Sol naõ pudeffe fazer a maravilha; mas na sombra, porque a sombra a havia de fazer com mais facilidade. Quando o Profeta disse ao Rey, se queria, que a sombra subisse, ou que decesse. Respondeo Ezequias, que era facil crescer a sombra: *Facile est umbram crescere*: & q. queria outro milagre mais difficultoso, que era decer a

sombra. Mas enganouse Ezequias em dizer, que era mais difficultoso o decer, q. o subir; ou que era mais facil o subir, que o decer; porque igual era o milagre, ou decesse a sombra, ou subisse: mas em dizer que era facil, disse bem; porque como a sombra era a Virgê Senhora, em quem o Rey punha a sua esperança; por mais difficultoso, que fosse o milagre, à sombra da Senhora ficava facil: *Facile est umbram crescere*. Por isto poz avizadamente naõ no Sol, mas na sombra a sua Esperança.

Disse avizadamente porq. imitou a prudencia da serpente, como ensinou Christo dahi a seiscentos annos: *Estote prudentes, sicut serpentes*; dizia o Senhor a seus Discipulos: Imitai a prudencia da serpente: & qual foi a prudencia da serpente? Ide ao paraizo, & vedea ir entrando sem pês, mas com cabeça; & a que? a negociar com Adam a ruina do mundo todo. E como? persuadindo-o, a que comesse da arvore prohibida. Pois vem

câ serpente, tu que te prezas de tam astuta, não ves os montes de difficuldades, q̄ se oppoem a teus intentos? Não ves que esse homem, a quem pertendes enganar, sahio ainda agora das mãos de Deos, penhorado com tantos beneficios? Não importa. Não ves, que o dotou o seu author de hum entendimento pouco menor, que o teu; & de huma vontade melhor, que a tua? não faz a o cazo. Não vez, que o ameaçou com a morte tanto pera elle, como pera todos os seus descendentes, se comesse o pomo vedado? Ainda assim o heide enganar, & persuadir a que se perca? & quem hade fazer faceis tam grandes difficuldades; Quê? Nam Adam; mas Heva. Assim foi; foise ter com Heva; lizonjeou-a, enganou-a, persuadio-a. E venceo por seu meio todas as difficuldades, que se oppunhaõ a seus intentos. Esta foi a prudencia da serpente: pois imitai pera vos salvar, o que fez a serpente pera vos perder. Assim como Christo! (como diz S.

Paulo) he o novo Adam, assim a Senhora he a nova Eva: quereis negociar có este novo Adam: quereis vencer as maiores difficuldades no negocio de vossa salvação; pois trataio com esta segunda Eva, que ella fará mui facil o difficultoso.

§. IV:

12 A terceira condição, que deve ter o bem esperado he ser possível: Esperar hum bem impossível he destruir a mesma esperança. Mas se esta esperança he na Senhora, com esta mesma esperança se faz possível o impossível: *In spem contra Rom. spem credidit*: Creio na espe- 4. & rança contra a esperãça, diz S. Paulo fallando do Patriarcha Abraham, quando Deos lhe prometteo, que teria descendencia de Sara, que àquelle tempo tinha ja noventa annos. Se esperou contra a esperança, esperou hum impossível, mas se era impossível, como esperou; porq̄ com esta esperança em Deos, a quem nada he impoavel,

fez.

fez possível o impossível. Ouvi S. Zeno Veronense, *Contra spem est, quod impossibile est, ac non videtur esse possibile, sed possibile hac spe fit.*

13 O mesmo, & pella mesma rezam digo da Esperança da Senhora. Sea esperança em Deos dos impossíveis faz possíveis, porque pera Deos não ha impossível: *Non erit impossibile apud Deum omne Verbū*: a esperança na Senhora fará possíveis os impossíveis; porque nada he impossível à Senhora. Não me atrevera a dizer tanto, senão tivera dous grandes fiadores. Seja o primeiro Santo Anselmo no liyro que intitulou de *laudibus Virginis* no cap. 12, *Te sic Deus exaltavit, ut omnia secum possible esse donaverit. Tu velis, & nequaquam fieri non poterit*. Tanto vos exaltou, diz Anselmo fallando cō a Senhora, Tanto vos exaltou, & sublimou Deos, que consigo vos concedeo que todas as couzas vos sejam possíveis: Querei vos, Virgem Senhora, & não poderá ser, que se

naõ faça o que quizerdes. Notaira rezam desta Omnipotencia da Senhora: *Ut omnia secum possible esse donaverit*; deuvos, que tudo vos fosse possível, quando se vos deu a si mesmo. Divina rezaõ, como effudada na escola de S. Paulo. Escreve S. Paulo aos Romanos, & diz: *Qui proprio filio non percipit, sed pro nobis omnibus tradidit illū, quomodo cū illo non omnia nobis donavit?* Nam perdo-ou Deos a seu proprio filho, antes o deu por nostodos; pois cōmo he possível, que nos não desse com elle tudo o mais? Tudo o mais he menos, que o Filho; pois quem deu o mais, como hade negar o menos? Este he o argumento de S. Paulo, & este mesmo argumento faz Santo Anselmo; & com mais efficacia, & energia na Virgem Senhora; porque foi muito diverso o modo, com que Deos deu à Senhora a seu proprio Filho, do que aos homēs todos: porque aos homēs deu-o por Senhor; a Senhora deu-o por filho: aos homēs

Rom.
8. 32.

deu-o como Rey a seus vassallos; à Senhora deu-o como esposo a sua Esposa; em fim aos homens deu-o pera que os remisse; à Senhora deu-o pera que o criasse: he o que hojedisse a mulher do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, qua suxisti.* Com mais rezam podemos logo dizer da Senhora, o que S. Paulo disse dos homens: *Quomodo cum illo non omnia Matri donavit.*

14 O segundo fiador, que tenho pera dizer, que a Virgê Senhora nossa pode dos impossiveis fazer possiveis, porque nada lhe he impossivel, he S. Pedro Damiaão: *Data est tibi* (diz o Cardinal fallando com a Virgê) *Data est tibi omnis potestas in Celo, & in terra: & nihil tibi impossibile: cui possibile est desperatos in spem salutis relevare.* Deus vos todo o poder assim no Ceo, como na terra; & nada vos he impossivel; porque aquillo que parece mais impossivel; como he, que hum desesperado espere, a vos he possivel fazer este impossivel: *Cui pos-*

sibile est desperatos in spem salutis relevare. Vede se fallava da Senhora da Esperança, ou da Esperança da Senhora. E porque prova o Santo que nada he impossivel à Senhora, com dizer q̄ lhe he possivel fazer esperar a hum desesperado: *Cui possibile est desperatos in spem salutis relevare?*

25 Porque parece que não ha impossivel mais impossivel, nem couza mais desesperada que dar esperança a hum desesperado: assim como a esperança he o ultimo bem, que se perde; assim a desesperação he o ultimo mal, que se padece: & quando o mal he ultimo, o remedio he impossivel; porque se he possivel o remedio, ja não he ultimo o mal. E porque rezam será impossivel o remedio a hum desesperado? A rezam he; porque assim como a esperança confessa o poder em Deos; assim a desesperação o nega, & de hum certo modo lho tira. Chegou Christo a sua patria, & quando eu esperava, que fizesse nella grãdes maravi-

ravilhas, diz S. Marcos, que não pode nella fazer milagre algum: *Et non poterat ibi virtutem ullam facere.* Notavel texto! Christo não he Omnipotente em toda a parte? assim o ensina a sê; pois se nas outras partes podia fazer milagres; na sua patria, quem lhe tirou o poder? ou quem lhe atou as mãos? Disse o mesmo Evangelista:

Marc. 5. 6. *Non poterat ibi virtutem ullam facere propter incredulitatem eorum.* Nam podia, nam porque não pudeffe, mas porq̃ a pouca fê, a desconfiança, & a desesperação daquelles homês assim como lho negava, assim parece q̃ lhe tirava o poder: *Non poterat.* E se a desesperação de certo modo tira o poder a Deos, claro está, que fica impossível o remedio de hum desesperado.

16 Mas bom animo, q̃ ainda nesta desesperação de remedio, fica alguma esperança de remedio; porque ainda ha quem deste impossível faça possível: & quem he? a Virgem Senhora da Esperança: *Cui possibile est*

desperatos in spem salutis revellare. Quando as cinco Virgens necias chegaram a porta do Ceo, acharamna ja fechada: *Clausula est janua:* & te estava ja fechada, não tinham remedio: mas ainda assim começaraó a dar vozes ao Senhor: *Domine, Domine, aperi nobis.* Ah necias com ultima needade! Neste caso desesperado, dizeis vos, *Domine, Domine,* Senhor, Senhor: quando havies de clamar, *Domina, Domina,* Senhora, Senhora: Aqui se acabou de canonizar vossa needade; não sabeis que o Senhor tem delegado na Senhora o fazer possível este impossível; & abrir as portas do Ceo, àquelles a quem sua desesperação a fechou, se invocam seu favor. *Si quem-*

Méd. 6.
ga in 1.
Reg. c.
4. n. 11.
an. 12.
sect. 13.

admodum, Domine, Domine, inclamaverunt, ita inclamarent, Domina, Domina, illam fortasse repulsam non pate-

rentur; diz o Comentador Real. Se assim como chama- raó pello Senhor, chama- sem pella Senhora, não lhe dariam com a porta na cara.

17 Toda a desgraça das
N. 2. neci-

necias esteve em acharem fechada a porta do Ceo: *Clausus est janua*. Ora notai; o Ceo tem muitas portas: assim o diz S. Joam, que vira a Cidade da Celeste Jerusaleem com doze portas; tres pera a parte do Oriente: *Ab Oriente portae tres*; tres pera a parte do Norte: *Ab Aquilone portae tres*; tres pera a parte do Sul: *& ab Austro portae tres*; & outras tres pera a parte do Poente: *& ab Occasu portae tres*. Destas portas faz menção o Profeta Rey nõ Psaõ 117. *Aperite mihi portas justitiae*: Abri-me as portas da justiça, que sam as portas do Ceo: & alem destas portas faz logo menção de huma porta, & a distingue das outras portas. *Hec porta Domini, justii intrabunt in eam*. Esta he a porta do Senhor; os justos entrarão por ella. E que porta do Ceo he esta contradistincta das outras portas do mesmo Ceo? To-los o sabeis, que he a Virgẽ Senhora nossa: *Janna Celi*, Porta do Ceo lhe chama a Igreja. Isto supposto quereis ver huma glorio-

sa differença que tem esta Porta do Ceo às outras portas do Ceo? as outras portas tem chave; podemse abrir; & podemse fechar: Naõ disse Christo a S. Pedro: *Tibi dabo claves regni Caelorum*: Darvoshei as chaves do reino do Ceo: naõ disse huma so chave, mas muitas chaves: *Claves*; porque como sam muitas as portas, sam necessarias muitas chaves; & a chave se serve pera abrir, tambem serve pera fechar: porẽm a porta especialmente do Senhor, que he a Senhora naõ tem chave; porq̃ sempre estã aberta. Vede, como o disse David no Salmo, que ja citamos: Chegou elle as outras portas, & disse: *Aperite mihi portas justitiae, ingressus in eas cõsiterebor Domino*: Abri-me as portas da justiça pera que entrando por ellas louve eternamente ao Senhor: Chegou à porta especial do Senhor, & sem pedir, que lhe abrissem, disse que entrariaõ por ella os justos: *Hec porta Domini, justii intrabunt in eam*. Já vedes a differença. Se roga, que
Ihc

lhe abram as outras portas: *Aperite mihi portas;* como não pede, que lhe abram esta porta? porque as outras portas como tem chave, estavaõ fechadas: esta porta como não tem chave, estava aberta; & pera estar sempre aberta, não tem chave: por isso David pedio que lhe abrissem as outras portas: *Aperite mihi portas:* & não pedio que lhe abrissem esta: *Hæc porta Domini, iusti intrabunt in eam.* Esta he a porta Principal; & as outras são travelas, que por isso estavaõ aos lados: tres ao lado do Oriente: *Ab oriente, &c.*

18 E porque não fiquei na minha conjectura esta gostosa verdade, ouvi, como o mesmo Deus a ensinou admiravelmente na mais expressa figura da Senhora. Mandou fazer a Arca do Testamento, & determinou a Materia, as medidas, a forma, o ornato, & o fim pera que a mandava fazer; & he cousa notavel, que lhe não mandasse fazer chave. Pois a Arca do Testamento aonde Deus mandou guardar o

maná, a ley, a vara, sem chave? Sim, que esta Arca tambem era porta; era Arca do Testamento, & era porta do Ceo, que tudo he Maria Senhora nossa: & nem em quanto Arca, nem em quanto porta tem chave, pera que sempre esteja patente, & aberta sempre. Vedes como as Virgens necias foram dobradamente necias: & que se foram a esta porta, como foram a outra porta, achariam a entrada franca: *Si quemadmodum, Domine Domine, in clamaverunt; in clamarent, Domina, Domina, illam fortasse repulsam non paterentur.* Tanto importa, que ponhamos a nossa esperança naquella Senhora, que pode dar esperança aos desesperados: *Cui possibile est, desperatos in spem salutis relevare.* Mas esta gloria, ou esta graça toda vem à Senhora daquelle Verbo humanado Filho seu, por cuja cauza a acclamou por bemaventurada a mulher do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit.*

§. V.

19 Esta he a Senhora da Esperança, pera que todos ponhamos toda a nossa esperança na Senhora; do futuro faz presente; do difficuloso faz facil, & do impossivel possivel. Porem a Esperança dos homens, ou nos homés que effeitos tem tam contrarios à mesma esperança! do presente vos faz futuro; do facil difficuloso; & impossivel do possivel. Pera explicarem os antigos qual he a Esperança humana pintavam huma arvore junto a hum rio arrebatado; desta arvore estava pendurada huma donzella por huma cadea de ouro; mas toda assustada, & temerosa; porque o rio hia por momentos comendo a terra, & alluindo as raizes da arvore, que estava ameaçando ruina. Este he o enigma da Esperança. O rio he o tempo sempre fugitivo: a arvore sam os homés, a donzella a esperança, a cadea, que a tem pendéte, he o favor humano. Não he assim a vossa

esperança, quando a pondes nos homés? O rio, ou o tempo sempre a correr, & vos a esperar! a arvore, ou a vida ja pera cahir, & a esperança ainda pendente, ou enforcada do favor, que vos prometteram, & não acaba de chegar. Que futuriçoês, que difficuldades, que impossibilidades não finge; & vós sem vos defenganar! Sois verdadeiraméte hum retrato de Jacob.

20 Dava Jacob ou fatisfação, ou queixa de fugir de sua caza a Labam sem lho fazer a saber, & dizia: *Per* Gen: 31. 41
viginti annos in domo tua servivit tibi: quatuordecim pro filiabus, & sex pro gregibus tuis. Vinte annos gastei em serviço vosso, quatorze por Raquel, & Lia, & os ultimos seis pello dote: E nestes vinte annos me mentistes dez vezes: *Immutasti quoq̄ mercedem meam decem vicibus.* Dez mentiras em vinte annos não foi muito: mais se mente hoje em hum so dia. Na verdade que não sei o q̄ mais admire, se a pouca verdade de Labam, se a larga esperan-

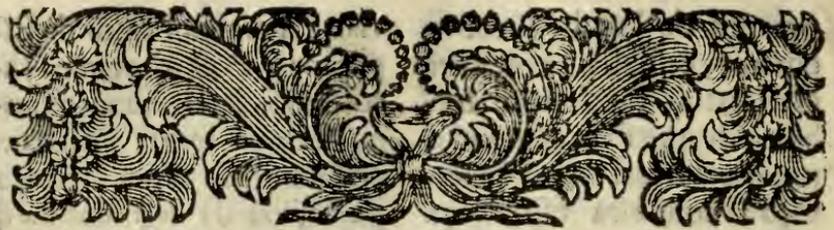
perança de Jacob: Jacob a esperar, & Labam a mentir? Contratou Jacob com Labam, de que seria Raquel o premio de sette annos de serviço: com esta esperança passou o pastor alegre o trabalho do septennio: & quando cuidou, que tinha na mão o premio esperado, dalhe Labaão a Lia em lugar de Raquel; & vede se lhe fez futuro o bem presente. Tornava a fazer novo contrato, determinava o tempo, & o premio; o tempo chegava, mas o premio não acabava de chegar. Contratavao de novo; mas tornava Labam a mentir; & isto não huma, nam duas; mas dez vezes: *Immutasti mercedem meam decem vicibus.* Ha tal porfisar, Labam em mentir, & Jacob a esperar.

21 Dizeime agora, que couza he Labam; senão o mundo? Quem he Raquel, senão a Esperança, que está nas mãos de Labam; & qué he Jacob senão vos, que ser-

vis a Labam por amor da Esperança. Pois dizeime Jacob ambicioso, quantos annos ha que servís a Labam por amor da esperança do posto, ou da dignidade a q̄ aspirais? pode ser que sejam tantos como os de Jacob; & quantas vezes vos tem mentido o mundo? pode ser, que sejam mais, que as de Labam. Pois o mundo a mentir, & vos a servir: o mundo a enganar, & vos a esperar?

22 Dizei Jacob soberbo, Quantos annos ha, que servís ao mundo com a esperança da honra, que dezejais? E quantas vezes vos tem mentido o mundo? Seram tantas como as de Labam? Pode ser que mais. Pois o mundo a mentir, & vos a servir? o mundo a enganar, & vos a esperar no mundo.

Acabai ja de vos defengañar com Jacob: deixai, ou fugide Labam, & de sua caza. Trocai as esperanças, & o objecto dellas.



SERMAM DA SENHORA DA ESPERANCA, A Em Braga.

Beatus vent er, qui te portavit, & ubera, que suxisti.

Luc. II.

§. I.

Este panegirico
tâtas vezes re-
petido, & nun-
ca affàs pon-
derado canta hoje a Igreja à
Virgem Senhora nossa da
Esperança. Acabava Chri-
sto Redentor nosso de fa-
zer hum milagre, em que li-

vrara a hum miseravel ho-
mem da tyrania de hum de-
monio mudo (que naõ sam
menos crueis, os que calan-
do fazem mal) O milagre
foi de tanto estrondo, que o
auditorio se dividio em va-
rias opinioes a cerca do mi-
lagroso (que pera fugir as
do

do vulgo não basta fazer milagres) Os Escribas, & Farizeos como mais mordidos da enveja romperam em calunias; as turbas como mais innocentes, em admirações: mas ou o medo, ou a lizonja lhes affogou no peito as vozes, pera não sahirem nos merecidos applausos da maravilha. Houve porem entre todos hũa animosa mulher, que levantando sobre todos a voz exclamou dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti.* Bemaventuradas as entranhas, em q̄ andastes, & bemaventurados os peitos, que vos criaram.

2 Bemaventuradas verdadeiramente não fo per si, & pera si; mas tambem por nos, & pera nos: per si, & pera si; porque nellas como em paraizo de suas delicias se encerrou por espaço de nove mezes o Principe das Eternidades, & com tanto gofsto seu, que os nove mezes lhes pareceraõ poucos instantes; & foi necessario força pera sahir d'elle como disse o mesmo Senhor por bo-

ca de David: *Tu es, qui extraxisti me de utero matris meæ:* Vos, Eterno Pay, fois, o que metirastes à força das entranhas de minha Mãy. Foram tambem bemaventuradas pornos, & pera nos; porque dellas, como de melhor arvore da vida naceo o fruto bendito; em cujas Esperanças se acendiaõ os fustiros dos Patriarchas, as ansias dos Profetas, & as saudades dos justos: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti.*

3 Sobre este Evãgelho (se vos lembrais) deste mesmo lugar, & deste mesmo assumpto tenho ditto não humavez, & foi a primeira, formei o ditcurso sobre o objecto da esperança, que hade ser algum bem futuro, & não presente, difficultoso, & não facil, possivel, & não impossivel; & pertendi mostrar, q̄ a Virgem Senhora da Esperança, ou a Esperança na Virgem Senhora do futuro fazia presente, facil do difficultoso, & possivel do impossivel. A segunda vez, que
foi

foi o anno passado, intentei persuadir, que acompanhando-se sempre a Esperança de tres circumstancias, que a fazem molestissima da incerteza, da dilação, da dependencia; a Esperança na Virgem Senhora era Esperança sem incerteza, era Esperança sem dilação; mas não era Esperança sem dependencia; porque o depender da Virgem Senhora era a maior felicidade. Parece que nos não falta mais que dizer: mas sim falta; & pera dizer o que nos falta, he necessario levantar a voz não so com a mulher do Evangelho, mas com os homés, com os Anjos, & também com o mesmo Deos: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti?* E porque? Porque atou Deos as Esperanças ao Ventre purissimo de Maria com laços tam apertados, que sem Maria nem os homens tinhaó, que esperar de Deos; nem Deos tinha, que esperar dos homés. Parece-vos muito? Ora não me condeneis; antes de me ouvir; & pera ouvir, o que heide dizer, digamos todos primeiro com o Anjo.

AVE MARIA.

Beatus venter, &c.

§. II.

4 **S** Em Maria, torno a dizer, não tinham os homés, que esperar de Deos. Pera melhor intelligencia desta proposição, que à primeira vista vos pode parecer encarecida, havemos de suppor o que ensina a Theologia, que não ha, nem pode haver cabedaes em huma pura creatura pera satisfazer de rigor à Divina Justiça pella divida de huma offensa mortal; como a Magestade offendida he infinita, & he limitada sêpre qualquer creatura, sempre fica infinitamente desigual, & por isso impossivel a satisfação. Esse he o misterio altissimo, com que Christo em duas parabolás, que introduzio de devedores; de todos disse, que não tinhaó cabedaes, de que pagar. Na occasião, em que

se converteo a Magdalena propoz ao Farizeo a parabola de dous devedores, em que hum devia quinhentos denarios, & outro devia cincoenta; & ajunta logo o Senhor: *Non habentibus illis, unde redderent.* E não tendo de que pagar. No cap. 18. de S. Mattheus compara o reino do Ceo a hum homê rey, que quiz tomar contas a seus criados; & alcançou a hum delles em dez mil talentos de divida; & acrescenta logo: *Cum autem non haberet, unde redderet:* E como não tivesse, com que pagar. Se Christo introduz a tantos devedores, que não tinham cabedaes pera pagar; porque não introduz ao menos hum, q̄ ostivesse? A rezam he; pôr q̄ estes devedores sam os homêes; este acreedor he Deos; & estas dividas sam os peccados: & pera satisfazer a Deos esta divida; pera pagar a sua justiça por hum peccado, não ha cabedaes em nenhuma pura creatura; por isso introduzindo a tantas, que não tinhaõ cabedaes pera pagar, não introduz a ne-

nhuma, que pudesse satisfazer: *Non habentibus illis, unde redderent.* Bem podia Deos remittir liberalmente esta divida; mas neste perdão se ficava acreditada sua clemência, podia ficar queixosa sua justiça. Logo so quem fosse igual a Deos, podia dar a Deos huma satisfação igual: & ainda que em Deos não ha, nem pode haver multiplicidade na natureza, ha Trindade nas Pessoas: & assim decretou, que a segunda Pessoa, isto he o Filho de Deos se fizesse homê unido a si a natureza humana nas entranhas de huma donzella, & que esta fosse a Virgem Maria; & que nascendo della como verdadeiro filho seu, se criasse a seus peitos; como hoje disse a voz a mulher do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti.* Pera que ultimamente com seu sangue, & com sua morte desse inteira satisfação à Magestade Divina offendida; & pagasse à justiça de Deos a divida, que contrahira o homê pello peccado,

5. Deste discurso mais breve, do que o pedia a materia, se segue com evidencia que supposta esta disposição eterna dos Divinos decretos, o remedio, & a salvação dos homês sem Maria era impossivel; porque se era impossivel sem Christo, & Christo era impossivel sem Maria, tambem sem Maria era impossivel a salvação dos homês: porque nella, & por ella tinha Deos determinado obrar nossa salvação. *In qua, & per quam Deus ipse Rex noster ante secula disposuit operari salutem in medio terra;* Disse devotamente como costuma, S. Bernardo. He verdade, que antes do Decreto Divino era possivel sem Maria a salvação do mundo; porque o Filho de Deos podia encarnar em hũ corpo como o de Adam sem dependencia de Mãy; mas depois do Decreto ficou impossivel sem Maria, o que antes era possivel. Expliquemos esta Theologia no mesmo Filho em si depois de encarnado.

6. Chegou Christo a o

horto nàs vespervas de sua morte; & fallando pella bocca da humanidade affligida com o temor da morte; orou assim a seu Eterno Pay: *Pa-* Mat.
ter, si possibile est, transeat à 26. 39.
me calix iste: Meu Pay, & Senhor, se he possivel, passe de mim este Caliz. Se he possivel? E Christo não sabia se era possivel; ou se era impossivel o que pedia? Sim sabia: sabia que era possivel, & sabia, que era impossivel; sabia, que era possivel; porque sabia, que absolutamente não era necessaria a sua morte pera a salvação dos homês: sabia que era impossivel; porque supposto o decreto Divino; que mandava que com sua morte satisfizesse à justiça Divina pella redenção, do mundo, era impossivel o que pedia; porq̃ era impossivel o não morrer: ouvi ao doutissimo à Lápide: *Absolute hoc erat possibile: Sed impossibile erat, posito Dei Decreto, de redimendo homine ex rigida justitia per Christi mortem.* Pois isto, que passou no Filho, passou na Mãy: Antes do Decreto Di-

vino

vino bem podia Deos salvar aos homés sem Maria; mas depois do Decreto, sem Maria não nos podia Deos salvar.

7 Não sei se o deo assim a entender à mesma Senhora o Anjo Embaxador, quando pera exemplo do mysterio sem exemplo da Encarnação, allegou a esterilidade ja fecunda de sua prima Isabel, dizendo, que tinha ja seis mezes de Mãy; porque em fim, diz o Anjo: *Non erit impossibile apud Deum omne verbum*: Pera com Deos não haverá couza impossivel. Nam haverá, Anjo do Ceo? Quem diz, não haverá de futuro; suppõe, que a ha de presente. Quando Christo orou no horto, diz S. Marcos, que dera principio à sua oração por estas palavras: *Pater, omnia tibi possibilia sunt*. Eterno Pay tudo vos he possivel. Christo uza do presente; o Anjo uza do futuro: Christo diz, Nada he impossivel a Deos: o Anjo diz, nada será impossivel: *Non erit impossibile apud Deum omne verbum*. E comque

mysterio não disse o Anjo. nesta occasiam.; Não he; mas não será impossivel? Cõ grande mysterio; porque tambem o mysterio, em que fallava era grande. Ora notai. Deos tinha decretado a Encarnação pera remedio, & salvação do mundo; mas pera se obrar este mysterio nas entranhas da Virgem Senhora; a mesma Senhora havia de dar livremente o seu consentimento: logo sem a Senhora dar o seu fim, era impossivel a Encarnação; & como quando o Anjo disse aquellas palavras: *Non erit impossibile*, ainda a Senhora não tinha dado o seu consentimento ainda era impossivel a Deos alguma couza; que depois da mesma Senhora dar o fim, ficou possivel: por isso o Anjo disse: *Est* de presente; porque de presente era impossivel, o q̃ de futuro era possivel: de prezete era impossivel; porque ainda a Senhora não tinha consentido: de futuro era possivel, depois que a Senhora consentisse: *Fiat mihi*
secun-

secundum verbum tuum.

8 A este sim, a este consentimento de Maria atou Deos as esperanças de nosso bem, & de nossa Salvação; & assim estava esperando este sim a terra, & o Ceo; os Anjos, & os homens, & ate o mesmo Deos. Considera o devotissimo Bernardo a consideração vagarosa, com que a Virgem Senhora ponderava a embaxada, que em nome de Deos lhe dava o Anjo: *Cogitabat, qualis esset ista salutatio; & parecendo-lhe, que dilatava muito aquelle sim, fallia humildemente devoto com a Senhora, & diz: O Domina, respon-*

vinos decretos, não pode fazerse homê pera salvar aos homês.

9 Vedes já, Senhores, como sem Maria era impossivel nossa salvação? E se dezejais ver em huma figura mais expressada esta verdade, o mesmo Filho em credito da Mãy a pintou na resurreição de Lazaro. Em todos os mortos, a que Christo restituiu a vida, mostrou, que elle era o que havia com sua morte dar vida ao homê morto pello peccado; mas em nenhum representou com mais vivas côres esta verdade, do que em Lazaro. Chegou o Senhor a Bethania quatro dias depois da morte de Lazaro; & que significam estes quatro dias; senão os quatro mil annos, que correram da criação do mundo ate à morte de Christo, em que pello peccado morreo Adam, & matou a todos seus filhos, antes de lhe dar a vida; nem vos pareça ditto sem fundamêto que os quatro dias da morte de Lazaro significavaõ os quatro mil annos da morte de Adam;

porq̃

Serm.

4. sup.
mil. è.

de verbum, quod terra, quod inferi, quod expectant & superi, ipse quoque omnium Rex, & Dominus desiderat responsionis assensum. O Senhora respondi ja aquelle. *Fiat mihi*, dat ja aquelle sim, em que tem libradas as esperanças de seu remedio, a terra, o inferno, & o Ceo, & ate o mesmo Deos dezeja muito que deis vosso consentimento; porque sem elle conforme a disposição de seus Di-

porque ja sabeis, que na pena de David mil annos nos computos de Deos sam hum
 89. so dia: *Mille anni ante oculos tuos tanquam dies.* Estava Lazaro não so morto, mas sepultado; porque a culpa do primeiro homẽ não so foi morte mas sepultura de todos seus descendentes; por isso custou tanto ao mesmo Christo a resurreiçãõ de Lazaro; chorou lagrimas: *Lacrymatus est:* despedio gemidos: *infremuit spiritu:* deu
 an. brados: *Voce magna clamavit.* Parece que estava na Cruz obrando a resurreiçãõ não de hum homẽ so mas de todo o genero humano. E pera fazer este milagre, que mais fez Christo? Sahio Martha a recebello fora de caza; & o Senhor sem passar a diante, mandou chamar a Maria, que ficara dentro: *Magister adest, & vocat te.* Pois se Maria estava retirada em caza; porque, ou peraque a manda Christo chamar? Admiravelmente a pena de ouro de Chrysologo: *Mittitur Martha ad Mariam, quia sine Maria nec fuga-*

ri mors poterat, nec vita poterat reparari. Mādou Christo chamar a Maria, & quiz que se achasse presente ao milagre; porque sem Maria nem a morte podia fugir; nem a vida se podia recuperar. Era aquelle milagre, & aquella resurreiçãõ, como ja provamos, figura da vida, q̃ Christo com sua morte havia de dar ao mundo; & era a Magdalenã com o nome de Maria huma figura, ou sombra de Maria Senhora nossa: pois chame-se Maria, achese presente à maravilha: *Veniat Maria materni nominis bajula;* porque sem Maria não se pode obrar o milagre em que se representava a redemçãõ do mundo: *Quia sine Maria nec fugari mors poterat, nec vita poterat reparari.*

10 E notai por vida vossa aquelle: *Nec poterat:* não podia, duas vezes repetido: Pois Christo não podia por em fugida a morte, & reparar a vida perdida sem Maria? Digo que sim, & digo q̃ não. Digo, que absolutamente sim; digo supposto o de-creto,

creto, não: absolutamente sem, porque tinha braços omnipotentes: supposto o Decreto, não; porque com esta dependência de sua Mãe quiz obrar nossa redenção. O' quanta rezaõ tem a terra, & o Ceo, os homês, & os Anjos pera exclamarem cõ a mulher do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit*; porque àquelle ventre purissimo atou tam apertadamente Deos nossas esperanças, que sem Maria não tinhamos, q̄ esperar de Deos.

§. III.

II Mas vejo, que estais arguindo contra este meu discurso: do qual dizeis, que quando muito conclue, que sem Maria não tinhamos q̄ esperar de Deos a salvação; mas que nada mais tinhamos, que esperar de Deos; não tem Deos mais pera dar, que a salvação? Não he Senhor de Ceo, & terra: pois de tam grande Senhor não podiamos esperar muito? Como digo logo, que nada tinhamos, que esperar de

Deos? Assim o disse, & o torno a dizer, que se não tinhamos, que esperar de Deos a salvação, nada tinhamos q̄ esperar de Deos; porque tudo o que não he a salvação he nada: a salvação sem nada mais he tudo: tudo o mais sem salvação he nada.

12 *Quid mihi est in caelo?* Pl. 72.
 lo; & *à te quid volui super terram?* 25.

Senhor, dizia a Deos aquelle Rey, que tanto conheceo de Deos, Senhor, q̄ tenho eu, q̄ esperar no Ceo; ou de vòs que posso querer na terra? Pois, David, nem no Ceo, nem na terra tendes, q̄ esperar de Deos? no Ceo não tendes que esperar todos os beneficios, que o Ceo influe? Não he o Ceo, o que de dia vos allumia com o sol; & de noite com a lua, & com as estrellas; não he o que cõ a constante inconstancia de seu continuo movimento cauza no mundo toda a diversidade de tempos, ja a primavera, em que pinta de cores as flores, & de flores os prados, & os jardins; ja o estio, em que madura nos campos as searas, & veste de gala

gala as arvores nos bosques: ja o outono; em que doura nas arvores os pomos, & recolhe nos celeiros os frutos: ja o inverno, em que com prizoés de cristal prende os rios, & as fontes; & cubrindo de neve os montes chove sobre elles a montes os defenganos. Tudo isto, & muito mais tendes David, que esperar do Ceo. E na terra tambem tendes muito que esperar: tendes que esperar a vida, a saude, as riquezas, as dignidades, as victorias, & tudo o mais, a que o coração humano dilata sem termo a sua esperança. Pois se David tinha tanto que esperar no Ceo, & na terra; como diz a Deos, que nem no Ceo, nem na terra tinha nada que esperar do mesmo Deos: *Quid mihi est in caelo; & à te quid volui super terram?* Tudo isto he nada? Sim; porque nada disto he a salvaçõ: o que David so tinha, que esperar, & so podia esperar he a salvaçõ de sua alma, & a vista clara de Deos, em que ella consiste: assim o disse logo o mesmo

Profeta: *Deus cordis mei, & pars mea Deus in aeternum.* O que so quero, & o que so posso, & devo esperar, he Deos do meu coração, he Deos, que hade ser eternamente a minha parte, ou o meu tudo, a minha bema venturança, & a minha salvaçõ: *Pars mea Deus in aeternum.* E tudo o mais que naõ he isto; tudo o mais, que naõ he a minha salvaçõ, he nada; ainda que seja tudo, o que ha no Ceo, & tudo, o q ha na terra: *Quid mihi est in caelo, & a te quid volui super terram?*

13 Isto dizia David fallando com Deos: ouvio agora fallando com os homens: *Nolite confidere in Principibus.* Homens, homens, naõ po-
 niais as vossas esperanças nos Principes. Pois em que David? Nam chamastes vos aos Principes os Deoses da terra: *Ego dixi: Dij estis, & filij excelsi omnes:* destes De-
 oses naõ tem muito que esperar os homens? Naõ sam elles; os que fazem nesta vida os bema venturados, & os malaventurados tambem?

nam sam os basiliscos coroados, que se vos olham com agrado, vos dam vida; se cõ defagrado, vola tiram? Naõ sam os Neptunos deste grãde mar, que ferindo com seu cetro as ondas ou as levantam em tormentas, ou ascõpoé em serenidades? Naõ sam os Soes desta esfera terrestre; que se estaõ claros, vos alegam; se nublados, vos entristecem? Naõ sam finalmente os arbitros da hõra, da riqueza, das dignidades, & na sua presunçãõ da mesma fortuna? Pois porq̃ manda, ou aconselha David, q̃ naõ ponhamos nos Principes a nossa esperança, se podem dar tanto, & tirar mais, do que podem dar? Admiravel he a rezam do Profeta: *Nolite confidere in Principibus: in quibus non est salus.* Naõ espereis nos Principes; porque vos naõ podem dar a salvaçãõ: *In quibus non est salus.* Aqui està o ponto. Se os Principes vos puderam dar a salvaçãõ; cõ muita rezam vos exhortara David, que esperasseis nos Principes; mas como elles a

naõ podem dar, ainda que pudessem dar tudo o mais; naõ tendes que esperar delles: *Nolite confidere in Principibus.* O' que grande documento pera algumas esperanças, ou desesperaçõs, q̃ eu fei. Se naõ heisde esperar, nem de hum Principe; porque vos naõ pode dar a salvaçãõ; de quem naõ fo vos naõ pode dar a salvaçãõ; mas certaméte vos dá a condemnaçãõ, que esperais, ou q̃ podeis esperar? Se esse, em quem dizeis que esperais; vosemcaminha pera o inferno, & vos desvia do Ceo, naõ chameis a isto esperança, chamailhe desesperaçãõ: de quem naõ esperais a salvaçãõ da vossa alma, tudo o mais que podeis esperar, he nada.

14. Pois se tudo o que podiamos esperar de Deos fora da salvaçãõ, he nada; & sem Maria, na supposiçãõ em que vamos dos Divinos decretos, nam podiamos esperar de Deos a salvaçãõ, bem se segue, que sem Maria nada tinhamos, que esperar de Deos. Assim estam atadas

tadas ao sacratio de seu ventre purissimo, & pendentes de seus peitos como o mesmo Verbo Encarnado as nossas Esperanças; pera que exclame com maior voz, não fo a mulher do Evangelho, mas todos os que cremos no Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, que sustinisti.*

§. IV.

15 Porem como estas nadadas da terra vos embaraçam tanto as esperanças; & do que tenho ditto podeis cuidar, que a Senhora da Esperança he boa so pera a outra vida; digo, que sem Maria não so não tínhamos que esperar a salvação; mas que nenhum outro bem tínhamos, nem temos, que esperar. Porque? Pella mesma rezaõ; porque assim como Deos decretou, que por suas mãos nos viesse a salvação, assim determinou, que todos os outros bens nos venham por suas mãos. Pela culpa se faz o homẽ indigno de todo o bem, como merecedor

de todo o mal: & que fez Deos? Creou a Maria Senhora nossa; & concedeu-lhe esta grande prerogativa, que tudo o que tivesse o homẽ, o tivesse por suas mãos: *Quia indignus erat, cui donaretur; datum est Mariae, ut per illam acciperes; quidquid haberes;* disse o devotissimo Bernardo no Serm. 3. da Calêda do Natal; & o mesmo repete em outros muitos lugares. De modo que não so o que nós alcançamos de Deos por intercessão da Senhora, mas tudo o que conseguimos por meyo de qualquer outro Santo do Ceo; quiz Deos que se nos desse por mãos da Virgem Senhora. Admiravelmente retratou a graça este privilegio de Maria em hum exemplo da natureza.

16 Ensimam uniformemente os Astrologos, que os influxos, com que os Planetas beneficiam o mundo, primeiro os recebe a Lua, & por meyo da Lua se comunicação à terra: & assim disse Jamblico Mathematico insigno: *A sole, virtutem omnimodam qui continet, omnimodam*

dam futuram accipit luna, cū Mercurio, Jove, Venere, & aliis coiens cunctorum moderatur influxus. Influe o sol o engenho, & sabedoria; mas influe mediante a Lua: influe Saturno os axiomas da prudencia; mas influe por meio da Lua: influe Juppiter a magnanimidade, & os impulsos pera a honra; mas influe pello côcurso da Lua: influe Marte a fortaleza, & os alentos do valor, mas a lua he, a que dispensa estas influencias: influe Venus o amor, & affabilidade; mas a lua o recebe pera o dar: influe finalmente Mercurio a eloquencia, & a graça no dizer; mas esta eloquencia, & esta graça se cõmunica por meio da lua: *Cunctorum moderatur influxus.* De modo que he a lua como aduana do Ceo, em que primeiro se registraõ todos os influxos, que os Planetas ham de cõmunicar à terra.

17 Isto faz a lua natural na ordem da natureza; & isto mesmo faz a lua mística na ordem da graça. Bem sabeis, que no Ceo de huma,

& outra Igreja, ou seja a militante na terra, ou seja a triumfante no Ceo, o Sol he Christo, Maria he a Lua, & os Santos sam os Planetas, & as estrellas. Pois assim como na ordem da natureza participa a terra os beneficios do Ceo por meio da lua natural; assim na ordem da graça não se cõmunica bem algum aos homés, que não venha por mãos da lua mística, & sobrenatural Maria Senhora nossa: *Non abs re lune assimilatur Mater illa omnium gratiarum plena, que ea que à supernis fontibus per diversos canales haurit, largitur quidem inferioribus pro recipientium dispositione.* Disse Jorge Veneto no Canto I. da sua Harmonia. Beneficos planetas sam os Caetanos, os Bentos, os Antonios, os Xavieres, & os outros Santos milagrosos, cujos favores sollicitais, & experimentais em vossos apertos, & molestias; mas esses favores, essas mercês, esses beneficios não se vos cõmunicão sem intervençãõ da quella senhora, que excede a lua

a lua na fermosura; & beneficencia: *Pulchra, ut luna.* Tanto quiz Deos, que estivessem pendentes nossas Esperanças daquella Mãy, que he Esperança nossa, que não so quiz, que sem ella não so não tivessimos que esperar a salvação; mas que nenhũ outro bem tivessimos que esperar.

18 E se me perguntais; o segredo de tam singular privilegio; porque atou Deos nossas Esperanças a esta Senhora com tam universal dependencia? Respondo; que a rezam foi; peraque vivendo sempre em nos a Esperança na Senhora, vivesse sempre pera nos a Senhora da Esperança. Pois se morresse em nos a Esperança na Senhora, havia de morrer pera nos a Senhora da Esperança? Digo que sim, que tal he a condição do coração humano; em quanto espera de vos, temvos por vivo; se acabou a Esperança, acabastes pera elle, contavos entre os mortos: E se isto fora so na terra, não me admirara; mas que ate no Céo seja o

mesmo! Vay S. Paulo encarecendo aos Romanos o beneficio da adopção, com que nos podemos gloriar de filhos de Deos; & infere gravemente o Apostolo, que se somos filhos, seremos sem duvida herdeiros do mesmo Deos, & coherdeiros com Christo: *Quod si filij, & hæredes; hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi.* Eu agradeço muito a filiação; mas reparo muito na herança. He certo conforme os direitos, & tambem na doutrina do mesmo Apostolo, que pera valer a herança, como o testamento, hade necessariamente intervir a morte do testador. *Ubi testamentũ est, mors necesse est, intercedat testatoris.* Como pode logo ser, que entremos a ser herdeiros de Deos; se Deos he essencialmente immortal, & incapaz de morrer? Vio a difficuldade la do seu deserto o grande fundador da Cartuxa S. Bruno, & responde escondidamente: *Deus quodammodo nobis morietur in futura beatitudine.* Deos na bemaventurança futura

Ad
Rom.
8. 17.

Ad
Heb.
9. 16.

hade morrer de hum certo modo pera nos. Difficultosa sentença! Se sua immortalidade exime a Deos essencialmente da jurisdicção da morte, como he possível, que haja Deos de morrer em alguma maneira? He possível, que morra a immortalidade, & que acabe o que não tem fim? Nam pode ser, pois como diz S. Bruno, que hade morrer Deos, & na bemaventurança: *Deus nobis morietur in futura beatitudine*. Ora notai o que diz o Patriarcha, & tambem o que não diz: Não diz, que hade morrer pera si; diz q̄ hade morrer pera nos: *Nobis morietur*: pera si, não, porque por sua essencia he immortal; pera nos, sim; porque havemos de ser seus herdeiros na bé-aventurança, Pois porque havemos de ser seus herdeiros na bemaventurança hade morrer pera nos? Sim. No Ceo, como dizem os Theologos não entra a Esperança; acompanhanos até a porta, & fica fora; Não tem os homés no Ceo mais que esperar de Deos: pois dai a

Deos por morto pera os homés: *Nobis morietur in futura beatitudine*. Nesta vida vive Deos pera os homens; na outra vida teloham por morto: nesta vida, em quanto vive a Esperança, vive Deos pera os homés: na outra vida, em que a Esperança morre, tambem Deos de hum certo modo hade morrer pera os homés. Ningué se desherde em vida, q̄ pello mesmo cazo o ham de julgar por morto os mesmos, que o herdaram. He verdade que no Ceo vive Deos ao amor, se morre a esperança; mas na terra quem morreo a esperança, tambem morreo ao amor: porque na terra não ha amor sem esperança, ainda que haja esperança sem amor.

19 E como Deos quer, que viva sempre nos homés o amor da Senhora da Esperança, quer, que em tudo, & por tudo viva nos homés a Esperança da Senhora. Esta he a rezam; porque attou nossas Esperanças a Maria Senhora nossa com tam apertados vinculos, que sem ella
 não

naõ tivessem os homens que esperar naõ so a salvaçaõ, mas nenhum outro bem, dos que podem esperar. Mas esta graça & privilegio logra a Senhora; porque encerrou em seu ventre purissimo, & sustentou a seus peitos o que se chamou o Esperado por antonomasia: *Beatus venter, qui te portavit; & ubera, que suxisti.*

§. V.

20 E se sem Maria naõ tinham os homês, que esperar de Deos, tambem Deos naõ tinha, que esperar dos homês; porque nenhuma couza sem Maria podia ser grata a Deos, naõ so na terra, mas nem no Ceo.

Gen. I. *In principio creavit Deus calum, & terram.* No principio, diz Moyfes creou Deos o Ceo, & a terra. Este he o primeiro texto da Escriptura Sagrada; & sendo o primeiro naõ li ainda hum grãde reparo neste texto. A creaçãõ do Ceo, & da terra se fiquio depois a creaçãõ das outras creaturas; & assim co-

mo Deos as hia creando diz o texto, que hia Deos significando o seu agrado: *Vidit Deus, quod esset bonũ:* Dividiu as aguas superiores, das inferiores congelando de seus cristaes estas esferas celestes: *Et vidit quod esset bonum.* Desafogou a terra, mandando retirar as agoas à suas concavidades formando o freo à suas furias das miudas areas da praia: mandou q̃ a terra se ornasse de flores, de plantas, & de arvores: *Et vidit quod esset bonum:* & ficou muito pago do que tinha feito: & assim das mais creaturas. Pois se estas obras de sua Omnipotencia lhe roubaraõ os olhos, & o agrado; porque naõ diz o mesmo do Ceo, & da terra? assim como diz: *Creavit calum, & terram;* porque naõ diz logo: *Et vidit quod esset bonũ.* He mais de seu agrado a flor, & a hervinha, que a terra, donde nasce? a estrella, & o Planeta, que o Ceo donde se forma? Claro esta, q̃ naõ. Porque naõ abonou logo o Ceo, & a terra no mesmo ponto, em que os creou? Sa-

bem porque? porque quando Deos creou o Ceo, & a terra, ainda não tinha creado a luz: assim se prova do mesmo texto; porque depois de dizer que creara o Ceo, & a terra, passa a contar a criação da luz: De modo, que tudo o mais foi creado depois; o Ceo, & a terra antes da luz: Pois por isso declara Deos nas mais creaturas o seu agrado; porque estavam já banhados da luz; *Vidit Deus, quod esset bonum.* O Ceo, & a terra, não; porque ainda não havia luz, que as fizesse gratas aos olhos Divinos.

21 Mas que luz he esta tam engraçada, tam alegre, & tam Divina, q̄ antes della nem do Ceo, nem da terra se agrada Deos; & depois della não ha creatura na terra, nem no Ceo, de que Deos senão agrade: *Vidit Deus, quod esset bonum?* Esta luz he aquella, de que depois se formou o Divino Sol. Assim o dizem cõmumente os Santos, & Expositores; que foi aquella luz huma sombra de Maria Senhora nossa; pera

que vejamos a esta luz, que sem ella nem no Ceo, nem na terra pode haver couza digna do Divino agrado. Antes pera as creaturas serem mais perfeitas, & pera Deos se agradar mais nellas, as recopilou todas na Senhora. Assim o disse a mesma Senhora no cap. 8. dos Proverbios de Salamaõ: *Cum eo eram cuncta componens.* Quando Deos, diz a Senhora, sahia a luz com as obras da criação; quando torneava de Saffiras os globos eternos do Ceo: quando estendia esses diafanos pergaminhos do ar capazes de tantas impressões, como meteoros; quando lançava por alicerfes à terra o nada sobre q̄ a fundou; quando punha leys ao mar, pera que nas miudas areas da praya quebrasse a colera de suas ondas; eu me achava prezente, & com o mesmo Senhor estava compondo todas as creaturas: *Cum eo eram cuncta componens.* E como concorria a Senhora pera a composição das creaturas? Excellentemente o doutissimo Padre

Padre Salazar: *Tunc cum omnia componebat, in me intuebatur, ut ex omnibus rerum omnium perfectionibus me unam cumularet.* Estava Deos com os olhos em mim, pera que em mim fizessê huma cifra das perfeições de todas as creaturas. De modo, que pera as creaturas terem maior perfeição, quiz Deos, q a Senhora fosse a flor de todas as creaturas: Estaõ as creaturas na Senhora com maior perfeição, do que em si mesmas.

22 Estam de hum certo modo na Senhora, como no Verbo; pera que o Filho seja o exemplar da Mãy, & a Mãy huma imitação do Filho. *Quod factum est, in ipso vita erat,* Diz S. Joam. Tudo foi feito pello Verbo: *Omnia per ipsum facta sunt:* & tudo o que foi feito, era vida no mesmo Verbo. Estavaõ no Verbo as creaturas, estava no Verbo o Anjo; estava no Verbo o homem, estava no Verbo o Sol, estavaõ no Verbo os elementos; & assim as mais creaturas. Agora duvido assim. Que o

Anjo, & o homê sejaõ vida no Verbo, em que estaõ, bem o entendo; porque assim o homê, como o Anjo em si tem vida: mas que o Sol, & os elementos, que em si não tem vida, sejam vida no Verbo: *In ipso vita erat:* como pode ser? Pode ser, porque no Verbo estaõ com mais perfeição, que em si mesmos: em si não sam vida; & sam vida no Verbo: *In ipso Verbo Dei vita sunt, in se ipsis vita non sunt.* Disse Santo Agostinho. Pois isto, que o Verbo tem por natureza comunicou à Virgem Senhora por graça. Quiz que na Virgem Senhora estivessem todas as creaturas em cifra, & com maior perfeição, do que estam em si mesmas; pera terem maior agrado, & acharé mais graça nos olhos Divinos.

23 E se sem Maria nada pode agradar a Deos; que tinha Deos que esperar dos homêes sem Maria? Que tinheis, que esperar, Senhor meu, vós o dissestes pello vosso Profeta Isaias, descrevendo aos homêes na metaphora

Ifai.
5.2.

fora de húa vinha, de quem esperaveis os doces frutos, que ellas costumão dar; mas em lugar das uvas, vos responderaõ ingratamente cõ labruscas: *Expectavit, ut faceret uvas, fecit autem labruscas*: assim enganaraõ os homês vossa esperança: assim naõ tinheis, que esperar dos homens; mas isto era antes de haver no mundo a Senhora da Esperança; porq̃ a suas entranhas purissimas, & a seus Sacratissimos peitos ataltes de tal sorte a Es-

perança, que se sem Maria nem os homês tinham que esperar de vos; nem vos tinheis, que esperar dos homês: com Maria, & por Maria espero eu, que tereis muito que esperar de nos; & nos que esperar de vos: Vos de nos o culto, a piedade, a religiaõ, a dor, o arrependimento as lagrimas, de termos faltado tantas vezes ao que de nos se espera. Nos de vos o perdã, a clemencia, a graça, a salvaçaõ, a gloria.





SERMAM DA SENHORA DA ESPERANCA

Beatus venter, qui te portavit, & ubera, que suxisti.

Luc. II.

§. **I**udiciosamente disse o grãde juizo do grãde Agostinho, que os homês pella maior parte não tinham o coração no coração; mas tinham o coração nos olhos: *Non in corde cor, sed in oculis habent.* Trocaram os officios o coração, & os olhos: Qual he o officio dos olhos? he ver; & o do coração qual he? he a-

mar, & aborrecer. E que fazem os homês? amaõ, & aborrecem com os olhos, & vem com o coração. Da vista do coração sahe aos olhos ou o odio, ou o amor. Se o coração ve bem, amaõ os olhos; & se ve mal, aborrecem. A occasiam, que a mulher do Evangelho teve pera levantar a voz entre as turbas, & fazer a Christo o panegyrico, que repêtimos no thema:

ma: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti*, foi hum milagre, em que o milagroso Senhor deſterrou de hum homem a hum demonio, que lhe tomava a lingua, & o fazia mudo; que lhe eccliffava os olhos, & o fazia cego; que lhe empedia os ouvidos, & o fazia furdo. E que ſe ſeguiu a eſte prodigio? Duas couzas bem nota-veis: Os Eſcribas, & Farizeos começaram a dizer, que Chriſto tinha ſecretas intelligencias com o principe dos demonios; & que em virtude ſua expulſava os demonios: *In Bēelzebub principē demoniorum ejicit demonia*. E Marcella, que era huma mulher das turbas, levantou a voz em gritto, & louvou ao obrador da maravilha: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti*. Pois o meſmo milagre aos Farizeos parece obra diabolica, & a Marcella obra Divina? Sim que o não virão cō os olhos, virão-no com os corações: os Farizeos viram o milagre com hum coração cheo de odio, cheo de envija, cheo

de malevolencia; & começaraõ a aborrecer o milagre, que não queriaõ ver, & o milagroso, a quem não podiam ver. Marcella vio o milagre com hum coração cheo de fe, cheo de amor, cheo de admiração, & começou a applaudir a maravilha, & engrandecer o author della: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti*. Demodo, que dō coração, com que viram o milagre ſahio aos olhos em Marcella o agrado, & o amor, & nos Farizeos o odio, & o deſagrado.

2. Pois os Farizeos não eram homēs ſabios, ou que ſe prezavaõ de ofer, nas Eſcrituras, & os religiosos daquelle tempo, de qué ſe eſperava mais? Marcella não era hũa mulher humilde, de quem ſe podia eſperar menos? Como logo ſe acha menos naquelles, de qué ſe eſperava mais; & ſe acha mais naquella, de qué ſe podia eſperar menos? Menos nos homēs; mais em huma mulher? Sim. Porq̃ eſta mulher, diz o Veneravel Beda, fazia a figura da Igreja Catholica; & quem faz a figura

Luc.
II. 15.

gura da Igreja, tambem a faz da Virgê Senhora. Não foi logo muito, que fosse nella maior a experiencia, que a Esperança; quãoo nos homês foi maior a Esperança, que a experiencia. E temos sem mais trabalho descoberto o assumpto pera o discurso. Que nos homês sempre a Esperança he maior, que a experiencia: & na Senhora sempre a experiencia he maior, que a Esperança. Peça-mos a graça.

AVE MARIA.

§. II.

3 **H**É no homê natural, o que na arvore he natureza; nem na arvore corresponde o logro dos frutos ao numero das flores; nem no homê iguala a execução dos beneficios ao alvoroço das esperanças. Chegais na primavera a huma arvore; em cada raminho vos brinda com hum ramallete; em cada ramallete com muitas flores; & em cada flor com huma esperança: voltaís no outono; &

quando esperaveis recolher grande abundancia de pomos, como prometiaõ as flores, ou achais so folhas, ou entre mil folhas hum fructo. Assim vos succede com as arvores; & assim vos costuma succeder com os homens: sempre as esperanças sam maiores, que as experiencias; nunca no tempo, em que esperais o favor, corresponde as execuções às promessas. Que alentado vivia de esperanças Jacob nas promessas de Laban; quando seu amor os suores de sette annos lhe abreviava a poucos dias: chegou o prazo, q̄ não ha nenhum, que não chegue; & em lugar da esperada Raquel por quem servio sette annos, lhe deu a Lia, por quem não serviria sette dias. Que animoso parte David a encontrar-se com o gygante! davaõ brios a seu esforço as esperanças, de q̄ feria genro do rey, como Saul lhe promettera: chegou, venceo, degollou, & entrou triunfante com a cabeça do Filisteo na mão esquerda, & com a espada na mão direita, &

mas quando esperava receber da mão do Rey a Princeza por esposa, achou na mão de Saul huma lança, q̄ arremecou contra David. Assim degeneraõ as esperanças nos homês; & nos homês de quem mais se esperava. Sempre a esperança he maior, que a experiencia.

4. Que diferente he o sucesso, dos que põe sua esperança na Virgem Senhora nossa? Sempre a experiencia he maior, que a esperança. Naquelle motim, que alguns do povo de Israel levantaraõ contra Moyses, & Aaraõ sobre o Summo Pontificado, naõ levando em paciencia, que os dous armaõs tivessem as supremas dignidades, huma Secular; outro a Ecclesiastica; mandou Deos, que de cada tribu se tomasse huma vara, em que estaria escrito o nome do mesmo tribu; entre as quais se puzesse tambem a de Aaraõ; & postas no tabernaculo, que era o templo, daquelle tempo, aquella que reverdecesse, mostraria, quem era, o que Deos escolhia pera

Summo Sacerdote: *Quem ex his elegero, germinabit virga ejus.* Que suspenças ficaram as esperanças dos pertendentes por toda aquella noite; ainda os que menos mereciam, julgavaõ, que podia a sua vara reverdecer por milagre, que nada finge impossivel a esperança de hũ ambicioso. Passou a noite, chegou a manhã, entrou Moyses no tabernaculo; & achou, que a vara de Aaraõ reverdecera, & se vestira de folhas; se formara em olhos, & desabotoara em flores; sacudira as flores, & se enriquecera em frutos: *Invenit germinasse virgam Aaron; & turgentibus gemmis eruperrant flores, quæ folijs dilatatis in amygdalas deformati sunt.* Eu naõ reparo, em que esta vara lançasse tanta flor pera o ornato, tanta folha pera a gala; & tanto fruto pera a gula, sem ter raizes, nem hum palmo de terra, de que comer; porque em fim milagres sam, que vos vedes, & murmurais cada dia; & o peor será se as tais varas estiverem por conta, & trou-

xerem.

xerem escritos os nomes dos Aaroens, ou Sacerdotes. Não he este o meu reparo; porque quando Deos quer, bastam poucas horas, & ainda instantes pera fazer o que a natureza faz em muitos mezes.

5 O meu reparo está em que a vara fez muito mais, do que promettia a esperança. O que Moyses esperava conforme a promessa de Deos, era, que a vara reverdesse: *Quem ex his elegero, germinabit virga ejus*: & esperava Moyses, que a vara produzisse folhas? Não. Esperava, que sahisse com flores? Menos. Esperava, que se coroaſſe com frutos? De nenhum modo. Pois se as esperanças de Moyses não chegavaõ a tanto, como passaram tão alem as experiencias? Facilmente dareis solução à duvida, se advertirdes, quem era a representada naquella vara de Aaraõ. Todos dizem, & a mesma Igreja o ensina, que a vara de Aaram foi figura da Virgem Senhora nossa: & vara, que fazia esta figura, não faria

bem a figura, se não vencesse com a experiencia a esperança: a esperança promettia menos, a experiencia achou mais; a esperança promettia menos; porque so promettia reverdecer a vara; a experiencia achou, mais porque achou folhas, achou flores, & achou frutos; porq̃ na Virgem sempre a experiencia foi maior, que a nossa Esperança.

§. III.

6 Mas busquemos a rezam desta experiencia: Qual pode ser a rezam, de ser mais liberal a Senhora em seus beneficios, do que os homens sam largos em suas esperanças? A primeira rezam pode ser a grandeza, & Magestade da mesma Senhora. Se a Senhora medira os seus beneficios com as nossas esperanças, seriaõ seus beneficios menores, & indignos de sua grandeza; mas olha pera si, & não pera nos; & por isso excedem suas liberalidades nossas esperanças. La celebram muito os antigos a libera-

liberalidade de Alexandre; mas fahê Seneca cõ. embargos a esta opiniaõ com o ca- zo, que lhe succedeo com hum Filosofo Cynico. Chegou este a pedir, & como pe- dia a hum Principe, ampliou as esperanças, & pediu hum talento, que era huma gran- de summa. E que respondeo Alexandre? Respondeo, que pedia muito pera hum filo- sofo, que professava pobre- za Emendou o Cynico a pe- tição, & apanhou as velas a suas esperanças, & pediu hũ denario, que era huma mo- eda de pouco valor. E que despacho lhe deu Alexan- dre? Despachou-o dizendo, que pedia pouco a hum A- lexandre. Argue agora Se- neca, & diz, que não foi res- posta; mas modo pera negar, & frustrar as esperanças do fi- losofo. Olhou Alexandre pera o filosofo quando lhe pediu o talento; & negou-o dizendo, que era muito pera hum filosofo: olhou pera si quando lhe pediu o dena- rio, & negou-o, responden- do, que era pouco pera dar hum Alexandre. Assim en-

ganaõ vossas esperanças, & despachaõ vossas petições a- inda os Principes, que se pi- cam de mais Alexandres. Se pedis muito, olhaõ pera vos, & dizem que he muito; se pedis pouco, olhaõ pera si; & dizem, que he pouco; & ou peçais muito, ou peçais pouco, sempre vos recolheis com muito pouco. Porem a Virgem Senhora não mede suas liberalidades com nos- sas esperanças; porque não olha pera nos, olha pera si; olha pera sua grandeza, olha pera sua magestade, olha pe- ra sua magnificencia; & sabe, que o credito da magnificê- cia de quem da não está em igualar, senão em vender as esperanças, de quem recebe. Seja o exemplõ da grandeza do filho a prova desta gran- deza da Mãy; ou não sei se diga, que cõ o leite da Mãy bebo o filho esta lição da grandeza.

7 Ouvi a Tertulliano hum grave ponderação. Repara o grande Africano nas palavras do nosso the- ma: *Beatus venter, qui te por- tavit, & ubera, que suxisti:*

Bem

Bem haja a Mãy, que vos trouxe em suas entranhas, & vos creou com o nectar de seus peitos. Se o motivo, que esta mulher teve pera sahir neste panegyrico era ver os beneficios, & os milagres, q̄ Christo fazia em bem dos homés, havia de louvar ao Pay, & não a Mãy; porque o Pay he o que cōmunicava a Christo o poder pera fazer as maravilhas; pois porque não louva ao Pay, senão a Mãy: *Beatus ventur, qui te portavit?* Porque o filho parece, que não olhava tanto pera o pay, quanto olhava pera a Mãy pera fazer estes beneficios: *Felicitatem ab utero, & uberibus, matris suæ transtulit in discipulos*; a felicidade, q̄ cōmunicava trasladava das entranhas & peitos da Mãy aos homés. *Transtulit*: notavel palavra: trasladou: como se a Mãy fosse o traslado, donde o filho copiava as liberalidades, que uzava com os homés. Mas em fim ou o filho fosse o exemplar da Mãy, ou a Mãy o traslado do filho; o certo he, que pera o filho acreditar

seu poder, & magnificencia, foi necessario que excedessem os beneficios, que dava às esperanças dos que recebiam.

8 Fez Christo o milagre do banquete la no deserto, quando com cinco paés deu de comer a cinco mil homés, excepto mulheres, & meninos, que em semelhantes occasioes não costumão ser os mais cobardes gasta-dores. Acabado o banquete mandou Christo recolher os sobejos; & encheram doze cestos. Repara muito S. Basilio de Seleucia nas reliquias do banquete, & diz, que foram, *In potentia defensionem*. Pera defenſa do poder. Pois que inimigos tinha o poder pera se por em defeza? Eu o não sei; sei que o beneficio que foi grande; & os grandes beneficios pella maior parte dos mais obrigados fazem os maiores inimigos. Mas aqui o *defensio* não significa tanto; pois que significa? Quer dizer: Credito, abono, & gloria do poder, da grãdeza, da magnificencia de Christo: *In poten-*

tie defensionem. Pois não bastava o que se gastou: dar de comer a cinco mil homés cõ tam limitado sustento? multiplicar o pam entre as mãos dos Apostolos, que o repartiam, ou dos convidados, q̃ o comião, nam era hum grãde abono da grandeza do Senhor? Sim, & não. Sim, porque na verdade era prodigioso milagre: Não, porq̃ não excedia as esperanças dos que estavaõ presentes. Quando os convidados viram, que Christo tomava os cinco paês em suas mãos, que esperavaõ? Esperavaõ, que o milagroso Senhor sustentaria a fome daquella multidam de gente com os cinco paês; mas esperavaõ, que depois de todos satisfeitos poderia sobejar tanto? Nam esperavaõ tal; nem tal lhe passava pella imaginaçãõ. Pois ahi esteve o credito do poder, o abono da grandeza, a gloria da magnificencia de Christo, diz S. Basilio: *In potentia defensionem.* Se Christo medisse, o que dava com as esperanças dos que recebiam, acreditavase de mila-

groso, mas não de magnifico; Os sobejos, que não esperavaõ, foraõ o credito de sua grandeza: *In potentia defensionem.* Assim obra o filho, quando quer acreditar sua grandeza; & assim obra tambem a Mãe em gloriosa emulaçãõ do filho vencendo sempre suas liberalidades nossas esperanças.

9 Não para aqui a grãdeza, & magnificencia da Virgem Senhora; não so vence as esperanças, dos que esperaõ; mas tambem as do que não esperaõ, ou não tem rezaõ pera esperar. E esta he a maior magnificencia, & grãdeza. No Salmo 67. quer David engrãdecer a magnificencia de Deos, & diz *Magnificencia ejus in nubibus:* 67. Nas nuvens com não serem muito claras, se mostra mais claramente a magnificencia de Deos. Nas nuvens, que sam hum vapor levantado da terra a beneficio dos raios do Sol. Nas nuvens, que sam huns volantes do ar, que ao menor impulso dos ventos se movem? Nas nuvens; se hade mostrar a grandeza,

& magnificencia de Deos: *Magnificentia ejus in nubibus?* Sim; & porque? O porque não o disse David; mas disseo Christo: *Pluit super justos, & injustos.* As nuvês fam as fontes, com que Deos chove sobre os justos, & sobre os injustos; sobre os justos, que esperam de Deos estas liberalidades; & sobre os injustos, que não tem rezam pera as esperar: & que a mesma nuvê se desfaça igualmente em favor do justo que espera, & do injusto, que não espera, ou nam merece esperar, he o maior argumento da grandeza, & magnificencia de Deos: *Magnificentia ejus in nubibus.*

10 Mas quem he a nuvem, que imita a Divina Magnificencia? Não ha couza mais vulgar entre os Padres, que dizer, que as nuvês fam symbolo da Virgem Senhora; assim o diz S. Jeronymo da nuvê, que guiava pello deserto aos filhos de Israel; & em outros muitos lugares da Escriitura; porem o que mais nos serve ao intento he o do 3. livro dos Reys. Pera

acudir a huma grande seca, que no tempo de Elrey Achab, havia em Palestina: subio o Profeta Elias ao alto do monte Carmelo; & posto em oração fez grandes instancias a Deos, que desse remedio à prezente necessidade: & neste tempo disse a hũ discipulo, que subisse a hum lugar mais alto; & vigiasse os horizontes: *Ascende, & prospice contra mare.* Obedeceo, subio, olhou, & veyo dizendo, que não havia nada: *Non est quidquam.* Se eu fora mais devagar, havia de fazer huma pergunta sobre esta resposta. Está este homẽ no alto de hum monte, de q se descubria meyo mundo, & diz que não ha nada: *Non est quidquam.* Pois, homẽ, não ha montes, não ha vales, não ha Cidades, não ha villas? não estã vendendo tudo isto? pois como dizes: *Non est quidquam:* Nam ha nada? Empreitoute sem duvida feus olhos a enveja. E notai, que não diz: Nam vejo nada; que era o mais natural; mas diz: Nam ha nada: Bem ve o envejofo nos outros as

prendas, os talentos, o valor, a nobreza, a fermosura, que de ver muito nasce a enveja, *à nimis videndo*; por isso não diz, que não vê; mas diz, que não ha o mesmo, que está vendo: *Non est quidquam*. Mas não censuremos o discipulo de Elias, que eram mais innocentes seus olhos. Torna Elias a mandallo segunda vez; torna segunda vez com a mesma resposta; & com estas esperanças foi, & veyo sette vezes: *Revertere septem vicibus*. Eis que na ultima vez vê, que no horizonte sobre o mar se levantava huma nuvem sinha; & fem esperar mais vem dar a nova a Elias: *Ecce nubecula parva quasi vestigium hominis ascendebat de mari*. Nem Elias esperou mais; porque não tinha mais que esperar. Mãda logo recado a Achab, que se ponha em cobro, porque se havia de vir o mundo abaxo com agoa; & assim foi. *Facta est pluvia grandis*.

II Nesta nuvem diz S. Joam Bispo de Jerusaleem, se representa a Virgê Senhora Nossa: *Sanctus Joannes*

Episcopus Jerosolomitannus agnoscit B. Virginem, escreve, o Veneravel P. Gaspar Sanches. Isto supposto, vede agora no alto do monte a Elias, & ao Discipulo de Elias ambos esperando, ambos com os olhos, Elias no Ceo; & o Discipulo no mundo; & nem Elias no Ceo, nem em todo o mundo o discipulo viam quem desse cumprimento a suas esperanças: *Non est quidquam*. Formou-se a nuvem, começou a apparecer a Virgem Senhora, & viram logradas suas esperanças. E o meu maior reparo he o avizo, que Elias mãdou a Achab. Achab foi o rey dos mais impios, que teve o reino das dez tribus, Sacrilego, Idolatra: Pois sobre este chove igualmente a nuvem, que sobre Elias? Sobre Elias, que era Profeta, que era Santo, q̄ era justo, muito embora; mas sobre Achab? Sim, que essa he a grandeza, & magnificencia desta milagrosa nuvé; não só vencer as esperanças, dos que esperão; mas tambem as dos que não tem rezaõ pera esperar:

Magni-

*Magnificentia ejus in nabi-
bus: Pluit super justos, & in-
justos.*

§. IV.

12 A segunda rezam, q̃
a Senhora da Esperança tem
pera vencer com suas libera-
lidades nossas Esperanças,
he ser Máy: *Beatus venter,
qui te portavit*: Assim como
a Virgem Senhora he Máy
de Christo; assim tambem
he Máy da Esperança. Ha
quem o diga? Sim; a mesma
Senhora em hum texto do
Ecclesiastico: *Ego mater pul-
chrae dilectionis, & agnitio-
nis, & Sanctae Spei*. Eu sou
mây do amor fermoso, do
conhecimento, & da Espe-
rança Santa. Eu não quero
agora examinar qual das ma-
ternidades he mais gloriosa
pera a Senhora, & mais util
pera nos, se o ser Máy de
Christo, se o ser Máy da Es-
perança (fique reservado es-
te exame pera outra occazi-
ão) agora só nos basta pera
o nosso discurso, que a Se-
nhora he Máy da Esperan-
ça. Mas máy da nossa espe-

rança, parece que não pode
fer! Segundo as leys da na-
tureza a mesma máy, q̃ con-
cebe, he a que pare: de sorte,
que aonde os viventes natu-
raes tem a conceição, ahi tem
o parto: & quando eu espe-
ro, eu sou o que concebo a
esperança: por este verbo
explicação com elegancia os
Latinos o entrar em esperan-
ça, *Concipere Spem*. Pois se a
minha esperança tem em
mim a conceição; como ha
de ter o parto na Senhora,
Mater Spei? Por isso mesmo,
que he esperança: as outras
couzas aonde tem a concei-
ção, tem o parto; mas a Es-
perança não he assim: em hu-
ma parte tem o parto; em
outra a conceição. Qual he
o parto da Esperança? He o
fruto, & o effeito, que espe-
raveis: em quanto não lo-
grais o fruto de vossa espe-
rança, em quanto não alcan-
sais o effeito, q̃ esperais, ou a
merce, q̃ esperaveis, anda em
vossa vontade concebida a
esperança: tanto que sahio a
luz o despacho, que espera-
veis, entao nasce a esperan-
ça. Esperais a merce, & o

despacho do Príncipe; cá tem a Esperança a conceição na vossa vontade: fezvos o Príncipe a merce, que esperaveis, la teve o parto na vó-tade do Príncipe. Por isso na Esperança são mais as conceições, que os partos; porq̃ como a conceição está na vossa vontade, he facil a conceição; & como o parto está na vontade alheia, he o parto difficuloso; & muito facil o aborto.

13 Não he nova esta filosofia, antes tam antiga, q̃ ja a advirtio S. Paulo nos lavradores: *Debet in spe, qui arat, arare*. Vay o lavrador abrindo a terra, & lançando nella o graõ; & que succede? o que diziamos: que a Esperança tem a conceição em huma parte, & o parto noutra: o lavrador concebe a esperança; & o parto dão a terra: de modo que o fruto, que a terra dá no Agosto he o parto da esperança, que o lavrador concebeo no Janeiro.

14 Sendo pois esta a natureza da esperança, ja vedes que não tem implica-

ção nenhuma, em que a Mãe de Deos seja mãe da nossa Esperança: em nos se concebe; na Senhora nasce: em nos floresce, na Senhora frutifica, em nos tem a Conceição, na Senhora o parto. Daqui se segue, vamos agora à consequencia, daqui se segue aquella differença, q̃ tomamos por assumpto; que as nossas esperanças, se são nos homês, são maiores na conceição, que no parto: & se são na Virgem Senhora são muito maiores no parto, que na conceição. Succedem às nossas esperanças nos homês, o que dizia o poeta, que succederia aos montes: *Parturient montes, nascetur ridiculus mus*: Conceberão os montes, & quando esperaveis, que o parto seria algum gigante; foi hum ridiculo animalejo. Nas esperanças na Virgem Senhora não he assim: o parto he muito maior, que a conceição. E a rezaõ he; porque a conceição fazse na nossa vontade, que he finita, & de limitada capacidade: porem o parto, & o fruto he do ventre

ventre Virginal de Maria Senhora nossa, tam amplo, tam capaz, tam immenso, q̄ comprehendeo dentro em si a immensidade do Immenso Deos, como exclamou a mulher do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit*. E sendo a nossa Esperança filha de tam grande Mãy, q̄ muito que a nossa experiencia seja sempre maior, q̄ a nossa esperança.

§. V.

15 Mas notai, que a Senhora não diz, que he Mãy de qualquer esperança; mas da Esperança Santa: *Mater Sanctæ Spei*. Que se não for Santa a vossa esperança, não tendes que esperar que haja de ser parto desta Santissima Mãy, que so do que he Santo quer ser mãy. E tanto, que se por impossivel pudera Deos deixar de ser Santo, nem de Deos quizera ser Mãy. Não he encarecimento, nem conceito de pregador, he verdade canonizada nella mesma Senhora. Veyo o Anjo Embaxador a pedir-

lhe seu consentimento para em suas purissimas entranhas se vestir de nossa humanidade o Verbo Eterno: entrou dandolhe a embaxada com aquella faudação tam nova, tam inaudita, & tam notavel, que a humildade da mesma Senhora a estranhou; *Ave Gratia plena; Dominus tecum: Benedicta tu in mulieribus*: Deos vos salve chea de graça, o Senhor he com vosco: Benditois mais que todas as mulheres. Turbou se a Senhora, diz o Evangelista; & começou a cuidar, que faudação era esta: *Turbata est, & cogitabat, qualis esset ista saluta-* Luc. 1.
tio. Declarou se o Anjo, dizendo, que não tinha que temer, nem duvidar; porque tinha cahido em graça a Deos: Que conceberia, & pariria hum filho, a quem chamaria JESUS: *Ecce concipies, & paries filium, & vocabis nomen ejus JESUM*. E a Senhora ainda perplexa sem se resolver. Vay por diante o Embaxador, dizendo, que este filho hade ser Grande, & se chamará filho

do Altissimo: *Hic erit magnus, & filius Altissimi vocabitur.* É a Senhora parada sem dar o sim. Torna o Embaxador a instar, dizendo: Que Deos havia de dar ao menino seu filho o throno de David, & que havia de reinar em caza de Jacob; & que não teria sim o seu reino: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, & regnabit in domo Jacob in æternam; & regni ejus non erit finis.* É a Senhora ainda tam longe de consentir, que sahio com nova replica: *Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco.* Nam pode ser, o que me dizeis, porque tenho feito voto de pureza Virginal. Acudio à replica o Embaxador, dizendo, que o Espirito Santo deceria sobre ella, & lhe faria sombra a virtude do Altissimo: *Pello que o filho que nacesse della seria Santo, & filho de Deos: Spiritus Sanctus superveniet in te; & virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque & quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur filius Dei.* Agora, sim, diz a Senhora, a-

gora sim: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum.* Aqui está a cetrova do Senhor, faça-se em mí sua vontade.

16 Pois agora, sim, Senhora minha, & ategora não? Não vos persuade o dizervos o Anjo, que fereis Mãy de hum filho, a quem chamarieis JESUS, que he o mesmo, que Salvador do mundo? Nam. Nam vos move o acrecentar, que o tal filho será verdadeiramente Grande, & será filho do Altissimo? Tambem não. Não vos inclina o ajuntar a todas estas grandezas, que se hade sentar no trono de David, & reinar pera sempre em caza de Jacob? Ainda não: Pois Senhora, que ouvistes de novo, que sem mais replica dais o sim, & o esperado consentimento? Não reparastes, no que ultimamente disse o Anjo: *Ideoque, & quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur.* O filho, que hade nacer de vos, hade ser Santo. Hade ser São? pois basta: isto sim, tudo o mais não. Tudo o mais não; porque se tudo o mais

mais que o Anjo dizia, pudera estar em Deos sem o ser Santo, nem de Deos. quizerá ser mãy a Senhora. Pois se nem de Deos, se não fora São, seria Mãy, como hade ser mãy da esperança, que não for Santa? Mãy de Deos São: *Quod nascetur ex te Sanctum: & Mãy da esperança Santa: Mater Sanctæ Spei.* Examinaí, Senhores, quaes sam as vossas esperanças: se sam Santas, serám filhas desta Sanctissima Mãy; & como filhas creadas a seus peitos; & poderemos dizer à vossa Esperança, o que Marcella a Christo: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, que suxisti.*

17 Mas se a vossa esperança não for Santa; que hade ser? não será filha da Senhora da Esperança. E não so não alcançareis o que esperais; mas tudo ao contrario. Estavaõ em campanha os Israelitas contra os Filisteos; & vendo, que perdiaõ as batalhas, resolveraõ se a trazer a seu exercito a Arca do testamento; esperando, que com sua presença se me-

lhorariaõ os successos da guerra. Veyo a Arca, & nella, ou fora della a Esperança da victoria. Apresentaõ batalha aos inimigos: que com apollada resolução envestem aos de Israel; rompemnos, derrotamnos, poemnos em torpe fugida deixando mortos no campo a trinta mil infantes: *Ceciderunt de Israel triginta millia peditum.* ^{I. Reg: 4. 10.}

Ha successo mais contrario a sua esperança! Estes homés não punham sua esperança, na Arca do testamento? Sim. Nam tinham consigo, & em seu exercito esta mesma Arca? Tinha. Esta Arca não era aquella, a cuja vista fez uê atras o rio Jordam suspendendo em ferranias de cristal suas correntes pera passarem a pé enxuto os mesmos Israelitas? Era. Esta não foi aquella, que dando hum, & outro cerco à famosa cidade de Jerichó, à sua presença se desmantelaraõ os muros ficando aberta a praça aos soldados de Josuê? Sim; esta foi. Pois se estes homés tinhaõ logrado có tanta felicidade a esperança, q̄ tinham

Jof. 3.
5-4

tinham naquella Arca, como nesta occasiam tiveram tam contrario successo à sua esperança? Porque ainda, que a Arca era a mesma, a Esperança era mui diversa: nas primeiras occasioes a esperança era Santa; nesta não era Santa a sua esperança: nas primeiras occasioes a esperança era Santa; porque os que esperavaõ, estavaõ sanctificados: assim lho disse Josue na vespera do dia, em que haviam de passar o Jordam: *Sanctificamini: cras enim faciet Dominus inter vos mirabilia;* & assim mesmo na occasiam de Jericho com a circuncizaõ, que tinhaõ tomado depois de passarem o rio: mas na occasiaõ da batalha com os Filisteos não era santa a sua esperança; porque os mesmos Sacerdotes, que levavaõ a Arca, eraõ dous filhos de Heli Ophni, & Rhincés dous monstros do inferno, que na mesma batalha ficaram mortos.

18 Esta Arca do Testamento foi a figura mais expressa que da Virgem Se-

nhora se acha nas Divinas letras. E que nos quiz ensinar nesta sua figura a Virgem Senhora, senão, que se a Esperança he Santa, se os que esperaõ se sanctificaõ, a mesma Senhora canonizará as suas esperanças: mas se não he Santa a esperança, se os que esperaõ, vivem como huns desesperados, que hade ser a sua esperança senão huma desesperaçãõ? *Sacrificate sacrificium justitie; & sperate in Domino:* Diz o Profeta David. Pl. 4. Offerecei a Deos sacrificio de justiça, & esperai no Senhor: Não diz: Esperai, & offerecei; senão: offerecei, & esperai; porque primeiro hade ser o sacrificio, que a esperança. O sacrificio de que aqui falla David he sacrificio de justiça, & por justiça se entende a Santidade. Se a esperança se segue ao sacrificio da Santidade, terá sem duvida effeito a vossa esperança: mas se o vosso sacrificio for sacrilegio, se a justiça for injustiça, não esperareis, que não vereis lograda a vossa esperança; não será

parto

parto da Mãy da Esperança; ferá abortio da vossa vontade; porque ferá esperança morta. A se he a vida da esperança; & as boas obras sam a vida da se: & assim como a fê sem obras he morta; assim a esperança sem fê não tem vida; pois se a vossa se for morta; como hade dar vida à vossa Esperança? Importa logo, que a vossa esperança seja Sáta, pera que seja filha daquella Mãy Santissima, q̄ ate do mesmo Deos, se não fora Santo, não quereria ser Mãy.

§. VI.

19 E se em todos, & pera todos os que esperaõ, he a Senhora Mãy da Esperança, & como Mãy he mais liberal no repartir, do que os homês sam largos no esperar; que havemos de dizer dos que se empenham em applaudir esta mesma Esperança da Senhora, ou a Senhora da Esperança? Digo, que se pera os mais he Mãy, pera os seus empenhados na sua festa he huma Mãy, &

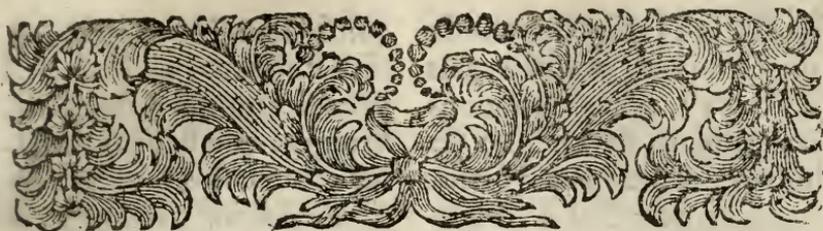
muitas Mãys: he huma Mãy pera receber este applauso, & este gasto; & muitas Mãys pera satisfazer suas Esperanças; porque nesta parte a Mãy de Deos, he como Deos: Deos pera aceitar singularizasse, & pera dar multiplicasse. Quando Deos formou ao primeiro homem disse: *Faciamus hominem*, Façamos ao homê; & quando formou a Eva diz o Texto: *Tulit unam de costis e-* Gen. 2] *jus*. Tirou huma costa a A- 11. dam. Pois se pera formar a Adam, uza do verbo plural: *Faciamus*: quando tira a costa a Adam; porque uza do verbo singular: *Tulit*? porque quando formava a Adam, dava a Adam o ser, & a vida; quando tirava a costa, aceitava de Adam; & Deos pera dar, multiplicasse: *Faciamus*; pera aceitar singularizasse: *Tulit*. Esta he a condiçãõ de Deos, & esta a da Mãy de Deos, he huma pera o obsequio, que aceita; & he muitas pera os beneficios, que reparte. Por isso na Senhora he maior a experiencia,

ência, que a esperança.

20 Assim espero, que
o será com o Juiz, & mordo-
mos da sua festa; no juiz,
que crecerà não huma, mas
muitas vezes; que essa he a
dita de Joseph: *Filius acres-*

cens Joseph, filius accres-
cens; crecerà huma vez na
felicidade, na grandeza, na
estimação: *Filius accrescens*:
crecera outra vez nas vir-
tudes, na Santidade, na
graça, &c.





SERMAM DA SENHORA DA ESPERANCA

Beatus venter, qui te portavit. Luc. II.

§. I.

I  Empre fez gala a Omnipotencia Divina de vencer com o mais fraco o mais valente, com o mais humilde o mais poderoso; & ainda com o mais ignorante o mais sabio: pera vencer ao gigante Filisteo, naõ mandou outro gigante; mandou a David, naõ

armado com as douradas armas de Saul; mas com o cado, & funda pastoril: pera derribar a estatua de Nabuco, naõ despedio a bala de hum canhaõ; mas arrojou sem maõs huma pedrinha de hum monte; pera cortar a cabeça a Holofernes; naõ armou o braço de algum capitão dos da fama; fenaõ o da

da famosa Judit; que ainda que Senhora, por isso mais delicada: vencer o menos com o mais, he victoria de homês; vencer o mais com o menos, he victoria de Deos. Assim o vemos no cazo do nosso Evangelho. Caluniavaõ os milagres de Christo Redemtor nosso os Escribas, & os Farizeos, que eram os sabios, & os poderosos de Jerusalem, attribuindo a virtude diabolica; as que eram maravilhas do poder Divino: & que fez Deos pera vencer, & pera confundir a sabedoria dos Escribas; & a potencia dos Farizeos? quem escolheo pera esta empreza? que sabio de Grecia, ou que Sansam da Palestina? Sabêis, quem escolheo? a ignorancia, & a fraqueza de huma mulher: *Quaedam mulier de turba*: a qual levantando a voz: *Extollens vocem*, aclamou por bemaventurado o ventre, ou Sacario Virginal da Mãy, de que nacera o Redemtor: *Beatus venter*, *qui te portavit*: conseguindo não hũa, mas duas victorias com esta unica

confissam: huma victoria dos Farizeos, que estavaõ prezêtes: outra victoria dos hereges, que haviaõ de nacer nos seculos futuros: *Ut & presentium procerum calumniam, & futurorum confundat hereticorum perfidiam*, diz o Veneravel Beda. Nem a victoria podia ser maior, nem mais fraco o instrumento; mas pera derribar aquelles Goliast bastou a Deos esta pedra; & pera degollar estes Holofernes bastou a Deos esta Judit: Que estas sam as victorias, em q̃ Deos mais acredita seu poder.

2. He bem verdade, que respondeo Christo, que não estava a maior bemaventurança da Mãy em ter o ser de tam grande filho? Pois em que, Senhor? Pôde haver maior dita, maior felicidade, maior gloria, que a q̃ teve a Virgem Maria em ser Mãy vossa? De tres couzas creadas, que ha infinitas, ou quasi infinitas, não contaõ os Theologos por huma dellas a dignidade de ser Mãy vossa: se a uniaõ Hypostati-

Lib. 4
c. 49.
in Luc
II.

ca he infinita, porque a Personalidade do Verbo, a que se termina, he infinita: se a visam Beata he infinita; porque o seu termo he Deos infinito; tambem a maternidade, ou dignidade de Mãy vossa he infinita; porque he Mãy de hum homẽ Deos infinito. Pois se esta não he a maior bemaventurança da Mãy; qual pode ser? *Quinimo*, responde o Filho, *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*. Antes vos digo, que sam bemaventurados os que ouvem, & guardam a palavra de Deos; como se dissera: Nam nego, q̃ he grande bemaventurança de minha Mãy o ser Mãy minha: mas a sua maior bemaventurança está em ouvir, & guardar a Divina palavra: *Quinimo Beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*. He o cõmento de Beda. *Inde quidem beata, quia verbi incarnandi ministra facta est temporalis; sed inde multò beatior, quia ejusdem semper amandi custos manebat æterna.*

3 Enão passeis sem re-

parar, que na menor bemaventurança não he imitavel a Virgem Senhora; & na bemaventurança maior todos podemos, & a devemos imitar: em ser Mãy de Deos, que he a bemaventurança menor, não pode haver, que imite a Senhora; em ouvir, & guardar a palavra de Deos, que he a maior bemaventurança, todos podemos, & devemos imitar a Virgem Senhora: por isso a bemaventurança menor, que he o ser Mãy de Deos, se explica no singular: *Beatus venter*, & a bemaventurança maior, que consiste na observancia da palavra Divina, se explica no plural: *Beati qui audiunt*: aquella he singular, & he menor; esta he maior, & pode ser de muitos.

4 Supposto, que a Virgem Senhora nossa he aclamada neste Evangelho por duas vezes bemaventurada; huma vez, porque troufe em suas entranhas purissimas ao Verbo de Deos homem: *Beatus venter, qui te portavit*: & outra vez; porq̃ ouviu, & guardou a palavra de

de Deos: *Beati qui audiunt, verbum Dei, & custodiunt illud*, Digamos em louvor da mesma Senhora, que a sua Esperança faz em nos, o que fez nella a palavra de Deos: a palavra de Deos fez bemaventurada a Virgem Senhora; & a Esperança da mesma Senhora faznos a nos bemaventurados. Este he o assumpto, que hoje havemos de seguir, pera que seja com graça saudemos cõ o Anjo a mesma Senhora.

AVE MARIA.

Beatus, &c.

§. II.

5 **T** Ambem a Esperança tem seus bemaventurados: mas isto, que está tam facilmente ditto parece que senão pode provar tam facilmente. Entre as prerogativas da bemaventurança contam os Theologos a exclusão da Esperança. Quem espera, ainda não logra; quem não logra, o que espera, ainda não he bemaventurado: não pode logo a esperança fazer bemaventurados. Mais: Esperança que se dilata, he ansia, que afflige: *Spes, quæ differtur, affligit animam*: Diz o Sabio, & Prov. 13. 11

a bemaventurança he huma possê de todo o bem com exclusão de todo o mal. Mais ainda: a esperança he via, ou caminho; a bemaventurança he termo: & quem chegou ao termo, não tem ja mais que andar: logo não tem mais que esperar o bemaventurado.

6 Com isto assim fer; & parecerê tam efficazes estas rezoês, ainda digo, que tem seus bemaventurados a Esperança. Escreve S. Paulo a seu Discipulo Tito, & exhortando-o a elle, & nelle à todos nos, diz assim: *Expectantes beatam spem*: Que esperemos a esperança bemaventurada. Reparo de caminho, em que o Apostolo diga, que esperemos a esperança: *Expectantes beatam spem*. Tit. 13.

Pois as esperanças esperão-se? Sim, que ha esperanças esperadas, & ha esperanças desesperadas: as esperanças desespe-

desesperadas são, as que se põe nos homês; as esperanças esperadas são as que se põe em Deos: dos homês até as esperanças se podem desesperar; de Deos até se podem esperar as esperanças. Qual he a melhor esperança, que se pode ter nos homês? He a desesperação. Então esperais melhor nos homês, quando desesperais mais dos homês; porque só quando a vossa esperança chega a ser desesperação, logra o desejado effeito.

Gen. 40. 7 Estava o innocente Joseph mettido em hum carcere no Egipto, aonde interpretou a seu favor hum sonho, que tivera o copeiro de Faraõ prezo tambem no mesmo carcere: & pediu-lhe muito Joseph, que quando se visse restituído à graça do Principe, & a sua antiga fortuna, se lembrasse delle; porque sem culpa sua o tinham encarcerado. Claro esta, que o copeiro como obrigado daria grandes esperanças à Joseph, & lhe prometteria todo o favor diante de Faraõ. Sahio o copeiro do car-

cere pera o paço; & ficou Joseph no carcere tam carregado de esperanças como de ferros: passou hum dia, & outro dia; hum mez, & outro mez, hum anno, & outro anno; & Joseph a esperar; na mesma cadeia estava Joseph, & a sua esperança; ambos estavaõ prezos; Joseph à cadeia, & a esperança a Joseph. Ah prezo innocente como vos enganais? Quereis remedio à vossa liberdade? Soltai a esperança, & predei a essa mesma algema a desesperação. Assim o fez: desesperou da esperança, que tinha no valido de Faraõ. E que se seguiu? O remedio, que deitava. *Tunc Gen. demum, diz o Texto, remiscens pincernarū magister.* Entam finalmente se lembrou o Copeiro. Pois entam, depois de dous annos? Sim entaõ: Antes não, entam sim; antes não; porque todo aquelle tempo esperava Joseph em hum homê: depois sim, porque começou a desesperar: em quanto esperava; tudo eram esquecimentos no copeiro: *Oblitus est*

depois que defesperou; entam chegou a lembrança: *Tunc demum reminiscens pincernarum magister*: de modo que o remedio, que lhe negou a esperança, lhe deu a defesperação: em quanto esperou, esteve prezo: tanto que defesperou, sahio do carcere. Nos homés sam as esperanças defesperadas; porque os seus favores se ham de esperar com defesperação; & defesperar com esperança. Pelto contrario em Deos não só heis de esperar o favor; mas ate a esperança do favor, heis de esperar: *Expectantes beatam spem.*

8 Está bem: mas aquelles dous termos: *Beatã spem*; a esperança bemaventurada; parece que não concordam. Mas sim se ermanão muito bem; quando a esperança he em Deos, & na Máy de Deos; porque tambem tem seus bemaventurados esta esperança: no Ceo ha bemaventurados da posse; & na terra ha bemaventurados da esperança. Da esperança em Deos não tratamos agora: da Esperança na Máy de

Deos he hoje o seu dia.

§. III.

9 Mas em que consiste esta bemaventurança da Esperança da Virgem Senhora? consiste na certeza de alcançar o que esperais, se o que esperais he o que vos está bem. Dizia ao Emperador Theodosio o seu panegyrista Drepano, que achara hum gosto, ou deleite nos bens humanos, que ate alli a mesma natureza o ignorava; & que gosto, & deleite era este? Era a certeza da esperança, comque ficava o vassallo, a quem o Emperador promettia algum despacho; porque ficava tam certo na esperança, como se fora na posse. O gosto, ou o deleite dos bens começa na posse delles: & na verdade, & certeza da palavra de Theodosio começava na esperança. A esperança he hum mal, q̄ vay diante do bem com ansias, com cuidados, com duvidas murmurando-o antes, q̄ chegue: & deste mal, com que a natureza pensiou a espe-

esperança, a livrava Theodosio com a verdade, & certeza de suas promessas. Mas isto, que por lizonja disse ao Emperador o seu panegyrista, podemos nos com toda a verdade dizer de vos, o Emperatriz do Céu, & terra: que na certeza da esperança, que em vostem, os q̄ bem esperão, logram ja o gosto, & o deleite do bem que esperão. Seja a prova desta verdade o testemunho da mesma Senhora.

Cant. 12. IO *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.* Aparecerão as flores na nossa terra, chegou o tempo dos frutos: diz a Virgem nos Cantares de Salamaõ. Pois as flores, & os frutos no mesmo tempo? As flores não são a primeira gala da primavera? Os frutos não são os despojos do outono? como podem no mesmo tempo unirse as distancias destes dous tempos? Nas leys da natureza, não: nas leys da Senhora, sim: nas leys da natureza, não; porque não pode a natureza unir os tempos, que são essen-

cialmête successivos: na ley da Senhora, sim; & de que modo? As flores são symbolo da esperança, como todos sabem, & dizem: os frutos são o logro da mesma esperança. Pois vedes ahi o modo com que a Senhora ajunta os frutos do outono com as flores da primavera; porque as suas esperanças são tam seguras; q̄ na primavera têm o outono; nas flores tendes o fruto; & nas esperanças a posse: *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.* Nas outras arvores entre as flores, & os frutos são grandes as incertezas; porque ou as secca o Sol; ou as affoga a chuva, ou as queima o frio, ou as sacca de o vento: mas nesta arvore da vida são tam seguras as flores, são tam certas as esperanças; que na primavera tendes sem contingencia o outono: *Flores apparuerunt; tempus putationis advenit.* E como o logro de nossas esperanças he que nos faz bemaventurados; por isso o esperar na Virgem Senhora he ser bemventu-

rado: *Expectantes beatam spem.*

II Esta esperança, que S. Paulo nos manda esperar, dizem os Expositores, que he Christo: E Christo he bemaventurado; porque he bemaventurado; & he bemaventurado; porq̃. faz bemaventurados: a Virgem Mãe de Christo tambem he Esperança nossa: este titulo lhe damos na oração da Salve Rainha: & como Christo he Esperança bemaventurada, porque faz bemaventurados; assim a Rainha do Ceo he Esperança bemaventurada; porque faz bemaventurados. No cap. 8. dos Proverbios diz assim a Virgem Senhora: *Beatus homo, qui vigilat ad fores meas quotidie, & observat ad postes ostij mei.* Bemaventurado o homem, ou a alma, que vigia às minhas portas, & observa os umbraes de minha caza. Reparo em chamar a Senhora bemaventurado, ao que assiste a porta de sua caza: Que está à porta da caza, nam esta dentro em caza: & a bemaventurança não esta fora,

está dentro da caza da Senhora: quando Deos, da a sua bemaventurança; não a dà fora do Ceo; que he a sua caza, senão dentro do mesmo Ceo: *Intra in gaudium Domini tui.* Quem fica fora do Ceo, não he bemaventurado, ainda que fique a porta. Pois como canoniza a Senhora por bemaventurado ao que esta a sua porta: *Beatus homo, qui vigilat ad fores meas?* Porque quem está a porta, está esperando, ou q̃ o despachem, ou que o mandem entrar; & quem vay com suas esperanças a porta da Senhora, as mesmas esperanças o fazem bemaventurado: *Beatus, qui vigilat ad fores meas quotidie.* O q̃ pouco se parecem com estas portas da Rainha do Ceo as portas dos Principes, dos validos, dos ministros da terra: Amanhece o pertendente à porta de hum Secretario das Mercês, da Guerra, ou de outro tribunal; vigia, observa, espera; & isto: *quotidie:* todos os dias; & quando esperava, que esta esperança o fizesse bemaventurado, o faz

Prov.
8.

faz malaventurado; & assim como a Senhora gravou nas suas portas: *Beatus homo, qui vigilat ad fores meas quotidie*: assim estes Senhores podem mandar gravar nas suas: *Maledictus homo, qui vigilat ad fores meas quotidie*: & quando o pertendente esperava entrar no posto ficou defora posto por portas. Nam assim os que vigiãõ, & esperãõ às portas da Virgem Senhora; porque sãõ tam certas, & tam seguras as suas esperanças, que o fazem bemaventurado, como pudera a posse: *Beatus, qui vigilat ad fores meas quotidie*.

§. IV.

12 E não deixemos falar sem advertencia a palavra: *Quotidie*: todos os dias: Hã de ser a nossa esperança na Virgem Mãe perfevante, firme; & constante; em fim de todos os dias: *Quotidie*. Esperar hum dia, & desmayar, ou desesperar outro dia, não he esperar: não hã de ser efimera a nossa

esperança. Os Theologos põe a Esperança entre a fê, & o amor: Fê, Esperança, & Charidade; & porque? porq̃ participa dos dous extremos: do amor, & da fê. E em que consiste esta participaçãõ; em que nem a fê padece duvidas, nem inconstancias o amor: Fe duvidosa não he fê, & amor inconstante não he amor: crer hum dia, & outro dia não crêr; he ser infiel: amar hum dia, & outro dia não amar, não he ser amante. O que succede à fê, & ao amor, succede tambem a esperança; se he duvidosa, se he inconstante, não he esperança: & assim como na fe bastam as duvidas pera vos fazer herege da fê; assim na esperança as duvidas bastam pera vos fazer hereje da esperança. Hã de ser constante, hã de ser firme, hã de ser perpetua, isto quer dizer: *Quotidie*, a nossa esperança na Mãe de Deos.

13 Assim o ensinou Salomão naquelle milagre da arte, & Arte maior de sua sabedoria, o seu templo. Na fachada, ou frontispicio, em

que mais se esmeraõ os architectos, mandou lavrar duas colunas, que como diz o Sagrado texto tinhaõ em roda, ou circumferencia doze covados, & de altura de soito; poz huma a maõ direita, & outra a esquerda da entrada, ou portada do mesmo templo. E em que paravaõ estas colunas; nas quais com mais rezam, que nas de Hercules, se podia escrever: o *Non plus ultra* da arte? Em que paravaõ? em dous capitais, em que a arte abri- ra com tanto primor huns lirios, que parecia os furtara a natureza: *Et capitella, que erant super capita columnarũ quasi opere lilij fabricata.* A huma, & outra columna poz seu nome Salamaõ: a da maõ direita chamou Jachin, & a da esquerda Booz. Mysteriosa fabrica a destas colunas; na materia, no lugar, no nome; na materia, de que eraõ feitas, que era bõnze; no lugar, em que estavaõ, que era a porta do templo; no nome, que lhes deu o seu author. Mas pera mais claro entendimento dos mysterios ha-

vemos de suppor como sem duvida, que aquelle templo foi figura de outro templo; isto he da Virgem Senhora, como ensinaõ os Santos Padres, & tambem a mesma Igreja.

14 E começando pello remate das colunas, que coroavaõ os lirios, ja sabeis, q̃ o lirio he jeroglifico da esperanza; assim o escreve, & o prova Pierio Valeriano no seu livro dos jeroglificos. Pois a Virgem Senhora figurada no templo com o emblema das esperanças à porta? Nas portadas de seus palacios, mandaõ os Senhores, & poderosos da terra por os braçoës de suas armas; pera que nellas leam, os que passam, a antiguidade, a nobreza, & a fidalguia de seus maiores. Pois a Virgem Senhora não era descendente de Juda primeiro fundador do reino de Israel; porque não mandou por hum leão por braço de suas armas; como a Juda o deo seu pay Jacob: *Catalus leonis Juda?* Nam Gen. tinha por ascendente a Da. 49. 9: vid; porque não tomou por timbre

timbre a espada, com que degollou ao gigante; pois q̄ o mesmo David a pendurou no tabernaculo, como trofeo de seu valor? Mas hum symbolo da Esperança ha de ser o braço, & o timbre de sua caza? *Capitella, quasi opere lilij fabricata?* O Divina Empreza, digna da piedade, & do amor de tal Senhora! Chegais à sua porta a pedir remedio a vossos males; & a primeira couza, que encontras com os olhos he a esperança: não o leão de Juda, que vos pode cauzar temor; não a espada de David, que vos pode metter medo; mas hum lirio, isto a esperança, que vos pode animar, & alentar a pedir.

15 Mas sobre que estribavaõ estes lirios? Sobre as duas columnas, que como diz o texto, eram de bronze? Pois hum columna de bronze pera sustentar a hum lirio? Se a natureza lhe lavrou o trono de hum materia tam flexivel, que como notou Plinio, facilmente se inclina, como incapaz de sustentar a magestade desta flor; porq̄

lhe faz Salamaõ o trono de bronze? Não fora Salamaõ Salamaõ, se assim o não fizera. Quiznos ensinar o sabio, qual hade ser a nossa Esperança na Virgem Senhora nossa: hade ser esperança sobre columnas de bronze; na constancia hade ser columna, & bronze na duraçãõ. A natureza sustenta os seus lirios sobre huma fragil, & debil cana: a Senhora sustenta os seus sobre columnas de bronze: a natureza sustenta os seus lirios sobre huma fragil, & debil cana; porque as esperanças da terra, todas sãõ quebradiças, & frageis: a Senhora sustenta os seus lirios sobre columnas de bronze, porque quer que as nossas esperanças sejam constantes, & firmes. Taes hemos de ser nas esperanças da Senhora: como columnas havemos de assistir a esta porta; se dezejamos ser bemaventurados da Esperança: *Expectantes beatam spem: Beatus homo, qui vigilat ad fores meas quotidie.*

16 Este era o lugar, & a materia das columnas: & que

significavaõ os seus nomes? O nome de huma dellas era Booz: & Booz que quer dizer? Booz quer dizer: *Fortitudo, ou firmitudo*: fortaleza, ou firmeza. E pera a Esperança he necessaria fortaleza? Sim; que toda a esperança he huma batalha; em que na alma guerra o temor contra a esperança: *Spemque metumque inter*, disse la o Poeta: o temor acomette; a esperança resiste; o temor desfama, a esperança alenta; o temor assombra, a esperança conforta; o temor com os golpes dos cuidados pertende ferir; a esperança com o escudo da paciencia se anima a defender. Vede-se pera esta batalha he necessario valor, & fortaleza.

17 Quando os filhos de Israel entravaõ a conquistar a terra de promissaõ, disse-lhe Deos: *Omnis locus, quem calcaverit pes vester, vester erit*. Todo o lugar, em que assentardes o pé, será vosso. Por este pé diz S. Bernardo se entende a esperança: *Pes vester spes vestra est, quantum illa processerit, obtinebit*. O

vosso pé he a vossa esperança: quanto esta se estender, tanto alcançará. Pois se a esperança he a que hade conquistar os lugares da terra promettida; porque os manda Deos ir armados, ordenados em esquadroës, & em som de batalha? Por isso mesmo; que levavaõ por conquistador a esperança, hiaõ armados de fortaleza: os passos da esperança hiaõ se movendo, & a fortaleza das armas hiaõ conquistando; & quanto andava a esperança, tanto hiam conquistando as armas: *Omnis locus, quem calcaverit pes vester, vester erit: Pes vester spes vestra est, quantum illa processerit, obtinebit*. Rezaõ teve logo o Rey Sabio no nome, que poza coluna, sobre que fundou a Esperança.

S. V.

18 O nome da segunda coluna era Jachin, & Jachin que significa? Jachin significa: *Directio*: Direcção. O q̄ admiravel coluna pera fundar sobre ella nossas esperanças.

ças. Ham de ser dirigidas, ou hamde ter direcção as nossas esperanças; & pera onde? isso nos mostrará a mesma columna. Salamaó nam poz os lirios por base da coluna; mas por capitel della; não no pé; mas na cabeça, não no baixo, mas no alto: *Et Capitella, quæ erant super capita columnarum, quasi opere lilij fabricata.* No alto estava os lirios; porque ao alto se devem dirigir as nossas esperanças: não ao baixo, mas ao alto; não a terra, mas ao Ceo. Esperança que tem os olhos na terra não he esperança, he castigo: esperança, q̄ tem os olhos no Ceo, he felicidade, he innocencia. Reparou muito o grande Tertulliano no modo, com que Deos tratara a Adam antes, & depois do peccado: antes de Adam peccar, mandoulhe Deos, que comesse do fruto das arvores: *Ex omni ligno paradisi comede:* Porem depois, que peccou, ordenoulhe, que comesse dos frutos da terra: *Maledicta terra in opere tuo: In laboribus comedes ex ea.* Se antes

no estado da innocencia podia Adam comer dos pomos de huma arvore; no estado de culpado, porque o condena Deos a comer dos frutos da terra: comer do fructo das arvores he felicidade, comer dos frutos da terra he castigo? Sim, & muito grande castigo. Notai: Quando no estado da innocencia queria Adão colher hum pomo de huma arvore levã-tava os olhos, dava com elles no Ceo, estendia a mão, & colhia o pomo: mas no estado da culpa, quando queria colher os frutos da terra, abaixava os olhos, punhaos na terra, & colhia os frutos: Mais claro: no estado da innocencia mandava Deos a Adam ter os olhos, & as esperanças no Ceo: no estado da culpa condena Deos a Adam a ter os olhos, & as esperanças na terra: & ter os olhos, & a esperanças no Ceo, he innocencia, he felicidade, he paraizo: *Ex omni ligno paradisi comede:* ter os olhos, & as esperanças na terra, he trabalho, he castigo, he maldição. *Maledicta terra in*

ra in opere tuo: in laboribus comedes ex ea. Olhos, & esperanças dirigidas ao Ceo, são esperanças de bemaventurado: olhos, & esperanças dirigidas a terra, são esperanças de condenados. A o alto, ao Ceo devemos dirigir as nossas esperanças; sobre a coluna, que a Virgem Senhora tem a sua porta fechará bem, que as fundemos, se dezejamos, que as suas nos fação bemaventurados, como a ella a fez bemaventurada a observancia da palavra de Deos: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiant.*

19 S. Joam Damasceno fallando com a Virgem Senhora nossa chama a sua esperança invituperavel: *Invituperabile, Deipara, spem tuam habens, servabor: Defensionem tuam possidens non timebo.* Tendo eu, diz o Santo, tendo eu, o Mãe de Deos a vossa invituperavel esperança, sem duvida me salvaréi, & sendo vos minha defensora, não terei que temer. E porque chama o Santo a esperança da Virgem Se-

nhora invituperavel? O verbo, que ajuntou, explica o nome: Que diz o verbo: *Servabor*: Salvarmehi. Pois ahi está o ser, ou não ser invituperavel a esperança: Se a esperança da Senhora se dirige à salvação, *Servabor*; he esperança invituperavel: se a esperança da Senhora se não dirige a este fim, he a esperança vituperavel, ou digna de vituperio. Sejam pois as nossas invituperaveis; porque sendo estas não tememos, que temer: *Defensionem tuam possidens non timebo.*

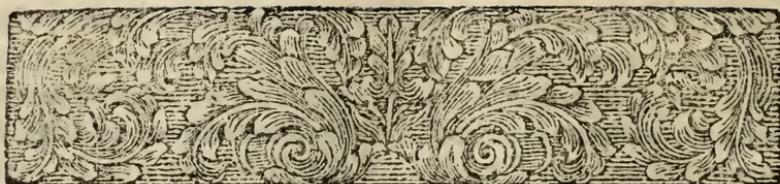
20 Acabemos cõ hum notavel successo, que aconteceu a Licurgo. Depois que Licurgo deu leys aos Athenienses, & governou com grande igualdade aquella republica, diz Phocio, que fora chamado ao Senado, pera lhe tomarem residencia; & dar conta dos annos de seu governo: a enteireza, com que governava, lhe grangeou inimigos, que estas gages tiram sempre do governo, os que fazem bem seu officio. E que fez Licurgo?

Como

Como estava ja carregado de annos, mandouſe levar em huma cadeira; & a ſeu lado huma imagem de Cibelles, que os antigos fingirão Mãy dos Deoſes: & ſem outra prevençãõ alguma entrou no Senado. Pois, homé, em que esperas? entras em hum tribunal pera ſer acuçado de teus inimigos, q̃ teram feito eſcrupuloſa anatomia de todas as acçoẽs de tua vida; & ainda as mais juſtas pintará o ſeu odio com as cores da maior injuſtiça, & não fazes outra diligencia, não buscas outro patrocinio, que o de huma imagẽ morta? Não; porque foi tam efficaz a ſua viſta, que os inimigos emudeceraõ, & dos cargos, & calunias, que tra-

ziãõ prevenidas, nam diſſeram nem palavra: *Qui cum illum accuſare auderet nemo, domum relatus mortuus eſt.* A Virgem Maria não he mãy dos Deoſes; mas he mãy de Deos; não he mãy dos Deoſes falſos, como Cibelles, he mãy do Deos verdadeiro, como hoje confeſſou a gritos a mulher do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit;* & com a eſperança na mãy de Deos, & com a mãy de Deos ao lado, que tere- mos, q̃ temer? q̃ temer, nada, q̃ eſperar muito. Muito dos bens do Ceo: muito tambem dos bens da terra: muito da graça, & muito de gloria; em que ſeremos bemaventurados de poſſe: como agora o ſomos de eſperança.





SERMAM

DE NOSSA SENHORA

D A

ROZA

No Salvador em Braga.

Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus. Joan. 19.

I.  Uma Rosa sem espinhos, & entre espinhos hum Lirio, he o que hoje nos offerece a festa, & o Evangelho. A festa hum Lirio; porque he da Senhora da Rosa esta festa; o Evangelho hum Lirio; porque he de Christo em sua Cruz o Evangelho: *Stabat juxta Crucem JESU:* mas com esta differença, que o Lirio esta na Cruz: & a Rosa ao pe da Cruz: o Lirio na Cruz, porque deste nome fas gala a flor de Nazaret, que esta na Cruz; *Ego flos campi, & Liliū convalliū.* A Rosa ao pe da Cruz; porque ao pe da Cruz dis o Evangelho que estava a Senhora, a quem hoje dedicamos a Rosa: *Stabat juxta Crucem:*

Crucem JESU mater ejus.

2 Nam nos parece, que estam muito em seu lugar, tanto a Roza como o Lirio? Pera authorizar Salamaó a fachada, ou frontispicio de seu templo mandou lavrar duas colunas de bronze de taó estremada grandeza, & fermosura, que cada huma dellas subia em altura de dezoito covados; & tinha doze em roda, ou circumferencia; nas quais a arte, & a riqueza escreveraó o *Non plus ultra* da admiração. Coroa-va a estes dous gigantes de metal hum fermoso Lirio da mesma materia: *Capitella, que erant super capita columnarum opere quasi Lillii fabricata.* É com que mysterio pos Salamaó no mais alto da coluna hum Lirio? O mysterio era, o que significavaó o Lirio, & a coluna. O Lirio ja dissemos, que era Christo: *Ego lilium*: a coluna dirá São Jeronimo que he a Cruz de Christo: *Cruce Christi est humani generis columna*: E Salamaó que sabia per as couzas em seu lugar, pos o Lirio na Cruz; *Opere quasi Lillii*

Fabricata.

E a Roza aonde a pos? pola ao pe da Cruz, assim o disse por boca de Salamaó a mesma Roza: *Exaltata sum* Ecc: *quasi plantatio rosæ in feri-* 24. 18: *cho*: Fui exaltada; como a planta, ou o pe da rosa. Notai agora. O lirio disse de si, que seria exaltado, quando o levantassem em sua Cruz: *Cum exaltatus fuero a terra*; & do mesmo verbo usou a rosa: *Exaltata sum*. O lirio exaltado, porq̃ no monte Calvario sobre a Cruz; a Roza exaltada: porque no mesmo móte ao pe da Cruz: *Stabat juxta Crucem*. E notai, que não diz, que fora exaltada como a roza mas como o pe da roza: *Quasi plantatio rosæ*: E aonde se havia de plantar o pe da rosa se não ao pe da Cruz: O lirio exaltado, com os pes no ar: *Exaltatus a terra*, a roza exaltada, mas em pe com os pes na terra: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus, quasi plantatio rosæ.*

3 Mas eu ainda que vejo tanta propriedade nos lugares, vejo alguma improprieda-

priedade nas circumstancias. E que impropriedade he esta? Sabeis qual he? se olho pera a Roza, vejo a Roza sem espinhos, & se olho pera o lirio, vejo o lirio entre espinhos; os espinhos são tão naturais à Roza, como são estranhos ao lirio. Pois como trocaraõ os lugares, & a natureza? Se a natureza deu à Roza espinhos, ou como lastro a sua presunção, ou como archeiros a sua belleza; porque vemos a esta Roza, isto he a Virgê Mãy sem espinhos? & se o lirio a candura de sua innocencia o izentou dos espinhos; porq̃ vemos ao lirio, quero dizer; a) JESU filho seu coroado de espinhos? A soluçãõ desta duvida sera hoje a melhor parte de meu cuidado; mas pera fahir bem deste cuidado, faudemos a Virgem Senhora da Roza, pera que cõ seu favor, sejam rozas o que fallarmos.

AVE MARIA.

Stabat, &c.

4 **O** Mesmo argumento desta oraçãõ e-

stã intimando silencio ao orador: & aquellas mesmas folhas, que aos primeiros raios do sol defabotoa a roza; mandaõ murchar todas as flores à eloquencia. A roza como não deveis ignorar, he symbolo do silencio. Fingiraõ os poetas, que sabendo o Amor, quanto lhe importa em suas empresas o segredo, peitara com huma rosa a Harpocrates Deos do silencio. Daqui teve principio aquelle vulgar proverbio, com q̃ os antigos, quando queriaõ recomendar o segredo em algum negocio, costumavaõ dizer: *Maneat sub rosa*: fique debaixo da roza, ou do segredo. Sendo pois a roza o symbolo do silencio, & sendo este symbolo o argumento da oraçãõ o mesmo argumento, que nos havia facilitar o panegyrico, nos obriga com sua significaçãõ ao silencio.

5 Senaõ he, que nos intima o silencio, pera nos incitar mais a seus louvores. Homês ha de genio tam follemne, que pera porem na praça hum segredo não ha melhor:

melhor diligencia, que encomendarlhe o silencio: Dizelhe, que ninguem o saiba, se quereis que o saibam todos. Deu Christo faude a hum homem surdo, & mudo, & mandoulhe que puzesse sobre aquella maravilha huma roza; isto he que a ninguem dicesse o milagre: *Præcepit ei, ne cui diceret.* Pois meu Senhor, não cedia em grande gloria vossa, & de vosso Eterno Pay, que publicasse a vozes a faude recebida, & manifestasse a gritos os maravilhosos effeitos de vossa Omnipotencia; como lhe mandais, que os não diga, *Præcepit ei, ne cui diceret.* Não manda tal, diz o Doutissimo Padre Maldonado, antes manda, & quer, que pregue, & apregoe o beneficio a todos, como mandaõ as leys do agradecimento, que mandaõ calar a quem da, & fallar a quem recebe. Mas como quer que o publique, lhe manda, q̃ o não diga. *Præcepit ei, ne cui diceret.* Conheceulhe Christo o genio, & vio que a diligencia melhor pera não guar-

dar o segredo, era mandarlhe, q̃ se guardasse de o não guardar: *Præcepit ei, ne cui diceret: ut magis ad dicendum incitaret,* diz o insigne commentador: pera o incitar a dizello, disselhe, que o não dissesse. E assim foi, porque quanto mais instava o Senhor que o não publicasse, tanto elle insistia mais, & mais em o manifestar a gritos: *Quanto ei præcipiebat, tanto magis plus predicabat.* Desta data ha muitos genios, que fiarlhe ao peito hum segredo, he fechar na nuvem huma exhalação, que disparando em huma trovoadã se ouve em toda a terra.

6 Se o meu genio entrara nesta categoria, era muito bom o silencio, que me intima a Roza, pera me obrigar a fallar; mas vejo que he hoje o seu intento diverso; & que verdadeiramente nos quer significar com o seu silencio a Rainha das flores, que as perogatiyas da Rainha dos Anjos so entaõ ficam de algũ modo encarecidas, quando ficaõ *Sub rosa*, & a admiração as remete ao silencio.

Pera

Pera as couzas excessivamente boas, disse Aristoteles, que não era o louvor: *Optimarū non est laus*: mas alguma couza maior, & melhor, que o louvor, *Sed maius quid, & melius*. E que melhor, & maior couza he esta? he admiração, & o silencio. O maior louvor não he o que se diz, he o que se cala, porque se não pode dizer: o que se diz pode ser muito, mas o que se cala he muito mais; quem diz quanto pode, pode dizer muito; quem cala diz mais do que pode; & como pera louvar as couzas excessivamente boas toda a eloquencia he silencio, vem a ser o silencio a maior eloquencia.

7. No cap. 4. dos seus Cantares faz Salamaõ hum grande elogio a fermosura da Esposa; & depois de pintar com a pena, como se fora pincel, as feições de sua belleza, conclue assim o panegyrico: *Absque eo, quod intrinsecus latet*: ou como tem o texto Hebraico: *Extra silentium*. Como se dissera o Sabio Rey. Este retrato, que tenho feito de vossa gẽtiliza

aindaq̃ pera o fazer me desse o Ceo o Sol, & as estrellas; as minas os rubis, & os diamantes; os mares as perolas, & os coraes; os jardins os cravos, & as açucenas; vejo contudo, que so huma flor a pode dignamente encarecer; não pello que he mas pello q̃ significa: E que flor he esta? a roza, ou o silencio: *Extra silentium*. Pois a sabedoria, a eloquencia, & o amor de Salamaõ he necessario valer-se do silencio pera explicar as prendas da esposa? Sim, & so assim as podia encarecer; mais disse o seu silencio, do que tinha ditto, & podia dizer sua eloquencia: a sua eloquencia disse quanto podia dizer; o seu silencio disse mais do q̃ se podia dizer: a eloquencia dizendo muito mostrava, q̃ se podia explicar a fermosura da esposa; o silencio dizendo nada dava a entender, que a sua fermosura era inexplicavel: *Extra silentium. Ex multitudine pulchritudinis tuae*. Le alli outra versão.

8. Mas quem era Salamaõ,

maõ, & quem era a esposa? Todos sabem, que Salamaõ naquelle seu Epithalamio, ou livro dos Cãtares fazia a figura de Christo, & a Espoza a da Virgem Mãy. Agora he maior o meu assombro: pois a sabedoria Increada, & Encarnada, o Verbo, ou a Palavra, em q̄ diz tudo o Eterno Pay, quando quer fazer hum elogio das perfeições de sua Mãy, tambem se remete ao silencio da roza, ou à roza do silencio: *Extra silentium?* O' incomprehenfivel gloria de Maria Senhora nossa! sam tam eminentes suas perogativas; sam tam sobre todo o encarecimento suas perfeições, que à mesma palavra Divina parelha faltaõ palavras, pera as elogiar; & assim se remete ao silencio: *Extrasilentium.*

9 Ouvia este mesmo pensamento posto a cithara de David. Da principio o Profeta Rey ao Salmo 64. & diz assim falando com Deos: *Te* pt. 64. *deceat hymnus, Deus, in Sion.* Em Siam, Senhor, he vos decente o louvor. Saõ Jeronymo-la na sua amada Belem

ouvio esta letra em Hebraico; & em lugar de *hymnus* ouvio *silentium*: *Te deceat silentium, Deus, in Sion.* Ha liçoões mais oppostas, ou antinomias, como dizem os Juristas. Huma lição diz: *Hymnus*, louvor; outra lição diz *silentium*, silencio. Se o louvor se forma com vozes; & o silencio he privação das mesmas vozes, como pode ser louvor o silencio, ou o silencio louvor. Eu bem fei que ha fogeitos, em cuja boca melhor he o silencio, que o louvor. La chegou a Christo hum Endemoninhado, ou hum demonio; & começou a fazer do mesmo Senhor hum grande panegyrico: *Quid nobis, & tibi JE-* Mirc. *SU Nazarene ... scio qui scis* 1.24. *Sanctus Dei.* Que tendes com nosco JESU Nazareno? Sei, & conheço muito bem que sois o santo de Deos. Ouvio Christo os louvores; & mandou logo calar: *obmutescere*; se o demonio se desbocara em algũas blasfemias, & lhe intimasse Christo o silencio, era muito bem feito: mas se louva, se publi-

ca, se aplaude a fantidade do mesmo Senhor; porque o manda calar: *Obmutesce?* O louvor da boca do inimigo não he mais calificado? assim dizem: pois porque o não aceita Christo da boca de hum inimigo tão mortal, ou tam immortal? porq̃ de tais fogeitos, como o demonio, melhor he o silencio, que o louvor. Calece o demonio: *Obmutesce;* Que o maior louvor de Christo he fazelo calar. E que ao demonio nos louvores de Christo lhe intimem o silencio; muito embora: mas que nos louvores de Siam tambem o silencio caia bem em Deos: *Te decet silentium, Deus, in Sion,* não o entendo. Mas sim entendo se entendermos o texto no sentido allegorico. Siam em aquella parte, ou monte de Jerusaleem, em que estava fundado o templo, & no sentido allegorico assim Jerusaleem, como o templo, significava a Virgé Senhora, templo maior, & mais digno da Divindade que o de Salamaão; & foraõ tam subidas as graças, & de tantos quilates

as perfeiçoões, com que Deos se empenhou em ornar, & enriquecer este seu templo, que se as pode dar, parece, que as não pode dizer. Tam infinita he a sua sabedoria, como a sua omnipotencia; mas pareffe, que aonde chegou sua omnipotencia com suas liberalidades, não pode chegar sua sabedoria com seus louvores; não porque em Deos falte cloquencia pera os dizer, mas porque em nos falta capacidade pera os ouvir. Por isso nos louvores de Maria Senhora nossa athe ao mesmo Deos dedica David a roza do silencio, *Te decet silentium, Deus, in Sion.*

10 Encomendaraõ a hũ famoso pintor da antiguidade, hum quadro em que có toda a valentia de sua arte pintasse as fermosuras mais celebradas, que o mundo teve. Engeffou a taboa, fes os traços, & os dizenhos: a hũ lado pintou a Rhoxana de tam valente belleza, que pode tirar a Alexandre Magno a gloria de ser por todos os modos invencivel: a outro lado pintou a Omphale mō-
stro

stro de tanta fermosura, que triumphou da maça de Hercoles triúphadora de monstros. De outra parte pintou a Cleopatra gitana de tam grande gentileza, que pode dizer a boa ventura aos Imperadores de Roma. De outra pintou a Dalila, aquella traidora fermosura, que teve a Samsam pellos cabellos. Deixou no meio do quadro hum lugar defocupado; & esperando todos, que alli pintaria a Elena, que deu mais fogo aos coraçoes, do que os Gregos derao a Troia; deixou o pincel, & tomãdo a pena escreveo estas palavras; *Hic locus est Helena*; este he o lugar de Elena; Pois se a este artifice lhe encomendarao, que retratasse naquelle lenço as mais celebradas fermosuras: como não pintou a celebradissima entre todas? Sim pintou; & não a pintando a pintou melhor: aquelle silencio do seu pincel foraõ os golpes mais vivos com que podia exprimir aquella belleza; se a pintara, ficava menos encarecida; porque dava a entender, q̃

havia cores na natureza, que a pudessem retratar: não a pintando, deixoua mais celebrada; porque mostrava, que não havia primores na arte, que a pudessem exprimir.

II. Assim explicou aquelle artifice o alto conceito daquella belleza humana; & o mesmo fez Deos pera nos explicar, qual era a fermosura Divina da Virgem Máy. Neste grande quadro do Universo pintou Deos supremo artifice, como Author da natureza, & como author da graça, como author da natureza, pintou as fermosuras naturais do Sol, das Estrellas, das flores, & pedras preciosas, & das creaturas humanas. Como Author da graça pintou as fermosuras sobre naturais, dos Serafins, dos Anjos, dos Justos, & dos Santos. Admiravel quadro, fermosissima pintura; mas entre todas estas fermosuras, como se na natureza não ouvesse cores, nem arte na graça pera exprimir cabalmente a belleza de Maria Senhora nossa, pos em seu lugar huma roza,

ou silencio, porque to o silencio, ou seja da vos, ou do pincel a pode bastantemente encarecer: *Extra silentium: Te decet silentium, Deus, in Sion.*

12 Daqui se segue hũa grande ventagem, que a festa da Roza faz as outras festas da Senhora, nas outras festas louvasse a Senhora cõ palavras, nesta louvasse a Senhora com o silencio, nas outras festas louvasse a Senhora pello estillo dos homens, que he falando, nesta louvasse a Senhora pello estillo de Deos, que he calando: mas calando com hum silencio tam rhetorico, que excede os primores: todos de toda a Eloquencia: a eloquencia diz quanto pode, mas não pode dizer tudo: & isto que não pode dizer a eloquencia, he o que diz o silencio. O Sacramẽto he por excellencia o mysterio de fe; & he da fe o mysterio o mais fermoço: *Quid pulchrum est, nisi frumentum electorũ?* Mysterio he o mesmo que segredo, & silencio: Todos os Evangelistas falarão da

instituição do Sacramento; so Saõ Joaõ o passou em silencio: pois o theologo por antenomazia não fala desta instituição? Não, porq̃ não fallando disse mais do que os outros fallando.

13 Parece que com este silencio podiamos deixar sub roza a festa da Roza, mas como tudo o que podemos dizer da Roza, da festa, isto he, da Virgem Senhora nossa, nada por mais, & mais, que digamos, não quebraremos o silencio. Quando Christo chegou a Bethania na occasião em que havia de refucitar a Lazaro, diz Saõ Joaõ, que fora Martha chamar a sua irmã, & darlhe o avizo, de como chegara o Divino Mestre: *Magister adest, & vocat te.* Joan.^{11.} Mas diz o Evangelista huma couza notavel; que a chamara em silencio: *Vocavit eam in silentio*, pois se a chamou, formou vozes, se formou vozes, como não rompeu o silencio. Porque a irmã de Martha era Maria, em o nome de Maria, diz Saõ Pedro Chryfologo trazia o nome

nome da Virgem Mãy: *Veniat Maria materni nominis bajula*, & por mais vozes, q̄ se formem pera falar de Maria, & com Maria, não se quebra o silencio; *Vocavit eam in silentio.*

14 Tornemos logo a por os olhos no monte, aonde deixamos a Roza sem espinhos; & com espinhos o Lirio: a Roza sem espinhos, contra a condição, ou pensão natural da Roza: o Lirio com espinhos contra o que pede a natureza do Lirio. Mas esta que páresse impropriedade, he a maior fineza do Lirio pera com a Roza, ou do filho pera com a Mãy: pera que naceffe sem espinhos a Roza, quer morrer o Lirio coroadado de espinhos: assim o vemos na Cruz, & a o pé da Cruz, o Lirio na Cruz có huma coroa de espinhos, a Roza sem espinhos ao pé da Cruz: *Stabat juxta Crucem. JESU Mater ejus.*

15 Não sei se foi esta a rezaõ, porque no Evangelho, não deu o filho à Senhora o nome de Mãy. Quã-

do Christo encomendou na Cruz o Evangelista amado feu a sua amada Mãy: disse: *Mulier, ecce filius tuus.* Mulher: & porque não Mãy? Não era aquella occazião em que o amor costumava ditar a maior ternura; pois porque cala o nome do affecto; *Mater*; & lhe da o da natureza: *Mulier*? Porque estava o lirio coroadado de espinhos: & porque ninguem cuidasse que os espinhos lhe vinhaõ da Roza, calou o nome de Mãy. Tanto afastou desta Roza a sospeita dos espinhos.

16 Antes da primeira culpa he opiniaõ de S. Ambrosio, & S. Bazilio, que nacia a Roza sem espinhos; & pareffe que tem fundamento no texto; porque entre os castigos, que Deos fulminou contra Adam, lhe disse, que a terra brotaria em seu dano abrolhos, & espinhos; *Spinæ, & tribulos germinabit tibi*; de modo, que acul-

Gen: 3. 18.

pa foi a flor, que deu por frutos espinhos. Adam comeo o fruto, & deixou nas flores os espinhos. E que

fez o segundo Adam? quis nacer como flor de outra flor, ou como Lirio de hũa roza; & pera, que a Roza nacesse sem espinhos, tomou o Lirio os espinhos pera si.

16 Mas não ha que admirar esta fineza do Lirio pera com a Roza, ou do filho pera com a Mãy, porque se me dais licença pera usar desta palavra, chegou a roza a enfeitiçar o Lirio: Mas que temo usar da palavra, de que usou o mesmo Lirio pera explicar seu agrado. Assim o confessa a gritos no livro de seu amor: *Vulnerasti cor meum, soror mea, sponsa, vulnerasti cor meum.* Feristeme o coração, lem outros: *Excordasti me:* Tirasteme o coração; ou tendesme enfeitiçado, explica hum grande engenho. Agora notai, que diz Pierio Valeriano, que antigamête pera attrahir os animos dos Principes, os ingredientes de que uzavaõ os Magos, ou feiticeiros eraõ as rozas: *Magos olim ad conciliandos sibi Principum animos rosas uti consuevissent.* Nas rozas punhaõ a força de sua

arte, porque he a roza hum feitiço da natureza. E quanto maior foi a efficacia da Roza sem espinhos, pois se por incarnar nesta Roza se fez homê o filho de Deos: *Vulnerasti cor meum;* Diz a Gloza: *Pro amore tuo carné assumpsisti.*

17 Andou o Verbo Divino huma noite toda a braços com Jacob, & vendo que se vinha rindo a Aurora pediu ao Patriarcha, que o largasse; *Dimitte me; jam enim ascendit Aurora,* Quem foi aqui o vencido, quem o vencedor? Oseas diz que Jacob foi o vencedor: *Invaluit ad Angelum:* mas parece que desacreditaõ esta victoria as lagrimas do vencedor; porque diz o Propheta, q̄ chorara Jacob: *Flevit, & rogavit eum.* Pois se fica Jacob vencedor, como fica chorando Jacob? porque Jacob era mais pequeno, & o competidor maior; & nas batalhas dos pequenos com os grandes sempre os pequenos, ainda quando vencem, ficam chorando. Mas não reparais na rezaõ, que allega o Verbo

Gen.
32. 26.

bo pera deixar os braços, ou abraços de Jacob: *Jam enim ascendit aurora*; Se vinha nascendo a aurora pera que havia de porfiar na contenda? Ora o caso he, que nesta luta como explicaõ os Padres, se significavaõ as instancias, que aquelles antigos Patriarchas faziaõ a Deos pera q̃ Deos se fizesse homẽ: por isso misteriosamente o genero da contenda foi luta. Nos outros generos de peleja o fer maior he ventagem: por esta cauza naõ se atreve Saul a sair a campo com o Gigante; porque ainda que Saul era o maior homẽ de Israel, o gigante era maior que Saul: porem na luta naõ he assim; como se ham de abraçar os combatentes he necessario, que se iguaem; & que o maior se mida com o menor: por isso era luta a de Deos com Jacob; porque Deos sendo infinitamente maior pera vir abraços com o homem, se havia de fazer menor fazendo se homẽ. Nesta luta andava Deos com Jacob, & Jacob com Deos: Deos defendendose, & Jacob

instando, quando arrayou a aurora sobre os horizontes; & deuse Deos por vencido, demodo que o que naõ puderã em huma noite inteira as instancias de Jacob, pode conquistar a aurora com os primeiros bocejos de seus resplandores. Mas que aurora he esta? todos dizem, q̃ a Senhora; & eu acrecento, que a Senhora da Roza. Os gregos chamavaõ elegantemente a aurora *Rodo-dactyls*; que quer dizer dedos de roza; & tanto, que appareceu a aurora desfolhando rozas por entre os dedos, logo o Verbo rompeu os abraços, ou embaraços de Jacob, com a ancia de se ver ou fructo desta flor, ou Lirio desta Roza: *Dimitte me, jam enim ascendit aurora.*

18 Isto succedeu ao Verbo antes de encarnar nesta Roza, & depois de Encarnado, que lhe succedeu? fez lhe a Roza hum cerco de rozas. Assim o disse o mesmo Verbo falando do mesmo Sacrario, ou ventre Virginal em que estava: *Venter tuus sicut liliis vallatus acervus* C. III.
7. 2.
R. 4. tritici.

tritici, Aqui Lirios quer dizer Rozas, como bem sabem os doutos, & o provaõ os mais curiosos Expositores. Mas em que mylterio lhe fez a Roza o cerco de Rozas? o mesmo texto o diz; *Venter tuus sicut aceruus tritici*: o vossõ ventre virginal he hum monte de trigo; môte de trigo? claro esta, que falava do Sacramento, que trigo chamou o Profeta ao Sacramento; quando disse, que viveriaõ do trigo os fieis da Igreja *vivent tritico*. E deuse por tambem achado entre estas rozas, que se naõ fora temeridade me arrojava eu a dizer, que com mais facilidade sahira o Verbo do peito, & seyo do Pay, que do seyo, & peito da Mãy.

19 He sentença muito recebida entre Padres, & Theologos, que os Patriarchas antigos mereceraõ, que se anticipasse, & apressasse a Encarnação do Filho de Deos. De modo que pellos rogos, & dezejõs daquelles antigos Patriarchas encarnou o Verbo Eterno mais cedo do que havia de Encar-

nar, se elles naõ foram. Encarnou finalmente o Verbo, ouve de nacer feito homem; pergunto, & anticipou alguns dias o nascimento? He de fe que naõ; porque diz Saõ Lucas, que estando a Senhora em Belem, se encheraõ os dias, que a natureza tem destinado pera o parto: *Impleti sunt dies Mariae, ut pareret*. Notavel cazo. Se o Verbo anticipa tantos annos a Encarnação, porque naõ anticipa ao menos algũs dias o nascimento. Se os rogos, & dezejõs dos Patriarchas acabam com elle que encarne mais cedo tantos annos, como naõ podem acabar, que naça mais cedo alguns dias? Sabem porque? porque pera encarnar havia de sair do peito, & seyo do Pay, & pera nacer havia de sair do seyo, & peito da Mãy; pera sair do Peito do Pay, bastaraõ rogos; pera sair do peito da Mãy, naõ ouve rogos que bastassem; com tanta facilidade sahio do peito do Pay pera encarnar; & com tanta difficuldade sahio do peito da Mãy

Mã y pera nacer.

20 Vede tudo em dous textos do mesmo Christo, hum por São João, outro por David. Fala Christo por São João da sahida, que fez do peito do Pay pera encarnar, & diz assim: *Exivi a Patre, & veni in mundum*, sahi do Pay, & vim ao mundo. Fala por David da sahida, que fez do peito da Mã y pera nacer, & diz a feu Eterno Pay. *Tu es, qui extraxisti me de ventre*. Vos sois Senhor, o que à força me tirastes do peito, ou entranhas de minha Mã y. Ou como do Grego le Tertulliano: *Tu es, qui avulxisti me ex utero Matris meae*; vos sois o que me arrancastes do feyo de minha mã y; verdadeiramente que estava pera deixar sem ponderação estes dous textos. Pera sahir do peito do Pay nem hũa força nem hũa difficuldade nem hũa resistencia; *Exivi a Patre*: pera sahir do peito da Mã y he necessario força, & violencia, *Extraxisti, avulxisti*: Eu não posso dizer, que se achava melhor no feio da Mã y, que no

peito do Pay, o que sei he q̃ no peito do Pay tinha hum cerco de resplandores, *In splendoribus sanctorum genuite*. Mas no feio da Mã y tinha hum cerco de rozas; *Venter tuus vallatus liliis*; & era cada roza hum feitiço, q̃ o ligava. Ouvi a Santo Ambrozio em latim o que temos ditto em portugues: *Sinus Christi erat in Deo Patre Divinitas: In Maria matre virginitas; cujus sic tenebatur pulchritudine, sic irretiebatur amore, ut nisi sibi inferret vim, ab illa exire nequiret*. Sendo pois tanto de feu agrado esta Roza, & roubando-lhe tanto os affectos, não temos, que admirar, de ver na Cruz o Lirio coroado de Espinhos, & sem espinhos a roza ao pe da Cruz: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus*.

21 E se ainda me insta vossa curiosidade pella rezaõ, que Deos teve pera izentar a esta Divina Roza dos espinhos? Respondo, q̃ a rezaõ foi, porque quiz estampar em suas folhas hũa imagem de sua divindade.

Imagem, ou forma de Deos chamou Santo Agostinho a mesma Senhora: *Si formam Dei te appellé, digna existis.* E não são os espinhos boa materia pera imagens da Divindade?

22 Apareceu Deos a Moises nos desertos de Madian, & appareceu em huma çarça, ou espinheyro: *Apparuit ei Dominus, de medio rubi.* E porque não escolheo Deos outra arvore mais pomposa pera trono de tanta Magestade? Não havia hum cedro, q̄ em sua incorruptibilidade tras hum seguro de sua duração? não havia huma palma, que em suas folhas tem a gala da victoria? mas hum espinheiro: *De medio rubi?* Sim responde Theodoretto de opiniaõ de alguns: & a razãõ foi; pera que ninguem pudesse formar daquelle tronco a imagem de Deos: *Nec desunt, qui dicant. Deum in rubo apparuisse; propterea, quod nemo Deum ex rubo sculperet possit.* Difficultoza razãõ; se de qualquer outra arvore podião formara imagem de De-

os; do espinheiro porque não? Por isso mesmo: Hum tronco todo espinhado parecevos que he bom pera retrato de Divindade. A Divindade verdadeira não quis que a retrataffem em hum espinheiro, & as Divindades humanas os que estão em lugar de Deos, são os que se mostraõ mais espinhados. Ver a magestade com que falaõ, a soberania com que respondem, a pompa com q̄ se movem, o semblante com que vos olhaõ, a esquivaça com que vos trataõ! não dizem palavra, que não seja hum espinho; não daõ resposta, que não seja hum abrolho, & pera se Divinizar, se deshumaõ: quando o mostrar-se mais humanos fora parecer mais divinos: cuidaõ, que o ser maior esta em ser mais austero. Dos elefantes dizem os authores, que quando caminhaõ tomaõ sempre a vanguarda pera guiar aos mais o que he maior nõ corpo; & o que tem maior dente: *Qui mole, eoque primus est nunquam non praet.* Assim devem cuidar

dar alguns, que o ser melhor pera o governo esta em fazer maior tromba: espinheiros finalmente que nunca chegais a elles, que não faiais lastimado.

23 Esta foi a necessidade das arvores la no apologo de Joathan: Trataraõ as arvores de aclamar a hum Rêy seu, & pera si: offereceraõ o ceptro à Oliveira; escuzou-se; offereceramno à figueira, não aceitou: offereceramno à vide, deulhe de maõ: offereceramno ao Espinheiro, & aceitou com ambas as maõs; Bem mostraram as arvores na cleiçaõ que fizeraõ, que alem de rezam pera o discurso lhe faltavaõ os sentidos pera o sentimento. E vos arvores ides dar a coroa ao espinheiro, pois tomareis o q̄ vos vier. Escaçamente se vio no trono o tronco, quando despachou logo hum decreto, em que fulminava rayos contra os Cedros mais impinados do Libano: *Egredietur ignis de rhamno, & devoret cedros Libani.* Esta he a condiçaõ dos espinheiros, ou dos espinhados; & como

a verdadeira divindade he de contraria condiçaõ, não quis que do espinheiro se formasse imagem sua: *Propterea, quod nemo Deum ex rubo sculperet possit.*

E como na Roza mistica de Maria Senhora nossa havia de estampar a imagem viva de sua Divindade, deulhe a fermosura da roza, mas sem espinhos: a fermosura pera attrahir; sem espinhos pera não lastimar; quer que cheguemos a buscar o remedio na Roza, sem temer o golpe do espinho; não quis que difficuldade alguma acobardasse nossa confiança.

24 Notai hum particular reparo na arca do Testamento. Não he crível a miudeza com que Deos encomendou a Moises a fabrica daquella arca. Lede o cap. 29 do Exodo, & vereis o cuidado com que determina a madeira, de que se hade lavar: as medidas que lhe hade dar de comprimento, de altura, & de largura. Mandalhe, que a doure assim por dentro, como por fora; & que o ouro seja dos mais subidos

bidos quilates: que sobre ella lhe faça em roda huma coroa de ouro; em fim, que se ria nunca acabar, se referissemos as meudezas, que Deos deu a Moises no dezenho desta obra. Mas depois de todo este cuidado acho hũa falta nesta Arca. E qual vos parece, que sera? Lede todo o Sagrado Texto, & não achareis, que nem Moises fizesse, nem Deos mandasse fazer chave pera esta Arca. Pois a Arca em que Deos mandava guardar as taboas da ley escritta por seu dedo; em que queria se conservasse o manà aquelle paó dos Anjos, com que se sustentou o povo no deserto: em que ordenava se metesse a vara obradora de tantas maravilhas, sem huma chave, quando pareesse se havia de fechar a fette chaves. Ja entendeis o mysterio. Era aquella Arca a figura mais expressa da Virgem Senhora nossa, que tem as letras sagradas: não alego a nenhum author, porque todos o dizem. E não quis Deos que tivesse chave a Arca, que era imagem da

Senhora. A Arca que tem chave, ou senão abre, porq se pode perder a chave, ou se abre he necessario dar huma, & outra volta pera abrir, pois pera que entendamos, que nenhuma destas difficuldades se acha nos favores, que pedimos a Mãe de Deos, quer Deos, que não tenha chave esta soberana Arca: como não tem chave, está sempre aberta: porque nesta Arca aberta, não pecca o justo, antes se justifica o peccador.

25 Esta he a rezaó; porque nem a Arca tem chave, nem a Roza tem espinhos; porque nem os espinhos nos acovardem; nem a chave nos dificulte o remedio. Em todo tempo esta patente o favor desta Divina Senhora; Mas neste dia com rezaó mais singular. E porq? porque o mesmo nome da Roza nos esta promettendo mais abundantes os favores. Os Gregos chamaó a Roza rhodon, nome que se diriva do verbo rein, que he o mesmo, que *fluere*, ou *affluere*, abundar, ou correr abundantamente.

mente. Esta abundancia em seus favores nos està promettendo neste dia da Roza a Roza mistica.

26 Mas pera que estes favores da Roza mistica se logrem com maior ventura, aprendamos o dezengano, que nos da a roza natural. He a roza o diamante das flores, a purpura do Jardim, a safira das fragancias, os olhos do Abril, a Fenis da Primavera, a pompa da natureza, o rizo da Aurora, a vaidade do Sol, o mappa da fermosura, que todos estes elogios lhe costumaõ dar os Authores. Mas este mappa aque instantes se abrevia; esta vaidade, que brevemente se dezapareffe? este rizo quanto dura? esta pompa quanto floresce? esta Fenis, quanto arde? estes olhos quanto estaõ abertos? esta safira como estala? esta purpura como diz coroa? este diamãte como se quebra? O mesmo dia em que a vistes fazer no theatro do jardim todas estas figuras, a vereistaõ desfigurada q̃ a penas podeis dizer: isto foi roza.

27 Porem a mim naõ me lastima tanto a brevidade de sua duraçãõ, quanto me escandeliza a condiçãõ de seus herdeiros; que acabe tam brevemente toda aquella fermosa ostentaçãõ, naõ he muito porque segue os passos do Sol, que a alentam. Mas que fiquem por seus herdeiros os espinhos; & q̃ hajaõ de durar tam largamente estes herdeiros; pera a Roza hum dia he muita vida, & pera os espinhos sam muitos os annos de vida. O q̃ dezengano Senhores. A roza dizem os Santos he o jeroglifico das delicias, & gostos mundanos; os espinhos sam as consequencias destas delicias; passa o gosto, como a roza; ficaõ os remorsos da consciencia, como espinhos; *Et riget à missã spina relicta rosa*: & que havendo de durar eternamente estes espinhos se arrojem os homẽs temerariamente às dilicias de huma roza? *Coronemus nos rosis, antequã marcescant*, o' necios! se vos dezengana sua brevidade; porque vos enganais

com

com sua fermosura. Naõ vedes que esse fermosura naõ he mais, que hum feitiço transitorio, huma illuzão dos sentidos, hum engano voluntario; huma escrava do deleite; hum relógio pera q se naõ olha, senaõ quando o ferem os rayos do sol; huma corrupçãõ dissimulada em neve, & hum vidro pintado de cores falsas; & que

em fim vos hadẽ deixar os espinhos do arrependimento, & isso a bom livrar. O' voltemos, voltemos os olhos, & o amor aquella Divina Roza, que hoje celebramos, que sendo tam fermosa pera attrahir, naõ tem espinhos pera lastimar. Nella acharemos o alivio, nella o remedio, nella o favor, nella a graça penhor da gloria.





SERMAM

DA SENHORA

D O

ROZARIO

Extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi: Beatus venter, qui te portavit. - Luc. II.

§. I.

QUando me en-
comendaram
este Sermaõ,
me determina-
ram logo o assumpto; pera-
que assim no assumpto, co-
mo no Sermaõ tenha maior
lugar a obediencia de quem
manda, que a eleiçaõ de qué
prega. E que assumpto foio
determinado pera o Ser-

maõ? Foi a victoria do Ro-
zario; isto me disseram, que
havia de pregar: parece que
tinham lido o texto de Sala-
maõ: *Vir obediens loquetur* Prov. 7
victoriam. O obediante fal- 21. 28.
lará a victoria. Notai os ter-
mos, com que falla o sabio:
Naõ diz: O obediante alcan-
fará a victoria; se naõ fallará
a victoria: a victoria naõ a
alcanç

alcanfã, quem falla; antes os que mais fallam, fãm os que menos vencem; alcanfa-a quem pelega: nam he valentia da lingua, he valor do braço. Que victoria he esta logo, que se alcanfa fallando? He sem duvida a victoria do Rozario; porque o Rozario he arma, que se meneia com a lingua; não he arma, que se esgrima com o braço: logo a victoria, & fo a victoria do Rozario he a que se alcanfa fallando: & pera fallar esta victoria, & desta victoria foi necessaria a Obediencia não fo do Sermão, mas do assumpto: *Vir obediens loquetur victoriã.*

2 Nem será difficuloso descobrir o assumpto no Evangelho; porque não he outra couza o Evangelho, mais que o applauso de huma victoria, que Christo tinha alcanfado do inimigo mais rebelde. Tinha se feito forte no corpo, & na alma de hum pobre homem hum demonio tam obstinado, q̃ se pozem resistencia ao braço Omnipotete de Christo; mas houve finalmente de se

render, & deixar o campo ao vencedor: *Cum eiecisset demonium, loquutus est matius.* Viram este milagre os Escribas, & Farizeos: & viramno tambem asturbas: nestas cauzou admiração; & naquelles enveja: & como fazer milagres entre envejosos he despertar contra si testemunhos falsos, deram estes em dizer, que a victoria, que Christo alcanfara do demonio, fora em poder, & por poder de outro demonio: *In Beelzebut principe demoniorum eiecit demonia.* E quando a malicia da enveja Farizaica abortou tam horrenda blasfemia, levantou a voz huma mulher das turbas, & cantou a Christo a gala da victoria: *Extollens vocem quaedam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit, & ubera, que suxisti:* Ditosa huma, & mil vezes a mãy, que vos teve em suas entranhas, & ditosos mil vezes outra vez os peitos, a que vos criastes.

3 Eu cuidava, que no Evangelho não tinhamos mais, que huma so victoria;

mas na verdade sam duas: huma de Christo, outra de Marcella, que foi a mulher das turbas: huma victoria de Christo, que alcançou do demonio; outra victoria de Marcella, que alcançou dos Farizeos: Christo com a sua victoria fez fallar o mudo: Marcella com a sua fez emudecer aos Farizeos: & não sei qual foi maior victoria se a de Christo, se a de Marcella; porque não sei qual he maior milagre; se dar falla a hum mudo; se tiralla a hum fallador: em fim Christo venceo obrando: *Cum ejecisset demonium*: Marcella venceo fallando, q̄ nesta parte não ha quem as vença: *Extollens vocem quaedam mulier*. De modo que no Evangelho temos vencido o demonio; temos vencidos os homês, & temos vencedor a Christo. E no Rozario havemos de ver vencidos os homês, vencido o demonio, & vencido o mesmo vencedor. Mas estas victorias assim como se não alcançam sem as forças da graça; assim se não discorrem sem

as luzes da mesma graça: recorramos à fonte della por meio do Rozario da Senhora, ou da Senhora do Rozario.

AVE MARIA.

§. II.

Extollens, &c.

4. **S** Ahio o Rozario ao mundo, & sahio vencedor pera vencer, pera vencer aos homês, pera vencer ao demonio, & pera vencer a Deos: mas com huma grande diversidade em cada huma destas victorias; porque aos homês vence-os pera os convencer; ao demonio venceo pera o destruir; & a Deos venceo pera o coroar; & assim as victorias do Rozario pera os homens sam remedio, pera o demonio sam ruina; & pera Deos sam coroa.

5. Em tempo do Patriarcha S. Domingos (que foi o primeiro Apostolo do Rozario) andava o demonio victorioso, & triunfan-

te com as heresias, que semeava, com os peccados de todo o genero, que persuadia, com as guerras, & discordias, que accendia entre os homês, que sem temor do inferno, & sem respeito a Deos davam livremente as re-deas à seus desordenados appetites. Ja vedes, que não podia tanta liberdade de deixar de provocar contra si a indignação da justiça Divina. Assim o vio o mesmo Santo estando em oração no templo de S. Pedro em Roma. Apareceo em hum trono horrorosamente magestoso o Supremo Juiz dos vivos, & dos mortos com tres lanças de fogo na mão pera abraçar o mundo, & apagar nelle os tres incendios, em que ardia da soberba, da incontinencia, da ambiçam. De modo, que tres guerras se tratavaõ naquelle tempo no mundo; entre o demonio, entre os homês, & entre Deos: o demonio fazia a guerra contra os homês; os homês faziam a guerra contra Deos, & Deos fazia a guerra contra os homês, que por

isso appareceo armado de tres lanças. Mas a graça está, em que sendo tres os combatentes, nenhum ficou vencedor, todos vencidos: ficou vencido o demonio, ficaram vencidos os homês, & ate o mesmo Deos ficou vencido. E como? isso nos dirá a visam. Vio logo S. Domingos, que no mesmo trono appareceo a Virgê Senhora Nossa, & como Mãe de Misericordia se prostrou aos pés de seu Filho, & lhe disse, q̄ bem via como era merecida a sua indignação contra os homês, & que justissima era a guerra, que com aquellas tres lanças ameaçava aos mesmos homês; mas que ella tomava por sua conta a reforma, & emenda de tantas culpas; porque introduziria no mundo o seu Rozario por meio daquelle seu servo, que tinha presente, este era S. Domingos. Disse a Senhora; & o primeiro vencido foi Deos; porque logo Christo largou as armas, & aceitou o partido. E depois se seguiram com maravilhoso successõ as duas victorias do

do demonio, & dos homés. Começou S. Domingos a pregar o Rozario, & quais foram os effeitos desta pregação? Dilo ha naõ outrem, fenaõ o Summo Pontifice Gregorio IX. na Bulla da Canonizaçãõ do pregador: *Dominico sagittante delicias carnis, & fulgurante mentes lapideas impiorum. omnis hereticorum secta contremuit:* Pregando S. Domingos contra os vicios a devoçãõ do Rozario, os coraçõs de pedra dos maos se abrãdaram; & todo o inferno, & seus fequazes tremeraõ, & temeraõ.

6 Vedes aqui a rezam porque comecei dizendo, q̃ o Rozario sahio ao mundo vencedor pera vencer; vencedor de Deus pera vencer aos homés; & vencedor dos homés pera vencer ao demonio. Quando o Rozario se ajunta com o Sacramento he a victória mais certa. Grande lugar no Apocalipse. Vio o Profeta da ley da graça (ja entendeis, que he o Evangelista) sobre hum cavallo pombo hum

bisarro cavalleiro, na maõ trazia hum arco, na cabeça Apoc. 6. 2. huma coroa; & assim armada, & coroado sahio vencedor pera vencer: *Et ecce equus albus, & qui sedebat super eum, habebat arcum; & data est ei corona, & exivit vincens, ut vinceret.* Por este cavalleiro entendem mais conformemente os Expositores Sagrados ao Verbo Divino; pello cavallo pombo a sagrada humanidade, que sempre vestio a cor da innocencia. E hum aplaudido Expositor dos Modernos, diz que este Cavalleiro he Christo no Sacramento: *Equus primus albo infidens equo, Christum in Eucharistia, ubi albis accidentibus in se, significat.* ^{Zuleti in Ep. Jac. c. 1. § 39.}

A difficuldade estã na significaçãõ do arco, que trazia na maõ, & da coroa, que trazia na cabeça: & deixando agora as varias opinioens, em que se dividem os Interpretes; na significaçãõ do arco seguiremos a Ferrario; na explicaçãõ da Coroa a S. Bernardino de Sena; bastantes fiadores an-

bos.

7 Diz pois Ferrario, q̄ o Arco, que trazia na mão o cavalleiro do Apocalipse era hum composto dos principais mysterios da vida de Christo. *Sunt præcipua mysteria vitæ Christi*: E se lhe perguntais, quais sam os principais mysterios da vida de Christo? responde, que sam o mysterio da Encarnação, o mysterio da Paixam, o mysterio da Resurreiçam. O mysterio da Encarnação; porque nelle a humanidade, & a Divindade, como duas pontas do mesmo arco, se uniram servindo de laço, ou cordam a uniam hypostatica, ou Personalidade do Verbo. O mysterio da Paixam; porque nelle ou a Cruz foi o arco, & Christo a setta; ou a setta foi a Cruz, & os braços de Christo o arco, como disse o mesmo Christo a seu Eterno Pay. *Posuisti ut arcum æreum brachia mea*. O mysterio da resurreiçam; porque nelle unindose novamente sua alma gloriosa ao corpo se atou outra vez aquelle arco, que a morte ti-

Ferrar.
apud
Sylvei
ra hic.

Ps 17.
35.

inha desatado, como em proprios termos o tinha dito o Profeta: *Suscitans suscitabis arcum tuum*. Vos, Senhor, resuscitareis o vossò arco. Este he o arco, de que vinha armado o Cavalleiro vencedor. Mas se advertis bem na figura, & composição deste Arco, não podereis negar, que he o Rozario: a figura primeiramente he circular; & não he hum circulo, ou arco a figura do Rozario? assim he: a composição do arco comprehende os principais mysterios da vida de Christo da Encarnação, da Paixam, da Resurreiçam: & a composição do Rozario não he a mesma? nam se cõpoe o Rozario de tres terços: o primeiro terço nam consta dos mysterios da Encarnação, que sam os de gozo; ao segundo nam pertencem os da paixam, que sam os de dor? no terceiro não se incluem os da Resurreiçam, que sam os de gloria? assim cõpoz a Senhora o seu Rozario, como o Senhor o seu Arco.

Haba
3:

8 Vamos à coroa. A coroa,

roa, diz S. Bernar dino de Sena, que não era huma so, fenaó tres; porque ou era huma dividida em tres, ou eram tres unidas em huma. *Prima est carnea, qua coronatus fuit ab utero*: a primeira he de carne, com que foi coroado nas entranhas de sua Mãe Sanctissima. *Secunda est spinea, qua coronatus fuit à noverca synagoga*: a segunda foi de espinhos; com que sua madrastra a synagoga o coroou: *Tertia est gemmea, quâ coronatus fuit in resurrectionis triumpho*: a terceira he de pedras preciosas; com que foi coroado no triumpho de sua resurreição gloriosa. Se o Santo quizesse fazer hũa elegante descripção do Rozario, de que outros termos mais próprios podia uzar? O Rozario he huma coroa dividida em tres coroas; ou tres coroas unidas em huma: a primeira coroa he carne, ou de carne; & sam os mysterios gozofos da Encarnação: a segunda he spinea, ou de espinhos; & sam os mysterios dolorofos da paixão: a terceira he gem-

mea, ou de pedras preciosas, & sam os mysterios gloriosos da resurreiçam.

9. Supposta esta explicação tam facil, ou accommodaçam tam natural, levantai agora os olhos, & vede sahido do Ceo aquelle Cavalleiro com pensamentos de vencedor pera vencer: *Exiit vincens, ut vinceret*; & reparai bem nas armas: as armas todas vinham a ser hu arco: *Habebat arcum*. vio o Evangelista, que trazia arco pera a victoria; mas não diz, que trazia settas pera os tiros: pois arco sem settas de que servia? O arco serve pera despedir a setta; a setta pera imprimir o golpe; o golpe pera render o inimigo: Quando David sahio contra o gigante, não levou so a funda, levou tambem as pedras; porque pera vencer ao Filisteo a funda sem pedras era embaraço; & as pedras sem funda eram pezo: o que he a pedra pera a funda, he a setta pera o arco; pois se este Cavalleiro sahia pera vencer, como sahe sem aljava pera as settas, se se arma de arco

pera ostiros? Porque este arco, como ja disse, he o Rozario; & o Rozario sahio a o múdo vencedor pera vencer; armouse com o Rozario o Cavalleiro, & escuzou as mais armas; porque estas bastam pera a victoria. Mas he muito pera notar, que o mesmo Rozario nas maõs he arco, & na cabeça coroa: nas maõs he arma pera a victoria; na cabeça he rozas pera a coroa: tam certo sahio do triumpho o Cavalleiro, que das armas fez coroa; & da coroa fez armas: *Habebat arcum in manu, & data est ei corona; & exivit vincens, ut vinceret.* Tam certo final da victoria he o Rozario; que naõ ha victoria sem este final; & so a este final se attribuem as victorias.

10 Fora sem fim o discurso, se o houvessemos de levar por todas as victorias, que celebra o Sagrado Texto. Ponderemos huma acção a David, que como Profeta tam illustrado sabia melhor, que todos o principio de seus triumphos. Depois de hum curso continuado de victo-

rias voltou David pera a Corte carregado de despojos; & querendo consagrar à immortalidade huma memoria de seus trofeos, diz o texto: *Fecit sibi David nomen, cum reverteretur, capti* 2. Reg. 8. 13.

Syria: Fez David pera si hũ nome depois de vencer a Syria. E que nome foi este, que David fez? Foi, dizem os commentadores, hum Arco triumphal, que levantou: *Arcũ sibi triumphalem erexit.* Na face occidental deste Arco mandou David gravar aos Filisteos vencidos, & humilhados aos pês do mesmo David, com huma letra que dizia: *Percussit David Philisthim, & humiliavit eos.* ibid. n. 1.

Na face Oriental estavaõ os de Moab prostrados todos por terra, & David com dos cordeis na maõ, estendendo hum delles, aos que mandava passar aos fios da espada, & cercando com o outro, aos que concedia liberalmente a vida: dizia a letra: *Percussit Moab, & mensus est eos funiculo coequans terræ.* n. 2. Na face Septentrional se viaõ Adarzer, & Adad Reys da Syria

Syria vencidos, & manietados com todo o seu exercito, feitos tributarios a David, com esta letra: *Facta est Syria David serviens sub tributo*. Na face Meridional se descubriaõ os Idumeos descendentes de Esau rendidos, & tam fogeitos, que David lhes punha o pê sobre a cabeça, com o verso do Salmo 59. que nesta occaziam compoz: *In Idumæam extendam calceamentum meum*. E que remate poz David a este arco, ou circulo triumphal de suas victorias? Poz lhe o titulo do Salmo, que ja citamos: *Vincenti super liliu[m] testimonij David*: o Cardeal Caietano. *Hujusmodi enim titulum gloriae suae liliu[m], rosam, seu florem testimonij appellavit*. Pos lhe por remate, & titulo huma Roza, ou muitas rozas, como verte Treveto: *Quasi rosas testimonij*. Pois David Guerreiro famoso, a roza tomais vos, como testemunho de vossas victorias: *Quasi rosas testimonij?* esta he a empreza de vosso valor? este he o brazaõ de vossos triumphos? Quereis

fazer eterna a memoria de vossas victorias, & pondes lhe por alma huma roza? huma roza, que he hum suspiro encarnado da aurora; huma lizonja efimera do dia, hum mortal desmayo da tarde ha de servir de eterno testemunho a vossos triumphos contra as injurias dos tempos? O certo he, que outras rozas tinha David no pensamento quando tomou as rozas por emblema de suas victorias. Naõ entenderam entaõ os que viaõ aquelle arco, o que significavaõ as rozas; mas se hoje vissemos aquelle Arco, ou circulo, tendo por titulo as Rozas, pouco discurso era necessario pera entender, que era o Rozario. Vio David com os olhos da Profecia, que a melhor filha sua, nos tempos da ley da graça havia de levantar, & instituir hum arco, ou hum circulo, que das rozas havia de tomar o nome; & copiando em anticipada imitacão este exemplar, deu tambem o nome das rozas ao seu arco triumphal; porque sabia, que as suas victorias

naõ eram suas; mas daquelle arco de rozas, que adorava em profecia: *Hujusmodi titulum gloriæ suæ rosam, seu quasi rosas testimonij appellavit.*

§. III.

II Mas deçamos ja às particulares victorias, que ao principio promettiamos. A primeira victoria, que alcança o Rozario da Senhora, ou a Senhora com o seu Rozario, he do vencedor do Evangelho: & quem he? he Deos: Pois Deos vencido? naõ he Deos o Senhor dos Exercitos sempre vencedor, sempre triunfante? assim he; mas ouçamos, o que elle mesmo confessã a vozes no cap. 4. dos Cantares: *Vulnerasti cor meũ, joror' mea, sponsa: vulnerasti cor meum.* Feristeme o coração esposa minha, feristeme o coração: & assim me confesso rendido, & vencido; que a golpes do coração naõ ha valor que resista. E com que armas alcançou a Senhora hum tam insigne victoria? O mesmo

vencido o confessã: *In uno crine colli tui:* em hum cabello da vossa garganta? vede que setta! Pois hum cabello ainda que fosse de aço, quanto mais que era de ouro, teve força pera romper o peito, & ferir o coração? Sim, q̃ esse cabello, ou essa trença de cabellos era o Rozario. Ouvias versoës do lugar, & vereis que tenho rezam. O texto Hebreo tem: *In uno fune, seu torque colli tui.* Em hum cordam, ou collar; os 70 lem: *In uno ornamento, seu torque colli tui.* No ornato, ou collar: O Syro, o Arabigo, & Aquila trasladam: *In uno ferto pendente è collo tuo:* em huma coroa de rozas, q̃ esta pendente de vosso peçoço. Ajuntai agora todas estas versoës, de cordam, de collar, & de circulo, ou coroa de rozas, & dizeime, que significam, ou que podem significar lançados ao peçoço da Senhora, senaõ o seu Rozario? Pois esta he a arma, com que a Virgem Sanctissima alcança de Deos a victoria: *Vulnerasti cor meũ in uno crine colli tui: in uno ferto*

Cant.
4.

ferto

ferto pendente è collo tuo.

12 Porem vejamos esta valentia do Rozario em hũ caso particular: Cõmetteo David aquella culpa de mãdar tomar a rol o numero de seus vassallos, ou fosse ambiçam, ou soberba; & pera castigo della mandou Deos a hum Soldado de seu exercito, isto he, a hum Anjo, que com hum montante hervado fosse ferindo a todos: executou o Anjo a ordem com tanto rigor, que em seis horas (como alguns querem) deu a morte a 70 mil pessoas: assim hia o vencedor fazendo mortal destrago, quando chegou a Jerusalem; mas Deos, vencida de sua clemencia a sua indignaçõ, mandou embainhar ao Anjo: *Sufficit: nunc contine manum tuam.* Deos tinha ditto pello Profeta Natham, que aquella castigo duraria tres dias: *Tribus diebus erit pestilentia in terra tua.* Pois se o decreto estava passado, & con eçada a execuçaõ, quem obriga a Deos no primeiro dia, eu nas primeiras horas do primeiro dia a suspender

o golpe, & revogar o decreto? O texto sagrado o disse em huma mysteriosa, & naõ sei se advirtida circumstancia: leamos as suas palavras: *Sufficit: nunc contine manum tuam: erat autẽ Angelus Domini juxta aream Areuna.* Quando mandou Deos ao Anjo, que nam fosse por diante no castigo; estava o Anjo junto a area, ou eira de Areuna. Pois porque o Anjo estava junto a Areuna, lhe manda Deos, que desista da victõria; ou que se dê por vencido: *Sufficit: nunc contine manum tuam?* Sim, & naõ pode ser outra a rezam; senam a que nos dá o nome de Areuna. Os que interpretaõ os nomes Hebreos, dizem, que Areuna tem duas significaçõs; a primeira quer dizer Arca; & a segunda Cantico; senaõ he a Senhora do Rozario, eu naõ sei que possa ser: Que a Senhora seja Arca nos ensina a Igreja ensinada pella mulher do Evãgelho: *Beatus venter, qui te portavit,* diz Marcella: *Ventris sub Arca clausus est,* diz a Igreja. E que o Cantico desta

desta Arca seja o Rozario nam tem duvida; porque este he o nome, que o Rozario teve em seus principios: *Canticum*, ou *Psalteriũ Virginis*; o Cantico, ou Psalterio da Virgem. E ainda dezejais outra rezam pera que Deos se desse por vencido, & mandasse ao Anjo, que recolhesse a espada tinta no sangue de tantos milhares? A vista da Arca, & do seu Cantico, isto he, da Senhora, & do seu Rozario o primeiro vencido he Deos, por mais armados, que venham os seus exercitos, & victoriosos os seus soldados: *Sufficit, nunc contine manum tuam.*

13. Mas o ser Deos vencido he vencer; & esta victoria he coroa sua; porque do Rozario faz coroa a Mãe vencedora pera o Filho vencido. Aquelle trono, que S. Joam vio no Apocalypse, & nelle a hum cordeiro morto ou fesse na realidade, ou na apparencia, diz o texto, que lhe servia de coroa o Iris, ou Arco das nuvens: *Iris erat in circuitu sedis.* Pois se o cordeiro estava morto: *Agnum*

stantem tanquam occisum. estava vencido; & se estava vencido, como estava coroado? A coroa he premio do vencedor, naõ he joya do vencido. Porque na terra vemos tantas vezes coroadas as ovelhas, ou os cordeiros, & sem coroa os leoões, deram ja os leoões em ser cordeiros. Mas saibamos quem he o cordeiro, quem he o trono, quem he o Iris, ou o Arco. O Cordeiro he Christo, o trono a Virgem, o Iris o Rozario: Que o Cordeiro seja Christo, & a Virgem o seu trono, fora muito bom pera a aldea gastar tempo em o provar. Que o Iris; ou Arco Celeste representa o Rozario, ja o disseram alguns, & o provaram com as tres cores, de que o reveste o Sol; com a verde em que se representam os mysterios gozosos da Infancia de Christo; com a roxa, que significa os mysterios dolorosos da paixão; com a azul, que symboliza os gloriosos da resurreiçãõ, & Ascensãõ do mesmo Christo. Mas eu o provo com o testemunho

naõ.

nãem de algum Profeta; mas de hum poeta, que por ser o mestre de todos os Latinos, bem pode ser admittido.

Falla Virgilio da Iris dando-lhe o nome Grego de Thaumantias, que quer dizer Filha da admiracão, & diz assim no livro 9. da sua *Æneida*: *Ad quem sic roseo Thaumantias ore loquuta est*: A quem a Iris fallou com huma boca de rozas. Boca de rozas no Arco do Ceo! hum Arco, ou circulo com as rozas na boca, podeis negar, que he o Rozario. Pois esta he a coroa, que no trono cercava ao Cordeiro: Estava o Cordeiro, como morto, & vencido; mas como estava vencido no trono, estava juntamente coroadado; porq̃ a Virgem Senhora do seu Rozario lhe formava a coroa: *Iris erat in circuitu throni*: que quando a Senhora vence a Deos: não o vence pera o vencer, vence-o pera o coroar. Estava o Cordeiro Sacramentado: *Agnum stantem, tanquam occisum*; & ao Sacramento serve o Rozario de coroa.

§. IV.

14 Desta victoria, que o Rozario alcança de Deos, sahe a vencer os homês: *Exiivit vincens, ut vinceret*: & vence-os não pera os vencer, mas pera os convencer: & em que consiste não este vencimento, mas convencimento. A mesma Senhora o dirá. Apareceo ella ao Beato Alano da Ordem dos Pregadores, a quem queria mandar por novo Apostolo do seu Rozario, cuja devoção tinha descachado muito no mundo: & trazia a Rainha de Ceo & terra lançado ao pescoço hum collar, no qual as joyas preciosissimas, & o numero dellas compunham hum Rozario de inestimavel valor (aonde vereis com quanta razam chamamos pouco ha ao Rozario collar) & lhe disse, que quando seu grande servo Domingos sahira por mandado seu a pregar o seu Rozario, foraõ grandes as victorias, que alcançara dos homês; porque vencidos, & convencidos, os herejes detestavaõ a mi-
lhães

lhares os seus erros; os peccadores com publica penitencia choravaõ suas culpas; as mocidades defenganadas se condenavaõ aos claustros das religioens: todos finalmente faziam das riquezas, das honras, das galas, dos gostos, dos passatempos o cazo, que elles merecem; & so da salvaçaõ eterna faziam cazo. Vedes ahi como a Senhora vence aos homés por meio do seu Rozario: vence pera convencer: convence pera converter.

15. E qual he maior victoria a que vence, ou a que convence? Naõ ha duvida, que a que convence: E porq? porque a victoria, que so vence, he meia victoria; a victoria, que convence, he victoria inteira: a victoria, que so vence he meia victoria; porque vence o corpo, mas naõ a alma: a victoria, que convence he victoria inteira; porque vence o corpo, & a alma: aquella ata as maõs do corpo; esta liga as maõs da alma, que sam o entendimento, & a vontade: naquella diz o vencedor, que me

venceo; nesta confesso eu, q fui vencido: & naõ ha maior victoria, que a que chegou a conquistar o animo do vencido: *Nulla est victoria maior, Quàm que confessos animo quoque subjugat hostes,* cantou la o poeta cortesam.

16. Ponderemos ao Gã-de Prelado de Valença hum sentença notavel: *Plus vindicatur Deus* (diz Santo Thomas de Villanova) *plus vindicatur Deus de peccatoribus, quos convertit, quam de peccatoribus, quos condemnat:* Maior he a victoria, que Deos alcança, & a vingança, que toma dos peccadores a quem converte, que dos peccadores a quem condena. Mas como pode fer maior victoria hum peccador convertido, que hum peccador condenado? hum peccador condenado ja naõ pode fazer guerra a Deos: hum peccador convertido ainda pode tomar armas contra Deos: a victoria, que Deos alcança de hum peccador a quem condena he a ultima; a victoria, que Deos alcança de hum peccador, a quem conver-

converte, pode não ser a ultima: a ultima victoria sempre he a maior; porque he a coroa das outras victorias. Por isso David pendurou no templo a espada, & não a funda; porque a victoria da funda não foi a ultima; & a victoria da espada, sim: a victoria da funda não foi a ultima; porque deixou com vida ao gigante; & podia levantar-se contra David: & vencer a seu vencedor. A victoria da espada foi a ultima; porque cortou a cabeça ao Filisteo, & com ella o poder pera renovar o conflito. Pois se a victoria ultima he a maior, & he a maior vingança, que se pode tomar do inimigo, como diz o Santo Arcebispo, q̄ he maior a q̄ Deos alcãça dos peccadores a que converte, q̄ dos peccadores, a quem condena? *Plus vindicatur Deus &c.* Dã a rezam admiravelmête: *Namisti victi sunt, sed non cōvicti:* porq̄ os peccadores a quem cōdena, venceos Deos, mas não os convence; os peccadores a quem converte: venceos, & convenceos. E a vi-

ctoria, que convence he mais gloriosa, que a que so vence. E assim se gloria della o mesmo Deos (continua Santo Thomas) *Unde de hoc in Pf. 22; Psalm 22 gloriatur: Omnes gentes circuierunt me, quia ultus sum in eos.*

17 Estas fam as victorias, de que Deos faz gala; & desta data fam as victorias, que a Senhora alcança dos homés com o seu Rozario: não vence so pera vencer, vence pera convencer. Esta graça tam propria do Rozario da Senhora ou da Senhora do Rozario, quiz Deos mostrar ainda antes q̄ houvesse Rozario. Quando Moyfes quiz ungir por mandado de Deos a Aaram seu irmão mais velho em Sūmo Sacerdote, nam o pode levar em paciencia a ambição de algūs daquelle povo, julgando que era sem rezam, que se devolvesse o governo todo assim no temporal, como no espirital aos dous irmãos; & conforme a esta sua impaciencia amotinaram contra elles o povo, & o puzeram em armas: & que

fez Deos? mandou que se abrisse a terra, & tragasse vivos a 250 dos cabeças do motim. E deuse por convencido o povo a vista de hum tam novo castigo? Nam; antes no dia seguinte creceo tanto seu atrevimento, que se determinaraõ a apedrejar a Moyses, & a Aaram: mas custoa-lhe tam caro, que custou a vida a quatorze mil, & settecentos dos rebeldes. E bastou esta victoria pera se darem por convencidos? Ainda não. Manda Deos a Moyses, que no tabernaculo (que naquelle tempo era o templo) ponha doze varas com o nome das doze tribus; & entre ellas a de Aaraõ: & que aquelle cuja vara, na manhã do dia seguinte amanhecesse florida, esse era, o que havia de ser o Sã no Sacerdote. Assim se fez: ficaram as varas no tabernaculo aquella noite; & nella a vara de Aaram começou de repente a formar-se em olhos, a desabotoar-se em flores, a dilatar-se em folhas, & a coroar-se de frutos: não he affectação minha, he frase do

mesmo texto sagrado: *Sequenti die regressus invenit germinasse Virgam Aaron: Et turgentibus gemmis eruperant flores, qui folijs dilatatis in amygdalas deformati sunt.* Vista a maravilha deuse o povo por convencido, socegou o motim; & ficou Aaram com a posse pacifica do Pontificado. Ja vedes o reparo, & tambem a soluçãõ. Se o empenho da rebeldia do povo não tinha cedido ao temor de hum, & outro castigo: se não bastou pera o convencer ver com seus olhos abrir a terra huma grã-de boca, & tragar vivos a 250 ho nês; se não bastou ver mortos a seus pês violêntamente a quatorze mil, & settecentos de seus amigos, & companheiros; como basta huma varinha, pera os dobrar; & suas flores pera os convencer? Este he o reparo, & digo que todos vedes a soluçãõ; porque todos vedes, que a vara de Aaram foi hũa expressissima figura da Virgem Senhora nossa; & neste passo da Senhora do Rozario: Quem hade olhar pera

pera huma figura da Senhora coroadada de rozas, & de flores, que nam diga, que faz a figura da Senhora do Rozario? Pois assim estava neste cazo a vara de Aaram. E pera Deos vencer, converter, & converter a obstinação do povo rebelde, o meio que escolheu, foi a Senhora com o seu Rozario, não na realidade; porque ainda o não havia; mas na figura, ou representação, que he o que podia haver.

18 O que gloriosissimas victorias podia referir agora, que a Senhora tem alcançado dos homens com o seu Rozario! Que corações de bronze não tem dobrado! que vontades de diamante não tem domado! Que obstinação houve tam inflexivel que se não desse por vencida, & convencida aos golpes amorosos desta florescente vara! O logre em nos esta victoria vossa o vosso Rozario.

§. V.

19 Desta segunda vi-

ctoria sahe o Rozario vencedor pera vencer a terceira. E de quem? do demonio: *Exiit vincens, ut vinceret.* Na primeira vimos a Deos vencido, & coroadado: na segunda aos homés vencidos, & convencidos: nesta terceira temos ao demonio vencido, & destruido. Sentença; a que desdo principio do mundo estava condenado, quando em castigo do engano, com que derribou a nosos primeiros pays lhe disse Deos: *Inimicitias ponā inter te, & mulierem, & ipsa conteret caput tuum:* Metterei guerra entre ti, & a mulher, & ella te quebrara a cabeça: claro está, que não fallava Deos de qualquer mulher; porque nenhuma ha tam animosa, que vendo huma serpente não fuja: fallava logo da bemdita entre as mulheres; porque ella havia de fer, & ella foi, a que com victoriosa planta pizou a cabeça a Serpente infernal.

20 Daqui lhe tomou tanto medo o demonio, que presume alcançar victoria mais facilmente do filho, q da

Gen.
3. 15.

da Mãy. A presumçam he necia, mas prova bem o seu modo. Vamos ao Apocalypse, que he o Evangelho da Senhora. Apareceo no Ceo aquella prodigiosa Matrona vestida do Sol, calçada de Lua, & coroada de estrellas; & como não ha prendas relevantes, que não tenham seus contrarios, appareceo no mesmo Ceo hũ Dragam com hum danado intento. Estava esta mulher como diz o Evangelista, pera dar à luz hum filho, que tinha em suas entranhas: *In utero habens, clamabat parturiens*: & quais eram os intentos do Dragam? Notaios, que sam notaveis: intentava, devorar ao filho, tanto, que sahisse a luz: *Draco stetit ante mulierem, ut cum peperisset, filium ejus devoraret*. Ja sabeis que a mulher he a Virgem Mãy; o Filho he Christo, & o Dragam he Lucifer. Mas se Lucifer intenta tragar o filho; porque o não enveste, quando está nas entranhas da Mãy? ou porque não a comette a mãy, & devorando a Mãy tragará tambem o

Ap. 12.

Filho? Assim o queria o demonio, diz S. Maximo, mas não se atrevia. Pois atrevia-se a presumir, que podia vencer o Filho; & desesperava a sua presumção de vencer a Mãy? o Filho sem a mãy, sim: o filho com a mãy, não? Não, que tomou o demonio tal medo à Mãy; que esperando sua mal entendida presumção. vencer o Filho, da Mãy nem se atreve a presumir que sahirá vencedor: *Animabat Draconem*; diz S. Maximo, *presumere congressum partus femineus, sed deterrebat virginitas parientis*. Com o Filho atreve-se à batalha, & espera a victoria: & da Mãy como não espera a victoria, não se atreve à batalha: *Deterrebat Virginitas parientis*. E se dezejáis saber, donde vinha à Mãy huma tam admiravel virtude contra o demonio, levantai os olhos, & ponde-os em sua cabeça: & que vedes nella? *In capite ejus corona stellarum duodecim*: huma coroa de estrellas: & que significa aquella coroa, senão o Rozario da mesma Senhora?

ra? Direis, que pera aquella coroa ser Rozario havia ser tecida de rozas, & naõ de estrellas. Digo, que como a Senhora, appareceo em o Ceo: *Apparuit in Cælo*: as estrellas sam as rozas do Ceo; como as rozas sam as estrellas da terra.

21 Mas confessõ o mesmo demonio, que a victoria, que a Senhora alcança delle, he pera elle a maior ruina. Assim o confessou hũ demonio, ou quinze mil demonios por boca de hum. Trouxeram a S. Domingos, quando pregava o Rozario, a hum miseravel homẽ de quem se tinham apoderado quinze mil demonios: & entre outras couzas, que o Santo lhe perguntou, hum a dellas foi, que confessassem, & dicessem alli publicamente: Quem era no Ceo aquelle Santo, a quem elles mais temiaõ; & a quem os homẽs mais se deviaõ encomendar? Muito repugnavaõ os demonios dar resposta a esta pergunta; porque era descubrir hum segredo, de que eram grandes os da-

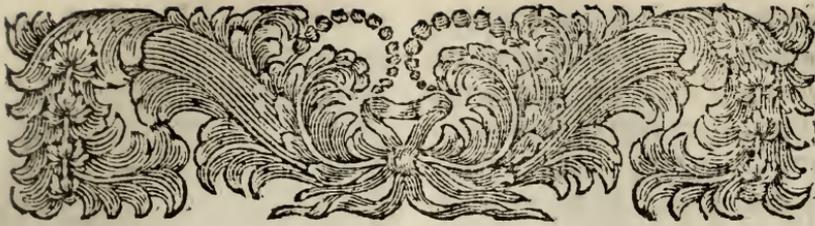
nos, que selhes seguiam: mas obrigados de virtude Superior, responderam; Que naõ tinham no Ceo nem maior, nem mais poderoso inimigo, que Maria Mãy de Deos; que os lançara de la: Miria he, dizem, a que assim como a luz desfaz as trevas, assim desvanee as trevas de nossos enganos. Maria he, a que destrue, & resolve em nada os nossos enredos, & intentos. E a naõ ser a sua protecção, o seu cuidado, & o seu poder, com que reprime nossa potencia, & desbarata os nossos ardís, ja no mundo naõ houvera Christandade, & tivèramos enganado, & pervertido aos homẽs todos. De modo que por confissam do mesmo demonio a Senhora com o seu Rozario he a que vence, a que destrue, & desbarata to do o poder do inferno. E assi vem a ser a victoria do Rozario pera o demonio ruina, pera os homẽs remedio, & pera Deos coroa. E se a mulher do Evangelho levantou a voz em louvor de Cristo pela victoria, que

alcançou do demonio, com a mefina, ou com maior rezam podemos tambem levãtar a voz; & pelas victorias, que o Rozario alcança de Deos, dos homés, & do demonio, dizer com Marcella: *Beatus venter, qui te portavit; & ubera, que suxisti.*

22 Assim o fazemos, Serenissima Senhora, & com todo o coraçam vos pedimos, que continueis estas victorias; a de Deos, peraque deponha, ou as lanças, ou

os rayos de sua indignaçam provocada tantas vezes por nossas enormes culpas: a dos homés, pera que vencidos, & convencidos da verdade deixemos enganos, com que tam cegamente se precipitaõ em sua perdiçãõ: a do demonio, peraque destruido, & desbaratado o seu poder, viva, reine, triumfe em nos a virtude, a Santidade, a graça, com que entremos victoriosos, & triumfantes na gloria, &c.





SERMAM

DA SENHORA

D O

ROZARIO

Quinimò beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud. Luc. 11.

§. I.

DUas pessoas hũa humana, outra Divina; huma da terra, outra do Ceo temos empenhadas hoje nos louvores da Virgem Senhora nossa. E que pessoas sam estas? a humana, & a da terra he Marcella; a Divina, & a do

Ceo he Christo. Levantou Marcella a voz: *Extollens vocem*, & disse fallando com Christo: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, que susxisti*: Bemaventuradas as entranhas, em que andastes; & bemaventurados os peitos, que vos criaram. A esta voz respondeo o Verbo En-

T 2. carna-

carnado: *Quinimo beati, qui audiunt Verbum Dei; & custodiunt illud.* Mas antes vos digo, que sam bemaventurados, os que ouvem a palavra de Deos, & a guardam. Nam quiz o Filho (como notam os Expositores) diminuir o louvor da Mãy; acrescentalo sim, q̄ sabe Deos multiplicar pellos mesmos de diminuir. Como a Senhora foi entre todos a que soube melhor ouvir, & guardar melhor a palavra de Deos, foi sobre todos bemaventurada.

2 Agora perguntara eu qual destas duas vezes foi mais alta? ou qual destes dois louvores foi maior? o de Marcella, ou o de Christo? E parece que o de Marcella: Porque Marcella louvou aquillo, em que a Senhora foi singular no singular; & Christo louvou aquillo, em que a Senhora foi singular no plural. Marcella louvou aquillo, em que a Senhora foi singular no singular; porque louvou aquella singularidade singularissima, com que a Senhora concebeo em suas

entranhas ao filho de Deos, ajuntando no mesmo tempo o fruto com a flor, o fruto de Mãy, com a flor de Virgem: em ser Mãy de Deos foi singular; em ser Mãy, & Virgem foi singular no singular; porque nem antes teve exemplo, nem depois terá semelhante: *Nec primã similem visa est, nec habere sequentem.* E isto foi o que disse Marcella, quando disse: *Beatus venter, qui portavit, & ubera, que suxisti.* Christo louvou aquillo, em que a Senhora foi singular no plural; porque a louvou de ouvir, & guardar a palavra de Deos; & ainda que ouvir, & guardar a palavra de Deos he comú pera muitos, porque sam muitos os que a ouvem, & guardam, foi tam singular a Senhora, que nam so entre os Santos da terra, mas entre os Serafins da gloria se singularizou sobre todos. Isto quiz Christo dizer no que disse segundo a Glosa de Santo Agostinho: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud: Mater, quam dicis*

cis felicem, non ideo felix, quia in ea Verbum caro factū est, sed quia verba Dei custodit.

3 De modo, que Marcella louvou aquillo, em que a Senhora foi singular no singular; & Christo aquillo, em que a Senhora foi singular no plural. E parece q̄ mais, & melhor vos louva, que diz que fois singular no singular, do que quem diz, que fois singular no plural. Ser singular no singular he ser Fenis; ser singular no plural he ser Aguia; & menos he ser Aguia, que ser Fenis. Maior foi logo o louvor de Marcella, que o de Christo? nam foi tal. Marcella disse bem, mas Christo disse melhor. E porque? Porque ser singular no singular he ser singular sendo so; ser singular no plural he ser singular entre muitos; ser singular sendo so, he ser singular sem batalha; ser singular entre muitos he ser singular com victoria; & ser singular, aonde ninguem vos pleitea a singularidade, não he o maior louvor, ser singular, aonde mu-

tos podem fazer opposição à singularidade, este he o maior elogio.

4 Quiz o Rey Sabio dar hum louvor grande a sua Esposa, & depois de comparar sua belleza à graça da Aurora, & à fermosura da Lua concluiu assim o encomio: *Electa ut Sol*: Escolhida como o Sol. Parecem implicatorios os termos. A eleição não pode cair no Sol: pera haver eleição, necessariamente hade haver muitos, entre os quais se escolha hū: pois se o Sol he so, se he unico, se he singular; como pode haver eleição do Sol? Do sol não; da esposa sim. Foi escolhida como o Sol; porq̄ foi singular no plural. A eleição suppunha a pluralidade; & o Sol a singularidade: a eleição suppunha a pluralidade; porque foram muitas as que faziam opposição ao amor do Rey; o Sol a singularidade; porque as suas prendas a singularizaram entre todas. Se a esposa fora so como o Sol, fora singular no singular; mas sendo entre muitas escolhida como o

Sol, era singular no plural; & pera lhe dar este maior louvor ajuntou Salamaó a pluralidade da eleição com a singularidade do Sol: *Electa ut Sol.*

5 Maior foilogo o louvor, que o Senhor deu à Senhora, quando disse, que entre os que ouvem a palavra de Deos, foi a Senhora a que mais se singularizou em sua observancia; porque foi dizer, que era singular no plural. Pois se o louvor de Marcella foi tam grande, & a sua voz tam alta; & o de Christo maior, que posso eu hoje dizer em louvor da Senhora? Querer descobrir outro louvor maior, parece temeridade. Mas se o Filho nos der licença (que sim dará) pera neste seu louvor ponderarmos algũa circumstância em gloria de sua Mãy, digo que a Senhora não só foi bemaventurada; porque ouviu, & guardou a palavra de Deos; mas porque fez outra palavra de Deos. Outra palavra de Deos? Sim. A palavra de Deos, de q̄ Christo fallava, & dizia que sam

bemaventurados os que a ouvem, & guardam, era o seu Evangelho, que actualmente estava pregando: & a Senhora não só observou com perfeiçam singularissima o Evangelho; mas fez outro Evangelho: E que Evangelho fez a Senhora? O Evangelho que fez foi o seu Rozario. Este será hoje o nosso assumpto. Nos outros dias pregamos o Evangelho do Filho; hoje pregaremos do Evangelho da Mãy; pera que seja com graça saudemola com o Anjo.

AVE MARIA.

Quinimò, &c.

§. II.

6 **H**E o Rozario o Evangelho da Virgem Senhora. Compoz o Filho o seu Evangelho, & escreveu-o, ou mandou-o escrever em folhas de papel: compoz tamzem a Mãy o seu Evangelho, & escreveu-o em folhas de roza: nas folhas de papel escreve a arte com tinta;

tinta; nas folhas da roza escreve a natureza com purpura; & foi a magestade desta cor reservada antigamente pera escreverem com ella as magestades: assim o mandou por huma ley o Emperador Leam.

7 O que Job dezejava fizesse o Filho de Deos, fez a Mãy de Deos. Entre a paciencia de suas dores explicou Job os seus dezejos, & disse: *Quis mihi tribuat, ut librum scribat ipse, qui iudicat...* & *circundem illum quasi coronam mihi.* O' quem me dera, que escrevera hum livro aquelle mesmo, que me julga, & eu me formara delle huma coroa. Quem he este, que julga, senão o Filho de Deos, & da Virgem, a quem o Pay tem comettido o officio de julgar: *Pater omne iudicium dedit Filio.* E que livro he este, que havia de escrever o Filho, senão o Evangelho. mas que Evangelho? Parece que nam pode ser o do Filho; porque o Evangelho que Job dezejava ver escrito havia de ser tambem coroa: *Et circumdem*

illum quasi coronam mihi. E Evangelho que juntamente he coroa, ou coroa que tambem he Evangelho, nam o compoz o Juiz; mas a Mãy do Juiz; nam Christo; mas a Mãy de Christo. Não costumais chamar tambem coroa ao Rozario da Senhora: foi logo a Senhora do Rozario, a que compoz o Evangelho, de que Job dezejava fazer coroa: *Et circumdem illum quasi coronam mihi.*

8 Mas parece que imos suppondo o que haviamos de provar: imos suppondo que o Rozario he Evangelho; & isto mesmo he o que dezejais ver provado: porq̃ o Rozario não pode ser Evangelho. He de fê, que os Evangelhos não sam mais q̃ quatro; como tambem não sam mais que quatro os Evangelistas: o Evangelho de S. Mattheus, o Evangelho de S. Marcos; o Evangelho de S. Lucas; & o Evangelho de S. Joam; assim o define como artigo de fê o Concilio Tridentino. Nam pode logo o Rozario ser Evangelho. Antes nam pode ser outra cou-

za. Vede o nome, vede a materia, vede o fim, vede os effectos do Rozario; & senão achardes, que sam os mesmos, que os do Evangelho, eu me desdigo.

9 Falla S. Jeronymo dos quatro Evangelhos; & diz que sam quatro hum, ou hum quatro: *Ista quatuor unum sunt, & unum quatuor*: pois se os Evangelhos sam quatro, como he hum? ou se he hum, como sam quatro? Temos algum mysterio mayor ainda que o da Trindade? No mysterio da Trindade sam tres hum; & he hum tres: tres Pessoas, & hum Deos; hum Deos, & tres Pessoas: mas ca sam quatro hú; & hum quatro: quatro Evāgelhos hum Evangelho: *Ista quatuor unum sunt*; hum Evangelho quatro Evangelhos: *& unum quatuor*. Assim sam, & porque sam assim; porque todos tem o mesmo nome, todos a mesma materia, todos o mesmo fim, todos os mesmos effectos; & co no todos se unem, & adunão entudo isto, sendo quatro sam hum; & sendo hum

he quatro.

10 Admiravelmēte debuxou Deos este mysterio na primeira visam, que teve o Profeta Ezequiel. Vio elle aquelles quatro Querubins no disfarce de quatro animais, que tiravaõ pella carroça da gloria de Deos; & era notavel a sua composiçãõ; porque cada hum tinha quatro rostros: *Quatuor facies uni*; rosto de homẽ, rosto de Leam, rosto de novillo, rosto de aguia. Tornou a ver o Profeta no cap. 10. estes quatro animais, & diz assim: *Ipsum est animal, quod vidi juxta fluvium Chobar*. Este he o mesmo animal, que eu tinha visto jũto ao rio Chobar. Nam vos parece, que se implica o Profeta? O que vio o Profeta junto ao rio Chobar eram quatro Querubins nam huma, mas quatro vezes o affirma o mesmo Ezequiel naquelle primeiro capitulo. Pois se eram quatro: *Similitudo quatuor animalium*: como diz agora, que era hum: *Ipsum est animal?* Porque assim era, como o vio, & como diz o Profeta:
eram,

eram quatro hum; & era hũ quatro. E isto como pode ser? Ora vede como. Era homẽ, era leam, era novillo, era aguia: mas o homẽ naõ era so homẽ; o leam naõ era so leam: o novillo naõ era so novillo; & a aguia naõ era so aguia, o homẽ naõ era so homẽ; porque era homẽ, era leam, era novillo, & era aguia: o leam naõ era so leaõ; porque era leaõ, era novillo era aguia, & era homẽ: o novillo naõ era so novillo; porque era novillo, era aguia, era homẽ, & era leam; a aguia naõ era so aguia; porque era aguia, era homẽ, era leam, & era novillo. De modo, que o mesmo que tinhaõ os quatro tinha hum; & o q̃ tinha hum, tinham os quatro: Logo eram quatro hum, & hum quatro. Mas que significavam estes quatro Querubins disfarçados. Aqui está o mysterio. Significavam, ou os quatro Evangelistas, ou os quatro Evangelhos, dizem comumente os Santos Padres. & Expositores Sagrados. O Homẽ o Evangelho de S. Mattheus;

o Leam o de S. Marcos; o Novillo o de S. Lucas, a Aguia o de S. Joam: O homẽ o de S. Mattheus; porque começa pella geração humana de Christo: o Leam o de S. Marcos; porque começa pellos braços do grande Baptista no deserto: o Novillo o de S. Lucas; porque principia pello Sacrificio, que Zacharias offerrecia a Deos em o templo: a Aguia o de S. Joam; porque logo no primeiro voo se remonta ao principio sem principio da Divindade de Christo. *In principio erat Verbum.* Ou por outro modo. O homem significa a humanidade, que Christo vestio nas entranhas purissimas de Maria. O Leão significa a fortaleza, q̃ Christo mostrou na victoria, que alcançou da morte resuscitando gloriosamente; o Novillo o Sacrificio, que na Cruz offerreceo de si ao Eterno Pay pellos peccados do mundo. A Aguia seu Divino ser, & sua admiravel ascensam. Agora pergunto. E porque o Evangelho de S. Mattheus trata da humani-

dade

dade Sagrada como homé, deixa de tratar como Leam da resurreiçam, como Novilhinho da morte, & como Aguia da Ascensam? Não deixa. O Evangelho de S. Marcos porque trata como Leam da Resurreiçam, deixa de tratar como Novilhinho da morte, como Aguia da Ascensam, & como homé da humanidade de Christo? Não deixa. Porque o Evangelho de S. Lucas trata como novilhinho da morte, deixa de tratar como Aguia da Ascensam, como homem da humanidade, & como Leam da resurreiçam? Não deixa. Porque o Evangelho de S. Joam trata como Aguia da Ascensam; deixa de tratar como homé da humanidade, como Leam da resurreiçam, & como novilhinho da morte? Não deixa. De maneira, que hum Evágelho trata, o que tratam os quatro: & os quatro o que trata hum Evágelho: & assim vem a ser hum quatro, & quatro hum: *Ista quatuor unum sunt, & unum quatuor.* Logo se o Rozario da Senhora tiver o mesmo, isto

he, se tiver o mesmo nome, a mesma materia, o mesmo fim, & os mesmos effeitos, será Evangelho, & senão for do Senhor, será da Senhora; senão foi do Filho, será da Mãe. Ora vejamos cada huma destas partes.

§. III.

II E começando pello nome, ja vejo, q̄ estais vendo, que o nome de Rozario, & o nome de Evangelho nada se parece hum com o outro: assim he se attendeis ao fom material; mas se attendeis ao formal, não he assim. E qual he o formal? he a significação. Que significa Evangelho? Evangelho no rigor de sua significação quer dizer: *Bonum nuncium*: boa nova. Assim o dizem os Expositores todos; nem era necessario, que elles o dissessem; porque a mesma palavra Grega: *Evangelion*, isso quer dizer. Logo se o Rozario tiver a mesma significação, se significar: boa nova, quadrarlhe ha o nome de Evangelho. E quem hade

dar

dar esta significação ao Rozario? Os Lexicos, ou os Calépinos? Nam; senam o author dos mesmos Evangelhos. Falla Christo figurado no Esposo dos Cantares de Salamaõ; & diz assim a sua Esposa a Igreja Catholica: *Surge, propera amica mea, & veni.* Boa nova, Esposa minha; alegraivos, daivos pressa, & vinde; porque passaram ja as malencolias do inverno; ja acabaram os rigores de suas neves; ja acalmaram as inclemencias de suas tempestades: *Jamenim hyems transit, imber abiit, & recessit.* Quer dizer, diz Origenes, Theodoro, S. Gregorio, & outros: Ja o inverno da ley de Moyses tem passado, ja tem dado fim os rigores da ley escrita: ja vem apontando a primavera da ley Evangelica; ja começam a soprar os favonios mais brandos da ley da graça. E em que funda o Esposo esta boa nova? *Flores apparuerunt in terra nostra.* Appareceram na nossa terra as flores. Mas que flores? O Esposo nam diz, quais sam: nem

os Expositores as determinam; nem eu ha poucos dias o pudera determinar, senam lera no Author do grande Theatro da vida humana; que os antigos pera pintarem a primavera, pintavaõ a huma Roza: *Rosa apud veteres veris symbolum erat.* Era a Roza o hieroglifico da primavera; logo as flores de que falla o Esposo, sam as rozas; porque cõ ellas quiz significar que era chegada a primavera do Evangelho, & tinha espirado o inverno da ley escrita. Fazei agora o argumento. A primavera significa o Evangelho; a Roza significa a primavera: logo a Roza significa o Evangelho: conforme aquelle axioma dos Filozofos: aquillo que he final do final; he final do seu significado. E assim se attendais naõ ao som das syllabas, mas ao significado das mesmas syllabas, o Rozario he Evangelho; & o Evangelho Rozario.

12 A natureza dá ao mundo a boa nova da primavera com a Rainha das flores; & a Rainha dos An-

jos da aos homês a boa nova do Evangelho com as rozas do seu Rozario. Agora entendereis a rezam; porque de quarenta & cinco livros, que compõe o Testamento Velho, a nenhũ se dão titulo de Evangelho, & de vinte & hum, de que consta o Testamento Novo, os primeiros quatro sã Evangelhos: Pois em quarenta & cinco nem hum so Evangelho; em vinte & hum quatro Evangelhos? Si n. Nam vedes, que era tempo de inverno aquelle tempo, em que ainda nam defabotoavaõ sua fermosura as rozas; por isso não havia entam hum Evangelho; nam se dava huma boa nova: Lede os Profetas; & que achareis nelles. Ameaços de castigos, de ruinas, de assolagoes, de cattiveiros. Mistanto que sobre a terra começaram a apparecer as rozas: *Flores apparuerunt in terra nostra*; multiplicaraõse na terra os Evangelhos; porque foram muitas as boas novas, que alegraram a terra: Na ley antiga brotaram os espinhos; & na da graça as rozas.

13 Mas se os antigos em huma so roza davaõ a boa nova da primavera, porque a Virgem Senhora não com huma so roza, mas com cento, & cincoenta rozas (que tantas sã as do seu Rozario) da aos homês a boa nova do Evangelho? porque he a Mãe de Deos, como Deos. Deos pera dar huma boa nova multiplica os nuncios; manda muitos; & pera dar huma nova mã diminueos, manda hum só. Pera Deos mandar aos pastores de Belem a nova do Nacimêto do Salvador, não mandou hum so Anjo, mandou hum exercito de Anjos: *Facta est cum Angelo multitudo militiae caelestis exercitus*: pera avizar, a Elrey Ezequias do perigo da vida, em que estava, mandou Deos hum so Profeta Isaias. Pois pera dar hum avizo a hum Rey manda Deos hum so Profeta; & pera fazer avizo a huns pastores manda hum Anjo, & muitos Anjos? Sim; porque ao Rey mandava Deos huma nova mã; & aos

pasto-

pastores mandava huma boa nova: *Evangelizo vobis gaudium magnum*: ao Rey mandava huma nova má; porq̃ o mandava avizar pera morrer: *Dispone domui tuae, quia morieris*: aos pastores mandava huma boa nova; porq̃ os mandava avizar, que era ja nacido o Salvador: *Natus est vobis hodie salvator*: E pera dar huma boa nova mandarâ Deos os nuncios a milhares; mas pera dar huma nova má, efcaçamente mandarâ hum.

14 Mas por isso he Deos, que a fer homé trocara as maõs; pera vos dar o avizo de huma má nova, ferveriam os correios; & pera vos dar huma nova boa, hum fo julgaria, que sobejava. Naquelle dia em que Joab dava a batalha contra Absalaõ, estava David às portas da Cidade esperando as novas do successo, quando huma centinella, que estava sobre o muro das mesmas portas vigiando o campo, descubrio hum homé, que vinha correndo pera a Cidade; & a vozes disse a David o que

via: *Vidit hominem currentem solum, & exclamans in-2.Reg: 18.25; dicavit regi*. Respondeo o Rey: & que respondeo? Ora notai, que he muito pera notar: *Si solus est, bonus est nuncius in ore ejus*. Se vem hum fo, traz boa nova. Ha mais notavel illaçãõ: He hum fo, logo he boa a nova: logo se foram muitos, a nova feria má! assim he; mas porque he assim? Porque era nova mãdada pellos homés: & os homés se vos mandam huma boa nova, naõ se cansam em a mandar por muitos; & se he má, sam muitos os nuncios por quem a mandam: por isso David inferio, que a nova era boa, se era hum fo o que a trazia: *Si solus est, bonus est nuncius in ore ejus*. Esta he a condiçãõ dos homés, mas naõ he esta a condiçãõ de Deos nem da Máy de Deos: multiplica as Rozas do seu Rozario pera vos dar em cada Roza huma boa nova da primavera do Evangelho; ou hum Evangelho no seu Rozario.

(:?:)

§. IV.

15 Que tambem não deixa de ser Evangelho pela materia. Senam pergunto, qual he a materia do Evangelho? Todos sabem, que são os mysterios da vida de Christo. He necessário provallo? claro esta, que não; aonde a vista pode fazer fê. Ledco, & está provado. E qual he a materia do Rozario? Os mesmos mysterios. Os que sabeis rezar o Rozario. (digo os que o sabeis rezar, porque nem todos os que o rezam, o sabem rezar) sabeis, que a Virgem Senhora repartio o seu Rozario em tres terços; & cada terço em cinco mysterios: os primeiros herão de gozo; os outros cinco de dor; & os ultimos cinco de gloria.

16 E que mysterios são estes? O primeiro de gozo he a Encarnação, quando o Divino Verbo, sahido sem sahir do seyo do Pay, entrou a ser homem nas entranhas purissimas da Virgem Mãe. O segundo a Visitação a Santa Izabel, quando a mesma

Senhora, como Ceo animado do novo Sol subio as montanhas de Judea coroando de luz os montes, & de felicidades a casa de Zacharias. O terceiro; o Nascimento, quando o Divino Sol humanado sahio a meya noite sem romper a alva a matizar de resplandores os horizontes de Belem. O quarto a Apresentação, que no Templo fez a Deos do bendito fruto do seu ventre a bendita entre as mulheres. O quinto Quando a Senhora tendo perdido havia tres dias o Menino, & as meninas de seus olhos, o achou no Templo entre os Doutores. E podeis negar, que he tudo isto Evangelho? Passemos aos mysterios Dolorosos. Não he o primeiro a Oraçã do horto, mysterio de tanta dor, que abrindo os poros ao Sol Divino o fez chover sangue sobre a terra. O segundo não he o dos agoutes; aonde ficou suspenso a admiraçã entre a paciencia de Deos, & a inhumanidade dos homẽs? Não he o terceiro a coroaçã de Espinhos;

pinhos; barbaro diadema da mais soberana cabeça? O quarto não he da Cruz aos hombros; em que o Principe das Eternidades do instrumento do supplicio fez cetro de seu imperio? Não he o quinto o mysterio do Calvario, em que o fructo da Vida foi sublimado na arvore da morte pera com sua morte dar vida aos mortais? E he outra couza o que nos diz o Evangelho? Fazei passo da dor à gloria. O primeiro mysterio gloriozo he a resurreiçãõ de Christo; em que passados a penas os tres dias da sepultura revestido de immortal gloria renaceo pera nunca mais sentir occazo o Sol Divino. O segundo he a Ascensãõ do mesmo Senhor, quando subio triumphante ao Capitolio do Empyreo fechando o circulo a sua carreira. O terceiro he a vinda do Espirito Santo; quando todo amor, porque fogo todo deceo visivelmente à terra. O quarto he a Assumpçãõ da gloriosissima Senhora, quando aquelle pe daço de terra, ou de ouro

de seu Virginal corpo subtilizado a rayos do Sol foi levado ao Ceo dos Ceos. O quarto he a Coroaçãõ da mesma Senhora, em que entre os vivos, & applausos de toda a Corte do Empyreo recebeo da mãõ da Santissima Trindade a Coroa Imperial de todo o Criado.

17 Esta he a materia do Rozario; dizeime agora se não he esta, a de que trata o Evangelho? Assim enfiou a Senhora no seu Rozario os mysterios todos da vida de Christo pera fazer de todos elles o seu Evangelho. So parece que os mais advirtidos reparastes, que ainda falta neste Rozario hum extremo, & neste Evangelho hum mysterio. Mas que mysterio, & q̃ extremo pode ser este? Sabeis qual he? he o juizo final. Vede se he extremo; pois he final; & se he mysterio; pois he tam secreto, que ningua o sabe; & sobre tudo de grande gloria pera Christo. *Pater omne judicium dedit Filio, ut omnes honorificent Filium, sicut honorificant Patrem.* Quiz o Pay dar ao Filho

Filho huma prerogativa, pera que todos os homés, & Anjos tivessem ao Filho o mesmo respeito, & lhe dessem a mesma honra, que dam ao Pay; & que lhe deu pera este fim? a Divindade? nam: a Omnipotencia, a Immenfidade, a Sabedoria, a Santidade, ou algum de seus infinitos attributos? Nam. Pois que lhe deu? Deulhe a vara de juiz: *Omne judicium dedit Filio*. He incrível o respeito, que se tem a estas varinhas, ou ellas querem, que se lhes tenha: Christo tam Omnipotente, tam Imenso, tam Sabio, tam Santo, tam Deos he como o Pay; mas parece que nam basta tudo isto, pera ser tam honrado como o Pay: deulhe o Pay a vara, & o officio de juiz: *Omne judiciũ dedit Filio*: eis logo todos baqueados aos pés do Filho: *Ut omnes honorificent Filiũ, sicut honorificant Patrem*.

Pois se o Juizo final he de tanta gloria pera o Filho; & no Evangelho do Filho se retrata tantas vezes este mysterio; porque não trata del-

le a Mãy no seu Evangelho? Trata da Encarnação, trata do Nascimento, trata da Resurreiçam, trata da Ascensam do mesmo Filho; & so da Vinda a julgar os vivos, & os mortos nam trata? Imperfeito parece que fica o vosso Rozario, Minha Senhora, sem este extremo; & menos adequado o vosso Evangelho sem este mysterio? Antes o Rozario com este extremo nam seria Rozario da Virgem; nem o Evangelho com este mysterio seria Evangelho da Mãy. Nam: seria Rozario, nem Evangelho? E porque? Ainda não dais na rezam? Nam sabeis, que o dia do juizo he dia de rigor, de espanto, & de castigo? em fim he dia de justiça sem misericordia; & a Mãy de Misericordia sem justiça havia de escandalizar as suas rozas com estes espinhos; havia de fazer horrroso o seu Evangelho com estes temores? Por nenhum cazo. Trate embora o Evangelho do Filho os rigores do juizo; mas não trate delles o Evangelho da Mãy:

Mây: o Evangelho do Filho, fim; porque he olivro; por onde hade absolver a huns, & condenar a outros: o Evangelho da Mây, nam; porque por elle se hade absolver a muitos; & condenar a nenhum. Tam longe está de ficar imperfeito o Rozario sem este extremo; & sem este mysterio o Evangelho da Senhora, que esta mesma falta he o seu esmalre; & esta carencia a sua perfeiçam.

§. V.

18 Vamos ao fim que teve a Virgem Senhora pera compor o seu Rozario; & veremos, que tambem nesta parte he Evangelho. Qual he o fim do Evangelho? O fim do Evangelho foi a renovação, ou reformação do mundo: por isso, & pera isso o mandou Christo pregar ao mundo todo: *Euntes in mundum*

Marc. 16. 15. *um universum predicare Evangelium omni creaturæ.* E qual foi o fim do Rozario? isto nos dirá a mesma Senhora:

19 Estava o Patriarcha

S. Domingos em Roma na Igreja de S. Pedro; & estava em oração, quando vio em hum trono de grande, mas tremenda magestade a Christo Supremo Juiz, que trazia na mão nam humas, mastres lanças acesas no fogo de sua justissima indignaçam pera abraçar o mundo com hum incendio de fogo; como antigamente o tinha affogado em hum diluvio de agoa. A sentença ja estava dada, o fogo aceso, as lanças na mão; & proxima a execução do castigo. Suspendei, Senhor, suspendei tanto rigor: como trocáis por tres lanças os tres cravos, có que na Cruz estivestes pregado por amor dos homés? Mas ah que os mesmos homés no fogo de suas culpas dos cravos fizeram lanças pera seu castigo! não tem remedio. Morra hum fogo à violencia de outro fogo. Neste cazo tam desesperado quem podia valer ao mundo? quem se atreveria a tirar das mãos Omnipotentes de Christo aquellas armas de sua justiça? Ja sabeis, que

guem, senão a Virgem Maria, que como Mãy não só podia pedir; mas também podia mandar ao Filho, que suspendesse o golpe. Assim o fez a Mãy de Misericórdia, & Advogada de peccadores. Apareceu logo no mesmo trono, & prostrada aos pés do Filho, lhe disse: que bem conhecia, quam justa era sua indignação, pois tam provocada estava pelos enormissimos peccados do mundo: mas que ella tomava por sua conta a emenda, & a reformação do mesmo mundo: porque ella introduziria no mundo huma devaçam tam singular, como sua, & que a mandaria pregar por aquelle seu servo, que alli estava presente apontando pera S. Domingos; & que esta seria o seu Rozario. Disse a Mãy; & o Filho aplacou a ira, & depoz as lãngas. Este he o cazo sempre grande, sempre admiravel, sempre novo ainda que repetido. Eu por agora to reparo no meyo, & no instrumento q a Senhora tomou

pera emendar, & reformar ao mundo: o meyo foi o Rozario, & o instrumento S. Domingos. Pera Christo emmendar, & reformar ao mundo, mandou a doze Apostolos, que pregassem o seu Evangelho: *Euntes in mundum universum predicate Evangelium.* & pera a Senhora emmendar, & reformar ao mesmo mundo manda hum so Apostolo, que pregue o seu Rozario? Hum homé com hum Rozario hade fazer, o que fizeram doze homés com o Evangelho? Sim; porque o Rozario he o Evangelho da Senhora; & quiz o Filho, que o Evangelho de sua Mãy tivesse ou igual, ou maior efficacia, que o seu Evangelho.

21 Quando Moyfes quiz por mandado de Deos ungir em Sũmo Sacerdote a Aaraõ seu irmaõ mais velho, amotinõuse contra elles o povo levando mal, que os dous braços Ecclesiastico, & secular estivessem nos dous irmaõs, porque julgavam, q a Moyfes pera fazer aquella eleição

ção o não movia o zelo, & a justiça, mas a afeição, & o sangue. Tomou Deos pe-zadamente a femrezam do motim: abrio se a terra, & tragou vivos a 250; & bastou isto pera aquietar, & emendar aquelle povo? Não. No dia seguinte foi maior o atrevimento; porque estive-ram pera apedrejar a Moy-ses, & a Aaram: Repetio Deos o castigo abrazando a quatorze mil, & setecentos dos amotinados; & se Aaraõ senam metter a de por meio entre Deos, & o povo, arde-ram todos. E emendouse o o povo? Ainda nam: & foi necessario, que Deos manda-se, no tabernaculo, que entam servia de templo, por as varas dos doze tribus, & que aquella, que na menhá seguinte se achasse floreci-da, declararia quem era, & devia ser o Sũmo Sacerdote:

Nũm. *Quem ex his elegero, germi-*
nabit virgae ius. Na menhá do dia seguinte se achou com folhas, flores, & frutos a vara de Aaram. A vista desta maravilha, se emendou, se reformou, & se aquietou o

povo. Mas eu ainda me nam aquieto: E pergunto: Aonde estava a vara de Moyfes; era necessaria outra vara? A de Moyfes nam era a Omnipotente, a milagrosa, a obra-dora de tantos prodigios? Pois neste cazo porque se nam fia à Vara de Moyfes o milagre pera emendar, & re-formar aquelle povo? Senão à Vara de Aaram? Vede o q̄ representavaõ aquellas va-ras, & vereis a rezam da dif-ferença. Moyfes foi figura de Christo; & a sua vara re-presentava a doutrina, ou o Evangelho do mesmo Chri-sto, como diz Lyran: com Santo Agostinho. A Vara de Aaram foi figura da Virgem Senhora, como dizem, & sa-bem todos: & as flores da mesma vara, que podem si-gnificar senam as rozas do seu Evangelho, ou do seu Rozario? Por isso quiz De-os nesta occasiaõ, que o mi-lagre o não fizesse a vara de Moyfes; mas a vara de Aaram; ou as flores desta vara; porque pera reformar, & emendar aos homẽs concede Deos maior efficacia ao E-

Lyran: in illud Exodi: Devot: ravit virga Aaron virgas eorum,

vangelho da Mãy, que ao Evangelho do Filho. E assim bastando escadamente doze homês pera reformar ao mundo com o Evangelho do Filho; basta o Evangelho da Mãy na mão de hum homê pera reformar o mesmo mundo.

22 E a rezam deve fer; porque o Evangelho do Filho manda, aos que se querem reformar, que tomem a Cruz: *Tollat crucem suam;* & o Evangelho da Mãy manda, que peguem das rozas. E que faça a Mãy com huma roza, o que faz o Filho com a Cruz! Ora daine licença pera baptizar, & fazer Christãs a duas fabulas gentias. Quando Ulysses houve de navegar o mar de Sicilia, pera que encantado do doce canto das Sereas, nam padecesse aquelle naufragio tanto mais cruel, quanto mais suave, dizem que se mandara atar ao pê do masto. Esta foi a industria, que uzou pera declinar aquelles encantos. No mesmo tempo floreceo Aquilles aquelle valeroso Capitam dos Gre-

gos; & havendo de passar por hum lugar infestado tambem de encantos, & encantadoras, de que se valeo pera illudir suas forças? Deulhe Helena aquella celebrada fermosura huma roza; & com ella passou seguro, & zombou dos encantos. Estas as fabulas; mas quem não ve representada nestas fabulas a nossa verdade? Quem sam as Sereas, & as encantadoras, senam as paixoês, & os vicios, que nos fazem perder o juizo: Pois que remedio pera não seguir, & vencer estes encantos? O Filho manda, que como Ulysses, nos abracemos, & atemos com o masto, isto he com sua Cruz: *Tollat Crucem suam;* & a Mãy, como Helena a Aquilles, que nos valhamos da sua Roza, ou do seu Rozario. Julgai agora se pera emendar vicios, & reformar costumes tem tanta ou mais efficacia o Rozario da Mãy, que o Evangelho do Filho, & se o Rozario tem o mesmo fim, que o Evangelho; porque não será Evangelho o Rozario?

§. VI.

23. E quando nada do que ategora temos ditto, bastasse pera provar, que o Rozario he Evangelho, vista a sua virtude, & os seus effeitos, será injustiça não lhe conceder este titulo. Naquelle grande panegyrico, que Christo fez do grande Baptista, disse entre outras estas notaveis palavras: *Ipsè est Elias, qui venturus est.* Elle he Elias, que hade vir. Como podia o Baptista ser Elias? Se no tempo, & na pessoa havia tam grande differença? no tempo; porque Elias havia mais de setecentos annos, que tinha vindo; & se ainda hade vir, será la pera o dia do juízo: na pessoa; porque o Baptista era da tribu Sacerdotal de Levi, Elias não. Elias era natural de Thebes em Galaad; o Baptista de Judea. Pois se no tempo, & na pessoa havia tam grande distancia, como diz a Summa Verdade, que o Baptista era Elias, *Ipsè est Elias?* A rezam tinha ja dado o Anjo, que veyo annunci-

ar o seu nascimento: *Ipsè præcedet ante illum in spiritu, & virtute Eliæ.* Irá o Baptista, diz o Anjo, diante de Christo, com o espirito, & a virtude de Elias. Terá o espirito, & as obras de Elias; pois he Elias: *Ipsè est Elias.* Negar o nome de Elias, a quem tem a virtude, & os effeitos de Elias, será ser hereje da rezam: As obras vos dam o nome. E se o Rozario da Senhora tiver a virtude, & os effeitos de Evangelho, será manifesta violencia negar-lhe o nome de Evangelho.

24. Ja dissemos que o fim do Evangelho, & do Rozario foi a reformaçam do mundo: & conseguiu o Rozario este fim? teve no mundo estes effeitos? Pera responder a esta pergunta, não me havieis de ouvir a mim, havieis de ler esse numero innumeravel de livros, que tem por assumpto esta materia. Mas ouçamos a mesma Senhora. Apareceo a Grande Emperatriz de Ceo, & terra ao Beato Alano da Ordem dos Pregadores, a qué queria mandar por novo

Apostolo do seu Evangelho pera accender sua devação; que ja tinha resfriado; trazia ao pescoço hum collar, no qual as joyas preciosissimas, & o numero dellas formavao hum Rozario de inestimavel valor; & lhe disse, que quando seu servo Domingos sahira por mandado seu a pregar o seu Rozario, foi tal a reforma, que se seguiu em Italia, em França, em Hespanha, & em outras partes, que os homêes da terra pareciam Anjos do Ceo: os herejes se convertiam a milhares: os peccadores se confessavam com publica detestaçam de suas culpas: as mocidades desenganadas se retiravam aos claustros das religioês: desprezavao se as riquezas, as honras, as galas, os gostos, os passatempos; & so se fazia cazo, do que he bem, que so se faça, que he a Salvação Eterna. Estes foram alguns effeitos do Rozario, que a Senhora com breves palavras refirio ao Beato Alano. E porque o Evangelho do Filho alem da reforma fez tambem grã-

des milagres, faltaram por ventura estes ao Evangelho da Mãy? Naõ; naõ faltaraõ. Antes foram tantos, & tam prodigiosos, que venceram os do Evangelho do Filho. Lede as historias Ecclesiasticas, & achareis, que sam mais de sincoenta, os que da morte tornaram à vida por virtude do Rozario: & o que excede toda a admiração, sam quasi outros tantos, os que estando ja condenados ao inferno por morrerem em peccado, por virtude do Evangelho da Mãy lhes concedeo o Filho espaço de penitencia, & se salvaraõ.

25 Isto naõ concedeo o Filho ao seu proprio Evangelho, ainda que elle fosse o pregador. Diz S. Pedro, q̄ apartada pella morte a alma de Christo de seu Sagrado corpo fizera huma missam ao inferno, & que alli pregara aos condenados: *In quo, i. Pet. & his, qui in carcere erant 3. 19. spiritibus veniens prædicavit.* E como o que Christo pregava, tudo era Evangelho, pergunto, teve este Evangelho virtude pera livrar do

do inferno a algum condenado? Nam: Os que la esta-
vaõ, la ficaram. Pois se o Fi-
lho não concede esta vir-
tude ao seu Evangelho; por-
que a concede ao Rozario?
não livra o Evangelho do
Filho a hum condenado; &
o Rozario livra a tantos cõ-
denados ja ao inferno? Sim
q̃ o Rozario he o Evágelho
da Mãy: & quer o Filho, que
o Evangelho da Mãy obre
maiores maravilhas, que o
seu proprio Evangelho.

§. VII.

26. Não sam, Senhores;
estes effeitos, ainda que tan-
to pera admirar, os que a
mim me admirãõ mais. O
que me cauza maior admira-
ção he, que não cauze hoje
estes mesmos effeitos o E-
vangelho da Senhora. Tan-
tos devotos, & tantas devo-
tas do Rozario, & nos co-
stumes nenhuma reforma-
ção: o Rozario nas mãos, &
no coração o demonio! Per-
deo a virtude o Rozario?
Não; pois porque não tem
os mesmos effeitos esta vir-

tude agora, que tinha anti-
gamente? Mais tempo pedia
a resposta desta pergunta.
Mas brevemente digo, que
succede ao Evangelho da
Mãy, o que o Filho diz suc-
cede ao seu Evangelho. Cõ-
parou Christo o seu Evan-
gelho ao graõ, que lança à
terra o lavrador. Hum cahe
sobre espinhas, & apertado
das espinhas, affogase; ou-
tro cahe sobre pedras; &
porque não tem, onde lan-
çar raiz, secafe; outro cahe
no caminho, & como sam
muitos, os que passam; pi-
zamno: outro finalmente ca-
he em boa terra; & nesta na-
ce, crece, fructifica, & enche
os selleiros do lavrador. Nes-
tas quatro differenças de
terra significou Christo 4.
differenças de coraçãoes. A-
gora digo assim: Se vos quã-
do rezais o Rozario, tendes
o coração occupado das es-
pinhas do odio, da enveja,
& de outras paixões mais pi-
cantes, que effeito hade fa-
zer em vosso coração o Evã-
gelho da Senhora; affogar-
seham as rozas entre tantas
espinhas! Se vos quando re-

zais o Rozario, o rezais có hũ coração tão dũro, tão obstinado, tam empedernido nas culpas de toda a vida, q̃ fruto hade fazer neste coração o Evangelho da Senhora? Secarfehaõ suas rozas em tanta dureza. Se vos quãdo rezais o Rozario, o rezais com hum coração tam distrahido, tam aberto, & patente a tantos, & tam varios pensamentos, que so do que rezais, os naõ tendes, q̃ effeito hade fazer o Evangelho da Senhora? Pisadas ficaram as suas rozas, perdida a virtude, & a efficacia. Arrancai essas espinhas, abrandai essas pedras, fechai esse coração às distrações, & vagos pensamentos: & eu vos fico, que experimenteis a emenda, & a reforma, que a Virgem Senhora pertendeo na instituição do seu Evangelho: quão o q̃ rezais o

27 Temos provado, q̃ o Rozario da Senhora tem os mesmos effeitos, o mesmo fim, a mesma materia, & o mesmo nome, que o Evangelho: bem se segue logo, q̃ o Rozario he o Evangelho da Senhora. E que se a Senhora foi sobre todos bemaventurada; porque sobre todos soube ouvir, & guardar o Evangelho do Filho; *Beati, qui audiunt Verbum Dei, & custodiunt illud:* he novamente bemaventurada por fazer, & compor outro Evangelho. Pois que diremos por fim do Evangelho da Mãy? o que costumamos dizer no fim do Evangelho do Filho. Acabado o Evangelho do Filho dizemos: *Laus tibi, Christe:* & acabado o Evangelho da Mãy, digamos tambem: *Laus tibi, Mater Christi:* seja có sua graça, penhor da gloria, &c.



SERMAM DA ASSUMPSAM DA SENHORA

*Intravit JESUS in quoddam castellum; & mulier quaedam
Martha nomine excepit illum in domum suam. Luc. 10.*

§. I.

SE em alguma
occaziam tem
cauza os Ora-
dores Evange-
licos pera encarecer a diffi-
culdade, & difficultar a dif-
fonancia, que fazão que pa-
rece o Evangelho da festa
com o mysterio do dia, he
esta sem duvida a maior. So-
lenizamos hoje aquelle dia
por todos os titulos glorio-

ssimo, em que a Augustissi-
ma Rainha do Universo im-
mortalmente resuscitada su-
bio em corpo, & alma a se
coroar dos resplandores da
gloria; & a coroar a gloria
com os resplandores de sua
immortal belleza. E sendo
este o mysterio do dia; nam
parece que se pode compor
com este mysterio o Evan-
gelho da festa.

2 O Evangelho da festa no sentido literal: fala de huma entrada, que o Redemptor do mundo caminhando pera Jerusaleem fizera em hũ castello: *Intravit JESUS in quoddam castellum: & da cortesia, & amor, com que hũa Senhora chamada Martha o hospedara em sua casa: Mulier quaedam Martha nomine excepit illum in domum suam.* No sentido allegorico, dizem os Expositores, fala o Evangelho da entrada, que o Filho de Deos fez nas entranhas maternas, quando do sangue purissimo da Virgem Senhora cortou a purpura, que vestio em sua Encarnaçam.

3 Sem mais ponderação se deixa ver a pouca harmonia, que mostram fazer entre si o mysterio do dia, & o Evangelho da festa. O mysterio applaude a subida, q̃ a Senhora fez da terra ao Ceo: o Evangelho reprezenta a decida, que o Senhor fez do Ceo à terra: o mysterio solenniza o triumpho, com q̃ a Mãy entrou gloriozamente no Empyreo: o Evange-

lho allegoriza o silencio, cõ que o Filho entrou sem ruido algum neste mundo. Em huma palavra: O mysterio he a gloria da Assumpção da Mãy: o Evangelho he huma allegoria da Encarnação do Filho. Se preparamos aos 25. de Março, fora facil compor o Evangelho com a festa; mas aos 15. de Agosto? Temos hoje outra Encarnação do Filho; ou outra Maternidade da Mãy? Outra Encarnação do Filho, naõ: outra Maternidade da Mãy, sim. Digo, que hoje no dia de sua Assumpção he nova, & gloriosamente Mãy de Christo a Virgem Maria Senhora nossa. Este he o assũpto; mas pera explicar a grãdeza de tam novo assũpto, neste dia de vossa Assumpção nos alcançai, gloriosissima Senhora, a graça necessaria.

AVE MARIA.

§. II.

Intravit, &c.

4 **H** Oje no dia de sua triumphante Assumpção

ção nova, & gloriofamente Mãy de Christo a Virgem Senhora, he o argumento, a que me empenha o Evangelho. Mas como pode ser, que comece hoje a Senhora a ser Mãy? A gloria incomparavel de Mãy de Deos não teve seu principio no dia da Encarnação? Não lhe deu o Anjo Embaxador o parabem desta felicidade: *Paries quidem filium?* Isabel sua Prima não o confessou a vozes? *Unde hoc mihi, ut veniat mater Domini mei ad me?* Não o gritou a saltos na mesma occasião aquelle menino gygante: *Exultavit infans præ gaudio.* Pois se tantos annos havia, que a Virgem Senhora lograva a gloria da Maternidade, como digo, ou pôsso dizer, que hoje no dia de sua Assumpção começa nova, & gloriofamente a ser Mãy de Christo? Não me arrependo, do que tenho ditto: se o não provar, não me creaes.

5 Mas pera o provar havemos de suppor com Santo Thomas, & com os mais antigos Theologos, que a

Maternidade formalmente não he outra couza, q̄ hum respeito, ou relação, que a Mãy tem pera o Filho: & neste respeyto, ou relação consiste o ser formalmente Mãy; como tambem o ser formalmente Filho consiste no respeito, ou relação, que o Filho tem pera a Mãy: & assim perdido este respeito, ou relação, nem o filho se pode dizer formalmente filho; nem a mãy se pode dizer formalmente mãy. E pera perseverar este respeito, ou relação, que he necessario? he necessario, que hum, & outro extremo assim o filho, como a mãy tenha ser, & existencia; porque se hum dos extremos perder a existencia, tambem a perde a relação.

6 Quando Christo fallou a primeira vez na morte de Lazaro, disse: *Lazarus amicus noster dormit*: Lazaro nosso amigo dorme. Quando fallou a segunda vez, disse: *Lazarus mortuus est*. Lazaro morreo. Se a primeira vez lhe chamou amigo: *Lazarus amicus noster*: a segun-

Joan.
12.

da

da vez porque lhe deu o nome de Lazaro, & calou o de amigo? *Lazarus mortuus est?* Porque a primeira vez suppunha-o vivo: *Lazarus amicus noster dormit*: a segunda vez supponha-o morto: *Lazarus mortuus est*: & como a amizade consiste tambem no respeito, ou relação de hum amigo pera outro; faltando a existencia de hum, acaba tambem no outro o respeito, ou relação de amigo: por isso Christo deu a Lazaro o nome de amigo; quando ainda o suppunha vivo; *Lazarus amicus noster dormit*: & lhe faltou com este nome, quando o suppunha morto: *Lazarus mortuus est*.

7 Supposta como certa; & como sem duvida toda esta Filosofia; vamos ao nosso intento. Ainda que o Filho de Deos (como a fê nos ensina) nasceu huma so vez em Belem da Virgem Purissima; começou com tudo tres vezes a ser formalmente filho desta Mãe; & esta Senhora começou tambem a ser formalmente Mãe deste filho outras tres vezes. Ora

contaias. Foi mãe a primeira vez no dia da Encarnação, quando o Filho de Deos da púrpura de seu sangue cortou pera si a gala de nossa humanidade. Esta maternidade se continuou por 34. annos: & se enterrou; ou acabou no Calvario pella morte de seu querido Filho; porque com este golpe se cortou aquelle estreito laço, com que a alma, & corpo de Christo estavaõ entre si unidos: & como morreo o Filho, morreo tambem na Mãe a Maternidade, ou a relação de Mãe. Passados os tres dias da sepultura, tornou Christo a unir sua alma a seu corpo, & resuscitou glorioso, & immortal; & com esta resurreição do Filho resuscitou tambem em a Mãe a Maternidade; & começou a Senhora a ser segúda vez Mãe de Christo; como ja provamos em outra occaziam.

8 Chegou finalmente aquelle dia, ou este dia tão faudoso pera a terra, como glorioso pera o Ceo, em que o Amor da Virgem Senhora não podendo ja com as ondas

das

dasdas faudades, que a au-
zencia de seu amado filho
lhe cauzava, tomando esta
vez o amor seu officio à
morte, deu hum golpe na u-
niaõ, com que a alma purif-
sima da Virgem estava uni-
da a seu corpo Santissimo; &
morreo esta Senhora (se se
pode dizer, que morre, que
morre às mãos do amor) E
por esta, ou com esta morte
morreo segunda vez a Ma-
ternidade, ou a Relação de
Mây. Passaram tambem tres
dias, & por milagre da Om-
nipotencia do Filho se for-
mou a uniam entre a alma, &
corpo da Senhora; & glori-
osamente resuscitada subio
em tal dia, como hoje, tri-
umfante ao Cco. E como
pella resurreição tornou a
Senhora ao ser humano, tor-
nou tambem novamente a
ser Mây. De modo que tres
vezes se renovou na Senho-
ra a Maternidade, ou a rela-
ção de Mây. Foi Mây a pri-
meira vez no dia da Encar-
nação: foi Mây a segunda
vez no dia da resurreição do
Filho: foi Mây a terceira vez
no dia de sua triumphante Al-

sumpção. Assim havia de ser;
peraque a Maternidade da
Mây competisse com a Pa-
ternidade do Pay.

§. III.

9 Foi o Eterno Padre
tam liberal com a Virgem
Mây; que quiz competisse a
Maternidade da Mây, com
a Paternidade do Pay; & ni-
sto de hum certo modo deu
mais à Mây, do que dá ao
proprio Filho. Ao Eterno
Filho deu o Eterno Pay
quanto tem. *Omnia, quæcun-
que habet Pater, mea sunt,*
diz o mesmo Filho: Tudo o
que tem meu Eterno Pay,
tenho eu; porque o mesmo
Pay mo comunica. Se he E-
terno, tambem sou Eterno:
se he immenso, tambem sou
immenso; se he Omnipoten-
te, tambem tenho o mesmo
poder; se he infinitamente
sabio, tambem sou a mesma
sabedoria: em fim se he De-
os, tambem sou Deos igual
em tudo ao mesmo Pay: *Om-
nia, quæcunque habet Pater,
mea sunt.* Pode ser a cómu-
nicação mais larga, & mais

universal? parece que não. Com tudo reservou pera si o Eterno Pay huma propriedade, que não comunicou ao Filho. E que foi; o q̄ não comunicou a hum filho infinitamente amado? Sabeis o que foi; a Paternidade: communicoulhe fecundidade pera produzir com o mesmo Pay o Espirito Santo; mas não lhe communicou o ser Pay. A Paternidade he so especialissima do Pay; porque so a Primeira Pessoa entre as tres Divinas he Pay. Pois esta gloria da Paternidade, q̄ unicamente reservou pera si o Pay, he a que comunicou singularmente a Virgẽ Mãy. A Primeira Pessoa Pay por arca no Secretissimo da Divindade: a Virgem Senhora Mãy por privilegio singularissimo do mesmo Pay: A primeira Pessoa Pay; porq̄ gerou na Eternidade hum Deos Filho. A Virgem Mãy; porque gerou em tempo hum homẽ Deos. A primeira Pessoa Pay, & Pay unicamente; porque a nenhuma das Divinas Pessoas comunica a gloria da Paternidade; a

Virgem Mãy, & Mãy unicamente, porque participa cõ o mesmo Pay a Paternidade pera com Christo.

10 E pera que a Maternidade da Mãy competisse quanto pode ser com a Paternidade do Pay; quiz o mesmo Pay que se renovasse, ou repetisse trez vezes, como a mesma Paternidade. Fala o Eterno Pay com seu Filho Unigenito no Salmo segundo, & diz assim: *Filius meus es tu; ego hodie genui te.* Ps. 2. 7. Sois meu Filho: Hoje vos gerei. Hoje? E quantos hojes inclue este hoje? Os Expositores Sagrados (que cõ este texto provam, que pode o mesmo texto da Escritura ter muitos sentidos literaes) dizem, que este hoje inclue tres hojes. Hoje, no dia da Eternidade: hoje, no dia da Encarnação: hoje no dia da Resurreição. Hoje, no dia da Eternidade, quando naquelle principio sem principio por obra de teu fecundissimo entendimento gerou o Eterno Pay ao Eterno Filho, em hum formoso circulo de resplandores:

pc. *In splendoribus Sanctorum ex*
 09. 3. *utero ante Luciferum genui*
te. Hoje, no dia da Encarna-
 ção, quando o Eterno Ver-
 bo naceo temporalmente fei-
 to homê. Hoje no dia da re-
 surreição, quando a pezar
 da morte, & da enveja sahio
 do sepulchro gloriosamente
 renacido. De sorte, que ain-
 da q̃ a Paternidade do Pay
 compita com a mesma Eter-
 nidade, temporalmente a re-
 petio segunda, & terceira
 vez, começando de hum cer-
 to modo a ser novamente
 Pay de Christo: *Filius meus*
es tu. Ego hodie genui te.

11 Esta he a gloria do
 Pay; & para que não fosse
 menor a gloria da Mãy com
 a proporção possível, ainda
 que huma so vez gerou a
 Chisto, começou com tudo
 tres vezes a ser Mãy do mes-
 mo Christo, podendo dizer
 com o mesmo Pay: *Filius*
meus es tu. Ego hodie genui
te. Hodie, hoje, no dia da
 Encarnação: *Hodie*, hoje, no
 dia da resurreição do Filho:
Hodie, hoje neste dia de sua
 resurreição, & Assumpção
 gloriosissima. Tenho prova-

do com igual brevidade, &
 evidencia a novidade do
 meu argumento; & temos
 visto a harmonia, que o E-
 vangelho da festa tem com
 o mysterio do dia; porque se
 o Evangelho da festa he hu-
 ma allegoria da entrada, que
 fez o Filho de Deos a ser Fi-
 lho da Virgem Mãy; o my-
 sterio he a gloria, com que a
 Senhora entrou em o Ceo a
 ser novamente Mãy do mes-
 mo Filho.

§. IV.

12 Agora pera maior
 triumpho do dia, & da festa
 dezejará saber a vossa deva-
 ção, & tambem a minha cu-
 riosidade, destas tres mater-
 nidades, ou desta materni-
 dade tres vezes renovada,
 qual foi a mais gloriosa; a do
 dia da Encarnação, a do dia
 da resurreição do Filho; ou
 a do dia da Assumpção da
 Mãy? Pergunta he esta, a q̃
 eu me não atrevera a respo-
 der, se os Anjos me não des-
 sem a resposta em huma my-
 steriosa pergunta: Viram
 neste dia os Anjos a gloria,
 com

Cant.
6. 9.

com que a triunfante Senhora hia vencendo as nuvens, & pizando as estrellas; & admirados de tanta belleza começaram a perguntar entre si: *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa Sol.* Que milagre da natureza, que prodigio da graça he este, que vay subindo, qual costuma fahir sobre os horizontes a aurora semeando aos Ceos de riso; & aos prados de rozas? Que assombro da belleza, que pafmo da formosura he este, que se vay levantando, qual costuma subir a lua, quando fechado o circulo todo de sua prata faz galharda opposição ao Sol? Que mineral de luzes, que thezouro de raios he este, que com emulações de Sol não deixa sombra com vida, nem astro com resplendor? Assim perguntão os Anjos: E vede que admiravelmente nos pintaram astres Maternidades da Virgem Senhora, & deram a resposta à nossa pergunta.

13. Compararam a Senhora primeiro à aurora, lo-

go à Lua, & ultimamente ao Sol; porque a Senhora na Encarnação foi Aurora; na Resurreição do Filho foi lua; & em sua Assumpção foi Sol. Na Encarnação foi a Maternidade da Senhora como a Aurora; porque assim como este Sol material nasce nos braços da Aurora; assim o Divino Sol nasceu nos braços desta Aurora Divina. Na resurreição do Filho foi a Maternidade da Senhora como a lua; não porque naquelle dia se viochea de gofsto, & alegria; mas porque assim como a lua fica substituindo as ausencias do Sol; assim depois da resurreição, & Ascensão de Christo ficou a Senhora como Lua assistindo à Igreja Militante nas ausencias do seu Sol. Porem na Assumpção da mesma Senhora, no dia de hoje foi a Maternidade como Sol; porque se equivocou tanto a Assumpção da Mãe com a Ascensão do Filho, que os mesmos Anjos se equivocavaõ; & parece não discerniaõ, qual era mais luzida, & gloriosa: *Post*

mortem

mortem (diz Ghislerio commentando este lugar dos Cantares) *post mortem aequè, ac Christus in calum processit, & anima, & corpore instar ejuſdem solis eximia, insignis.*

14. Esta differença de-ram os Anjos às Maternidades da Senhora, & nesta differença a ventagem, que a de sua Assumpção leva às mais. A da Encarnação foi aurora, que he luz menor que a Lua: a da Resurreição foi lua, que he menos luzida, que o Sol: a da Assumpção foi Sol, que he mais resplandecente, que a lua, & que a aurora. A aurora he huma luz duvidosa equivo-qa entre a noite, & o dia: & tal foi a Maternidade na Encarnação: ainda porfiavaó contra o Divino Sol Encarnado muitas nevoas de ignorancias, de envejas, de afflicções. A lua he luz segunda fogueita a ecliffes, & a minguentes, & assim foi a segunda Maternidade; porque depois da Ascensão de Christo padeceo a Senhora senão em si mesma, na Igre-

ja, a que assistia, os ecliffes das perseguições, que levantaram os tyrannos; & os minguentes na fê, a que muitos naquelle tẽpo faltaram. O Sol he a primeira luz, a quem todas as luzes devem o resplendor: & semelhante ao Sol foi a Maternidade no dia da Assumpção: *Electa aut Sol;* porque na Assumpção foi a Senhora Sol a todas as luzes.

15. Está bem. Mas que rezam tem os Anjos para darem tam gloriosa preferencia à Maternidade da Senhora em sua Assumpção? Que seja gloriosa, & felicissima esta Maternidade neste dia não o podemos negar; mas q̄ faça às outras Maternidades o excesso, que o Sol faz a Lua, & a aurora; porque rezam? A rezam foi; porque as Maternidades da Encarnação, & da Resurreição haviam de acabar, & acabaram; a da Encarnação pella morte do Filho; a da resurreição pella morte da Mãe; & o que hade acabar, o que hade ter fim, perde muitos quilates de estimação.

Dece Moyses do monte com as primeiras duas taboas da ley, que Deos lhe dera, efcrittas de sua mão; & sabendo à raiz do mesmo monte, que o povo barbaramête idolatra adorara aquelle fatal bezerro, faz em pedaços as duas taboas; & castigada de algum modo a enormidade do delicto, sobe segunda vez ao monte, recebe de Deos a mesma ley em outras duas taboas: & nota o Texto Sagrado, que trazia Moyses o rosto tam revestido de resplandores, que não havia olhos, que pudessem sofrer os golpes de tanta luz:

Exod. 34. *Ita, ut non possent intendere filij Israel in faciem Moysi, propter gloriam vultus ejus.*

Reparam, & com rezam os Expositores Sagrados nesta notavel diversidade. A primeira vez dece Moyses do monte; & não despede do rosto rayo algum de luz; & a segunda vez, que baxa, traz no rosto todo o Sol? Pois não he o mesmo Moyses? a ley não he a mesma? não he o mesmo monte? Deos não he o mesmo? tudo assim he.

Pois se a primeira vez, que dece, dece como subio; como baxa a segunda vez tam luzido? A rezam, diz o grande Agostinho, foi; porque ainda que a ley era a mesma, as taboas eram diversas. As primeiras taboas, que Moyses quebrou, significavam a ley velha; as segundas taboas significavaõ a ley da graça. E quando Moyses decia a promulgar a o povo a ley velha, nam resplandeceo Moyses; porem quando vinha a promulgar a ley da Graça, era Moyses todo luz.

16 Aceito a rezam, que basta fer de Agostinho, pera fer grande. E desta mesma rezam pergunto a rezam. E porque hade decer Moyses tam luzido, quando dece a promulgar a ley nova; se deceo sem nenhuma luz, quando vinha a publicar a ley velha, se huma, & outra ley tinha por author a o mesmo Deos, & a Moyses por ministro; porque não terá a mesma estimação, o mesmo luzimento, & o mesmo applauso? Eu o direi. Aquella primeira ley, ou cantada

já de velha, ou por velha já sem força havia de acabar, & acabou; porem a ley da graça hade durar pera sempre: a ley velha havia de acabar, & acabou; & isso quiz significar Moyses quebrando as primeiras taboas, que trouxera do monte: a ley da graça hade durar pera sempre; por isso as segundas taboas se conservaram entieras. Ah fim: & a ley velha era ley, que havia de acabar; pois deça Moyses sem luz, quando a vem a publicar.. A ley da graça não hade ter fim; pois faya Moyses do monte, quando deca a promulgalla tam luzido, que não tenha, que envejar ao mesmo Sol. *Ita, ut non possent intendere filij Israel in faciem Moysi, propter gloriam vultus ejus.*

17 Esta foi a differença, que Deos fez entre hũa, & outra ley, & esta differença fizeram tambem os Anjos entre huma, & outras Maternidades da Senhora. As Maternidades da Encarnação, & resurreição porq̃ haviam de acabar, compararamnas a aurora, & a Lua,

que sam astros menos luzidos: a da Assumpção, q̃ não hade ter fim, compararamna ao Sol, que he a fonte do resplendor: *Ele sta, ut Sol.*

18 Mas pera que vamos tam longe, se temos no Evangelho a melhor prova. Muito turbada de cuidado: sa andava Mirtha na hospedagem de Christo; & vendo que sua Irmã em suavissimo descuido assistia aos pês do Senhor: chegou com aquella sua queixa: *Domine, non est tibi curæ, quòd soror mea reliquit me solam ministrare:* não vedes, Senhor, o descanço com que minha irmã está sentada a vossos pês, deixando sobre mim o trabalho todo de vos servir? Julgou descuido, o q̃ era amor, & ocio, o que era devação. Notavel mulher a Magdalena, que nem amante, nem devota, nem dos estranhos, nem dos domesticos pode evitar a murmuração; aos estranhos ja eu perdoara; mas os domesticos porque? Respondeo Christo à queixa, senão condenando a diligencia de Martha, preferindo a de Ma-

ria: *Maria optimam partem elegit.* Escolheo Maria a melhor parte. A melhor parte, & porque? Porque hade ser melhor a parte de Maria, q̃ a de Martha? O mesmo Senhor deu a rezam nas palavras, que acrescentou: *Quæ non auferetur ab ea.* A eleição de Maria foi melhor, que a de Martha; porque a parte, que Martha escolheo, hade acabar; & a parte, de que Maria fez eleição, não hade ter fim: a parte, que Martha escolheo, hade acabar; porq̃ a morte, que puzer termo à vida, hade dar fim a seu obsequio: a parte de que Maria fez eleição, não hade ter fim; porque no Ceo a hade continuar eternamente: *Non auferetur ab ea.* Eisahi a rezam da preferencia, que fez o obsequio de Maria à diligência de Martha: E não he outra a que faz a Maternidade da Assumpção às outras Maternidades da Senhora. Começou a ser Mãy na Encarnação; mas teve esta Maternidade a sorte de Martha, que acabou na morte do Filho: começou segunda vez

a ser Mãy na resurreição do mesmo Filho; mas teve fim esta Maternidade na morte da mesma Mãy. Começa hoje a ser Mãy em sua Assumpção, mas com a sorte de Maria: *Quæ non auferetur ab ea;* & por isso a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

19 O mesmo Filho neste mesmo dia nos ensinou esta ventagem, ou preferencia. Convida elle (como explica com Ruperto o Douctissimo à Lapidè) a Virgem Mãy, a que deixados ja os cuidados desta mortal vida, passê a alegrar com sua vista os moradores da Eterna, & diz assim no cap. 4. dos Cantares de Salamaó: *Veni de ^{Cam.} Libano, Sponsa mea, veni de ⁴ Libano, veni, coronaberis.* Vinde do Libano, Espoza, & Mãy minha, vinde do Libano, vinde; fereis coroadã. Nam reparais na repetição daquelle *Veni:* vinde. Vinde, huma vez: outra vez, vinde; & vinde terceira vez. Erao por ventura repugnancias, que a Mãy tinha de ir pera a gloria; ou eram ansias, que

que o Filho tinha de a levar? repugnancias na Mãy não podiam fer; que as faudades, que tinha, eram ja intoleraveis: ansias no Filho sim; que sem a prezença da Mãy o mesmo Ceo julgava por hum deserto. Mas porque repete nem mais, nem menos vezes, que tres aquelle vinde: *Veni, veni, veni*? Porque falava o Filho com a Mãy; & como na Mãy havia as tres Maternidades, que dissemos; por isso repetio tres vezes *Veni*. Vinde pella Maternidade em minha Encarnação: vinde pella Maternidade em minha resurreição: vinde pella Maternidade neste dia de vossa Assumpção.

20 Agora notai, q̃ não promete Christo a Coroa ao primeiro, nem ao segundo; mas ao terceiro, vinde: *Veni de Libano, Sponsa mea; veni de Libano, veni; coronaberis*. E porque mais na terceira vinda, que na primeira ou na segunda; porque esta he a preferencia, que a Maternidade no dia da Assumpção faz às Maternidades

dos dias da Encarnação, & da Resurreição; que estas caticaram, ou acabaram na terra, a de hoje sobe a ser coroada eternamente no Ceo: *Veni, coronaberis*. E como a Senhora começa hoje em o Ceo a ser novamente coroada por Mãy de seu Unigenito Filho; não faz dissonancia, harmonia sim o Evangelho da festa com o mysterio do dia: *Intravit JESUS in quoddam castellum.*

§. V.

21 Mas que eloquencia fera bastante pera explicar a gloria, ou a coroa desta nova Maternidade? Conheceo S. Bernardo a dificuldade, ou a impossibilidade, quando em hum Sermaõ desta festa exclamou: *Generationem Christi, & Assumptionem Mariæ, quis enarrabit?* Que podera explicar a geração de Christo, & a Assumpção de Maria? Allude o Doutor Mellifluo ao cap. 53. de Isaias; aonde diz o Profeta, que he inexplicavel a geração de Christo em quanto Deos,

Isai. 53.

como sentem comumente os Santos Padres: *Generationem ejus quis enarrabit?* Nam se podia encarecer mais a gloria da Assumpção da Mãy. He tam grande, he tam sublime, he tanto sobre as forças todas de todo o entendimento criado, que so a poderâ explicar, quem for tam aguia, que possa examinar aquelles rayos de luz, em que nace eternamente o mesmo Verbo Eterno. É que divinamente ajuntou S. Bernardo a geraçõ do Filho na Eternidade com a Maternidade da Mãy na Assumpção: *Generationem Christi, & Assumptionē Mariæ, quis enarrabit?* A geraçõ do Filho inexplicavel; a Maternidade da Mãy, que senão pode explicar: a geraçõ do Filho Eterna sem principio; a Maternidade da Mãy eterna sem fim: a geraçõ do Filho na gloria de todos os Santos: *In splendoribus Sanctorum;* a Maternidade da Mãy sobre todos os Santos da gloria: *Exaltata es, Sancta Dei genitrix, super choros Angelorum.*

12 E que confessê eu, q não posso explicar a grandeza de tanta gloria, não he muito mas que o diga a voves hum Profeta, que o pregue publicamente hum Santo! Que hum Profeta como Isaias tam illustrado com o lume da Profecia; Que hum Santo como Bernardo tam allumiado com o lume da Fê? Sim, ambos o confessam, & com muita rezam; que pera explicar a Geraçõ Eterna do Filho, & a Assumpção gloriosissima da Mãy, nem basta o lume da fê, nem basta o lume da Profecia, he necessario o lume da gloria. As couzas Divinas, & sobrenaturais conhecemse por hum de tres lumes, ou com o lume da fê; ou com o lume da Profecia, ou com o lume da gloria: O lume da fê he comum aos fieis todos: o lume da Profecia he particular dos Profetas; o lume da gloria, he so dos Bemaventurados, pera poderem ver claramente a Deos, & suas Divinas perfeições. Pois assim como pera ver a gloria de Deos claramente nam basta o lume

me da fê; nem o lume da Profecia; mas he necessario o lume da gloria; assim pera explicar a Geração Eterna do Verbo, & a gloria da Assumpção de Maria he necessario o mesmo lume.

23 Algumas sombras desta verdade nos daram as luzes do Thabor. Reparação os Sagrados Interpretes. na eleição, que Christo fez dos tres Discipulos, que levou consigo ao monte pera lhes comunicar as primicias de sua gloria. E foraõ os favorecidos Pedro, Diogo, & Joam. E porque nam todos; ou porque mais estes? Todos nam; porque havia entre todos hum Judas, que merecia antes a forza, que a gloria. A os tres, sim, diz Santo Ambrosio. *Petrus ascendit, qui claves regni caelorum accepit; Joannes, cui committitur Domini Mater; Jacobus, qui primus martyrium subivit.* Subio Pedro; porque era bem soubesse o preço da gloria, quem havia de ter as chaves do Ceo. Subio Diogo; porque era justo tomasse o gosto ao premio, quem ha-

via de ser o primeiro entre os Apostolos, que com seu sangue, havia de triumphar do tyranno. Subio finalmente Joam; porque havia de crescer da Geração Eterna do Filho, & da Assumpção da Mãy: da Geração do Filho no Evangelho: *In principio erat Verbum.* da Assumpção da Mãy no Apocalypse: *Signum magnum apparuit in caelo.* Pois suba o Evangelista ao Thabor, veja a gloria de Christo; & participe daquelle luzac, com q̃ o mesmo Senhor gloriosamente resplandeceo. Sim; mas S. Joam não foi hum Profeta illustradissimo com o lume da Profecia? não foi por antonomasia o Theologo allumiadissimo com o lume da fê? Sim foi; mas pera explicar a Geração do Filho, & a Assumpção da Mãy, não bastava a S. Joam nem o lume da Profecia, nem o lume da fê, era necessario o lume da gloria: *Ascendit Joannes, cui committitur Domini mater.* Parecevos, q̃ digo muito? pois ainda disse mais Dionysio Richelio, que che-

gou a dizer, que nem a mefma Senhora conhecia fua grandeza, fe a não chegaffe a ver no crystal puriffimo da Effencia Divina. *Tantum gratiae plenitudinem continet, quantam ne ipsa quidem Virgo, nisi Dei contempletur essentiam, perspicere possit.*

24 É como se poderá explicar a excellencia desta gloria; se occupa hoje a Mãy cm o Ceo mais authorizado lugar, que o Pay; & que o Filho. Muitos annos antes deste dia o previo o Profeta Rey; & disse assim no Salmo

Pf. 44. *Astitit Regina à dextris tuis.* Vio ir subindo a triunfante Senhora sobre azas de Serafins, que ambiciosos de tanta gloria anhelava cada hum a fer sô: Vio, que se levantava sobre o ar, cujas aves no Agosto renovavam o Abril, matizando esta regiam aerea com a primavera alegre de suas penas; & alegrandoa com a suave melodia de suas vozes, Vio, que hia penetrando as nuvens, que com os reflexos de tam formoso Sol formavaõ mil arcos triuafacs, penhores

seguriffimos de nossa paz. Vio, que as portas do Ceo se abriam de par em par pera receberem a Augustiffima Emperatriz do Universo. Levantou mais os olhos o Profeta, buscando com elles o trono, em que se havia de assentar a Sereniffima Rainha: cuidou, que seria entre os Anjos; mas vio, que hia subindo sobre os Anjos, & sobre os Archanjos; sobre as Virtudes, & sobre os Poderios; sobre os Principados, & sobre as Dominaçoês; sobre os Thronos, & sobre Cherubins; & ainda sobre os mefmos Serafins. Alentou de novo a vista, que ja lhe desmayava na contemplaçãõ de tanta gloria; & vio, que a gloriosiffima Senhora não parou ate chegar a maõ direita de seu Filho Unigenito: *Astitit Regina à dextris tuis;* que desta gloriosiffima Assumpçãõ explicam este texto de David Arnoldo, Athanasio, Galatino, & outros muitos Doutores.

25 A Mãy à maõ direita do Filho: *Astitit Regina à dextris tuis.* Logo (infere o Bispo

o Bispo Almeriense) occupa a Mãy melhor lugar, que o Pay, & que o Filho: *Si à dextris Filij subsidet Mater, potiori, quã uterque sede congaudet.* Provasse; porque como todos sabeis, o lugar da mão direita he o mais nobre, & authorizado lugar: O Filho, como consta das Escrituras, está a mão direita do Pay; & assim fica o Pay a mão esquerda do Filho: do mesmo modo, se a Mãy fica a mão direita do Filho, fica o Filho à mão esquerda da Mãy; & assim fica a Mãy em melhor lugar, que o Filho, & que o Pay: o Pay está à mão esquerda do Filho; o Filho está à mão esquerda da Mãy; fica logo a Mãy à mão direita do Filho, & do Pay. Por isso o Profeta disse com particular reflexão: *Astitit Regina à dextris tuis.* Parou a Universal Rainha às vossas mãos direitas. Pois se o Profeta falava com Christo, como diz as vossas mãos direitas? Christo tem mais, q̃ uma mão direita? Claro está que não; mas falou o Profeta não só em ordem a pes-

soa; mas tambem em ordem ao lugar: em ordem à pessoa está a Senhora a huma só mão direita; porque esta à mão direita do Filho: em ordem ao lugar esta a Senhora a duas mãos direitas; porque está à mão direita do Filho, & à mão direita do Padre *Astitit Regina à dextris tuis.* E se a Senhora occupa neste dia hũa, & outra mão direita; parece q̃ não tem duvida, que neste dia de sua gloriosa Assumpção lhe deu o Padre, & o Filho o melhor, & mais authorizado lugar em o Ceo; o Padre como a Filha, & o Filho como a Mãy, que hoje nova, & gloriosamente renovou immortalmente aquella Maternidade, que temporalmente teve, quando a primeira vez entrou o Filho de Deos a se fazer homẽ em suas entranhas purissimas: *Intravit JESUS in quoddam Castellum.*

§. VI.

26 Donde ultimamente, & por coroa desta oração
advir-

advirto, & quizera, que advirtissem, que no Ceo fica a Virgem Mãy cõ duas mãos direitas, com a mão direita do Filho, & com a mão direita do Padre. Aquella Mãy dos dous Discipulos Diogo, & Joam pedia a Christo a mão direita pera hum filho, & pera outro filho a mão esquerda: *Unus ad dexteram tuam, & alius ad sinistram*. A petição foi necia no que pedia; mas na repartição advirtida; necia no que pedia; porque pertendia a titulo de favor, o que estava destinado pera premio do merecimento: advirtida na repartição; porque distinguio em Christo as duas mãos; a mão direita pera os bons; & a mão esquerda pera os más; a mão direita pera o favor; a mão esquerda pera o castigo; a mão direita da clemência, a mão esquerda da justiça: de modo que aquella Mãy pedia hum so mão direita: *Unus ad dexteram tuam*. Era Mãy, & era Maria; mas nem de Maria, nem de Mãy soube fazer a figura: pera fazer bem a figura não

havia de pedir hum so mão direita, havia de pedir duas: com hum so mão direita se ficava hum filho venturoso, ficava o outro infeliz; ficava venturoso o da mão direita; & infeliz o da esquerda; o da direita com os favores; o da esquerda com os castigos. Pois que remedio pera ficarem venturosos os filhos ambos? Pedir duas mãos direitas.

27 Isto que não soube fazer aquella Mãy, logra em sua Assumpção gloriosissima, a que hoje nova, & immortalmente he Mãy de Deos pera ser mitericordiosamente Mãy dos homés? Os homés ou sam bons, ou sam más; se sam bons tem em Christo mão direita pera o favor; se sam más, acham em Christo mão esquerda pera o castigo: Porem nesta Mãy que toda he clemencia ha hum so mão direita pera os bons; & ha outra mão direita pera os más; mão direita pera os bons, pera que sejam melhores: mão direita pera os más pera que se fação bons.

28 Duas vizoês do Apocalypse nos darão luz a esta gloriosa differença entre a Mãy, & o Filho; entre Christo, & a Senhora. Vio S. João em o Ceo hum prodigioso sinal, isto he, huma Matrona, que era hum animado emblema da Virgem Mãy no dia de sua Assumpção, como dizem muitos dos Expositores: *Signū Magnum apparuit in celo; & pera maior gloria do triumpho lhe servia de gala o Sol: Mulier amicta Sole.* Assim vio neste dia o Evangelista a Virgem Mãy. E como vio a Christo seu Filho? Vio-o sobre hum trono decorosamente magestoso; & que em roda do mesmo trono se dilatava espaçosamente hum mar: *In conspectu sedis tanquam mare vitreum.* A Mãy cercada do Sol: *Amicta Sole:* o Filho cercado do Mar: *In conspectu sedis tanquam mare?* hum mar, symbolo da inconstancia, que a qualquer vento se muda? hum mar, emblema da infidelidade, que nas lizonjas de sereno dissimula os naufragios? hum mar, je-

rogifico da crueldade, que com a mesma onda, com que levanta o baxel, o açouta? Que qualidade tem logo o mar pera ser admittido a cercar o trono de Christo: *In conspectu sedis tanquam mare vitreum?* Sabeis qual? Fez naufragio hum Galeam das Indias no meyo do Oceano; tragou o mar a gente, os mantimentos os diamantes, o ouro, a prata. E que faz o mar a todo este despojo? como se o tocara o escrupulo, começa a restituir às prayas entre os rolos de suas ondas, mas o que? os corpos mortos, os mantimentos corruptos; as taboas feitas pedaços: mas o ouro, a prata, as joyas, os diamantes recolhidos, deixaos ficar, conservaos dentro em si: esta he a condição do mar, amar, & recolher em si o bom; rejeitar, & despedir de si o máo. Pello contrario o Sol com o mesmo rayo de luz faz crescer no jardim a roza, & no campo a hortiga; no mar a perola, & na terra o penhasco.

29 Esta he a differença do Sol, & do mar, de Christo,

Itô,

sto, & da Senhora: Christo como o mar; *In conspectu Sedis mare vitreum*: a Senhora como o Sol: *Mulier amicta Sole*. Christo como o mar recebe os bons, & exclue aos máos: a Senhora como o Sol a todos assiste com seu favor: Christo como o mar admite a seu trono os justos, & despede aos culpados; a Senhora como o Sol a todos favorece com seu patrocínio: Christo como o mar, se tem mão direita pera a innocencia, tambem tem mão esquerda pera a culpa: a Senhora, como o Sol pera a culpa, & pera a innocencia tem mão direita: *Astitit Regina à dextris tuis*.

30. E prezase tanto a Senhora desta gloriosa differença, que lhe concedeo em o Ceo seu mesmo Filho, que a tem por huma parte principal de sua gloria. Diz o nosso Evangelho, que escolhera Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit*. Já sabeis que acomoda a Igreja este texto à eleição, que Maria Senhora nossa fez da gloria; mas não parece mui-

to propria a accommodação: a gloria não he parte; porque he hum todo, & hum tudo, que se compoem de todos os bens, & felicidades maiores ainda, que o coração criado; & a da Virgem Senhora excede tanto à de todos os Anjos, & Santos juntos, quanto vence o Sol as estrelas: pois como se chama parte: *Maria optimam partem elegit*? A gloria (como dizem os Theologos) divide-se em duas partes; huma essencial; accidental a outra; a essencial consiste na vizam clara, & no amor do Summo Bem, que he Deos: a accidental consiste na vizam, & amor de outros objectos, que não sam Deos. Celebrais hoje a Assumpção gloriosa da Senhora; & esta piedade, este ornato, esta devação, estes jubilos, com que applaudis seu triumpho, todos redúdam em maior gloria da Senhora, não da essencial, que essa já não pode crescer; mas da accidental, que he capaz de novos augmentos. Isto supposto, sabeis qual he a parte da gloria, que a Senhora escolheo?

colheo? he a intercessã, he o favor, he a misericordia, com que no Ceo se compadece dos homês: Esta he a maior, & a melhor parte da sua gloria accidental: *Maria reputat aliam suæ beatæ gloriæ partem, & si accidentalem, essentialis gloriæ æmulam hominibus copiose misereri*: disse hum douto Expositor. De modo, que a gloria da Senhora he hum todo, que se compoem de duas partes, huma parte he a gloria essencial, que consiste na vista de Deos; outra parte he a gloria accidental, que consiste no remedio dos homês: huma parte he ver as perfeições Divinas pera as amar; outra parte he ver as misérias humanas pera as focorrer; huma parte he assistir prezencialmente em o Ceo, como Universal Senhora: outra parte he assistir favoravelmente na terra, como Mãe de Misericordia.

31 Que esta foi huma das rezoês, que levaram pera o Ceo à mesma Senhora; pera que naquella Corte tivessemos mais propicia, &

mais crecida, sua protecção, & patrocínio. Acabemos scõ a ponderação de humas palavras do Doutor Serafico S. Boaventura, que podem servir de esmalte a quanto nesta parte se podia dizer: *Magna erga miseros fuit misericordia Mariæ adhuc exultantis in mundo*; Grande foi, diz o Serafim dos Doutores, a misericordia de Maria, em quãto estava com os homês neste desterro. *Sed multò maior erga miseros est misericordia ejus jam regnantis in cælo*: mas agora, que reina ja em o Ceo, he sem comparação maior sua clemencia: *Unde pro splendore prioris misericordie fuit pulchra, ut luna*: & assim os raios da primeira misericordia foram resplandores de lua: *Pro splendore verò posterioris misericordie est electa, ut Sol*. Os resplandores da segunda misericordia foram raios de Sol. Se vos lembra o que ao principio dissemos das Maternidades da Senhora pera com Christo, não podiamos achar palavras pera fechar mais a proposito o circulo desta

desta oração. Assim como a Senhora he Mãy de Christo, assim he tambem Mãy de Misericordia; & assim como a Senhora teve humã Maternidade pera cõ Christo, que foi como a Lua; & outra, que hoje tem em o Ceo, que he como o Sol; assim, diz S. Boaventura, teve duas Maternidades pera cõ a Misericordia; foi Mãy de Misericordia na terra; & he Mãy de Misericordia no Ceo: Mas a Maternidade da

Misericordia na terra foi como a Lua: *Pro splendore prioris misericordie fuit pulchra, ut luna:* & a Maternidade da Misericordia no Ceo he como o Sol: *Pro splendore verò posterioris misericordie est electa, ut Sol.* Não tenho mais, que dizer. Na terra foram os influxos de sua Misericordia influxos como de Lua: no Ceo foram as influencias de sua clemencia influencias como de Sol. &c.





S E R M A M

DA SENHORA

D A

CONCEIC,AM.

De qua natus est JESUS. Matt. i.

§. I.

Dous mysterios, hum da Fê, outro da Piedade, ambos do amor concorrem naõ sem mysterio neste dia. O mysterio da Fe offerece a nosõs olhos aquelle trono, ou Ceo animado de tantas estrellas como luzes; de tantas luzes como flores, que afeadamẽ-

teo esnaltam. O mysterio da piedade nos dá a ler o Evangelho nas folhas de hum a arvore: *Liber generatio- nis*, que tendo cetros em lugar de ramos, & em lugar de pomos coroas, vem a ter por coroa hum Lirio, que dos espinhos, entre que naceo, formou archeiros à neve de sua Original innocencia.

Em

Em huma palavra. Vem o Filho Sacramentado authorizar os applausos de sua Mãe concebida. Mas parece que chegou tarde esta assistência do Sacramento. E que fora, se não tivessêmos esta mesma dificuldade no Evangelho. A maior dificuldade, que neste dia costumão ter os pregadores deste mysterio he ajustar a festa com o Evangelho; porque a festa he da Conceição da Mãe: o Evangelho he do nascimento do Filho: *Natus est JESUS*. A Conceição da Mãe foi muito antes, que o nascimento do Filho: tarde vem logo o Evangelho pera a solennidade da festa.

2 Puderamos embarçar a dificuldade, se não estiveramos em hum dia, em que se não teve respeito as leys da natureza. Em hum dia, em que predominou tam conhecidamente a graça, que esperais, se não que atropelle a ordem natural. Lede a primeira regra do nosso Evangelho, & vereis mais que plana a dificuldade. Que diga primeira regra

do Evangelho? *Liber generationis JESU Christi, filij David, filij Abraham*. Livro da geração de JESU Christo filho de David, filho de Abraham. Antiga Cruz dos Expositores Sagrados he dar a rezam, que teve o Evangelista, pera antepor David a Abraham? Abraham foi novecentos annos antes de David. Pois se Abraham segundo as leys da natureza era primeiro, que David; porque conta o Evangelista primeiro a David, que a Abraham? S. Jeronymo diz, que não so não foi descuido do Evangelista; mas que necessariamente havia de preverter a ordem natural; & mudar os lugares a estes dous ascendentes: *Ordo preposterus, sed necessariò commutandus*. E que necessidade havia pera preverter a ordem da natureza? Eu o direi. Cõpunha S. Mattheus este Evangelho com os olhos na Conceição da Senhora; & pera ensinar ao mundo, que nesta Conceição purissima se não tivera respeito às leys da natureza, trocou a ordem natural.

natural: a ordem natural pedia, que Abraham se preferisse a David; mas o Evangelista que tinha os olhos mais no mysterio da graça, que na ordem da natureza, trocou mysteriosamente os lugares: a Abraham, que era primeiro, fêlo segundo; & a David, que era segundo, fêlo primeiro: *Filij David, filij Abraham.*

3 Ainda não temos ditto tudo. Sabeis; porque no Evangelho da Conceição se antepoem David a Abraham? Porque David foi hum homé, em quem a eleição da graça prevaleceo contra a ordem da natureza. Quando Samuel foi mandado por Deos a ungir em Rey de Israel a hum dos filhos de Isai; diz o Texto, que reprovados pello Profeta os sette filhos, viera ultimamente David, que de todos era o ultimo; & que Deos dissera a Samuel, que este era o escolhido, & o chamado pera a coroa: *Unge eum, ipse est enim.* Quem tal cuidara, que David sendo o ultimo houvesse de ser o primeiro? Nem

o pay nem os Irmaões, nem David, nem o mesmo Profeta o cuidava: mas Deos, que dos ultimos costuma fazer os primeiros, como dos primeiros ultimos, assim o tinha determinado. Pella parte dos outros irmaões estava a natureza: pella parte de David estava a graça: pella parte dos outros irmaões estava a natureza; porque os fez nacer primeiro: por parte de David estava a graça; porq̃ o queria fazer primeiro: & que succedeo? a ordem da natureza cedeo à eleição da graça, & as leys do nascimento à graça da eleição. S. Basilio de Seleucia: *Subitò primus fratrum comperiebatur, qui postremus: ordoque nature cedebat gratie; & legis partus succumbebat.* Parece que não fallava S. Basilio de David; mas da melhor filha de David a Virgem Maria: *Ordo nature cedebat gratie; & legis partus succumbebat:* Cedia a natureza à graça; & dava se por vencida aquella ley, com que todos nacemos fôgeitos à culpa. Seja logo David o que no Evangelho

da Conceição ocupe o lugar primeiro, pera que se persuadam todos, que na Conceição da filha de David cedeo como em David a natureza à graça, & se não teve respeito às leys do nacer: *Ordo nature cedebat gratia, & legis partus succūbebat.*

4 E se quereis ouvir ainda o maior segredo desta mysteriosa mudança do Evangelista. Adiantemos o mesmo reparo. Que o Evangelista pera nos inculcar o mysterio purissimo da Conceição pervertesse a ordem natural, & preferisse hum ascendente mais moderno a outro mais antigo, está bem feito: mas porque fez esta mudança entre David, & Abraham. Não tinha nesta arvore genealogica muitos Patriarchas, & muitos Reys, em que podia fazer esta troca? Sim tinha: pois com que segredo a fez, mais em Abraham, & em David? *Filij David, filij Abraham:* Lede o Segredo na significação de seus nomes. Abraham, que significa? Abraham, como explicou o mesmo Deos,

quer dizer: *Pater multarum gentium:* Pay de muitas nações. E David que quer dizer? David significa *Dilectus*, o Amado. Ah si; pois seja David preferido a Abraham; pera que acabemos de entender, que na Conceição da Senhora primeiro foi David, que Abraham; primeiro o amor, que a natureza; primeiro a graça, que a culpa: *Filij David, filij Abraham.* Abraham foi o primeiro a quem Deos pera remedio do peccado Original receitou antigamente a circuncizam: tome logo hoje David a vanguarda a Abraham; pera que conste, que esta menina concebida não necessita do remedio, porq̃ não enformou daquella culpa. Pera os outros descendentes primeiro foi Abraham, que David, pera a Virgem Senhora primeiro foi David, que Abraham: pera os outros descendentes primeiro foi Abraham, que David; porque primeiro foram filhos da natureza, que da graça; pera a Virgem Senhora primeiro foi David, que
Abra-

Abraham; porque primeiro foi filha da graça, que da natureza: primeiro, & unicamente do amor: *Filij David, filij &c.*

5 E como neste dia se trocou a ordem natural; & se antieipou a graça à natureza, não he muito, que tambem no Evangelho, & no Sacramento vejamos anticipados os tempos: & que no dia da Conceição da Máy se cante o Evangelho do nascimento do Filho, ainda que fosse depois; & se exponha o Sacramento, dado q̄ muito depois se instituisse. Mas porque esta rezam pode parecer industria pera fugir a improporçã, que o Evangelho parece ter com a festa; sigamos as rezoês do Evangelho pera as refinarnos no Sacramento, & do assumpto comũ faremos hoje empenho particular.

AVE MARIA.

De qua &c.

§. II.

6 **D**E qua natus est
JESUS. Nacco

JESUS, diz o Evangelho, & nacco de Maria: Logo Maria, infere a piedade, não incorreo a desgraça da primeira culpa. O antecenente he de fê; porque he Evangelho: a consequencia he o assumpto desta festa, & deste dia. Mas comque energia se infere esta consequencia daquelle antecedente? Com a maior, que pode ser. JESUS he filho, & he Redemptor: isso quer dizer: *Natus*: isso significa: *JESUS*. Como filho amava; como Redemptor podia: pois se amava, & podia fazer este favor a quem amava: quem lhe desmayou o amor pera não querer o q̄ podia: ou quem lhe enfraqueceo o poder pera não poder, o que queria? Se amara como filho, & não pudera como Redemptor fora ansia, que quando menos, lhe custara lagrimas, que se o poder sem amor he tyrannia, o amor sem poder he ansia.

7 Quando Jacob se avistou a primeira vez com Raquel la naquelle poço de agoa, em que bebeo tanto fogo o coração do pastor,

Gen
29. II.

diz o Texto, que chorara muito Jacob: *Elevata voce flevit.* Eu não sei, que rezam podiam ter estas lagrimas de Jacob! Se esta he a primeira vez, que Jacob vê a Raquel, de que chora? chora pera ver; ou ve pera chorar? Se estas vistas foram ja repetidas, eu lhe perdoara as lagrimas; porque dizem, q̄ a fermofura se he tiro ao coração, tambem dos olhos he dor. Se chorara, quando lhe negaram a Raquel; muito embora; que hum dezejo dilatado martyrio he da alma: mas a primeira vez, quando os olhos haviam de pedir alviças ao coração, sahe o coração em lagrimas aos olhos? Sim, diz Nicolao de Lyra, seguindo o parecer de alguns Hebreos. Lembrouse Jacob, do que tinha succedido a seu pay em occasiam semelhante. Quando Isaac pertendia a Rebecca pera esposa sua, diz o Texto, que o criado, a quem Abraham fiara esta diligencia, a encontrara junto a outro poço, se he, que não foi o mesmo; & que fizera logo a Rebecca

hum prezente de ricas joyas: *Protulit vir in aures aureas, & appendentes siclos duos; & 4 22. armillas totidem pondo siclorum decem.* Conferia Jacob hum successo com outro successo; hum poço com outro poço; & hum amor com outro amor via o mesmo encôtro, o mesmo lugar; a fermofura, quando não maior, igual; o amor não só igual, mas maior: olhava pera o seu coração, & olhava pera as suas mãos: no coração via o amor; & nas mãos nam via as posses. E que ame Jacob mais, que Isaac; & que possa menos Jacob. Alto, paguem os olhos em perolas, o que falta às mãos de joyas: *Elevata voce flevit.*

8 Assim succedeo a Jacob nas primeiras vistas, que teve de Raquel: & assim havia de succeder a JESUS, se amando como Filho, & tambem como Esposo, nam pudesse como Redemptor. Se no primeiro instante, em q̄ vio concebida a sua fermofissima Raquel, lhe não pudesse dar a joya da justiça Original, pagaria em lagrimas o amor

o amor ás faltas do poder. Nem me digam, que se podia consolar o amor, com q̄ no segundo instante podia dar a sua Mãy, o que por ventura não era possível no primeiro; porque o amor nem no difficultoso acha alivio, nem remedio no impossível. Bem via Jacob, que o discurso do tempo lhe traria occasiões, em que pudesse desempenhar o seu desejo, mas não bastou esta esperança, pera que se não rebelassem as lagrimas ao sofrimento. Quanto mais, que não ha rezam pera negar este poder ao Redemptor.

9 Pois se podia, & amava, que havemos de dizer, que não quiz? Se como filho amava, se podia como Redemptor, dizer que não quiz conceder esta graça a sua Mãy, he ignorar, quando não seja offender seu genio. Eu pello menos se me vira obrigado a negarlhe, ou o poder, ou o querer, antes havia de dizer que não pode, o que quiz; do q̄ que não quiz, o que pode. Credes, q̄ pode; pois não duvideis, q̄

quiz. Chegaram a Christo dous cegos a pedir-lhe olhos de esmola. Perguntalhes o Redemptor: *Creditis, quia hoc possum facere vobis:* ^{Mat. 9. 27.} Credes vos, que vos posso fazer a mercè, que pedis? Aqui reparo. Senhor pera fazer efectiva esta mercè, nam basta so o poder, he necessario o querer tambem. Que importa no Principe o poder pera me fazer o beneficio, se lhe falta o querer: pois se o favor depende tanto, ou mais do querer, que do poder, parece que haviéis de perguntar aos cegos, se criam, que podieis; & se criam, que querieis? Isso não pergunta Christo, nem a hum cego. Credes vos, que tem poder? Sim: *Utique, Domine*: pois o querer atè os cegos o vem. Se houvesse de haver duvida, podia estar da parte do poder: mas se credes com a fê, que pera preservar a sua Mãy da primeira culpa, não falta o poder no Redemptor, crede com a piedade, que não faltou o querer no Filho.

10 Quando Christo che-
Y 3 gou

gou a Bethania pera restitu-
ir à vida a seu amigo Laza-
ro, depois que pagou a seu
amor as lagrimas por tribu-
to, diz o Evangelista, que os
que se acharam presentes, &
tinham ido dar o pezame às
duas irmãs, infiriram das la-
grimas de Christo duas cou-
zas: a primeira, que amava
muito: a segunda, que podia
pouco: Que amava muito.
Ecce quomodo amabat eum.

Joan. 11. 37. Que podia pouco: *Non poterat hic, qui aperuit oculos cæci nati, facere, ut hic non moreretur.* Assim explicam este lugar S. Chrysostomo, Theofilacto, Euthymio, & outros. Quanto ao amor cre-
ram bem, & infiriram bem: cre-
ram bem; porque creram, que amava: infiriram bem, porque das lagrimas dos olhos infiriram o amor do co-
raçam. Quanto ao poder cre-
ram mal; mas infiriram bem: Cre-
ram mal; porque creram, que Christo não tinha poder pera impedir a morte de Lazaro; infiriram bem; porque supposto Chri-
sto amava tanto, não empe-
dir a morte do amigo, julga-

ram, que era falta de poder: *Non poterat.* Não disseram: não quiz: disseram: não po-
de. Pois vinde ca, homês, não estais dizendo, que deu este Senhor olhos a hum ce-
go de nacimiento. *Aperuit oculos cæci nati.* E nam era mais facil impedir a morte, pera que não fechasse os olhos a Lazaro, do que abrir, os que tinha fechado a natu-
reza: porque o primeiro podeo fazer alguma vez a medicina: o segundo so o podeo fazer a Omnipotencia. Pois te estais confessando, que te-
ve poder pera o mais; como lhe negais o poder pera o menos: *Non poterat hic facere, ut non moreretur.* Eu creio, que ainda que fizeram hum aggravado a seu poder, fizeram huma grande lizonja a seu amor: o poder ficou offendido, mas o amor acreditado: dizer, que quiz, & não pode, era offença do poder: dizer, que pode, & não quiz, era aggravado do amor: & como Christo sente mais os agravados contra seu amor, que as offenças contra seu poder, estimou mais, ou sentio

sentio menos hum não Pode: *Non poterat*, que hum não Quiz.

11 Mas vejo, que me dizeis, que me degolo com minha propria espada, & q̄ argumento contra mim. Porque ainda que Christo amava a Lazaro, & podia impedir a sua morte; he certo, que não quiz; porque Lazaro morreo: logo tambem ainda que amasse como filho, & pudesse como Redemptor impedir em sua Mãy a morte da primeira culpa; poderia ser, que não quizesse. Primeiramente confesso, q̄ não quiz impedir a morte de Lazaro; mas vede o que lhe custou. Olhai pera feus olhos, & vede, como se resolvem em lagrimas: olhai pera o coração, & vede como se afflige: *Turbatus est*. Olhai pera a alma, & vede, como se doe: *Infremuit spiritu*. E se lhe custou tanto não impedir a morte do corpo em hum amigo; quanto lhe custaria não impedir a morte da culpa Original em tua Mãy.

12 E pera que não si-

queis com algum escrupulo nesta parte: digo que vay muito de huma morte a outra morte; da morte do corpo, à morte da culpa: a morte do corpo não tirava a Lazaro o ser amigo; a morte da culpa tirava à Mãy o ser amada: a morte do corpo não tirava a Lazaro o ser amigo; porq̄ ainda depois de morto lhe deu Christo este nome: a morte da culpa tirava à Mãy o ser amada; porque esse he o effeito da culpa, affear tanto a alma, que a faz indigna do amor de Deos. Daqui se seguia, que se naquella primeiro instante de sua Conceição não tivesse a Senhora a graça Original, não fo a não amaria Christo como a Mãy; mas a aborreceria como a inimiga. E parecevos, que havia de dar Christo este dissabor a sua fineza? Parecevos, que aquella Mãy, a quem havia de amar com tantos excessos, a havia de deixar, em talestado, que fosse obrigado a aborrecella ainda que fosse por hum so instante? La disseram algús politicos,

que havíamos de amar, como quem em algum tempo havia de aborrecer. Não pode sofrer Marco Tullio esta mal fundada politica, & diz, que não sabe, como he possível, que vos resolvais a amar, a quem sabeis que em algum tempo podeis aborrecer. Amar como quem hade aborrecer, parece impossível: mas mais impossível parece, aborrecer, a quem heide amar; porque se dermos vista às historias sagradas, & profanas; mais amores toparemos degenerados em odio; do que odios convertidos em amor. E sendo Maria a flor, & as delicias do amor de JESUS; mais que impossível parece, que JESUS deixasse de amar em algum instante a Maria. Por isso o Evangelista no instante, em que a considerou concebida, a considerou logo Mãe. *De qua natus, &c.*

§. III.

13 Atequi brevemente as rezoões, que nos dá o Evangelho pera adorarmos a Cõ-

ceição da Senhora por immaculada: passemolas agora ao Sacramento pera refinarmos nelle sua efficacia. Pera o que havemos de suppor, que quando Christo encarnou nas entranhas purissimas da Senhora, se obrou entam o mysterio da Encarnação, tambem enfayou o mysterio do Sacramento: encarnou na realidade; Sacramentouse na representação. Por isso dizem os Padres, & os Theologos, que o Sacramento he huma extensão da Encarnação: Deos encarnado he huma imagem de Deos Sacramentado: Deos Sacramentado he hum traslado de Deos Encarnado: *InPro-
v. c. 9.
n. 152.
Incarnationis similitudinem,
& perfectã imaginem in hoc
uno Sacramento exhibere voluit.* Disse o Doutissimo Padre Salazar.

14 Isto supposto, vede o que digo. Digo, que ainda que Deos pera encarnar, & nacer, não izentasse a sua Mãe da primeira culpa; pera se Sacramentar nella a havia de eximir da macula Original. Em quanto encarnado,

do, & nacido, não repugnava tanto dissimular na Mãy alguma macula: em quanto Sacramentado, repugnava muito mais. Pois Deos nacido, não he o mesmo, que Deos Sacramentado? Sim he; mas em quanto Sacramentado pede maior pureza, que em quanto nacido.

15 Chegou aquelle dia felicissimo, em que o Divino Sol havia de nacer sobre os horizontes de Belem. E que lugar escolheu pera nacer? O mais humilde que havia na Cidade, & fora della: huma cova, ou huma lapa; em que se recolhiam os brutos. Chegou tambem o ultimo dia de sua vida, em que havia de celebrar a paschoa com seus discipulos: & de q̄ lugar fez eleição pera esta celebridade? Dizem os Evangelistas, que o mandara apparelhar em huma grande sala ornada a todo o custo: *Cenaculum grande stratum*. Não reparais na desigualdade? Em Belem accomodase entre brutos na vileza de hum presépio; em Jerusaleem to se satisfaz de huma sala riquif-

simamente adornada: *Cenaculum grande stratum*? Sim; & porque? Porque em Belem naceo: em Jerusaleem Sacramentouse: & pera nacer, não reparou na indecencia do lugar; pera se Sacramentar, quiz que fosse muito decente o lugar. Esta differença fez Christo de si pera si; de si nacido pera si Sacramentado. Confesso, purissima Senhora, que he efficaz rezam a do Evangelho pera provar vossa Original pureza; mas he mais efficaz a rezam do Sacramento: Serdes Mãy de hum Deos nacido he grande argumento da limpeza de vossa Conceição: mas serdes mãy de hum Deos Sacramentado he pera mim o argumento maior. Formou de vosso sangue purissimo o corpo, em que naceo; & Sacramentou este mesmo corpo; mas ainda q̄ pera nacer de vos, não fosse tam escrupuloso seu amor pera vos izentar da primeira culpa; pera se Sacramentar em vos, não havia de consentir, que fosseis culpada.

§. IV.

16 E como havia de chegar a culpa à Conceição da Senhora, se a Senhora da Conceição, estava no mesmo Sacrario com o Sacramento. Falla a Sabedoria no cap. 8. dos Proverbios, de que hoje cortou a Epistola da Conceição a Igreja, & diz assim em nome da Virgem Senhora: *Nondū erant abyssi; & ego jam concepta eram.* Ainda Deos não tinha sahido a luz com esta prodigiosa maquina do universo: ainda não ardião no firmamento as estrellas: ainda não pintava o ar com as primaveras de suas penas esse numerofo vulgo das aves: ainda a terra se não vestia de flores, mudando com a mudança dos tempos os theatros: ainda esse immenso abyssino de agoa se não via cortado de seus mudos habitadores: *Nondum erant abyssi: & eu, diz a Senhora, ja estava concebida: Et ego jam concepta eram.*

17 E aonde, minha Senhora? Como podia ser vossa milagrosa Conceição an-

tes da criação do mundo; se sabemos, que foi tantos mil annos depois? A mesma Senhora o explicou logo: *Cum eo eram cuncta componens:* Cō Deos estava compondo, & dispondo tudo. O Texto Chaldeo o explica ainda mais a nosso intento. *In latere ejus eram, quasi nutrita:* estava em o seu lado, como quem se criava nelle. Admiravel lugar? Agora pergunto. E aonde teve Deos o Sacramento? não foi no lado? Vede donde sahio, & vereis aonde esteve. O Sacramento (como ja ouvistes muitas vezes) sahio do lado de Christo figurado no fangue, que ao golpe da lança destilou o coraçam. *De latere Christi exierunt Sacramēta:* De modo, que desde a eternidade teve Deos em seu lado o Sacramento, & a Conceição da Senhora: naquella Sacrario Divinissimo depositou estas duas joyas. Vede, se as estimava, quem em si mesmo lhes deu o melhor lugar: O Sacramento pode dizer, que estava no lado de Deos: *In latere ejus eram: &* o mes-

Prov.
8.

o mesmo pode dizer a Conceição da Senhora, ou a Senhora da Conceição. O primeiro altar, em que se adorou o Sacramento, foi o lado de Deos: & este mesmo lado foi o altar primeiro; em que se adorou a Conceição. La dizia Deos, que quem offendia a seus servos, offendia as meninas de seus olhos: *Qui vos tangit, tangit pupillam oculi mei*: & quem offende a Conceição desta menina, offende-lhe o coração. Quem offende a seus servos, offende as meninas de seus olhos; porque traz Deos nos olhos a seus servos: quem offende a Conceição, offende-lhe o coração; porque tem Deos em seu lado a Conceição: *In latere ejus eram*.

18 E se agora me perguntais; porque ajuntou Christo no mesmo lado o Sacramento, & a Conceição? Respondo, que foi, pera preservar da culpa a Conceição com o Sacramento. Donde vereis huma grande differença entre a redenção da Senhora, & a redenção dos mais homens. De todos

he Christo Redentor, mas com esta differença: Que aos mais filhos de Adam remios Christo na Cruz: & a Senhora remio a Christo no Sacramento a morte da Cruz foi a redenção dos outros homens: a morte do Sacramento foi a redenção da Senhora. Bem sei, que na substancia hum, & outro sacrificio foi o mesmo. Mas se na substancia nam houve diversidade, houve no tempo alguma differença. A morte da Cruz foi depois; a morte do Sacramento foi antes: primeiro representou Christo a sua morte no Sacramento, do que morresse na Cruz. De maneira que a redenção da Cruz foi depois; porque depois da culpa nos remio Christo na Cruz: a redenção do Sacramento foi antes; porque antes de cahir na culpa, remio Christo a Senhora: a redenção da Cruz foi remedio: a redenção do Sacramento foi preservação: a redenção da Cruz foi remedio pera os que tinham cahido: a redenção do Sacramento foi preservação, pera

pera que a Senhora não cahisse. E pera que não cuideis, que he sem fundamento esta minha especulação, vedeo em duas figuras as mais expressas, que tem as letras sagradas, huma de Christo em sua Cruz; outra do mesmo Christo no Sacramento.

19 A figura mais expressa de Christo em sua Cruz, foi aquella serpente de metal, que Moyses por mandado de Deos arvorou em o deserto: assim o diz, não outro interprete, que o mesmo Christo: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita exaltari oportet filium hominis*. E a mais expressa figura do Sacramento foi o manná, com que no mesmo deserto sustentou Deos aos filhos de Israel. Assim o dizem os Expositores todos: E qual foi a virtude da Serpente: & qual foi a efficacia do manná. Vamos à Escriitura.

Murmurou o povo de Moyses, & não perdoou ao mesmo Deos, que aos atrevimentos de huma lingua maledica não escapa o hu-

mano, nem o Divino. Pera castigar este delicto mandou Deos sobre o campo humas serpentes tanto mais venenosas, quanto mais pequenas, de que picados os Hebreos defatavam em sangue a vida. Acudio Moyses a Deos, & mandoulhe o Senhor, que levantasse em alto huma serpente de metal, & que os mordidos, q̄ puzessem nella os olhos, não morrerião: *Qui percussus aspexerit eum, vivet*. Esta foi a virtude, ou o milagre daquella serpente. E qual foi a do manná? Falla David no Psalmo 104. do mesmo povo, & do mesmo deserto; & diz assim: *Non erat in tribubus eorum infirmus*. Psal. 104. Que em todo aquelle numero innumeravel de gente; & em todos os quaréta annos, nenhum adoeceira: morreram muitos de morte violenta; mas de doença nenhum morreo. Grande maravilha! mas qual foi o preservativo obrador deste prodigio? Foi o manná, disse o grande Tertulliano, a quem cita, & segue o Doutissimo Padre Mendoga: *In cremo manná cibatus*.

Joan.
3. 14.

cibatus 40 annis, ad instar aeternitatis redactus, nec humanis passionibus contaminatus. De modo que dous remedios deu Deos antigamente àquelle povo; hum remedio contra as serpentes; outro remedio contra as enfermidades: contra as serpentes deu-lhe a serpente; contra as enfermidades deu-lhe o manná. Mas não sei se reparastes na diversidade, com que obrava hum, & outro remedio? A serpente era remedio pera depois: O manná era remedio pera antes: a serpente era remedio pera depois; porque sarava aos mordidos depois de mordidos: o manná era remedio pera antes; porque preservava aos saõs antes de adoecerem: a serpente não empedia as feridas, curavaas: o manná não curava as enfermidades, empediaas. Este foi o genio milagroso daquells dous remedios, mas mais milagroso o manná, q̃ a serpente. E este foi tambem o modo de Christo em sua Cruz, & no Sacramento.

20 Pera os mais homês

foi Christo serpente em sua Cruz; pera a Senhora foi manná em o Sacramêto; pera os mais foi serpente em sua Cruz; porque em sua Cruz lhe deu remedio depois de mordidos da venenosa serpente do paraizo: pera a Senhora foi manná no Sacramento; porque como manná a preservou da enfermidade Original, de q̃ todos adoecemos. Na Senhora, & so na Senhora logrou cabalmente o Sacramêto sua efficacia. Instituiu o amor de Christo o Sacramêto em hum bocado de pam. E porque? Responde o devotissimo, & doutissimo Padre Barradas, que quiz feu amor darnos no Sacramento hum bocado, contra outro bocado, isto he, hum antidocto, ou contraveneno. Tinha o primeiro Adam naquelle primeiro bocado dado a seus filhos o veneno da culpa Original, effcaz toxico, que antes de nacermos, nos mata. Contra este veneno instituiu o segundo Adam o contraveneno do Sacramento; pera que comessemos a vida

em hũ bocado, os que nou-
tro bocado tinhamos traga-
do a morte. *Venenum habuit
cibus ille vetite arboris, quod
non solum primos parentes,
sed cunctos illorum natos vi-
ta privavit: Eucharistia ve-
rò adversus venenum conti-
net remedium.*

21 Estã bem ditto: mas
eu replico assim. Se o Sacra-
mento he antidoto contra a-
quelle primeiro toxico do
paraizo, deve preservar dos
effeitos delle: se o veneno
me matta, naõ tem bonsef-
feitos o antidoto: pois se o
veneno da primeira culpa
nos matta a todos; como he
antidoto contra esta culpa o
Sacramento? Parece forte a
instancia. Respondo que o
Sacramento pera nos nam
foi antidoto; pera a Senho-
ra, sim: pera nos naõ; porq̃
todos morremos daquelle
primeiro veneno; pera a Sen-
hora sim; porque a pre-
servou da morte daquelle
toxico. Agora vejo quanta
rezam tiveram, os que affir-
maram, que instituirã Chri-
sto o Sacramento principal-
mente por amor da Virgem

Senhora: & eu acrecento,
em sua Conceiçã: Que co-
mo a quiz preservar da cul-
pa Original; no lado, em q̃
tinha o antidoto do Sacra-
mẽto metteo tambem a Cõ-
ceiçã da Senhora: *In late-
re ejus eram: De latere Chri-
sti exierunt Sacramenta.*

§. V.

22 E como havia de en-
trar a culpa naquelle lado?
no peito de Christo havia a
culpa de achar entrada? Di-
go, que nem culpa, nem som-
bra de culpa. No Calvario
deu a Christo a crueldade
de seus inimigos o fel pera
lhe mattar a fede: mas Chri-
sto, diz S. Mattheus, naõ o
quiz beber: *Noluit bibere.*
Verdadeiramente que naõ
fei, como havemos de com-
por esta acção de Christo
com a fede de seu amor. A
fede de padecer, que o fogo
do amor accendeo no cora-
ção de Christo foi tam ar-
dente, que naõ podia o odio,
& a crueldade de seus inimi-
gos inventar tormento, que
lhe naõ pareceffe pequeno:
pois

pois se ardia tanto o coração; porque não bebe o fel? Porque o fel, diz Santo Hilario, era huma sombra, ou representação das culpas; & tinha Christo no peito o Sacramento, & a Conceição; & ao lugar aonde está a Conceição com o Sacramento nem culpa, nem sombra de culpa hade entrar: *Noluit bibere*. Santo Hilario: *Bibere recusavit; non enim aeternae gloriae incorruptioni peccatorum amaritudo miscetur*. As outras partes de seu corpo Sãtissimo lastimem embora os torméto; penetrem os espinhos a cabeça; lavrem seus hombros os açoutes; traspassem seus pés, & mãos os cravos: sinta embora a lingua a amargura do fel; mas não passe ao peito essa amargura, *Noluit bibere*; que como he sombra da culpa, nam he bem que chegue ao Sacramento, aonde com o Sacramento se conserva a Conceição da Senhora: *In latere ejus eram*.

23 Mas vejo, que me dizeis, que tambem ao lado chegou a lança. Certo que

estimo o respiro pella reposta; ou o golpe pello reparo. Chegou, he verdade a lança ao lado; mas quando chegou? *Cum vidissent eum jam mortuum*. Depois d: Christo espirar. Agora notai: Christo em quanto vivo na sua Cruz fazia a figura de peccador; porque tomara sobre si a fiança de nossos peccados; & ate satisfazer com sua vida à justiça Divina por nossas culpas, sustentou a figura de culpado: acabou a vida, & acabou có a vida a representação de peccador: Christo morto ja não faz figura de culpado: pois agora sim, abra-se no peito essa porta, pera que say a Sacramento, & a Conceição, quando ja em Christo não ha sombra de peccado.

24 Não sei se foi esta a cauza de negar à Senhora o nome de Mãy, quando fez na Cruz as ultimas despedidas. *Mulier, ecce filius tuus*, Joan. 19. 26 Pois a estas horas, meu Senhor, quando toda a ternura he pouca, negais à Virgê o nome de Mãy? Seria pera apertar mais o cordel à vossa dor;

dor; & fugir o allivio, que
 vos podia cauzar a suavida-
 de deste nome? Bem podia
 fer: mas fallou Christo mais
 attento à honra de sua Mãy,
 do que ao dezejo de sua pe-
 na. Christo, como ja disse-
 mos, fazia na Cruz a figura
 de culpado: *Cum sceleratis*
reputatus est: Pois não dê à
 Virgem o nome de Mãy; pe-
 ra que se não ouça dizer, que
 a Virgem era Mãy, de quem
 tinha sombras de culpa. Quê
 affim zelava a sombra, que
 feria a verdade: Quem na-
 quella hora lhe negou o no-
 me de Mãy; porque tinha
 sombras de culpado: naquel-
 le instante da Conceição, em
 que ja se chamava filho: *De*
quonatus est JESUS, como
 consentiria a macula? Por
 isso não abriu o lado, em
 quanto sustentou a reprezê-
 tação de peccador: por isso
 abriu o peito, depois que a-
 cabou de representar a figu-
 ra de culpado; pera que nem
 a o Sacramento nem a Con-
 ceição pudesse assombrar al-
 guma leve suspeita de culpa.

25. Ate gora considera-
 mos a Conceição da Senho-
 ra Sacramentada no peito
 de Christo: consideremos a-
 gora o Sacramento concebi-
 do em o peito da Senhora;
 & veremos, que não he me-
 nos efficaz a rezam do Sacra-
 mento concebido, que a da
 Conceição Sacramentada
 pera provar sua Original in-
 nocencia.

26. Mandou Deos no
 Exodo a Moyfes fabricar a
 Arca do Testamento; mas
 em que tempo; & em que lu-
 gar? O lugar foi o deserto: o
 tempo foi, depois que o po-
 vo tinha sahido de Egipto.
 Depois; & porque não an-
 tes? Se a Arca do Testamen-
 to foi obradora de tantos
 prodigiõs; aonde se obraram
 mais, que no Egipto? Se era
 a gloria de Deos, como lhe
 chamou David, aonde fez
 Deos maior ostentação de
 sua gloria, que nos milagres,
 que fez pera libertar a seu
 povo? Se era o timbre de seu
 poder, & fortaleza, como
 disse o mesmo Profeta; quã-
 do se estendêo mais o braço
 do poder Divino, que nos
 casti-

castigo, que deu a Faraõ? Pois, porque não manda fabricar a Arca antes, fenaõ depois, que o povo sahio de Egipto? Sabem porque? Porque não quiz Deos, que a sua Arca estivesse por algum tempo fogaitea ao cattiveiro de Faraõ. Seria bom, que Faraõ se gloriaffe, que teve cattiva em seu poder a Arca de Deos? O povo gema embora entre os ferros de Egipto; arrastre cattivo as cadeas de Faraõ; mas a Arca nem por hum instante experimente o cattiveiro. O' q̄ grande retrato em breve mapa temos aos olhos, de quanto neste dia podiamos dizer deste myfterio. S. Paulo diz; q̄ todos os successos da ley escrita eram figuras dos mysterios da ley da graça: *Omnia in figura contingebant illis.*

27 E esta Arca da ley escrita de quem foi figura? Todos os padres com a Igreja dizem, q̄ foi figura da Virgem Senhora. Faraõ figurava a Lucifer: o povo a todo o genero humano: o cattiveiro a culpa: Moyses a Christo: a sahida de Egipto a re-

demçaõ.. Confide rai agora o povo todo, isto he, os descendentes todos de Adam fogaiteos à tyrânia de Faraõ, ou ao cattiveiro de Lucifer pella desobediencia da primeira culpa. Mas ainda q̄ a crueldade do tyrão era tam universal, q̄ a ninguem eximiasse a Arca se izentou, sô a Arca foi a privilegiada; porq̄ era figura daquella Senhora, em que a Universalidade da primeira culpa não havia de ter entrada; nem a tyrânia de Lucifer havia de achar obediencia.

28 E porq̄ (vamos à rezam) & porq̄ logrou a Arca do Testamêto a gloria deste privilegio a ninguem mais concedido? Não vedes, que se havia de guardar na Arca o mannâ, a figura mais natural, & mais expressa do Sacramêto. E não quiz Deos, q̄ aquella Arca, que havia de ser custodia do Sacramento em figura, fosse em algum tempo cattiva de Faraõ. O Arca verdadeira do Testamento! O mannâ verdadeiramente Sacramentado! Se aquellas sombras foram profecias des-

stas luzes: se aquellas figuras foraõ representaçoẽs destas verdades; quem se atreverá a suspeitar, que aquella peito, em que se havia de conceber naõ o manná da ley escripta, mas o Sacramento da ley da graça, havia de estar cattivo nem por hum so instante à tyrannia de Lucifer: Que aquella coraçãõ, em que havia de encarnar o Sacramento; ou Sacramentarse a Encarnaçãõ, se havia de gemer cattivo às prizoẽs da primeira culpa!

29 Quando S. Pedro no Cenaculo resistia à quella prodigiosa demonstraçaõ de amor, com q̃ Christo se prostrava a seus pês pera os lavar, o ameaçou o amoroso Senhor, q̃ se naõ consentia a sua fineza esta aççaõ, se podia despedir pera sempre de sua cõpanhia. Rendeose finalmente Pedro; & offereceo, naõ sò os pês; mas a cabeça: *Non tantum pedes; sed et manus, & caput.* Com tudo contentouse Christo cõ lhe lavar sò os pês. Pergunta agora Origenes. Pois se Christo lavou os pês do A-

postolo; porque naõ lavou tambem a cabeça? Profundamente o douto Padre: *Caput submergi nolebat; in quo imago, & gloria Patris extiterat.* Os pês, sim; a cabeça, naõ; porque se o lavar, suppoem macula no q̃ se lava; lavar a cabeça a Pedro seria mostrar que contrahira algũa macula aquella cabeça; em que a imagem, & gloria do Eterno Pay estivera algum tempo. Pera entender o pensamento de Origenes he necessario lembrarvos da confissãõ, ou testemunho, q̃ Pedro deu da pessoa de Christo. Perguntou Christo a seus Apostolos, que opiniam tinham de sua pessoa: *Vos autẽ, quem me esse dicitis* Acudio Pedro à pergunta, & sahio naquela famosa confissãõ: *Tu es Christus filius Dei vivi.* Vos sois Christo filho de Deos vivo. Entam concebeo Pedro em seu entendimento por revelaçaõ do Eterno Pay a Christo como imagẽ, & gloria do mesmo Pay. Ah si, diz Origenes, & Pedro concebeo em sua cabeça a imagem, & gloria do Pay; pois

pois não lave Pedro a cabeça, que não hade haver macula no lugar, em que esteve esta imagem *Caput submergi nolebat, in quo imago, & gloria Patris extiterat.*

30 Concluo agora assim. Se a cabeça de Pedro; por que foi altar, em que esteve sô em representação a imagem, & gloria do Eterno Pay, julgou Origenes, que não devia, nem podia contrahir macula; quem hade crer, que aquelle peito, em que havia de encarnar, ou se havia de Sacramentar a mesma Imagem, & a mesma gloria havia de incorrer, ou contrahir a macula da primeira culpa. No entendimento de Pedro esteve a imagem do Pay, como imagem: no peito de Maria esteve a Imagem do Pay, como verdade. No entendimêto de Pedro esteve a gloria do Pay como em sombras: no peito de Maria esteve a gloria do Pay, como em luzes: no Entendimento

de Pedro esteve a Imagem do Pay, mas poucas horas: no peito de Maria esteve a Imagem do Pay, mas nove mezes; no Entendimento de Pedro esteve a gloria do Pay, como Senhor: no peito de Maria esteve a gloria do Pay como filho: *De qua natus est JESUS.*

31 Tenho acabado este meu cuidado: & sabeis, o q̄ me parece, que tenho feito huma lamina, ou huma medalha; senão sahio mui perfeita, será a culpa dos moldes; que como são meus, basta pera serem maôs. Em huma parte representa esta medalha o Sacramento, & na outra a Conceição: corra agora por vossa conta escreverlhe no circulo aquelle vulgar elogio. Louvado seja o Santissimo Sacramento, & a Immaculada Conceição da Virgem Senhora concebida sem macula de peccado Original.

* *
* *

Z 2

SER-



SERMO

DA SENHORA

DA

CONCEIC,AM.

De qua natus est JESUS, qui vocatur Christus. Matt. I.

§. I.

I  E o tempo, & o templo me não defenganaram o pensamento podia com rezam cuidar, q̄ estava no tempo de Isaias, & no templo de Salamaõ. Teve o Profeta Evangelico huma celebradissima visam, em que se lhe representou aos olhos hum trono de grande,

& sublime fabrica encrespado de nuvens, semeado de estrellas, & tachonado de Saffiras. Occupava a eminençia deste trono a Magestade do filho de Deos na forma, & figura humana. Faziam Corte à Supremia Soberania dous Serafins, q̄ enlaçando reciprocamente as azas, com duas vendavam o rosto,

o rosto, & com outras duas os pés da Magestade, a que assistiam; abrindo as outras duas ventilavao. os incendios do coração: & a dous coros (que pera fazer coro hū Serafim basta) alternadamente repetiam aquelle seu Divino Trilagio, ou suavissima canção: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*:

2 Esta Scena, ou representação gloriosa (se o tempo, & o templo me não defenganasse) cuidara eu, que he a mesma, que hoje estam vendo os nossos olhos Com os olhos da nossa fê; & com a mesma fê nos olhos estamos vendo naquelle trono (aonde batalha sem victoria a magestade com a grandeza, a riqueza com a fermosura) ao Filho de Deos feito homé não na figura, & semelhança, mas na verdade, & na realidade, escondido, & manifesto; porque formando dos accidentes azas de neve se esconde com ellas seu rosto, manifesta nellas seus incendios. Aqui está assistido não de dous Serafims fomite; mas de tantos,

quantos sam os Espiritos religiosos, que batendo docemente as azas do coração te não vencem; competem o amor dos Serafims. Não faço parallelo de hum trono a outro, do que vio o Profeta ao que nos vemos; porque hum, & outro representa mais do que he; & ardendo a tantas luzes, ainda não he sombra, do que representa.

3 E que representa, ou pode representar este glorioso trono? Digo que representa a Conceição Immaculada da Purissima Senhora, ou a Senhora em sua Purissima Conceição. Que a Senhora seja o trono de Deos, não haverá quem o negue; mas que ja em sua Conceição fosse trono de Deos, não sei se haverá, quem o diga? Sim ha: Dous authores, & ambos de fê. O primeiro he o Evangelista nas palavras do nosso texto: *De qua natus est JESUS*. Porque dizer, que em sua Conceição he Maria Mãe de JESUS, foi dizer que foi trono de JESUS em sua Conceição: Quando a Senhora teve a

gloria de trono de JESUS, foi quando em seus braços sustentava como Mãy ao Filho de Deos, & seu: & como o Evangelista a considera com a dignidade de Mãy na Conceição, ja na Conceição lhe dá a gloria de trono de JESUS: *De qua natus est JESUS.*

4 O segundo author he o Profeta Jeremias: falla elle ou no sentido allegorico como querem muitos, ou no literal como alguns querem, da Virgem Senhora; & diz: *Solum glorie altitudinis à principio, locus sanctificationis nostrae.* Trono da gloria do altissimo desde o principio, lugar de nossa Sanctificação. No fim pode ser que reparemos na gloria, paremos agora no principio: *Solum glorie à principio:* Trono desde o principio. Esta palavra principio nas letras sagradas ou significa o principio do tempo, ou significa a Eternidade sem tempo. Pera significar o principio do tempo uzou dellas Moyse quando disse que no principio creara Deos o Ceo, & a

terra: *In principio creavit Deus caelum, & terram.* Pera significar o principio sem tempo uzou della S. Joam, quando explicou a geração Eterna do Verbo Eterno: *In principio erat Verbum.* E a Senhora nem no principio do tempo, nem na Eternidade sem tempo parece que foi trono de Deos feito homem: na Eternidade não; porque a Senhora foi creada em tempo; no principio do tempo também não; porque ja tinham passado quatro mil annos de tempo, quando foi creada a Senhora. Que principio foi logo este, de que falla o Profeta, quando diz, que a Senhora foi trono da gloria de Deos desde o principio: *Solum glorie altitudinis à principio?* Ja vedes q̄ este principio não pode ser outro, se não o primeiro instante de seu ser: aquelle instante foi o principio, em q̄ o Altissimo tomou posse de si seu trono. Se eu viera hoje a provar a verdade deste mysterio podia deste principio inferir huma evidente conclusam. Se a Senhora foi trono

Jer. 17.
12.

trono de Deos desde o principio, isto he desde o primeiro instante de seu ser; logo no primeiro instante nam teve lugar neste trono a primeira culpa: como havia de estar no mesmo trono as trevas, & a luz; a noite, & o dia: a culpa, & a graça: Lucifer, & Deos?

5 Rezam he esta, que me empenha a cuidar, (deme licença os Theologos pera este novo, & particular sentimento meu) que a ruina de Lucifer esteve em presumir, que se havia de fazer lugar neste glorioso trono de Deos. Pergunto com todos: qual foi o pê de vento, que deu a costa com o galeão Lucifer, todo velas, todo presunção, todo soberba? Todos respondem com as suas palavras: *Similis ero Altissimo*; que esteve a sua culpa em affectar ser semelhante ao Altissimo. Está bem: mas trono a perguntar: E em que quiz Lucifer ser semelhante ao Altissimo? Em tudo bem sabia Lucifer, que não podia ser: quiz logo ser semelhante em alguma ex-

cellencia particular? E que particular excellência foi esta? Elle o dirá no cap. 14. de Ilias: *Sedebo in monte testamenti, in lateribus aquilonis*. Sentarmehei no monte do testamento, aos lados do Septentriam. E se me perguntais, que monte do testamento he este? em que aspirava a presunção de Lucifer collocar seu trono? Ja David o tinha ditto no Salmo 47. Falla o Rey dos Profetas da fundação do monte Sião, q̄ por estar nelle a Arca do testamento se chamava também monte do testamêto, & canta assim o Cysne com purpura: *Fundatur exultatione universa terra mons Sion, latera aquilonis, civitas regis magni*. Lançaóse os fundamentos primeiros ao monte Siam com gosto, & alegria de toda a terra; & aos lados do norte, esta he a Cidade do grande Rey. No sentido mystico, ou allegorico falla David da Virgem Senhora nossa monte verdadeiramente de Siam; & Cidade do grande Rey (naõ allego aucthores, porque sam todos,

Isai. 14.

Psalmi
47.

os que neste sentido explicam a David.

6 Agora notai, que falla o Profeta da primeira fundação, ou da primeira pedra, que se lançou aos alicesses deste grande monte: *Fundatur exultatione universæ terræ mons Sion:* & o primeiro fundamento: ou a primeira pedra, que Deos lançou a esta sua fabrica podeis negar, que foi a Conceição da Senhora? E com quanta rezam diz David, que se fundou com jubilos de toda a terra: *Fundatur exultatione universæ terræ:* E ha mysterio da Senhora, que a piedade Catholica celebre com maior gosto, que o de sua purissima Conceição? Não o agradece assim a Igreja à mesma Senhora, dizendo, que sua Conceição immaculada cauzara gosto ao mundo todo: *Conceptio tua Dei genitrix Virgo gaudium annuntiavit universo mundo.*

7 De modo que a excellencia em q̄ Lucifer quiz ser semelhante a Deos, foi em fazer trono seu no monte do testamento, ou no mô-

te de Siam, que como explica David, he a Virgem Senhora nossa: *Sedebo in monte testamenti.* Esta foi a sua culpa, esta a sua presunção; esta a occasiam de sua ruina. Cuidou o necio, que teria neste glorioso trono o lugar, que teve em todos os mais filhos de Adam: foi correndo de ramo em ramo a arvore toda, que no nosso Evangelho vay deduzindo o Evangelista S Mattheus desde Abraham ate Joseph: nella vio Patriarchas, vio Profetas, vio reys, vio sacerdotes, vio juizes, vio capitaes, vio peccadores; & vio que de todos estes troncos fizera trono à sua tyrannia; porq̄ em todos lhe fizera lugar a primeira culpa: chegou finalmente a vara de Jesse, & atreveose a cuidar: *Dicebat in corde suo;* que pois nacia do mesmo tronco, & das mesmas raizes, lhe serviria tambem de trono; & correria a mesma fortuna: *Sedebo in monte testamenti.* Ah necio, ah temerario, ah louco! & não advertes, que esta filha de Adam he unicamente

escolhida pera trono do menino Deos: *De qua natus est JESUS*. Com bom menino te tomas; elle te quebrara as azas, & decerás mais que de voo.

§. II.

8 He logo a Conceição da Senhora, ou a Senhora em sua Conceição aquelle magestoso trono; em que Deos appareceo antigamente ao Profeta Isaias: & no Evangelho o vemos, ou lemos na realidade: *De qua natus est JESUS*. So parece, que nos fazem falta as vozes dos Serafins. Mas não fazem; que se não ouvimos as dos Serafins la do Cee; ouvimos as dos Serafins ca da terra: se bem, o que os Serafins do Céu cantavao ao Senhor do trono, cantam os Serafins da terra ao trono do Senhor; & mudando huma letra a sua letra não dizem hoje: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*; mas *Sancta, Sacta, Sancta*. Suspendei, & parai, Serafins, que se me suspende a voz, fazme reparar a letra:

Sancta, & tres vezes Sancta a Conceição de Maria? Que fosse Sancta huma vez, chegou a duvidar senaõ hũ Serafim, hum Anjo: mas que seja Sancta, não huma, mas tres vezes? Quem o hade persuadir? Quem o nosso discurso; porque hade ser hoje o seu assumpto: A Conceição da Senhora não huma, mas tres vezes Sancta, tres vezes Immaculada; tres vezes purissima.

9 E se vos parece incrível, o que digo, digo que agora disse alguma conza, que se possa crer deste fermosissimo mysterio. A figura mais expressa da Cõceição da Senhora foi a Rainha Esther; Entrou ella sem ser chamada a fallar a Assuero contra o decreto inviolavel dos Reys Assirios, que decretava pena de morte a todos, os que não sendo chamados entrassem a sua presença. Hia Esther temerosa, & quasi desmayada temendo que aquella ley universal a comprehenderia: mas Assuero estêdendo o cetro real a animou cõ estas palayras: *Quid c. 15. habes*

habes Esther? Non morieris; non enim pro te, sed pro omnibus hæc lex constituta est. Não temais; que não heis de morrer; porque esta ley, que comprehende a todos, não vos comprehende a vos: Isto disse a Esther o Rey dos Assirios; & o mesmo disse a Maria Senhora o Rey dos Reys. A ley da morte, ou da culpa Original pera todos foi feita: *Pro omnibus constituta est*; mas não foi feita pera a Senhora, que he exceção de todos: *Non pro te, sed pro omnibus.* Isto supposto vamos ao que diz o Texto da fermosura de Esther: *Erat formosa valde, & incredibili pulchritudine, omnium oculis gratiosa; & amabilis videbatur.* Era Esther a hyperbole da belleza, & o pismo da fermosura, o feitiço dos olhos, & o imã dos corações. Esperaveis agora, que o texto Sagrado, pera encarcer esta gentileza, trasladasse do Ceo a seus olhos as estrellas; & a seu rosto o Sol; que furtasse ao ouro a cor pera os cabellos; & aos jardins as rozas pera as faces;

que roubasse ao mar os corais pera os beiços, & pera os dentes as perolas. Enganais-vos, que disse o texto mais em huma so palavra, do que pode fingir toda a vossa poética: *Erat incredibili pulchritudine:* Era sua fermosura maior, do que se podia crêr: em quanto disserdes de sua belleza, o que a fê pode crêr, não dizeis muito: Quando disserdes, o que se não pode crêr, entam crede, que dissestes alguma couza digna de sua belleza: *Erat. incredibili pulchritudine.*

10 Pois de Esther, que fazia a figura da Virgem em sua Conceição, diz o texto, que era incrível a sua fermosura? Sim, que se em todos os mais mysterios foi grande a fermosura da Senhora, na Conceição foi incrível, excede os termos da fê; por isto ategora se não definiu de fê este mysterio. Notai, que celebrando o Testamento velho muitas outras fermosuras, que os Padres do Testamento novo reconhecem por figuras, & imagês da Senhora, de nenhuma diz o

Texto.

Textò, que era incrível, se não fo a de Esther. Pois a gentileza das Saras, a belleza das Rebeccas; a fermosura das Raqueis, fo garbo das Judis, a bisarria das Deboras, & o ar das Abigais não foram os soes do seu tempo, & as que tiveram o imperio sobre os coraçõs? Sim foraõ. Pois nenhuma vencia a fê, fo a de Esther vencia o credito: *Incredibili pulchritudine?* Sim: porque as mais foram figuras da Senhora em outros mysterios: Esther foi figura da Senhora no mysterio da Conceição: nos outros mysterios foi muito grande (não o podemos negar) a fermosura da Virgem; mas foi crível, cabe nos termos da fê; no mysterio da Conceição foi incrível sua belleza; excede os termos do credito: Nos outros mysterios basta, que digais da Senhora, o que he, & parece crível: no mysterio da Conceição, tudo o que disserdes, se não parece incrível, he pouco: *Incredibili pulchritudinem.* Parecevos incrível, que no primeiro instante de seu

fer fosse não huma, mas tres vezes Santa esta fermosissima creatura, pello mesmo cazo, que vos parece incrível, estais obrigado ao crer. Mas eu não quero dever esta verdade à cortesia de vossa fê; quero a provar.

§. III.

II Digo, & torno a dizer, que foi não huma, mas tres vezes Santa a Conceição da Immaculadissima Senhora; porque naquelle instante foi Santa cõ tres formas Sanctificantes, ou com tres Santidades formais. A alma pode ser Santa, por huma de tres formas, ou Santidades: ou pella graça Sanctificante; ou pella gloria beatifica; ou pello acto de amor de Deos sobre todas as couzas Que a graça, & a gloria sejam formas sanctificantes, ou santidades formais, nenhõ Theologo o duvida: Que o acto de amor seja formal Santidade he opinião de muitos, que seguem aquella grande luz da Theologia o Padre Gabriel Vaf-

quez. Isto supposto, digo, que no primeiro instante de sua Conceição foi a Virgê Senhora Santa huma vez, pella graça, outra vez Santa pello amor, & terceira vez Santa pella gloria: Santa pella graça; em que foi concebida sem culpa. Santa pello amor, com que naquelle instante venceo aos Serafins: Santa pella gloria, com que vio claramente a essência Divina. O mysterio na essência foi hum, mas na Santidade foi trino. Vede se tem rezaõ. hoje os Serafins pera mudarem a letra, ainda que não mudem a Solfa: & cantarem ao trono do Senhor o trisagio, que cantavaõ ao Senhor do trono: O Senhor tres vezes Sancto; *Sanctus, Sanctus, Sanctus*: porque sã tres Pessoas distintas na mesma essência: a Senhora Santa tres vezes: *Sancta, Sancta, Sancta*: porque no mesmo mysterio logra as tres Santidades. Foi a Senhora concebida, como instituido o Sacramento. O Sacramento foi instituido com a Santidade da graça; porque he a fonte

della: com a Santidade do amor; porque he as delicias do amor de Christo: com a Santidade da gloria; porque he o penhor da mesma gloria: assim foi a Senhora concebida em graça, concebida em amor, & concebida em gloria.

12. Deçamos ja às provas desta verdade: & comecemos pella Epistola pera acabarmos com o Evangelho: *Dominus possedit me in initio* Prov. 8. 22. *viarum suarum.* O Senhor, diz a Senhora, tomou de mim posse no principio de seus caminhos. Deixemos o principio pera o fim; & mettamonos logo no caminho, ou nos caminhos. E que caminhos de Deos sã estes? Claro está, que os caminhos de Deos sã aquelles por onde Deos vem, & se comunica a suas creaturas. E pera Deos vir, & se comunicar a huma creatura como author sobrenatural, os principais caminhos sã tres; he o caminho da graça; porque por ella nos participa Deos sua natureza Divina: como dif- 2. Petr. 1. 4. *sine* o Apóstolo S. Pedro *Ut* efficia.

efficiamur Divinae consortes natura: pello caminho do amor; porque por elle vem Deos a morar nas almas dos que o amaõ: como nos ensinou o mesmo Christo: *Si quis diligit me, Pater meus diliget eum & ad eum veniemus.* Pello caminho da gloria: porque pella gloria se transforma a alma em Deos, & Deos na alma; como disse S. Joam: *Similes ei erimus; quoniam videbimus eum. sicuti est.* Vem Deos, & toma posse da alma, pello caminho da graça, quando comunica à mesma alma o habito de sua graça: vem, & toma posse da alma pello caminho do amor, quando a alma elevada sobre si mesma, & sobre todo o creado ama sobre todas as couzas ao Creador: Vem, & toma posse da alma pello caminho da gloria, quando, corrida a cortina a sua Divina essencia, beatifica com sua vista a alma.

13 Agora reparo eu, em que diz a Purissima Senhora, que Deos a possuirá no principio de seus caminhos:

Initio viarum suarum Enaõ bastava dizer: no principio de seu caminho? Naõ; porque Deos tomou posse da Senhora naõ por hum sò caminho; naõ sò pello caminho da graça; nem sò pello caminho do amor; nem sò pello caminho da gloria; mas pello da gloria, pello do amor, & pello da graça se comunicou Deos a esta bellissima creatura. E pera que por tantos caminhos? porq̃ por todas as vias quiz Deos, que fosse Santa a Conceição da Senhora.

14 Dizeis, q̃ facilmente vindes, em que Deos se comunicou à Virgem Mãy por todos estes caminhos; mas que esta comunicação se fez no instante de tua Conceição; naõ parece facil de provar. Naõ? Ora tornemos ao principio: *Dominus possedit me initio viarum suarum.* O Senhor me possuhio no principio de seus caminhos. Notai, que naõ diz no meyo, nem no fim; mas no principio. E que divinamente no principio; porque sò a Senhora entre todas as creatu-

ras foi possuída de Deos no principio de seus caminhos.

15 No cap. 22. de S. Matheus propoem Christo a parábola de hum homem Rey, que pera festejar os desposorios de hum seu filho mandou preparar hum grandioso banquete: & como este Rey fazia a figura de Deos, dizem muitos, que no banquete era figurada a meza do Divinissimo Sacramento. Fizeram-se horas, expedio os pagões a que fossem avizar os rogados; mas elles com huma descortez grosseria se escuzaram: *Cæperunt omnes simul excusari*. Escandalizado justamente o rey mandou a seus criados, que fossem às saídas dos caminhos, & chamassem a todos sem exceção de pessoa: *Ite ad exitus viarum, & quoscunque inveneritis, vocate ad nuptias*. Obedeceram os criados; sahiram, chamaraõ, encheose a sala: está bem feito. Mas se eume achata presente havia de pedir licença ao Rey pera lhe por huma replica. Senhor, nos caminhos ha principios, & ha fins; ha

entradas, & ha saídas. Pois se mandais chamar aos que vaõ sahindo dos caminhos; porque não mandais chamar aos que vam entrando? no principio, não; & no fim sim? Sim com escondido mysterio. Os que sam chamados a este banquete sam os homens todos; & de todos os homés huns sam chamados, mas não sam escolhidos; outros sam escolhidos, & chamados: *Multi sunt vocati, pauci verò electi*, diz Christo por conclusam da parábola: os que sam chamados, & não sam escolhidos, sam os que se perdem: os que sam chamados, & escolhidos sam os que se salvam: os primeiros sam todos os reprobos: os segundos sam os Santos todos.

16 Pois a nenhum (entra agora a minha duvida) pois a nenhum nem dos que se perdem, nem dos que se salvaõ; a nenhum nem dos reprobos, nem dos predestinados chama Deos no principio, senão no fim; na entrada, senão na saída dos caminhos: *Ad exitus viarum?*

A nenhum: & porque? porq̃ o principio do caminho de qualquer homé he a entrada na vida, & a entrada na vida he a Conceição; este he o primeiro passo; porque deste ponto começaõ os homés a dar principio ao caminho da vida: & como todos os homés, ainda os maiores Santos, entraram na vida pello caminho da culpa, por isso Deos a nenhum chamou na entrada do caminho; mas no fim, & sahida delle: *Ad exitus viarum*. Vos unicamente Soberana Senhora, vos unicamente entre todas as creaturas fostes possuida de Deos no principio, ou entrada dos caminhos: *In initio viarum suarum*. Os outros foram a Deos; mas na sahida dos caminhos: *Ad exitus viarum*. Vos unicamente fostes de Deos na entrada dos caminhos: *In initio viarum*. Os outros na sahida, porque a sua Conceição foi em culpa. Vos na entrada; porque a vossa Conceição foi em graça: os outros na sahida; porque a sua Conceição foi em odio: vos na entrada;

porque a vossa Conceição foi em amor: os outros na sahida; porque a sua Conceição foi em pena: vos na entrada; porque a vossa Conceição foi em gloria: finalmente os outros na sahida; porque foram concebidos como escravos de Lucifer: vos na entrada; porq̃ fostes concebida como Mãy, & pe-ra Mãy de JESUS: *De qua natus est. JESUS.*

§. IV.

17 Parece-me que estou ouvindo as vozes do Divino Esposo la no cap. 4. dos Cantares; ferido ja dos dezejões, ou impaciencia da dilacão deste dia, ou deste instante. Digo deste instante; porque neste capitulo escreveo o o mesmo Esposo com a purpura de seu Sangue o decreto da innocencia original de sua amabilissima Esposa: porque havendo de fazer este panegyrico à sua belleza: *Tota pulchra es amica Cant. mea, & macula non est in te. 4.* Toda fois fermosa esposa minha, & não ha em vos alguma

guma macula; Texto verdadeiramente irrefragavel pera a gloria deste dia; disse primeiro: *Vadam ad montē myrrhae*: Subirei ao monte da myrrha. Pois comque energia sobe primeiro ao monte da myrrha, do que declare a fermosura sem nota da esposa? Com grande. Ja sabem, que he propriedade, ou virtude da myrrha o preservar da corrupçãõ; & pera declarar Christo, que o privilegio da Conceição immaculada fora virtude da myrrha, isto he do Sangue do mesmo esposo; antes de abonar sua belleza, diz, que ha de subir ao monte, em que ha de derramar o Sangue: *Vadam ad montem myrrhe: Tota pulchra es amica mea.*

18 Agora entram as vozes do Esposo: *Veni de Libano, sponsa mea, veni de Libano, veni, coronaberis.* Vinde do Libano, Esposa minha, vinde do Libano, vinde, se-reis coroada. Há mais notavel pressa! ha mais sagra da impaciencia de affectos! *Veni, veni, veni.* Vinde, vinde, vinde. Não basta huma vez,

& huma voz, a quem lhe observa os acenos! não basta hum aceno, a quem lhe sonha os pensamentos? pera romper Lazaro os embarços de huma sepultura, basta hum *veni: Lazare, veni: &* pera acudir a esposa, he necessario triplicar o *veni.* Achou mais prompta a obediencia na morte, que no amor; ou menos repugnancia na sepultura, que na fineza? Não foi repugnância da parte da Senhora, foi mysterio da parte de Christo. Dava o Filho vozes à Mãy, pera q̃ acabasse ja de vir, ou começasse ja a vir, & entrar no mundo, & como os caminhos eraõ tres em hum sô caminho de sua Conceição, foi necessario triplicar o *veni. Veni, veni, veni. Veni,* vinde, pello caminho da graça. *Veni,* vinde pello caminho do amor: *Veni,* vinde pello caminho da gloria. Vinde, & vinde tres vezes; porque tres vezes Santa; Santa huma vez com o habito da graça: Santa segunda vez com o acto de amor; & terceira vez Santa com a vizam da gloria.

gloria.

Cant.
7. 1.

19 *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, Filia Principis.* Exclama cõ admiracão o mesmo Esposo. O que fermosos sã vossos passios, filha verdadeiramente de Principe. Fermosos feus passos; porque? Notai. No peccado Original como em qualquer outro peccado mortal ha trescouzas, como dizem os Theologos, ha culpa, ha averçam, & ha reato: ha culpa, que consiste na offensa de Deos, & trãsgressão de sua ley: ha averçam, porque pella culpa dá o peccador as costas a Deos, & se cõverte às creaturas: ha reato, porque fica o peccador obrigado às penas eternas do inferno. Vede agora como eram ayrosos os passos desta fermosissima Senhora em sua Conceição. Dava hum passo; & cõ a graça pizava a culpa: dava outro passo; & cõ o acto de amor pizava a averçam de Deos: dava o terceiro passo, & cõ a vizam da gloria pizava o reato da pena: *Quam pulchri sunt gressus tui, filia Princi-*

pis.

20 Pasmavam os mesmos Cortesãos do Ceo, & em toda a terra não achavaõ espelho, em que retratar a gentileza de seus passos: buscaram-no no mesmo Ceo: *Que est ista, que progreditur, quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut Sol?* Punham os olhos em seus primeiros passos: *Que est ista, que progreditur.* Viam, que aquelle primeiro instante do ser, em que a noitece a todos entre as trevas da culpa, lhe amanhecia a ella entre as luzes da graça; & parecialhe, que a aurora, quando em huma menhá da primavera nace desfolhando rozas por entre os dedos, era o melhor espelho pera copiar sua belleza: *Quasi aurora consurgens.* Dava mais hum passo; & viam que o amor Divino ja naquelle primeiro instante lograva tantas enchentes no coração da Senhora, que sendo o primeiro da Lua, lhes pareceo estar ja a Lua cheia: *Pulchra ut luna.* E mais suspensos ainda viaõ novaméte o que entam

Cant.
6. 9.

naõ tinham visto; nem depois haviam de ver: naõ tinham visto, que Deos a alguma creatura no primeiro instante de seu ser cõmunicasse a sua vista, & vendoa cercada toda dos resplandores da gloria, retratavaõ no Sol sua fermosura: *Electa ut Sol*. Aquella palavra (*Electa*) escolhida, quer dizer, como dizem os Expositores, unica, & singular. Agora perguntara eu aos Anjos: Se quando a comparam à aurora: *Quasi aurora*; se quando a comparam à Lua: *Pulchra ut luna*, naõ applaudem à Senhora por singularmente unica: quando a comparam ao Sol; porque lhe chamaõ unicamente singular: *Electa ut Sol*? porque na aurora explicavam a graça: na Lua o amor, & no Sol a gloria, em que foi concebida: E assim na graça, como no amor daquelle primeiro instãte naõ foi a Senhora unicamente singular; mas na gloria, sim, foi singularmente unica. Adam no primeiro instante teve graça; mas naõ teve amor, nem gloria: Os Anjos

tiveram graça, & tiveram amor; mas naõ tiveram gloria; & como a Senhora sobre a graça, que teve Adam, & sobre a graça, & amor, que tiveram os Anjos, teve tambem gloria, que nem os Anjos, nem Adam tiveram; por isso ao Sol, em que se retrata a gloria, ajuntaraõ a prerrogativa de unica: *Electa ut Sol*.

21 Feche o Evangelho com duas palavras este discurso, que começou a Epistola: *De qua natus est JESUS, qui vocatur Christus*. De quem naceo JESUS, o qual se chama Christo. Parece, que naõ era necessaria esta advertencia, de que JESUS se chamava Christo; porque ja o Evangelista o tinha ditto no titulo deste seu livro: *Liber generationis JESU Christi*: pera que he logo tornar a repetir, o que ja tinha advirtido? Peraque nestes dous nomes de JESU, & de Christo, tivessesmos huma escondida prova do nosso assumpto: JESUS quer dizer Redemptor, & Christo quer dizer unigido: como

como Redentor deu a graça à Conceição da Mãe; & como unção deu o amor, & a gloria, como unção, fim: porque o oleo, com que Christo foi unção foi a gloria, & o amor. Ouví a David: *Dilexisti iustitiam: Propterea unxit te Deus oleo letitiae*: Amaste a justiça: Eisahi o amor: por isso vos unção Deos com o oleo de alegria: Eisahi a gloria: Eisahi o escondido mysterio, com que neste dia advirtio o Evangelista, que JESUS se chamava Christo; porque como JESUS deu a graça à Conceição da Mãe; & como Christo a gloria, & o amor.

22 E à vista desta nova maravilha, à vista deste mysterio, que sendo hum na essencia, he trino na Santidade, que muito não digo já dous Serafins divididos em dous coros; mas todos os nove coros dos Anjos prostrados como os anjos do Ceo diante deste gloriosissimo trono, mudem a letra em obsequio da Conceição de Maria, & entoem em voz suavissima sim, mas ram so-

nora, que a ouça Ceo, & terra: *Sancta, Sancta, Sancta: plena est omnis terra gloria tua*. E de hoje em diante não seja so Sancta, mas Santissima a Conceição da Virgem Maria. Os Hebreos como na sua lingua lhes faltaó os superlativos, supremesta falta com repetir tres vezes o positivo, & pera dizerem Santissimo, dizem tres vezes Santo. E se a Conceição he tres vezes Santa, com razam lhe podemos chamar Santissima. E assim como entre todos os mysterios de Christo o Sacramento se levanta cõ a antonomasia de Santissimo: assim entre as festas todas da Senhora a da Conceição he a Santissima. por excellencia.

§. V.

23 Já aqui podia parar o nosso discurso, senão o picara a curiosidade, quando não seja a devoção de saber, que graça, que amor, q gloria foi a da Senhora no instante primeiro de sua Conceição. Foi concebida

em graça; mas que graça? foi concebida em amor; mas que amor? foi concebida em gloria; mas que gloria? livro pedida; & não sô sermão a resolução de cada huma destas questões: Mas brevemente pera que vos não moleste.

24. Digo primeiramente que foi a Virgem Senhora concebida em graça, & em tanta graça, que a graça de sua Conceição excede à graça não sô de todos os homens, mas dos Anjos todos: Aonde os Anjos, & os homens puzeram termo à sua graça; ahi teve seu principio a graça da Conceição: Ha quem o diga? Sim: a mesma Senhora: *In plenitudine Sanctorum detentio mea*: A minha detença he na plenitud, ou enchente de todos os Santos; porque aonde todos os Santos puzeram remate a sua Santidade; ahi lançou a Senhora os primeiros fundamentos à sua: Ouvi a S. Bernardino de Sena: *Ubi ergo est summa plenitudo Sanctitatis humane, & Angelice, sibi semper Virgo Dei Mater prima sue Sanctitatis jecit fundamēta*. Notai a clausula: *Prima sue Sanctitatis jecit fundamenta*: Abrio os primeiros alicesses: E quais foram os primeiros alicesses da graça, & Santidade da Senhora? Não foi sua Conceição? Assim foi: logo a graça da Conceição venceo a graça de todos os Santos assim homēs, como Anjos.

25. Por isso disse a Sabedoria Divina fallando da Conceição da Senhora, que Deos a creava no Espirito Santo: *Ipse creavit eam in Spiritu Sancto: Quia simul creata, & repleta Spiritu Sancto fuit*. Cōmenta o doutissimo à Lápide; porque no mesmo instante, em que foi concebida, foi cheia do Espirito Santo. Direis, que tambem do Baptista faz o texto Sagrado o mesmo elogio; porque tambem diz d'elle, que seria cheio do Espirito Santo: *Spiritu Sancto repletur adhuc ex utero matris sue*. Assim he; mas tudo tem seu fundo. O Baptista não posso negar, que era grande Santo; mas em comparação da Senhora era limitado va-

so;

Eccli.

24. 16.

To. 3.

Serm.

11. art.

3. c. 1.

Eccli.

1. 7.

fo; & a Senhora he hum va-
so de immensa capacidade;
como diz S. Boaventura;
Maria vas immensissimum
fuit: & pera encher de agoa
de Cordova huma redoma
pequena, pouca agoa basta:
mas pera encher huma re-
doma de immensa grande-
za, não basta o Oceano.

26 Em fim que fez De-
os pera formar a imagem da
Conceição; o que diz Plinio
fizera Zeuxis aquelle famo-
sissimo pintor pera pintar a
imagem de Juno. Encomen-
daraõ-lhe os Agrigentinos,
que lhe pintasse a Juno De-
osa das Deosas. E que fez a-
quelle grande artifice? man-
dou vir à sua presença as
mais celebradas fermosuras
do paiz: & trasladando com
o pincel ao lenço aquella
graça, em que cada huma ex-
cedia as mais, sahio tam fer-
mosa a copia, que tinha ma-
is que envejar Juno na sua i-
magem, que a sua imagem
em Juno. Isto fez aquelle ce-
lebrado pintor; pera pintar
a imagem de Juno; mas foi
muito mais o que fez o Di-
vino Artifice pera formar a

imagem da Conceição de
Maria: aquelle teve os olhos
em poucas, & humanas fer-
mosuras: Deos poz os seus
em todas as humanas, & An-
gelicis: aquelle trasladou à
sua imagem as prendas da
natureza: Deos compendiou
na sua todos os dotes da gra-
ça: aquelle fez que a sua ima-
gem fosse hum milagre da
arte: Deos fez, que a Imagé
da Conceição fosse milagre
não só da natureza; mas que
da mesma graça fosse mi-
lagre. Assim lhe chamou a-
quelle grande Theologo, &
devoto Capellaõ da mesma
Senhora o Padre Christo-
vam da Veiga na sua Theo-
logia Marianna: *Miraculum,*
& quidem non solum nature,
sed etiam gratie.

§. VI.

27 Passemos ja da gra-
ça ao amor, com que a Se-
nhora naquelle primeiro in-
stante começou logo a amar
a Deos; emendando o erro
de Adam, com que nos met-
teu em caza o peccado Ori-
ginal. Qual cuidais, que foi

a occaziam da primeira culpa? Perguntai-o ao Abbade Ruperto, & responderá cõ sua costumada agudeza: *Formante Deo, & inspirante spiraculum vitæ, non suspiravit eodem spiraculo vitæ acceptæ in plastræ sui faciem.* Formou Deos ao primeiro homé, & pera animar aquelle barro em huma chama de feu amor lhe deu a vida: *In sufflavit in faciem ejus spiraculum vitæ.* E que havia de fazer Adam? No mesmo instante, em que Deos inspirou nelle por fineza, havia elle de suspirar a Deos por amor. E que fez? tomou a respiração; não suspirou: *Non suspiravit.* Ah si barro ingrato, & grosseiro, quando havias de ser mais fino; pois morrerás, & morrerám contigo todos, os que de ti naceré: *Morte morieris.* Esta foi a occaziam da primeira culpa. Mas que longe esteve desta culpa o coração da Virgem Senhora, q̃ no primeiro instante, em que Deos inspirou nelle os alentos da vida, suspirou elle a Deos incendios de amor.

28. E de amor tam intenso, que venceo com excessivas ventagens todo o amor, com que os Santos, & Anjos amaram, amaõ, & hamde amar a Deos. Grande proposição! mas seja David o fiador della. *Diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob.* Ama o Senhor, diz o Profeta, as portas de Siam; mais que a todos os tabernaculos de Jacob. Os que explicam mysticamente este verso do Salmo 86, dizem, que Siam he a Virgem Senhora nossa; & que os tabernaculos de Jacob sam os Santos de huma, & outra Igreja, assim da militante como da triunfante, que por isso o Profeta lhe chamou nomeadamente tabernaculos de Jacob, que tambem se chamou Israel: Jacob, q̃ significa: Lutador, representa a Igreja militante na terra: Israel, que quer dizer: O que vê a Deos, significa a Igreja triunfante no Ceo. Dizei pois, David, que ama Deos as portas de Siam com maior fineza; que a todos os tabernaculos de Jacob,

Jacob foi dizer, que ama Deos mais a sua Mãy, que a todos os Santos da terra, & a todos os Anjos do Ceo. Isto dizem todos, mas eu reparo, em que não diz o Profeta, que ama Deos a Siam; mas as portas de Siam: *Diligit portas Sion*. E com que mysterio as portas? Porque as portas sam a primeira entrada da Cidade; E a primeira desta fermosissima Cidade de Deosa Virgem Senhora foi sua Conceição: & em sua Conceição amou Deos á Virgem muito mais, que a todos Santos, & Anjos todos: *Diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob*. Direis, que o texto prova o amor de Deos pera com a Senhora; mas não o amor da Senhora pera com Deos? Sim prova. Deos ama aos que o amaõ: *Ego diligentes me diligo*: Logo ama mais, a quem mais o ama; & a quem menos o ama, ama menos: logo se no instante da Conceição amou Deos á Senhora mais, que a todos os Santos: tambem a Senhora amou mais, que todos os Sã-

tos a Deos; que esta correspondencia de amor a amor senão foi reciprocamente igual, foi semelhante: *Dilectus meus mihi, & ego illi*. Cant. 2. 16.

29. Fazei hum Etna de amor, ajuntai em hum incendio as finezas de Adam com novecentos annos de penitencia, as de Abel innocente com os mais, que seguiram seus candores; as de Enos, as de Seth, as do Extatico Enoch, as do Restaurador do mundo na sua arca, as de Abraham tam provadas, & approvadas de Deos, as de Isaac, as de Jacob, as de Melquisedec, & nam vos esqueçam as de Job; que he tudo, o que admirou por grande a ley da natureza.

30. Mas ainda he pequeno o incendio. Ajuntai mais as de Moyses, as de Josue, as de Gedeam, as de Samuel, as de David, cujo coração foi talhado pellos moldes do coração de Deos, as de Josias, as de Ezequias, as de Elias com todo o fogo da sua carroça; as de Jeremias, & Ifaias com todo o choro dos Profetas; as de Eleazar.

có as dos invictíffimos Machabeos: ajuntai tudo, o que teve de heroico, & notou com caracteres de ouro a ley Escritta.

31 Passai de huma, & outra ley à ley da graça: ajuntai a este Etna, que ja vay crescendo muito as finezas de hum, & outro Joam, Baptista, & Evangelista; as dos Apostolos, as da Magdalena com a letra, que Christo lhe sobcreveo: *Dilexit multũ*; as dos Agostinhos có o coração nas mãos, & com as setas no coração: as dos Franciscos, as dos Bernardos; as dos Ignacios; as de Inés, as de Cicilia; as das duas Catharinas hũa na roda; outra có as chagas; as de Thereza sem coração; ou toda coração; porq̃ toda amor: ajuntai todas aquellas chamadas, em q̃ os Mártires se abraçaram mais por amor; do que os tyrannos os abraçaram por odio.

32 E parecevos, que igualará este incendio quasi immenso o amor da Virgem Senhora no instante de sua Cõceição. Ainda he pouco.

Voai da terra ao Ceo; & acrecentai o amor das tres Jerrarquias Angelicas: na primeira o dos Anjos, o dos Archanhos, o das Virtudes: na segunda o dos Poderios, o dos Principados, o das Dominações: na terceira o dos Thronos, o dos Querubins, o dos Serafins, que sam os ardentes, os abraçados, os finos. Pois todas as finezas destes grandes amadores de Deos unidas em huma ou todo este Etna de amor cõposto de todas estas finezas he de muito menores quilates, que o amor, com q̃ no primeiro instante de feu se abraçou o coração de Maria Senhora pera có Deos: porq̃ se Deos a amou naquelle instante mais que a todos; *Diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob*; tambem ella mais que todos amou a Deos naquelle primeiro instante: porque se os mais amaram a Deos, como a Senhor; ella amou o Senhor como a filho: *De qua natus est JESUS.*

§. VII.

33 Temos ditto da graça,

ça, temos ditto do amor: & da gloria que havemos de dizer? O que la no principio nos dizia o Profeta Jeremias: *Solium gloriae altitudinis à principio*: Que fora a Senhora o throno da gloria desde o principio, isto he desde o primeiro instante de sua Conceição. E se a gloria corresponde à graça, & ao amor; sendo o amor, & a graça no instante da Conceição com tantos excessos aos mais Santos; tambem a gloria daquelle instante fez conhecidas ventagens à gloria dos Santos todos. Digo naquelle instante; porque esta diversidade houve entre a graça, o amor, & a gloria: que a gloria foi transitoria, passou: a graça, & o amor permaneceram, & se augmentaram.

34 E se me perguntais; porque passou a gloria, & perseverou a graça, & o amor? Pera doutrina nossa, Catholicos, Que toda a gloria, ainda que seja do Ceo, se he nesta vida passa: só a graça, só o amor perseveraõ,

se por nossa culpa, ou por nossas culpas não acabam.

35 O fazei Santissima Senhora, que façamos da graça, & do amor Divino aquelle preço, que vos fizestes. Não huma, mastres vezes fostes Santa em vossa Conceição; Santa, porque concebida em graça: Santa, porque concebida em amor de Deos: Santa, porque concebida em gloria. Ja que fomos em nossa conceição tres vezes peccadores; peccadores, porque concebidos em culpa; peccadores, porque concebidos em odio de Deos; peccadores, porque concebidos, como escravos de penas eternas; assistinos com vossa intercessão, pera que no instante da morte morramos duas vezes Santos, Santos pella graça, Santos pello amor, pera que subamos a ter Santos na gloria: aonde vos cantemos eternamente: *Sancta, Sancta, Sancta: pleni sunt caeli, & terra gloria tua: quam mihi, &c.*

* * *

SERMA



SERMAM DA IMAGEM DA CONCEIC,AM

Liber generationis JESU Christi.

§. I.

Isto era, Justa Santissima, que fizesseis lugar em vossa caza à Imagé daquella Senhora, que no primeiro instante de seu ser foi justissima: Grandes augmentos, gloriosa Santa, podeis esperar a esta vossa caza com a entrada nella de tam grande, & grandiosa Princeza. Entrou huma vez em caza de Zacharias, & q̃ felicidades não entraraõ naquella caza! Disse-o a saltos. o menino Precursor; disse-o a profecias Isabel mãy do mesmo menino: disse-o a milagres seu pay Zacharias. Bem vejo, que me podeis dizer, que em caza de Zacharias entrou a pessoa, & não a imagem da beatissima Virgem. Ora cū vos quero dar

dar outro exemplo da imagem, & não da pessoa; pera que acabeis de crer, que não são maiores os privilegios da pessoa, que os da imagem. Entrou a Arca do Testamento em caza de Obbedom; & que se seguiu a esta entrada? ouvi o Sagrado Texto: *Et benedixit Dominus Obbedom, & domum ejus totam.* E lançou Deos sua benção a Obbedom, & a toda a sua caza: & com a benção de Deos creceo, & foi em tantos augmentos a caza de Obbedom, que David picado de huma santa enveja se resolveo a trazer pera sua caza a cauza de tanta felicidade: assim o fez. Mas que cuidais? que aquillo era privilegio da Arca pelloque era? enganai-vos: que não era senão da Arca pelloque representava. Era aquella Arca, como sentem os Padres todos, imagem da Virgem Santissima; & tanto que entrou naquella caza huma imagem da Senhora, choverão nella os bens: *Benedixit Dominus Obbedom, & domum ejus totam.* O' que abendiçoada de

Deos! que assistida, & venerada dos Anjos! que buscada, & frequentada dos homens sera de hoje em diante esta vossa caza, Justa Santissima, com a entrada, & assistencia benfica de tam fermosa imagem!

2 Este he, senhores, o assumpto, a que a piedade de alguns devotos dedica hoje esta festa. Não fazemos hoje festa à Conceição immaculada da Senhora; á Imagem de sua immaculada Conceição fazemos festa. La aos 8. de Dezembro adoramos a pessoa; hoje adoramos a imagem: aos 8. de Dezembro adoramos a pessoa; porque applaudimos a victoria, com que a gloriosissima Senhora triumphou no primeiro instante da culpa Original: hoje adoramos a imagem, que a piedade lhe consagra naquelle altar. Só podemos duvidar qual he maior fineza se a daquelle dia, se a deste: se a daquelle dia; em que adoramos a pessoa; se a deste, em que adoramos a imagem? E se a fineza se hade medir pella estimação, digo, que maior

maior he a deste dia, que a daquelle. E porque? Porque estima mais hum principe a adoração da imagem, que a da pessoa. Quereis prova? Sim.

3 Fez Elrey de Babylonia aquella sua estatua, ou imagem toda de ouro; & pera o dia da Dedicacão convocou toda a nobreza do reino, & a o som de varios instrumentos mandou lançar hum bando, em que se penna de morte intimava a todos, que na mesma hora, em que se desse final, se prostrassem todos por terra, & adorassem a sua imagem: *In hora, qua audieritis sonitum tuba, & fistule, & citharæ cadentes adorete statuam auream.* Sempre reparei muito nesta resolução de Nabucho. A imagem he substituta da pessoa: inventou o amor as imagens, pera com ellas na auzencia das pessoas entreter as faudades: Assim o ensina Salamao no livro da Sabedoria, aonde diz, que hum pay cortado da dor pela morte de hum filho, que lhe cortara em flor, pera en-

ganar o sentimento, fizera hum a imagem do mesmo filho; *Acerbo luctu dolens pater citò rapti sibi filij fecit imaginem:* nam tinha a pessoa, substituiu a imagem. Pois se a imagem suppre as auzencias da pessoa; porque manda o rey de Babylonia, que se de a adoração à sua imagem, & não à sua pessoa? Se o rey, & a imagem do rey estiverão em diversos lugares; neste pudera ser adorada a pessoa, & naquelle a imagem; mas a imagem, & o rey ambos estavao em Babylonia. Mas ahi vereis, quanto mais estimaõ os Principes a adoração das suas imagẽs, que a das suas pessoas; que estando no mesmo lugar a pessoa, & a imagem, mandou Nabucho, que lhe adorassem a imagem, & não que lhe adorassem a pessoa: *Cadentes adorete statuam auream.* E se he de maior valor a adoração, que se dá à imagem, que a que se dá à pessoa; não parece, que dizia eu mal, que he maior fineza a deste dia, que a daquelle dia; a deste dia, em que adoramos

Dan.
3.5.

ramos a imagem, que a daquelle, em que adoramos a pessoa da immaculada Senhora.

4. E supposto, que a festa se dedica à imagem da Senhora da Conceição, será o assumpto, que a Senhora por ser imagem logrou em sua Conceição as izenções da primeira culpa. Logo nos explicaremos mais; & pera o podermos conseguír, peçamos todos à mesma Senhora, que he o Archivo de todas as graças, nos alcanse a que nos he necessaria.

AVE MARIA.

S. L.

Liber generationis JESU Christi.

5. Livro da geração de JESU Christo. Este livro, que no sentido literal he o Evangelho de S. Matheus, no mistico, & allegorico he a Virgem Senhora nossa. Assim o dizem Santo Ambrosio, Santo Antonio, Ruperto, & outros muitos

Doutores. Mas este livro (em que nunca houye errata) não foi tanto pera escrever, quanto pera estampar: He verdade, que escreveo nelle o Eterno Padre huma só palavra, mas esta palavra, como he imagem de sua substancia: *Imago substantiae ejus*; mais foi estampa, que escrittura. Donde se puzemos com attenção os olhos neste livro Divino, veremos estampada nelle a Imagem do Eterno Pay, que he seu filho Unigenito; he o que diz a letra do nosso texto: *Liber generationis JESU Christi*. Mas eu não quero só, que seja este soberano livro imagem do Filho; senão que he Imagem de toda a Santissima Trindade: He imagem do Pay, de quem he Filha: he imagem do Filho, de quem he Mãe: he imagem do Espirito Santo, de quem he Espôsa. Não me detenho em provar esta prerogativa da Senhora; porq̃ foi empreza da pena, & subtil engenho do Bispo Almericense no seu livro, a que deu por titulo: *Maria Effigies*.

Reve-

Revelatio que Trinitatis.

6 Mas antes de entrar na ponderação dos primores desta imagem Divina, não posso deixar de confessar meu temor; & explicallo hei com o que succedeo a Apelles aquelle celebradissimo pintor da antiguidade. Pintou Apelles huma imagem, que era o *non plus ultra* da arte; porque nella tinha posto toda a valentia de seu pincel. Pendurou-a sobre a porta, & retirouse aonde não fosse visto, & pudesse ouvir os votos dos que passavaõ; se he que os que chegavaõ a ver aquelle prodigio da pintura ficavaõ com liberdade pera passar; porque a lindiza da imagem, a proporção dos membros, a viveza das cores era hum enleco dos olhos, hum feitiço das vontades, & huma admiração dos entendimentos. Houve algum, que picado de mais entendimento, escreveu ao pé da imagem: *Pulchra imago: Ferosa imago.* Soube Apelles a subscripção; decco abaixo; & sobereveo: *Inspiciencia.* Grãde necedade. Não

tavel censura a de Apelles! Se este homé notara na sua imagem algum defeito, pudera ter cauza este insigne pintor pera o reprehender de ignorante; mas se elle a admira, se a approva, se a louva: *Pulchra imago;* porq̃ o fere com a censura de necio: *Inspiciencia.* Sabeis porq̃? respondeo Apelles: *Quod à me cõmendatum est, non indiget cõmendatore.* A imagem, que eu tenho louvado huma vez; não he necessario, que outrem a louve: todo o outro louvor não he louvor, he ignorancia: *Inspiciencia.* Quanto maior rezaõ tenho eu pera temer, que me succeda cõ Deos, o que succedeo a este homé com Apelles. Depois de dizer desta Divina imagem quanto fei, & quanto posso; depois de encarecer cõ todas as cores da eloquencia os primores de sua fermosura: *Pulchra imago;* tudo merecerá com rezam a censura de ignorancia: *Inspiciencia;* porque me dirá toda a Santissima Trindade: *Quod à me commendatum est, non indiget commendatore:*

Não

Naõ vês necio, que tenho dado a esta minha imagẽ os elogios de fermosa, & immaculada: *Tota pulchra es, amica mea, & macula non est in te*: pois aonde eu sou, o que tomo por minha conta os louvores desta imagẽ, ignorancia crassa he cuidar que necessita de louvores estranhos: *Quod à me commendatum est, non indiget cõmendatore*. Assim o confesso, Deos, & Senhor meu; mas como naõ pertendo ser mais, que hum relator dos louvores, que vos lhe destes, se me naõ absolver da ignorancia, absolverme hei da culpa, que naõ pode haver culpa em applaudir por livre de toda a culpa a esta imagem vossa.

§. III.

7 He a Immaculadissima Senhora Imagem do Eterno Pay; porque he filha do mesmo Pay: E da rezam de filho he ser imagem do pay; quem naõ he imagem, naõ he filho. Diz o Texto Sagrado, que Absalam, aquelle filho tam amado, co-

mo indigno do amor de seu pay David, levantara hum titulo, ou hum padraõ pera immortalizar a memoria de seu nome. *Hoc erit monumentum nominis mei*; & se perguntais aos Expositores Sagrados, que titulo, ou que padraõ era este? Respõdem, que era hum marmore, em que Absalam mandou esculpir huma imagem sua. Eu naõ reparo tãto no que fez; quanto na rezam, porque o fez. A rezam, que este Principe teve pera levantar aquella imagem, pella naõ deixar à nossa cortesia, elle mesmo a quiz dar: *Absalom erexerat sibi, cum adhuc viveret, titulum, dixerat enim: Non habeo filium*. Levantou pera si hum padraõ, dizendo: Naõ tenho filho. Naõ tendes filho, Absalam; como pode ser, se diz o Sagrado texto, que vos naceram tres filhos: *Nati sunt autem Absalom filij tres*; & quem tem tres filhos, com que verdade pode dizer, que naõ tem filho: *Non habeo filium*? Dificuldade he esta, que deũ que cuidar aos Expositores. Dei-

xando

xando outras respostas, sigamos a que dam muitos citados por Abulense. He verdade, que nacerao a Absalaõ tres filhos; mas em nada se pareciam com seu pay. Era Absalam o garbo da gentileza; & não sahiram os retratos conformes ao exemplar; em fim não vio Absalam nos filhos a sua imagem; & julgou, q̄ não eraõ filhos seus, os que não eram imagés suas; por isso a imagem, que não via nos filhos, mandou esculpir no marmore, dizendo que não tinha filho: *Ere xerat sibi titulum; dixerat enim. Non habeo filium. Quem não he imagem, não he filho.*

8. Ate em Deos he verdadeira esta Filosofia. He de fê, que o Verbo Eterno he Filho do Eterno Pay: *Filius meus es tu: ego hodie genui te:* também he de fê, que o Espírito Santo não he, nem se pode chamar filho. Dificulto assim. Assim como o Verbo procede do Pay; assim o Espírito Santo procede do Pay, & do Filho; pois porq̄ não hade ser também filho o Espírito Santo, como he

filho o Verbo? A rezam he tam difficultosa, que não acabam de se concertar os Theologos. Mas em quanto elles batalham entre si, digamos nos que o Verbo he Filho; porque he imagem do Eterno Pay; & o Espírito Santo não he filho; porque não he imagem nem do Filho, nem do Pay. E a rezam desta rezam, qual he? He; porque o Verbo procede do Pay por acto de entendimento, & o acto do entendimento he formalmente representação, & imagem do seu objecto: O Espírito Santo procede do Pay, & do Filho; por acto da vontade; & o acto da vontade não he imagem, nem representação do objecto. O Espírito Santo não he imagem; pois não he filho; o Verbo he filho; porque he imagem não so real, mas intencional do Pay. Tam necessario he ser imagem quem he filho, que não he filho, senão he imagem.

9. E como a Virgé Senhora nossa he Filha do Eterno Pay, que Filha lhe chamou o mesmo Pay: *Audi Pf. 44*
Filia: 11.

Filia: seguiose, que he tambem imagem sua. E não ferá hereje da boa rezam quem imaginar, que a esta imagem tam fermosa houvesse de afetar a macula da primeira culpa? Havia de sahir ao mundo o Eterno Pay com esta sua imagem com hum lunar pello rostro? Que credito fora do Soberano artifice? Não fora imagem sua, se assim fora. Quando Deos creou ao primeiro homem, estampou nelle sua imagem:

Gen. 1.
27. *Ad imaginem Dei creavit eum.* Formou a Eva do lado de Adam; mas não diz o texto, que exprimira em Eva a

Gen. 2.
22. *Edificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adam in mulierem;* & não diz mais. Pois Adam hade ser imagem de Deos; & Eva não? Eva não he muito semelhante a Adam; o mesmo Deos a fez em tudo parecida ao mesmo Adam: *Faciamus ei adjutorium simile sibi.* Pois se Adam he imagem de Deos; porque não quer Deos, que Eva se chame imagem sua? Porque pera Deos tirar a costa a Adam,

& formar della a Eva, diz o texto, que primeiro adormecera Adam. *Inmisit Dominus soporem in Adam:* de modo que Eva foi formada do lado de Adam; mas de Adam dormindo; & o sono, como bem sabeis, he huma sombra, ou symbolo do peccado; & quem fora formada, ou concebida com sombra de culpa, não quiz Deos, q se chama sse imagem sua: Adam sim: *Faciamus hominem ad imaginem nostram;* Eva não. Adam sim; porq em sua formação nem por sombra houve culpa: Eva não; porq em sua criação senão houve culpa, houve sombra de culpa. E se Deos não quer que se diga imagẽ sua, quem teve sombra de culpa, como havia de permittir o Eterno Pay, que fosse assombrada da culpa Original aquellã imagem, em quem tinha os seus maiores agrados? Nam ha duvida, que a não reconheceria por sua.

io Sempre me deu muito em que reparar a diversidade com que se houve o Eterno Pay com a sua imagem

substancial, isto he, com seu Unigenito Filho em dous montes, no Thabor, & no Calvario. No Thabor ouvi-se a voz do mesmo Pay, em que declarava a Christo por Filho seu; *Hic est filius meus dilectus, in quo mihi bene cõplacui*. No Calvario não se ouviu semelhante voz; antes se ouviu huma queixa do mesmo Filho, em que o Pay o desemparara: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Senhor, eu venero, como devo, vossos occultos juizos; mas querme parecer, que trocastes as occasioes; & o que havieis de fazer em hum monte, fizestes noutro: Ponhamos hum monte à vista de outro monte; o Thabor à vista do Calvario. No Thabor era o rosto de Christo enveja do Sol; & seus vestidos mate da neve: *Resplenduit facies ejus, sicut Sol; vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix*. No Calvario estava sem vestidos, & seu rosto desfigurado: *Vidimus eum; & non erat ei aspectus*: no Thabor estava glorioso entre dous

Profetas: no Calvario estava crucificado entre dous ladroes: no Thabor estava louvado, & adorado dos Anjos; no Calvario estava affrontado, & blasfemado dos homês: no Thabor estava coroadode honra, & de gloria: no Calvario estava coroadode espinhos. Logo no Calvario, & não no Thabor era necessaria a voz do Pay, em q̃ declarasse a Christo por imagẽ, & filho seu; porque no Thabor entre os resplandores da gloria todos o conheceriaõ, mas no Calvario entre as trevas de tantas affrontas quem o havia de reconhecer? Pois porque senão ouviu no Calvario a voz do Pay, que se ouviu no Thabor: *Hic est filius meus dilectus, in quo mihi bene cõplacui?* A verdadeira rezam sabea Deos; eu fõ sei, que Christo no Calvario fazia a figura de peccador; porque tinha tomado à sua conta satisfazer pello peccado de Adam. Olhava o Eterno Pay pera Christo no Thabor, viao todo luzido, todo resplãdeciente, todo glorioso; &

reco-

reconhecia nelle huma imagem sua; *Hic est filius meus dilectus*. Olhava pera o mesmo Christo no Calvario; & via nelle não o peccado; que isso não podia ser, mas a sombra do peccado, & a imagem de peccador; & eſtranhou-o tanto, que parecia não conhecia, & o deixava: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me*: & se o não negou de filho, não confessou que o era.

11 O imagem soberana do Eterno Pay, Sacratissima Senhora, sô poderá sospitar em vossa Conceição sombra de culpa, quem differ, que não fois imagem de tam Divino exemplar; & sô poderá dizer, que não fois imagem sua, quem differ, que não fois sua filha. Mas se o mesmo Pay está dizendo, que fois filha sua, como se pode dizer, que não fois sua imagem? E se nas suas imagens não soffre sombra de culpa; creio, Senhora, & creio, que creio a verdade, que em vossa Conceição triumphastes gloriosamente da sombra da primeira culpa.

12 Sô vejo, que me dirá algum demasiadamente Critico, que ainda que o Eterno Pay formou esta Sagrada imagem, com tudo a materia, ou natureza, de que a formou, foi de Adam: logo parece, q̄ hade ser de Adam, & não do Eterno Pay esta imagem. Valhanos contra de manda tam injusta o mesmo direito Civil: o qual resolve, que se hũ pintor pintar huma imagem em huma taboa, ou lenço alheio, a imagem não he do Senhor do lenço, mas do pintor: a este se hade julgar, & não àquelle. He verdade, que o lenço, ou natureza he de Adam; mas não foi Adam, o q̄ pintou; quem pintou, & deu as cores à esta imagem, foi o Eterno Pay; logo do Eterno Pay, & não de Adam he esta imagem Divina.

§. IV.

13 E se por ser imagem do Eterno Pay foi izenta em sua Conceição da primeira culpa; tambem por ser imagem do Filho, logrou esta i-

zenção. Imagem do Filho (vejo que reparais) não pode ser; porque se a Senhora he imagem do Pay, porque he filha; o filho hade ser imagem da Mãy; & não a Mãy imagem do Filho. Dizeis bem; mas tambem eu não digó mal. Dizeis, que Christo he imagem, ou retrato da Senhora; porque he filho, assim he; mas tambem he assim, que esta mesma Senhora he imagem, ou retrato do filho; porque he Deos: De modo, que Christo tem dous nascimentos, hum eterno, outro temporal; hum eterno; em que nace sem tempo do Eterno Pay, outro temporal, em que naceo em tempo da Virgem Mãy. Agora notai: Christo no nascimento eterno he o exemplar, & a Senhora he a imagem, & no nascimêto temporal a Senhora he o exemplar, & Christo he a imagem. Ouvi a mesma Senhora nos Cantares de Salamaõ: *Dilectus meus mihi, & ego illi*: O meu amado pera mim, & eu pera elle: Elle pera mim; porque em quanto Deos elle he o

meu exemplar, & eu sua imagem: E eu pera elle; porque em quanto homem, eu sou o feu exemplar; & elle imagé minha. Não sei se foi este o pensamento com que a Igreja no dia da Conceição da Mãy canta o Evangelho, em que se faz menção do nascimento do filho: *De qua natus est JESUS*: Como se o nascimento do filho fosse tirado pella Conceição da Mãy; & a Conceição da Mãy fosse delineada pello nascimento do filho.

14. Grande exemplar teve em sua Conceição a nossa Divina imagem: foraõ tiradas as linhas da Conceição da Mãy pello nascimento Eterno de feu Filho. Notai huma engenhosa reflexam de S. Palchasio sobre o nosso Evangelho. Nota o Santo, que uzando o Evangelista do Verbo: *Genuit*: Gerou; não uzasse nunca do verbo: *Gensravit*, que significa o mesmo: *Abraham genuit*; *Isaac genuit*; contaias, & achareis, que sam. 39. vezes, as que uza deste mesmo verbo. Pois tam salto de palavras

lavrasera o Evangelista, que não podia variar a frase? Não foi falta, foy mysterio, Responde Paschasio: *Notandum, quod Mattheus genuit, non generavit dixerit, fortasse ut eum recognoscere in fine ostensum: de quo Pater dixit: Filius meus est tu: Ego hodie genui te.* Quando o Eterno Pay pella boca de David explicou a geração Eterna do Filho, uzou deste verbo *Genui: Ego hodie genui te:* & pera explicar o Evangelista a geração temporal do mesmo filho, uzou do mesmo verbo não huma, mas muitas vezes; pera ensinar a nossa fé, que o mesmo que nacia Eternamente do Pay, naceo temporalmente da Mãy. Está bem ditto: mas porque havemos de ler este mesmo Evangelho na Conceição da Mãy? Peraque entendamos, que assim como o nascimento temporal do filho foi imagem do nascimento eterno do mesmo filho; assim a Conceição da Mãy foi imagem do mesmo nascimento eterno: tirou Deos as linhas da Conceição da Mãy pella gera-

ção Eterna do filho.

15 E qual foi a geração Eterna do Filho de Deos? Disse-o o mesmo Deos pello Profeta David: *In splendoribus Sanctorum ex utero ante luciferum genui te:* Nos replandores de toda a Santidade vos gerei, diz o Eterno Pay a seu Filho. Foi o exemplar, que he a geração eterna do Filho, em hum replandecente circulo de luzes; & havia de ser a imagem, q̄ he a Conceição da Mãy, entre sombras, & trevas da culpa? Quem o hade crer? Foi a geração do Filho, que foi o Original, entre os rayos mais vivos da Santidade: *In splendoribus Sanctorum;* & havia a Conceição da Mãy, que foi o retrato, de ser entre os desmayos mortiferos do peccado? Quem o hade sospeitar? Foi a geração do Filho, que foi o Archetypo, Sanctissima; & a Conceição da Mãy, que foi o typo, não havia de ser Santa? Quem o hade presumir?

16 E se a Virgem Senhora por ser imagem da Geração Eterna no Filho

foi izenta da macula Original; tambem por ser o exemplar da geraçãõ temporal do mesmo Filho, logrou esta immuidade. Naceo o filho de Deos feito homẽ; & este feu nacimiento como ja difsemos, foi huma imagem da Conceiçãõ da Mãy. E se na Mãy, que foi o exemplar, houveſſe culpa, tambem se podia sospeitar na imagem. Reparo he antigo no nosso Evangelho, que sendo Abraham mais velho, que David, o Evangelista puzesse primeiro a David, q̃ Abraham: *Liber generationis JESU Christi, filij David, filij Abraham?* Se David foi quando menos novecentos annos depois de Abraham; porque poem o Evangelista a Abraham depois de David: *Filij David, filij Abraham.* David antes, Abraham depois. Abraham, que estava mais longe, mais perto; David, que estava mais perto, mais longe de Christo? Sim, disse huma grande testa da Companhia: *Remotiorẽm Abrahamo Davidẽm Mattheus fecit, quasi verò timeret, ne*

quodam adulterij contagio filius Virginis læderetur. Grãde dizer? Poz o Evangelista primeiro a David, que a Abraham, pera afastar mais de Christo a David, como se temesse, que o adulterio de David podia salpicar ao filho da Virgem. Fique David mais longe, que naõ soffre o filho da Virgem as viziñhanças da culpa: *Ne quodam adulterij contagio filius Virginis læderetur.*

17 Ajuntai agora o principio do Evangelho com o fim: *O filij David,* com o *Mariæ, de qua natus est JESUS;* aquelle longe com este perto: Se o Evangelista de proposito afastou a David de Christo; pera que a culpa de David nam offendesse a Christo; como havia por tam perto a Virgẽ de Christo: *De qua natus est JESUS,* se visse, que na Virgẽ houvera culpa? Se a culpa de David sendo tam remota, podia affear a fermosura desta imagem; se no exemplar mais proximo, & immediato, que foi a Virgem, houvera culpa; como naõ descomporia

poria toda a harmonia de sua belleza? Assim foi necessario, que pera livrarmos ao Filho da culpa, que livre-mos da culpa a Mãy.

18 Quando o Anjo veio annunciar o nascimento de Samsam a sua Mãy, mandoulhe, que em todo o cazo fugisse de beber vinho, ou cerveja, & de comer manjares immundos: *Cave ergo, ne bibas vinum, ac siceram, nec immundum quidquam comedas.* E porque rezam, Anjo do Ceo, pondeis tam apertadas leis à Mãy de Samsam? *Erit enim Nazareus Dei;* porque o vosso filho ha de ser Nazareo. Notavel rezaõ! Porque Samsam hade ser Nazareo, não hade beber, nem comer a Mãy, o que he prohibido ao filho? Que o não coma o filho, porque a ley lho prohibe, está bem; mas a Mãy, a quem a ley não obriga? Sim, sim, diz o Anjo; que se a Mãy beber, & comer, ferá difficuloso não beber, nem comer o filho. O que grande documento pera os pays; quem me dera ir mais de vagar. Quereis pays,

que os filhos, & as filhas não passem os termos prohibidos; em vos heis de por a ley; que se vos desmandades a vos, de balde mandareis aos filhos; pera Samsam não comer, o que a ley lhe vedava, na boca da Mãy poz o Anjo a prohibiçaõ: *Cave ergo, ne bibas vinum, ac siceram.* Pois se pera o filho ser observante, he necessario, q̃ a Mãy o seja; vedê, se era necessario, que a Virgem Santissima lograsse a izençaõ de toda a culpa, pera que não cuidasse o mundo, que resultara no filho a culpa da Mãy, de quem como de exemplar se haviaõ de tirar as linhas à imagem do filho: *Liber generationis JESU Christi.*

S. V.

19 Não sô foi a Immaculada Senhora Imagem do Pay, de quem foi Filha; não sô imagem do Filho, de que foi Mãy; tambem foi imagem do Espirito Santo, de quem foi Esposa. Que por ser Filha do Pay, seja imagem do Pay, está bem. Que por

fer Mãy do Filho, seja imagem do Filho, muito embora; mas que por ser Esposa do Espirito Santo, seja imagem do Espirito Santo parece muito. Não ha pera que vos pareça muito, porque essa he a primeira obrigação da esposa ser imagem do esposo. Quando Deos quiz dar esposa a Adam, que qualidades deu à esposa, que lhe queria dar? Deulhe o ser fermosa? deulhe o ser nobre? deulhe o ser rica? Não: não diz isso o texto. Pois que lhe deu? Deulhe o ser huma imagem, & huma semelhança de seu esposo: *Faciamus ei adiutorium simile sibi*. E pera isso a formou do lado, que não ha couza, que mais tome as semelhanças dos Principes, que os lados. Sendo pois, ou devendo ser a primeira qualidade da esposa ser imagem do esposo, se a Virgem Senhora he Esposa do Espirito Santo não dizemos muito em dizer, que he imagem sua.

20. E se he imagem do Espirito Santo, como havia de consentir, que nesta sua

imagem cahisse o borraõ da culpa? Quem tal imaginasse, não sabe bem a condicão desta Divina pomba. Quando Noë mandou a primeira vez da sua Arca a pomba, diz o texto, que ella se tornara a Arca; porque não achara, aonde descançar hũ pê: *Qua, cum non invenisset, ubi requiesceret pes ejus, reversa est ad eum in arcam*. Mas como não achou, aonde descançar; se já, como tinha ditto o mesmo texto, tinham as agoas defafogado os cumes dos montes: *Apparuerunt cacumina montium*. Pois se os montes se começavaõ ja a descubrir, como não achava a pomba, onde descançar? Não bastavaõ as alturas de tantos montes pera a pomba assentar hum pê? Não; & porque? porque ainda, que estavaõ descubertos, estavaõ emlodados; a limpeza desta avezinha candida, não achava lugar, aonde achava lodo. O' que bella pintura do que dizemos. Que outra couza foi a culpa Original, senão hum diluvio universal, que affogou o mundo todo:

Gen
2. 18.

Gen.
8. 9.

todo: O diluvio da agoa co-
meçou depois do mundo
1657. annos; o diluvio da
culpa começou logo com o
mesmo mundo: do diluvio
da agoa alguns escaparaõ;
do diluvio da culpa ningué
se livrou: He verdade, que
neste diluvio, como naquel-
le appareciaõ alguns mon-
tes, que eraõ aquelles anti-
gos Patriarchas, a que a Es-
crittura chama por antigos
Eternos: *Collium eternorum*;
mas como estes montes naõ
sahiraõ deste diluvio da cul-
pa Original, ainda a Pomba,
quero dizer o Espirito San-
to, naõ achava, onde descã-
çar: voava de hum monte a
outro monte; hia pera assen-
tar o voo; achava o lodo da
culpa, retiravase. Pois naõ
hade descãçar esta Pomba
Divina? Sim; mas aonde? A-
onde? na Oliveyra. Appare-
ceo no mundo esta fermosa
arvore; & logo a pomba a-
chou, em que descãçar. *At-*
tulit ramum oliva virentibus
folijs. E quem he esta Oli-
veyra que appareceo no di-
luvio sem a offender o dilu-
vio, verde, viçosa, & engra-

çada: *Virentibus folijs?*
Naõ he necessario, que nos
o digamos; que a mesma Se-
nhora o diz: *Quasi oliva spe-*
ciosa in campis: em campo
fermoso fermosa oliveira.
Aqui sim; nos montes naõ:
aqui descãça a Divina põ-
ba; aonde naõ achou final
do diluvio; nos montes naõ,
aonde o diluvio tinha dei-
xado as reliquias do lodo,
que levantara aos montes.

21 Aqui vem aquella
ponderação de Santo Am-
brosio, quando o Anjo an-
nunciou à Virgem Senhora
a Encarnação do Eterno
Verbo; & pera fiador de sua
Virginal integridade lhe dis-
se aquellas notaveis pala-
vras: *Spiritus S. superveniet in*
te: Em vos sobrevira o Espi-
rito Santo. Repara o Gran-
de Arcebispo de Milaõ, que
esta he a primeira vez, que se
ouvio no mundo, esta gran-
diosa promessa: *Hodie pri-*
imum auditur: Spiritus San-
ctus superveniet in te: & au-
ditur, & creditur Pois em
quatro mil annos, que tinha
de idade o mundo, naõ a-
chou o Espirito Santo sobre
quem

Eccl.
24. 19.

Gen.
8. 11.

quem vir, & sobre quem descancar? Não diz o Santo Doutor: *Hodie primum auditur*. Hoje he a primeira vez, que se ouve, que se ouve, & que se crê: *Et auditur, & creditur*.

22 Mas vejo, que me instaõ os lidos na Escrittura, que não sò depois de o mundo ter 4. mil annos de idade; mas ainda quando escaçamente tinha hum dia, se ouviraõ as mesmas palavras, ou quasi as mesmas: Lede o principio do Genisis: queledes: *Spiritus Dei ferebatur super aquas*: O Espirito de Deos andava sobre as agoas: se andava sobre as agoas, tinha vindo sobre ellas: Logo não foi a primeira vez, que no mundo se ouviraõ aquellas palavras do Anjo: *Spiri-*

tus Sanctus superveniet in te? Sim foi: Notai o que diz o Texto do Genesis: *Spiritus Dei ferebatur super aquas*: Andava, não descancava: *Ferebatur, quia inquietus erat*: andava, porque não achava descanso. Deceo sobre as agoas, a formar nas agoas huma imagem sua; mas as agoas andavaõ inquietas, alteradas, & sem socego, não se podia nas agoas formar a imagem. Chegais ao vosso rio; olhaes pera a agoa, &c. Passaraõ quatro mil annos, & as agoas sempre turbadas, sempre inquietas; trocouse o Maria, em Maria, & em Maria Mar serenissimo, Crisfallino, & sem turbação se formou a imagem do Espirito, &c.





SERMAO

DE NOSSA SENHORA

A BRANCA,

Festa da Imagem de fora em Braga.

Beatus venter, qui te portavit. Luc. II.

§. I.

Parece que se apostaraó a dificultar hoje este Sermaó o Evangelho, & o Sacramento (Todo poderoso, & amante Senhor) parece que se apostaram a dificultar hoje este Sermaó o Evangelho, & o Sacramento. O Evangelho, & o Sacramento contem do-

us mysterios os mais fechados, os mais secretos, os mais interiores, & os mais de dentro, que adora a nossa fê: o Evangelho contem o mysterio da Encarnação, que todo foi de dentro; porque todo se obrou dentro do Sacrario Virginal de Maria Senhora nossa: *Beatus venter, qui te portavit.* O Sacramen-

to porque todo se fecha dentro das especies Sacramentaes, & tam dentro, que na Encarnação via se a humanidade, mas a Divindade não se via; & no Sacramento não se ve a Divindade, mas nem a humanidade se vê: *Hic simul latet, & humanitas*, como diz o Doutor Angelico. De modo, que o Evangelho, & o Sacramento ambos conformemente parece se oppoem ao nosso assumpto: entre si concordão muito bem o Evangelho cõ o Sacramento, & o Sacramento com o Evangelho: Mas quanto mais concordam entre si, tanto mais se oppoem ao nosso assumpto. E porque? porque o Evangelho, & o Sacramento ambos sam mysterios de dentro; & o nosso assumpto he a festa da Senhora de fora: vede quam fora está de dizer com a festa o Evangelho, & o Sacramento.

2. Ora com isto assim parecer, a mim me parece, que o Evangelho, & o Sacramento favorecem concordemente o nosso assumpto, isto he

a festa da Senhora de fora. He verdade que o Evangelho contem o mysterio da Encarnação, que se obrou dentro no ventre Virginal da Senhora; mas este estar dentro não foi o fim; foi meio pera estar fora; não foi o fim; porque o Verbo não encarnou nas entranhas Virginalis sò pera estar dentro nelas; encarnou pera a seu tempo sahir fora; & a que? a tratar nosso remedio, & redenção. Dentro em seu peito o tinha a Senhora; & com tudo dezejava-o fora: *Quis mihi* Can. 8. 1. *det te fratrem meum, ut inveniam te foris.* O quem me dera Irmão meu, & Filho meu veyos ja fora; *Ut inveniam te foris.* Pois se a Senhora o tinha dentro; porq̃ o dezejava fora? Porque não estava o remedio, & o bem dos homens em estar dentro no templo das entranhas Virginalis; senão em estar fora: *Ut inveniam te foris.* A Encarnação pollo dentro; & o Nascimento fora; & os Anjos não o aclamaraõ Salvador do mundo, quando pela Encarnação se metteo dentro

tro no peito da Virgẽ; scnaõ quando pello nacimiento sahio fora : *Natus est vobis hodie Salvator.* E a mulher do Evangelho naõ louvou sò o Ventre Virginal, em q̄ esteve dentro : *Beatus venter, qui te portavit;* mas tambem os peitos, que lhe deram fora o alimento : *Et ubera, que suxisti.* Assim favorece a o nosso assumpto o Evangelho.

3. E o Sacramento? O Sacramento tambem o naõ favorece menos: porque hoje se poem, & expoem fora do Sacratio pera authorizar a festa da Senhora de fora. E pera se dar a primeira vez aos homẽs, sahio fora antes de fahir. Ora notai. O Sacramento como os mais Sacramentos estavaõ dentro no peito de Christo. Espirou o Senhor na Cruz; deulhe o Soldado a lançada, & ao golpe della sahiram com a agoa, & sangue do lado os Sacramẽtos: *De latere Christi exierunt Sacramẽta.* Tem difficuldade esta sentença: porque na noite antes tinha ja Christo instituido o Sa-

cramento: pois se tinha ja fahido dentro do peito; como sahio quando lhe abriram o peito? Porque essa he a fineza do Sacramento: fahir antes de fahir: havia de fahir fora depois; & porque pera bem, & remedio dos homẽs era necessario, sahio antes. Pozse fora do peito; porque em estar fora, estava o bem dos homẽs.

Logo nem o Evangelho, nem o Sacramento difficultaõ o Sermaõ; antes nos facilitam o assumpto: & qual hade ser, o que havemos de seguir? Havemos de provar, que devemos mais à Senhora de fora, que à Senhora de dentro. E porque? As rezões deste porque veremos no Discurso com a graça, que nos alcançará a mesma Senhora.

AVE MARIA:

Beatus, &c.

§. II.

4. **F** Azemos hoje festa a nossa Senhora de fora

fora; & este mesmo Titulo de fora não parece nem muito decoroso à Senhora; nem muito proveitoso aos homens. Não parece decoroso à Senhora; porq̃ parece contra o seu retiro, & recolhimento dentro em caza. Humavez, que a Senhora houvera de sair fora de caza a exercitar aquella grande obra de misericórdia, como foi o vizitar a Santa Isabel, nota o Evangelista, que fizera a jornada com muita pressa: *Abijt in montana cum festinatione*. E pera que tanta pressa na Magestade da Mãy de Deos; quando os passos vagarosos são attributo das Magestades? Admiravelmente a nosso intento Santo Ambrosio. *Festinauit Virgo, ne extra domum diu in publico moraretur*. Aprestou-se tanto a Virgem Senhora, pera que a não vissem em publico fora de caza. Ja que era precisada a sair de caza; havia de ser depressa, pera que a não vissem fora.

5 Ate o mesmo Christo parece q̃ desconhece a Mãy, quando a ve Senhora de fo-

ra. Estava Christo pregando dentro em humca caza; quando os circunstantes fizeram avizo ao mesmo Senhor, que estava defora tua Mãy, que lhe queria fallar: *Ecce mater tua, & fratres tui foris querunt te*. E respondeo Christo: *Quæ est mater mea? Quem he minha Mãy? Quem he vossa Mãy, meu Senhor?* Não a conheceis muito bem; porque vos mostrais estranho? Porque? porque a Mãy estava de fora: *Ecce mater tua, & fratres tui foris stant*. Estava de fora a Senhora: *foris stant*: pois ate o mesmo filho parece q̃ a estranha de Mãy sua: *Quæ est mater mea?* E se até na Virgem Senhora se estranha o ser Senhora de fora; que ferá em outras Senhoras? a quem verdadeiramente podemos chamar Senhoras de fora; porque nunca sam Senhoras de dentro; Senhoras de fora; porque sempre fora de caza; nunca Senhoras de dentro; porque nunca dentro em caza. Nam he logo de coroso à Senhora o Titulo de Senhora de fora.

§. III.

6 Não he tambem proveitoso aos homés; porque fer Senhora de fora, parece que he lançar-se defora nos requerimentos dos mesmos homés. Ensinava Christo a orar a seus discipulos, & dizia: *Tu autem, cum oraveris, intra in cubiculum tuum; & clauso ostio, ora patrem tuum.* Quando quizerdes pedir alguma couza a Deos, entrai dentro no vosso retrete; & ahi a portas fechadas mettei vossas petições a vosso pay. De modo, que pera o pay ouvir, & despachar os nossos requerimentos havemos de entrar dentro: *Intra in cubiculum tuum;* logo estar defora a Senhora, parece que he lançar-se defora em nossos despachos. Pois se o Titulo de Senhora defora nem parece decoroso à mesma Senhora, nem proveitoso aos homens; como fazemos festa à Senhora de fora: a de dentro sim, mas a de fora?

Sim à de fora; & com mais rezam, que à de dentro. Ora vamos às rezoês deste mais.

(:?:)

7 Está a Senhora de fora? & pera que? pera que se poem a Senhora à porta do seu templo, & da parte de fora? Sabeis pera que? Pera nos ouvir, & despachar com mais pressa: Poemse a Senhora fora de caza, & à sua porta; porque quer logo despachar as partes, que requerem no seu tribunal das mercês. Antigamente como consta de muitos lugares do Sagrado texto, costumavaõ os Juizes ter seus tribunais não dentro, mas fora às portas das Cidades. E pera que? pera que os que vinham requerer, fosse logo ouvidos, & despachados. O' que grãde, & louvavel costume! A estes Ministros podiamos com toda a rezam chamar Juizes de fora; porque de fora às portas da Cidade tinhaõ o seu tribunal. Com este mesmo pensamento se poem a Senhora à porta, & fora da porta de sua caza; pera nos ouvir, & despachar sem demora.

Vide aq̃
apud I
Médos
ca in 1.
Regū
cap. 4^o

8 No que parece quiz
Deos

Deos conceder ao tribunal da Senhora esta maior prerogativa, que ao seu. No cap. II. de S. Lucas introduz Christo a parábola de hum homê, que chegando-lhe a caça ja fora de horas hum hospede, & não tendo que lhe por na meza, se foi a caça de hum amigo, pera que o soccorresse naquella falta. Bateo à porta; fallou, pedio; & respondeo-lhe de dentro o amigo: Que lhe não fosse molesto, que estava ja recolhido; a porta fechada; & que se não podia levantar, peralhe dar o que pedia. *Noli mihi molestus esse, jam ostium clausum est, non possum surgere, & dare tibi.* Tornou a instar o requerente; & obrigou ao amigo, a que lhe valesse com o necessario naquella occasião. E que era o que pedia? o que pedia eram tres paês: *Commoda mihi tres panes*: tres paês pera hum sô homê? ou os homês naquelle tempo comiam mais; ou os paês daquelle tempo eram como os do nosso tempo, que não sei, quem lhe lançou a maldição,

q̃ Jacob deu a Ruben: *Non crescas*; não creças; que não ha remedio crescer. Mas estes tres paês, diz Santo Agostinho, que significavaõ o alimentõ do mysterio do Ceo: *Celestis mysterij alimentum*; isto he o Divinissimo Sacramento da Eucharistia. E que era o amigo? O amigo, diz Theofilacto, he Deos: *Amicus iste est Deus, qui nos amat*; porque sô Deos sabe ser amigo; porque sô Deos nos ama a nós: os outros amigos amaõse a si. Esta he a parábola, & o sentido della. Repara agora com sua elegante agudeza S. Pedro Chrysologo, em que estando na caça deste amigo muitos creados: *Pueri mei mecum sunt in cubili*: nenhum ouviu nem os golpes, que o de fora deu na porta, nem acudisse às vozes, com que pedia? Sô o Senhor ouviu, & sô elle respõdeo. E porque? porque tinha o leite à porta. E aqui começa o Santo a fazer grandes panegyricos da liberalidade Divina. *O' quàm dare vult, qui se inquietari taliter, taliter suscitari patitur*. O' que grande

Luc.
11.

grande vontade tem de dar, quem a tal hora sofre, que o inquietem, & lhe cortem o sono. *O quam pulsanti iste gestivit occurrere, qui sic secreti sui cubile ipsam collocavit ad januam.* O quanto dezejou socorrer ao que batia, quem poz à porta o seu leito! Assim encarece a pena de ouro a liberalidade de Deos. Mas não fei se resplandece mais a liberalidade da Mãy de Deos: Deos he verdade, que pera acudir com mais pressa estava à porta, mas da parte de dentro; *Cubile collocavit ad januam*, & a Mãy de Deos está à porta, mas da parte defora: quem está a porta da parte de dentro, pera vos acudir, espera que batais, & que deis vozes; quem está à porta da parte defora, sem que batais, vos socorre. Muito dezeja Deos darvos, o que lhe pedis; mas poemse da parte de dentro; espera, que chameis; a Senhora poemse defora; porque pera vos favorecer, não espera ser chamada.

9 Naquellas vodas que fe fizeram en Caná de Gali-

lea; diz o Evangelista S. Joam, que se acharão presentes o Senhor, & a Senhora, JESUS, & Maria: mas nota o Evangelista, que o Senhor fora chamado: *Vocatus est Joan. autem JESUS, & discipuli 2. 2. ejus ad nuptias*; mas não diz, que a Senhora fora chamada. Pois, minha Senhora, não sabeis, que diz o proverbio, que a vodas, & a bautizado não vas sem ser rogado; Se o Senhor espera, q̄ o roguem; como ides, sem vos rogarem? Sabem porque? Porque havia de haver aquella falta: *Deficiente vino*; & se havia de remediar por intercessão da Senhora; & a Senhora; pera acudir a nosso remedio, não espera, que a roguemos: acode sem ser chamada: *Erat mater JESU ibi*. Mais ainda. Quando Christo entrou naquella caza, ja la estava a Senhora: assim o pondera o mesmo Evangelista; porque antes de dizer, que Christo fora chamado, deixava ditto, que ja la estava a Senhora: *Erat mater JESU ibi. Vocatus est autem & JESUS ad nuptias*. Tanto se an-

ticipa ainda ao mesmo filho a piedosíssima Mãy pera nos favorecer. O filho he necessario rogallo; a Mãy rogasse a si. No mesmo passo o temos. Pera Christo fazer o milagre, & converter a agoa em vinho, foi necessario, que a Mãy o rogasse: *Vinum non habent*; & pera a Mãy rogar ao filho, não foi necessario, que alguém rogasse à Mãy: ella se rogou a si mesma; ou nos roga a nós com seus beneficios; pera isso se poem defora.

Cant.
4. 15.

io Comparase a Senhora nas Esçrrituras Sagradas à fonte. *Fons hortorum* E porque? Nace huma fonte finta no alto de hum penhasco; & da penha como de concha vay desatando suas perolas em cristais; enche a cavidade, em que nasce; & logo dividindose entre as pedrinhas, que a cercam, vay seguindo sua natural propensam, cingindo o monte com as listas de sua prata; correndo com tanta pressa, que parece se despenha; o estrondo, que levanta cahindo entre as pedras não são

vozes, de quem murmura, são brados de quem convida. Aonde vâs, fontezinha, com tanta pressa? Vou a buscar sequiosos, & convidar necessitados. Pois pára, espera, que te busquem, que solicitem teus cristais: isso não, que não fora ser fonte, fora ser poço: o poço como esta dentro em si, pera comunicar sua agoa, he necessario buscallo, & ainda com trabalho tirar delle a agoa à força de braço; a fonte não: ella he, a que vos busca, ella he, a que vos convida, ella he, a que vos roga. Perdoame, Senhora de dentro, ou não me perdoeis, que hoje fois com maior gloria Senhora de fora: Que a Senhora de dentro me parece poço: *Puteus aquarum viventium*; & a Senhora defora fonte: *Fons hortorum*. A de dentro poço; porque retirada naquella Sacratio espera, que batamos à porta com petições, & com rogos: a Senhora defora fonte; porque do alto daquella frontispicio nós está buscando com os seus olhos de misericordia, convidando com

Cant.
4. 15.

com

com os favores de sua piedade, & regalando com os mimos de sua protecção. Alli está de dia, & de noite, de inverno, & de verão, no frio, & na calma, em todo o tempo, & em toda hora com hū rostro de igual magestade, & fermosura pera nos prevenir com seus favores. Ha maior fineza!

11 Nam acabam os Santos Padres de encarecer a fineza fervorosa do Patriarcha Abraham em hospedar, & receber os peregrinos. E em que estava a fineza? Diz o Texto, que no maior calor do dia: *In ipso fervore Diei*, estava Abraham sentado à porta de sua casa? *Apparuit ei Dominus sedenti in ostio tabernaculi. Ante tabernaculum.* diz Santo Ambrosio, *Vir hospitum expectat adventum.* Estava Abraham sentado à porta da parte de fora, esperando, que viessem os peregrinos pera os hospedar. E porque não está Abraham dentro de casa, senão fora: *Ante tabernaculum?* Porque, se estivera dentro, era necessário, que o pere-

grino chegasse, que batesse, & que pedisse, & a fineza maior da piedade não espera dentro, espera fora: Quem espera dentro, quer ser rogado, quem espera fora, quer rogar. A ssm o fazia Abraham, não esperava, que o rogassem; elle he o que sahia a rogar com o beneficio da hospedagem. Esta era a encarecida piedade de Abraham, & por ella mereceo, que Deos o elegesse pera pay de seu filho Unigenito. Mas quantos excessos faz vossa piedade, Virgem Senhora de fora, à piedade daquelle Patriarcha, pay tambem vosso: Abraham estava à porta fora do seu tabernaculo; vós tambem fora, & à porta do vosso templo: Abraham ao meio dia: *In ipso fervore diei*: vós ao meyo dia, & à meya noite, & a toda hora: Abraham pera hospedar os peregrinos, que passavaõ, que não eram muitos: vós pera remediar a todos, os que vamos peregrinando neste mundo: Abraham estava sentado: *Sedenti in ostio*: vós empê, pera com

mais diligencia nos acudir. E se abraham mereceo a promessa, que Deos lhe fez de lhe dar por filho a seu filho: *In semine tuo benedicentur omnès tribus terræ: Vós merecestes, que o mesmo filho de Deos executasse em vossas entranhas purissimas a promessa: Beatus venter, qui te portavit.* Esta he a primeira rezam, que eu tinha pera dizer que deviamos festejar com mais empenho a Senhora de fora, que a de dentro. Vamos à segunda.

§. IV.

12 A segunda rezam, que a Senhora teve pera se por fora do templo; & no alto sobre a porta do mesmo templo foi pera dahi atalayar a vossa Cidade. Daquelle alto esta vigiando, & fazendo cintinella pera nos avizar, & defender dos assaltos, que contra nós podem maquinar nossos inimigos. Là mandava Deos pello Profeta Jeremias a Efraim, que levantasse, ou puzesse huma atalaya: *Statue tibi speculam.*

E que atalaya era esta? Disseo o mesmo Deos logo abaixo: *Fœmina circumdabit vi-* Jer. 31²¹
rum: A mulher cercará em seu ventre ao Varam: isto he a Virgem Senhora, que teve cercado, & encerrado em suas entranhas a Christo sempre varam. Este era o conselho, q̄ Deos dava a Efraim; & que elle não tomou, por isso foi destruido com huma total ruina por seus inimigos. Esta felicidade, que faltou a Efraim, he, a que logra a vossa Cidade có a Senhora de fora. De fora está, como Vigilantissima centinela, feita toda olhos pera vigiar.

13 Santo Epifanio chamou à Virgê Senhora. *Multioculam*: de muitos olhos, hum Argos, toda olhos; & pera provar o seu pensamêto a comparou o Santo à celebrada carroça de Ezequiel. Da qual, diz o Profeta, que tinha as rodas todas esmaltadas de olhos: *Totum* Ezec.
corpus oculis plenum in circu- 1.
itu ipsarum quatuor. Pois os olhos nas rodas? se estes olhos estiveram nos Querubins, que tiravaõ pella carroça,

roça, não tínhamos difficuldade; porque os Querubins disfarçados em traje de animais eram, os que levavam as rodas; mas as rodas eram levadas; & quem leva tenha embora muitos olhos; mas quem he levado; escuza olhos. Que mysterio tinha logo esta multidam de olhos semeados nas rodas da carroça de Deos? O mysterio não estava tanto no que a carroça era, quanto no que representava. O que representava aquella carroça era a Mãe de Deos; porque ella foi a que levou, ou trouxe em suas entranhas purissimas ao mesmo Deos feito homem; como disse a mulher do nosso Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit.* E esta Senhora toda he olhos, ou toda se faz olhos pera vigiar, & pera nos defender. *Totum corpus oculis plenum in circuitu ipsarum quatuor.* E notai muito, que os olhos não estavaõ só em huma parte; mas em todas as partes das rodas: *In circuitu ipsarum quatuor:* era hum circulo de olhos; olhos

pera o Oriente; olhos pera o poente; olhos pera o meyo dia, & olhos pera o norte: olhos pera a terra, & olhos pera o Ceo: olhos em fim pera todas as partes: *Oculis plenum in circuitu ipsarum quatuor.* Porque a Virgem Senhora pera todas as partes vigia; porque em toda a parte nos defende. Se estais no Oriente da vida, sobre vos tendes os olhos da Senhora pera vos defender naquella tenra idade: se estais no meyo dia de vossos annos, tambem pera o meyo dia tem olhos a mesma Senhora, com que vos defende, pera que o ardor daquelles annos vos não precipite. Se estais no norte da velhice, nem por isso ficais fora dos olhos da Senhora, que tambem vos vigia, & estende seus olhos àquelles annos. Se estais no poente da morte, ahi he maior a sua vigilancia pera vos defender dos assaltos do inimigo mais porfiados naquella hora.

14. Ditosa Cidade, venturoso povo com tal atalaya, toda olhos, & toda luzes pe-

Exod.
7. 1.

ra vigiar sobre ti; que perigos te poderam empecer; & que felicidades não podes esperar? Quem nos será fiador desta gostosa verdade? Quem ha de ser? hum Juiz de fora. Não estranheis chamar a Moyses Juiz de fora; porque o mesmo Deos lhe deu o Titulo; quando lhe disse: *Ecce constitui te Deum Pharaonis*: fizvos Deos, isto he, como tem o texto Hebreo, fizvos Juiz de Faraõ, E notai, que, quando o mandou a Egipto com este cargo lhe mandou tambem, que levasse consigo a vara: *Tolle virgam*. Pois era necessario levar huma vara de Arabia a Egipto! faltaria nas margens do Nilo huma arvore, de q̄ cortasse huma vara? Não faltaria: mas quiz Deos, que a levasse de fora; pera que o Juiz, & a vara fosse de fora. Se a vara fosse cortada de alguma arvore natural de Egipto, naturalmente se havia de dobrar pera a arvore, que a deu; & dobrada a vara do Juiz, quebravase a justiça: leve logo Moyses de fora a sua vara. *Tolle virgam*.

15 Mas a que mandava Deos este Juiz? nam menos que a libertar seu povo do cattiveiro de Faraõ. Appareceolhe Deos naquella celebrada çarça, a quem o fogo com hum innocente incendio coroava de resplandores; & della propôs a Moyses o negocio, a que o mandava: dizendolhe, que tinha visto as afflições do seu povo, & ouvido seus gemidos; que era ja tempo de dar remedio a tantas penas, & allivio a tantos suspiros. Pello que entrasse em Egipto, & fallasse a Faraõ; que não temesse sua obstinada dureza; que a força de prodigios a venceria: & sahiriam livres os Israelitas. Que, ainda que Faraõ lhes vá com seus exercitos no alcanse, alcançarám delle gloriosa victoria. Que, ainda que o mar vermelho lhes queira cortar o passo, & estorvar o caminho, com maravilha nunca vista dividirá suas ondas pera lhes franquear o passo. Que, se nos areais secos da Arabia lhes faltar a agoa, as mesmas penhas se desatarám em correntes

rentes pera lhes matar a sede. Que, se nos desertos esteriles lhes faltar o pam, o mesmo Ceo lho choverá das nuvens em abundancia. Que, se no deserto os picarem as serpentes venenosas, na vista de huma serpente de metal teram presente remedio pera as feridas. Que, se os ardores do Sol os molestarem de dia, huma coluna de nuvem se opporá a os rayos do mesmo Sol: & se a escuridade da noite lhes cauzar horror, huma coluna de fogo lhes desterrará as trevas, & será guia na jornada. E que chegarám finalmente à terra promettida; de que senão despede em todo anno a primavera; em que os fructos competem na copia com a segurança; como se sobre elles não tivessem alçada as variedades dos tempos. Ha maior tropa de felicidades! ha maior cumulo de venturas! Muitas sam, diz Moyses, & tantas, que excedem todo o credito, & que sem algum final, ou fiador grande os mesmos, a quem se promettem, tropeçarám em sua

fê. Seja assim, responde o Senhor, eu vos quero dar hum final indubitavel, & hum fiador segurissimo: *Et hoc habebis signum.* E que final? Esta çarça, em que me vês; de que estou fallando contigo: *Hoc habebis signum.* E esta çarça que significa? Theodoreto: *Deus in rubo, Deus in Virgine.* Era aquella çarça hum emblema, hum symbolo, ou hum retrato de Maria Senhora nossa, que assim o entende a mesma Igreja. E quando a Senhora se faz toda luzes, ou toda olhos pera vigiar sobre o povo, não ha melhor final, nem fiador mais certo das felicidades, que esperaõ ao mesmo povo. Elle sahirá de Egipto a pezar de Faraõ: elle caminhará pello deserto cõ mais regalo, que pello povoado: elle passará mares a pé enxuto: elle vencerá inimigos; elle desbaratará contrarios; elle entrará na terra promettida; porque, quando a Virgem Senhora, he a que faz a centinella, & a vigia sobre elle, não haverá dita, que não logre, nem desgraça,

que se lhe atreva: *Hoc habebis signum: Deus in rubo, Deus in Virgine.*

§. V.

16 E he esta condiçaõ tam propria da Virgem Senhora, isto he estar de fora, pera fazer centinella sobre nos, que fazer outra couza he ignorarse, he naõ conhecer, quem he. Expliquemos com alguma novidade hum lugar dos Cantares de Salamaõ, em que allegoricamente faz Christo figura de esposo, & a Senhora a de Esposa. *Indica mihi, quem diligit anima, ubi pascas, ubi cubes in meridie.* Mostraime, Senhor (diz a Senhora a Christo) vos, que sois os amores de minha alma, aonde pondeis a meza, & tomatis a sesta ao meio dia: & pera que? *Ne vagari incipiam.* Pera estar dentro com vosco, & naõ andar por fora: *Ne vagari incipiam.* S. Gregorio Nisseno com outros Padres sentem, que perguntar a Senhora ao Senhor, aonde punha a meza, & se reti-

rava a descansar nas horas do meyo dia era perguntar aonde estava Sacramentado. De modo que queria a Senhora retirar-se, & estar com Christo dentro no Sacramento. E que lhe respondeo o Divino Esposo? *Si ignoras te, ó pulcherrima mulierum, egredere post vestigia gregum tuorum.* Cant. I 7. Notavel resposta. Se vos naõ conheceis, ò fermosissima sobre todas as mulheres; sahi fora em seguimento dos vossos rebanhos. Pois querer a Senhora estar dentro no Sacramento, ou Sacramentada com Christo, era naõ se conhecer a si: *Si ignoras te?* Sim. A Senhora queria ser senhora de dentro, que a isso a levava o seu amor: queria estar dentro com Christo Sacramentada, & logrando interiormente as delicias de seu affecto: *Ubi pascas, ubi cubes in meridie:* & isto era, naõ se conhecer: *Si ignoras te.* Se vos quereis conhecer; *Egredere:* sahi fora; ou sede Senhora de fora; fazei centinella sobre os vossos rebanhos, q̃ tambem sam meus; &

Cant.
I. 6.

& entam vos conhecereis, ou dareis a conhecer. De maneira, que ou senão conhece, ou senão dá a conhecer a Senhora, quando quer fer Senhora de dentro, & retirar-se com Christo ao Sacratio; & pera se conhecer, ou dar a conhecer, ha de fer Senhora de fora, ou fahir fora a vigiar sobre os fieis. Que assim se dá Deos a conhecer.

17 Quando Deos mandava a Moyses com a comissam de libertar ao povo de Egipto; replicou Moyses dizendo, que os mesmos filhos de Israel lhe não dariao credito, que lhe dissesse, quem era, pera que se persuadissem, que era verdade, o que lhes dizia. Respondeo lhe Deos: *Ego sum, qui sū.* Moyses: Eu sou, o que sou. Partia ja Moyses, quando Deos o tornou a chamar; & como se se arrependesse da diffinição, que de si tinha dado, tornalhe a dizer: *Hæc dices filijs Israel: Dominus Deus patrum vestrorum, Deus Abraham, & Deus Isaac, & Deus Jacob misit me ad vos.* Direis aos filhos de Israel,

que quem vos manda, he o Deos de seus pays, o Deos de Abraham, o Deos de Isaac, & o Deos de Jacob. Senhor, daimelicença; se o intento de Moyses em vos perguntar, & o vosso em responder a Moyses he darvos a conhecer aos filhos de Israel; não o tinheis ja feito, quando dissestes: *Ego sum, qui sū?* Eu sou; o que sou? Não he esta a diffinição mais adequada do que sois? Quando dizeis: Eu sou, o que sou, não dizeis, que sois o Author, o Exemplar, & conservador da tudo? que cercais toda a infinidade, que excedeis todo o termo, que perscreveis toda a medida, que afermo-seais toda a fermosura, que formais toda a forma? Quando dizeis: Eu sou, o que sou, não dizeis, que sois grande sem quantidade, bom sem qualidade, infinito sem numero, fermoso sem figura, Eterno sem tempo, immenso sem lugar; diffuso sem extensão, perfeito sem composição, & Altissimo sem situação? Quando dizeis, Eu sou, o que sou, não dizeis,

que

Exod.

3. 15.

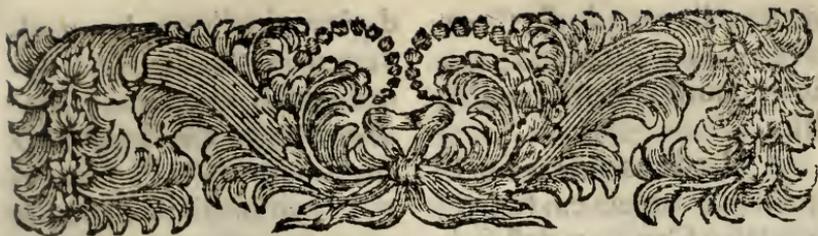
que tudo, o que ha suave, de vòstem a sua suavidade, tudo, o que ha fermoso à sua fermosura, tudo, o que ha resplandecente, o seu resplandor; tudo, o que ha vivente, a sua vida, tudo, o que se move, o seu vigor, tudo, o que se entende, o seu entendimento, tudo, o que ha excellente, a sua perfeição; & tudo, o que tem ser, o seu ser; porque vòs sois a fonte de todo o ser: *Ego sum, qui sum.*

18 Pois se já vos tinheis dado a conhecer; pera que formais nova diffinição dizendo a Moyses, que diga: Que sois o Deos de seus pays, o Deos de Abrahám, o Deos de Isaác, & o Deos de Jacób? hamvos de conhecer melhor? Parece q̄ sim. Quando Deos disse: Eu sou, o que sou, disse o que era *ad intra*, da parte de dentro: quando disse: Eu sou o Deos de Abrahám, de Isaác, & de Jacób, disse o que era *ad extra*,

da parte de fora: Quando disse: Eu sou, o que sou, disse o que era da parte de dentro, porque disse, o que era por sua essencia: quando disse: Eu sou o Deos de Abrahám, disse o que era da parte de fora; porque disse o cuidado, a providencia, & a protecção, com que governara, & defendera a Abrahám, a Isaác, & a Jacób. E quando se quiz dar mais a conhecer, não disse sò, que era Deos de dentro: *Ego sum, qui sum*; mas acrescentou, que era Deos de fora: *Deus Patrum vestrorum, Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob misit me ad vos.*

Assim se dà Deos a conhecer, & assim quer, que se dê a conhecer; não tanto por Senhora de dentro, quanto por Senhora de fora. De fora, pera vigiar sobre nòs; de fora, pera defender a nòs; de fora, pera nos metter consigo dentro na gloria.





SERMAM DA SENHORA DA PIEDADE.

Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus. Joan. 19.

§. I.

PErplexo venho, a que Piedade se dedica hoje este piedoso applauso; porque, se leo o Evangelho, dou com os olhos em huma piedade, a que parece senão dedica a festa, & se olho pera a festa, encontro outra piedade, que parece não temos no Evangelho.

Seleo o Evangelho, dou cõ os olhos naquella piedade verdadeiramente admiravel, com que a Sacratissima Virgem Senhora nossa assistio no Calvario ao pê da Cruz de seu amantissimo filho: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus.* Chamei admiravel a esta piedade; porque foi o maior milagre, que

q̄ naquelle grande dia succedeo. Assim o entendeu o mais entendido dos Evangelistas.

2 Lede os outros Evangelistas, & vereis em funesta relação o Ceo com defusada novidade escurecido, o dia roubado tristemente aos olhos, arrastrando funebres lutos o Sol, & opprimidos de trevas seus resplandores; negra lizonja a lua, & o ar herdeiro forçado de suas sombras: as pedras, ou impacientemente piedosas, ou piedosamente impacientes estrondosamente quebradas; rotos os marmores, abertas as sepulturas, resuscitados os mortos, vacilante a terra, parado o Ceo, & estremecida com hum universal movimento a natureza. Lede agora a S. Joam, & não achareis em seu Evangelho menção alguma de tam estupendos prodigios. Pois he possibile, que passassem por alto a huma Aguia tam inauditos successos. Ou S. Joam os advirtio, ou não: se os advirtio; como os não contou? E se os não advirtis, que pro-

digio maior lhe roubou a advertencia, & a attençaõ. Sabeis qual? o do Evangelho: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus.* Via S. Joam aquella amorosa piedade, & piedosa constancia, com que a Virgem Máy estava ao pé da Cruz; & abortio neste milagre, ou não deu fê dos outros prodigios; ou julgou, q̄ este era o maior: contrapoz aquelle *Stabat* a todos os outros milagres; & à vista daquelle todos os mais lhe pareceram menores. Esta he a piedade, que eu leo no Evangelho; a Piedade da Máy pera com o filho.

3 Mas a piedade, que eu encontro na festa parece, que não he esta; pois qual he? a piedade, que a Senhora tem pera com os homês; & esta digo eu, que não temos no Evangelho: no Evangelho temos a piedade da Senhora; & na festa temos a Senhora da Piedade: no Evangelho temos a piedade da Senhora, com que assistio ao filho em suas penas: na festa temos a Senhora da Piedade, com que assiste aos homês

homés em seus apertos. Pois que havemos de fazer? deixar a Piedade da festa pera admirar a do Evangelho; ou deixar a Piedade do Evangelho pera elogiar a da festa? Nam: antes havemos de louvar huma piedade com outra; a da festa com a do Evangelho; & se dermos vètagês à da festa; não serà por ser maior; mas porque assim o parece. Peçamos a graça saudando com o Anjo a Piedosissima Senhora.

AVE MARIA.

§. II.

*Stabat juxta Crucem JESU
Mater ejus.*

4 **T**Emos ao pê da Cruz dividida a maternidade; & com a maternidade a piedade també dividida. Dividida a maternidade; porque a mesma Virgem, que em Belém gerou a Deos; gerou no Calvario aos homés: em Belem naceo Deos; no Calvario naceram os homés; Deos co-

mo filho verdadeiro; & os homés como verdadeiros filhos da mesma Mãy Pois os homés verdadeiros filhos da Virgem Mãy? Digo, q̄ sim. Quando a Virgem Senhora concebeo no Sacrario de seu purissimo ventre ao filho de Deos; logo entam concebeo como verdadeiros filhos aos homés. Não vos faça dissonancia a proposição; porq̄ temos pera ella hum grande fiador: S. Bernardino de Sena, em hum Sermao da Encarnação diz, que no mesmo instante, em que a Virgem deu ao Anjo Embaxador o consentimento, que lhe pedia, logo por virtude do Espirito Santo se fez em seu ventre Santissimo a Conceição do filho de Deos; & a Conceição dos homes: & q̄ desde entao trouxera a Virgem em suas entranhas aos homens como Mãy, não fô verdadeira, mas verdadeirissima a seus verdadeiros filhos: *Quinimò ita ex tunc omnes in suis visceribus bajulaverit; tanquam verissima mater filios suos*: não foi a Conceição dos homés, co-

S. Bern.
nardin.
Sen.
Serm.
de In-
carn.

mo a do filho de Deos; porque a do filho de Deos foi espirital, & corporea; a dos homês não foi corporea; mas espirital; mas nem por isso deixou de ser verdadeira; porque foi mais Divina. Foi a Conceição dos homês na Senhora; como a Conceição da Senhora em Deos: Falla de si a Virgem Senhora no cap. 8. dos Proverbios de Salamaõ, & diz assim: *Nondum erant abyssi; & ego jam concepta eram*: Ainda Deos não tinha criado os abismos, ou profundidade das agoas; & ja eu era concebida? Mas em quem, & aonde? em Deos, & no lado de Deos; explica o Texto Original: *In latere ejus eram*. Estava concebida no seu lado. E esta Conceição da Senhora no lado de Deos foi corporea? Nam; foi espirital; & por isso mesmo foi verdadeira; & mais Divina. Assim foi concebida a Virgem Senhora no lado de Deos; & assim foram concebidos os homens no lado da Senhora; a Senhora como verdadeira filha de Deos; & os homens

como filhos verdadeiros da Senhora: *Tanquam verissima mater filios suos*.

5 Demodo que no mesmo tempo se obraram nas entranhas purissimas da Senhora duas Conceições, huma do filho de Deos; outra dos homens; a dos homens espirital, & não corporea, a do filho de Deos corporea, & espirital. Falla o mesmo filho de Deos do Saccario Virginal do ventre Santissimo, & diz, que he hum monte de trigo: *Venter tuus acervus tritici*. Christo comparouse no Evangelho a hũ graõ de trigo: *Nisi granum frumenti cadens in terram*; pois se este Divino graõ cahio nõ terrado ventre Virginal, porque compara o mesmo ventre não a hum graõ; mas a hum monte de trigo: *Venter tuus acervus tritici?* Hum monte de trigo he hum aggregado de muitos graõs de trigo: Pois se Christo era hum graõ somente, que graõs de trigo foraõ estes, que se aggregaram a fazer hum monte? Direis bem, se differdes, que sam os homês.

Prov.
8.4.

Cant
7.2.

Epif.
h. de
audib.
Deip.
oan.
2. 24.

homês. Ouvi a Santo Epifanio, que nestas materias fallar sem author he fallar a monte. *Ipsa est ager minime cultus, qui verbum velut granum frumenti in se suscipiens, etiam manipulum germinavit.* A Virgem he a terra virgem, que recebendo em si ao Verbo, como a hum graõ de trigo, deu o trigo a montes: *Et jam manipulum germinavit,*

6 É quando foram os partos destas duas Conceiçõs, ou destes dous concebidos? o do filho de Deos foi dahi a nove mezes em Belém; o dos homês foi dahi a trinta & quatro annos no Calvario. O primeiro naõ necessita de prova; porque he de fê; o segundo he, o que dezejais ver provado. Quando o Sagrado Texto quer encarecer de excessiva alguma dor, chamalhe dor de parto. E no Calvario ao pé da Cruz foram as dores da Virgem verdadeiramente dores de parto. Assim o sentem os Santos Padres, & com ellês os Interpretes modernos: balle por todos o

grande Abbadé Ruperto: Comenta elle aquelle texto de Christo: *Mulier cum parit, Joanel tristitiam habet; & accomo- 16. 21.]* dando-o à Virgem Mãy diz assim: *Propterea, quia ibi dolores ut parturientis sustinuit in passione unigeniti sui, omnium nostrum salutem B. Virgo peperit, & facta planè omnium nostrum mater est.* Porque ahi no Calvario à vista dos tormentos do seu Unigenito padeceo a Virgem Beatissima dores de parto; o fruto destas dores foi a nossa Salvaçaõ; & ficar a mesma Virgem verdadeiramente Mãy nossa. *Et facta planè omnium nostrum mater est.*

7 Nas outras occasioes explicamos o texto com os Padres; agora explicaremos os Padres com o texto. Na versam dos Lxx Interpretes diz Christo fallando cõ sua Igreja no cap. 8. dos Cantares: *Sub arbore malo susci-*

tavi te; ibi peperit te Mater tua; ibi parturivit te Genitrix tua. Debaxo de huma arvore

Apud Silaz. in c. 8. Proverb.

vos despertei das sombras da morte à luz da vida: ahi vos

pario vossa Mãy;ahi vos pario a, que vos gerou. Notavel texto! Se Christo falla com os filhos de sua Igreja, que sam os homês, como lhe dá dois nacimentos, & duas mãys; *Peperit te mater tua; parturivit te Genitrix tua?* E ambos os nacimentos debaxo de huma arvore: *Sub arbore malo, ibi peperit te; ibi parturivit te?* Como o não havia Christo de dizer assim, se assim foi. Contrapóz huma arvore a outra arvore, huma mãy a outra mãy, & hum parto a outro parto: huma arvore a outra arvore; a arvore da Cruz à arvore do paraizo; huma Mãy a outra Mãy, Maria, & Eva; hum parto a outro parto, o daquella primeira, ao desta segunda Mãy. A primeira mãy debaxo de huma arvore: *Sub arbore malo;* porque comendo da arvore do paraizo matou aos filhos, antes que pelo parto lhes desse vida: A segunda Mãy debaxo de outra arvore: *Sub arbore malo;* porque junto a arvore da Cruz: *Stabat juxta Crucem;* como verdadeira mãy ge-

rou à vida os homês entre vehementissimas dores. Assim o diz o mesmo texto. Quando falla do parto da primeira Eva; diz: *Peperit; Peperit te mater tua;* quando falla do parto da segunda Eva diz: *Parturivit: Parturivit te Genitrix tua.* E porque não uza o texto do mesmo verbo em ambos os partos? porque não diz no segundo: *Peperit;* como disse no primeiro? mas no primeiro: *Peperit,* & no segundo: *Parturivit?* Sim, & com grande energia. Entre o verbo *Pario,* & *Parturio* ha esta distincão no significar: *Pario* significa o parto, como ordinariamente acontece: *Parturio* significa o parto, quando succede com excessivas dores; & ansias exorbitantes: E como neste parto da Virgem no Calvario foram as dores tam sem medida; uzou o texto daquelle verbo, que mais as significava: *Parturivit te Genitrix tua.*

8 O mesmo Filho, que estava na Cruz, confessou em huma palavra este novo parto da Mãy: Fallou com a Mãy

Mã y, & chamoulhe mulher: *Mulier*: palavra mais leca, do que parece a ditava a occaziam; mas tam propria naquella occaziam, como de quem a ditava. Ora notai a differença, que dam os Latinos a estes tres nomes: *Puella*, *Puerpera*, *Mulier*: *Puella* chamaõ, a q̃ novamente se desposou; *Puerpera*, a que he mã y de hum so filho: *Mulier*, a que ja tem muitos filhos. E como o Filho da sua Cruz estava vendo, que a Virgem naquella hora era mã y de tantos filhos, quantos eraõ os homês; por isso cõ toda a propriedade, sem offença, antes com lizonja do amor da mesma Mã y lhe deu o nome de mulher: *Mulier, ecce filius tuus.*

oan.
9. 25.

Assim se dividio a Maternidade da Virgem Mã y entre Christo, & os homens: mas se agora puzeramos a Belem defronte do Calvario; ou o Calvario junto a Belem, quero dizer, se compararmos o nascimento do Filho com o nascimento dos filhos, o dos homês com o de Christo? O'como podia-

mos cuidar; que o nascimento dos filhos levou ventagês ao nascimento do filho: o nascimento do filho foi em Belem lugar pequeno de Judea: o nascimento dos filhos foi em Jerusalem metropole de todo o reino: o nascimento do filho foi no retiro de hum covã; o nascimento dos filhos foi no alto de hũ monte: o nascimento do filho foi na hora da meia noite; o nascimento dos filhos foi nas horas do meyo dia: o nascimento do filho foi sem dor; o nascimento dos filhos foi com acerbissimas dores. Nesta ultima circumstancia he que para, o meu discurso; porque me naõ atrevo a inferir a consequencia. Aristoteles, que como Filosofo fallou pella boca da natureza, disse no livro 9. das Ethicas; que na Mã y he mais estremo o amor daquelle filho, em cujo parto sentio maior dor, pella rezam natural, q̃ aquillo, que mais custa, mais se ama. Logo se o nascimento dos homens custou à Virgẽ mais dores, que o nascimento de Christo; porque este ne-

nhuma lhe custou, que havemos de inferir, que ama mais aos filhos, que ao Filho? Esta era a consequencia, que podia tirar a natureza; mas como a Senhora he mãy não sô da natureza, mas da graça; aonde domina a graça, perde seus foros a natureza.

§. III.

9 Temos visto como se dividio a Maternidade da Senhora estando ao pê da Cruz entre o Filho, & os filhos; entre Christo, & os homens; vejamos agora (que he o principal empenho) como se dividio a piedade. Não ha duvida, que a Piedade, que a Virgem Mãy teve de seu amabilissimo filho, quando a opê da Cruz como hum espelho cristallino estava retratando em sua alma huma por huma as dores, que seu filho padecia no corpo, foi tam fina, & tam ardente, que fez suas as dores do filho. Ha quem o diga? Sim: a mesma Senhora em huma revelação, que fez a Santa Brigi-

da: *Dolor filij erat dolor meus*: a dor de meu filho era minha & porque era dor da Mãy a dor do filho? porque o coração do filho era o coração da Mãy; *Quia cor ejus erat cor meum*. O coração era hum; por isso a dor era a mesma: Antes parece que era maior a dor da Mãy, que a do filho? E porque? Porque o filho padecia por paixão, & a Mãy por compaixão; & mais padece quem se compadece, que quem padece.

10 Desterrada da casa de Abraham chegou Agar a hum deserto, aonde por falta de agoa hia faltando a vida a seu filho Ismael: arrojou-o dos braços ao pê de huma arvore; & retirouse dizendo, q̄ não tinha olhos, & menos coração pera ver espirar ao menino: *Non vi-debo morientem puerum*: Que Gen. 21. 16 olhos que se atrevem a ver morrer a quem amaõ, ordem devem ter do coração menos fino. Acudio hum Anjo a dar remedio àquella falta; & quando eu cuidava, que iria logo ter com Ismael, acho o tecendo larga pratica

ca com Agar. Pois Anjo do Ceo, tam entendido, que por antonomasia fois Inteligencia, está Ismael espirando à sede, & detendes o remedio? Não o detinha, antes applicava, aonde era mais necessario; & mais necessitava de remedio a Mãy, que o filho; o filho padecia; a Mãy compadecia-se; & mais padecia a Mãy na compaixão, do que padecia o filho na paixam. A rezam he facil; porque a paixam he dor do corpo; a compaixam he dor da alma; & dor, que chega a alma he mais penetrante; por isso o Anjo acudio primeiro a Agar, que a Ismael; à Mãy, que ao filho; porque padecia mais a Mãy.

11 Passai este successo do deserto ao Calvario; & vede ao Filho não ao pê de huma arvore; mas no mais alto della; & a Virgem Mãy não retirada, mas ao pê da mesma arvore: *Stabat juxta Crucem*, vendo morrer não so à sede, mas a tormentos de sapiedados, não ao filho de Abraham; mas ao filho de Deos; não a Ismael, mas a

JESUS, & julgai que compaixam levantaria em sua alma a Piedade? Não digo, q padecia mais, que o filho; mas digo, que o mesmo filho se compadecio mais da compaixam da mãy; do que de sua propria paixam. Aquella queixa, que na Cruz deu o filho a seu Eterno Pay: *Deus meus, Deus meus, ut* ^{Mat} *quid dereliquisti me;* cuida- ^{27.46!} va eu ategora, que o fizera romper nella a acerbidade de suas dores; & assim cuida, que o cuidaveis vós tambem; mas vós, & eu nos enganavamos; não foi a sua paixam, a que lhe arrancou do peito a queixa; pois q foi? a compaixam de sua Mãy. He revelação, que a mesma Mãy fez a Santa Brigida: *Quam vocem magis ex compassione mea. quam sua per motus protulit.* Vede quanto maior he a dor, que padece quem se compadecio, que a que padece, quem padece. A paixam do filho não fez sair ao filho em queixas; & a compaixam da Mãy fello romper o silencio: *Quam vocem magis ex cõpassione mea,*

quàm sua permotus protulit.

§. IV.

12 Esta he a Piedade da Mãy pera com o Filho; & qual he a Piedade da mesma Mãy pera com os Filhos, isto he pera com os homês? Digo, que se não he maior, que o parece. Dainos licença, Piedosissima Senhora pera entrar no *Sancta Sanctorũ* de vosso coraçam Divinissimo, & ver o que nelle passou naquellas horas, em que ao pê da Cruz assististes a vosso Filho: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus.*

A gloriosa Santa Methildes no primeiro livro de suas revelações cap. 56. conta, que vira a hum Serafim, o qual com profunda reverencia saudava a Virgem; & a cauza, ou motivo que tinha pera a saudar era o amor, q̄ teve a Deos com ventagens a todas as creaturas; porque o amor na paixam do seu Unigenito foi tam forte, & poderoso, que não fõ vencco, mas consumio todo o outro affecto humano; & em

que esteve esta victoria? *Quia, omni creatura in morte filij Dei dolente, ipsa socia cum Divinitate immobilis, & gaudens filium suum pro mundi salute voluit immolari.* Porque sentindo, diz o Serafim, todas as creaturas, como era rezam a morte do filho de Deos, ella fazendo companhia à Divindade: *Socia cum Divinitate*, immovel, & com gosto, *Immobilis, & gaudens*, quiz, que seu filho fosse sacrificado pella Salvaçã dos homens. *Filium suum pro mundi salute voluit immolari.*

13 Reparai muito naquella clausula: *Socia cum Divinitate immobilis, & gaudens*: com emulações de Divino estava ao pê da Cruz o coraçam da Virgẽ immovel, & com gosto: Pois com gosto ao pê da Cruz! E a piedade, & a compaixam de seu filho, que ategora encarecíamos? Se estava com gosto, estava sem dor; mas como estava sem dor, quem tinha diante dos olhos a occaziam da maior magoa? Não se atrevo o Grande Abulenſe

Abu-
lenf. in
c. 9.
Deut.
9. 4.

lenfe a dizer, que estava sem dor; & sem grande dor; mas com a grandeza desta dor competia a grandeza do gofsto: *Erant ergo in ea simul dolor, & gaudium, utrumque magnum.* Estava o coração da Virgem no Calvario hum campo, em que se davaõ batalha duas piedades; huma pella parte de feu filho, outra pella parte de seus filhos: a piedade do filho lhe cauzava dor; a piedade dos filhos lhe cauzava gofsto. a piedade do filho lhe cauzava dor; porque o via morrer em huma Cruz; a piedade dos filhos lhe cauzava gofsto; porque na morte do filho estava o remedio dos filhos. He possível (dizia a piedade do filho) que hade dar a vida com huma morte tam afrontosa o author da mesma vida? Que cauzava maior pera a dor. Mas desta morte (dizia a piedade dos filhos) effá pendiente a vida Eterna dos homês. E que maior motivo pera o gofsto. Mas se meu filho (replicava a primeira piedade); mas se meu filho he innocente, antes a mesma in-

nocencia; porque hade padecer como culpado! Que rezam mais efficaç pera a magoa: E se esta innocencia castigada (dizia a següda piedade) ha de fazer innocentes aos peccadores: Que occaziam mais urgente pera o jubilo? Assim batalhava no coração da Mãy a dor com o gofsto, & huma piedade com outra, nam de outra forte, que em huma menhá de Abril anda lutando o Sol cõ as nevoas; humas vezes vencedor, outras vencido; ja as desfaz com os rayos de sua luz como vencedor; ja envestido de sua porfiada espesura das nevoas quasi se dá por vencido: mas reforçando os rayos dissipa ao inimigo; & restitue ao mundo o gofsto, & alegria.

14. Parece que nesta semelhança damos a victoria ao gofsto; & affirmamos que foi maior no coração da Senhora o gofsto, que a dor? Assim parece, & assim he, diz o doutissimo, & devotissimo Gerfão: *Consensit Crucifigi pro redemptione nostrâ.* Consentio, que fosse crucifi-

Ger-
fon. Ti-
t. 2. de
Cantu-
ordio
3. p. Al-
phibes-
tu.

ficado para nossa redemção; *dans nobis illum utique cum gaudio, & exultatione, quæ summam superabat carnis angustiam*; dandonos seu proprio filho; & isto com tanto gosto, & alegria de seu coração, que sendo suma a dor, ainda o gosto era maior: *Quæ summam superabat carnis angustiam*. De modo que posto o coração da Virgem Mãy entre piedade, & piedade, entre a piedade do filho, que cauzava a dor, & entre a piedade dos filhos q̄ cauzava o gosto; o gosto era maior, que a dor: *Summam superabat carnis angustiam*.

§. V.

15 E foi tanto assim; venço tanto a Piedade, que a Virgem teve dos filhos, à Piedade, que teve do Filho; que diz Santo Anselmo, & depois d'elle Novarino, que se fosse necessario, a mesma Senhora offerceria a seu filho no altar da Cruz, & executaria com suas proprias mãos aquelle Sacrificio. Ha maior Piedade dos homens?

Ser cruel pera com o filho pera ser piedosa com os filhos! Perdoaime, Piedosissima Senhora, perdoaime pera dizer da vossa Piedade, o que disse da justiça de Deos, aquelle grande Prelado, & maior Santo Santo Thomas de Villanova. Falla elle com Deos em hum Sermão do Natal; & considerando este acto, & sacrificio da Cruz; depois de pedir a Deos licença pera fallar, diz assim: *De hac tua justitia, nisi blasphemando, nequeo explicare, quod sentio*, Desta vossa justiça Senhor, com que entregais à morte o filho pera remir ao servo, senão for blasphemando, não posso explicar o que sinto: *Excessisti factis, excedam verbis*: excedestes no que fizestes; porque não excederei eu, no que disser? *Excessisti supra modum omnes justitie metas*: Excedestes, Senhor, sobre maneira todas as rayas da justiça: *Et dum nimis videri vis justus, plus justo factus es justus*; & querendo parecer demasiadamente justo, fostes mais justo, do que era justo. Isto disse

disse aquelle Santo da justiça de Deos; & isto mesmo posso dizer de vossa Piedade. *Excessisti supra modum omnes pietatis metas*: Passastes muito alem dos termos da Piedade: & querendo parecer com excessõ piedosa, parece que passastes de Piedosa a cruel; Blasfemia he dizer, que fostes cruel; mas desta vossa piedade não posso sem blasfemar dizer, o que sinto: *De hac tua pietate, nisi blasphemando, nequeo explicare, quod sentio*. Cruel chamou o outro poeta ao amor; porque ensinou, ou obrigou às Mãys a tingir as mãos no sangue dos proprios filhos: *Sævus amor docuit natorum sanguine matres Cõmaculare manus*. E porque não chamarei cruel a vossa Piedade pera com os homês, se estava disposta a pregar em huma Cruz a vosso Unigenito, & amantissimo Filho? *Quenam est hæc iustitia* (exclama Santo Thomas) *Ut filius moriatur pro servo*: Que justiça he esta, Senhor, que piedade he esta, Senhora, que morra o filho,

pera que viva o servo?

16 Verdadeiramente q̃ quando considero a Virgem Senhora no Calvario ao pé da Cruz offerecendo à morte a seu proprio filho pello remedio dos filhos, & sacrificando-o em seu proprio coração, acho motivo ao mesmo filho pera lhe negar o nome de Mãy; & lhe dar o de mulher: *Mulier, ecce filius tuus*; porque se houve neste acto, como senão fora Mãy; & o filho não fora seu filho. Mandou Deos a Abraham, que lhe sacrificasse a seu filho Isaac: Obedece o Patriarcha, chega ao monte destinado pera o sacrificio; ata o filho, poemno sobre o altar, leva da espada, & quando vay pera decer com o golpe, ouve huma voz do Ceo, que lhe tem mão no braço, & impede a execuçãõ: *Non* ^{Gen.} *extendas manum tuam super* ^{22. 12.} *puerum*. Nam degolleis ao menino. Ao menino: *Super puerum*; aqui reparo não no golpe; mas no nome. Quando Deos mandou a Abraham, que lhe fizesse holocausto de Isaac; não so lhe

chamou seu filho; mas Unigenito, & muito amado: *Tolle filium tuum Unigenitum, quem diligis Isaac*: Pois se quando Iho manda sacrificar, lhe dá Deos o nome de filho, quando quer estorvar o golpe; porque lhe não chama filho: Antes do sacrificio Abraham he pay, & Isaac he filho; & no acto do sacrificio nem Isaac he filho, nem Abraham he pay? Natm. Quem viffe a Abraham com a espada sobre a garganta de Isaac, pera lhe dar a morte, não vos parece, que tinha rezam pera cuidar, que nem Abraham era pay; nem Isaac era seu filho? Assim pareceo ao Anjo; & por isso não deu a Isaac o nome de filho; nem a Abraham o de Pay: *Non extendas manum tuam super puerum.*

17 E como quereis Senhora, que demos a JESUS o nome de filho vosso, & a vos o de Mãy sua, se vemos que nesse monte (que foi o mesmo de Abraham) não so vedes com gosto Crucificar ao filho, tambem Unigenito, tambem amado unicamé-

te, senão, q̄ vos mesma estais disposta a fer a executora do Sacrificio? Abraham quiz Sacrificar ao filho, mas por amor de Deos; vos querieis sacrificar ao filho; mas por amor dos homés: Em Abraham pode mais a piedade com Deos, do que o amor do filho; em vos pode mais que o amor do filho a Piedade com os homés. A piedade de Abraham pera com Deos foi obrigada do preceito; a vossa Piedade com os homés toda foi amor. Pois como não quereis, que na Cruz negue o filho a si o nome de filho, & a vos o nome de Mãy? *Mulier, ecce filius tuus.*

§. VI.

18 Mas não foi desamor no filho, o que na Mãy era amor; antes nesta resolução se concordava tanto com a vontade do filho; que ate o gosto de o ver padecer pello remedio dos filhos se acordava com a dor de o ver padecer, como bem dizia o Abulense: *Satis unum alteri*

teri concordabat: Padecia o filho com dor, & gosto; com dor, porque padecia; com gosto, porque padecia por amor dos homés; & a vontade da Mãy era a mesma, que a vontade do filho; ambos offereciam o mesmo holocausto, o filho a si; & a Mãy ao filho; a Mãy no sangue do coração; & o filho no sangue do corpo; mas assim o filho, como a Mãy com gosto muito maior, que a dor: *Omnino tunc erat* (ouvís a Arnaldo Carnotense) *Omnino tunc erat una Christi, & Mariae voluntas; unumque holocaustū ambo pariter offerebant. hęc in sanguine cordis; ille in sanguine carnis*. E que se seguiu desta mesma vontade, & deste mesmo holocausto? Seguiu-se, que o effeito da redenção foi comũ ao filho, & à Mãy: *Unde communem in mundi salute cum illo effectū obtinuit*. Notavel consequência que deva tambem o mundo sua redenção à Piedade da Senhora, ou à Senhora da Piedade: Que concorresse pera nossa salvação, com o sangue de seu coração; co-

mo o filho com o sangue de seu corpo? E que possamos dar à Virgẽ o nome de Salvadora do mundo, como a Christo o nome de Salvador do mesmo mundo: *Amantissima Dei Virgo dici potest mundi Salvatrix*; diz Dionysio Cartusiano.

19 Assim he; mas será necessario explicar hum texto, que parece está de frecha contra esta prerogativa da Virgem. Falla Christo pello Profeta Isaias dos tormentos de sua paixam na metafora de hum lagar; & diz q̃ elle so o pizara, & que ninguem lhe fizera companhia: *Torcular calcavi solus; & de gentibus non est vir mecum*. Logo se Christo foi s̃o, o que na Cruz deu o Sangue pera a redenção dos homés; se diz, que ninguem mais correio pera esta obra de sua maior piedade; fica tambem della excluida a Piedade da Virgẽ Mãy? Não fica: ponderai bem o texto; & vereis, que a não exclue: Que diz Christo? *De gentibus non est vir mecum*: Diz, que na obra da redenção não tinha, cõ-

l. 2. de
I. au.
7. dib.
Virg.

Isai.
63. 3.

figo a algum varam: *Non est vir*: & porque não diz Christo: *Non est homo*; senão: *Vir*? Divinamente disse: Esta palavra *homo* he comũ de dous; & significa, ou o varam, ou a mulher; & a palavra *Vir*, significa so o varam: se Christo differa: *De gentibus non est homo*: excluia aos varoês, & às mulheres; mas dizendo: *De gentibus non est vir*, exclue so os varoês; & não as mulheres. Pois se exclue aos varoês; porque não exclue as mulheres? Pera não excluir a Bendita entre as mulheres; que na obra da redemção lhe fez companhia, & misturando o sangue de seu coração com o sangue de seu Unigenito, concorreo como Salvadora com o Salvador pera a Salvação dos filhos.

20 E pera que acudamos ao escrupulo, que pode ter alguẽm nesta redemção, ou corredemção da Senhora; digo, que assim a Mãy como o filho nos remio; remionos o filho satisfazendo; remionos a Mãy impetrando: o filho offerecendo se

voluntariamente à morte satisfizesz à justiça Divina pellos homẽs: a Mãy offerecendo voluntariamente à morte o mesmo filho, impetrou da Misericordia Divina a mesma redemção dos homens. Tres Pessoas concorreram na redemção: concorreo a Mãy; concorreo o Filho, & concorreo o Pay: *Matre supplicante, Filio interpellante, & Patre propitiante* (diz o ja citado Carnotense) a Mãy concorreo supplicando, o Filho concorreo mediando, o Pay concorreo perdoando: a Mãy pera supplicar o lhava pera a miseria dos filhos; o Filho pera mediar o lhava pera o peito, & pera os peitos da Mãy; o Pay pera perdoar o lhava pera a Cruz, & pera as chagas do Filho: *Filius adpectus Matris, & ubera: Pater ad filij crucem, & vulnera respiciebat.*

21 Mas neste grande theatro da Piedade Divina, em que a Mãy estava ao pê da Cruz; & o Filho na Cruz, quem levava os olhos da Piedade da Mãy? a morte do Filho, ou remedio dos filhos?

lhos? Ouvi com admiração a resposta ao devotissimo Capellam da mesma Senhora Santo Illefonso: *Pijs oculis spectabat non filij mortem, sed mundi salutem.* A quem volvia os olhos de sua Piedade, nam era à morte do Filho; era à Salvação, & remedio do mundo. *Non filij mortem, sed mundi salutem.* Esta foi a Piedade da Senhora pera com os filhos, isto he pera com os homês; & se me não concederes, que foi maior, que a piedade pera com o filho, não me podeis negar que o parece.

§. VII.

22 Sò vejo, que medizeis, que não pode negar vosso agradecimento o muito que deve a esta Piedosissima Mãy, quando ao pê da Cruz teve tanta parte na obra da Redemção; mas que na redemção Eterna do Sacramento (que assim lhe chamou S. Paulo) parece q̄ não teve parte a piedade da Senhora. Tarde chego a este grande empenho da libera-

lidade, & dô amor; da beneficencia, & Piedade Divina; & assim não nos poderemos deter muito. Mas se devemos muito à Piedade da Senhora no beneficio da redemção, digo que lhe não devemos menos no beneficio da Eucharistia; não sô; porque como diz Santo Agostinho, no Sacramento não sô recebemos o corpo de Christo; mas tambem alguma parte da carne da Virgem Santissima.

23 No cap. 9. dos Proverbios nos exhorta a mesma Senhora dizendo: *Venite, comedite panem meum.* Vinde, ^{Prov} ^{4.} comei o meu Pam, isto he, o Sacramento, que Christo chamou pam do Ceo. Mas porque chama a Senhora Pam meu ao Sacramento: *Panem meum.* Que Christo lhe chame seu; está bem; mas a Virgem, porque rezam? Pella que ja temos ditto. Aristoteles diz, que o filho he parte do Pay, ou da Mãy: *Est filius pars ipsius patris, vel matris:* logo se o filho he parte da Mãy, quem recebe a carne, & o sangue do filho: recebe

recebe tambem a carne, & o sangue da Mãy. Mas não quero fahir do Calvario, aonde a Senhora está ao pê da Cruz.

24. Depois de Christo espirar, lhe correo hum soldado huma lança ao lado, & diz o Evangelista, que deste golpe sahira sangue, & agoa: *Exiuit sanguis, & aqua.* Ja tereis ouvido não huma sô vez, que com este sangue, & agoa, que sahio do lado, sahio tambem o Sacramento: Assim o dizem os Santos. Agora pergunto eu, que sangue, & que agoa era esta. O Vieyra de Italia, o Doutissimo Padre Oliva, diz que este Sangue era dos Martyres antigos, & esta agoa era as lagrimas dos justos, que Deos do principio do mundo fora recolhendo em feu coração: *Audeo dicere: Aquilla, & sanguis, sanguis Abel erat, caesorumque Prophetarum, & Davidis, justorumque lacrymae.* Considerai agora a Mãy ao pê da Cruz derramando não sô a agoa em lagrimas; mas as lagrimas em sangue; & o filho no alto de

sua Cruz recolhendo em feu lado este sangue, & esta agoa: Que quem tinha recolhido o dos estranhos, ainda que Santos, como havia deixar perder o da Mãy. Agora vede fahir ao golpe da lança com a agoa, & com o sangue envolto o Sacramento. E se aquella agoa, & aquelle sangue eraõ effectos da Piedade da Mãy no Calvario ao pê da Cruz: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus:* Nam ha duvida, que se devemos a sua Piedade o Sacramento da redemção tambem lhe devemos a redemção do Sacramento.

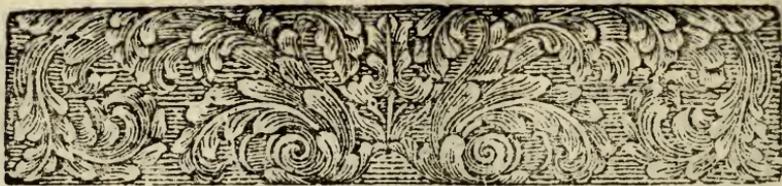
§. VIII.

25. O que importa, meus Senhores, he, que não neguem as nossas obras, o que confessa o nosso agradecimento. Confessa o nosso agradecimento, que a Virgê Mãy como Mãy de Piedade nos trouxe em suas purissimas entranhas, como a verdadeiros filhos. O não demos a esta Mãy occasião de se arrepender deste beneficio,

cio, como a Rebecca os seus dous filhos. Confessa o nosso agradecimento que devemos à Piedade da Virgem Mãy as dores excessivas, cõ que nos gerou no Calvario; não lhe augmentemos as dores com nos dar aos gostos illicitos, & depravados da terra. Confessa o nosso agradecimento, que senão foi maior a Piedade com os filhos, que a Piedade com o filho, que o parece quando menos; seja tal a nossa Piedade pera com o Filho, & pera com a Mãy, que do Filho sejamos irmãos, & da Mãy sejamos filhos! Confessa o

nosso agradecimento, que com o sangue do coração concorreo pera nossa redenção a Mãy de Piedade; concorramos nos ao menos com as lagrimas dos olhos pera lograrmos o fruto do seu sangue, que he nossa Salvação. Confessa finalmente o nosso agradecimento, que deve a sua Piedade o beneficio do Sacramento. Agradecemos esta Piedade não sô com chegar muitas vezes à quella Divina meza; mas em chegar como quem chega à fonte da vida, ao mineral da graça, ao penhor da gloria.





SERMAM DA SENHORA DA PIEDADE.

Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus. Joan. 19.

§. I.

Que faça o amor por fino, o que intentava fazer o odio por refinado; he o maior excesso da fineza (Todo amoroso, & Omnipotente Senhor) Que faça o amor por fino, o que intentava fazer o odio por refinado he o maior excesso da fineza. Este excesso, he, o que hoje veneramos

naquelle altar: O Sacramento veneravel da Eucharistia posto, & exposto em huma Cruz, he a maior fineza do amor; porque foi o intento do maior odio. Conjurouse, diz Jeremias, o odio de seus inimigos contra Christo, & o intento do seu desatino foi este: *Mittamus lignum in panem ejus.* Lancemos no seu pam hum lenho. Tertulliano,

añ, & Lactancio citados pello doutissimo à Lapide, dizem, que nesta palavra está aquella figura, a que chamaõ Hypallage os Grãmaticos; & he o mesmo dizer: lancemos hum lenho no seu pam, que dizer: lancemos, ou ponhamos o seu pam em hum lenho: *Mittamus panem ejus in lignũ*. Mas que pam? mas que lenho era este? Este pam he o Divinissimo Sacramento, & este lenho he a arvore da Cruz: *Mittamus panem, hoc est, corpus Christi, quod nobis est panis in Eucharistia, in lignum Crucis*. De modo que o maior extremo, a que se apostou o odio, foi por o Sacramento em huma Cruz: *Mittamus panem ejus in lignum Crucis*. Pois isto, que foi no odio o maior extremo, he hoje no amor a maior fineza. Posto, & exposto em huma Cruz vemos hoje o pam do Sacramento. Fez hoje o amor, o que intentou fazer o odio; o odio no que intentou, foi o mais refinado; & o amor no que executa, o mais fino. Sem deixarmos nem a Cruz,

nem o Sacramento deixaremos com prova esta fineza.

2 S. Joã Chrysoftomo, a quem seguem muitos assim dos Expositores, como dos Pregadores, diz, que foram maiores as demonstraçoẽs de fineza, com que no Sacramento sahio o amor de Christo, do que as que fez em a Cruz. Mas em que esteve esta maior fineza? Em dar seu corpo, & seu sangue? tambem na Cruz deu o sangue, & o corpo: Em fazer no Sacramento huma representaçãõ de sua morte? tambem na Cruz esteve morto na realidade. Em offerecer no Sacramento hum Sacrificio incruento? tambem na Cruz offereceo hũ Sacrificio cruento. Em que esteve logo esta maior fineza do Sacramento? Sabeis em que? responde a Boca de ouro. Em que o amor no Sacramento fez por fineza, o q̃ na Cruz intentou fazer o odio por extremo. Antes de decerem a Christo da sua Cruz, diz o Evangelista, que vieram seus inimigos pera quebrarem a Christo aquella parte do corpo,

corpo, que costumavaõ quebrar aos Crucificados pera lhes appressarem a morte; mas vendo, que Christo tinha ja espirado, o não fizeram: *Ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt ejus crura*: Este foi o extremo, que na Cruz intentou fazer o odio. E no Sacramento, q̄ fez o amor? Isto mesmo, senão na substancia, ao menos nos accidentes. Ouvi a S. Paulo: *Panis, quem frangimus, nonne participatio corporis Domini est*. O pan, que partimos não he a participação do corpo do Senhor? Notai, O *Quem frangimus*, & vede se he o mesmo verbo: *Non fregerunt*: De sorte que o que o odio intentou na Cruz, executou o amor no Sacramento: o odio na Cruz intentou quebrar; mas não quebrou: *Non fregerunt ejus crura*: o amor no Sacramento quebrou, & partio: *Panis, quem frangimus*. E q̄ o amor execute por fineza, o que o odio intentou por extremo, he o maior extremo da fineza: Ouvi agora ao Rio, senão he o Mar da Elo-

quência Grega: *Quod in Cruce passus non est, id in oblatione patitur: Et propter te frangi sustinet, ut omnes satiet*. O que Christo não padeceo na Cruz, padece no Sacramento, & consente o ser partido, quanto aos accidentes, pera acudir à fome de todos: & esta foi sobre o amor da Cruz a fineza do Sacraméto. Não he logo encarecimento meu dizer, que faz hoje o amor a maior fineza; porque executada por fino, o que o odio intentou fazer por refinado: O odio intentou por o Sacramento na Cruz: *Mittamus panem ejus in lignum Crucis*: & isto he o que hoje fez o amor naquelle altar: O Sacramento do altar pollo no altar da Cruz.

3 Mas neste dia, em que celebramos a Piedade da Virgem Maria, ou a Virgê da Piedade, Christo tirado da Cruz; & posto na Cruz o Sacramento? A Virgem Senhora ao pê da Cruz está muito bem, como diz o nosso thema: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus*. Mas Christo Crucificado deixá-

do a Cruz pera a dar a si mesmo Sacramentado? Cõ que mysterio neste dia? O mysterio deve ser; porque a Piedade da Virgem Senhora não se imitou a Piedade de Christo na Cruz; mas emulou a piedade de Christo no Sacramento. Não só chegou sua Piedade a crucificar a Virgem Senhora, que he o assumpto de todos os annos; mas chegou a sacramentalla: este será hoje o meu empenho. Pera que façamos d'elle com gloria, solícitemos a graça por meyo da Piedade que festejamos:

AVE MARIA.

§ II. *In p. danti*

*Stabat juxta Crucem JESU
Mater ejus.*

4 **E** Stava a Virgem Senhora ao pé da Cruz copiando imitações de piedade daquelle exemplar Divino, que tinha crucificado diante de seus olhos. E que Piedade maior! Todos os mysterios, que o

brou o Filho de Deos feito homẽ pella silvação dos homẽs, foram effeitos de huma Piedade como sua; mas pondo sua Espõsa a Igreja Catholica os olhos em todos, & em cada hum delles com a ternura, que merecem; a nenhuma chamou sobra grande de Piedade, senão ao mysterio da Cruz.

O magnum Pietatis opus!
obol mors mortua tunc est;

In ligno quando mortua vi-
ta fuit.

5 E verdadeiramente, que querer a Magestade do Filho de Deos dar a vida em huma Cruz pera satisfazer à Divina justiça pellos peccados dos homẽs, foi huma Piedade tam immensa, tam infinita, e tam sobre todo o encarecimento excessiva, q̃ ensinou piedade ao mesmo insensivel. Não foi piedade no Sol, que lastimado de compassivo vestisse de funestos lutos seus raios? Não foi piedade nas pedras, que impacientes de lastimadas se fizessem pedaços humas com outras? Não foi piedade na terra, que estremecendo de-

Ec sufada.

fufadamente quasi defmentiffè fua conftancia por fe mostrar magoada; abrindo fuas entranhas, pera fahirem dellas irefufcitados os mortos? Affim foi; nem fe pode negar, que foi affim. A Cruz fo o theatro; em que Chrifto fez ostentação de fua Piedade: por iffo lhè chafia a Igreja obra grande de Piedade: *O magnum Pietatis opus!* E fendo esta a Piedade da Cruz; parece, que Chrifto na Cruz havia de fer o exemplar, de que a Virgem Senhora havia de copiar a fua Piedade: Mas de Chrifto no Sacramento? Por que rezam? *Quia quilibet vult esse in eo* 6. Porque a Piedade do Sacramento ainda lfoi, õi pareceo maior, que a Piedade da Cruz. E a Piedade da Senhora sempre aspirou aos maiores excessos. No Sacramento, como fabeis, fez Chrifto huma memoria, ou representação da Piedade, que exercitou na Cruz: *Reliquitur memoria passionis ejus.* E pera fer mais viva esta fua representação, fez o Sacramento hum cryftallino espe-

lho; como disse Santo Agostinho: *Fecisti nobis, Domine, speculum de corpore tuo.* De voffo corpo Senhor nos fizestes hum espelho. Este espelho, cuja figura he esferica; digo, que representa a piedade da Cruz com tal energia, & perspectiva, que a faz maior. Seneca no livro primeiro das cauzas naturaes, diz, que ha certo genero de espelhos; que representaõ os objectos em tal proporção; que parecem muito maiores, do que na verdade o fãm: *Est alicujus speculi naturae, ut maior & multo, quam videat, ostendat; & in portentosam magnitudinem auget formas.* Naõ pode fer, tenaõ que muitos se devem ver a estes espelhos; valham Deos, que presumido a quelle de nobre; & que arrogante o outro de valente, aquelle que vaidoso de entendido! & fãm quando menos ametade menos, do que presume; mas o entendimento, a valentia, & a nobreza naõ estã nelles; estã no espelho, que os representa muito maiores, do que fãm. Grã-

de, & muito grande he a Piedade da Cruz; mas representada no crystal do Sacramento parece muito maior. A da Cruz parece meya Piedade, ou Piedade de meyas: a do Sacramento he Piedade enteyra.

7 Christo estendido os braços em sua Cruz comproute a hum arco: *Posuisti ut arcum æreum brachia mea:* Diz por boca de David: ou comparou a sua Cruz a hum Arco; & a si a humo setto; como disse pello Profeta Isaias: *Posuit me quasi sagittam electam.* Este Arco da Cruz foi figurado no Arco das nuvês, que Deos poz nellas como final de sua piedade depois do diluvio universal. Chamaó os Latinos a este arco Iris. Ide agora comigo ao cap. 4. do Apocalypse; aonde diz o amado Evangelista, que virá hum trono de grande magestade; & que no meyo deste trono estava hum cordeiro com semelhanças de morto: *In medio throni agnum stantem tanquam occisum.* Hum cordeiro na realidade vivo, & so nas seme-

lhanças morto; claro está, q he Christo no Sacramento, & hoje muito mais, quando o amor he deo por trono a Cruz? E que mais dizo Evangelista? Diz, que cercava a este trono em roda o Iris, ou Arco Celeste: *Et Iris erat in circuitu sedis.* Aqui está agora a minha duvida, ou o meu grande reparo. Assim na Cruz, como no trono, estava o Iris; mas na Cruz era Arco: *Arcum meum in nubibus ponam;* & no trono era circulo: *Iris erat in circuitu sedis.* E que differença ha de hum Arco a hum circulo? a differença he bem clara: hū arco he meyo circulo: dividê hum circulo em duas partes iguais, & fareis dous arcos: un dos arcos nas pontas, em que acabam, & fareis hū circulo: de modo q hū arco he meyo circulo. Pois vedes ahta differença, ou a razão; porq o Iris na Cruz he Arco, & no trono he circulo. O Iris (como ja dissemos, & dizem comumente os Santos Padres) he symbolo da Piedade de Divina: Pois se esta piedade, na Cruz aonde estava

Christo crucificado, fez só hum arco, ou hum semicirculo: *Arcum meum ponam in nubibus*: no trono (aonde se adorava Christo Sacramento) porque fez hum circulo inteiro: *Iris erat in circuitu sedis*? Porque essa he a ventagem, que faz a Piedade do Sacramento à Piedade da Cruz: a Piedade da Cruz fez hum arco: a Piedade do Sacramento fechou o circulo: a Piedade da Cruz fez hum arco, que he meyo circulo; porque parece que foy meya piedade a Piedade da Cruz; a piedade do Sacramento fechou o circulo; porque foi piedade inteira a piedade do Sacramento. E se quereis ver, como foi meya piedade a Piedade da Cruz, subia ao Calvario. Estavaõ crucificados aos lados de Christo dous ladroens: hũ salvou-se; outro perdeu-se. Pois se na Cruz estava a Piedade fazendo a maior demonstraçõ de sua fineza; porque não se estende a ambos os ladroens; porque salvava só a hum delles, & permite, que se perca o segun-

dõ? Porque era arco, não era circulo a Piedade da Cruz? Era arco, que he meyo circulo; & assim foi meya Piedade: Salvou só a hum, que era aniedade dos dous ladroens. Mas a Piedade do Sacramento he circulo inteiro, & fechado.

Notai. O Arco he fechado por huma parte; & he aberto por outra; he fechado pella parte superior; mas pella parte inferior he aberto: mas o circulo he por todas as partes fechado. A Piedade da Cruz he Arco; porque de tal sorte he piedade, que deixa lugar ao rigor: a Piedade do Sacramento he circulo, porque por qualquer parte, que busqueis a piedade, a heis de achar no Sacramento. Excellentemente o Deutissimo P. Ribeyra: *Quacunque cum adeas, misericordiam invenies*. Na Cruz fechou a piedade hum lado, & salvou a Dimas; mas deixou aberto o outro lado, & entrou a justiça a condenar a Gestas; mas no Sacramento fecha todos os lados; pera que só se encontre a Piedade:

de: *Quacunque eum adeas, misericordiam invenies.*

§. III.

8 Sendo pois o Sacramento hum espelho, em que a Piedade da Cruz ou foi, ou pareceo muito maior; & aspirando sempre a Piedade da Virgem Senhora aos maiores excessos: parece que não era adequado exemplar à sua Piedade a Piedade de Christo em a Cruz, senão a Piedade de Christo no Sacramento. Por isso com eleição superior veras na Cruz o Sacramento, & ao pé da Cruz a Virgem da Piedade: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus.*

E parece (que digo parece, se foi assim) que quiz o mesmo Deos que a Piedade da Virgem Senhora imitasse não a Piedade de Christo na Cruz, mas a Piedade de Christo no Sacramento. Mandou Deos a Moyses, que na Arca do Testamento depositasse as taboas da ley, a vara de Moyses, & o manná. E pera que mandou Deos

guardar naquella Arca estas tres prendas? A rezam literal foi, pera que os Israelitas se lembrassem dos beneficios, que na sahida de Egipto tinham recebido da Piedade Divina. Esta he a verdadeira rezam; mas quanto esta rezam he mais verdadeira, tanto mais funda o meu reparo, que vem a ser, porque não mandou Deos guardar a serpente de metal, que por seu mandado arvorou Moyses no deserto? Manda guardar o manná; & não manda guardar a serpente? Se o manná foi remedio contra a fome; a serpente foi remedio contra a morte: morrião muitos dos Hebreos picados de humas venenosas serpentes, que no deserto os perseguirão; & mandou Deos a Moyses, que levantasse em alto huma serpente de metal, pera que os mordidos a pudessem ver, & sarar: assim se fez: pois porque não manda Deos guardar na Arca a serpente, como mandou guardar o manná? Se a serpente foi também instrumento de sua Piedade. Decifremos estas

figuras, & vèreis a consonância, que fazem, com o nosso cazo. A serpente era figura de Christo em sua Cruz; como explicou o mesmo Christo: *Sicut Moyses exaltavit serpentem. &c.* o manná era figura de Christo no Sacramento: a Arca figurava a Virgem Senhora, & finalmente da Piedade: Digo finalmente da Piedade; porque sobre a Arca estava o Propiciatorio, que como está inculcando o mesmo nome, significa propiciação, ou piedade. Já vedes a razão porque mandou Deos, que na Arca se guardasse o manná, & não se depositasse a serpente; porque quiz Deos, que tivesse a Arca em si a piedade do Sacramento, & não só a piedade da Cruz; não hade ser a piedade como a piedade da serpente, que figurava a Christo em sua Cruz; hade ser como a piedade do manná, que figurava a Christo no Sacramento.

9 E que bem retratou a piedade da Senhora a piedade do Sacramento. La disse-mos, que fizera Christo o

Sacramento hum espelho da piedade, que exercitava em sua Cruz: *Fecisti, Domine, speculum de corpore tuo.* E a Virgem Senhora da Piedade tambem he hum espelho do Sacramento, ou como o Sacramento. Este elogio lhe deu seu Divino Esposo nos Cântares de Salamaão: aonde a Vulgata lê: *Umbilicus tuus Cant. crater tornatilis;* lem outros: *7. 2. Venter tuus sicut speculum rotundum.* As vossas entranhas, Esposa minha, sam como hum espelho esferico. Ha mais notavel semelhança. As entranhas como hum espelho, & como hum espelho esferico? Sim. Nas entranhas ou está, ou se significa a Piedade: assim o disse fallando de Deos o Pay do grande Precursor: *Per viscera Luc. I. misericordiae Dei nostri.* E Isaias fallando com Deos: *Ubi est multitudo viscerum tuorum:* aonde está, Senhor, a multidão de vossas entranhas, queria dizer de vossa piedade: Logo comparar o Esposo as entranhas da Virgem a hum espelho, era comparar a hum espelho sua piedade,

idade, assim he; mas a hum espelho esferico: *Speculum rotundum?* Sim; pera que ate na figura fosse semelhante ao Sacramento. Tem o Sacramento naquella hostia a figura esferica; & por isso he hum espelho esferico da Piedade: *Iris erat in circuitu throni*; pois tenhaõ as entranhas, ou a Piedade da Virgem a figura de espelho tambem esferico: *Venter tuus sicut speculum rotundum*; pera que o retrato se pareça em tudo com o Original, a copia com o exemplar, a Piedade da Virgem com a piedade do Sacramento: & esteja como estâ o Sacramento na Cruz: & a Virgem ao pé da Cruz: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus.*

§. IV.

10 Temos mostrado em geral, que no Sacramento como em espelho, ou foi, ou pareceo maior a Piedade da Cruz: & he ja tempo de decer a algumas rezoês particulares desta ventagem. Seja a primeira.

Que a piedade da Cruz foi remedio, a piedade do Sacramento foi prevençãõ: a piedade da Cruz foi remedio; porque acudio a nossos males, depois de cahirmos nelles: a piedade do Sacramento foi prevençãõ; porq̃ antes de cahirmos, os empede: a piedade da Cruz deunos a maõ; a piedade do Sacramento tevenos maõ. Isto se vio manifestamente naquellas duas figuras, que ja dissemos, a serpente de metal, & do manná. A serpente curava aos enfermos depois de mordidos: o manná conservava aos saõs pera que não enfermassem. Huma das estupendas maravilhas, que Deos obrou nos quarenta annos de peregrinaçãõ, que fizeraõ no deserto os filhos de Israel, foi, que passando o numero daquella multidaõ de dous milhoês de almas, em todo aquelle tempo não enfermasse nenhũ: assim o cantou à tua harpa o Profeta David: *Non erat in tribu- bus eorum infirmus.* E que remedio preservativo de tanta efficacia foi, o que impedio a

facil decomposição dos humores em tanta multidão, q̄ não era muito regrada; & em tanta variedade de climas tam diversos, & inclementes? O remedio foi o manná, diz o grande Tertulliano: *In eremo manná cibatus quadraginta annis, & ad instar æternitatis redactus, nec humanis passionibus contaminatus.* De modo que a serpente, & o manná ambos eraõ remedios; mas a serpente era remedio pera depois: o manná era remedio pera antes; a serpente era remedio pera depois; porque depois de mordermos curava aos enfermos: o manná era remedio pera antes; porque os preservava, pera que não enfermásem. A serpente era Christo em sua Cruz; o manná he Christo no Sacramento: a piedade da Cruz foi remedio dos males, que padeciamos; a piedade do Sacramento he remedio dos males; que podemos padecer. E quem pode negar, que he maior piedade, a que me soccorre antes de experimentar o dano, que a piedade, que me

acode depois de padecer o detrimento.

II Esta he a primeira vantagem, em que a Piedade do Sacramento, ou excede, ou parece exceder à Piedade da Cruz; E que gloriosamente imitada esta vantagem da Virgem da Piedade, ou da Piedade da Virgem. Não espera sua Piedade, q̄ experimentemos o dano; anticipalhe o remedio: antes q̄ chega o mal, ja o remedio esta prevenido. Assim foi o primeiro milagre de sua piedade, q̄ ainda que repetido, sempre tem graça. Celebravaõse, diz S. Joáo, hũas vodas em Caná de Galilea; & estava ahi a Mãe de JESUS: *Et Joan̄ erat ibi Mater JESU: & lo-².* go foi convidado JESUS: *Vocatus est autē & JESUS ad nuptias.* Eu não sei como compoz esta acção com a modestia, com o recolhimento, & ainda com a Soberania da Mãe de Deos. A vodas vay a Virgem soberana, & sem ser chamada; *Erat mater JESU ibi?* O Filho espera, que o chamẽ; *Vocatus est autem & JESUS;* & a Mãe ja

ja la estava sem a chamarem? Porque não espera Maria, que a roguem; como esperou JESUS, que o rogassem? Sabeis porque? Porque naquella convite havia de haver huma falta, hum aperto huma necessidade: *Deficiente vino*: E esta he a Piedade da Virgem; acudir antes do dano, anticiparse antes da falta, prevenir antes do aperto; & não esperar pera depois; mas tratar antes do remedio: *Erat mater JESU ibi*. Quando a Virgẽ Senhora significou a Christo seu filho aquella falta: *Vinũ non habent*; Respõdeolhe Christo: *Quid mihi & tibi est mulier? nondum venit hora mea*. E que tendes vos comigo? ainda não he chegada a minha hora. Eu reparo não so nã hora; mas na hora minha: *Hora mea*. E porque não diz Christo: a nossa hora; senão a minha: a hora do Filho não he tambem hora da Mãy? Não: A hora da Mãy he antes; a hora do Filho he depois: a hora da Mãy he antes de se experimentar a falta: a hora do Filho he depois, q̃

se padece o dano Quando a Senhora disse: *Vinum non habent*, ainda os convidados não sentiam a falta, diz S. Joam Chrystomo: & em quanto a não sentiaõ, diz Christo, que não era chegada a sua hora. *Nondum venit hora mea, id est, nondum sciunt, quod deficit vinum: sine eos primum hoc sentire*. Deixai-os sentir a falta, pera que agradeção o beneficio: De modo que aquella mesma hora era hora da Mãy; mas não era hora do Filho; por isso o Filho não chamou sua a hora em que estava; mas a hora que havia de vir: *Nondum venit hora mea*: porque a hora da Mãy he antes de chegar o dano, pera o prevenir; & a hora do Filho he depois de se sentir a falta pera a remediar.

12 E se me perguntais donde veyo à Senhora esta piedade tão prevenida? Respondo, que do primeiro instante de seu ser. Hase a Piedade da Virgẽ Senhora pera com os homês, como se houve a Piedade do Filho pera com a mesma Senhora.

Pergun-

Perguntaõ os Theologos, se foi Christo Redemptor de sua Mãy? E he de fê que sim, mas com huma grande diversidade, que de todos os mais homês: a todos os mais remio-os depois de cattivos: a sua Mãy remioa antes do cattiveyro: aos mais deixou-os cahir, pera lhe dar a mão: a sua Mãy tevea mão, pera que não cahisse: pera os homês foi a redemção remedio, pera a Mãy foi prevenção. E esta prevenção foi a maior Piedade, que exercitou o Filho com sua Mãy. Mas o que foi singular Piedade de Christo pera com a Virgem; he Piedade Universal da Virgem pera com os homês: Naquelle instante primeiro estudou sua Piedade este primor; não so trata do remedio, depois de sentirmos o dano; mas antes de experimentarmos o mal, anticipa o remedio. E como este he o genio especial da Piedade do Sacramento sobre a Piedade da Cruz; por isso hoje a vemos ao pê da Cruz; mas sobre a Cruz o Sacramento. *Stabat, &c.*

§. V.

13 A segunda rezam de fer, ou parecer maior a Piedade do Sacramento, que a Piedade da Cruz he, que a Piedade da Cruz remediou nossos males; mas em publico: obrou Christo nossa redemção, mas nos olhos do mundo todo: o Sacramento tambem he remedio de nossos males; mas em segredo: obra Christo no Sacramento tam occultamente, que ninguem o ve. He a differença, ou a ventagem, que notou Santo Thomas, fazia o Sacramento à Cruz: *In Cruce* (diz o Doutor Angelico) *latebat sola Deitas: at hic simul latet, & humanitas.* Na Cruz se estava escondida a Divindade, estava a humanidade manifesta: mas no Sacramento a humanidade, & a Divindade tudo esta escondido: *At hic simul latet, & humanitas.* E maior gloria he da Piedade occultar o remedio, pera que senão veja o dano. O' quantas vezes he peor o remedio, que a enfermidade, se descubris a enfer-

enfermidade pera acreditar o remedio: que me importa sarar da enfermidade, se adoeço do remedio: *Quo usque dices* (dizia Seneca) *ego te extuli; ego te servavi*: ate quando me haveis de andar quebrando os ouvidos, dizendo a vozes: Eu vos livreis; eu vos dei a vida: *Quid hoc; si, ut me ostenderes, servasti*: Se pera isso me destes a vida, pera andar fazendo gala, & ostentação desse favor: *Melius mihi fuisset periisse*: Melhor me fora morrer. Que mais fizestes, do que faz o vencedor, quando perdoa a vida aos vencidos pera os levar no triunfo. Isso não he piedade, he crueldade.

14. A primeira diligencia, que hade fazer a piedade, não hade ser curar a ferida, hade ser curar o remedio: a ferida curase com o remedio; o remedio curase com o silencio. Louva Christo a piedade, que aquelle Samaritano uzou com hum pobre homẽ, que caminhando de Jerusalem pera Jericho cahio nas mãos dos ladroẽs; os quais não so o rou-

baraõ; mas tambem o deixaram gravemente ferido. Achou-o neste estado hum Samaritano, & movido a piedade tratou de o curar; mas foi notavel o modo da cura: Atoulhe as feridas, & lançoúlhe oleo, & vinho: *Alligavit vulnera ejus, infundens oleum, & vinum*. Não vos parece, que fez a cura as avessas. Ca os nossos cirurgiões primeiro poem na chaga os balsamos, ou os unguentos; & sobre elles apertam a venda; mas o Samaritano primeiro apertou a venda: *Alligavit vulnera ejus*; & depois applicou os oleos: *Infundens oleum, & vinum*. Mas assim cura a Piedade: applica primeiro a venda pera que senão veja a ferida; & depois applica o remedio, pera que se cure a chaga: mas fazer ostentação do remedio, he manifestar a ferida; curai primeiro o remedio com o silencio, do que cureis a ferida com o remedio, q̃ este he o maior exemplo da Piedade, que adoramos no Sacramento, & veneramos na Virgẽ da Piedade. Assim

trata

trata sua Piedade de remediar nossos males, que seu primeiro cuidado he esconder os remedios.

15 Nam sei se tereis advirtido, que os maiores beneficios, que o mundo tem recebido da Piedade Divina, sempre se fizeram de noite; & os maiores castigos, que lhe tem dado sua justiça, sempre os deu de dia. Pera fazer os beneficios escolheu a noite; & pera dar os castigos escolheu o dia: começai pellos beneficios. O maior beneficio, que Deos fez ao mundo na ley da natureza, foi a promessa, que Deos fez ao Patriarcha Abraham, quando lhe obrigou sua palavra, que de sua descendencia naceria o Redemptor do mesmo mundo: E quando se fez a Abraham esta promessa? De noite: *Cumque sol occumberet*. O maior beneficio, que Deos fez aos homés nos tempos da ley escrita, foi a liberdade, que deu aos Israelitas, quando os livrou dos ferros de Faraó, que miseravelmente arrastavao: & em que tempo se deu a ultima execucao

a esta liberdade? De noite: *Vocatis Pharaon Moyse, & Aaron nocte, ait: surgite, & egredimini de populo meo*. Da ley da natureza, & da ley escrita passamos a ley da graça, em que as graças da Piedade Divina foram estremosamente maiores. Que maior graça, que a Encarnação do Filho de Deos, em que unio a si a humanidade com laços tam apertados, que nem a mesma morte os desatou: & quando se fez este milagre, de dia, ou de noite? De noite diz com Salamao S. Pedro Chrytologo: *Nox in suo curso medium iter perageret, omnipotens sermo tuus, Domine, à regalibus sedibus venit*. Que maior graça, que a do Nascimento, em que no abrigo, ou desabrigo de hū portal appareceo nos braços da Aurora o Divino Sol cingidos seus rayos com humas pobres mantilhas: & não foi a meya noite? Assim o ensina a Igreja: assim o crê a piedade; assim o agradece o amor. Que maior graça que a instituição do Divinissimo Sacramento, que justissimamente

Exod.
12. 30.

mente

mente se levantou com a antonomasia de boa Graça, q̄ isso quer dizer Eucharistia. E quando obrou o amor este prodigio; quando fez este milagre de milagres? não foi de noite: assim o define S. Paulo como artigo de fê. *In quanocte tradebatur.* E a mesma morte do Redemptor, que foi preço de toda a graça, ainda que segundo o curso do Sol succedeo nas horas do dia; aquelle universal eclisfe, que cahio sobre a terra não converteo o dia em noite: *Tenebræ factæ sunt super universam terram?* De modo que os maiores beneficios, que a Piedade Divina fez ao mundo foram de noite; & os maiores castigos foram de dia.

16 O maior castigo, q̄ o rigor da Divina justiça executou contra os honrês, foi o diluvio universal, em que padeceo miseravel naufragio o mundo todo; & so oito almas se salvarão dentro da Arca de Noe: & quando teve principio esta lastimosa tragedia? *In articulo diei illius*, diz o texto: no artigo da-

quelle dia, em que Noe se recolheo à Arca: O texto Original tem: *In offe diei illius*: na força daquelle dia: a força do dia he ao meyo dia. O outro maior castigo foi outro diluvio não de agoa, mas de fogo, quando abraçou as cinco Cidades mais infames pellos vicios, em que ardiaõ, que pello incendio, em que arderam. E em que tempo succedeo este horroroso destrago? Diz o texto, que chegando os dous Anjos la pella tarde a Sodoma, passaram aquella noite em caza de Lot; & no dia seguinte depois de sahir o Sol, começaraõ a fulminar rayos de fogo, & de enxofre sobre as Cidades: *Sol egressus est super terram:* Gen.
--*Igitur Dominus pluit super* 19 24.
Sodomam, & Gomorrhã sulphur, & ignem. De sorte, que adverte o texto, q̄ quando começou a chover rayos, ja os do Sol tinham sahido sobre os horizontes: *Egressus est Sol*; pera que conitalle a todos, que aquelle castigo se dera de dia, & não de noite.

17 Este he o estylo de
Deos

Deos assim nos beneficios, como nos castigos, assim nas obras de sua Piedade, como nas execuções de sua justiça: Mas perguntame agora a vossa curiosidade; qual pode ser a rezam deste estílo? A rezão desta razaõ de estado da Providencia Divina havemos de ir buscar ao principio do mundo. No quarto dia da criação diz o Sagrado Texto, que produzira Deos o Sol, & a Lua; & que dividira entre estes dous Planetas o governo, & presidencia dos tempos: Ao Sol deu o governo, & presidencia do dia: *Luminare maius, ut præesset diei.* à Lua entregou o governo, & presidencia da noite: *Luminare minus, ut præesset nocti.* E a quem representaõ este Sol; & esta Lua? Todos sabem, que o Sol reprezeta a Christo; & a Lua a Maria Senhora nossa. Pois que outra rezam quereis da rezam de estado da Providencia Divina em fazer de noite os beneficios; & em dar de dia os castigos: As horas do dia correm por conta do Sol: *Lumi-*

nare maius, ut præesset diei. as horas da noite correm por conta da Lua: *Luminare minus, ut præesset nocti.* E as horas, em que prezide a ferrosissima Lua Maria Senhora nossa, sam as horas dos beneficios, nam sam as horas dos castigos: sam horas pera a clemencia, nam sam horas pera a justiça; sam horas pera a piedade, não sam horas pera o rigor. Assim respondi eu alguma vez.

Mas agora com nova instancia pergunto. E porque rezam hade escolher a Virgem Senhora as horas da noite pera o exercicio de sua piedade, & beneficência? Porque esse he o mais honrado timbre da piedade fazer os beneficios, & dar o remedio com tanto segredo, & com tanto silencio, como he o da alta noite: Vejase remediado o miseravel; mas não se manifeste o remedio, pera que senão veja patente a miseria. Assim o faz Christo no Sacramêto lançando aquelle veço, que ainda que branco, he escuro, das especies, que vemos sobre o maior excessso

Gen. I.

cesso de sua Piedade, que não vemos: & assim o faz a Piedade da Virgê escolhendo as horas mais escuras, & mais escuzas pera remediar nossos males sem manifestar nossos danos. Por isso ao pé da Cruz sim; mas o exemplar do Sacramento na mesma Cruz: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus.*

S. VI.

18. Muitas outras rezões podiamos discorrer pera provar, que a Piedade do Sacramento, ou foi, ou pareceo maior, que a Piedade da Cruz; mas não se pode dizer tudo em huma hora. Sò tres apontarei deixando-vos o trabalho de as discorrer. Na Cruz deu Christo a vida por amor nosso huma so vez: *Mortuus est semel*, diz S. Paulo: no Sacramento damos a vida cada dia, & cada hora: *Hec quoties feceritis, in mei memoriam facietis.* E não he maior Piedade dar muitas vezes, que huma so vez? Mais: a Piedade da Cruz custou lagrimas aos

Profetas, custou suspiros aos Patriarchas; & custou ansias aos justos; que des do principio do mundo estiveram esperando quatro mil annos; por esta piedade: porem a Piedade do Sacramento não quiz Christo, que custasse hum só dezejo; como toda he graça, de graça a quiz dar: toda: assim o confessa o agradecimento de Eusebio: *Institutionem venerandi mysterij corporis, & sanguinis tui omnino gratuito voluisti fieri absque sumptu desiderij cunctarum gentium.* E não he maior a Piedade, que vos accode sem esperar, que a rogueis? Finalmente a Piedade da Cruz teve parte de justiça: a piedade do Sacramento foi pura Piedade: a piedade da Cruz teve parte de justiça; porque supposto o pacto, que Christo tinha feito com seu Eterno Pay, tinha obrigação de justiça de morrer em a Cruz pella salvação dos homês: a Piedade do Sacramento foi pura piedade; porque não entervêyo nella alguma mistura de justiça: E quanto a piedade

tem

tem menos de justiça, tanto mais tem de Piedade. E não militaõ todas estas rezoões na Virgem da Piedade: a sua piedade não he de todos os dias; de todas as horas, de todos os momentos? A sua piedade não he toda graça? Ainda quãdo a não dezejamos, nem procuramos, não está solicitando có ella nossos melinos affectos? A sua piedade não he toda piedade sem justiça, nam he toda clemencia sem rigor?

19 Daqui nasce, q̄ sendo infinita a Piedade do Filho, parece que temos, senão mais fe, mais confiança na Piedade da Mãy. E a experiencia de muitos exemplos nos tem mostrado, que quẽ se valeo de sua Piedade, logrou sem fallencia o remedio. Peccou Judas, & perdeu-se: peccou Pedro, & salvou-se: Judas peccou vendendo, & Pedro peccou negando a Christo: & que fez Pedro? Cantou o gallo, negou, & sahio: Tende mãõ Pedro, que no lugar donde sahis, vos fica o remedio: não fica Christo em caza do

Pontifice; pois como sahis? & se sahis, pera onde sahis? Dizem alguns, que sahio a buscar a Virgem Senhora. Ah si! pois vedesahi porque Pedro se salva, & porque Judas se perde. Se Judas fizera, o que fez Pedro, outro gallo lhe cantara. Deixou Pedro ao Filho, & buscou a Mãy; não porque tivesse menos fê na piedade do Filho; mas porque tinha mais confiança na Piedade da Mãy.

20 E se em todã a parte estaõ patentes as fontes da Piedade desta Piedosissima Senhora, hoje neste templo, em que a mesma Senhora tem nos braços aquelle grande exemplar da Piedade a Christo morto; & nos braços da Cruz aquelle maior Original da Piedade Christo Sacramentado, aonde como em cristallino espelho avulta mais a Piedade da Cruz, que favores não podemos esperar de vossa grande Piedade, Piedosissima Virgem? Como não suspenderã seus rigores a Divina Justiça justissimamente indignada; porque indignissima

simamente provocada por tantas culpas, algumas publicas, & escandalofas, que são, as que mais accendem os raios do furor Divino. Quando o Anjo percuciente hia mattando a milhares os Israelitas pello peccado, que David cometteo em contar o povo, diz o Texto, que chegara a cira de Areuna; & que alli logo lhe mandara Deos embainhar a espada:

2. Reg. 24. 16. *Sufficit nunc, contine manum tuam.* E porque mais naquelle lugar? Porque naquelle lugar, diz Lyra, vio Jacob a celebrada escada: *Jacob vidit ibi scalam.* Notavel concurso de figuras: A escada fazia duas figuras: fazia a figura da Cruz; & fazia a figura da Senhora: Jacob ao pé da escada, & dormindo fazia a

figura de Christo morto ao pé da Cruz; & o mesmo Jacob na cira fazia a figura de Christo no Sacramento. E como naquelle lugar se representava o que neste lugar, ou neste templo estamos vendo, como não havia, & como não ha a Justiça Divina de suspender seus rigores, & fazer as maiores demonstraçoës de sua piedade? Assim será se nos fizermos dignos della com a dor de nossas culpas, com a emenda de nossas vidas, com a reformação de nossos costumes; com hum proposito muito apostado de não offender mais, a quem em a Cruz deu a vida, & no Sacramento nos dá a si mesmo, pera se nos dar ultimamente na gloria, &c.





SERMAM DA SENHORA DA PIEDADE.

Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus. Joan. 19.

§. I.

S Em me arrepeder, venho hoje a retratarme (Divina, & Piedosissima Magestade) sem me arrepeder, venho hoje a retratarme; mas como a retratarme, sem me arrepeder? a retrataçao não traz consigo o arrependimento? Digo que não. A retrataçao suppoem ignorancia; & o arre-

pendimento culpa: quem se retrata, accuza a sua ignorancia; quem se arrepende; confessa a sua culpa; & como pode haver ignorancias inculpaveis, pode haver retratações sem arrependimentos. Mas que ignorancia he esta, de que hoje me venho a retratar? Sabeis qual he, ou qual foi? Foi tomar as medidas erradas a Piedade da Virgem

Virgem Senhora nossa. Em outra occasiam (que não he esta a primeira, & sabe Deos se ferá a última) considerando o texto do nosso thema: *Stabat juxta crucem JESU Mater ejus*; parece-me, que a Senhora da Piedade, ou a Piedade da Senhora se havia de medir pello *Mater ejus*, isto he pella Maternidade; porque me pareceo, que não podia haver piedade de quilates mais finos, q̄ a de huma Mãy pera hum filho, a quem muito ama. A piedade he filha legitima do amor; quem mais ama, mais se compadece; & o amor de huma Mãy pera hum filho he o mais encarecido amor. Quando à David chegou a triste nova da morte de sua meia alma o Principe Jonathas, medio o seu sentimento pello seu amor; & o seu amor porquem o medio? pello amor de huma mãy pera

Reg.

cô seu unico filho: *Sicut mater unicum amat filium suum, ita ego te diligebam*: não achou David outro amor mais fino, mais empenhado, nem mais encarecido pera

explicar a sua fineza pera cô Jonathas, que o de huma Mãy pera com seu filho unico: & como os efeitos naturalmente correspondem às suas cauzas; sendo a piedade effeito do amor; aonde o amor for maior, ahi ferá maior a piedade. E se na Mãy pera com o filho logra o amor sua maior fineza; na Mãy logrará tambem a piedade seu maior excessõ.

2. Este he o argumento, que me levou naquella occasiaõ a medir a Piedade da Senhora pello *Mater ejus*; ou pella Maternidade; & a infistir em provar, que a Piedade fizera à Virgem Senhora verdadeira Mãy dos homês; & que não podia ser maior a sua Piedade. Isto he, o de que hoje me venho retratar: & digo com novo pensamento, que a Piedade da Virgem Senhora não se hade medir pello *Mater ejus*: pois porquem? Pello *Juxta Crucem*; não pella Maternidade; mas pella Cruz. No cap. 11. de seu Apocalypse, diz o Benjamí Evangelista, que lhe derá hum Anjo hu-

ma cana de ouro semelhante a huma vara, pera que medisse com ella o templo de Deos: *Datus est mihi calamus similis virgæ; & dictum est mihi: surge, & metire templum Dei.* Ou como le Primasio: *Dedit mihi arundinẽ auream similem virgæ.* Este templo de Deos literalmente era o de Salamaõ, em que Deos abria os thezouros de sua piedade; por isso o lugar, em que especialmente assistia, quiz que tivesse o nome de Propiciatorio: mas em sentido espirital, ou allegorico, que he o mais proprio do Apocalypse, significa a Virgem Senhora, a que os Padres todos com a Igreja chamaõ Templo de Deos; Templo, em que a Piedade do mesmo Deos senaõ foi, pareceo maior, que si mesma. Estã bem, que este seja o templo. Mas o calamo, ou canna de ouro que symbolizava? O Padre Alcazar doutissimo Comẽtador do Apocalypse diz, q̃ era symbolo da Cruz de Christo. Pois pera medir o Templo da Piedade, ou a Piedade do Templo de De-

os, daõ Anjo ao Evangelista a vara da Cruz de Christo: *Datus est mihi calamus similis virgæ?* Sim, que a medida adequada da Piedade da Senhora naõ he a Maternidade, he a Cruz: naõ he o *Mater ejus*; he o *Juxta Crucem.* E porque? A soluçãõ a esta duvida darã materia a este meu cuidado; pera que seja com graça chegemos ao trono della, que tambem hoje he a Cruz por intercessãõ da mesma Senhora da Piedade.

AVE MARIA.

§. II.

*Stabat juxta Crucem JESU
Mater ejus.*

3 **E** Stava junto à Cruz de JESU sua Mãe, diz o nosso Evangelista; & porque estava junto à Cruz, digo eu, que a Piedade da Senhora se hade medir pela Cruz, & naõ pella Maternidade: Pello *Juxta Crucem*, & naõ pello *Mater ejus.* E porque? Porque a Piedade da

da Cruz venceo a Piedade de Mãy. Expliquemonos, pera que vamos claros. Duas Piedades exercitou a Senhora ao pê da Cruz; huma como de Mãy pera com JESU seu Filho; outra como de corredemtorã pera cõ os homens: à Piedade de Mãy pertenceo *Mater ejus*; à piedade de corredemtorã o *Juxta Crucem*. E qual foi maior piedade; a de Mãy pera com o Filho; ou a de Corredemtorã pera com os homens? Confiadamente digo, que a de Corredemtorã pera com os homens. Muito maior, muito mais fina, muito mais Piedade foi a da Cruz, que a da Maternidade. Começemos pello Evangelho.

4 *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus*. Aquelle verbo: *Stabat*; Significa estar, mas não de qualquer modo senão, estar em pê, estar levantada, estar constante. Pois em pê ao pê da Cruz a Mãy de hum Filho crucificado? Em pê sem perder o animo a Mãy, quando perdia a vida hum Filho tam amado, & tam amante? Em

pê sem desfayar o coração à Mãy de hum Filho, a quem via entre de sapiedados tormentos padecer os ultimos desfayos da morte? Em pê a Mãy de hum Filho, a quem em mortais deliquios parentavaõ universalmente as creaturas: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus*. O Sol, desfayada a luz, parece que se queria desfemcaxar de sentimento da sua quarta esfera; & a Mãy em pê ao pê da Cruz? *Stabat juxta Crucem Mater ejus*. A Lua mortalmente ecclipsada padecia juntos os minguentes todos, & a Mãy: *Stabat juxta Crucem?* As pedras encontrando se lastimosamente entre si, te quebravaõ de dor, como se fossem capazes de sentimento, & a Mãy, *Stabat juxta Crucem?* A terra com desfado movimento tremendo, & senão cahio do desfayo, foi porque não tinha pera onde cahir, & a Mãy, *Stabat juxta Crucem?* Notavel complicaçãõ, ou implicaçãõ de termos: *Stabat, Crucem, Mater*. A Mãy, & a Cruz tudo estava cõtra aquelle *Stabat*:

Constancia, Cruz, & Mãy quem as unio no mesmo foyteito? Ainda a menores golpes se rende o coração de maiores homés. Quando ao Sacerdote Heli deram a nova, que a Arca do Testamêto ficava cattiva em poder dos Filisteos, diz o Texto, que perdera as cores, & com as cores o animo, & que cahindo com hum desmayo da cadeira, em que estava sentado, morrera da queda: *Cecidit de sella retrorsum juxta ostium, & fractis cervicibus mortuus est.* E quem era a Arca do Testamento preza, & cattiva dos Filisteos? Era, dizem os Santos Padres a Humanidade de Christo, q̄ dahi a mais de 1134. annos havia de ser prezo por outros Filisteos mais barbaros, mais inhumanos, mais crueis: Pois se este successo da figura não visto, mas ouvido fez tanta impressão no coração de hum homé, que o desmaiou; como a vista do figurado não s̄o prezo, mas pregado em huma Cruz deixa o coração de huma Mãy tam enteyro, que tem olhos

pera o ver sem desmayo espirar em huma Cruz: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus?* Quem tal cuidara da Piedade de huma Mãy, que no amor de seu unico filho excedia ao amor de todas as Máys?

5 O cazo he, que havia outro affecto mais poderoso; outra Piedade mais valente, que adormecia a Piedade de Mãy. E que Piedade era esta? Era a Piedade da Cruz: & de Corredemtor dos homens. *Stabat juxta Crucē.* Estava ao pé da Cruz: & qual era a Piedade, que alli lhe enternecia o coração, a do Filho, ou a dos homés? A do Filho não; a dos homés sim. Ouvi a S. Illefonso Cappellaõ devotissimo da mesma Senhora: *Piis oculis spectabat, non filij mortem, sed hominum salutem.* Todos eram Piedade os olhos da Piedadissima Senhora, & quem senão havia de persuadir, q̄ o objecto, & o alvo desta Piedade era a morte, que padecia na Cruz seu amabilissimo filho? mas não era este o empenho, & o emprego de

1. Reg.
4. 18.

Serm.
5. de
Assum.
pt.

de sua Piedade: Pois qual era? Era a redenção, & a salvação dos homês: *Pijs oculis spectabat, non filij mortem, sed hominum salutem.*

6 Que occulta, & elegantemente pintou esta generosa Piedade o mesmo Filho nos Cantares de Salamao. Vay encarecendo no cap. 7. huma por huma as feições de sua unica esposa; & diz assim: *Nasustuus sicut turris Libani, quæ respicit contra Damascũ.* Sois, Mãy, & Esposa minha, como a torre do monte Libano, que está fronteira a Damasco. E quando, senão no monte Calvario, mereceo a Senhora o elogio de torre, firme, constante, immovel: *Stabat, sicut turris;* sem q̃ a violencia daquella horrivel tempestade fizesse abalo em sua firmeza: mas o maior mysterio está em ter os olhos em Damasco: *Quæ respicit contra Damascum.* Pera entender o mysterio he necessario saber, Damasco que significa? Damasco quer dizer: *Propinans sanguinem.* O que brinda cõ sangue. Pois vedes ahi como

estava a Piedade da Senhora no Calvario: Tam immovel como huma torre: *Sicut turris;* brindando (deixaimo dizer assim, que assim o ensina a significação de Damasco) brindando à faude dos homens com o sangue de seu proprio Filho: *Sicut turris Libani, quæ respicit faciem Damasci: Damascus, id est, Propinans sanguinem.* Fez a Mãy no Calvario, o que o Filho tinha ja feito no Cenaculo. Confagrou o caliz, & deu a beber seu sangue aos homês: *Bibite ex eo omnes:* & este mesmo sangue, que no Sacramento tinha dado o Filho pella redenção dos homês, offerecia a Mãy pella mesma redenção: o Filho em hum sô Caliz; & a Mãy em tantas taças, quantas eram as chagas do Filho. Esta era a Piedade da Cruz maior sem duvida, que a Piedade de Mãy: a Piedade de Mãy, não lemos, q̃ lhe humedeceffe os olhos com hũa sô lagrima: a Piedade da Cruz, sabemos, que a fez constante, & firme. Admiravelmente Santo Ambrosio: *Stantem*

lego, flentem non lego. Que estava em pé ao pé da Cruz, isso sim leo eu, mas não leo, que chorasse: *Flentem non lego.*

§. III.

7 Eu não duvido, que a Piedade de Mãy desse assaltos ao coração da Senhora, mas fazialhe galharda resistencia a Piedade da Cruz: & tanto, que não fô via morrer ao Filho com constancia, & sem lagrimas; mas com gosto, & alegria. Não me atrevera a dizer tanto; se ja o não tivera ditto hum Serafim. Refere Santa Methildes no cap. 56. do 1. livro de suas revelações, que vira a hum Serafim, o qual com profundissima humildade se prostrava diante da Virgem Senhora nossa, & a saudava com grandes demonstrações de veneração. E admirada a Santa dezejou saber a cauza, & o motivo daquella Serafica saudação. Ouvi agora as vozes do Serafim: *Quia omni creatura in morte filij Dei dolente, ipsa Socia cum*

Divinitate immobilis, & gaudens filium suum pro salute mundi voluit immolari. Estimara, que todos os que me ouvem foram Latinos, pera não ser obrigado a romancear estas altissimas palavras. Foi tam fino, foi tam puro, foi tam Divino o amor de Deos, que ardia no coração da Virgê Senhora, que fazendo na morte do Filho de Deos, & seu, as creaturas todas as demonstrações de sentimento, que ja dissemos, ella tendo por espelho de sua constancia a mesma Divindade assistio àquelle lastimoso espectáculo não fô có valor inaudito, mas com gosto de ver, que pella salvação do mundo era sacrificado seu Filho no altar da Cruz: *Socia cum Divinitate immobilis, & gaudens.* Fazendo companhia à mesma Divindade. Grande dizer. Vede quanto vay da Piedade da Cruz à Piedade de Mãy. A piedade de Mãy era affecto humano; a piedade da Cruz era emulação Divina.

8 Houvese a Senhora vendo na Cruz a seu Filho; como

como se houve o mesmo Deos. E como se houve Deos na morte de seu Filho? Notavel cazo, mas necessario; porque em Deos não podia ser de outra sorte. Via Deos pregar a seu Filho em huma Cruz; ouvia os golpes do martello; & via se em seus olhos huma lagrima; entrava por seus ouvidos alguma dor, que fizessê echo no coração? Nam: antes estava em toda a sua bemaventurança. Via correr em rios o fangue das chagas do Filho crucificado; & chegavalhe alguma pena deste lastimoso espectáculo? tambem não; porq̃ sua gloria he impenetravel a toda a pena. Via a sede, o desamparo, as affrontas, que padecia o Filho; & enternecia-o algũa Piedade, ou cõ-miseração? De nenhum modo: antes summo gosto seu o entregou a todos estes tormentos. Vio finalmente espirar na Cruz; & esta morte por todas suas circunstancias tam digna de compaixão perturbou a serenidade inalteravel de Deos? Por nenhum cazo. Tudo isto via

Deos sem mudança, & sem dor, antes com gosto, & alegria.

9 Agora entendo a rezam; porque Christo nas queixas, que deu ao Pay; & estando na Cruz, lhe não chamou Pay, mas Deos: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Parece que a occaziaõ ditava antes o nome de Pay, que o de Deos; porque se as queixas as formava o amor; quem não levará antes as suas queixas a hum Deos, como a Pay; do que a hũ Pay, como a Deos? Pois porque senão queixa Christo a Deos, como Pay; senão ao Pay, como Deos: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Porque naquella occaziaõ não mostrava Deos a ternura de Pay; mostrava o Pay a inteireza de Deos: o mesmo que era Deos era Pay; & o mesmo Pay era Deos: mas hum Pay, que està vendo com gosto espirar a seu Filho em huma Cruz, deselhe sim o nome de Deos, mas calese o nome de Pay: *Deus meus, Deus meus.*

10 Eisaquí como se houve o Pay; & como se houve a Mãy? com a mesma generosidade: *Socia cum Divinitate immobilis, & gaudens*: fazendo companhia a Divindade na constancia, & no gosto: *Immobilis, & gaudens*. Esta mesma foi a rezam; porque o Filho lhe não deu na Cruz o nome de Mãy, senão o de mulher: *Mulier ecce filius tuus*: porque assim como o Pay se houve na Cruz, como se não fora Pay; assim a Mãy se portou, como se não fora Mãy: *Mulier ecce filius tuus*. Julgai agora, qual foi maior Piedade, se a de Mãy, se a da Cruz? A da Cruz foi tanto maior, que não dava lugar à Piedade de Mãy. Não quero dizer, que não tinha a Mãy piedade do Filho, q̄ via na Cruz; mas esta dor, ainda que era summa, era tanto maior a piedade da Cruz, que não só a adormecia, mas gloriosamente a vencia. Ovi ao Gerfão igualmente douto, que devoto: *Consensit Crucifigi pro redemptione nostra*. Foi tam prodigiosa a Pieda-

de da Virgem Maria, que consentio, que seu Filho fosse crucificado (por nossa salvação: *Dans nobis illum, utique cum gaudio, & exultatione, que summam superabat carnis angustiam*. Dandonos ao mesmo Filho com tanto gosto, & jubilo; que sendo a pena de seu coração grande em summo grao, o gosto era maior: *Summam superabat carnis angustiam*.

11 De modo, que no coração da mesma Senhora tinha a Piedade de Mãy hum lugar, & a Piedade da Cruz outro: a Piedade de Mãy occupava a parte inferior, que tocava ao corpo; a Piedade da Cruz occupava a parte superior, que pertencia a alma: & como estava melhorada de sitio, tinha facil a victoria: *Summam superabat carnis angustiam*. A piedade de Mãy cauzava na parte inferior pena, dor, afflicção, & angustias; a Piedade da Cruz cauzava na parte superior gosto, alegria, contentamento, & jubilos. Prometteo Deos a seu Filho, que poria o seu trono como,

Joan.
19.

como os dias do Ceo: *Ponã thronum ejus sicut dies cæli.* O Trono de Christo he a Cruz; & he a Virgẽ Senhora; & nunca com mais propriedade trono de Christo, que quando estava junto ao trono da Cruz: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus:* Pois como foram na Cruz os seus dias do Ceo? Dias da terra, & muito da terra, isto sim; porque naquelle dia se armou a terra contra a vida do Filho, & da Mãy: mas dia do Ceo? Sim, dia do Ceo. Amanhece hum dia de inverno; encapotase funestamente o Ceo de nuvens; os montes tristemente se embuçação de nevoas: o ar de melancolico começa a chorar; poem as avesinha silencio a seu canto: tudo mudo, tudo triste, tudo escuro; tudo desconfolado. Ora subi sobre as nuvẽs (nem temais muito a jornada; porque as mais altas não se levantaõ sobre a terra distancia de huma legoa) & que vedes nella parte superior? tudo serenidade, tudo luz, tudo alegria, tudo gosto; porque aquel-

las desigualdades da parte inferior, não sobem à parte superior do Ceo. Eisah: como estava este trono de Christo junto ao trono da Cruz hum dia do Ceo: *Sicut dies Cæli.* Na parte inferior havia tristezas, havia afflições, havia lagrimas, havia angustias: na parte superior havia serenidade, havia alegria, havia gosto, havia jubilos. Estes effeitos naciaõ da Piedade da Cruz; aquelles da Piedade de Mãy: como Mãy sentia muito as dores, & morte do Filho: como Corredemtora alegrava-se muito mais com a redemção dos homẽs. Competia huma Piedade com outra; a de Mãy com a da Cruz; mas a de Mãy ficava vencida, & a da Cruz vencedora: *Summam superabat carnis angustiam.*

12 Parece que estava a Mãy junto à Cruz, como está o Filho no Sacramẽto. No Sacramento está o Filho com réprezetações de morto; & não sõ de morto; mas fazendo alli huma recopilação de toda a sua paixão:

Reco-

Recolitur memòria Passionis ejus. Assim he quanto à representação; mas na realidade, está glorioso com summo gosto, & alegria. Deste modo está o Filho no Sacramento, & deste modo parece que estava a Mãy ao pé da Cruz: na parte inferior era hum espelho, em que se representava a paixão toda do Filho; na parte superior toda era gosto, toda jubilo, & alegria. Assim vencia a Piedade da Cruz, a Piedade de Mãy: *Sūmam superabat carnis angustiam.*

13 Já he tempo de tirarmos a consequencia. Sea Piedade da Cruz faz tantas ventagês à Piedade de Mãy: Bem se segue, que a Piedade da Virgem Santissima não se hade medir pello *Mater ejus*, senão pello *juxta Crucem*; não pella maternidade, senão pella Cruz: A medida adequada da Piedade da Corredemtora dos homens não he a Maternidade, he a Cruz; porque a sua Piedade he a maior, que ser pode; & maior he a Piedade da Cruz, que a da Maternidade.

§. IV.

14 Temos visto, que a Piedade da Senhora se hade medir pello *juxta Crucem*, & não pello *Mater ejus*; não pella Maternidade, senão pella *Crus*; & que só a Cruz pode ser a medida adequada de sua Piedade. Mas pera conhecer a grandeza do medido, he necessario fazer a grandeza da medida; & pera entender a grandeza da Piedade da Senhora, he necessario medir a grandeza da Cruz. Mas quem nos dará as medidas ajustadas com a Cruz? Quem? O Apostolo, & Doutor das gentes S Paulo, escrevendo aos Efesios, & fallando da Cruz de Christo, como sentem S. Jeronymo, S. Gregorio Nisseno, S. Anselmo, Santo Agostinho, Beda, & outros Sagrados Interpretes, *Ut possitis comprehendere, quæ sit latitudo,* ^{Ephes. 3.} *& longitudo, & sublimitas, & profundum.* Pera que possais conhecer, qual he a latitud, ou largura da Cruz; qual he a sua longitud, ou comprimento qual a sua altura,

tura, & qual a sua profundidade. Sedulio Padre Antigo explicando estas dimensões, ou medidas, diz que a altura da Cruz he o Oriente; *Summum Crucis, sive altitudo est Oriens.* O profundo, ou o pê da mesma Cruz he o Occidente: *Profundum, sive imum est Occidēs.* O braço direito he o Norte: *Cornu dextrum est Septentrio;* o braço esquerdo he o meio dia, *Et sinistrū Meridies.* Donde vereis a rezam, que teve a mesma Senhora pera se por junto à Cruz da parte direita, ou da parte do Norte: o Norte, que em Latim, he Aquilo, na Sagrada Escritura significa o demonio; por isso disse Jeremias, que do Norte viria todo o mal: *Ab Aquilone pandetur malum:* E escolheu a Piedade da Senhora aquelle lugar junto à Cruz pera defender aos remidos da Cruz dos assaltos do demonio. Na mesma Cruz de Christo ha braço direito, & esquerdo; ha braço direito pera os predestinados; & ha braço esquerdo pera os reprobos; mas na Piedade da

Senhora sô ha braço direito; porque todos sam predestinados, os que se valem de sua Piedade. Mas vamos explicando mais estas medidas.

15 O doutissimo Padre à Lapide seguindo a Santo Agostinho, diz, que a largura he a sua eterna predestinação: *Latitudo Crucis est eterna ejus prædestinatio.* A Longitud, ou comprimento he o poder, & a virtude, com que se estende a todos os tempos dos homês todos: *Longitudo vis ejus, & virtus, quæ ad omnes omnium temporum homines se extendit.* A profundidade he a força da mesma Cruz, que chegou ao inferno, & livrou do Limbo, & Purgatorio as almas dos justos, que la estavaõ. *Profundum est, quod vis crucis ad infernum descendit; cum animas Patrum è Limbo, & Purgatorio liberavit.* A altura se vio, em que levou ao Ceo a estas, & outras muitas almas. *Sublimitas est, quod eisdem, aliasque complures in Cælum subvexit.* Imensa grandeza, infinita extensam he a da Cruz! Pois esta he a medi-

medida da Piedade da Senhora, que estava junto à Cruz: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus*. Vamos arribando brevemente sobre estas dimensões.

§. V.

16 A primeira he a Eterna predestinação. Engana-se quem cuida, que a Piedade da Senhora começou com o tempo. La teve seu principio na mesma eternidade. Não cuideis, que he encarecimento de pregador, he Theologia certa. He certo, & não só certo, mas de fê, que tem Deos hum livro, que he sua Divina mente, em que estam escrittos todos os Predestinados, a que as Escritturas Sagradas chamaõ Livro da vida: Tambem he certo, que muitos estãõ escrittos neste livro; porque a Piedade da Senhora lhes valeo, que se assim não fora, ficaram exclufos delle: agora pergunto: & Deos quando compôs este livro? He de fê, que foi na Eternidade antes de todo o tempo: *Ante tem-*

pora secularia, diz S. Paulo. Logo antes de todo o tempo, & la da eternidade começou a nos valer a Piedade da Virgê Senhora. Não se mede a piedade da Senhora com o tempo, medese có a eternidade.

17 Notai huma curiosa reflexão do Doutissimo Viguerio sobre o nosso Evangelho. Deu Christo estando na Cruz à Virgem Senhora por filho a S. Joam: *Mulier, ecce filius tuus*: & logo deu a S. Joam a Virgem Senhora por Mãy. *Ecce Mater tua*. E acrecenta immediatamente o Texto: *Et illa hora accepit eam Discipulus in sua*. Desde aquella hora a teve S. Joam por Mãy sua: mas não diz, que a Senhora tivera a S. Joam por filho seu. Pois rejeitou a Senhora o legado? He certo, que não; porque ainda que o Evangelista não tivera tantas prendas, que o faziam dignissimo de ser querido, bastava, que fosse o amado singularmente de Christo, pera que a Senhora fizesse, como fez, delle toda a estimação. Pois porque
naõ:

Vigii
choro
7. c
146.
pud
Sylve
ra.

naõ diz, que a Senhora da-
quella hora o tivera por Fi-
lho; assim como diz, que S.
Joam a aceitara por Mãy:
*Ex illa hora accepit eam disci-
pulus in sua?* Porque a de-
voção dos homês, & dos ma-
iores homês, como era S. Jo-
am pera có a Senhora, tem
suas horas; & começa em té-
po: *Ex illa hora accepit eam*
Discipulus: mas a Piedade
da Senhora pera com os ho-
mês, naõ se mede por horas,
nem por tempos; medese
pella Eternidade. Ouçamos
o author ja citado: *Accipit*
*Joannes ex illa hora, qua Ma-
gistri, & Domini sui volun-
tatem intellexit: Non sic au-
tem Virgo Mater Domini.*
Digafe sim, que daquella
hora começou S. Joam a ser
Filho da Senhora; mas naõ
se diga que a Senhora come-
çou naquella hora a ser Mãy
de S. Joam: *Non sic autem*
Virgo Mater Domini; por-
que antes daquella hora, &
antes de todas as horas ja a
Piedade da Virgem tinhá
começado com a mesma e-
ternidade.

18 O que obrigados à

vossa Piedade nos confessa-
mos todos, Piedosissima Se-
nhora: começou na eterni-
dade, & hade durar por to-
da a Eternidade: Duas eter-
nidades de agradecimento
devemos à vossa Piedade;
huma lhe podemos pagar,
a outra naõ: naõ podemos
pagar a eternidade *à parte*
antea; da parte d'antes; por-
que em tam boa hora, que
comefe nesta hora o nosso a-
gradecimento. Podemos po-
rem pagar a Eternidade *à*
parte post; porque pode o
nosso agradecimento medir-
se com a eternidade, que nos
espera.

S. VI.

19 A segunda dimen-
são da Cruz he a longitud,
ou comprimento com que se
estende em todo o tempo
aos homês todos. *Que ad*
omnes omnium temporum ho-
mines se extendit. Esta he a
vastissima extensão da Cruz;
abraça a todos os tempos; &
aos homês todos. E a esfera
da Piedade da Virgem Se-
nhora he menqr? Naõ por
certo.

Cant.
6. 9.

certo. A todas as diferenças de tépo; & a todas as fortes de homés se estende. Que elegantemente pintaraõ esta verdade os Anjos naquelle sabido texto dos Cantares; em que a compararaõ ao Sol, à Lua, & a aurora: *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi aurora consurgens, pulchra, ut luna, electa ut sol.* Todo o tempo ou he dia, ou he noite, ou he aurora: ha maistêpos? Naõ. Pois exahi a Piedade da Senhora abraçando todos os tempos: se he dia, ella he o Sol; se he noite, ella he a Lua: se he menhá, ella he a Aurora. Temos todas as diferenças de tempo: & tambem temos tôdas as fortes de homés. Todos os homés, q̄ vivem neste mundo, ou sam justos, ou sam peccadores, ou sam penitentes: se sam justos, andam no dia da graça; se sam peccadores, andam na noite da culpa; se sam penitentes, andam na aurora pertendendo passar da noite da culpa ao dia da graça? Eisahi a Piedade da Senhora pera todas as fortes de homés. Se sam justos nella tem

Sol, que os illustra no dia da graça: se sam peccadores, nella tem Lua, q̄ os allumia na noite da culpa, pera que de todo naõ pereçaõ; se sam penitentes, nella tem Aurora, que das lagrimas da penitencia os guia às luzes da graça.

20 O que amplissima, ó que immensa esfera occupa a vossa Piedade, Senhora minha: a todos os tempos, & idades, se estende; porque todas as idades, & tempos acham em vossa Piedade porta franca. La vio S. Joaõ a Cidade Santa de Jerusalé aberta em doze portas: *Habentem duodecim portas;* & com admiravel proporçaõ; porque pera o Oriente tinha tres portas: *Ab Oriente portæ tres:* pera o Norte outras tres portas: *Ab Aquilone portæ tres:* outras tres pera o meio dia; & pera o Occidente outras tres: *Ab Austro portæ tres; & ab Occasu portæ tres.* Esta Cidade de Jerusalem, que S. Joam vio decer do Ceo, he mysticamente a Virgê Senhora nossa; a qué o Bispo de Nicomedia Jorge

gê Metropolitano chama: *Animatam Dei Sanctam Civitatem Jerusalem.* Cidade Sancta de Deos animada Jerusalem. Animada; porque mora Deos nella como em sua Corte: Sancta; porque nella, & della naceo toda a Santidade, que he Christo: Jerusalem, que quer dizer, Vifam de paz; porque por feu meyo se firmou entre Deos, & os homêshuma paz perpetua. Nova; porque por sua intercessão se renovaó os homêsh na graça, & fãntidade. Deceo do Ceo, & de Deos; porque toda foi sempre de Deos, & do Ceo. Supposto pois que esta Cidade Sancta figurava a Virgem Maria, que mysterio põde ser o de tantas portas pera todas as quatro partes do mundo? portas pera o Oriente; portas pera o Meyo dia; portas pera o Norte; & portas pera o Occazo! O bendita seja Senhora vossa Piedade!

21 Galeno, & Pitagoras dividio a vida do homê em quatro idades; na de menino; na de varaó, na de ve-

lho; na de decrepito; & se houvessem de repartir estas quatro idades pellas quatro partes do mundo; claro estã, que a primeira idade seria o Oriente; a segunda o Meyo dia; a terceira o Norte; & a quarta o Occidente. O'que piedosamente abriu a Piedade estas portas! Se estais no orientê da vida; ahi vos offerece a Piedade da Virgê, naó huma, mas tres portas abertas: *Ab oriente portæ tres.* Se estais no meyo dia dos annos; tambem ahi vos convida sua piedade com a franqueza de outras tres portas: *Ab austro portæ tres.* Se estais no Norte frio da velhice, tambem ahi achareis abertas as portas de sua Piedade: *Ab aquilone portæ tres.* Se ja estais no occidente da idade, ou nos ultimos parolifmos da vida, naó desconfieis, que tambem no Occidête tem abertas sua Piedade outras tres portas: *Ab occasu portæ tres.* Tam universal pera todos os tempos, & pera os homens he a Piedade desta Cidade de Deos: *Quæ ab omnes omnium temporum*

homines se extendit.

§. VII.

22 A terceira dimensão da Cruz, he o Profundo, ou o pê da mesma Cruz. E he a virtude, com que livrou do Limbo, & do Purgatorio as almas dos justos, que estavaõ nestes dous lugares. *Profundum est, quod vis Crucis ad infernum descendit, cū animas Patrum è Limbo, & Purgatorio liberavit.* E igualou esta medida da Cruz a Piedade da Senhora? Não fo igualou; mas venceo. A virtude na Cruz chegou ao Limbo; do Limbo deceo ao Purgatorio: & do Purgatorio deceo mais abaxo? Não; ahi parou; livrou do Limbo, ou seyo de Abraham as almas dos Santos, que nelle estavaõ embargadas, ate se abrirem as portas do Ceo: Livrou do Purgatorio as almas, que alli se purificavaõ, & pagavaõ as penas de suas culpas: mas não livrou nenhuma alma condenada ás penas do inferno. Entrou a varada Cruz na jurisdicção

do Limbo; entrou na jurisdicção do Purgatorio; mas na jurisdicção do Inferno não entrou. Mas a piedade da Senhora não fo dece ao Purgatorio (que Limbo ja o não ha) ate ao mesmo inferno dece; porque muitas vezes fez revogar a sentença de condenação, que no Tribunal do supremo Juiz estava dada cõtra muitas almas. O' quantas vezes deceo pessoalmente a livrar das mãos dos demonios as almas ja condenadas! Esta medida de sua Piedade mais pede a prova dos exemplos, & successos muitas vezes referidos, do que de lugares da Escriitura; nem o tempo nos dà lugar a nos determos a ponderar, os que podiaõ ter alguma semelhança com esta inexplicavel Piedade, que nesta parte não fo iguala, mas vence o poder da mesma Cruz.

23 Finalmente a ultima dimensão da Cruz he a altura, ou o mais alto da mesma Cruz, & vem a ser a virtude da mesma Cruz, que como escada, que he do Ceo, leva

leva muitas almas ao mesmo Ceo: *Sublimitas est, quod easdem, aliasque complures in caelum subvexerit.* Assim he, que a Cruz leva muitos ao Ceo; mas leva muitos mais a Piedade da Virgem Senhora: Ao caminho do Ceo chamou Christo caminho estreito; *Arcta via est, quae ducit ad vitam*; & este caminho he o da Cruz: mas a Piedade da Senhora he Estrada Real: E quem duvida, q̃ muitos deixariaõ de ir ao Ceo com temor da estreiteza do caminho, se a Piedade da Senhora o não fizera mais largo? A Cruz muitos leva ao Ceo; mas a Piedade da Senhora leva a todos. A Cruz he escada do Ceo; mas não he porta: a Senhora he escada, & he porta: A Cruz he escada pera subir; mas não he porta pera entrar: a Senhora pera subir he escada, & pera entrar he porta. Assim iguala, quando não vence a Piedade da Senhora as dimensões da Cruz de Christo: Logo a sua medida adequada, não he a Maternidade, senão a Cruz; não o *Ma-*

ter ejus, senão o Juxta Crucem: Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus.

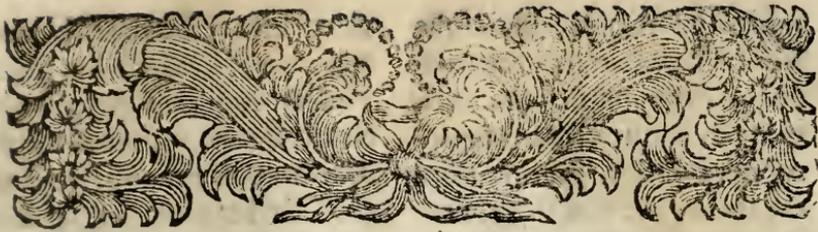
§. VIII.

24 Tenhome retratado, & quizera, que vós tambem vos retrataffeis: eu tenhome retratado por retratação; & quizera, que vos retrataffeis por retrato; & quanto mais importará o vosso retrato, que a minha retratação: Eu retratei a minha ignorancia; vos heisde retratar a Piedade da Virgem Senhora nossa. Ponde os olhos naquelle Original Divino, & retratai em vos a verdadeira Piedade. Qual foi a maior Piedade da Senhora ao pê da Cruz? foi a da morte de seu Filho, ou o dezejo da salvação dos homens? Foi o dezejo de nossa salvação. Esta foi a sua maior Piedade; & esta hade ser a nossa piedade maior: antepoz a tudo o mais à salvação; porque tudo o mais he menos. Podia haver no mundo couza maior, nem mais digna de estima-

ção, que o sangue, & que a vida de JESU Christo? he certo que não: & contudo a Virgem Maria via com gosto derramar o sangue de JESU, & perderse a vida de JESU; so porque em se per-

der, & em se derramar consistia a salvação, & a redenção dos homês. Estas sam as linhas mais finas de sua Piedade, & esta he a que havemos de retratar;





SERMAM

DE S. JOAM

EVANGELISTA

Em Coimbra no Convento de Santa Clara no Anno de 1669.

Conversus Petrus vidit illum Discipulum, quem diligebat JESUS sequentem, qui & recubuit in cœna super pectus ejus, & dixit ei: Domine, quis est, qui tradet te? Joan. 21.

I **D**Epois de varios discursos sobre a eleição do assumpto pera este panegyrico, que ou por muitos faziaõ difficul-tosa a deliberação, ou por pequenos não igualavaõ a materia, considerando atté-tamente as clausulas deste E-

vangelho, me vim finalmen-te a resolver, que este (que nome lhe darei, em que não offenda a fê), que este mais que Profeta, mais que Evan-gelista, mais que Apostolo, mais que Homem, mais que Anjo, mais que Serafim, fi-lho de Maria, amado de JESUS, no entendimento

mais que Aguia, mais que Feniz no amor, no zelo mais que rayo, na pureza mais que neve; que este se pequeno pera Deos, grande pera creatura; me vim, digo, a resolver, que este mimo unico da piedade, & amoroso enleio de discretos S. Joaõ Evangelista tinha por assumpto o naõ ter assumpto. O assumpto nos panegyricos, que se dizem aos Santos, he hum epilogo, ou inscripção breve, em que se daõ a ler as prerogativas do Santo, a cujo applauso se dedica a solemidade de seu dia. E que assumpto pode haver, que ajuste as excellencias de hum Santo, em que naufragara a capacidade do entendimento humano, se a fê nos naõ ensinara, ficar mais assima a Divindade. Perigoso argumento tratar do Evangelista! ou heisde encontrar cõ a reprehensãõ, ou heisde topa no erro. De S. Joaõ tratou hoje S. Pedro, & trataoõ os mais Discipulos. Tratou S. Pedro de S. Joaõ perguntando a Christo, que havia de ser de seu amado E-

vangelista: *Domine, hic autem quid?* E como lhe foi a Pedro com esta pergunta? Sahio Pedro reprehendido: *Sic eum volo manere: quid ad te?* Se he meu gosto, diz Christo, que fique assi Joaõ, que vos importa a vos! Trataraoõ tambẽ os mais Discipulos do Evangelista inferindo das palavras de Christo, q̄ ficava izento da morte S. Joaõ: *Exiit sermo inter fratres, quod Discipulus ille non moritur.* E nota logo o Evangelista, que foi mal tirada a consequencia: *Et non dixit JESUS: Non moritur.* De modo que S. Pedro querendo tratar do Evangelista encontrou com a reprehensãõ: *Quid ad te?* E os mais Condiscipulos tratando entre si de S. Joaõ toparaõ cõ hũ erro: *Non dixit JESUS: Non moritur.*

2 Mas porque sahio reprehendido S. Pedro? Eu cuido, que a rezaõ foi, porq̄ se quiz igualar com S. Joaõ. S. Joaõ Chrysostomo, Theofilacto, & Euthimio notaõ, que sez Pedro esta pergunta pera mostrar, que ja tinha a confi-

confiança, que lhe faltara na Cea. Quiz S. Pedro conhecer, quem era dos doze o alevoso, & encomendou esta diligencia a S. Joao. Nesta confiança, que então lhe faltou, quiz hoje S. Pedro igualarse a S. João; & affectar igualdades com o Evangelista he encontrar a reprehensão: *Quid ad te?* Eu pello menos assim quizera entender hum texto, que me da bem, em que entender. Chegou Santiago, & S. Joao (ou sua mãy por elles) a pedir duas cadeiras no reyno de Christo; & o despacho do requerimento foi na verdade mais aspero, do que o profetizava a esperança: *Nescitis, quid petatis.* Eu não acabo de ver a rezaõ desta censura. Dizem cõumente que mereceraõ a reprehensão, por pedirem sem merecimento; & no reyno de Christo hum lugar grande pedè hum grande merecimento. Esta resposta, posto q̃ cõmua, padece facil instancia; porque ainda depois daquella animosa generosidade, com que se resolveraõ a beber o Caliz

de Christo, respondeo o Senhor, que não era data sua: *Non est meum dare vobis.* Quanto mais, que dando Christo a S. Joao o peito, como he possível, que lhe negasse huma cadeira? Em que esteve logo a ignorãcia? Eu o direi. Em que Santiago no que pedia, pedia mais; & S. Joao, no que pedia, pedia menos. Santiago pedia mais, porque pedia hum lugar cõ S. Joao: *Dic, ut sedeant hi duo filij mei, unus ad dextram tuam, & alius ad sinistram;* & S. Joao pedia menos, porque pedia huma cadeira, a quem lhe queria dar o peito. Santiago pedia estar mais perto: S. Joao pedia estar mais longe: Santiago pedia estar perto; porque pedia cadeira a hum dos lados: S. Joao pedia estar mais longe; porque queria estar de fora, a quem o queria dentro do coração: E assim nem Santiago sabia, o que pedia; porque affectava igualdades com S. Joao; & querer igualarse ao Evangelista he ignorancia; he encontrar huma reprehensão: *Nescitis:* nem

S. João sabia tambem, o que pedia ; porque pedia menos do que merecia seu amor ; com esta differença porem, que a ignorancia do Evangelista era modestia ; a de Santiago ambição: *Nescitis, quid petatis*. Assim encontrou S. Pedro, assim topou Santiago có a reprehensão. E se hum S. Pedro, & se os Apostolos quando tratao do Evágelista sahem reprehendidos ; perigoso argumento deve ser tratar do Evangelista!

3 Ora eu, pera declinar este risco, me resolvi a aprender de S. Joáo, o que de S. Joáo hei de dizer: & assim nas palavras, que propuz no thema, heide estudar seus louvores; que ate nisto se parece com Christo o Evangelista. Pera não errar fallando de Christo (diz Santo Hilario) hemos de aprender de Christo, o que de Christo havemos de dizer: *De naturali in nobis Christi veritate, qua discimus, nisi ab eo discimus, stultè, atque impie dicimus*. É pera falarmos có acerto de S. Joáo, S. Joáo he;

o que nos hadé ensinar. Em huma so couza não seguirei ao Evangelista. O que pertende o Evangelista nas palavras, que propuz, he mostrar o amor de Christo pera com S. Joáo ; & eu das mesmas palavras, ou có os mesmos argumentos mostrarei o amor de S. Joáo pera com Christo. Peçamos a graça, ou aceitemos, a que nos está offerecendo a Mãe della pera os louvores do Filho.

AVE MARIA.

Conversus Petrus, &c.

4 **D**Eclarouse tanto Christo por S. Joáo, que o nome, porque o mundo conhece ao Evangelista, he de amado de Christo: *Discipulum, quem diligebat. JESUS*. As excellencias, q̄ a graça vinculou a este nome, são tam sabidas, & tam pregadas, que nem ao Evangelista fizera grande serviço, nem grande lizonja às Evangelistas, se me detivera em as inculcar. O que me da mais cuidado, he que nome-

nōmeandose S. João sinco vezes em seu Evangelho por amado de JESUS, nem huma sō se intitule amante de Christo: não entendo este estilo de S. João. No mundo os que se amão (se he, que no mundo ha amor) seguem outro estilo totalmente diverso: toda a eloquencia gasta em encarecer, o que amão, & em diminuir, o que são amados: ninguem no mundo disse nunca, que amava pouco, nem confessou ja mais, que o amavaõ muito: o amor, que vòs tendes a outrem, nunca em vossa opiniaõ he pequeno: o amor, q̄ outrem vos tem, nunca em vossa imaginaçaõ foi grande: neste livro da rezaõ, ou sem rezaõ do amor sempre a despeza passou pella receita.

5 Ora amim não me parecia mal à primeira vista esta politica do amor humano, porque confessar, que não amais pouco, he despertar o cuidado: confessar, que vos amão muito, he darvos por satisfeito; o estar satisfeito não he estar longe de en-

fastiado; & nesta doença da vontade sempre foi mortal o fastio. Esta consideraçãõ me levava a não reprovar este estilo do amor humano, se o amor do Evangelista não guardasse outro estilo. Não diz que ama: so confessa, que era amado: *Quem diligebat JESUS*. Dizer, que amava, era apregoar seu merecimento: confessar, que era amado, era publicar sua obrigaçaõ: o amor de S. João pera com Christo, era fineza do Evangelista: o amor de Christo pera com o Evangelista era divida de S. João: E havia o Evangelista publicar sua fineza? isso fora confessar, que amava pouco. O amor grande se tem efficacia pera abraçar, não tem luz pera se descobrir.

6 Quiz a alma Sãta definir o maior amor: lançou os olhos pello mundo todo; & não lhe achou semelhança: decco com a consideraçãõ ao inferno, & disse assim: *Dura sicut infernus amulatio*. Cant. 8. 6. O amor se he excessivo, tem condiçaõ de inferno: Ha mais estranha comparaçãõ!

ção! & que tem que ver o amor com o inferno? por isso mesmo, que não tem que ver, tem muito de inferno o amor grande. O inferno he hum fogo, que não tem luz: arde, mas não se descobre: abraza, mas não se vê: tem de fogo a efficacia, com que atormenta; mas não tem de fogo a luz, com que se manifeste. O amor Divino, quando he grande, he fogo sem luz: o amor humano, que sempre he pequeno, he luz sem fogo. O amor Divino trata de arder, & não de luzir; o amor humano trata de luzir, & não de arder: o arder he fineza; o luzir he ambição. Sabeis a differença, q̄ vay do amor Divino ao humano? a que vay do fogo do inferno ao elementar. Santo Agostinho diz, que este nosso fogo elementar comparado com o do inferno, he pintado, he fingido, he mentiroso: este he o amor humano; he fogo como todos dizem; mas he fogo, que todos o vé n. Antes com maior ambição luz, do que arde; de muitas legoas o vereis lu-

zir; mas o arder limitase a muy pequena esfera. De maneira, que o amor limitado descobrese, dizse, publica-se, da-se a ver; mas o amor excessivo escondese, furtase, não se manifesta. Disse S. Joáo, que o amavao: *Quem diligebat JESUS*; mas não disse, que amava; porque era o amor de S. Joáo o maior amor: *Dura sicut infernus emulatio.*

7 Amou S. Joáo, como Deos costuma amar: ama Deos aos homês, mas de tal modo, que nenhum homem sabe, que Deos o ama: não publica Deos seu amor: esta he a fidalguia do amor, que Deos nos tem; & esta he a nobreza do amor, que S. Joáo tem a Deos: ama sem o dizer; mas não cala, que he amado: *Discipulum, quem diligebat JESUS.* Confessa S. Joáo a divida, mas não diz nada da paga; sabeis porque? porque o amor não se paga: por mais, que diga o proverbio, que hum amor com outro se paga: antes a paga do amor he nova divida. Dizia S. Paulo aos Romanos: *Ne-*

mini quidquam debeatis, nisi ut invicem diligatis. Não de-
vais a ninguém couza algu-
ma, mais que o amor: pare-
ciame a mim, que nenhuma
couza se podia dever menos,
que o amor; porque com a
vontade de pagar se paga;
as outras dividas tem muitas
vezes a desculpa na impossí-
bilidade: pois como quer S.
Paulo, que os Romanos só
devaõ, o que parece podiaõ
pagar melhor? antes, porque
o não podiaõ pagar, diz
Theodoreto, quer S. Paulo,
que so devaõ o amor: *Reddi-
tio enim debitum multiplicat:*
a paga do amor he nova di-
vida; & aõnde o pagar, he
empenhar de novo, por ma-
is que pagueis, sempre ficais
empenhado; por isso o Evã-
gelista so da divida faz men-
ção: *Discipulum, quem dili-
gebat;* porque no amor não
ha paga, tudo he divida:
Redditio debitū multiplicat:
das especies da Aritmeti-
ca so aprêdeo o amor o mul-
tiplicar: não soma; porque
não lança contas, ao que faz:
não diminue; porque não
entibia; no que quer; não di-

vide; porque não reparte; o
que ama: só multiplica; por-
que sempre augmenta seu
empenho: *Redditio debitum
multiplicat.*

8 Mas parece que defa-
credita este amor do Evan-
gelista o successo do nosso
Evangelho. O maior, & ma-
is encarecido acto de chari-
dade, diz Christo, he chegar
a perder a vida pello amigo:

Maiorem dilectionem nemo ^{I Joan.}
habet, quam ut animam suam ^{15. 13;}

ponat quis pro amicis suis: &
dizendo hoje Christo a S.
Pedro, que lograria seu amor
esta fineza; a S. João se a não
negou claramente, ao me-
nos pareceo entaõ, que a ne-
gara: assim o interpretaraõ
os Discipulos: *Exijt sermo
inter fratres, quòd Discipulis
ille non moritur.* E se o pade-
cer a morte he a maior fine-
za, que se pode executar na
vida; grande parte de fino
parece que falta ao nosso E-
vangelista. Ora sem entrar-
mos na tina; havemos de
provar, que não faltou, an-
tes teve com ventagem esta
fineza o nosso Evangelista.

9 A S. Pedro declarou
hoje

hoje Christo o seu martyrio: *Alius cinget te, & ducet, quo tu non vis*: & tambem hoje intimou seu martyrio a S. Joáo. A S. Pedro deu Christo o martyrio por esperança: *Alius cinget te*: a S. Joáo deu a esperança por martyrio: *Sic eum volo manere, donec veniam*. S. Pedro de hoje ficou esperando o ser martyr; S. Joáo de hoje ficou sendo martyr; porque ficou esperando. A S. Pedro deuse por martyrio o ir: *Ducet, quò tu non vis*: a S. Joáo deuse por martyrio o ficar: *Sic eum volo manere*. Mas destes dous martyrios qual foi o mais rigoroso? o ir de S. Pedro, ou o ficar de S. Joáo? a meu juizo teve muito mais partes de rigoroso o ficar de S. Joáo, do que o ir de S. Pedro: o ir de S. Pedro era morrer: *Significans, qua morte esset clarificaturus Deum*: o ficar de S. Joáo era viver: *Discipulus ille non moritur*: não disse bem: o ir de S. Pedro era viver; o ficar de S. Joáo era morrer, & mais que morrer: o ir de S. Pedro era viver; porque S. Pedro morrendo

hia lograr a vista de Christo: o ficar de S. Joáo era morrer; porque S. Joáo vivendo ficava auzente de Christo. E se perguntarmos a qualquer amor mediocrementemente intenso, qual destas duas couzas escolhera, se o caminhar á presença pella morte, se o ficar com vida na auzencia; não ha duvida, que havia de escolher a morte por menos rigorosa, do que a vida; porque o caminhar à presença pella morte, he morrer humafoto vez; ficar com vida na auzencia, he ficar morrendo sempre. Quando o Evangelista quiz explicar, que o sentido, em que Christo disse aquellas palavras: *Sic eum volo manere*: Quero que fique assim, não era o mesmo, em que os mais Condiscipulos as entendiaõ, disse que não differa Christo: aquelle Discipulo não morre: *Et non dixit JESUS, quia non moritur*. Pois, valhame Deos, dizer Christo, que ficasse assim S. Joáo, não era dizer, que queria ficasse S. Joáo vivendo? S. Joáo naquelle tempo estava vivo: logo o ficar

S. Jo.

S. João assim como estava, era ficar vivendo: ficar vivendo, he não morrer: como diz logo o Evangelista, que não fora este o proprio fétido das palavras de Christo? *Et non dixit JESUS, quia non moritur* Em huma couza concordaraõ os discipulos com Christo, & com S. João; & disconcordaraõ em outra: concordaraõ, em q̄ ficar assim S. João, era permanecer nesta vida: *Sic eum volo manere*: discõcordaraõ, em q̄ os discipulos a esta permanencia chamavaõ viver, ou chamavaõ não morrer: *Discipulus ille non moritur*: Christo, & S. João a esta permanencia chamavaõ morrer, ou chamavaõ não viver: *Non dixit JESUS, quia non moritur*: os mais discipulos como amavaõ menos, julgavaõ por vida o ficar: Christo, & S. João, como amavaõ mais, julgavaõ o ficar por morte: o ficar no sentido dos mais discipulos he não morrer: no sentimento de S. João he não viver, ou he mais que morrer: os outros discipulos cuidaraõ que o ficar

assim não era martyrio: Christo, & S. João sabiaõ muito bem, que o ficar, era ficar assim, assim martyrizado, assim faudofo, assim esperádo, assim morrendo: *Sic eum volo manere*.

10 Não fei, se reparaftes ja na diversidade de estillo, com que falla S. João, ou Christo por S. João da morte de S. Pedro, & da vida, ou não vida de S. João: da morte de S. Pedro tudo he futuro: *Alius cinget te*: outro vos hade apertar: *Et ducet, quò tu non vis*; & vos hade levar pera onde vós menos quereis: *Significans qua morte esset clarificaturus Deum*: Significando o genero de morte, com que havia de glorificar a Deos: tudo são futuros; & de S. João tudo he presente: *Exijt sermo inter fratres, quod discipulus ille non moritur*: começaraõ a dizer os condiscipulos: aquelle discipulo não morre: *Et non dixit JESUS, quia non moritur*: Não disse JESUS, que não morre. Da morte de S. Pedro fallase de futuro; da vida, ou não vida de S. João fallase

fallase de presente! se a S. Pedro se diz, que hade morrer de futuro; de S. Joáo porque se hade dizer, que morre, ou não morre de presente? porque essa differença ha entre a morte de S. Joáo, & a morte de S. Pedro: a morte de S. Pedro não era, havia de ser: a morte de S. Joáo não só havia de ser, senão, que tambem ja era. S. Pedro ainda entáo não morria; porque não era chegado o tempo de seu martyrio: S. Joáo ja padecia o seu martyrio; porque ja era chegado o tempo de ficar: a morte de S. Pedro havia de ser algum dia: a morte de S. Joáo não havia dia, em que não fosse. E se a morte de S. Joáo foi morte de todos os dias, que duvida pode haver, que foi mais rigoroso o martyrio de S. Joáo, que de S. Pedro. S. Pedro morreo ás mãos do odio, S. Joáo às do amor; o odio pode dar huma morte, o amor pode tirar muitas vidas. Muitas vidas vos tirou o amor, Evangelista amante; porque foi tam valente vossa fineza, que soffreo mui-

tos annos de ausência: *Sic enim volo manere.*

II Porem eu não me dou por satisfeito com dizer, que foi o Evangelista grande amante; digo que era S. Joáo o mesmo amor: não só era amado, nem era amante sómente: era tambem amor o Evangelista: o ser amado podia ser ventura; o ser amante podia ser fineza; o ser amor he o maior extremo: quem he amado pôde deixar de o ser; quem he amante, pode deixar de amar; mas o amor nem pôde deixar de amar, nem pôde deixar de ser amado. Quando Christo na Cruz deu à Virgem Senhora por filho a S. Joáo: *Mulier, ecce filius tuus*: diz S. Bernardino de Sena, que estas palavras de Christo fizerao no Evangelista húa nova transformação; & de amado, que era, o transformarao em amor: *Tertium verbum, quod fuit ex ore Christi prolatum, est amor transformatus*. Mas de quem, ou entre quem era amor o Evangelista? Entre Christo, & sua Mãe, diz o mesmo

mesmo Santo: *Omnis enim Christi amor in amorem Virginis transit*: passou Christo seu amor pera o amor da Virgem Mãy. Parece q̄ quiz Christo instituir na terra huma Trindade humana, assim como ha no Ceo hũa Trindade Divina; & nesta Trindade humana, que instituia, quiz Christo, que fosse S. Joã por analogia o Espirito Santo. O Espirito Santo na Trindade Divina he essencialmente amor; & nesta Trindade humana o amor he S. Joã: o amor Divinò he hum laço reciproco entre o Pay, & o Filho: o Evangelista he huma uniaõ mutua entre o Filho, & a Mãy. Na Trindade Divina olha o Pay pera o Filho, & amandose reciprocamente produzem ao Espirito Sãto: olhou na Cruz o Filho pera a Mãy: *Cum vidisset JESUS Matrem*: & naquellas ultimas despedidas, em que o amor costuma affinar mais as ternuras, com hum novo, & espirital modo de geraçaõ naceo de Christo, & da Virgem Mãy o Evãgelista: *Mu-*

lier, ecce filius tuus.

12 Mas daqui nos nace huma duvida, que se for tam trabalhada, como he trabalhosa, não será o menor louvor do Evangelista. Podem replicar os Theologos, que na Trindade Divina nem o Filho he amor, nem o amor se pode chamar Filho: não he amor o Filho; porq̄ não procede por acto de vontade: não he Filho o amor; porque não procede por acto de entendimento. Logo se he Filho S. Joã, como pode ser amor; ou se he amor, como pode ter Filho? A duvida he Theologica; se a resposta o for tambem, tenho à mão a desculpa, que fallo de hum Evangelista Theologo por antonomasia. Respondendo que a mesma duvida tras cõsigo a soluçaõ da difficuldade. O amor na Trindade Divina não he Filho; porq̄ não procede por acto de entendimento; & o Filho não he amor; porque não procede por acto de vontade. Se o amor assim como procede por acto de vontade, procedera tambem por acto de entendi-

tendimêto, fora amor, & fora Filho: E se o Filho, assim como procede por acto de entendimento, procedera por acto de vontade, fora Filho, & fora amor: & procedendo S. Joaó por acto de vontade, & por acto de entendimento necessariamente hade ser amor, & hade ser Filho: procede por acto de vontade, porque se declara hoje por amado: *Vidit Discipulum, quem diligebat JESUS*: procede por acto de entendimento porque procede como Filho: *Ecce filius tuus*: he Filho; pello que tem de Aguia no entendimento; he amor pello que tem de Feniz na vontade.

13 O amor na Trindade Divina não he Filho; porque o Filho se distingue realmente do amor Nocial, como chamaó os Theologos; & S. Joaó tendo amor, he tambem filho; & porque? esperaveis, que dissesse? porque se não distinguia do Filho. Não digo isso, que não necessita o Evangelista de tam perigosas temeridades; porem digo, que era tanta a

semelhança, que deu occasião a Origenes (não sei se tropeçou por devoto) a confundir a Christo com S. Joaó. Explica Origenes as palavras, que vamos ponderando: *Ecce filius tuus*, & conclue assim: *Perinde est, ac si diceret: Iste est JESUS, quem genuisti*: dizer Christo à Senhora: este he vosto filho, foi o mesmo que dizer: Este he JESUS, a quem gerastes. Claro está, que não quer dizer o douto Padre, que era S. Joaó o mesmo com Christo por unidade da natureza; mas por uniaó do amor: não era S. Joaó Christo por identidade do ser, mas por semelhança dos affectos: por semelhança, digo, que pera ser Filho S. Joaó, assim havia de ser necessariamente. O amor na Trindade Divina não he Filho; porque não he imagem, ou semelhança do Pay: logo se he Filho S. Joaó, imagem, ou semelhança deve ser: imagem animada do Filho; semelhança expressa da Máy, fois Evangelista Divino: o amor vos fazia semelhante; a semelhança vos fazia

zia mais amado: nem tanto amor podia estar sem grande semelhança; nem tanta semelhança sem grande amor.

14 E supposto ser tam aplaudido privilegio do Evangelista ser dado por filho à Virgem Senhora, digo logo, o que sinto, pera não ser obrigado a tratar de novo este ponto. Todos comumente, & com rezaõ celebrãõ muito esta prerogativa de S. Joáo; mas eu com licença de todos não julgo, q̃ o ficar o Evãgelista por filho da Virgem Senhora he a maior excellencia do Evangelista: a maior excellencia está em que ficasse S. Joáo por filho, pera suprir as auzencias de Christo. Pera suprir a auzencia de hum bem, não basta outro igual: na auzencia ha duas privaçoés, & dous sentimentos; & ambas estas privaçoés, ou sentimentos ficaõ, em quem fica: huma privaçaõ, ou sentimêto; porque fico sem vos; & outra privaçaõ, ou sentimento; porque fico sem mim: fico sem vos: porque vosides; fi-

co sem mim; porque vou cõ vosco. Qual destes dous sentimentos seja maior, la o julgue, quem o experimenta. De modo que estas duas privaçoés, que consideramos na auzencia, não as pode suprir hum bem igual, ao que se auzenta; porque este só pòde suprir a auzencia, que de mim fazeis; mas não pode suprir a auzencia, que eu faço de mim: logo pera suprir esta auzencia necessário he, que o bem deixado seja maior, que o que deixou, senão na intensaõ, na extensaõ ao menos.

15 Deixouse Christo no Sacramento; & no modo com que Christo se deixou reparo muito. Deixouse na hostia, & deixouse no caliz: & que deixou Christo na hostia, que não deixasse tambem no caliz? ou que mais deixou no caliz, que não deixasse na hostia? na hostia deixou o corpo, & deixou o sangue: no caliz deixou o sangue, & deixou o corpo; pois se tudo, o que deixou na hostia, deixou no caliz; & se tudo o que deixou no ca-

liz deixou na hostia; porque faz da mesma dadia dous beneficios, ou do mesmo beneficio duas dadias? parece que não he grande credito de seu amor multiplicar os nomes ao beneficio, quando havia de reduzir muitos beneficios a hum só nome? O caso he, q̄ instituiu Christo este Sacramento pera remedio de sua auzencia como diz o Doutor Angelico: *De sua contristatis absentia solatium singulare reliquit.* Mas agora parece maior a duvida: E pera remediar a auzencia não bastava o mesmo Christo deixado na hostia huma so vez? não nos ficava na hostia o mesmo bem, que se auzentava? pois pera que se torna a deixar no caliz? por isso mesmo, que se deixava pera remedio de hũa auzencia. Notar: Christo na hostia, & no caliz he o mesmo bem quanto à intensão; mas quanto à extensão he maior bem, que Christo sô na hostia, ou sô no caliz: quanto à intensão não nos podia Christo deixar maior bem: mas este bem, que na

intensão não pode ser maior, pode ser maior na extensão; & como Christo deixava o Sacramento pera suprir sua auzencia, não se contentou com deixar o maior bem; mas deixou-o de modo, com que este grande bem ficou ainda bem maior, achando seu amor (como quem tambem sabia pezar os sentimentos de huma auzencia) que pera suprir a falta de hum bem auzente, não bastava a prezença de outro bem igual: ou se hade deixar outro maior, ou se haõ de multiplicar as prezenças do igual: huma prezença pera remediar a auzencia, que fazeis de mim; outra prezença pera remediar a auzencia, que de mim faço. Assim remediou Christo com o Sacramento a auzencia, que fazia dos homês; & assim remediou com S. João a auzencia, que fazia da Mãy. Duas vezes, ou de dous modos se deixou no Sacramento; & tambem deixou à Senhora por filho a S. João duas vezes, ou de dous modos. Vio Christo de sua Cruz a Virgem Senhora, & que-

querendo deixarlhe allivio da auzencia, que fazia, disse: *Ecce filius tuus*: Aqui tendes vosso filho. Por força destas palavras, que Christo disse, ficou S. João filho da Senhora; & por boa consequência ficou a Senhora Mãy de S. João Voltou o Senhor os olhos ao Discipulo, & disse: *Ecce mater tua*. Aqui tendes vossa Mãy. Por virtude destas palavras ficou a Senhora Mãy de S. João, & por consequencia necessaria ficou S. João filho da Senhora. Pois se Christo pelas primeiras palavras tinha deixado a S. João por filho da Senhora, & à Senhora por Mãy de S. João; como nas segundas torna a deixar a Senhora por Mãy, & a S. João por filho? Não vos parece (como diziamos no Sacramento) que faz da mesma dadia dous beneficios, ou do mesmo beneficio duas dadiyas? Que hemos responder a isto? Eu não sei outra resposta, senão a que demos ao Sacramento. Ficava S. João pera suprir duas auzências; huma, que fazia Chri-

sto da Mãy, apartandose pela morte: outra, q̄ de si mesmo fazia a Mãy, acompanhando ao Filho por amor. Vede que auzencias havia de suprir S. João; a de Christo, & a da Senhora: pera suprir a de Christo, deixa-o Christo por filho a primeira vez: *Ecce filius tuus*: pera suprir a da Senhora, he deixado segunda vez por filho: *Ecce mater tua*. Senhor, Senhora, que he isto? João supprindo vossas auzencias? auzencias de Deos com hum homê? auzencias da Mãy de Deos com huma creatura? Sei eu, que pera suprirem as auzencias de Moyfes pediraõ os Israelitas hum Deos, ou muitos Deoses: *Fac nobis Deos*: Que com hum De-
Exod. 32. 1.
 os se supra a auzencia de hũ homê, bem está; mas q̄ com hum homê, mas que com huma creatura se supra a auzencia de Deos, & a auzencia da Mãy de Deos! Que homê, que creatura he esta? Sois vos, Divino Evangelista: homê sim, mas homê tam grande, que bastais pera enxugar as lagrimas, & matar

as faudades nas auzencias de hum Deos: creatura fim, mas creatura tam excellente, que se dá por contente com vofco a mefma Mãy do Creador: *Sufficit mihi meus in carne Angelus Joannes*: Bastame, diz a Senhora por boca de Guerrico Abbade, bastame o meu Anjo encarnado Joaõ. E baste tambem nesta parte: passemos ao segundo argumento.

16 O segundo argumento, que traz o Evangeliista pera provar, que era singularmente amado, he dizer, que descansara naquella ultima Cea sobre o peito de Christo: *Qui & recubuit in Cena super pectus ejus*. E na verdade, que he grande o argumento; porque se o extremo do amor se hade medir pello excessõ do favor; este he tam crescido, q̄ chega a dar com a cabeça no mesmo Deos. Entregar Deos seu peito a hum homem! Aquelles Serafins, que assistiaõ ao trono de Deos, ainda q̄ repetiaõ os voos, sempre ficavaõ na mesma distancia do trono; voavaõ por

chegar, mas não chegavaõ; porque se os convidava o amor, detinha-os a magestade. Ora tirai, Serafins do Ceo, a venda, com q̄ eclipsais os olhos, & voltaios ao Cenaculo de Siaõ, & pasmai de que hum homẽ, não cansado de voar, mas amorosamente desmayado, faça trono a seu descanso do peito do mesmo Deos: *Recubuit super pectus ejus*.

17 Mas vejo, que pòde fazer ruido a este favor, o que lhe tirou o ser unico; antes, como alguem disse, parece que com ventagês. Entregou Deos o peito a S. Joaõ; mas tambem a São Thomè entregou o lado, & com huma grande diversidade; porque a S. Joaõ entregou o peito mortal, passivel, & affligido: a Thomè entregou o lado immortal, impassivel, & glorioso; & maior favor parece se fez a Thomè, em lhe entregar a gloria do lado, do que a Joaõ, em lhe fiar o sentimento do peito. Pera soltarmos a instancia, façamos hũa questãõ: Quem faz mais confiança

ança de voffo amor, ou que vos ama com mais verdade, quem vos fia a dor do coração, ou quem vos fia o gosto da alma? Eu julgara, que me amava mais, quem fiasse de mim sua pena, do que quem me cõmunicasse seu gosto: na pena, ou se busca o conselho, ou se busca a companhia, ou se busca o allivio: o allivio, a companhia, & o conselho fo a quem ama, se pode pedir, & sô em quem ama se pode achar: no gosto, quando mais buscase a companhia: & não he fiar muito de voffo amor, cuidar, q̃ fo nas glorias me fareis companhia.

18 Perdeo aquella matrona do Evangelho huma joya, & a diligencia, com que a buscou, mostra igualmente a estimação, em que a tinha, & o sentimento, que teve de a perder: logrou seu cuidado a ventura de a achar, & cõmunicou este gosto às amigas, & às vizinhas: *Convocat amicas, & vicinas dicens: Congratulamini mihi, quia inveni drachmam, quam perdidiram.* Dous affectos teve

esta Senhora, encontrados ambos; teve o sentimento de perder a joya, & teve o gosto de a achar: do gosto foi tam liberal, que não houve amiga, nem vizinha, com quem o não repartisse; do sentimento foi tam avarenta, que não lemos o fiasse de alguem: pois se cõmunicou com tanta liberalidade o gosto; como retira tam escaça o sentimento? a alegria a tantas, & a nenhuma a magoa? Sim, que mais amor he necessario pera fiar hum sentimento, que pera cõmunicar hum gosto: no gosto não ha estranho, que não seja vizinho; nem ha vizinho, que não seja amigo: na pena não ha vizinho, q̃ não seja estranho; & fo o muito amigo costuma ser vizinho: pera o gosto houve amigas, & houve vizinhas: *Convocat amicas, & vicinas*; pera a pena nem vizinhas, nem amigas houve. Pera a magoa do coração aonde se hadê ir buscar o remedio? claro está, que aõ mais amante. Assim que maior confiança faz de meu amor, quem fia de mim o sentimento.

timento do peito, que quem reparte comigo o gosto do coração. A Thomê comunique-se a gloria do lado; porque ama menos Thomê: a João comunique-se a afflicção do peito; porque ama mais João: *Recubuit supra pectus ejus.*

19 Porem se Christo he o affligido, como he S. João o que descansa? Christo padecer a ansia, & S. João he, o que reclina a cabeça? *Recubuit supra pectus ejus.* O'que grande argumento do muito, que amava S. João! as enfermidades, dos q' se amaõ, assim como tẽ diverso modo de affligir, assim o modo de as curar he diverso: quando quem he amado adoece, a quem ama se hade applicar primeiro o remedio. Estava Ismael morrendo em hum deserto: mandou Deos hum Anjo, pera dar remedio à sede, que o matava: & quando eu cuidei, que logo logo acudisse a Ismael, achei ao Anjo tecendo practicas com Agar: Ha tal descanso. Estã Ismael suspirando, & espirando, & poemse o Anjo a pra-

cticar com Agar? Sim, que; ainda que Ismael era, o que padecia, Agar era a que amava; & o Anjo, como tam discreto, applicou o remedio, aonde era mais perigosa a enfermidade; & mais perigosa era a enfermidade na Mãe, que amava, que no Filho, que padecia.

20 Naquelle hora da Cea diz o nosso Evangelista, que sentira Christo grande afflicção na alma: *Turbatus est Spiritu:* & se os apertos do coração sobem em desmayos á cabeça, como he S. João, o que reclina, padecendo Christo a enfermidade? porque? porque amava muito S. Joam, & a elle se havia de applicar o remedio do mal, que Christo padecia: não podia o amante ter a cabeça, porque o amado padecia o mal no coração; cahio naquelle coração, como em seu centro: *Recubuit supra pectus ejus.*

21 Mas se adormeceo, como amava? amava, & dormia, como pode ser? O sono he descuido; o amor he hum cuidado; o sono he esquecimento

mento da vida; a lembrança he a vida do amor; em quem dorme fica a vida sem sentidos: em quem ama, fica com sentidos a morte; & se amava tanto S. João, como adormeceo sobre seu amor? Por isso mesmo, que amava tanto, adormeceo. Não ha couza mais semelhante à morte, que o sono; nem ha couza mais parecida ao amor, do que a morte: naquelle sono morreo S. João; naquelle peito se sepultou; morreo em si pera viver em Christo: o amor, que Christo lhe tinha, era a vida do Evangelista; & a morte de S. João era o amor, que tinha a Christo: daquelle ponto, em que adormeceo sobre o peito, trasladou a alma toda ao coração de Christo. Com esta consideração disse Origenes, que o sangue, que sahira do lado a Christo, não foratanto do peito morto de Christo, que do coração vivo de S. João: *Sanguinem illum non spiritus mortuus, sed vivus Joannes emisit.* E não fei se com esta consideração chamou a Igreja à lança cru-

el: aos outros instrumentos da morte de Christo chamou a Igreja suaves, só a lança deu o nome de cruel: pois na verdade, que quando chegou a lança, ja não havia vida pera o sentimento: & como podia ser cruel, se nada deu, q̄ sentir? antes porque deu o golpe, aonde pôdia doer mais, mereceo a césura de cruel: ao peito de Christo tinha o Evangelista trasladado por affecto o coração; alli descansava; alli vivia; alli o achou a lança; alli o ferio o golpe, tanto mais cruel pera Christo, quanto lhe magoava a parte mais mimosa de seu amor. Mas q̄ parte era esta? Era a alma do Evangelista. E sentio Christo tam anticipadamente este golpe, que muitos annos antes por boca de David tinha pedido a seu Eterno Pay o alliviasse deste sentimento. *Erue à framea Deus animam meam:* Livrai, Senhor, minha alma, ou minha vida da lança. Em duas couzas reparo nesta petição de Christo: a primeira he pedir Christo a izerção deste golpe: quem

Pf. 21.
21.

amava tanto, como Christo, devia estimar mais sua dor: pedir allivio do tormento he não querer padecer: não querer padecer, he não amar; & se Christo amava tanto, como pede, que lhe desviem o golpe: *Erue à framea, Deus, animam meam?* O segundo reparo será solução do primeiro: se Christo sabia muito bem, que quando a lança lhe chegasse a ferir o peito, ja acharia desatados os laços entre sua alma, & seu corpo, como pede a seu Eterno Pay, que lhe livre a alma da lançada? *Erue, &c.* Que alma tinha Christo no peito, a que pudesse fazer tiro a lança? a sua não, que ja se tinha auzentado: pois que outra podia ser, senão aquella, que por unicamente amante se tinha trasladado a seu peito? Que outra podia ser se não a da quelle, que foi tam grande alma de Christo, S. João Evangelista: por isso pedio a izenção do golpe, q se lhe não tirava a vida, chegalhe à alma: *Erue, &c.*

22 Se vivia tam dentro do peito S. João, que muito

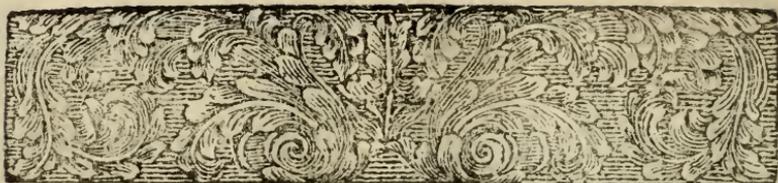
soubesse tanto, do que passava no peito. E he o terceiro argumento do muito, que foi amado o Evangelista: *Et dixit: Domine, quis est, qui tradet te?* Grande argumento de ser amado ser admittido à noticia dos segredos. Porem em minha opiniaõ maior prova he de ser amante, do que de ser amado. Ja as palavras, comque o diz o Evangelista, manifestamente o confirmaõ. Notai, que não diz o Evangelista, que lhe comunicara Christo o segredo; que elle o perguntara, sim. *Domine, quis est, qui tradet te?* Ter confiança pera perguntar hum segredo, ou he grande amor, ou grande ignorancia (que o amor, & a ignorancia ambos são muy confiados) ignorancia em huma Aguia não pode ser: foi logo grande amor. Hum segredo, ainda a quem não he muito amado, bem se pode descobrir; mas lo, o que ama muito, pode perguntar hum segredo. No Evangelho o temos. Perguntou hoje S. Pedro a Christo, que havia ser de S. João: *Domine*

ne, hic autem quid? Ja se deixa ver o reparo. Se S. Pedro na noite da Cea não teve confiança pera perguntar a Christo, quem era o traidor, como a toma hoje pera perguntar o que havia ser de S. Joáo? maior segredo era este do que aquelle; porque rezaõ logo perguntou este, não se atrevendo a perguntar aquelle? Eu o direi. Vio hoje examinado, & calificado seu amor: tinhalhe Christo perguntado tres vezes se o amava: *Simon Joannis, amas me?* & como S. Pedro vio, que lhe approvavaõ o amor, logo teve confiança pera perguntar hum segredo: *Domine, hic autem quid?* Não naceo esta confiança de ser Pedro mais amado agora, do que era antes; porq̃ o amor de Christo foi sempre igual sem augmento; naceo de ser Pedro mais amante; porque admittio mais, & menos o amor de S. Pedro;

antes amava menos, por isso, ainda que dezejava saber, não se atreveo a perguntar: hoje amava mais, & o maior amor lhe deu maior confiança pera perguntar a fortuna do Evangelista. Fica logo, que perguntar S. Joáo hum segredo, não prova tanto o muito que foi amado, quanto prova o muito, que amou.

23 Se o ser amado he dita, como diz o Feniz Africano; & se o amar he fineza, sois sem duvida, Evangelista Divino, o mais ditoso, & o mais fino; o mais ditoso, porque o mais amado; o mais fino, porque o mais amante. Vos, a quem o Divino Mestre deixou por mestre do amor, nos ensinai a amar; a amar quem he sô digno de ser amado, pera que seguindo a luz do fogo, em que ardestes, alcansemos nesta vida a luz da graça, & na outra os resplandores da gloria, &c.





S E R M A M D E S. J O A M A N T E P O R T A M L A T I N A M

Em Coimbra no Convento de Santa
Clara no Anno de 1674.

Calicem quidem meum bibetis. Mat. 20.

I **M** Um martyrio, amor materno a pedir a Christo humlado pera S. Joaõ, & outro pera Santiago: *Dic, ut sedeant hi duo filij mei, unus ad dexteram tuam, & unus ad sinistram in regno tuo.* Nem menos de dous lados queria dar, ou tomar ao Rey; quando quanto menos tiver de lado o Rey, tanto melhor. Pera formar a Eva, tirou Deos a Adam huma costa do lado; & porq̃ desta parte

parte, & não de outra? porque tinha creado a Adam pera Rey, & Senhor do mundo; & havendo de tirar, ou diminuir alguma parte no Rey, hade ser nos lados. Negou Christo o lugar; & offereceolhe o caliz: *Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum?* Aceitou o Evangelista o offerecimêto: *Dicunt ei: Possumus.* Que pera hum amor excessivo a maior difficuldade he a mais crecida lizonja. Este he o martyrio, q̄ foi milagre. Correrão depois os annos; chegou o tempo, em que o Evangelista havia de mostrar no tormento a valentia de sua fineza: manda o Emperador Domiciano, que o lancem em hum tina de azeyte fervendo: executase a tyrannia: acobardaõse as chamas; perdem seu vigor os incendios: sahe o Evangelista, não s̄o illeso, mas mais ayroso, do que entrara. Este he o milagre, que foy martyrio. De modo, que dar Christo o Caliz do martyrio ao seu amado Evangelista, foi milagre no amor de Christo: E querer milagro-

famente, q̄ S. Joáo não morresse do tormento, foi martyrio pera o amor do Evangelista. Este martyrio, que foi milagre; & este milagre, que foi martyrio, he todo o empenho da festa; & o será tambem do discurso. Aceitemos a graça, que a Virgem Senhora nos está offerecendo, que pera louvores de seu Filho não espera rogos.

AVE MARIA.

Calicem quidem meū bibetis.

2 **O** Primeyro, & ainda o maior reparo deste Evangelho, he o despacho mais esquivo, do que parece promettia a esperança, que Christo deu à petição, que em favor do Evangelista lhe fizera o amor da Mãy: *Dic, ut sedcant hi duo filij mei:* porque depois de condemnar por menos acertada a petição, respondeo que não era de seu tribunal o despacho: *Non est meum dare vobis.* Examinam os Expositores Sagrados, em que estive-ra o erro: & respondem com-

mum;

munmente, quẽ foi querer alcançar no Reyno de Christo os lugares mais eminentes por via de intercessão; quando pera com Christo sô tem lugar o merecimento. Ja algum dia neste lugar me obrigou a gloria do Evangelista a impugnar esta resposta, & esta rezaõ: hoje não venho de tam má condicão: accito a resposta; mas a rezaõ não a accito. A rezaõ não; porque se o merecimento pera alcançar o despacho era beber com Christo o seu Caliz: *Potestis bibere calicẽ, quem ego bibiturus sum?* como depois daquella galharda resolução, com que o Evangelista accitou o partido: *possumus*; ainda Christo não defere: *Non est meum dare vobis*: Quanto mais, q̃ quem teve merecimento em seu amor, pera descançar no peito; claro está, que o tinha, pera se sentar ao lado. Accito porem a resposta; porque quero dar outra rezaõ.

3 Digo, que não esteve sô o erro na petição; mas q̃ a mesma petição foi erro; porque foi aggravado, que se

fez ao amor de Christo. Amava Christo tam declaradamente a S. João, como todos sabem; & virilhe a alguẽ ao pensamento, que tinha o Evangelista necessidade de intercessão pera com Christo, grande erro; porque era grande aggravado, que se fazia ao amor de Christo: cuidar, que tinha necessidade de valias, quem era por antonomasia o valido, era hum defacerto manifesto: se Christo deferira àquelles rogos, dava a entender, que amava menos ao Evangelista; & ainda que pera todos os mais he tam escrupuloso o amor Divino em se declarar, que ninguém sabe nesta parte, ou sua dita, ou sua desgraça: *Nescit homo, utrum amore, an odio dignus sit*; com tudo como não ha regra, de que não seja excepção o Evangelista, sabemos com certeza de fê, que foi declaradamente o amado de Christo; & aonde o amor era tam verdadeiro, descredito vinhaõ a ser as intercessões.

4 Quando Christo se despedia de seus Discipulos naquell-

naquellas ultimas horas de sua vida dizia assim o amoroso Senhor: *In illo die in nomine meo petetis*: Depois de me auzentar de vos, pedireis em meu nome: *Et non dico vobis, quia ego rogabo Patrem de vobis*: E não vos digo, que heide interceder por vos a meu Eterno Pay. Pois, meu Senhor, em occasiaõ de tantas faudades, quando pera allivio dellas havieis de prometter o favor todo, a quem amaveis tam finamente; & de quem tam faudosamente vos despídieis, dizeis, que não haveis de interceder? tam más auzencias que a hade crer de vosso amor? ategora, que logravaõ seus olhos a ventura de vos ver, podiaõ escuzar este cuidando; mas agora, que vos auzentais, necessitaõ mais deste favor. Que cauza pôde logo haver, pera que sendo vossa intercessaõ tam necessaria, lhe hajais de faltar cõ ella: *Non dico vobis, quia ego rogabo Patrem de vobis*? A rezaõ deu o mesmo Senhor: *Ipse enim Pater amat vos*: Sabeis, porque não ferá ne-

cessaria minha intercessaõ, porque vos ama meu Eterno Pay: & fora fazer aggravado ao amor, que vos tem, se lhe pedisse favor pera aquelles, a quem ama. Pedir a quem ama, favoreça ao amado, he defacreditar a fineza. Se o sangue se não quer rogado, menos se quer o amor: E se o amor, que o Eterno Pay tinha aos Discipulos, não admittia a intercessaõ, nem ainda do mesmo Christo; como não havia de ser calculada por erro a petiçaõ, que se fazia a Christo em favor de hum Discipulo singularmente amado? offensa foi da fineza; por isso sahe condemnada por ignorancia: *Nescitis, quid petatis*: por isso não alcança o despacho dezejado: *Non est meum dare vobis*.

5 E assim, que não he o meu reparo a negaçãõ do despacho: o offerecimento do Caliz he todo o meu reparo. E pera maior ponderaçãõ do cazo havemos de notar, que por este Caliz entendem os Sagrados Expositores a Cruz de Christo. Chama Christo aos Santos todos,

todos, & diz assim: *Siquis vult venire post me, tollat crucem suam*: Quem me quizer acompanhar, tome sua Cruz. Não sei, se reparaõ na diversidade, que Christo faz entre os outros Santos, & o Evangelista: não diz Christo aos outros Santos: tomem minha Cruz; fenaõ tomem sua Cruz: *Tollat Crucem suam*: & a S. Joáo não diz, beba o seu Caliz; mas o Caliz meu: *Calicem meum bibetis*. Pois se a Cruz, que os outros Santos haõ de levar, hade ser a propria, & não a de Christo; porque a Cruz do Evangelista hade ser a de Christo, & não propria: pera os outros Santos ha se de medir a Cruz pellos hombros propios; & pera o Evangelista pellos mesmos hombros de Christo se hade tomar a medida? Sim, que aonde o amor fez tam identicos os extremos, nem nas Cruzes hade haver diversidade: como Christo, & S. Joáo sejaõ o mesmo, a mesma Cruz de Christo hade ser Cruz de S. Joáo; & a Cruz de S. Joáo hade ser a Cruz

de Christo.

6 Equal será ainda a rezaõ disto? qual lerá a rezaõ de ser a Cruz dos outros Santos diversa da Cruz de Christo, & de ser a mesma a Cruz de Christo, & a Cruz de S. Joáo? A rezaõ pode ser, porque a Cruz dos outros Santos foi lavrada pello odio dos tyrannos; & a Cruz do Evangelista foi lavrada por feu amor. O odio foi maior em huns tyrannos, menor em outros; & pella medida do odio se lavrava a Cruz aos Santos: se era grande o odio, levava o Santo grande Cruz; se era o odio pequeno, fahia a Cruz menor; por isso padeceraõ huns Santos mais, & outros menos. Porem a Cruz do Evangelista foi lavrada por feu amor; & como o amor foi o artifice, não podia a Cruz ser menor, nem ainda outra, que a de Christo; não podia ser menor; porque pera amor tam grande todã a outra Cruz era pequena; não podia tambem ser outra; porque sãõ a de Christo podia satisfazer ao coração do Evangelista.

Quan-

Quando David quiz sahir a desafio com o Gygante, deu-lhe Saul suas armas; mas achou David, que lhe não faziaõ: *Non possum sic incedere*: Dahi a poucos dias entrega o Principe Jonathas suas armas, & vestidos a David; & não sei, que David estranhassê o pezo: Pois se ha tam pouco, que a David não serviaõ as armas do Rey; como agora lhe fazem as do Principe? facil está a rezaõ; porque amava muito David a Jonathas, & Jonathas a David; & aonde o amor igualara os coraçõs, não havia de haver desigualdade, nem ainda diversidade nas armas: as de David diriaõ muy bem em Jonathas; & as de Jonathas diziam a matar em David. Pois se o amor entre Jonathas, & David fez, que as armas de Jonathas servissem igualmente a David; o amor entre S. Joã, & Christo, como não faria, sendo maior sem comparaçãõ, que a Cruz de Christo fossê Cruz do Evangelista, & a Cruz do Evangelista fossê tambẽ Cruz de Christo: *Calicem quidem*

meum bibetis.

7 Mas não passẽmos sem reparar, que aos outros Santos medioselhes a Cruz pella Cruz: *Tollat Crucem suam*: a S. Joã medioselhe a Cruz pello Caliz: *Calicem meum bibetis*. Entre o Caliz, & a Cruz houve huma grande diversidade; porque a Cruz comprehendeo so parte dos tormentos de Christo: o Caliz comprehendeo ostormentos todos. Quando Christo no horto pedia a seu Eterno Pay, que o alliviasse dos tormentos de sua paixãõ, chamoulhe Caliz: *Transfer calicem istum à me*; Març: 14. 36. de modo que o Caliz tem tudo, o que tinha a Cruz; mas a Cruz não tem tudo, o que tinha o Caliz: O Caliz comprehende as agonias do horto, as injurias da prizam, o rigor dos açoutes, o sentimento dos espinhos, o pezo da Cruz, a dor dos cravos, o desabrido do fel, a tyrannia da morte, o golpe da lança, o horror da sepultura; tudo isto comprehende o Caliz; porem a Cruz não comprehendendo tudo isto; porque so abra-

abraça aquella parte dos tormentos, que Christo padeceo do atrio de Pilatos, ate que foi posto na sepultura. Esta diversidade, que houve entre a Cruz, & o Caliz, houve tambem entre o martyrio dos outros Santos, & o martyrio do Evangelista: o martyrio dos outros Santos foi Cruz, que he so parte; o martyrio de S. Joáo foi Caliz, que he tudo, o que Christo padeceo: *Calicem quidem meum bibetis.*

8 E ainda nesta desigualdade de martyrios houve huma grande differença; porque o martyrio dos outros Sãos foi de fora; o martyrio do Evangelista foi de dentro: o martyrio dos outros Santos foi de fora; por q̄ toda a dor parou no corpo; o martyrio do Evangelista foi de dentro; porque todo o sentimento lhe cahia dentro da alma; por isso Christo ao martyrio dos outros Sãos chamou Cruz: *Tollat Crucem suam*; & ao martyrio de S. Joáo chamou Caliz: *Calicem quidem meum bibetis*; a Cruz he tormen-

to, que martyriza por fora; o Caliz he martyrio, que atormenta por dentro. Engana-se, quem cuida, que o martyrio do Evangelista foi só em Roma, quando Domiciano o mandou lançar em a tina; no Calvario foi o seu mais rigoroso martyrio: alli sentio na alma tudo, o que Christo padeceo em o corpo, & mais ainda do q̄ Christo padeceo; porque pera o golpe da lança ja em Christo faltava o sentimento; mas não faltava no Evangelista o coração pera a dor. Jacob atravessou hum coração có tres lanças; o Soldado no Calvario com huma lança atravessou tres corações, o de Christo, o da Virgê Senhora, o de S. Joáo; & ainda q̄ a lança foi só huma, as lanças pera o Evangelista foraó tres: he verdade que aquelles corações sendo tres, eraó hum, & sendo hum, eraó tres: eraó hum pera o amor; pera o sentimento eraó tres: assim se amavaó, como se fossem o mesmo; assim sentiaó como se fossem diversos. Alli estavaó aquelles coraçoes como

como se fossem espelhos crystallinos, bebendo reciprocamente suas dores; donde me parece, que o Evangelista he o Principe dos Martyres. Pellas dores, que no Calvario padeceo a Virgem Senhora, mereceo o titulo de Rainha dos Martyres, como lhe chama a Igreja; & porque não será Principe o filho, se a Mãe he a Rainha? Se Christo lhe não tirara o fer Rey, a S. Joã haviamos de dar a coroa.

9 Agora entra o meu reparo, ou o meu escrupulo. Que o Evãgelista fosse martyr às mãos do amor em o Calvario, isso he o que se esperava de sua fineza; mas q̄ permita o amor de Christo, que tambem seja martyr em Roma às mãos de Domiciano? Senhor, assim tratais as delicias de vosso coração? A huma flor tanto de vosso agrado heisde permittir as barbaras mãos de hum tyrão? Quando Joab se despedia de David pera dar batalha a Absalaó, todo o cuidado do Rey foi encomendar ao General, que em nada

molestasse ao Principe: *Servate mihi puerum Absalon.* ^{2. Reg. 18. 5.} Pois entre tantos, quantos seguião as partes de Absalaó, so elle havia de fer o privilegiado? todos os mais haviaõ de sentir a crueldade do ferro, & a ira dos vencedores; Sim, porque so Absalaó era o amado; & ainda q̄ David tinha coração pera ver aos mais cortados pellos fios da espada, não lhe sofria o amor, que passasse Absalaó a mesma fortuna: *Servate mihi puerũ Absalon.* Quereis, Senhor, que se diga, que amais menos ao vosso Evangelista, do que David ao seu Absalaó! Que os outros martyres sintão o rigor do ferro; a violencia do fogo, & a crueldade dos tyrannos, seja embora, ou experiencia de seu amor, ou prova de sua constancia: mas o Evangelista, que ja ao pê da Cruz tinha mostrado, que era diamante na fineza, & na firmeza! Sei eu, que dos que se acharão na occasião do Calvario, & acompanharaõ a morte de Christo com sua dor, nenhũ chegou a experimentar a violencia

clencia dos tyrannos: Acópanhará a Christo em sua morte a Virgem Senhora, S. Joáo, a Magdalena, Joseph de Arimathea, & Nicodemus; & nenhum padeceo martyrio ás mãos do tyranno, senáo o Evangelista. Pois ao Evangelista se haó de multiplicar os martyrios? hũ martyrio ás mãos do amor no Calvario; outro martyrio ás mãos do tyranno em Roma? Este foi o martyrio, que foi milagre nõ amor de Christo pera com o Evangelista; pera que em tudo fosse o Evangelista hum milagre singular. Ora notem: os que senáo acharão presentes à morte de Christo no Calvario, como foraó os outros Apostolos, & Discipulos, não sêтираó entáo o martyrio da alma; mas padece-raó depois o martyrio do corpo: os que assistiraó no Calvario, não padece-raó depois o martyrio do corpo, mas sêтираó entáo o martyrio da alma; porem o Evangelista foi no Calvario martyr na alma, & foi em Roma martyr no corpo; de modo,

que os martyrios do corpo, & da alma dividiraóse em os outros; mas uniraóse no Evangelista. Esta foi a singularidade do martyrio de S. Joáo, & a valentia de seu amor: pera o amor dos outros Santos basta hum martyrio; pera o amor do Evangelista muitos martyrios não bastaó.

10 Definio Salamaó o amor grande, & disse, que era tam valente como a morte: *Fortis est, ut mors, dilectio*: de-^{Cant} finio o excessivo; & disse, que ^{8:} era como o inferno: *Dura sicut infernus emulatio*: Toda a jurisdicaó da morte pára em a tormentar o corpo; a jurisdicaó do inferno marty-riza a alma, & martyriza ao corpo: o amor dos outros Sãtos, foi como a morte; chegou a lhes martyrizar o corpo; o amor do Evangelista foi, como o inferno, depois de lhe martyrizar a alma, chegou tambem a marty-rizar o corpo. Tanto amor, Divino Evangelista, sô com o maior tormento se podia de algum modo explicar; se não he, que foi vossó amor

ja nesta vida o mesmo, que havia de ser na outra; a morte he pena desta vida; o inferno he pena da outra; o amor dos outros Santos foi como a morte, não passou os termos de mortal; vosso amor foi como o inferno, chegou às firmezas de immortal.

11 Mas dirão, que ainda que a crueldade de Domiciano decretou tam rigoroso tormento ao nosso Evangelista, não sentio comtudo a violencia do fogo. E que culpa tem seu amor em ser mais robusto, que os incendios de Domiciano: ardia o Evangelista em outro fogo superior: não podia o elementar fazer nelle impressão. La fingio, não sei, q poeta Grego, que Jupiter despidira hum rayo das nuvens pera abrafar ao mundo: vinha ja consumindo o ar aquella lança de fogo, quando o amor, que então estava na terra, quiz provar forças com o rayo; espera-o com denodo, & recebe o tiro em sua propria cabeça: temiaõ todos, que a furia de

tam violento incendio destruiria de todo ao amor; mas o cazo foi, que ficando este illeso, o rayo se fez em cinzas. Rayo stulminou Domiciano contra o amado Evangelista; mas não ves, barbaro, que despedes rayos contra o amor; & que na efficacia de seu fogo não haõ de lograr effeito teus incendios. Ardia em outro fogo maior o Evangelista; como havia de prender nelle o menor fogo? Muito se admirou Moyfes de ver, que entre a voracidade das chamas conservava huma çarça illesa a verdura de suas folhas; mas devia o fogo este respeito àquella çarça, porque a tinha Deos feito trono à sua Magestade; & se o fogo se acobardou, por ver a Deos descansando em a çarça; como não havia de perder seus brios à vista do Evangelista, que descansara em o peito do mesmo Deos?

12 Porem este milagre, que parece grande mimo pera o Evangelista, me parece a mim o seu maior martyrio: milagre foi, que não morref-

se em tam violento incendio, mas este milagre foi martyrio pera seu amor. Não ha duvida, que ao amor do Evangelista melhor lhe estava a morte, que a vida: porque com a vida dilatava a auzen- cia; & com a morte apressa- va a vista: & maior martyrio era pera o Evangelista a au- zencia, que lhe dilatava a vi- sta, do que a morte, que lhe tirava a vida.

13 Explique a Aguia dos engenhos os sentimen- tos do Feniz do amor. Confiado de muito favorecido se atreveo huma hora Moy- ses a pedir a Deos lhe mos- trasse a fermosura de teu ro- sto: *Ostende mihi faciem tu-*

Exod.
33. 13.

am: Difficulta Deos o favor dizendo, que se chegasse a ver aquella fermosa tempe- stade de luz, que em glorio- sos circulos banha seu Divi- no rosto, naufragaria sem duvida a vida do mesmo Moyfes: *Non videbit me ho- mo, & vivet.* Por não perder Moyfes a vida, não instou por lograr a vista. Ah cobar- de, diz abraçado em amor Santo Agostinho: Que se he

suave a vista da prenda a- mada, mais suave he morrer por ella: *Dulce est amatum videre, sed dulcius pro amato mori;* porque se o ver he go- sto, o morrer he fineza; & quem verdadeiramente ama, so das finezas faz gosto. Pa- rece, que estudou Santo A- gostinho este primor de fi- neza no Evangelista; he ver- dade, que queria morrer, pe- ra ver a quem queria: *Dulce est amatum videre;* mas esti- mava mais a morte, pello q̄ tinha de fineza, que pello q̄ tinha de gosto: *Sed dulcius pro amato mori.*

14 Pois se fora maior mimo pera S. Joáo morrer daquelle tormento; porque o livra Christo milagrosa- mente? porque quiz que morresse às mãos do amor. Seria bom, que se gloriaffe o odio, que tirara a vida aquel- le Discipulo, que era o cora- ção de Christo? Não quer Christo, que se diga tal de seu coração. Quando os mi- nitros da crueldade chega- raõ ao Calvario pera exerci- tar a ultima tyrannia com os tres crucificados, diz o Evã- gelista,

gelista, que acharaõ a Christo ja morto; & que hum soldado correndo huma lança lhe abriu o peito. A todos dá que reparar este golpe: eu agora reparo no tempo. Quando Joseph, & Nicodemus foraõ pedir licença a Pilatos, pera dar sepultura ao corpo de Christo, diz o Evangelista S. Marcos, que o Presidênte se admirara muito, de que Christo tivesse ja espirado: *Pilatus autem mirabatur, si jam obijisset.* Eu tambem me admiro desta pressa: He possivel, que sabendo Christo lhe haviaõ de ferir o peito com huma lança, dê tanta pressa à vida, que por mais, que corra a lança, ja o ache morto? Se ainda estando na Cruz o atormentava mais a fede de padecer, que a mesma Cruz, q padecia, como perde huma tam linda occasiaõ de acreditar sua fineza? Se a nenhũ tormento furtou parte alguma de seu sagrado corpo; porque anticipa a morte, pera fugir a lançada? porque era ferida do coraçãõ atirada pello odio; & não quiz

Christo, que seu coraçãõ morresse às maõs do odio. Sintaõ embora as mais partes do corpo os golpes, que os instrumêtos do odio lhes imprimirem; mas não sinta o coraçãõ a lançada; porque hum coraçãõ tam amante só he bem, que morra às maõs do amor.

15 Compoem os Padres o corpo místico da Igreja por analogia ao corpo fisico; & dizem, que a cabeça he Christo; o pescogo a Virgem Maria Senhora nossa; os outros Santos as mais partes do mesmo corpo. E o coraçãõ quem será? Quem hade ser senaõ o Evangelista amado. Olhai pera o peito de Christo, & veloheis: *Recurvuit in cena super pectus ejus.* Se a natureza poz no peito o coraçãõ, claro está que serve de coraçãõ, a quem o amor deu o peito. Fundemos mais esta gloriosa prerogativa do Evangelista em huma revelaçãõ de Santa Gtrudes. Diz no livro quarto de suas revelaçõs, cap. 44. que vira a Virgem Senhora respirar com o mesmo halito,

Joan.
21. 20.

ou respiração, que sahia da boca do Evangelista. O' gloria sem igual de Joaõ! O' privilegio a ninguem ja mais concedido! Ja sabem, que se reciproca a vida com a respiração, & se a Virgê Senhora bebia do Evangelista a respiração, ao Evangelista devia sua vida. Mas pera que mais fundamente nos admiramos de tam gloriosa prerogativa, perguntemos aos Filozofos, donde sahe o halito, com que respiramos? & responderão todos uniformemente, que tem seu principio no coração, aonde se formão os espiritos vitais; q' seu proprio nome está dizendo, que são os alentos da vida. Respirar logo a Virgê Senhora com o halito do Evangelista, he fer o Evangelista o coração da Virgê Senhora; & por boa consequencia he fer tambem o coração da Igreja, ou corpo mystico de Christo.

16 E se quereis ver cõ evidencia os alentos, ou espiritos, que nace[m] deste coração da Igreja, reparai em dous successos de S. Pedro.

Depois daquelle milagre, em que Christo no deserto com poucos paês sustetou aquelle grande numero de gente, que o seguia; mandou aos Discipulos, que se embarcassem: obedecem os Discipulos; quando ao cahir do Sol, se levantou o vento; encreparaõ se as ondas, ameaçando miseravel naufragio à naveta: acode Christo ao perigo, pizando a mesma inconstancia das ondas: cuidaõ os navegantes, que he fantasma; assaltãos de novo o medo; & não he a primeira vez, que os desgraçados temem os mesmos remedios muito mais, que os perigos: manda os Christo, que não temão; & duvidando ainda Pedro da verdade, diz ao Senhor, que se he, quem diz, o mande ir sobre as agoas: *Domine, si tu es, jube me venire ad te super aquas.* Responde Christo, que venha: *Veni.* Lança se Pedro a o mar, quando a poucos passos o enveste o temor; segue se ao temor o desmayo; a o desmayo o perigo, a o perigo o naufragio; a o naufragio os gritos: *Timidit,*

ruit, & cum cepisset mergi, clamavit. E se Christo lhe não dera a mão, la hia Pedro pella agoa abaxo. Passemos agora de hum mar a o outro, do de Genesaret ao de Tiberiades: andavaõ pescando alguns dos Discipulos depois de Pascoa, quando Christo appareceo em a praya: na boa fortuna de hum lanço, que o mesmo Senhor mandara fazer, conheceo o amado Evangelista, quem era, & disse-o a S. Pedro: *Dixit Discipulus ille, quem diligebat JESUS, Petro, Dominus est.* A os ultimos acentos desta voz cinge S. Pedro a tunica, & arroja-se ao mar; despreza as ondas; toma porto à vista de Christo, não só sem perigo, mas sem temor algum. Ao lume dágoa está o reparo: no mar de Genesaret tanto medo, no de Tiberiades tanto animo; no de Genesaret tanto risco, no de Tiberiades tanta segurança, no de Genesaret atrevemente as ondas a rebellarse contra Pedro; no de Tiberiades atrevese Pedro a fopear aos mares: donde veyo tanta di-

versidade? Eu não vejo outra cauza, senão que no primeiro cazo governouse Pedro por sua cabeça; & no segundo interveyo o Evangelista: no mar de Genesaret os sopros, que levaraõ a Pedro, eraõ proprios; no mar de Tiberiades os impulsos, que o arrojarão ao amar, foraõ do Evangelista; & como estes impulsos eraõ alentos do coração; que muito sobejasse a Pedro o animo, pera triumphar em Tiberiades dos medos de Genesaret.

17 Sendo pois o Evangelista o coração do corpo mystico de Christo, não era bem, que morresse às mãos do odio; mas só às mãos do amor: Christo, pera que seu coração não morresse às lançadas no Calvario, apressou a morte; & pera que seu coração mystico não morresse nos incendios de Roma, dilatoulhe a vida. As outras partes deste corpo, ou os outros Santos, que compoem a este corpo, morraõ embora às mãos do odio: morra crucificado hum Pedro; degollado hum Paulo; alanceado

hum Thome; que o coração deste corpo só ás mãos do amor hade morrer. Duas sortes de amor pintaraõ os antigos, ou pintaraõ ao amor de duas sortes: a hum pintaraõ armado de arco, & de frechas; a outro sem frechas, & sem arco; mas com tres coroas em o braço: pera os outros Santos foi o amor Divino amor de arco, & de frechas; pera o Evangelista foi amor de coroas: pera os outros Santos foraõ as frechas; pera o Evangelista foraõ as coroas. E que muito fosse pera o Evangelista o amor de coroas; se foi o Evangelista coroa pera o amor.

18 Pedia o Divino Esposo a huma alma, que sendo conhecida por singularmente amada, devia ser a do nosso Evangelista, que o imprimisse como sinete em seu coração: *Pone me ut signaculum super cor tuum*: & foi sem duvida querer servir de coroa ao amor: Os sinetes antigamente, como consta de letras Divinas, & profanas, eraõ aneis, que na figura exprimem huma coroa; & ain-

da que assim não fosse, claro está, que no sinete de hum Principe se haviaõ de abrir as armas, como se costuma, coroadas. Pedir logo o Esposo áquella alma, que como sinete o imprimisse no coração, foi pedir-lhe, que o tomasse por coroa de seu amor: *Pone me ut signaculum super cor tuum*. Isto he, o que Christo mais estima, ser coroa de nosso amor: & isto foi o Evangelista pera o amor de Christo: quando na ultima Cea estava aquelle Divino coração sabindo nas maiores demonstraçoẽs de seu amor, entãõ estava o Evangelista inclinado sobre o peito, & posto sobre o coração, como sinete, & coroa do amor: *Recubuit in cena super pectus ejus*: naquella hora, em que Christo estava pondo a coroa a suas finezas: *in finem dilexit*, era o Evangelista a coroa do coração de Christo: *Recubuit in cena super pectus ejus*.

19 Mas não sei se me ouve com escrupulo alguma devaçãõ mais antiga. Temos dito, q̃ não permittio Christo,

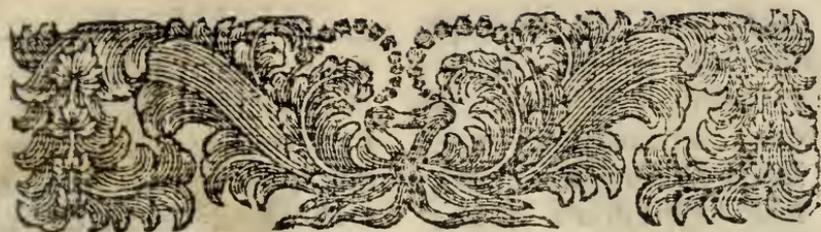
sto, que o Evangelista morresse ás mãos do odio de Domiciano; porque quiz, que morresse ás mãos do amor: morreo logo o Evangelista? Eu não quizera agora disputar opinioes, nem o tempo me da lugar: o que me parece he, que o morrer, como morreo o Evágelista, não he morrer; não fô porq morreo às mãos do amor; mas porque morreo pera logo resuscitar. Vay fallando S. Paulo na primeira carta, que escreve aos Theſſalonicenses do dia do juizo, & depois de dizer, que os mortos haõ de resuscitar, diz assim dos justos, que entaõ vivem: *Nos, qui vivimus, qui relinquimur, simul rapiemur cum illis in nubibus obviam Christo in aera*. Nos, os que vivemos, seremos arrebatados pello ar, & iremos a receber a Christo. Vede, o que dizeis, Sagrado Apostolo, que deu occasiaõ este vossó texto, pera que alguns erradamente disseſsem, que os justos, que naquelles tempos viveſsem, não haviaõ de morrer, contra aquella vossa

maxima tam universal: *Statutum est hominibus semel mori*? Pois se todos haõ de morrer primeiro; como supondes, q̄ não haõ de morrer? Não diz o Apostolo, que não haõ de morrer; mas como haõ de morrer, pera logo resuscitar, não merece o nome de morte, a que está tam proxima à resurreyçaõ: morrer, pera logo resuscitar, não he morrer: *Nos, qui vivimus, qui relinquimur*. Morreo às mãos do amor o amado Evangelista; mas morreo, pera logo resuscitar, & subir glorioso em corpo, & alma ao Ceo; & assim podemos dizer, q̄ não morreo; roubou o Ceo em corpo, & alma; não quiz deixar na terra o corpo; pera que não tivesse a terra alguma occasiaõ de idolatria. Assim escondo Deos, diz Santo Agostinho, o corpo de Moyses, pera q̄ não cegasse os Israelitas a idolatras de suas reliquias: & quanto seria pera temer, que degenerasse a devaçãõ em idolatria, se ficasse neste mundo o corpo do Evangelista. O que eu creio, he, que o le-

o levou Deos em corpo, & alma pera o Ceo; pera que assim favorecesse mais de-fembarçadamente a seus devotos: Os outros Santos tem ainda, que pedir pera si: o Evangelista ja não tem,

que pedir senão, pera nos: Os outros Santos tem ainda, que pedir pera si a resurreiçãõ de seus corpos; o Evangelista só tem, que pedir pera nos; porque està ja resuscitado.





SERMAM DE S. THOME

Na Capella Real no Anno de 1677.

Noli esse incredulus, sed fidelis. Joan. 20.

Quem cuidara,
(Muito Altos,
& muito poderosos Principes,
& Senhores nossos) quem
cuidara, que seriaõ imitaço-
es da graça os exemplos da
natureza; mas como o au-
thor da natureza, & da gra-
ça não he diverso, não he
muito, que os successos de
huma sejaõ exemplares da
outra. Estudo foi sempre da
natureza não conceder be-
neficio grande sem pensão,

nem sem defar alguma pre-
rogativa. Desde a terra ate
o Ceo temos os exemplos
deste defengano. Entre as
flores deu a natureza o im-
perio à rosa pella brandura,
& mimo de sua encarnada
purpura; mas cercoua de tam
asperos, & agudos espinhos,
que se com aquella vos li-
zonjea, com estes vos ma-
gôa. Entre as plantas conce-
deo o septro à palma pella
nobreza de seus ramos; mas
deulhe hum tronco, tam ru-
de,

de, que se nas folhas traz a victoria, tem no tronco a ignominia. Entre os animais deu a coroa ao Leão pella valentia de sua generosidade; mas fogueitou-o a adoecer todos os dias: de modo que aquelles ossos, que são fuzis do valor, vem a ferir a febre. Entre as aves coroou ao pavao pella belleza de suas fermosas penas; mas deulhe huns pês tam feos, que se mostra hum Ceo nas plumas, nos pês mostra hum inferno. Entre os astros deu a monarchia a o Sol pella serenidade benefica de sua fermosa luz; mas a essa mesma luz semeou de algumas sombras, & eclipsou com algũas nevoas; como se envejosa de tam lindo corpo, lhe desse com o pincel huma risca pella cara. Este he o estylo da natureza em suas maiores liberalidades; & este he tambem o estylo da graça em seus maiores favores: Escolhe a Joseph pera Visorey de Egypto; mas quer, que saya de hum carcere pera o trono: escolhe a David pera Principe de Israel; mas hade abrir

caminho perá o fetro por entre as lanças de Saul: escolhe a Pedro pera universal Pastor da Igreja; mas permite, que seja negativo huma hora, pera ter que chorar toda a vida. Regala hoje a Thome com huma tam amavel tempestade de favores, que se não ancorara no peito do mesmo Christo, naufragaria no porto: mas cahe Thomè primeiro nas desgraças de incredulo, & obstinações de infiel; *Noli esse incredulus.*

2 E deixando agora as cauzas daquella cautela na natureza, & as rezoés desta industria na graça; pera satisfazer às obrigações do dia unirei o principio com o fim: o principio, ou a occasiam, que teve Thomè, pera negar obstinadamente incredulo a gloria de seu Senhor: o fim, ou o motivo, que Christo teve, pera permittir esta incredulidade em Thomè: Nestes dous polos, que se não forem Norte, & Sul, será Occidente, & Oriente, se volverá a breve esfera deste discurso.

AVE MARIA.

Noli esse incredulus.

3 **Q**Uando não fora tam interessado Thome nas glorias de seu Senhor, não me admirara tanto, que negasse resolutamente incredulo, o que devia confessar apostadamente resolutamente: mas que sendo de tanta importancia, como gosto, a fê da resurreição, porfie a obstinação de Thome contra a evidencia de tantos olhos, que o certificava da verdade: *Vidimus Dominum*: senão teve cauza, devia ser grande a occasião, que teve. E que occasião teve, ou podia ter Thomè pera tam porfiado erro? A occasião, & principio penetrou engenhosamente S. Cyrillo. *Merore, quia ipse quoque non viderit, affectus ad infidelitatem delabitur.* Apareceu Christo gloriosamente resuscitado a seus Discipulos em occasião, em que Thomè andava fóra do Cenaculo: *Thomas non erat cum eis, quando ve-*

nit JESUS: & como se viu desfavorecido, deu em incredulo: *Ad infidelitatem delabitur.*

4 Pois isto era occasião pera huma tam notavel incredulidade? Sim; que conforme o alto conceito, que Thome tinha da igualdade de seu Senhor, julgou, que devia ser engano, o que lhe affirmavaõ seus Condiscipulos: favorecer aos de dentro, & deixar fora aos de fora; não se persuadia Thomè, que esta desigualdade cahia na indiferença de seu Senhor. Grande pensão, dos q̄ occupaõ os lugares supremos; não poder inclinar a luz a huma parte, sem fazer sombra na outra: em fim que deve ter o Principe huma vontade sem affectos; & hũ affecto sem inclinações.

5 Quando Deos houve de formar a Eva, he opiniaõ bem fundada de Oleastro, que tirara a Adaõ duas costas: porque aonde o nosso texto vulgar le: *Tulit unam* Gen! *è costis ejus*: tem o Hebreo: *2. 21. Tulit unam costam è lateribus ejus*: Tiroulhe huma costa dos

dos lados: & se tirou de dos lados, claro está, que havia tirar duas costas. E pera que tira Deos duas costas a Adão? não bastava huma pera a formação de Eva? Sim bastava: pera que são logo duas? *Ne homo* (responde o insigne Portuguez) *plures costas in uno, quam in altero latere habeat.* Pera que Adão não tivesse mais costas em hum lado, do que tinha em o outro. E que importava ter Adão mais huma costa em o lado direito, do que tinha em o esquerdo? Pera Adão em quanto homem, pouco; pera Adão em quanto Principe importava muito. Se Adão tivesse mais huma costa no lado direito, que no esquerdo, havia de encostar mais Adão pera o lado direito, aonde tinha demais a costa: & la hiaõ pera o lado direito as inclinações todas de Adão. E se a tivesse no lado esquerdo, como ahi estava de mais a costa, estava dahi o maior pezo; & pera alli se havia ladear Adão, pera onde o levava o pezo maior: & como Deos creava a Adão

pera Principe, & Senhor do mundo; ainda que lhe deu lados, deulhos sem inclinação. Neste equilibrio de affectos creou Deos ao primeiro homem, q̄ creava pera Principe; & a meu ver, quiz que aprendesse Adão da mesma materia, de que o formou, q̄ esta havia de ser a forma de seu governo. He certo, que na composição de Adão entraraõ os elementos todos: entrou a terra, entrou a agoa, entrou o ar, entrou o fogo: entrou a terra com a secura: entrou a agoa com o frio: entrou o ar com a humidade: entrou o fogo com o calor. E porq̄ haõ de entrar a compor ao homem os elementos todos? porque o creava Deos pera Principe de todos os elementos: Entrem todos a compor, pera que tenhaõ entrada todos: dese entrada à terra, ainda q̄ não seja tam clara, como a agoa: dese entrada a agoa, ainda q̄ não seja tam sutil, como o ar: dese entrada a o ar, ainda q̄ não seja tam illustre, como o fogo. Mas advirta tambem Adão: que nenhum dos elementos

mentos tenha mais entrada, do que he necessario: se entrar mais a terra, predominará a secura, & será avarento: se entrar mais a agoa, predominará o frio, & será cobarde: se entrar mais o ar, predominará a humidade, & será inconstante: se entrar mais o fogo, predominará o calor, & será cruel: de modo, q̄ ainda que todos devem entrar, não he bem que entrem mais, do que devem. A saude de hum corpo fisico consiste na proporção dos elementos; qualquer excessão em algum delles he achaque: & no corpo politico taó bẽm a saude consiste nesta proporção. Por isso Deostirou as duas costas a Adaõ; por isso o compos tambem de todos os elementos; pera q̄ fosse igual com todos: não só não hade inclinar pera os lados; mas nem pera os debaxo, nem pera os de cima hade inclinar Adaõ.

6 Aos Principes da terra chamou Deoses o Profeta Rey: *Ego dixi: Dij estis.* Deoses os Principes, & porque? porque cada hum dos

Principes hade ser pera o seu Reyno, o que Deos he pera o seu mundo. E Deos que couza he pera o seu mundo. Ora ouçamos como o define o doutissimo Padre Salmeirão: *Deus est, quod intra cuncta; extra cuncta; subter cuncta, supra cuncta:* Deos he, o que está dentro de tudo, fora de tudo; abaxo de tudo; sobre tudo: *Intra cuncta non inclusus: extra cuncta non exclusus: subter cuncta non oppressus: supra cuncta non elatus:* dentro de tudo, mas não incluído: fora de tudo, mas não excluído; abaxo de tudo, mas não abatido: sobre tudo, mas não altivo. *Intra cuncta adimplendo; extra cuncta amplectendo: subter cuncta sustentando: supra cuncta gubernando.* Dentro de tudo, enchendo a tudo; fora de tudo, abarcando a tudo; abaxo de tudo, sustentando a tudo; sobre tudo, governando a tudo. Isto he Deos pera o mundo todo; & isto hade ser o Principe pera todo o reyno; pera os de dentro, & pera os de fora; pera os debaxo, & pera os de cima:

pera

pera os de dentro com o favor; pera os de fora com o cuidado; pera os de baxo cõ o sustento; pera os de cima com o governo: dentro de todos pera o amor; fora de todos pera a justiça; abaxo de todos pera o descanso; sobre todos pera a vigilancia: dentro de todos sem singularidade: fora de todos sem equivaça; abaxo de todos sem abatimento; sobre todos sem altivez. Por isso David os chamou Deoses; porque a igualdade do Principe he hum supplemento da immensidade de Deos; & o que Deos tem por immenso, tem o Principe por igual.

7 E como seus Condiscipulos diziaõ a Thomè, q̃ Christo os buscara a elles, & a elle naõ: *Vidimus Dominum*; teve alguma occasiaõ pera cuidar, que a gloria daquelle favor fora illusaõ dos sentidos, & engano da imaginaçaõ; & julgou, que era mais facil o engano nos olhos de tantas testemunhas, que aquella desigualdade em o amor do seu Principe. E por ventura, que foi esta a

rezaõ; porque Christo, quando hoje quiz remediar a Thomè, se poz nõ meyo de todos: *Stetit in medio*. Pois se vinha elpecialmente por amor de Thomè; porque o naõ busca de mais perto; ou porque o naõ busca so a elle? porque quiz curar naõ so a enfermidade, mas tambem a occasiaõ della: a occasiaõ, que Thomè teve de sua incredulidade, foi a desigualdade imaginada em os favores de Christo: pois seja a igualdade o remedio: *Stetit in medio*: cure a indifferença, o que a preferencia danou.

2 E verdadeiramente he tam escrupuloso o cuidado dos vassallos nesta parte, q̃ ate a preferencia nas vozes os lastima; & he necessaria a igualdade ate nas vozes. Ajuntou David hum poderoso exercito contra Absalaõ; & dividio em tres troços, ou em tres partes: de huma parte fez cabo a Joab; de outra a Abitai; & da outra a Ethai. Mas he digno de reparo o modo, com que o texto sagrado falla desta repartiçaõ:

Dedit populi tertiam partem 2. Re.
18. 2.

sub.

sub manu Joab; & tertiam partem sub manu Abifai; & tertiam partem sub manu Ethai. Notavel modo de contar! tudo aqui eraõ terceiras partes? quando hum todo se divide em partes, naõ ha primeira, naõ ha segunda, & naõ ha terceira parte? claro estã, que sim ha; & tambem aqui as havia. Pois porque naõ diz: deu a primeira parte a Joab; deu a segunda parte a Abifai; & deu a terceira parte a Ethai? senaõ, que todas as partes foraõ terceiras? Estã foi a politica de David: pera impedir as queixas, ate os ecos da preferencia evitou. Se a parte de Joab tivesse o nome de primeira, podia se queixar Abifai de lhe darem a segunda; & se a parte de Abifai tivesse o nome de segunda, podia se sentir Ethai de lhes darem a terceira; pois ainda que pareça erro da aritmetica, he na politica o maior acerto: na ordem natural dos numeros implicação parece, que haja segundo sem primeiro: na ordem politica de David na precedencia do

primeiro estava a implicação toda; por isso confundio a ordem dos numeros; pera que naõ houvesse queixa nos contados. Isto he, o q̄ fez antigamente David com os miniltros da guerra; & isto fez hoje Christo cõ hum ministro do Evangelho: David, pera que naõ houvesse queixosos: Christo, pera remediar a queixa: *Noli esse incredulus.*

9 Mas he muito pera reparar, que pedio muito mais Thomè, do que se deu aos outros: aos outros concederaõlhe o ver as maõs, & o lado: *Ostendit eis manus, & latus:* Thomè naõ só pedia ver, mas tocar o lado, & as maõs: *Nisi videro, & mittam digitum meum in locum clavorum, & mittã manum meam in latus ejus, non credam.* Naõ se contentava com menos o Apostolo; & isso em premio de sua incredulidade: *Non credam.* Na verdade, que ha genios tam confitados, que a mesma offensa vos venderãõ por obsequio; & o mesmo agravo por merecimento.

10 E quem disse a Thome, que Christo havia de resuscitar, ou resuscitara com chagas? Chagas em hum corpo glorioso, donde as podia inferir Thome? Donde? do dano, que via em si, & do amor, que vira em Christo. Em si via o dano de sua incredulidade: em Christo vira o amor de hum Principe muy benigno: & inferio, que sendo necessarias pera seu remedio as chagas, as havia de conservar: porque a hum Principe tam benevolo mais lhe doe o dano de seus vassallos, do que seu proprio dano. Revelou Deos a Elrey Josias o castigo, que tinha decretado contra seu povo: cortado o Principe de sentimento insistia com muitas lagrimas às portas da Divina clemencia pera embargar a execuçaõ. A esta dor, & a estas lagrimas acudio Deos com hum notavel

4. Reg. despacho: *Scidisti vestimenta tua; & flevisi coram me; & ego audivi, ait Dominus: idcirco colligam te ad patres tuos; & colligeris ad sepulchrum tuum in pace.* Morre-

reis Josias em premio de vossas lagrimas. Pois a morte pode ser premio? se foi a morte castigo da culpa, como a dais, Senhor, em premio do merecimento? Sei eu, que a Ezequias as lagrimas lhe dilataraõ os annos. Pois a Josias porque lhe haõ de encurtar os dias as lagrimas? Vive Ezequias, porque chora; & porque chora Josias, hade morrer? Se esta sentença se dera em algum tribunal humano, aonde em huns se condena como delito, o que em outros se remunera como servico, naõ fora novo: mas no tribunal Divino a obsequio tam o mesmo remuneraçaõ taõ diversa? Sim: & ambas as sentenças foraõ pronunciadas no tribunal da Clemencia. Da Deos a vida a Ezequias em premio de sua dor: & dá a Josias a morte em pago de suas lagrimas. Era Josias hũ Principe muy benigno, & o mais amante de seus vassallos, que teve a quelle reyno, como bem testemunhaõ as lagrimas, que os ameaçados castigos lhe faziaõ verter dos olhos: creoda-

o decreto de Deos irrefragavel: Pois anticipe-se a morte a Josias, pera que se lhe poupe o sentimento maior: não chegue a ver affligidos a seus vassallos, pera que não chegue a padecer maior dor. A morte não se pode negar, q̄ he o maior mal; porque he a maior violencia da natureza; mas pera hum Principe ainda ha outro mal muito maior: & qual he? o mal de seus vassallos.

11 E a rezaõ deve ser, porque os vassallos são o coração do seu Principe. Ameaçava Deos a Faraõ com aquella tempestade de castigos, que lemos no sagrado texto; & dizia assim: *Mittam omnes plagas meas super cor tuum.* Todas estas penas haõ de vir sobre vosso coração. He certo, como bem advirtio Caietano, que nenhũ dos castigos precedentes ao naufragio do mar vermelho offendeo a Faraõ em sua pessoa. Pois como disse Deos, que os havia de executar no coração de Faraõ: *Mittam omnes plagas meas super cor tuum?* Disse q̄ as havia de

executar no coração de Faraõ; porque nos vassallos de Faraõ as havia de executar; & eraõ seus vassallos seu coração: la os vassallos sentiaõ os golpes; ca derramava o sangue o coração do Principe: Donde naquella pena era maior a dor do Principe; & a dor dos vassallos era menor: era menor a dor dos vassallos; porque cada hum sentia a sua: a dor do Principe era maior; porque sentia a de todos: a dor dos vassallos era dor do corpo; a dor do Principe era dor de coração: *Mittam omnes plagas meas super cor tuum.* E feito foi, quando o Principe era hum Faraõ, que sera, quando he hum Josias o Principe? He tanto, que posto entre o mal da morte, & o mal de seus vassallos por não chegar a ver este, toma aquelle por favor. Assim o cõcedeo Deos a Josias, & assim o recebeu Josias da mão de Deos: o mesmo texto o diz: *Ut non videant oculi tui, que inducturus sum super locum istum.*

12 Sendo pois esta a

condição de hum príncipe puramente humano, sentindo com maior excessõ os danos de seus vassallos, do que seus proprios danos, certo he, que se pera fechar as chagas de seus vassallos for necessario ter abertas as suas chagas, que sem duvida o fará. Daqui inferio não so discreta, mas tambem profeticamente Santo Thomè, que nem toda a gloria da resurreyção bastaria pera fechar as chagas de Christo; porq̃ via que haviaõ de ser necessarias pera remedio de suas chagas: *Nisi videro in manibus ejus fixuram clavorum, non credam.* Assim o discorre Thomè, & assim o obrou Christo sem descredito de sua gloria, antes com grande gloria de sua benignidade, & igualdade.

13 Mas parece que faz ruido a esta benignidade, & ainda à igualdade, que Christo exercitou com Thomè, a permissão, que usou com Judas. Não eraõ ambos vassallos? não eraõ familiares ambos? Sim eraõ. Pois se toma tanto a peitos, que se não

perca Thomè, que até o peitõ lhe abre: *Mitte manum tuam in latus meum;* como permite, que se perca Judas? Bem sei, que nesta materia a resposta mais Catholica he venerar com silencio os secretissimos juizos da providencia Divina. Digo contudo em gloria de São Thomè; que se empenha Christo tanto por Thomè; porque he hum sogetto de grandes prendas; & hum vassallo de grandes partes. Neste capitulo, de que a Igreja cortou o Evangelho pera esta festa, faz o Evangelista huma particular advertencia: Diz que Thomè era hum dos doze, que se chama Didymo: *Thomas unus ex duodecim, qui dicitur Didymus.* E Didymo, que quer dizer? Didymo quer dizer, hum homê, que val por dous: *Didymus, idest, geminus,* diz Alcecinõ. E pera que faz agora esta advertencia o Evangelista? pera que? pera que quando vissemos a Christo tam empenhado por Thomè, vejamos tambem a rezaõ; porque se empenha por hum sogetto tam

taõ cabal não reparara Christo em empenhar tanto, quãto empenhou pello mundo todo. Os Judas pouco se perde, em que se percaõ: Hũ Thomè perde se muito, em se não ganhar: aos Judas delhe o Principe hum bocado, que antes seja laço pera seu garrote, que sustento pera sua vida: a Thomè abralhe o peito, pera que veja o preço, que nelle tem. Aos Judas delhe de maõ: a Thomè delhe a maõ: que esta será a maior gloria de seu trono.

14 La vio S. Joaõ em o Ceo a o trono da gloria de Deos; & entre outras notaveis circumstancias, vio que o cercava em roda hum mar: *In conspectu sedis mare vitrum.* Hum mar? & não fora melhor hum Sol? hum mar, symbolo da inconstancia, q̃ a todos os ventos se muda: hum mar, emblema da infidelidade, que nas lisonjas de sereno dissimula os naufragios: hum mar, jeroglifico da crueldade, que com a mesma onda, com que levanta a obaxel, o açouta. Não fora melhor hũ Sol benefico por

natureza, amavel por condiçaõ, & por qualidade luzido? Não diziaõ melhor com o Senhor do trono estas qualidades, do que aquellas? Pois porque hade fer mar, & não Sol, o que assiste ao trono de Deos? Sabem porque? porque o Sol com o mesmo rayo faz crescer o mimo de huma rosa, & o agudo de hũ espinho; a herva salutifera, & a venenosa: o resplãdor de hũ diamante, & a rudeza de hũ penhasco. Porẽ o mar tẽ totalmente opposta a condiçaõ. Pagou hum galeaõ no meyo do Oceano com seu naufragio seu atrevimento: recolhe o mar em si os despojos de tam lastimosa victoria: & vereis, que todo o precioso o deixã ficar; porem aos corpos mortos, & os mantimentos corruptos: entre o rolo de suas ondas os vem vomitar à praya. Por isso Deos quer, que seja mar, & que não seja Sol, o que cerque a seu trono. Mar, que conserve o precioso; & não Sol, que sustente ao indigno: Mar, que despida de si ao inutil; & não Sol, que fomete

te ao veneno. Mar, que recolha em si o bom, & lance de si o máo; & não Sol, que sem differença alguma allumia máo, & bom. *In conspectu sedis mare vitreum.* E advirtão de caminho aquelles, á quem o vento sopra mais em poupa no mar da graça dos Principes, que se he mar, tambem he vidro: *Mare vitreum*, & que o vidro se com hum sopro se forma, també estala com hum sopro.

15 Demodo que a gloria do trono de Deos não consiste em admittir máos, & bons; senão em admittir aos bons, & excluir aos máos: & muito menos pode estar em excluir aos bons, & admittir aos máos. Não he o trono do Supremo Senhor, como os jardins dos Senhores, que tem por capricho de sua grandeza desterrar delles as arvores fructíferas. Por isso exclue a Judas, ou permite, que Judas se perca, & admitte a Thomè; porque valia por muitos curando a desconfiança de se imaginar desfavorecido com os maiores favores,

que Thomè podia imaginar.

16 Diraõ, que se Judas foi infiel, tambem Thomè foi incredulo. Respondo, que a infidelidade de Judas foi treição; a incredulidade de Thomè foi desconfiança, & por ventura nacida da fineza, com que amava a seu Principe; & huma culpa deste genero não só merece o perdaõ; mas ainda o favor: mas huma treição tam declarada, como a de Judas, merece, o que? o que Judas teve.

17 Temos visto a occasiõ, ou principio da incredulidade de Thomè; faltanos por ver o fim, ou motivo da permissão de Christo. Duas permissões notaveis teve Christo pouco antes, & pouco depois de sua morte: pouco antes de sua morte permittio, que cahisse Pedro; pouco depois de sua morte permittio, que cahisse Thomè: Pedro cahio negando: Thomè cahio não crendo. Mas destas duas permissões não me admira tanto a de Pedro, quanto me admira a de Thomè. Que permitta

mitta Christo cahir a Pedro, não he tanto; porque em fim não lhe havia de custar mais, que por os olhos em Pedro: *Respexit Dominus Petrum.* mas q̄ permita cahir a Thomè! a Thomè, que se hade resolver a não dar credito à gloria da resurreyção, s̄ renovar primeiro as chagas do mesmo Senhor resuscitado: *Nisi mittam manum meam in latus ejus, non credam?* Ora eu me resolvo, que ate no cahir ha dita; & que Thomè cahio mais venturosamente, que S. Pedro; porque se a grandeza da acção se hade medir pello fim, vejo, que a permissão em Pedro teve por fim a humildade de Pedro; & a permissão em Thomè teve por fim a maior gloria de Christo.

18 E pera isso reparava eu, em que a Pedro mandou Christo logo o remedio em hum rayo de seus olhos: *Respexit Dominus Petrum;* & a Thome levoulhe o remedio em suas chagas, mas depois de oito dias. Pois a Pedro com tanta pressa, & com tantos vagares a Thomè? Sim;

que permittio a incredulidade de Thomè pera maior gloria sua. Houvese Christo com Thomè, como se tinha havido com Lazaro. Soube Christo da enfermidade de Lazaro, & quando eu cuidava, que se puzesse logo a caminho, pera dar remedio à enfermidade, detevese tanto, que quando chegou, já Lazaro estava morto de 4. dias. Pois, meu Senhor, este he o cuidado de vossa fineza, esta a fineza de vosso cuidado? Se pera levar a faude aos outros, tomais azas: *Sanitas in pennis ejus;* porque a Lazaro trazeis tam vagaroso o remedio? O mesmo Senhor, que o fez, deu a rezão, porque o fazia: *Infirmi-^{Joan!}tas hæc non est ad mortem, II,* *sed pro gloria Dei, ut glorificetur filius Dei per eam.* Não he de morte a enfermidade, senão de muita gloria de Deos. E noto eu, que não disse Christo, que a resurreyção, mas que a infirmitade havia de occasionar esta gloria: *Infirmi-^{Joan!}tas hæc:* pois a enfermidade? Sim; que pello risco da enfermidade se ha-

via de medir a gloria da resurreycão: não resuscitara a Lazaro com tanta gloria, se o não deixara enfermar com tanto risco. Este foi o fim da enfermidade de Lazaro; este o da incredulidade de Thomè: deteve-se Christo em dar remedio a hum, & outro; porque pertendia do remedio de hum, & outro, sahir, como saho, mais glorioso.

19 E este he tambem (ou eu me engano muito) o fim, & o motivo, que Deos tem, em permittir, que o estado da India chegasse a o estado, que sabemos. Donde não venho hoje a retratar magoas nas perdas de Thomè: a alentar sim esperanças em sua restauração: não a ponderar, o que foi aquelle estado, quando Deos queria; fenaõ, o que Deos quer, que ainda seja. Não duvido, que se cópararmos aquelle estado consigo mesmo, se compararmos o que foi, com o q̃ he, que teremos muito, que sentir. Mas em hum dia, em que vemos gloriosamente restaurado ao Padroeiro da India; porque não espera-

remos, que a India se restaurará? & com tanto maior gloria, quanto he maior sua infirmitade: *Infirmitas hæc non est ad mortem, sed pro gloria Dei.*

20 Muitas vezes me tem vindo este pensamento, & cada vez me confirmo mais nelle; que não lhade permittir Deos, que o Oriente se perca. He certo, que Christo deu a Portugal as suas chagas por armas; mas não as deu a Portugal por amor de Portugal; deu-as a Portugal por amor do Oriente. O Oriente he, o que principalmente tem por si as chagas de Christo: pois não temos, que temer, que o Oriente se perca; ainda que o vejamos no mais perigoso estado. Thomè chegou ao estado mais perigoso, que podia: ninguem esteve tam a pique de se perder; & com tudo não se perdeu; antes se restaurou com maior gloria: & porque? porque se valeo das chagas: *Nisi videro in manibus ejus fixuram clavorum.* Como pos seu remedio nas chagas, teve nas chagas o melhor

melhor remedio. Não está mais impossibilitada a restauração daquelle estado, do q̄ estava a do reyno, hoje faz 36 annos; & cõtudo vemos restaurado o reyno, & ainda levãtado a maior gloria: & porque não esperaremos, que succeda na parte, o que succedeo no todo? porq̄ não succederã a Portugal cõ a India, o que succedeo a Portugal consigo mesmo? Deos não fez reyno a Portugal por amor de Portugal; fez reyno a Portugal por amor do Oriente: assim o disse o mesmo Senhor em sua instituição: *Ut feratur nomen meum per exterar gentes.* Pois se Deos restituiu Portugal a si mesmo; porque não restituirã a India a Portugal? Se se perder de todo o Oriente, podemos temer, que se perca Portugal; mas em quanto Portugal se não perder, não tenhaes medo, que o Oriente se perca.

21 Mas vamos aalgũas conjecturas desta gostosa verdade. E seja a primeira ver, que ainda Deos deixa aberto o caminho pera a re-

stauração daquelle estado: emquanto temos desempedido o caminho, temos meyo caminho andado pera sua restauração. Se Deos quizesse lançar pera sempre aos Portuguezes da India, não só havia de fechar a India; mas ate os caminhos havia de fechar. Lançou Deos a Adaõ do Paraizo, & diz o texto, que puzera hum Cherubim por guarda daquelle lugar. *Collocavit ante paradisum voluptatis Cherubim. ad custodiendam viam lignivitæ.* Pera guardar o caminho da arvore da vida. Pera guardar o caminho; aqui reparo. Deos queria, que Adaõ não recuperasse o Paraizo; queria, que não tornasse a entrar naquelle lugar; donde por seus peccados o lançara: & pera isso bastava guardar o Paraizo; mas o caminho pera que? que importava ficar aberto o caminho, se estava fechado o Paraizo? Que importava? Muito. Se Adaõ tivesse desempedido o caminho, logo acharia caminho pera restaurar o Paraizo; porque quem lhe dei-

xava o caminho aberto, era final que queria, que entrasse outra vez Adão. Pois pera que Adão se despidadesse pensamêto, não se guarde só o paraizo, guardese tambem o caminho: *Ad custodiendam viam ligni vitæ*. Ategora não deu o Senhor, nem dará (assim o espero) a Portugal este desenganano na restauração do Oriente: He verdade, que lançou de muitas terras daquelle estado aos Portuguezes; mas ainda deixou aberto o caminho; ainda temos terras; ainda temos commercio; ainda temos portos; ainda temos náos; ainda temos armas; ainda temos Portuguezes naquelle estado; & não he isto hum grãde penhor de sua restauração? Ainda Deos conserva por Portugal a cabeça daquelle estado: ainda nella tem seu trono, os que tem o lugar do nosso Principe; & não he isto huma bem fundada esperança, de que o havemos de recuperar?

22 Quando Deos lançou do Ceo a Lucifer, & a seus sequazes, diz o Evan-

gelista S. Joáo, que derrubara tambem seus tronos, ou suas cadeiras: *Neque locus inventus est eorum amplius in caelo*. Pois o trono, ou cadeira, que culpa tinha na culpa de Lucifer? Que Deos lance do Ceo ao Anjo Apostata, não merecia menos seu delicto; mas ao trono, porque? Ocazo he, que não lançou Deos ao trono por castigar a o trono; lançou a o trono pera desenganar ao senhor do trono. Se Lucifer visse, que o seu trono ficava ainda no Ceo, podia entrar em esperanças de restaurar o reyno do Ceo, & de recuperar o estado perdido; pois pera q̄ perca o reyno, & as esperanças, venha abaxo com Lucifer o seu trono: *Neque locus inventus est eorum amplius in caelo*. Assim destroe Deos, quando quer destruir de todo; & quando assim não destroe, he final, que quer conservar. Trono dos Principes Portuguezes ainda no Oriente a pezar de tantos contrarios! pois quer Deos, que restaurem os Principes Portuguezes o Oriente.

23 Mas a conjectura mais efficaç, que eu tenho pera me persuadir, que hade renascer de suas cinzas mais glorioso o Oriente, he ver, que se Deos mandou cortar com tanto rigor os ramos, deixou na terra as raizes. La mostrou Deos ao Rey de Babylonia huma arvore, em que parece se poz a retratar, o que a India foi, o que he, & o que ainda hade fer. Via, diz o Rey, huma arvore tam enormemente crecida, que seus ramos podiaõ servir de trono às estrellas: *Proceritas ejus contingens cœlum*: tam estendida de braços, que se mediaõ com os ultimos horizontes do mundo: *Aspectus illius erat usque ad terminos universæ terræ*: em suas folhas tam fermosa, que podiaõ fer espelhos à mesma belleza: *Folia ejus pulcherrima*. Seus fructos tam copiosos, que eraõ o sustento do mundo todo: *Fructus ejus nimius, & esca universorum in ea*: Sua sombra era o refugio de toda a sorte de brutos: *Subter eam habitabant animalia, & bestia:*

em seus ramos vinhaõ ultimamente a descantar as aves do Ceo: *In ramis ejus conversabantur volucres cœli*. Naõ sei, com que tintas mais proprias se podia copiar a India. Naõ foi a India, aquella altissima arvore, em cujos ramos subio às estrellas a gloria dos Portuguezes: *Proceritas ejus contingens cœlum?* Naõ foi a India, aquella dilatadissima arvore, em cujos braços se estendeo a hum, & outro emisferio o valor do braço Portuguez: *Aspectus ejus usque ad terminos universæ terræ?* Naõ foi a India, aquella fermosissima arvore, em cujas folhas se escreve raõ com o sangue Lusitano as mais gloriosas victorias, que o mundo vio, nem hade ver *Folia ejus pulcherrima?* Naõ foi a India, aquella riquissima arvore, cujos fructos, depois de inundarem a Portugal, enriqueceraõ toda a Europa: *Fructus ejus nimius?* Naõ foi a India, aquella bonissima arvore, a cuja sôbra se davaõ por seguras tantas naçoês barbaras, & brutas: *Subter eam habitabant animalia,*

nimalia, & bestia? Não foi finalmente a India, aquella arvore de ouro, em cujos ramos achavao descansa os Galeões Portuguezes, que como aves ligeiras voavao de Portugal a o Oriente: *In ramis ejus conversabantur volucres caeli?* Tam conforme, como isto, estava a nossa copia com aquelle original. Mas o' inconstancia da felicidade humana! quando o Rey estava mais absorto na lizonja desta representação, ouviu hũa voz do Ceo, que mandava, que arvore, & ramos tudo viesse a terra. *Ecce vigil, & Sanctus de caelo descendit: clamavit fortiter, & sic ait: succidite arborem, & praciditeramos ejus.* Cortai essa arvore, & não perdoeis a seus ramos. Decia o Ministro da quella execução com hum golpe, & levava a abundancia dos fructos: decia segunda vez com outro golpe, elevava a fermosura das flores: decia terceira vez com outro golpe, & levava a espessura dos ramos: decia finalmente com o ultimo golpe, & levava a fortaleza do

tronco: não succedeo assim à India? mas não repitamos os golpes, por não refrescar as feridas: antes allivemos a dor, do que he com a esperança, do que hade ser.

24 No maior rigor desta execução advirtio o Anjo ao ministro, que os golpes não offendessem as raizes: *Veruntamen germen radicum ejus in terra finite.* Pois se o Anjo mandava cortar a arvore, porque perdoa à raiz? Porque a não cortava, pera a destruir, cortava, pera a renovar: Quem deixava a raiz na terra, queria, que resflorecesse a arvore com maior força. Assim succedeo à quella arvore, & assim quer Deos, que succeda à nossa. He verdade, que quasi a vemos no chaó; mas ainda temos nella grandes raizes. E que raizes são estas, que Portugal tem ainda no Oriente? As raizes são, as q' estão debaxo da terra: & estas são os ossos daquelles Heroes Portuguezes, que a morte semeou por todo o Oriente. Estes a conquistarao; estes a defenderaó, estes a sustentaraó.

em quanto vivos : destes depois de mortos hade renacer ainda com maior gloria. Aquelle primeiro Descubridor, & Conquistador do Oriente, a cujo valor deve Portugal o Oriente de sua gloria, pedio licença ao Serenissimo Rey Dom Manoel, pera trasladar da India a Portugal os ossos do grande Affonso de Albuquerque. Negou El Rey a licença dizendo, que em quanto os ossos de Albuquerque estivessem em Goa, estaria seguro o Oriente. O mesmo pudera dizer dos ossos de tantos, & tam valerosos Portuguezes, quantos cobrem as terras, & quantos sepultaõ os mares do Oriente; que não conto agora, porque fallo aos olhos, dos que os trazem nelles pera a gloria (ó seja tambem pera a imitação?) O mesmo pudera dizer dos ossos do gloriosissimo Padroeiro daquelle estado Santo Thomè; & o mesmo dirá agora em o Ceo dos ossos do segundo Apostolo da India o grande Xavier. E se Deos deixa tan-

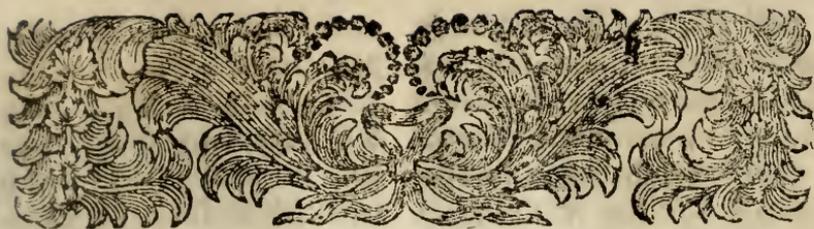
tas raizes àquella arvore; porque não direi eu, que a não cortou, pera a destruir; senão q̃ a cortou pera a renovar? Não são fructos destas raizes aquelles generosos espiritos, que gloriosamente ardem no peito de nosso augustissimo Monarcha pera restaurar o Oriente?

25 Agora me parece, q̃ quer Deos dar comprimeto, aquella antiga promessa, que nos tem feito, de levantar em Portugal o seu imperio, quando vejo, q̃ nos deu hum Principe tam empenhado na restauração do Oriente. Veyo o Principe da Gloria ao mundo, pera restaurar o imperio, que o Principe das trevas tinha tyrannicamente usurpado: & em que parte do mundo poz o primeiro empenho? por onde começou esta restauração? Por onde? pello Oriente, diz S. Matheus: *Ecce Magi ab Oriente venerunt.* Por aqui começa hum Principe Deos; & por aqui começa hum Principe de Deos. O seja assim, Soberano

rano Principe da Gloria;
dai esta gloria ao vossô, &
ao nosso Principe por inter-
cessão do gloriosissimo Pa-
droeiro daquelle estado; pe-

ra que carregado de palmas,
& de victorias entre com se-
us vassallos triunfante no
reyno de vossa gloria.





S E R M A M DE SANTIAGO

*Dic, ut sedeant hi duo filij mei, unus ad dexteram tuam,
& unus ad sinistram in regno tuo. Mat. 20.*

§. I.

I  Uma petição, & hum despacho; huma petição, que o amor de hũa máy fez a Christo; hum despacho, q̄ Christo deu a esta petição; he toda a letra deste Evangelho. Mas que petição; mas que despacho? Chegou a Christo (diz o Evágelista) a Máy dos filhos do Zebedeo; & com o joelho em terra adorou, & pedio; & que pedio? Naó menos, que os dous la-

dos do Principe: *Dic, ut sedeant hi duo filij mei, unus ad dexteram tuam, & unus ad sinistram in regno tuo.* Muito pedio: mas ser curto no pedir, he sinal de ser escaso no dar. Esta foi a petição; & o despacho qual foi? Mais se co ao que parece, do que se prometia a esperança fundada no sangue, no amor, no valimento: *Nescitis, quid petatis.* Naó sabeis, o que pedis, respondeo Christo aos filhos: Mas se a Máy fez a peti-

petição, porque responde Christo aos filhos, & não à Mãy? porque na Mãy pedia o amor, nos filhos a ambição; & o que negou à ambição dos filhos, não se atreveo a negar a o amor da Mãy.

2 Perguntoulhes Christo se tinham animo pera beber o Caliz, que o mesmo Senhor havia de beber: *Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum?* Muito pode o exemplo do Principe: nos outros homês o exemplo he só exemplo; no Principe o exemplo he preceito: os outros homês com o seu exemplo ensinão; os Principes com o seu exêplo mandaõ. Vendo pois os dous pretendentes, que Christo lhe offerencia não outro, mas o mesmo Caliz, que elle havia de beber: *Quem ego bibiturus sum*, generosamente alentados responderão: *Possumus*. Concedelhes Christo o Caliz, mas difficultoulhes os lugares, q̄ pediam, remettendo o provimento delles à disposição de seu Eterno Pay: *Non est*

meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.

3 Este foi o despacho, sobre o qual se dividem os Expositores em duas opiniões: Huns dizem, q̄ Christo lhes negou, o que pediam; outros querem com S. Jeronymo, que nem negou, nem concedeo; não negou, pera não envergonhar aos dous pretendentes: *Non dixit: Neque non sedebitis; ne duos confunderet*: nam concedeo, pera que os outros Condiscipulos não tivessem occasiam de se escandalizar: *Neque sedebitis; ne alios irritaret*. E eu que hei de dizer? Digo pera maior gloria do grande Apostolo Santiago, em cujos applausos se empenha hoje com tanto estrondo a piedade de poucos annos, a nobreza de muitos seculos, a indole de hum Anjo com a Comenda de Christo no peito, pera celebrar a de Santiago na festa; em sim (a perola de sua côcha o nosso muito Illustre Juiz) digo pera maior gloria de Santiago, que Christo poz por despacho a sua petição: *Como*

mo pede: & lhe deu a Cadeira a seu lado; & à sua mão; mas que lado, & que mão? Isso he o que havemos de ver logo com a graça Divina.

AVE MARIA.

§. II.

Dic, ut sedeant, &c.

4 **P**Edio a Mãy pera seus dous filhos duas cadeiras, hum a à mão direita, outra à mão esquerda de Christo. Isto diz o Evangelho; mas não diz, nem eu sei quem o dissesse; pera qual dos filhos pedia a cadeira da mão direita; & pera qual da mão esquerda? Se pedia a da mão direita pera Santiago, & a esquerda pera S. João; ou se pedia a direita pera S. Joam, & a esquerda pera Santiago? Eu bém sei, que ha de ter o Evangelista muitos apaixonados; & se o Sermao fora em outra parte muito mais apaixonadas; q̄ham de ter por sem duvida, que a Cadeira da mão direi-

ta, como mais nobre, mais authorizada, & de maiores consequencias se pedia pera S. Joam; Joam foi o Benjamim de Christo, como Benjamim o Joam de Jacob; & Benjamim quer dizer: *Filius dextrae*: Filho da mão direita: logo a mão direita pedia-se pera Joam, & a esquerda pera Diogo. Mais Joam era mais moço; Diogo mais velho; & as mãys pella maior parte mais amaõ os filhos mais moços, que os mais velhos. Naquelle batalha de Esau cõ Jacob sobre o morgado da Caza, todo o empenho de Rebecca foi, que o levasse Jacob, & não Esau: Jacob era mais moço, Esau era mais velho; & o amor da Mãy pozse da parte dos menos annos de Jacob. Logo parece, que a melhor cadeira não a pedia o amor da mãy pera Diogo, que tinha mais annos, fenaõ pera Joam, que tinha menos idade. Sobre tudo, bém tinha entendido esta mãy a vontade declarada, com que Christo favorecia a Joam; & havendo de pedir lugares pera os

filhos, claro está, que havia de pedir o melhor lugar pera aquelle filho, a quem o Principe singularizava entre todos com sua benevolência. Assim parece, que discorrem os apaixonados do Evangelista.

5 Mas eu venho hoje não da parte do amor, mas da parte da razão; porque tenho da minha parte o Racional. Entre as vestiduras sagradas, que Deos mandou fazer a Moyses pera ornato do Sûmo Sacerdote quando entrasse no Sanctuario, era huma, que se chamava Racional, que lhe tomava o peito; & nella mandou Deos, que se engastassem doze pedras preciosas em quatro ordens, ou fileiras: na primeira fileira ardia o Sardio, luzia o Topasio, resplandecia a Esmeralda; na segunda scintillava o Carbunculo, abraçava-se a Safira, accendia-se o Jaspe; na terceira inflamava-se o Ligurio, o Achatres, & o Ametisto; na quarta o Chrysolito, a Onix, & o Berillo. Se agora perguntais a allegoria de tudo isto, respondem; que o Sûmo Sacerdote representava a Christo, & as doze pedras preciosas aos doze Apostolos. E que pedras representavao a Santiago, & a S. Joam? Diz o doutissimo à Lapide com outros muitos, que S. João era representado na Esmeralda; porque a Esmeralda he symbolo da pureza, em que o Evangelista se esmerou mais: E Santiago era representado no Carbunculo; porque o Carbunculo representava a Charidade, & amor, em que Santiago excedeo, sendo o primeiro dos Apostolos, que deu a vida por Christo. E que lugar occupava no Racional o Carbunculo, & a Esmeralda? o Carbunculo occupava a mão direita, & a Esmeralda a esquerda. Ora vedeo: a primeira fileira consistava de tres pedras; a primeira pedra estava à mão direita, & era o Sardio, a segunda, que estava no meio, era Topasio: a terceira que estava à mão esquerda era a Esmeralda: vedes ahi S. Joam à mão esquerda. Vamos por diante:

diante: na segunda fileira, a primeira pedra, que estava à mão direita, era o Carbunculo: vedes ahi Santiago à mão direita. De modo, que no racional do amor, se he q o amor tem rezaõ, podera S. João ficar à mão direita, & Santiago à esquerda; mas no racional do juizo, a Santiago da se a mão direita, & a S. Joam a esquerda; assim o dispoz Deos no Racional; & não he rezam, que o amor ainda que seja de Mãy, quizesse outra couza. Nem desfavorece este pensamento o Evangelho.

6 Fazem os Evangelistas hum catalogo, ou lista dos doze Discipulos, que Christo levantou à dignidade de Apostolos; & todos nomeaõ primeiro a Santiago, que a S. Joam: S. Lucas diz: *Simonem, quem cognominavit Petrum, & Andream fratrem ejus, Jacobũ, & Joannem.* S. Marcos: *Et imposuit Simoni nomen Petrus, & Jacobum Zebedæi, & Joannem fratrem Jacobi.* S. Matheus. *Primus Simon, qui dicitur Petrus, & Andreas*

frater ejus; Jacobus Zebedæi, & Joannes frater ejus. Santiago sempre preferido a S. Joam; sempre nomeado em primeiro lugar? Direis, que os Evangelistas tiveram respeito aos annos, & não à dignidade; & como Santiago hia adiante nos annos, por isso o nomearam primeiro, que a S. Joam. Boa soluçaõ, senão tivera tam perto a instãcia. Ouvia S. Matheus: *Primus Simon, qui dicitur Petrus, & Andreas frater ejus.* Da o primeiro lugar a S. Pedro, & o segundo a Santo Andre; & quem era mais velho? mais velho era Santo Andre, que S. Pedro: logo não segue S. Matheus a ordem dos annos, senão a preferencia da dignidade: & nesta como nos annos parece, que preferia Santiago a S. Joam: Logo pera Santiago pedia a mãy a cadeira da mão direita; porq quem preferia na dignidade, tambem preferia na cadeira.

7 E pera que he determonos em conjecturas; se nos effeitos se podem ler as intençoës. Despachou Chri-

sto a petição, & deu em seu reino duas cadeiras aos dous irmãos: Este reyno de Christo, que tambem se chama do Ceo, he a Igreja Militante: assim o diz S. Gregorio Papa: *Regnum Caelorum presentis temporis Ecclesia dicitur*, & o prova entre outros textos, com cap. 25. de S. Matheus, em que Christo compara o reino do Ceo a dez Virgens; das quaes cinco eram prudentes, & cinco loucas: logo por este reino do Ceo não se pode entender o reino da bema-venturança; porque neste não entrou, nem hade entrar alguma louca, ainda que seja Virgem: entendese logo pello reino do Ceo a Igreja de Christo na terra: & neste reino despachou Christo aos dous irmãos com duas cadeiras; porque a cada hum delles deu sua Primazia; & sua Cadeira Pontificia. Agora digo, que a Santiago deu a Cadeira da mão direita; & a S. Joam à da mão esquerda, & de que modo? Eu o direi. S. Joam teve a sua Cadeira Pontifical no Oriente; &

Santiago no Occidente: S. Joam no Oriente, porque a teve em Asia menor: Santiago no Occidente; porque a teve em Hespanha: Pois o Occidente he a mão direita; & o Oriente a esquerda? Os Filósofos, & os Geógrafos, dizem q̄ não: mas os Astrónomos dizem, q̄ sim. *Astronomi* (diz o Padre Clavio insigne Mathematico) *Occidentales partes Caeli dextras, & Orientales sinistras vocant*. E porque ha esta diversidade entre os Geógrafos, & os Astrologos? A rezam he; porque os Geógrafos tratam da terra, & os Astrologos do Ceo, & quem se trata da terra, que muito he, que tome o Ceo as avessas, & que chame esquerdo ao direito, & direito ao esquerdo: porem o Astrologo como trata do Ceo, da a mão direita ao Occidente, & a mão esquerda a o Oriente. E como neste reyno do Ceo, que he a Igreja, S. Joam teve a sua Cadeira no Oriente, que he a parte esquerda do Ceo; & Santiago teve a sua no Occidente, que he a parte di-

te direita, ficou Santiago cõ a cadeira da mão direita, & S. Joam com a da esquerda: E se os effeitos sam indices das intenções, pera Santiago se pedia a cadeira da mão direita, & pera S. Joam a da esquerda: *Dic, ut sedeant hi duo, &c.*

§. III.

8 Mas não he rezam, q̄ passemos tam de longe, estando tam perto, por esta cadeira de Santiago. Dissemos, que Santiago tivera a sua cadeira no Occidente, & no Occidente em Hespanha. Mas não dissemos em que lugar, & em que Cidade de Hespanha puzera a sua cadeira Santiago? O gloria singular a da nossa terra! Dividiram os Apostolos entre si o mundo todo, pera pregarem a todo o mundo, como Christo lhes tinha mandado: *Euntes in mundum univ^{er}sum, predicate Evangelium*: S. Pedro partio pera Italia; S. Joam pera Asia menor; S. Andre pera Achaia; S. Thadco pera Persia;

S. Simão pera Egipto; S. Bartholomeu pera a India Citerior; S. Thome pera a Superior; S. Tiago Menor pera Jerusalem; S. Matheus pera Ethiopia; S. Felippe pera Seythia; S. Mathias pera Jude; & o nosso S. Tiago pera Hespanha. Mas que lugar, & que Cidade logrou primeiro a presença, a doutrina, os milagres deste gloriosissimo Apostolo? O gloria (torno a dizer) O gloria singular a da vossa, ou a da nossa terra! A primeira Cidade de Hespanha, que teve a dita de ouvir a Santiago, foi Braga. Ainda não conheceis bem a grandeza de Braga. Os Apostolos guardaram sempre este estylo nas provincias, em q̄ entravaõ: escolhiam, pera pregar, aquellas Cidades, que eram as metropoles, & as principais: *Primariæ merito sunt ab Apostolis urbes delecta ad Evangelium*: diz o doutissimo Padre Lorino. E assim escolheraõ em Palestina a Jerusalem; em Syria a Antioquia; em Achaia a Corintho; em Egipto a Alexandria; em

In Act.
Apost.
c. 18.
& 19.

Asia menor a Efezo, em Italia a Roma, & em Hespanha a Braga: Pois não achou Santiago nas Hespanhas outra Cidade mais populosa, mais illustre, mais afamada p'ra dar principio à pregação Evangelica? Nam. Notai. Das quatro partes do mundo a melhor he Europa; de Europa o melhor he Hespanha, de Hespanha o melhor he Portugal; de Portugal o melhor era Braga naquelle tempo; & neste tempo? Não digo nada: vos o vedes.

9 Em fim que Braga foi a primeira, a quem Santiago illustrou com os rayos do Evangelho. E Santiago foi o primeiro, que fora de Judea pregou o Evangelho. É pera assentar em Braga a Primazia, fez tambem em Braga o primeiro milagre. Foise a huma sepultura, como Christo à de Lazaro, levantou a voz, & chamou hum morto, não de quatro dias, como Lazaro, mas de mais de seis centos annos: Ouvem as cinzas do defunto os brados do Apostolo: sahem animadas da sepultura; & com o nome

de Pedro o sagra primeiro Bispo de Braga: Este foi o invictissimo Martyr S. Pedro de Rates. Ha mais nova, ha mais notavel, ha mais inaudita maravilha! Meu glorioso Apostolo, quereis deixar em Braga hum substituto vosso; & ides buscallo a o outro mundo? Sim; que so hum Profeta resuscitado podia supprir as auzencias de Santiago.

10 Perguntou Christo a seus Discipulos, que opiniaõ corria entre os homês, de sua Pessoa: *Quem dicunt* Mat. 16. 14 *homines esse filium hominis?* Responderaõ, que huns diziam, que era Helias; *Alij Heliam*: outros que era Jeremias: *Alij verò Jeremiam*. Jeremias havia mais de seis centos annos, que era morto; & Helias havia mais de oitocentos, que tinha desaparecido deste mundo. Pois como dizem estes homês, q' Christo era ou Helias, ou Jeremias: *Alij Heliam; Alij Jeremiam?* Porque era tam grande a Santidade da vida, que Christo fazia; era tanta a admiração das maravilhas,

lhas, que obrava, que tive-
 raõ pera si, que naõ havia,
 nem podia haver no mun-
 do, quem fizesse tanto, senaõ
 fosse hum profeta resuscita-
 do; porisso foram buscar ao
 outro mundo a Helias, & a
 Jeremias. *Alij Heliam; alij
 verò Jeremiam.* Os outros
 Apostolos deixavaõ por
 Bispos das Cidades conver-
 tidas a algum dos converti-
 dos; Santiago pera deixar
 hum Bispo a Braga, foi-o
 buscar ao outro mundo. Os
 Bispos eram successores dos
 Apostolos, & achavaõ os ou-
 tros Apostolos, quem lhe
 succedesse, & supprisse o seu
 officio; Santiago era de tam
 grande espirito, que naõ a-
 chou successor na terra: trou-
 xe-o do Ceo: so hum bema-
 venturado podia ser succes-
 sor de Santiago.

Mas se he grande gloria
 de Santiago ter por seu suc-
 cessor a hum bemaventura-
 do, naõ parece grande lou-
 vor de Braga ter por seu pri-
 meiro Bispo a hum morto.
 Pera pregar, pera converter,
 pera ensinar a Braga a ver-
 dade de nossa fê, he necessa-

rio, que venha da outra vida
 o Pregador? naõ havia pre-
 gadores no mundo? Parece-
 me esta resoluçãõ de Santi-
 ago com a do rico avarento.
 Vio elle la do inferno, em q̃
 estava, ao pobre Lazaro no
 seyo de Abraham, & pedio
 ao Patriarcha, que o man-
 dasse a este mundo pregar a
 cinco irmaõs, q̃ nelle tinha,
 pera que fizessem peniten-
 cia de seus peccados, & o
 naõ fossem acompanhar na-
 quelle lugar dos tormentos:

Rogo, ut mittas eum in domũ Luc:
patris mei; habeo enim quinque 16.

*fratres, ut testetur illis, ne &
 ipsi veniant in hunc locũ tor-
 mentorum.* Pois naõ havia no
 mundo pregadores? Sim ha-
 via: *Moysem habent, & Pro-
 phetas, audiant illos;* escuza-
 do era logo vir o pregador
 do outro mundo? Nam era
 na opiniaõ do rico avaren-
 to; porque tal era elle, como
 seus irmaõs; & seus irmaõs
 tais, como elle; & como elle
 vivendo se naõ converteo
 com os pregadores deste
 mundo, assim julgava, que
 elles se naõ converteriaõ;
 por isso pedio a Abraham, q̃

lhes mandasse do outro mundo o pregador: *Rogo, ut mittas eum in domum patris mei.* Pera os outros povos, & cidades bastam os pregadores deste mundo; pera Braga hade vir do outro mundo o pregador! Convertemse as outras nações com a pregação dos vivos; & Braga não se converte, senão com a pregação de hum morto? Hora não entristecemos o discurso.

II Digamos antes, que pera dar Prelado a Braga, não achou Santiago no mundo, quem dignamente o pudesse ser; pera isso resuscitou a hum Profeta. E então temeraõ os Prelados de Braga morrer em Braga, quando, pera ser Prelados de Braga, resuscitaõ ate os mortos. Em fim como Santiago fazia a Braga Primás das Hespanhas, quila fundar em hum Santo resuscitado. E pera que? Pera dar a Braga hum Anjo por Prelado: *In*

Anjos de Deos: antes da resurreiçaõ os justos sam homens; na resurreiçaõ os homens são Anjos. Vede a obriçaõ, em que estais a Santiago: os outros Apostolos deraõ aos seus convertidos homens por Prelados; Santiago deuvos por Prelado hũ Anjo. Esta Braga, digo, he a Cadeira da maõ direita, que a Mãy devia pedir, & Christo concedeo a Santiago: *Dic, ut sedeant hi duo filij mei, unus ad dexteram tuam.*

§. IV.

II E não fo deste modo teve Santiago a primeira cadeira, ou a cadeira da maõ direita; mas ainda mais; porque foi o primeiro entre os Apostolos, que perdeu a vida por amor de Christo. No Evangelho disse Christo aos dous irmaõs, que beberiam o seu Caliz: *Calicem quidem meum bibetis*: por este caliz entendem os Expositores a morte; & Santiago não fo primeiro, que S. Joam, mas primeiro, que os outros Apostolos de Christo

Mat. 22. 30. *resurrectione erunt sicut Angeli Dei*, diz Christo Redemptor nosso. Quando resuscitarem os justos seram como

fto padeceo a morte por amor de Christo. Depois de affentar em Braga a Primazia das Hespanhas, voltou Santiago a Jerufalem, aonde Herodes Agrippa, neto daquelle Herodes, que matou os Innocentes, & herdeiro de fua crueldade mandou degollar ao Sagrado Apoftolo. Notavel cazo! q̄ eftando naquelle mefmo tempo em Jerufalem os Apoftolos, foffe Santiago o primeiro, de quem Herodes lançaffe mão pera o martyrio? Naõ estava ahi S. Pedro, que era o Principe de todos? naõ estava S. Joam, que fe levantava sobre todos com o titulo de amado? Pois contra Santiago fe hade defembainhar primeiro a espada de Herodes? Sinal he, que era Santiago, o que fazia mais guerra a Herodes, & o que mais se punha em campo pella fê, & pella Divindade de Christo: mas fe era filho do trovaõ, como Christo lhe chamou, que muito, q̄ tivesse as qualidades de rayo.

13 Sobem da terra atrahidas do calor do Sol as

exhalaçoẽs, ou do ouro, ou dos metais, como dizem novamente os Filofofos: recolhẽas dentro em feu feyo a nuvem; unefe a materia; acendefe, toma fogo, dilatafe com o calor, & naõ cabendo nem em fi, nem na nuvẽ, rasga, rompe, dece, atoa, fere, & converte tudo em pó, & cinza: isto he o rayo; & tanto como hum rayo era Santiago. Depois que concebeo no peito o fogo do Espirito Santo nam cabendo em fi, nem no mundo, fahio de Jerufalem, veyo a Hespanha, pequeno theatro a feuzelo, passou a França, de França, a Inglaterra, de Inglaterra a Veneza, de Veneza a Corunha, aonde embarcou outra vez pera Jerufalem, espalhando como rayo a luz da Doutrina Evangelica. La dizia Deos ao Santo Job, fe era elle tam poderoso, que os rayos lhe obedecessem, & depois de executar feus mandados voltassem a fua prezença: *Nunquid* Job.¹
mittes fulgura, & ibunt, & 38. 35.
revertentia dicent tibi: Adsumus. Difficultosa sentença?
Pois

Pois os rayos depois de despedidos, ou mandados das nuvês, tornaõ às nuvês? Depois de sacudida do arco da nuvem effa setta de fogo, q̄ chamamos rayo, abrazando, naõ se abraza, confumindo, naõ se consome; & fazendo em cinzas tudo, o que fere, naõ se resolve tambem em cinzas? Tambem: Pois como diz Deos, que tornaõ: *Et revertentia dicent tibi: Adsumus?* Se ficam na terra, como tornam a subir, donde cahiram? Sabeis, porque tornam, ainda que naõ tornem; porq̄ fizeram aquillo, pera que viveram. Quem faz aquillo, a q̄ foi, torna, ainda que naõ volte; & quem naõ faz, ao que foi; ainda que volte, naõ torna: & como os rayos executãõ, o que Deos lhe manda, ainda que naõ voltem, tornaõ: *Et revertentia dicent: Adsumus.*

14. E Santiago naõ so voltou como rayo; porque executou em Hespanha, o a que veyo; mas porque voltou na realidade a Jerusalé, donde sahira. E como o fogo de seu espirito, o fervor

de seu zelo, & a luz de sua doutrina era verdadeiramente de rayo, ferio os olhos de Herodes, & dos inimigos de Christo tam mortalmente, que se resolveram a lhe tirar a vida primeiro, que a nenhum dos outros Apostolos; porque Santiago era o primeiro entre todos, que pregava a fê, & a verdade do Evangelho com maior efficacia, & a confirmava com estupendos milagres.

15. Grande gloria de Santiago ser o primeiro entre os Apostolos no martyrio: a gloria de ser primeiro naõ so o faz primeiro, mas unico: unico como pode ser? Os outros Apostolos naõ foraõ tambem martyres; naõ acompanharaõ a Santiago nesta gloria, & por ventura com circumstancias de maior triumpho? o martyrio de Santiago foi o golpe de huma espada, que em poucos momentos lhe levou a cabeça dos hombros: E quanto mais tyranno foi o martyrio de hum S. Pedro suspenso em huma Cruz com os pês pera o Ceo, & com a cabeça pera a terra?

a terra? Quanto mais inhumano foi o tormento de hũ Santo Andre, que dous dias esteve padecendo o rigor de huma Cruz, em que o mandou pregar a crueldade de Egêas? É assim dos mais Apostolos: Como digo eu logo, que Santiago foi unico? Digo, & torno a dizer, que foi unico; porque foi o primeiro. Quem vos não tira o ser primeiro, não vos tira o ser unieo.

16 Falla o Sagrado Texto de El-Rey Ezequias, & compoemlhe este grande elogio: *Itaque post eum non fuit similis ei de cunctis regibus Juda; sed neque in his, qui ante eum fuerunt.* Foi tam unico Ezequias, que nem antes, nem depois de si teve semelhante entre todos os Reys de Israel. A rezam, que o Sagrado historiador teve, pera dar a Ezequias hum tam singular louvor, he porque este Rey foi tam religioso, & zelador da honra de Deos, que destruiu os idolos, & os templos, em que os Israelitas os adoravaõ; não sofrendo, que seus vassallos

dessem a paos, & pedras a honra devida unicamente à verdadeira Divindade; & neste zelo, nesta piedade, diz o Sagrado Texto, que foi unico Ezequias; & que nem antes, nem depois de si teve semelhante. Hora eu não quero comparar a Ezequias com David, que foi antes; so o quero comparar cõ Josias, que foi depois. Lede o cap. 23. do quarto livro dos Reys, & ahi podeis ver, quanto mais fez Josias, que Ezequias, contra os idolos, & contra os idolatras; como não deixou com vida aos Sacerdotes dos idolos; como poz fogo aos bosques, & aos templos; como destruiu os altares, que os Reys seus antepassados tinham erigido a varios idolos: em fim perseguio tanto, & arrancou tanto de raiz a idolatria, que mandou desenterrar os ossos dos Sacerdotes idolatras, & os mandou queimar em publico cada falso: & assim dizẽ os Expositores Sagrados, que Josias desferrou de Jerusalem, & de Judea a idolatria muito mais perfei-

tamen-

tamente, que Ezequias feu Visavõ. Pois se Josias não fo fez tanto, mas muito mais, que Ezequias, como diz o texto, que Ezequias foi unico, & que nem antes, nem depois teve igual: *Post eum non fuit similis ei de cunctis regibus Juda; sed neque in his, qui ante eum fuerunt?* A rezam de ser unico não pode ser outra, senão porque foi primeiro: não fez mais Ezequias, nem ainda tanto, quanto fez Josias; mas Josias felo depois, Ezequias antes: Ezequias felo sem exemplo; Josias felo a exemplo de Ezequias: em fim Ezequias foi primeiro; & como Josias lhe não tirou o ser primeiro, não lhe tirou o ser unico: *Post eum non fuit similis ei: Quia Ezechias fecit hoc à se ipso non habens aliquem priorem, cujus sequeretur exemplum; Josias autem sequutus est exemplum Ezechiae.* Lançou por cõmento o Grande Abulente.

17 Parece que não necessita de accomodaçã o lugar. Padeceraõ he verdade os oueros Apostolos marti-

rio; & mais rigoroso muitos delles, que Santiago: mas os outros Apostolos depois; Santiago antes; Sãtiago sem exemplo; os outros Apostolos a exemplo de Santiago: em fim Santiago foi primeiro; & como lhe não tiraraõ o ser primeiro, não lhe tiraram o ser unico entre todos os Apostolos. La comparou o outro os dous Principes da Eloquencia Grega, & Latina, Demosthenes, & Cicero; & disse que se Demosthenes tirará a Cicero o ser primeiro, Cicero tirará a Demosthenes o ser so, ou o ser unico: não disse bem: que se lhe não tirou o ser primeiro, não lhe tirou o ser unico. Primeiro, & unico sam synonymos. Falla Moyfes do primeiro dia, q̄ amanheceo ao mundo, & chamalhe hum, ou unico: *Factum est vespere, & mane dies unus.* Pois se lhe quer chamar primeiro; porque lhe chama unico: porq̄ primeiro, & unico não se distinguem.

18 Unico fostes, meu glorioso Apostolo, porque fostes o primeiro dos Apostolos.

stolos, que bebestes por amor de vosso Mestre o Caliz do martyrio; & esta foi tambem a cadeira da mão direita, que vos concedeo o mesmo Senhor. *Jacobus, diz Lorino, tam citò ex hac vitâ subductus, & ad dexteram in regno admissus, relictâ, ut ita dicam, fratri sinistra.* Santiago tirado com tanta pressa desta vida, & admittido no reino do Ceo à mão direita, deixou a seu irmão à mão esquerda.

19 Pois permittir, ou querer Christo, que Santiago fosse o primeiro no martyrio foi darlhe a mão direita, & deixar a S. Joam pera mais tarde, foi darlhe a mão esquerda? Não he a mão direita a dos favores, & a dos favorecidos? Pois morrer primeiro, padecer primeiro o martyrio, foi favor da mão direita; antes parece que foi rigor da mão esquerda? Assim será pera nos, a quem nosso amor proprio cega no conhecimento das couzas; & nos faz avaliar por castigos os favores; & por favores os castigos. A morte, &

a dor da morte padecida por amor de Christo, foi o favor que Christo fez a Santiago não so sobre S. Joam; mas sobre os mais Apostolos; & foi o despacho mais ventajoso da petição, que a Mãy meteo a Christo: *Dic, ut sedent hi duo filij mei, &c.*

§. V.

20 Ja parece, que tinhamos desempenhado o nosso assumpto, & mostrado, que pera Santiago pedia a Mãy a Cadeira da mão direita: mas ainda temos a ultima prova em outra melhor Mãy. E que Mãy he está? He a Mãy do mesmo Deos. Pois a Mãy de Deos pedio a Cadeira da mão direita pera Santiago? Não so a pedio; senão que lha deu. Bem sabeis, que estando Santiago na Cidade de Saragoça junto às marges do rio Hebro, lhe appareceo a Virgem Senhora nossa, que estava naquelle tempo em Jerusaleem, & lhe mandou, que naquelle lugar lhe edificasse hum templo: & porque a Senhora lhe
 appa-

appareceo sobre huma columna de marmore, se chamou nossa Senhora do Pilar.

21 Mandou a Mãy de Deos a Santiago, que lhe edificasse o primeiro templo, que teve no mundo; pois isso foi fazello filho seu, & fazerse a si Mãy sua. Fallando Deos com David sobre Salamao seu filho lhe disse assim: *Ipsum elegi mihi in filiū;*
 1. Par. 28. 6. *& ego ero ei in patrem.* Fiz eleição de Salamao vosso filho pera filho meu; & eu serei seu pay. Grande mimo, grande favor! mas parece q̄ se havia de fazer a David, & não a Salamao; A David, q̄ tinha servido muito, & não a Salamao, que nada tinha servido; pois porque hade ser Salamao, & não David o escolhido de Deos pera filho seu: *Ipsum elegi mihi in filium?* O mesmo Deos deu a rezam; que ate Deos, com ser Supremo Senhor, quer dar rezam, do que faz; & a rezam porq̄ o faz: *Salomon filius tuus edificabit domum meam.* Salamao vosso filho me hade edificar o meu templo. E mandar Deos a Sala-

mao, que lhe edificasse templo, & o primeiro templo, q̄ Deos teve no mundo, foi fazello filho seu; & amallo como pay: *Ipsum elegi mihi in filium, & ego ero ei in patrem.* Perdoaime, Evangelista amado, se hoje puzer pleito à filiação, de que tanto vos prezais. Eu bem sei, que na Cruz vos deu Christo o titulo de filho da Virgẽ; mas tambem vejo, que não a vos; mas a vosso irmao encomẽdou a mesma Virgem o seu primeiro templo: Vos levarieis o titulo; mas elle levou a caza: mandando a Senhora a Santiago, que lhe fizesse caza, foi fazer caza em Santiago; & fazello seu Primogenito: Assim o fez Deos a Salamao; & assim o fez a Mãy de Deos com Santiago. Notai, que dizendo Deos, que Salamao lhe havia de edificar templo, chamoulhe caza: *Edificabit domū meam:* porque não so Salamao fazia caza pera Deos; mas Deos fazia caza em Salamao.

22 E se a Senhora fez caza em Santiago, & o fez seu

seu primogenito; deu a Santiago como a primeiro filho a mão direita; & a S. Joam como a filho segundo a mão esquerda. Logo por eleição de ambas as mãos, da mão da natureza, & da mão da graça, a cadeira da mão direita se pedia pera Santiago; & a da esquerda pera S. Joam: *Dic, ut sedeant hi duo filij mei unus ad dexteram tuam, & unus ad sinistram in regno tuo.*

S. VI.

23 Tenho acabado, & sem reparar temos visto, que Santiago foi Primás não huma, mas tres vezes: Primás huma vez; porque foi o primeiro Apostolo, que fora de Judea pregou o Evangelho; & fundou em Braga a Primasia das Hespanhas: Primás segunda vez; porque foi o primeiro dos Apostolos, que com seu sangue firmou, & confirmou a fê de Christo Redemtor nosso. Primás terceira vez; porque foi o primeiro que na terra edificou templo em honra da

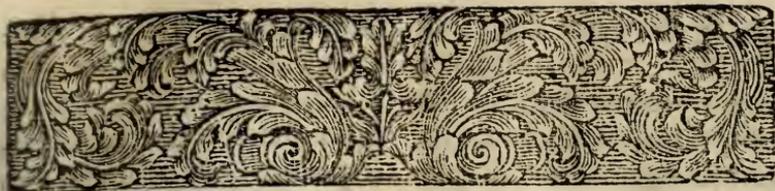
Virgem Senhora nossa. E de ser Primás tantas vezes, ou de ser o primeiro em tantas prendas, que se segue? Sabeis o que. Que o titulo de Maior se deve a Santiago, não pella rezam, que ategora se cuidava. Cuidava-se ategora, que a rezam de se chamar o nosso Santo Santiago Maior, era, porque havia no Collegio Apostolico outro do mesmo nome, a quem chamavao Santiago Menor. Perdoem-me os que assim o cuidavao; porque não he esta a rezam: Santiago não he o maior em respeito de Santiago menor; senão em respeito de todos os mais: E porque? Porque? Ja o temos ditto: Porque he tantas vezes o Primeiro; & basta ser o primeiro pera se chamar Maior; ainda que em tudo o mais fosse igual aos mais. Ouvi hum difficultoso texto de Christo.

24. No cap. 14. de S. Joam diz Christo: *Pater maior me est.* O Pay he maior, que eu. Com este texto triumphavao os herejes Arrianos, que negavao a igualdade do filho

lho com o Pay; & queraõ
 provar, que não era Deos;
 mas a primeira creatura de
 Deos. E ainda que alguns
 dos Santos Padres respondi-
 aõ, que Christo fallava de si
 em quanto homé; porque
 em quanto homem não he
 fo menor, q̃ o Pay; mas me-
 nor tambem, que os Anjos,
 em quanto à natureza con-
 forme o texto de David: *Min-
 uisti eum paulo minus ab An-
 gelis*: Com tudo outros mui-
 tos com Santo Athanasio,
 Santo Hilario, S. Gregorio
 Nazianzeno, dizem, q̃ falla-
 va Christo de si em quanto
 Deos: E aqui está a difficul-
 dade. Christo em quãto De-
 os he em tudo, & por tudo
 igual ao Pay; porque ambos
 duram pella mesma Eterni-
 dade; & ambos mede a mes-
 ma Immenfidade; ambos po-
 dem pella mesma Omnipot-
 encia; ambos sabem pella
 mesma Sabedoria; & ambos
 rein a mesma, & indivisivel
 Divindade. Pois se o Filho
 he em tudo, & por tudo i-
 gual ao Pay; como diz o Fi-

lho, que o Pay he maior: *Pa-
 ter maior me est?* A rezam
 não pode ser outra; senão
 porque o Pay he primeiro,
 que o Filho; primeiro não
 em tempo, que não pode ser;
 mas primeiro na Origem,
 como dizem os Theologos:
 o Filho procede do Pay, co-
 mo de seu principio; mas o
 Pay não procede do Filho:
 como a luz procede do Sol,
 mas o Sol não procede da
 Luz; & porque o Pay he O-
 rigem do Filho, he o Pay
 primeiro, que o Filho: E a
 este ser primeiro o Pay, cha-
 mou o Filho ser maior: *Pa-
 ter maior me est*. De modo,
 que tendo o Filho a mais i-
 gualdade com o Pay, fo por-
 que o Pay he de algum mo-
 do primeiro, se chama maior
 que o Filho: *Pater maior
 me est*.

Sendo logo Santiago, não
 huma, mas tres vezes pri-
 meiro, que os mais Apосто-
 los, que havemos de dizer,
 senão que he tres vezes Ma-
 ior; ainda que em tudo o ma-
 is fosse igual.



SERMAM DE SANTIAGO

Na sua Igreja em Braga.

Calicem quidem meum bibetis. Mat. 20.

§. I.

I E a Igreja Catholica não fora superiorméte illustrada, cuidara eu, que na eleição do Evangelho, que fez pera celebrar as gloriosas memorias do Inviçtissimo Apostolo Santiago, não acertava no mais proprio. Se os Evangelhos nestas occasioes sam as minas, de que os Pregadores cavaõ o ouro, pera lavar as coroas aos Santos; & formar seus panegyricos, co-

modetermina a Igreja pera applaudir ao nosso gloriosissimo Apostolo hum Evãgelho, que pode occazionar mais a censura, que o louvor, & a satyra, que o elogio?

2 Expliquemolo, & vereis se he apparente a minha rezam. Diz S. Matheus, que subindo Christo Redemptor nosso pera a Cidade de Jerusalem se chegara a elle a Máy dos filhos do Zebedeo adorando, & pedindo: *Adorans, & petens*: adorar antes

Mm.

de

de pedir he, o que se uza: a-dorar, depois de conseguir, he, o que senão costuma: o primeiro he dependencia, o segundo ingratitude. E que chegou a pedir? diz o Evangelista, que *Aliquid* alguma couzinha. E que couza era esta couzinha? *Dic, ut sedent hi duo filij mei, unus ad dexteram tuam, & unus ad sinistram in regno tuo.* Dizei, Senhor, que estes dous filhos, que tenho, occupem as duas cadeiras de vosso reino, hum à vossa mão direita, & outro à vossa mão esquerda. E este he o *Aliquid*, este he o pouco mais de nada, que pedia; atracar o Rey por ambos os lados. Na mão direita de Deos estam os favores, & os premios; na mão esquerda as penas, & os castigos; & querer tomar ambas as mãos, he querer atar as mãos ao Rey, pera q̄ não possa, nem premiar os merecimentos, nem castigar os delitos, senão a seu favor delles. Esta foi a petição da Mãe; mas Christo não respondeo à Mãe, respondeo aos filhos, dizendo que não

sabiam, o que pediam: *Nescitis, quid petatis.* Pedir, sem saber, o que pediz, grande ignorancia; & dar, sem saber, o que dais, maior ainda; mas aceitar, sem saber, o que aceitais, he a ignorância das ignorancias. Perguntalhes mais o Senhor, se podiam beber o Caliz, que elle mesmo havia de beber: *Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum?* Nam lhes pergunta, se querem, perguntalhes, se podem: *Potestis:* porque na materia da salvação tudo, o que se pode, he bem se queira; porque so nesta materia sam synonimos o quero, & o posso; & se não posso, he, porque não quero: Animosos sobre si mesmos responderão os oppositores: *Possumus:* Podemos. Entam lhes disse o Divino Mestre, que beberiam o seu Caliz; mas o que tocava aos lugares, que pertendiam, estava na disposição de seu Eterno Pay: *Calicem quidem meum bibetis; sedere autem ad dexteram meam, vel sinistram, non est meum dare vobis, sed quibus paratum est à Patre meo.*

3 Este he o Evangelho, que a Igreja determina pera os louvores do Grande Apostolo Santiago; mas se bem advirtistes, mais he pera a censura, que pera o elogio; porque aquella ambição de subir aos primeiros lugares; valer-se pera isso de hũa mulher, ainda que Mãy, que o hade approvar? o certo he, que os dez Condiscipulos se escandalizaraõ muito desta pertençaõ: *Indignati sunt de duobus*: & o mesmo Christo os censurou de necios: *Nescitis, quid petatis*. E o que Christo reprova, quem o hade approvar? o q os Apostolos condenaõ, que o hade absolver? E finalmente fogueitar-se a pedir, & naõ sahir despachado, de far he, q senaõ pode dourar. Naõ vos parece difficultoso o assumpto formar na censura o panegyrico? & querer canonizar por acertos pera o louvor, os que foram manifestos erros pera a reprehensaõ? Mas ahi vereis a grandeza do Apostolo Santiago, que se errou, errou de forte, que ate seus erros podem ser

louvores, & seus desacertos panegyricos. E se hũa Mãy lhe naõ valeo, pera cõseguir as cadeiras, outra Mãy temos tambem Maria, que nos valerá sem duvida, pera alcançarmos a graça.

AVE MARIA.

Calicem, &c.

§. II.

4 **N** Am podemos negar, que esta resolução de Santiago em pedir huma cadeira ao lado do Rey, foi parto daquelle natural dezejo, que mais predomina nos animos generosos, de valer, & subir aos lugares de maior estimação, & grandeza. A mesma differença, que vemos nos elementos, he, a que experimentamos nos homés; porq tambem os homés se compoem dos elementos. Entram na composição do homé a terra, a agoa, o ar, & o fogo: a terra com a secura; a agoa com o frio; o ar com a humidade; & o fogo com o calor:

& segundó predominaõ mais, ou menos os elementos, assim sam mais, ou menos generosas as condiçoẽs. Em huns predomina a terra; & sam homẽs de terra tam secos de condiçaõ, que por mais, que os regueis, ou regaleis, nunca abrandam. Em outros predomina a agoa, & sam homẽs de agoa; huns por demasiado corrẽtes; outros, porque sempre murmurãõ. Em outros predomina o ar; & sam homẽs de ar naõ tanto pello ayroso, quanto pello fantastico. Em outros finalmente predomina o fogo, & sam homẽs de fogo; alguns pello que luzem, outros pello que abrazam. E qual he a condiçaõ natural destes elementos; ou qual destes elementos he naturalmente mais nobre? Os Philosophos medem-lhe a nobreza pellos lugares. A terra, que se contenta com o infimo lugar, tem tambem o lugar ultimo na nobreza. A agoa, q̃ nada sobre a terra, he mais nobre, que a terra; mas menos nobre, que o ar: o ar, q̃ se dilata sobre a agoa, he ma-

is nobre, que a agoa; mas menos nobre, que o fogo: o fogo, que voa sobre todos, he sobre todos o mais nobre. De modo, que a nobreza natural dos elementos se mede pella ansia natural, cõ que aspiraõ ao lugar mais alto, & eminente; & como o fogo, he o que sempre anela por subir, he o mais nobre, & o mais generoso dos elementos: Logo o dezejo, & ambiçaõ de chegar aos lugares mais eminentes he dos animos, em quem predomina o fogo, & por isso de maior generosidade.

5 E se esta he a propriedade do fogo, parece que vinha nascendo em Santiago. Christo chamoulhe Bonerges, que significa o mesmo, que filho do trovaõ, como explica o Evangelista; & filho do trovaõ, que vem a fer, senaõ o rayo; & rayo, q̃ outra couza he, senaõ o fogo? Pois se era fogo, como naõ havia de aspirar ao lugar mais sublime, & eminente? Dizeis, que foi ambiçaõ, assim he, mas ambiçaõ tam generosa, que se saltar nos
homẽs

homês, dai o mundo por acabado.

6 No cap. 3. de sua profecia diz Isaias, que viria tempo, em que a hum homê da sua Cidade de Jerusaleem convidariao com o setro, & com a coroa: *Apprehendet vir fratrem suum: vestimentum tibi est, esto princeps noster.* E que respondeo este homê a hum offercimento tam glorioso ou tam goloso. *Nolite me constituere principē populi.* Respondeo, que não aceitava y nem queria subir ao trono. Vede agora, o que logo infere o Profeta: *Ruit Jerusaleem, & Judas concidit.* Acabouse Jerusaleem, & o reino de Juda: *Desperata res est.* Não ha que esperar, diz o Padre Prado. Ha mais notavel consequencia! Não quizeste homê aceitar o governo, não quiz subir ao lugar do trono, & da coroa: logo acabouse o mundo, não temos que esperar? *Desperata res est?* Não; porque chegar o mundo a tempo, em que hum homê não aspire à mais eminente dignidade, he acabar-se o mundo.

De modo, que assim como costumais dizer, que se acaba o mundo, quando vedes, q̄ hum mesquinho faz algũa liberalidade, que hum murmurador louva, que hum tãful não joga, que huma mulher cala, & não pede, que hum mercador não engana, que hum juiz não aceita, que hum letrado defengana, que hum ladram dá esmola, que hum Senhor paga a seus criados, que hum necio não presume, que hum vizinho não espreita; assim como, quãdo vedes estes milagres, ou estes impossiveis, costumais dizer, que se acaba o mundo, assim o podeis dizer, quãdo virdes, que hum homem nam anela por subir, & despreza a dignidade: *Ruit Jerusaleem, & Judas concidit.*

7 E se he tam notavel esta ansia de subir, & nos animos mais generosos mais activa; quando nesta pertensam de Santiago censuramos a ambiçãõ, não lhe podemos negar a generosidade ainda na opiniaõ daqueles Doutores, que dizem, q̄

o reino, em que Santiago pedia a primeira cadeira, era deste mundo, & neste mundo; porque ainda não tinha ouvido, o que Christo disse depois a Pilatos: *Regnum meum non est de hoc mundo.*

§. III.

8 Mas nesta mesma generosidade admiro mais a igualdade de animo, com que não queria ser só no lugar, & valimento do Principe. Não queria só cadeira para si, também para seu irmão pedia cadeira. Nam ha couza, que cauze mais ciume, que o valimento com os Principes: os validos são os melhores afastas; porque a ninguem deixam chegar, nem aos mesmos irmãos daõ quartel. Quando chegaram a Egipto os irmãos de Joseph, disse-lhe o Rey, que folgaria de ver o talhe, o gesto, & o modo delles; & que fez Joseph? diz o Sagrado texto: *Extremos quoque fratrum suorum quinque viros constituit coram rege.* Que escolhera a cinco os extremos, ou ulti-

mos de seus irmãos, & que os levara diante do Rei: A quella palavra, *Extremos* dá que entender aos Expositores. Quem eram os extremos, ou os ultimos de seus irmãos? O Insigne Portuguez Oleastro có os Hebreos diz, que eram os mais definhados, os mais deformes, & menos ayrosos. Pois a estes escolhe Joseph para levar a palacio? Se Faraó dezejava ver, quem eraõ seus irmãos; porque não faz Joseph eleição dos mais bem postos, dos mais galhardos; & de maior bisarria; & que podem encher mais os olhos de Faraó? senão que leva os que menos deviam à natureza: *Extremos fratrum suorum constituit coram Pharaone?* Sabem porque? Porque este he o ciume politico dos validos. Tinha Joseph o primeiro lugar na graça de Faraó: elle era o primeiro ministro daquelle Principe; & se entrassem á sua presença os irmãos de melhor presença, & de mais gentil disposição, por ventura que se afeiçoaria o Rey a algum delles;

delles; & como a vontade dos Principes he tam inconstante, podia descahir Joseph da sua graça; & pera não expor o valimento a tam perigoso tiro, afastou os irmãos, que lhe podiam fazer a guerra; & admittio, os que lhe não podiam fazer opposição: *Extremos fratrum suorum constituit coram Pharaone.* Tam ciofa he a privação, que nem da irmandade se fia; & tem por caso de menos valer, que outrem, ainda que seja irmão, chegue a valer com o Principe!

9 Porem Santiago, ainda que affectava hum dos lados, não excluia do outro a seu irmão; não queria ser valido, pera não ter igual: queria ser valido, pera fazer igual o valimento; & por isso fez menos odiosa a pertença; que se quizera ser só; fora intoleravel aos mais. Naquelle perigosa tempestade, que padeceraõ os Apostolos na auzencia de Christo, diz S. Mattheus, que lhe acudira o Senhor caminhando sobre as agoas, como pudera sobre marmores: & che-

gando em pouca distancia ao navio, pediolhe S. Pedro, que o chamasse a si, & o maddasse ir pizando tambem o mar: *Jube me venire ad te super aquas.* Disselhe Christo, que fosse. Lançouse Pedro ao mar; & a poucos passos vio, que vinha sobre elle hú pè de vento muito forte: com o vento veyo o temor; com o temor a desconfiança; com a desconfiança, o desmayo; com o desmayo o naufragio; com o naufragio os grittos: *Et cum cepisset mergi, clamavit.* E se Christo o não tivera da tua mão, Pedro mais como pedra, que como Pedro se hia a pique. Entra agora neste mar de agoa o Rio de ouro da Eloquencia Grega S. Joam Chrysofotom a examinar a cauza deste naufragio de Pedro. He possível, que queira, ou permitta Christo, que padeça este desfar huma acção tambisarra? Lançar se Pedro ao mar, pera buscar a seu Mestre, não era empreza digna do fervoroso affecto de Pedro? nam indicava a grandeza de seu amor; pois contrastava ma-

Mat.
14. 28.

res por ir buscar a Christo? affirmera; pois porque confente Christo, que ventos, & mares se levantem contra Pedro? Ouvi a rezam de Chrysofotomo: *Hic autem, quod Petrus timuit, differentiam monstrabat Magistri, & Discipuli; sed alios discipulos mitigabat.* O temor de Pedro mostrava claramente a differença, que hia do Mestre ao Discipulo, de Christo a Pedro. Christo pizava as ondas, como Mestre; Pedro como Discipulo; Christo como Senhor, Pedro como Servo; Christo sem medo, Pedro com temor; mas este temor de Pedro mitigava, ou consolava aos mais Discipulos. Pois o naufragio de Pedro era occasiaõ de allivio aos Condiscipulos? Sim. Pedro era o favorecido; & quem não sabe, q̃ a desgraça de hum favorecido he gosto, dos que o não são? a tragedia de hum valido he comedia pera os defvalidos. *Si enim in duobus fratribus sessuris molestati fuissent.* Porque (acrecenta S. Joam Chrysofotomo) por-

que, se quando os dous irmãos Santiago, & S. João pediram a Christo as duas cadeiras em seu reino, se escandalizaraõ os mais Condiscipulos, muito mais se escandalizariaõ, se vissem que Pedro caminhava sem risco sobre as agoas: *Multò magis hic molestati fuissent.* Aqui está o meu reparo. E porque havia de ser aqui maior o escandalo dos Discipulos, do que na occasiam das cadeiras? A rezam he; porque aqui era lo Pedro o favorecido, & la queriaõ ser dous: *Dic, ut sedeant hi duo:* Pedro não admittia neste privilegio companheiro; Santiago admittia na sua pertençaõ companhia. E querer ser so o favorecido, excluir do lado do Principe a todos os mais, he apurar a paciencia de todos: *Multò magis hic molestati fuissent.* Mas Santiago, ainda que aspirava ao lado, não conspirava contra os que se chegavaõ ao lado do seu Principe; porque admittia companheiro; por isso mais toleravel a sua pertensam.

§. IV.

10. Ja se este reino, em que Santiago affectava o primeiro lugar, não era temporal, mas eterno; nam era da terra, mas do Ceo, como quer o Author do Imperfeito sobre S. Mattheus; nam ha duvida, que foi generosissima a sua resolução. Perterder ser o maior na terra, he culpavel, anelar ser o maior no Ceo, he louvavel; pertender ser o maior na terra he culpavel; porque he querer ser maior, aonde todos sam pequenos: querer ser o maior no Ceo, he louvavel; porque he querer ser maior, aonde todos sam grandes: & ser maior entre os grandes, he ser verdadeiramente maior; mas ser maior entre os pequenos não he ser maior, he ser menos pequeno. Do Baptista disse Christo, que entre os nados nenhum nacera maior: mas acrecenta logo, que o menor no reino do Ceo he maior, que o Baptista: *Qui autem minor est in regno Calorum, maior est illo.* De mo-

do, que na terra, aonde todos sam pequenos, he o Baptista o maior; mas no Ceo, aonde todos sam grandes, o menor he maior, que o Baptista: logo se o mais pequeno no Ceo he maior, que o Baptista, o maior na terra vem a ser não maior, mas menos pequeno. Vede a fidalguia de animo de Santiago; não queria o maior lugar na terra; aspirava ao maior lugar no Ceo; porque não affectava ser maior entre os pequenos, mas entre os maiores ser maior. Eu não sei, se alcançou o maior lugar; o que sei he, que alcançou o nome de Maior, que assim he chama a Igreja, Santiago Maior.

11. O' como accuza nos, so desmayo esta sua generosidade! Na terra todos morremos por ser os maiores; & contentamonos com ser no Ceo os mais pequenos! não se satisfaz a nossa ansia com muitas legoas de terra; & do Ceo dizemos, que nos basta hum cantinho? O cobardia necia! o necedad cobarde! Muito de terra, pouco de Ceo!

Mat.

11. 11.

Ceo? Olhai, que quem quer pouco do Ceo, está arriscado a não ter nada. Não ha maior tentação, nem mais arriscado intento. Vede a Lucifer cahindo, como hum

Lue. rayo, do Ceo: *Videbam Satanam, tanquam fulgur de caelo cadentem.* E quem precipitou do Ceo ao maior dos Espiritos Angelicos. Ouvi-o a

elle: *Super astra Dei exalta-*

Isai. *bo solium meum:* Subirei ao

14. 13. Ceo, & levantarei meu throno sobre as estrellas. E em q lugar? no meio do Ceo? Não; pois aonde? a hum canto:

Sedebo in lateribus Aquilonis.

Sentarmehei a hum lado do Norte: Ah! Espirito mal aconselhado, & tu contentaste com hum cantinho do

Ceo: *In lateribus Aquilonis:* pois nem Ceo, nem cantinho terás: *Quomodo cecidisti de caelo, Lucifer?*

12 E que será, se quizermos ser tudo na terra, & nada no Ceo. E haverá que seja tam inimigo de si mesmo? Sim ha; que por hum pedaço de terra daraõ o Ceo todo. Lisippo, famoso estatuario, fundio de bronze hu-

ma imagem de Alexandre com os olhos levantados ao Ceo; & escreveolhe ao pé estes versos:

Aereus in caelum suspectans, fare, quid aiat.

Juppiter, asserui terram mihi, tu asserere caelum.

13 Dizêi, o que diz esta estatua de metal com os olhos no Ceo? Que vos parece, que dira hum homê, ou que poderã dizer olhando perã o Ceo? Sem duvida,

que cuidais, que pediria ao Author do mesmo Ceo, que lhe fizesse nelle hum grande lugar. Pois não he isso, o que

pede; antes com hum soberbo desprezo do mesmo Ceo, & huma louca estimação da

terra, diz: *Juppiter, asserui terram mihi, tu asserere caelum.*

O Deos, eu me fiz senhor da terra, la vos avinde com o vosso Ceo. Isto dizia, ou

singiraõ, que dizia a estatua de Alexandre. E quantas estatuas, ou homês, como estatuas, encontramos por essas

ruas, que se não trazem escrito nas letras, trazem escrito nas obras este mesmo mote? *Asserui terram mihi,*

tu affere caelum. Seja eu fe-
nhor da terra, & la se ave-
nha Deos com o seu Ceo.
Logre na terra o gosto, a
honra, o interessê; & o Ceo
guardeo Deos pera si. E ha
quem diga isto? Ainda mal,
que ha tantos, que se o não
dizem com as palavras, o di-
zem com as obras, que he a-
inda peor modo de dizer.

14 Glorioso Apostolo,
illustrai nossa cegueira, & a-
lentai nosso desmayo, pera
q̄ da terra queiramos pou-
co, & do Ceo muito; pois he
certo, que quanto menos ti-
vermos da terra, tanto mais
teremos do Ceo: fazei, com
que desprezemos esta, & a-
nelemos naquella a hũ gran-
de lugar.

§. V.

15 Bem estava isto af-
fim, se Christo approvara a
resolução de Santiago; mas
o Divino Mestre esteve tam
longe de lhe dar a approva-
ção, que a reprovou, avali-
ando por necia a sua perten-
saõ: *Nescitis, quid petatis?*
Nam sabeis, o que pedis: Di-

zem, que não sabia Santiago,
o que pedia; porq̄ era muito
o que pedia. Pois que? ate
no pedir havia de ser esca-
ço. Quem he miseravel no
pedir, no dar não espereis
que seja mui liberal. Vio o
Rico la do inferno a Lazaro
no seyo de Abraham; & pe-
dio ao Patriarcha, que man-
dasse a Lazaro, que molhan-
do a ponta do dedo minimo
em alguma fonte, lhe fosse
instillar na lingua huma got-
ta de agoa; porque se abra-
zava em fogo. Ha tal miseria
no pedir? Miseravel, se estás
ardendo em chamas, porque
não pedes a fonte toda? Sa-
beis, porque foi tam escaço
no pedir; porque foi mui mi-
seravel no dar. Diz o texto,
que dezejava o pobre Laza-
ro na vida matar a fome com
as migalhas, que cahiam da
meza do Rico, & que nin-
guem lhas dava: *Cupiebat sa-*

Lüc.

16. 21

*turari de micis, quæ cadebant
de mensa divitis, & nemo illi
dabat:* & quem era tam mise-
ravel, que não tinha animo
pera dar huma migalha de
pam, ainda fazia muito em
pedir huma gotta de agoa.

Nam

Nam era Santiago de animo miseravel, que havendo de pedir, pediu pouco; & mais, a quem he tam liberal, que do dar tomou o nome: *Deus a dando.*

16 Quanto mais, que o erro da petição não esteve tanto na substancia, quanto no modo: nam errou no que pediu, errou no modo, com que pediu: Por isso Christo não emendou a petição, e emendou o modo; perguntando-lhe, se podia beber o seu caliz: *Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum?* Como quem dizia, ou ensinava o modo, com que havia de pedir. Nam haveis de escrever a petição, que me fazeis, com o sangue, que vos une comigo por parentesco; mas com o sangue, que derramardes por meu amor: não hade ser o instrumento, com que a escreveis, a lingua de vossa mãy, que o pede por merce; mas a espada com q̄ vos haõ-de degollar, q̄ fara o requerimento de justiça, que sem servir, não ha merecer, & sem merecer, não ha gloria.

E que respondeo o Generoso Espirito de Santiago? Desmayou, acobardouse, desistio de seus intentos? Não; antes com galharda resolução, respondeo: *Possumus.* Que podia beber o Caliz, q̄ Christo lhe offerecia. Vede meu glorioso Apostolo, a q̄ vos empenhais? a beber o Caliz, que Christo hade beber: *Calicem, quem ego bibiturus sum?* Se isto fora despois, que com vosso Divino Mestre vos aehastes no hortõ de Getsemani, não sei, o que responderieis? O mesmo, que agora respondo: *Possumus.* Pois não vedes, o que Christo padece à vista deste Caliz; não vedes a tristeza, a ansia, a agonia, que o afflige: Vejo, mas ainda assim: torno a dizer: *Possumus.* Nam vedes, o sangue, que destilla de seu sagrado corpo em tanta cópia, que chega a banhar a terra? Bem o vejo; mas ainda estou pelo dito: *Possumus.* Não ouvis, como parece, que este Senhor desmaya, & pede a seu Eterno Pay, que o allivie de beber este Caliz? Ouço;

mas:

mas nem por isso me acobardar; & torno a repetir: *Possumus*; porque, depois de meu Divino Mestre o beber, ficará elle tam suave, tam doce, tam leve, que não será necessario pedir grandes esforços à paciencia. O quanto pode nos vassallos o exemplo dos Principes, & nos subditos o dos Prelados.

17 Caminhava Cataó Uticense governado hum exercito pellos desertos da Libia, & como o clima he ardentissimo, & a terra muito falta de agoa, vio-se molestadissimo da sede o Capitão, & com o Capitão o exercito. Espremeo hum soldado de hum torram de terra mais humido algúas gottas de agoa em hum capace; & fez della offercimento a Cataó. Aceitou-a elle com agradecimento, & sem a beber, a derramou sobre os soldados; & diz judiciosamente o Poeta Lucano, que com aquella pouca agoa mattara a sede a todo o seu exercito: *Suffecitque omnibus unda*. Pois se nenhum a bebo, como ficaram todos

fatisfeitos? porque a todos fatisfez o exemplo do Capitão: O exemplo foi a agoa, que se a bebera Catam, acendera mais a sedé aos soldados; mas como a não bebo, apagou-a: *Suffecitque omnibus unda*. E que tem, q ver os exemplos de Cataó cõ os do Filho de Deos: Pois se o exemplo de Cataó, em não beber aquella agoa, pode tanto com os soldados, q sofriam a sede com gosto; porque não poderia mais cõ Santiago o exemplo de JESU Christo em beber o caliz, pera que Santiago o bebesse, não so sem repugnancia, mas com alegria. Por isso diz com segura resoluçãõ, q podia: *Possumus*.

§. VI.

18 É não foraõ so palavras, ou comprimento cortessam; mas mostrou nas obras as veras, com que fallava; porque, depois de voltar de Hespanha a Jerusalem, pregou a fê de Christo naquella Cidade com tanto desengano, & efficacia, que não poderiaõ

deraõ soffrer o fogo de seu espirito os de Jerusaleem: contra Santiago entre os mais Apostolos se indignou o seu barbaro furor; & por mandado de Herodes lhe cortaraõ a cabeça, sendo o primeiro dos Apostolos, q̃ por amor de seu Divino Mestre padecco martyrio: Grande he a gloria de Santiago em ser o primeiro martyr entre os Apostolos; & ja a ouvirieis ponderar muitas vezes. Mas eu acrecento, q̃ naõ só foi o primeiro, mas que por ser o primeiro, he martyr duas vezes; & que à sua vista os mais Apostolos parece, que o naõ foram. Naõ nego, que foram martyres os mais Apostolos; mas digo, que à vista de Santiago parece, que o naõ foram. Explique S. Mattheus este nosso pensamento.

19 Vay o Evangelista no cap. 1. tecendo a genealogia de Christo, chega a David, & diz: *Jesse autem genuit David regem: David autem rex genuit Salomonem*: Jes se gerou a David Rey, & David Rey gerou a Salamaõ:

quinze Reys coroados contra S. Mattheus neste capitulo; & a nenhum chama Rey, senaõ a David; & Rey naõ huma, mas duas vezes: *David Regem: David autem Rex*. Pois se a nenhum dos Reys descendentes de David, & Reys no mesmo reino, dà o titulo de Rey, porq̃ o dobra em David? A rezante, dizem os Expositores, porque David foi o primeiro Rey; & a gloria de primeiro o fez naõ so Rey huma vez, mas duas vezes Rey: Rey huma vez; porque teve a coroa; *David Regem*; & Rey outra vez; porque teve a primasia: *David autem Rex*. Rey huma vez; porque se sentou no trono real; & Rey outra vez; porque ninguem antes d'elle se tinha sentado naquelle trono. Está bẽm, q̃ David se chame duplicadamente Rey; mas porque senaõ darã tambem este titulo, ainda que senaõ duplique; a algum dos 14. que o Evangelista nomea neste capitulo. Nam ouve entre elles algũs santos, valerosos, liberaes & dignissimos do titulo, co-

Mat. 1

mo da coroa? Que o não def-
 fe a hum Roboam cruel ver-
 dugo de seus vassallos, seja.
 Mas a hum Josaphat, Prin-
 cipe pio, & religioso; porque
 rezam? Que o não desse a
 hum Achab idolatra, & sa-
 crilego, não o merecia. Mas
 a hum Ezequias, que foi tam
 piedoso pera com Deos, &
 benevolo com seus vassallos,
 com que cauza? Que o não
 desse a hum Amôs, monstro
 coroadado, com muita rezaõ.
 Mas a hum Josias, que foi as
 delicias, & o amor de Jeru-
 salem? So David, & nenhũ
 mais hade lograr o titulo de
 Rey? Sim; porque David foi
 o primeiro Rey; & a prerogativa
 de primeiro he tam
 grande, que todos os mais
 foram Reys, como se o não
 foram.

20 Não parece, que ne-
 cessita o passo de accõmoda-
 ção. Foi Santiago o primei-
 ro, que entre os Apostolos
 teve a coroa de Martyr, co-
 mo David a de Rey: & se
 David, por ser o primeiro, foi
 huma, & outra vez Rey;
 Santiago, por ser o primeiro,
 foi martyr huma; & outra

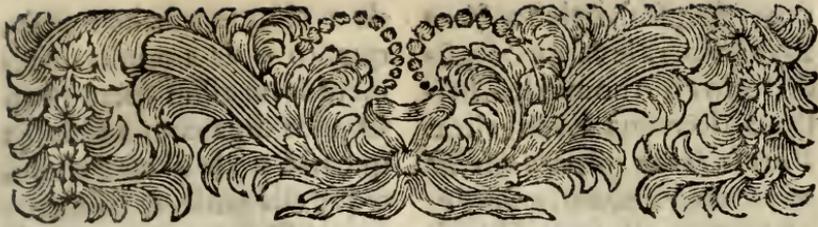
vez. E se os mais Reys à vi-
 sta de David parece, que não
 foraõ Reys, os outros Apo-
 stolos à vista de Santiago
 parece, que não foraõ Mar-
 tyres. Morreo Santiago em
 Jerusalem, mas veyo-se en-
 terrara Hespanha; honrou
 com sua morte a Jerusalem,
 & a Hespanha com sua se-
 pultura. Morreo Moyfes no
 monte Nebo, & diz o texto,
 que o sepultara Deos no val-
 le de Moab: *Sepelivit eum in* Dent.
valle terra Moab: Pois se o 34. 6.
 monte foi o theatro de sua
 morte; porque hade ser o
 valle o campo de sua sepul-
 tura? Porque quiz Deos hõ-
 rar o monte, & o valle; o
 monte có a morte de Moy-
 ses, & o valle com a sepultu-
 ra. Grande gloria daquelle
 monte, que morresse nelle
 Moyfes; mas gloria maior
 do valle, que se sepultasse
 nelle. Jactese embora Jeru-
 salem com a morte de Santi-
 ago; mas gloriese mais Hes-
 panha com a sua sepultura.
 Quiz Santiago ter o thezou-
 ro de suas reliquias, aonde
 tinha o coração. A avareza,
 como diz Christo, tem o co-
 ração

ração, aonde tem o thezouro; o amor tem o thezouro, aonde tem o coração; & como o amor de Santiago tinha o coração em Hespanha; em Hespanha quiz ter o thezouro de suas sagradas reliquias. E se em Jerufalem bebeo o Caliz: *Calicem quidem meum bibetis*: em Hespanha teve o despacho da Cadeira. Que ainda q̄ Christo ao parecer o negou, na verdade foi ensinarlhe o modo, por onde a havia de conseguir. Este he o intento do Evangelho; & da Igreja na eleição, que fez deste Evangelho pera festejar as memorias deste gloriosissimo Apostolo.

2^o Tenho acabado, mas não quero acabar sem vos lembrar, meu gloriosissimo Santo, que vos lembreis, que foi Braga a vossa primeira Esposa; ou ao menos a Ci-

dade, que primeiro, que todas as de Hespanha mereceo os vossos primeiros amores: & que bem vós vos podeis dizer, o que a outra Rainha: *Ille, meos primus. qui me sibi junxit, amores Abstulit, ille habeat secum, servet que sepulchro*. Em vosso sepulcro tem sepultados convosco os seus amores esta Augusta Cidade; porq̄ vos fostes o primeiro, q̄ por meyo da fê a unistes com Christo, & convosco; lembrada vive deste amor, como o mostra a devoção, de quem repete tantas vezes esta vossa solemnidade: E se hum amor com outro se paga; pagai, meu Santo, este cuidado cõ huma especial protecção desta Cidade vossa; deste vosso juiz, destes vossos devotos; pera que por meyo da graça alcansem huns grandes lugares na gloria.





SERMAM

DA CONVERSAM

DE S. PAULO

Em onosso Collegio de Braga.

Sequuti sumus te. Mat. 19.

§. I.

P Equena festa pera tam grande dia, & mais pequeno Orador pera assumpto tam grande. O dia he o da Conversaõ do maior Peccador, que houve em seus tempos: o assumpto he o maior Pregador, que houve, & hade haver em todos os tempos. O

dia he o da Conversaõ do maior Peccador, que houve em seus tempos; assim o confessa publicamente em huma sua charta a sua humildade: *Christus JESUS venit in hunc mundum peccatores sal. vos facere: quorum primus ego sum.* O assumpto he o maior Pregador, que houve, & hade haver em todos os tẽ-

Nn. pos;

pos; porque foi eleito *Jure Divino* pera levar pello mundo todo cõ o nome de Christo a doutrina Evangelica:

Act. 9. *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus, & regibus, & filiis Israel.* Nam era logo sem rezão a minha queixa, que era pequena a festa pera tam grande dia. No dia, em que se converte hum peccador, disse Christo, que o Ceo se poem de festa; & que os Anjos são, os que a celebraõ:

Luc. 15. *Gaudium erit coram Angelis Dei super uno peccatore penitentiam agente;* & por boa consequencia ao maior peccador se fará festa maior. Assim he no Ceo; na terra não he assim; & porque não he assim na terra? porque a verdadeira conversão não se faz sem lagrimas; & na terra, & mais nesta terra não se faz grande festa às lagrimas. Mal podemos logo negar, q̃ he pequena a festa pera tam grande dia. He tambem pequeno o Orador pera tam grande assumpto; porque pera o elogio de tam grande Pregador como S. Paulo to-

da a eloquencia he muda, quanto mais a minha. Mas melhor he assim, pera que o Orador diga com a festa, ja que não pode dizer da festa, o que ella pede, & merece.

2 O thema, que nos dá o Evangelho, he huma resposta de Christo a huma proposta de Pedro. Chegou Pedro a Christo, & encarecendo as finezas, que tinha feito em seu obsequio lhe disse assim: *Ecce nos reliquimus omnia, & sequuti sumus te: quid ergo erit nobis?* Eis aqui, que fizemos deixação de tudo, & vos seguimos: que nos mandais esperar de vossa liberalidade? Com rezam nota S. Jeronymo a Pedro de confiado: *Loquitur confidenter.* Entre os doze nenhum podia tomar menos confiança pera dizer o *Reliquimus omnia*, que Pedro. É porque? porque nenhum deixou menos, que Pedro. Pedro deixou humas redes: *Relictis retibus*: isso mesmo deixaraõ Santiago, & S. Joam; deixaraõ as redes, que he muito; & deixaraõ o pay, que he muito mais.

is: *Relictis retibus, & patre.* S. Matheus deixou o telonio, & com o telonio os interesses; & assim os mais. Pois se os mais tinham deixado mais, que Pedro, como he lo Pedro, o que enche a boca de tudo, ou do nada, que deixou: *Reliquimus omnia?* Porque assim he pella maior parte, que os que menos fazem, são, os que mais blasfonaõ. E esta pode ser a rezam; porque Christo não respondeo ao deixar, & lo deferio ao seguir: *Vos, qui sequuti estis me;* porque no deixar era Pedro desigual a todos; & no seguir eram todos iguais com Pedro: E se o *quid ergo erit nobis?* isto he o premio, se houvesse de repartir pello deixar, & não pello seguir, ficava Pedro de peor partido.

3 Isto he, o que disse Pedro a Christo; mas isto he, o que Paulo não pode dizer a Christo no dia de sua Conversão: Pode dizer, que perseguia, sim; mas que seguia, não. Essa he a queixa, que Christo hoje lhe fazia: *Saule, Saule, quid me perse-*

queris? Assim foi antes de convertido; mas não foi assim depois da Conversão: antes de convertido Paulo era, o que perseguia a Christo; & Christo era, o que seguia a Paulo, ate lhe dar alcanse junto às muralhas de Damasco. E pera que seguia Christo ao seu perseguidor? Peraque este mesmo perseguidor fosse, o que mais generosamente seguisse a Christo. Mas, pera que Christo conseguisse esta victoria, sahe hoje a hum glóriofo duello, ou desafio com Paulo. Não he meu o pensamento, he do Doutissimo à Lapide: *Christus hic quasi duellū init cum Paulo; eumque vincit, & sternit.* Entra Christo em desafio com Paulo; alcança delle victoria, & o lança por terra. Em hum duello costuma, o que desafia, assinalar o tempo, & a hora, o lugar & as armas; & ultimamente partir o Sol. Esta será hoje a materia do discurso; nem temas; que por assistir a este desafio, incorrais na pena de excomunhaõ fulminada no Concilio Tridétino con-

Ses. 27.
de refo.
c. 9.

tra os que assistem aos duellos; porque como este todo he amor, todo he graça. Desta necessito; peçamola por intercessão da Senhora.

AVE MARIA.

Sequiti, &c.

§. II.

4 **A** Primeira couza, q̄ em hum desafio se assinala, he o tempo, & a hora, em que hamde batalhar os combatentes. E que tempo, & hora escolheo o competidor do Ceo pera este famoso duello? O tempo foi o do dia, & a hora a do meio dia. Assinao fez de fe o mesmo desafiado, não huma, mas duas vezes, que lhe foi necessario fallar neste successo. A primeira no cap. 22. dos Actos dos Apostolos, aonde diz: *Factum est autem, ut eunte me, & appropinquante Damasco, media die circumfulsit me lux copiosa.* Succedeo, que caminhando eu, & chegando à Cidade de Damasco ao meio dia, me cer-

cou huma grande luz. A segunda vez torna a repetir o mesmo a El-Rey Agrippa no c. 26. do mesmo livro: *Dum irem Damascum, die media in via vidi, o Rex, supra splendorem solis circumfulsisse me lumen.* De modo, que temos de fê, que o tempo foi de dia, & a hora a do meio dia. Ponderemos o tempo, & logo contaremos a hora.

5 De dia entra Christo em desafio com Paulo? Parece que havia de fer de noite. Quando os competidores sam notavelmente de signais, não so a competencia, mas a mesma victoria he injuriosa ao maior: a competencia, porque quem chega a competir, ja confessa no contrario igualdade; a victoria, porque, ou o maior sahe vencido, ou vencedor? Se vencido, que maior affronta? Se vencedor, que pequena gloria? Quando David sahio ao celebrado desafio com o gigante, sahio armado do seu cajado, & funda; & reparou muito o gigante na estatura, nos annos, & nas armas do

do pastor, & vendo em tudo huma tam notavel desigualdade, deuse por muito affrontado, & com rezam; porque julgava o atrevimento da competencia por injuria; & por desar a victoria de tam inferior contrario; ainda que aprendeo á sua custa, que nenhum inimigo se deve desprezar por pequeno. Pois que remedio pode ter o maior em occasião semelhante? O remedio está no tempo. Se he necessario combater com o menor, seja de noite, & não de dia, pera que as sombras da noite dissimulem o desdouro da competencia, & o desar da victoria.

6 Assim o fez; quem? algum Cesar, ou Alexandre? Nam. Hum Anjo do Ceo. Desafiouse com Jacob hum Anjo; veio a braços com elle: *Ecce vir luctabatur cum eo.* E que tempo escolheo o Anjo pera o duello? o do dia, ou o da noite? o da noite: *Luctabatur cum eo usque mane.* Estendeose a contenda ate pella manhã. E em chegando a manhã, que fez o Anjo?

Desembaraçouse dos braços de Jacob, & desappareceo: *Dimitte me; jam enim ascendit Aurora.* Pois porque vinha apontando a aurora, pede o Anjo ao competidor, q̄ o deixe retirar? porque rezam? A rezam, que dam os Expositores; foi pera que o não vissem. Mas desta rezam perguntara eu a rezam. Os Anjos, naquelles tépos não se regateavao tanto aos olhos dos homês, que se não deixassem ver muitas vezes. Deixouse ver o Anjo, que servio de guia a Tobias. Deixouse ver o Anjo, que no deserto appareceo a Agar escrava de Abrahaõ. Deixouse ver o Anjo, q̄ deu à mãy de Sansam a nova do nacimiento do mesmo filho; & assim outros muitos. Pois se os Anjos não eram naquelle tempo tam escrupulosos em se deixarem ver; que rezam teve o Anjo de Jacob, pera não querer ser visto? Nam foi, por não querer ser visto, mas pello não verem andar a braços com hum homê? O menor Anjo he de esfera incomparavelmente maior, q̄ o

maior homẽ. E quasi se envergonhava o Anjo da competencia, & da victoria. Que o maior compita com o menor; que hum Anjo se desafie com hum homẽ; a competencia he com desdouro de minha grandeza; & o vẽcimento sem gloria de minha valentia. Pois alto, diz o Anjo, retiremonos, antes que nos vejã: *Dimitte me; já enim ascendit Aurora.* Porisso escolheo as horas da noite; & não as do dia, pera que não fosse visto combater se com Jacob.

7 Se he assim, que havemos de cuidar; ou que havemos de dizer, quando vemos, que Christo escolhe o tempo do dia pera sair a desafio com Paulo? Senhor, vos não sois o Senhor dos exercitos? não sois, o que dais as victorias, & as tirais a vosso arbitrio aos Principes, & Reys da terra; pois como à vista do mundo todo vos dignaes sair a desafio com hum homẽ? Tam grande homẽ era Paulo, que senão dedigna Christo da competencia? Tanta era a gloria da vi-

ctoria, que convida Christo os olhos de todo o mundo. He verdade, que Christo era o Gigante: *Exultavit ut gigas;* & Paulo era o David; mas não teve o Gigante por menos decoroso à sua grandeza competir com a pequenez de Paulo; nem teve por tam pequena a victoria, que renunciassẽ as acclamações de vencedor. Christo era o Anjo, *Angelus testamenti;* & Paulo era o Jacob; mas não buscou o Anjo as sombras da noite; porque não fez pundonor de ser visto; nem se retirou, antes de concluir a victoria; porque fazia gala de sair victorioso.

8 Porem não sam estes os maiores exemplos. Naquelle porfiado desafio, que Deos teve com Faraõ, reparo eu muito em huma notavel diversidade, que houve entre duas pessoas, que entraraõ neste duello: & quem foram estas pessoas? Moyfes, & Deos. Quando Deos sahia em pessoa de Moyfes, sempre foi de dia; huma vez, q̃ sahio em sua propria pessoa, foi de noite. Lẽam o livro do Exodo,

Exodo, & acharám, que todas as vezes, que Moyses esgrimio a sua vara contra Faraó, foi de dia. Deu o primeiro golpe no tyrão, convertendo em fangue a agoa do Nilo, & das fontes de Egipto; & mandoulhe Deos, que fosse de dia: *Vade ad eum manè*. Repetio o segúdo golpe metendo no Egipto o innumeravel numero de rans, naõ sei se mais molestas aos olhos, se importunas aos ouvidos, & foi de dia; & assim os mais, em que Deos lhe dizia: *Consurge diluculo, consurge manè*. Houve finalmente de vir o mesmo Deos em pessoa a dar o ultimo fim ao fatalissimo desafio, passando aos fios da espada a todos os primogenitos de Egipto; & que tempo escolheu pera este derradeiro conflicto? Ouvi-o dizer ao mesmo Senhor: *Hac dicit Dominus: Media nocte ingrediar in Egyptum: & morietur omne primogenitũ in terra Egyptiorum*: Pella meia noite entrarei no Egipto; & nenhum dos seus primogenitos ficará com vida. He o que

depois disse Salamaõ no livro da sabedoria: *Cum quietum silentium contineret omnia, & nox in suo cursu medium iter haberet, omnipotens sermotuus exiliens de celo à regalibus sedibus, durus debellator in mediam exterminij terram profilivit*. Quando hũ alto, & quieto silencio, diz o Sabio fallando com Deos, estendendo sobre a terra as azas de seu profundo socego abarcava, & abraçava a tudo: quando a noite dividia em duas partes iguais o emiserio, vossa Omnipotente Palavra, isto he, vosso Divino Verbo, sahindo do Ceo, & de seu real palacio, como forte, & duro guerreiro, se poz de hũ salto na terra do inimigo. Ja vedes o meu reparo: se quando Deos sabe em pessoa de Moyses a batalhar com Faraó, faz a guerra nas horas do dia: *Vade ad eum mane*: quando sabe em sua propria pessoa, porque escolhe o tempo da noite: *Media nocte ingrediar in Egyptum*? Bem lei, que responderám os apaixonados de sua misericordia, que

Sap.
18.Exod.
11.

como vinha a degollar todos os primogenitos de Egipto, não quiz, que o vissem fer executor de tam rigoroso castigo; por isso veyo de noite. Mas nesta occasião não foram as attenções de sua Misericordia, as que fizeraõ a eleição da noite: pois quem? o decoro de sua soberana Magestade. Quando combatia na pessoa de Moyses contra Faraó, combatia hum homê com outro homê; pois seja embora de dia, que não importa, que seja visto: quando batalhava em sua propria pessoa, batalhava Deos contra hum homê: pois seja de noite, porq̃ fora menos decoroso à grandeza da Magestade ter vista contender contra hum inimigo tam desfigural, ainda q̃ fosse coroado; por isso veyo no silencio da noite: *Ad arcanã Divinæ majestatis vim, & efficaciam representandam.* Diz o doutissimo à Lápide.

9 Mas hoje, Senhor, aonde está a regalia de vossa grandeza? aonde o respeito da Magestade? aonde o de-

coro da soberania? Sahis do Ceo, deixais o trono de vossa gloria, vindes á terra a desafiavos com hum homem, não entre as sombras da noite, mas entre as luzes do dia; que ham de dizer os Anjos? Que ham de dizer os homêes? Que ham de dizer? Que he tam grande este homê; que he tam importante esta victoria, que faz Christo gala de ser visto combater com elle, & de o vencer; por isso escolhe pera o desafio as horas do dia: *Media die circūfulsit me lux copiosa.*

§. III.

10 Está bem ditto quanto ao tempo. Mas quanto à hora: ao meyo dia: *Media die?* Esta hora não he a hora do descanso, ainda pera o mesmo Deos? Assim o suppunha a alma Santa, quando dizia: *Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie.* Cant. 16. Mostraime, Senhor, o lugar, aonde descansais na hora do meyo dia. Pois se esta he a hora, que Deos toma pera seu descanso, que cuidados sam

fam estes, que a esta hora o inquietão? Que negocio tam urgente, que o faz sair do Ceo ao meyo dia? Quando Deos quiz converter a Adam, diz o Sagrado Texto, que decera ao Paraizo: *Ad auram post meridiem*: La sobre a tarde depois do meyo dia. Pois tam tarde? Sim, diz Ruperto; porque tinha Deos dormido, & muito pera Adam: *Nam re vera tunc homini Deus nimium dormierat*: chama sono o agudo Padre áquelle vagar, & demora, com que Deos acudio a converter a Adam. E sofre olhe o coração a Deos descansar a o meyo dia: Senhor, não vedes, que está perdido Adam, & com Adam todo o genero humano, que delle se hade propagar; & ainda assim tomais o sono do meyo dia? Nam vedes, que triumpho o demonio, declarado inimigo vosso, de ter vencido a Adam, & fogeito a seu imperio; & ainda esperais, que passe o meyo dia: *Ad auram post meridiem*? Mas hoje pera combater com Paulo, pera o conquistar, pera o ren-

der à vossa obediencia, não dormis, não descansais, ao meyo dia deceis do Ceo à terra: *Media die?*

II Ora eu buscando a rezam desta differença, cuido, que foi, porque Adam offendeo a Deos na honra; & Paulo no amor: Adam offendeo a Deos na honra; porque quiz ser como Deos: *Eritis sicut Dij*: quiz tirar a Deos a gloria de ser hum: Paulo offendia a Christo no amor; porque offendia, aos que Christo amava. Esse he o mysterio daquella queixa, que deu a Paulo: *Saule, Saule, cur me persequeris?* Saulo, Saulo, porque me persegues? He certo, que Paulo não perseguia a Christo em sua pessoa; porque Paulo estava na terra, & Christo no Ceo; mas perseguia aos fieis, & amigos de Christo, que estavaõ na terra: Pois porq̃ não diz Christo; porque persegues aos meus; senão porque me persegues amim: *Cur me persequeris: Me, & não meos?* Porque Christo por amor trazia aos seus nas meninas dos olhos; por isso

lhes disse, què lhe tocava nas meninas dos olhos, quem os offendia a elles: *Qui vos tangit, tangit pupillam oculi mei.* De modo, que Adam offendeo a Deos na hõra; & Paulo offendia a Christo no amor; & as offensas da honra podem se dissimular por algumas horas; as offensas do amor não se podem sofrer nem por instantes: a honra aggravada dá tregõas ao descanso: o amor offendido não dá descanso ao cuidado.

12. Chegou huma noite o Esposo às portas da sua querida Esposa, bateo, & pediu, que lhe abrisse; mas o melindre daquella alma foi tam vagaroso em acudir aos golpes, que o Esposo lhe dava à porta, como aos que a o coração lhe dava o amor; tão que enfatiado o Esposo de tantos vagares se retirou offendido. *Ille declinaverat, atque transferat.* Cahio no erro a Esposa: toma o manto, & sahe de noite pelas ruas, & praças da Cidade em busca do Esposo pera lhe dar satisfação de seu descuido. Pois, Alma Santa, a e-

stas horas sahe hũa Senhora recolhida pellas praças, & ruas do lugar? porque não esperais, que amanheça; & as primeiras luzes da aurora vos daram noticias do vosso Sol? Assim fora, se não tivera offendido ao amor: Mas como o tinha aggravado, não tolerava vagares: De noite a faz sahir do leito, em q̄ descansava; sem que pera sua delicadeza houvesse estorvos nas ruas, nem pera seu natural medroso houvesse sombras na noite. Todo he cuidado hum amor offendido; por isso sahe a Esposa nas horas da noite; por isso sahe Christo na hora do meyo dia; a Esposa buscando a Christo; & Christo buscando a Paulo; a Esposa, porque via aggravado seu amor em seu descuido; Christo, porq̄ via offendida sua charidade em teus fieis: *Cur me persequeris?* E como em Adam via offendida a honra; & em Paulo o amor; por isso sahio a combater com Paulo ao meyo dia: *Media die;* & com Adam la sobre a tarde: *Ad auram post meridiem.*

13 Mas ainda temos, q̄ ponderar nesta hora. A hora do meyo dia significa na escriptura Sagrada o fervor defremfreado de peccar; peccar sem medo nem de Deos, nem dos homés. Assim o pôderou Jeremias na guerra, que os Assyrios moveraõ contra Jerusaleem: Introduz o Profeta aos Assyrios exhortandose reciprocamente a esta guerra, & diz assim: *Consurgite, & ascendamus in meridie*: Vamos contra Jerusaleem, & vamos ao meyo dia: & que quer dizer ao meyo dia? *Sine metu eam invadamus*: Demos lhe o assalto sem temor algum. E quem sam os Assyrios, sennão os peccadores no sentido allegorico? Logo o meyo dia he o fervor mais ardente da culpa; & a esta hora he difficil o remedio; porque a mesma febre da culpa faz inutil a medicina. Por isso Deos não veyo curar a Adam ao meyo dia; mas depois la pella tarde; quando estava mais remissa a febre: *Ad auram post meridiem*.

14 E que contra estes

aforismos venha Christo ao meyo dia, quando Paulo ardia mais na febre do odio, da blasfemia, da indignação: *Adhuc spirans minarum, & cædis in Discipulos Domini*. Que havemos de dizer; sennão que tambem se desafiarãõ hum meyo dia com outro meyo dia. O meyo dia tambem significa o fervor do amor, & da charidade: *Meridies fervorē charitatis significat*: diz o Author das Allegorias. Da parte de Christo estava o meyo dia do amor; da parte de Paulo estava o meyo dia do odio; sennão a desafio hum meyo dia com outro meyo dia; & quiz Christo vencer com o meyo dia de seu amor, a quem anhelava ao vencer com o meyo dia de seu odio: por isso intendeo tanto os raios, que estando o Sol no Zenit do meyo dia, vencia o resplendor de Christo as luzes do mesmo Sol, como notou o mesmo Paulo: *Supra splendorem solis circumfulsisse me lumen*.

15 Eu não posso deixar de admirar, & inquirir, como

mo Christo se empenha tão to por Paulo, como dissimula, como sofre tanto? He possível, que quando Paulo merecia, q̄o tirasse do mundo, como tam cruel perseguidor de seus amadores, o conserve, & procure reduzir có tanto empenho? Sim, que era Paulo hum fugeito unico; & quando o fugeito he unico, alguma couza se lhe hade dissimular, & sofrer. La diz Christo, que se hum de vossos olhos vos escandaliza, que o tireis, & arrojéis: *de vos: Si oculus tuus scandalizat te, erue eum, & projice abs te;* & o mesmo diz das mãos, & dos pés. Pois só os olhos, só os pés, & só as mãos escandalizaõ; a lingua não escandaliza tambem? Certo que não sei eu fonte, donde manem mais escandalos, que a lingua? Dos escandalos, & viciõs da lingua cõpos hum grande Abecedario o Veneravel P. Jeremias Drexellio. Pois se senão hade perdoar hum escandalo aos olhos; se senão hade sofrer hum escandalo às mãos; se senão hade tolerar hum es-

Act. 5.
29.

candalo aos pés; à lingua porque se hamde dissimular tantos escandalos? Se se hade arrancar hum dos olhos; se se hade cortar huma das mãos, se se hade decepar hú dos pés; porque não manda tambem Christo, que se corte a lingua? Porque a lingua he unica: os olhos, as mãos, & os pés não são unicos: tendes dous olhos, & se tirais hum, não ficais de todo cego, ainda vos fica outro; tendes duas mãos, & se cortades huma, não ficais de todo aleijado, ainda vos resta outra; tendes dous pés, & se decepareis hum, não ficais de todo manco; ahi tendes outro; mas se cortades a lingua, ficais de todo mudo; porque he unica; & a hum fugeito, que he unico bem he, que se lhe sofrá, & dissimule algum escandalo: não se corte, emendese; como Christo não cortou, mas tratou de emendar a Paulo, fahindo do Ceo ao meyo dia de seu amor pera vencer o meyo dia de seu odio: *Media die circumfulsit me lux copiosa.* Passemos ja desta hora, que

q̄ não quero passar da hora:

§. IV.

A segunda couza, que nos defafios se costuma affinalar, he o lugar, em que se hamde combater os competidores. E de que lugar fez Christo eleição pera este defafio, em que entrou com Paulo? disse o mesmo Paulo: *Appropinquante me Damasco*: Junto à Cidade de Damasco; isto he o Campo Damasceno. Mysteriosa eleição! Quem ha, que ouvindo nomear o campo Damasceno, senão lembre logo, que o Campo Damasceno foi o lugar, aonde, & de cujo barro formou Deos ao primeiro homem. De modo, que no mesmo campo, em que Deos formou a Adam, reformou a Paulo: donde não he livre, mas necessario fazer tambem o parallelo entre Paulo, & Adaó. A Adam formou-o Deos pera o primeiro homé do mundo; & a Paulo reformou-o Christo pera o primeiro homé de sua Igreja: a Adam formou-o Deos à sua imagé,

& semelhança: *Faciamus hominem: ad imaginem, & similitudinem nostram*: a Paulo reformou-o Christo à sua semelhança, & imagem, tanto, que ate as suas chagas estampou em Paulo: *Stigmata Domini JESU in corpore meo porto*. A Adam deu Deos a vida com hum sopro de sua boca: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ*: Paulo deulhe Christo a vida comsigo mesmo; porque Christo era a vida de Paulo: *Vivo ego, jam non ego; vivit verò in me Christus*. A Adam transplantou-o Deos do Campo Damasceno ao Paraizo da terra: *In quo posuit hominem, què formaverat*: a Paulo trasladou-o Christo do mesmo campo ao Paraizo do Ceo: *Raptum hujusmodi usque ad tertium cælum*. A Adam formou-o Deos pera pay temporal dos homés: a Paulo reformou-o pera pay espirital dos fieis.

16 Levantou Deos a Adam daquelle campo; & que fez Adam? Levantouse contra Deos. O'que mal vos succedeo, Senhor, com Adam,

dam, como não temeis, que vos succeda o mesmo com Paulo? Se Adam levou deste barro, ou a fraqueza, ou a soberba, com que se rebellou contra vos, como senão pegaraõ a Paulo os achaques do mesmo barro! Quereis emendar em Paulo os erros de Adam, & do mesmo barro, de que formastes a Adam, reformais a Paulo? Sim; que quiz Deos mostrar em Paulo a gloria do seu poder. E a gloria do poder Divino está em fazer instrumento da victoria a occasião da ruina. A maior victoria, que se alcançou, nem hade alcançar no mundo, foi a que o Redemptor conseguiu do inferno, & do peccado; & qual foi o instrumento desta victoria? Foi a arvore da Cruz? Pois huma arvore hade ser o instrumento da maior victoria de Deos? Sim, huma arvore; porque huma arvore foi a occasião da maior ruina do mundo. E quiz Deos mostrar a gloria de seu poder em fazer instrumento da maior victoria, o que foi occasião da

maior ruina: *Ut, qui in ligno vincebat, in ligno quoque vinceretur*: canta a Igreja em applauso deste triumpho. Isto fez Deos, quando quiz mostrar, qual era a virtude de sua Omnipotencia na redenção do mundo; & isto mesmo foi, o que fez na Conversão de Paulo: O mesmo barro, que em Adam formado foi occasião da ruina, seja em Paulo reformado instrumento da victoria: caya Paulo nesse campo, pera se levantar convertido, ja que Adam se levantou desse campo, pera cahir pervertido.

§. V.

17 Este foi o lugar; & quais foram as armas, que he a terceira couza, que nos defasios se assinala? As armas da parre de Paulo eram de fogo; & da parte de Christo foram de luz. Da parte de Paulo eram de fogo; assim o significa S. Lucas, quando diz: *Saulus adhuc spirans minarum, & cadis in Discipulos Domini*. Hia Paulo vomitando fogo de odio, de ameças,

meaços, de prizoões, de mortes contra os Discipulos do Senhor. O que terriveis armas, & muito mais quando lhes parece, que tem da sua parte a rezam; como parecia a Paulo; porque o armava o zelo da ley, & religiam de seus maiores, morta ja entam, se bem não mortifera ainda. Este zelo he, que o armava contra a fê, & religiam Christã, que novamente começava a florescer. Este zelo eram todas as suas armas. Armou-se Paulo contra Christo, como Christo se hade armar contra os reprobos la nos ultimos dias do mundo. Compõem Salamaõ a panoplia, ou jogo de armas, com que Christo hade sahir a fazer aquella ultima guerra, & diz assim no cap. 5. da Sabedoria: *Accipiet armaturam zelus illius*: Tomará seu zelo as armas. O Texto Grego le: *Accipiet armaturam omnem zelum suum*. Tomará por armas todo o seu zelo. Pois se o zelo hade ser todas as suas armas? Nam acrescenta logo o mesmo Texto, que vestirá por peito de prova a ju-

stiça: *Induet pro thorace justitiam*: que trará por capacete o juizo certo, & infallivel: *Accipiet pro galea iudicium certum*: que abraçará por escudo inexpugnavel a equidade: *Sumet scutum inexpugnabile aequitatem*: que aguçará em lança a sua ira. *Acuet diram iram in lanceam*. Pois se hade vestir estas armas todas, como diz o Texto Grego, que tó o zelo lhe servirá de todas as armas: *Accipiet armaturam omnem zelum suum*? Porque assim será verdadeiramente o seu peito, q̄ he a justiça, será o seu zelo, com que condenará as injustiças dos máos: o seu capacete, que he o juizo certo, será o seu zelo, com que castigará os juizos incertos, & temerarios: o seu escudo, q̄ he a equidade, será o seu zelo, com que punirá as iniquidades, & crueldades dos tyrannos: a sua lança, que he a sua ira, será o seu zelo, com que tirará a vida temporal, & eterna a todos os peccadores; & como tudo isto hade fazer o seu zelo, por isso o seu zelo hade ser todas as suas

suas armas: *Accipiet armaturam omnem zelum suum.*

18 Nam de outra sorte Paulo, senão que como o seu zelo não era de Christo, mas contra Christo, tanto o seu zelo, como as suas armas eram falsas. Cuidava, que levava justiça por peito, & no peito, em que levava as provizoões dos Principes dos Sacerdotes pera perseguir aos Christãos; & a sua justiça era injustiça; porque o seu zelo era injusto: julgava, que tinha por capacete hum juizo certo, de que era falsa a fê de Christo; & o seu juizo era errado; porque o seu zelo era mentiroso. Persuadiase, q̄ o seu escudo era a equidade, com que sem distincão perseguia a todos; & a sua equidade era iniquidade; porq̄ o seu zelo era enganado, & enganoso. Cria, que impunha por lança huma justa ira, com que se apostava a tirar do mundo todos, os que criam em Christo; & a sua ira era furor; porque o seu zelo era enfurecido. O' zelos, quem vose examinara mais de vagar; mas não pode-

mos, que vem ja Christo esgrimindo as suas armas.

19 E contra estas armas de fogo, de que Paulo vinha armado, com que armas sahio Christo ao desafio? Ja está ditto pello mesmo Apostolo: *Circumfulsit me lux copiosa.* As armas foram de luz. Veyo Christo ao desafio, & a primeira couza, que fez, foi cercar ao contrario; mas o cerco fôi de luz: *Circumfulsit me lux copiosa.* Houve-se Deos nesta reformação de Paulo, como se houve na reformação do mundo. A segunda couza, que Deos creou no primeiro dia do mundo, foi a luz; & foi a luz a primeira couza, que tambem formou em Paulo. Mas he muito certo pera admirar, que aquella primeira luz era menor, que o Sol, que fôi criado no quarto dia; & a luz, com que cercou a Paulo era maior, que o Sol: he advertencia do mesmo Paulo: *Supra splendorem solis circumfulsisse me lumen:* que o cercara huma luz, que excedia o Sol no resplendor. Pois huma luz menor, que o Sol

pera

pera allumiar o mundo todo; & pera illustrar a Paulo huma luz maior, que o Sol: *Supra splendorem solis?* Sim, que fazia Christo maior estimação de Paulo, do que do mundo todo: pera todo o mundo basta huma luz, que não chega a ser Sol; pera Paulo hade ser huma luz, q̄ passe a ser mais, que Sol: *Supra splendorem solis.*

20 Desta luz formou Christo a primeira bala, com que fez tiro a Paulo: digo, que foi bala; porque foi à maneira de hum globo; assim o diz Thomas Bossio citado pello Padre Lorino: *Eam lucem fuisse in modum globi.* E que quando Paulo atirava contra Christo balas de fogo, atirasse Christo a Paulo balas de luz! Ja me não admiro, que Paulo cahisse a esta primeira bala, & se rendesse ao primeiro confito. Cahio Paulo em terra, & perguntou: *Quis es, Domine?* Quem sois vos, Senhor? Pois não sabe, quem he, & chamalhe Senhor, ou chamalhe Senhor, sem saber, quem he? Parece que se implica. Por

huma parte estava firme na errada opiniaõ, de q̄ Christo não era mais, que homê, por outra via o poder, pois que o derribara em terra; & a brandura de suas vozes, pois se queixava: *Saule, Saule, quid me persequeris?* E via, que tal brandura em tal poder não podia ser senaõ de Deos: & assim diz: Nam duvido, que sois meu Senhor; porem quem sois? Nam, sois, quem eu cria, & creio, que sois meu Deos; pois me tendes rendido, & me rogaes; que esta nobreza de animo he maior, que a esfera de hum peito humano.

21 Eu não posso deixar de repetir aqui, o que dizem alguns authores sobre aquellas palavras do cap. 4. de Job: *Tigris perijt eo, quòd non haberet prædam.* Descrevem alguns authores hum modo notavel, de que costumão uzar os caçadores, pera tomarem sem perigo, & com facilidade os tigres. No caminho, que sabem costuma seguir o tigre, poem huns espelhos de crital em tal proporção, que em nacendo o

Sol, os fira logo com seus raios: nace de menhá o luminoso planeta, & vendo o cristal contrario a feu resplandor, como se se desse por desfaziado, o enveste com tal frequencia de raios, que parece os empenhou todos na primeira bateria. Recebeos o Espelho tam côstante, q̄ no mesmo tempo os reflecte mais intensos; & reverberando nos outros espelhos, se intende cada vez mais o resplandor: encontraõ-se no ar hum rayo a outro rayo; hum a luz á outra luz, hum reflexo a outro reflexo: ferve o caminho, arde o monte, resplandece o bosque: sahe o tigre, chëga aos espelhos, & vendo aquella fermosa batalha de luzes, fenaõ fica morto no campo, fica prizoneyro dos raios, porque esquecido de sua natural liberdade fica facil preza aos laços do caçador. *Tigris perit.*

22 Não vos parece que estais vendo, o que hoje succedeo no caminho de Damasco. Quem mais tigre, que mais fera, & mais fero, que

Paulo, seguia aquelle caminho a buscar Christaõs; a quem matar, & fazer pedaços: *Spirans minarum, & cadis in Discipulos Domini.* Neste caminho, *In via*, lhe sahio aquelle Senhor, que juntamente he espelho, & he Sol, & alli intendendo os raios *Supra splendorem solis*, cercou ao tigre feroz por todas as partes de luz: *Circumfulsit me lux copiosa*: & à vista de tanta luz que havia de fazer? O que fez? render-se, humilhar-se, & por-se nas mãos do vencedor: *Domine, quid me vis facere*: aqui me tendes rendido. Que mandais, Senhor, que faça? Vos como vencedor por direito do duello me podieis tirar a vida; mas vossa clemencia he tanta, que vos dignais de ma conservar: ficarei servo vosso eternamente; pera vos seguir em toda a vida; & se atëgora vos perseguia em vossa Igreja, *Persequerbar Ecclesiam Dei*; de hoje em diante direi com os mais Apóstolos: *Sequuti sumus te*. Se bem o disse, melhor o cūprio; porque seguio a Christo

sto com tam porfiada fineza, como mostrou naquelle quartel de desafio, cõq̃ protestou a todas as creaturas, que sam, que hã de fer, & que podem fer, de que nenhuma seria poderosa pera romper os laços, com que seu amor o tinha ligado com Christo: Estou certo, diz escrevendo aos Romanos, e estou certo, que nem a morte, nem a vida; que nem os Anjos, nem os Principados, nem as Virtudes, nem as couzas presentes, nem as futuras; nem a fortaleza, nem a altura; nem o profundo, nem alguma outra creatura nos poderá apartar da charidade, & amor de Deos, que está em JESU Christo. Podia seguir a Christo com maior fineza? he certo, que não. Cale logo Pedro hoje o seu *Sequitur sumus*; pois na occasião de maior importancia seguiu a Christo; mais de longe: *Petrus autem sequebatur eum à longè.*

§. VI.

23 Seguiase falar da ul-

tima condição do desafio, que he, partirse o Sol: mas Christo não quiz hoje partir com Paulo o Sol; antes lhe deu com elle todo nos olhos: *Supra splendorem solis circumfulsit me lumen*; & cõ todo o Sol nos olhos ficou Paulo cego: *Apertis oculis nihil videbat.* Notavel effeito de huma verdadeira conversação. Em que eu dezejava determe mais, senão tivera promettido de não passar da hora. Quereis saber, Senhores, se a vossa conversação he verdadeira; vede se ficais como Paulo: com os olhos fechados, & com os olhos abertos: com os olhos fechados, pera não ver, o que viciais; com os olhos abertos, pera ver, o que não viciais: cõ os olhos fechados, pera não ver a occasião, q̃ vos perdia; com os olhos fechados, pera não ver o pũdonor, q̃ vos levava ao odio, & á vingança: com os olhos fechados, pera não ver o gosto, que vos arrastava; o interesse, que vos precipitava; em fim o vicio, que vos levava sem reparo ao inferno: com os olhos a-

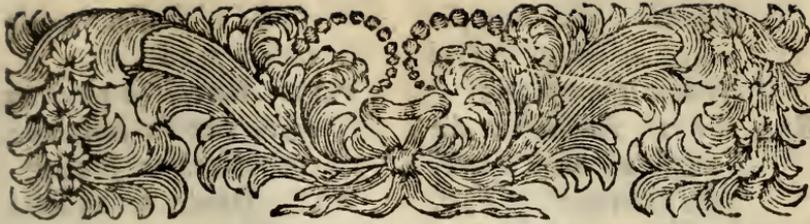
bertos, pera ver o escandalo, com que viveis: com os olhos abertos pera ver as obrigações de vossa consciencia: com os olhos abertos pera ver a conta, que haveis de dar a Deos; a bemaventurança eterna, que perdieis; & o inferno, a que sem remissão vos condenaveis. Boa, & verdadeira conversão foi a vossa; se assim vos converteis. Será conversão de hum S. Paulo.

§. VII.

2 Este foi o felicissi-

mo fim deste galhardo desafio; em que o vencedor ficou glorioso, & o vencido honrado. E com tanta honra, que a pode dar a este seu Templo, & Collegio, dando a hum, & a outro o seu nome, Templo; & Collegio de S. Paulo huma vez Real, & duas vezes Pontificio; huma vez Pontificio; porque o fundou o Illustrissimo, & Reverendissimo D. Fr. Bertholameu dos Martyres Arcebispo Primas, &c.





INDICE

DOS LUGARES DA SAGRADA

Escrittura, que se contem neste
segundo tomo.

*A letra p. denota a página, em que se achara
o lugar, que se allega.*

Ex Lib. Genes.

Exc. I. V. I. **I**n principio
creavit De-
us Cælum, & terram. p. 215,
& 358.

v. 2. Spiritus Dei fereba-
tur super aquas. p. 394.

v. 3. Fiat lux; & facta est
lux. p. 126.

v. 4. Vidit lucem, quod
esset bona. p. 133.

v. 5. Factum est vespere,
& mane dies unus. p.
540.

v. 8. Factum est vespere,

& mane dies secundus.
p. 127.

v. 10. Vidit Deus, quod
esset bonum. p. 133. &
215. & 216.

v. 16. Fecit Deus duo lu-
minaria magna: lumina-
re maius, ut præesset di-
ei; luminare minus, ut
præesset nocti p. 111. &
416.

v. 26. Faciamus hominem
ad imaginem, & simili-
tudinem nostram. p. 18.
& 235, & 385. & 573.

v. 27. Creavit Deus ho-
minem

- minem ad imaginem suam, & ad imaginē Dei creavit illum. p. 385.
- Exc. 2. v. 2. *Requievit die septimo ab omni opere, quod patrarat.* p. 125.
- v. 7. *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ.* p. 67. & 374. & 573.
- v. 8. *In quo posuit hominē, quē formaverat.* p. 573.
- v. 16. *Ex omni ligno paradisi comede.* p. 249.
- v. 17. *Morte morieris.* p. 374.
- v. 18. *Faciamus ei adjutorium simile sibi.* p. 385. & 392.
- v. 21. *Immisit Dominus soporem in Adam.* p. 385. *Tulit unam de costis ejus.* p. 235. & 509.
- v. 22. *Ædificavit Dominus Deus costam, quā tulit de Adam in mulierem.* p. 385.
- v. 24. *Erunt duo in carne una.* p. 87.
- Exc. 3. v. 5. *Eritis sicut Dij.* p. 569.
- v. 8. *Ad auram post meridiem.* p. 569. & 570.
- v. 15. *Inimicitias ponam inter te, & mulierem, & ipsa conteret caput tuum.* p. 287.
- v. 17. *Maledicta terra in opere tuo: in laboribus comedes ex ea.* p. 249.
- v. 18. *Spinæ, & tribulos germinabit tibi.* p. 261.
- v. 24. *Collocavit ante paradisū voluptatis Cherubim ad custodiendam viam ligni vitæ.* p. 521. & 522.
- Exc. 7. v. 13. *In articulo diei illius.* p. 445.
- Exc. 8. v. 5. *Apparuerunt cacumina montium.* p. 391. & 393.
- v. 9. *Quæ, cum non inveniisset, ubi requiesceret pes ejus, reversa est ad eum in arcam.* p. 392. & 393.
- v. 11. *Portans ramos olivæ virentibus foliis.* p. 392. & 393.
- Exc. 9. v. 13. *Arcum meum ponam in nubibus...* Et non erunt ultra aquæ diluviij. p. 119. & 145. & 435.
- Exc. 18. v. 1. *Apparuit ei Dominus sedēt in ostio tabernaculi in ipso fervore diei.* p. 403.

dos lugares da Sagrada Escriitura.

Exc. 19. v. 23. & 24. Sol egressus est super terram.

Igitur Dominus pluit super Sodomam, & Gommorrham sulphur, & ignem. p. 446.

Exc. 21. v. 16. Non videbo morientem puerum. p. 418.

Exc. 22 v. 2 Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis isaac. p. 424.

v. 9. Cumque alligasset Isaac filium suum p. 86.

v. 12. Non extendas manum tuam super puerum. p. 423.

v. 18. Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ. p. 404.

Exc. 24. v. 22. Protulit vir maures aureas, appendentes ficos duos, & armillas totidem pondo siclorum decem. p. 340.

Exc. 27. v. 22. Vox quidem vox Jacob est. p. 79.

v. 37. Frumento, & vino stabili vi eum. p. 80.

Exc. 28. v. 17. Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta cæli. p. 9.

v. 20. Si dederit mihi panem ad vescendum, erit

michi Dominus in Deum. p. 9.

Exc. 29. v. 11. Elevata voce, flevit. p. 340.

Exc. 31. v. 41. Per viginti annos in domo tua servi vi tibi, quatuordecim pro filiabus, & sex pro gregibus tuis: immutasti quoque mercedem decem vicibus. p. 198.

Exc. 32. v. 24. Ecce vir luctabatur cum eo usque mane. p. 565.

v. 26. Dimitte me, jam enim ascendit Aurora. p. 116. & 262. 565. & 566.

Exc. 39. v. 2. Erat vir in cunctis prospere agens. p. 71.

v. 10. Mulier molesta erat adolescenti. p. 71.

Exc. 41. v. 9. Tunc demum reminiscens pincernarum magister. p. 241.

v. 12. Erat ibi puer Hebraeus. p. 71.

v. 45. Vocavit eum lingua Egyptiaca Salvatorem mundi. p. 70.

Exc. 45. v. 22. Singulis quoque proferrit jussit binas stolas: Benjamin vero

- dedit trecentos argenteos cum quinque stolis optimis. p. 150.*
- Exc. 47. v. 2. *Extremos quoque fratrum suorum quinque viros constituit coram rege. p. 550. & 551.*
- Exc. 49. v. 4. *Non crescas. p. 69.*
- v. 7. *Dividam eos in Jacob. & dispergam eos in Israel. p. 69.*
- v. 9. *Catulus leonis Juda. Ibidem.*
- v. 13. *Zabulon in littore maris habitabit. Ibidem.*
- v. 14. *Issachar, asinus fortis. Ibidem.*
- v. 17. *Fiat Dan coluber in via. Ibidem.*
- v. 19. *Gad, accinctus praeliabitur. Ibidem.*
- v. 20. *Aser, pinguis panis ejus. praebebit delicias regibus. Ibidem.*
- v. 21. *Nephtali, cervus emissus, dans eloquia pulchritudinis. Ibidem.*
- v. 22. *Filius accrescens Joseph, filius accrescens. p. 70.*
- v. 27. *Benjamin, lupus rapax. p. 70.*
- Ex Lib Exodi.
- Exc. 3. v. 12. **H** *Oc habebis signum. p. 406.*
- v. 24. *Ego sum, qui sum. p. 409.*
- v. 15. *Hac dices filiis Israel: Dominus Deus patrum vestrorum, Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob misit me ad vos. p. 409. & 410.*
- Exc. 7. v. 1. *Ecce constituite Deum Pharaonis. p. 406.*
- v. 9. & v. 19. *Tolle virgam tuam. p. 407.*
- v. 15. *Vade ad eum mane. p. 567.*
- Exc. 8. v. 20. *Consurge diluculo. p. 567.*
- Exc. 9. v. 13. *Mane consurge. p. 567.*
- v. 14. *Mittam omnes plagas meas super cor tuum. p. 515.*
- Exc. 11. v. 4. *Hac dicit Dominus: Media nocte ingrediar in Aegyptum, & morietur omne primogenitum in terra Aegyptiorum. p. 567.*

dos lugares da Sagrada Escriptura.

Exc. 12. v. 31. *Vocatis Pharaon, Moysē, & Aaron nocte, ait: surgite, & egredimini a populo meo.* p. 444.

Exc. 25. v. 20. *Versis vultibus in propitiatorium.* p. 13.

Exc. 32. v. 1. *Fac nobis Deos.* p. 483.

v. 5. *Præconis voce clamavit dicens: cras solemnitas Domini est.* p. 179.

v. 8. *Fecerunt sibi vitulum, & adoraverunt.* p. 179.

v. 19. *Cumque appropinquasset ad castra, vidit vitulum, & Choros iratusque valde.* p. 179.

v. 20. *Arripiens que vitulum combussit, & contrivit usque ad pulverē, quem sparsit in aquam, & dedit ex eo potum filiis Israel.* p. 54.

v. 28. *Cecideruntque in illa die quasi viginti tria millia hominum.* 178.

Exc. 33. v. 13. *Ostende mihi faciem tuam.* p. 500.

v. 20. *Non videbit me homo, & vivet.* p. 500.

Ex Lib. Numer.

Exc. 17. v. 5. **Q**uem ex his elegero germinabit virga ejus. p. 222.

v. 8. *Invenit germinasse Virgam Aaron, & turgentibus gemmis eruperrant flores, qui foliis dilatatis in amygdalas deformati sunt.* p. 222. & 286. & 307.

Ex Lib. Deuteron.

Exc. 32. v. 3. **D**ate magnificētiam Deo nostro. p. 102.

v. 4. *Dei perfecta sunt opera.* p. 102.

Exc. 34. v. 6. *Sepelivit eum in valle terre Moab.* p. 559.

Ex Lib. Josue.

Exc. 3. v. 5. **S**anctificamini; cras enim faciet Dominus inter vos mirabilia. p. 238.

v. 17. *Omnis populus per arentum abveum transibat.*

sibat. p. 189.

Exc. 10. v. 12. *Sol, contra Gabaon ne movearis; & Luna, contra vallem Aialon. p. 114.*

Ex Lib. Judicum.

Exc. 13. v. 4. **C** Ave ergo, ne bibas vinum, ac siceram, nec immundum quidquam comedas. p. 391.

Exc. 14. v. 9. *Irruit spiritus Domini in Samson, & dilaceravit leonem. p. 97.*

v. 14. *De comedente exivit cibus, & de forti egressa est dulcedo. p. 98.*

Ex Lib. I. Regum.

Exc. 4. v. 15. **C** Eciderunt de Israhel triginta millia pedatum. p. 233.

v. 18. *Cecidit de sella retrorsum juxta ostium, & fractis cervicibus, mortuus est. p. 454.*

Exc. 16. v. 12. *Unge eum, ipse est enim. p. 337.*

Exc. 17. v. 39. *Non possum*

sic incedere. p. 495.

Ex Lib. 2. Regum.

Exc. 1. v. 16. **S**icut mater unicum amat filium suum, ita ego te diligegam. p. 451.

Exc. 6. v. 11. *Et benedixit Dominus Obededom, & omnem domum ejus. p. 379.*

Exc. 8. v. 1. *Percussit David Philistium, & humiliavit eos. p. 278.*

v. 2. *Percussit Moab, & mensus est eos funiculo coequans terræ. p. 278.*

v. 6. *Facta est Syria David serviens sub tributo. p. 278.*

v. 13. *Fecit sibi David nomen, cum reverteretur, capta Syria. p. 278.*

Exc. 14. v. 27. *Nati sunt autem Absalom filij tres. p. 383.*

Exc. 18. v. 2. *Dedit populi tertiam partem sub manu Joab, & tertiam partem sub manu Abisai, & tertiam partem sub manu Ethai. p. 513.*

v. 5. *Servate mihi puerum Absa-*

dos lugares da Sagrada Escriitura.

Abfalom. p. 497.

v. 18. *Abfalom crexerat sibi, cum adhuc viveret, titulum, dixerat enim: Non habeo filium..Hoc erit monumentum nominis mei.* p. 383.

v. 25. *Vidit hominem currentem solum; & exclamans indicavit regi: si solus est; bonus est nuncius in ore ejus.* p. 301.

Exc. 24. v. 13. *Tribus diebus erit pestilentia in terra tua.* p. 449.

v. 16. *Sufficit, nunc contine manum tuam: erat autem Angelus Domini juxta aream Areuna.* p. 282, & 449.

Ex Lib. 3. Reg.

Exc. 7. v. 19. **C** *Apitella, que erant super capita columnarū quasi opere lilij fabricata.* p. 246. & 249. & 253.

Exc. 18. v. 43. *Ascende, & prospice contra mare: Non est quidquam: revertere septem vicibus.* p. 227.

v. 44. *Ecce nubecula parva quasi vestigium hominis ascendebat, demari.* p. 228.

v. 45. *Facta est pluvia grandis.* Ibidem.

Ex Lib. 4. Reg.

Exc. 2. v. 12. **P** *ercussit a quas, sed non sunt divisæ.* p. 6. *Ubi est Deus Elias? Ibidem.*

Exc. 18. v. 5. *Itaque post eum non fuit similis ei de cunctis regibus Juda, sed neque in his, qui ante eum fuerunt.* p. 539. & 540.

Exc. 20. v. 1. *Morieris tu, & non vires.* p. 190.

v. 9. *Vis, ut ascendat umbra decem lineis, an ut descendat retrorsum.* p. 190. & 515.

v. 10. *Facile est umbram crescere.* p. 191.

v. 11. *Reduxit umbram per lineas, quibus jam descenderat in horologio Achaz, retrorsum decem gradibus.* p. 167.

Exc. 22. v. 19. *Scidisti vestimenta tua, & flevisi coram*

coram me, & ego audi-
vi, ait Dominus. p. 514.

v. 20. *Id circo colligam te
ad patres tuos, & colli-
geris ad sepulchrum tu-
um in pace, ut non vide-
ant oculi tui, quæ indu-
cturus sum super locum
istum.* p. 515.

Ex Lib. 1. Paralipom.

Exc. 28. v. 6. **S** Alomon fi-
lius tuus
ædificabit domum me-
am, ipsum enim legi mi-
hi in filium, & ego ero
ei in patrem. p. 522.

Ex Lib. Tobiaë.

Exc. 22. v. 19. **E** Go cibo
invisibi-
li, & potu, qui ab homi-
nibus videri non potest,
uter. p. 12.

Ex Lib. Judith.

Exc. 8. v. 8. **E** Rat hæc in
omnibus fa-
mosissima, quoniam ti-
mebat Deum valde: nec
erat, qui loqueretur de il-

la verbū malum p. 174

Ex Lib. Esther.

Exc. 2. v. 15. **E** Rat for-
mosa val-
de, & incredibili pul-
chritudine omnium ocu-
lis pretiosa, & amabilis
videbatur. p. 362.

Exc. 15. v. 12. *Quid habes,
Esther? Non morieris.
non enim pro te, sed pro
omnibus hæc l x consti-
tuta est.* p. 362.

Ex Lib. Job.

Exc. 4. v. 11. **T** Igris pe-
ruit, eo
quod non habeat prædā.
p. 577. & 578.

Exc. 31. v. 35. *Quis mihi tri-
buat, ut librum scribat
ipse, qui iudicat.* p. 295.
v. 36. *Et circundem illū,
quasi coronam mihi.* p.
295.

Exc. 38. v. 35. *Nunquid mit-
tes fulgura, & ibunt, &
revertentia dicent tibi:
Adsumus?* p. 537. &
538.

Ex Lib.

dos lugares da Sagrada Escritura.

Ex Lib. Psalmorum.

- Ex Pl. I. v. 3. **E** Rit tan-
quam li-
gnum, quod plantatum
est secus decursus aqua-
rum. p. 68.
- Ex Pl. 2. v. 7. *Filius meus es
tu; ego hodie genui te.* p.
318. & 384.
- Ex Pl. 4. v. 6. *Sacrificate sa-
crificiū justitiæ, & spe-
rate in Domino.* p. 234.
- Ex Pl. 8. v. 2. *Elevata est
magnificentia tua super
cælos.* p. 102.
- v. 5. *Quid est homo, quod
memor es ejus?* p. 132.
- v. 6. *Minuisti cum paulo
minus ab Angelis.* p.
544.
- Ex Pl. 17. v. 35. *Posuisti ut
arcum arcum brachia
mea.* p. 276. & 435.
- Ex Pl. 18. v. 6. *In sole posuit
tabernaculum suum.* p.
25. & 100. *Exultavit
ut gigas,* p. 566.
- Ex Pl. 21. v. 10. *Tu es, qui
extraxisti me de ventre.*
p. 264. & 265.
- v. 21. *Erue à framea, De-
us, animā meam.* p. 487.
& 488.
- v. 26. *Vota mea reddam
in conspectu timentium
eum.* p. 177.
- Ex Pl. 23. v. 7. *Attolite por-
tas, principes, vestras, &
elevamini, portæ ater-
nales.* p. 140.
- Ex Pl. 44. v. 9. *Dilexisti ju-
stitiam, ... propterea un-
xit te Deus oleo latitiæ.*
p. 371.
- v. 11. *Astitit regina à dex-
tris tuis.* p. 328. & 329.
332.
- v. 12. *Audi, filia.* p. 384.
- v. 15. *Omnis gloria ejus
filix regis ab intus.* p. 22.
- Ex Pl. 47. v. 3. *Fundatur ex-
ultatione universæ ter-
ræ mons Sion, latera A-
quilonis civitas regis
magni.* p. 359. & 360.
- Ex Pl. 59. v. 10. *In Idumæ-
am extendam calcemē-
tum meum.* p. 279.
- Ex Pl. 64. v. 1. *Te decet hym-
nus, Deus, in Sion.* p. 257.
& 258.
- v. 12. *Benedices coronæ
anni benignitatis tuæ.*
p. 92.
- Ex Pl. 67. v. 35. *Magnificē-
tia ejus in nubibus.* p.
226.

Ex Pl.

- Ex Pf. 68. v. 10. *Zelus domus tuæ comedit me.* p. 33.
- Ex Pf. 72. v. 25. *Quid mihi est in celo, & à te quid volui super terram?* p. 208.
- v. 16. *Deus cordis mei, & pars mea Deus in æternum.* p. 209.
- Ex Pf. 77. v. 25. *Panem Angelorū manducavit homo.* p. 12.
- Ex Pf. 81. v. 6. *Ego dixi: Dijestis.* p. 31. & 209. & 511.
- Ex Pf. 84. v. 10. *Inhabitet gloria in terra nostra.* p. 1. & 2.
- Ex Pf. 86. v. 1. *Diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob.* p. 374. & 376.
- Ex Pf. 88. v. 30. *Ponā thronum ejus, sicut dies cæli.* p. 459.
- Ex Pf. 89. v. 4. *Mille anni ante oculos tuos, tanquā dies.* p. 207.
- Ex Pf. 104. v. 37. *Non erat in tribubus eorum infirmus.* p. 348. & 439.
- Ex Pf. 106. v. 18. *Omnem escam abominata est anima eorum.* p. 85.
- Ex Pf. 109. v. 1. *Dixit Dominus Domino meo: sede à dextris meis.* p. 102.
- v. 4. *In splendoribus Satorum ex utero ante luciferum genui te.* p. 265. & 319. & 326. & 389.
- v. 5. *Tu es sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech.* p. 102.
- v. 6. *Dominus à dextris tuis.* p. 102.
- Ex Pf. 110. v. 4. *Memoriam fecit mirabilium suorū misericors, & miserator Dominus, escam dedit timentibus se.* p. 27. & 84.
- Ex Pf. 117. v. 10. *Omnes gētes circuierunt me, quia ultus sum in eos.* p. 285.
- v. 19. *Aperite mihi portas justitiæ: ingressus in eas confitebor Domino.* p. 196.
- v. 20. *Hæc portà Domini, justi intrabunt in eam.* p. 196.
- Ex Pf. 145. v. 2. *Nolite confidere in principibus, in quibus non est salus.* p. 209. & 210.

dos lugares da Sagrada Escriitura.

Ex Lib. Proverb.

Exc. 8. v. 22. **D**ominus possedit me in initio viarum suarum. p. 364. & 365.

v. 24. Non-dum erant abyssi, & ego jam concepta eram. p. 346. & 414.

v. 30. Cum eo eram cuncta componens. p. 346.

v. 34. Beatus homo, qui vigilat ad fores meas quotidie, & observat ad postes ostij mei. p. 244.

Exc. 9. v. 50. Venite, comedite panem meum. p. 417.

Exc. 13. v. 12. Spes, quæ differtur, affligit animam. p. 240.

Exc. 21. v. 28. Vir obediens loquetur victoriam. p. 271.

Ex Lib. Ecclesiastes.

Exc. 9. v. 1. **N**escit homo, utrum amore, an odio dignus sit. p. 492.

Ex Cantic.

Exc. 1. v. 6. **I**ndica mihi, quem diligit

anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam. p. 37. & 408. & 568.

v. 7. Si ignoras te, o pulcherrima inter meliores, egredere post vestigia gregum tuorum. p. 408.

v. 12. Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi. p. 29.

Exc. 2. v. 1. Ego flos campi, & lilium convallium. p. 252.

v. 10. Surge, propera, amica mea, & veni. p. 299.

v. 11. Jam enim hyems transiit, imber abiit, & recessit. p. 299.

v. 12. Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit. p. 243. & 299. & 300.

v. 16. Dilectus meus mihi, & ego illi. p. 375. & 388.

Exc. 4. v. 3. Absque eo, quod intrinsecus latet. p. 256.

v. 7. Tot a pulchra es, amica mea, & macula non est in te. p. 367. & 383.

v. 8. Veni de Libano, sponsa mea, veni de Libano, coronaberis. p. 324. 325. & 368.

- v. 15. *Fons hortorum: puteus aquarum viventi-um* p. 402.
- v. 19. *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum in uno crine colli tui.* p. 262. & 280.
- Exc. 5.v.1. *Comedite, amici, & bibite; & inebriamini, charissimi.* p. 28.
- v. 6. *Ille declina verat, atque transferat.* p. 570.
- Exc. 6.v.9. *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi auro-ra consurgens, pulchra: ut luna, electa ut sol.* p. 293. 320. 369. & 464.
- Exc. 7. v.1. *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia principis.* p. 170. & 369.
- v. 2. *Venter tuus sicut a-cervus tritici vallatus liliis.* p. 183. 263. 265. & 414.
- v. 2. *Umbilicus tuus cra-ter tornatilis.* p. 438.
- v. 4. *Nasus tuus sicut tur-ris Libani, quæ respicit contra Damascum.* p. 455.
- Exc. 8. v. 1. *Quis mihi det te fratrem meum, ut in-veniam te foris.* p. 396.
- v. 5. *Sub arbore malo sus-citavi te; ibi peperit te mater tua, ibi parturivit te genitrix tua.* p. 415. & 416.
- v. 6. *Pone me ut signa-culum super cor tuum.* p. 504.
- v. 6. *Fortis est, ut mors, dilectio; dura, sicut in-fernus, emulatio.* p. 34. & 131. & 473. & 498.
- Ex Lib. Sapientiæ.
- Exc. 2. v.8. **C**oronemus: nos rosis, antequam marcescant. p. 269.
- Exc. 5.v. 28. *Accipiet arma-turam zelus illius: in-duet pro thorace justitiã: accipiet pro galea judi-cium; sumet scutum in-expugnabile æquitatem; acuet diram iram in lan-ccam.* p. 575.
- Exc. 14.v. 15. *Acerbo luctu dolens pater citò rapti sibi filij fecit imaginem.* p. 380.
- Exc. 16.v. 20. *Panem de cæ-lo præstitisti eis, omne dele-ta-*

dos lugares da Sagrada Escriitura.

delectamentum in se habentem, & omnis saporis suavitatem p. 77.

- Exc. 18. v. 14. & 15. *Cū quietum silentium contineret omnia, & nox in suo cursu medium iter haber. t; Omnipotens sermo tuus exiliens de cælo à regalibus sedibus, durus debellator in mediâ extremiâ terram profiliuit. p. 112. & 444. & 567.*

Ex Lib. Ecclesiastici.

Exc. 1. v. 9. **I** *Pse creavit illam in Spiritu Sancto. p. 372.*

Exc. 24. v. 6. *Ego sicut nebula texi omnē terram. p. 157.*

v. 11. *In his omnibus requiem quaesivi. p. 118.*

v. 16. *In plenitudine sanctorum detentio mea. p. 372.*

v. 18. *Exaltata sum, quasi plantatio rosæ in Jericho. p. 253.*

v. 19. *Quasi oliva speciosa in campis. p. 393.*

v. 24. *Ego mater pulchræ*

dilectionis, & agnitionis, & Sanctæ Spei. p. 229.

Exc. 43. v. 24. *Medicina omnium in festinatione nebulae. p. 157.*

Ex Propheta Isaia.

Exc. 3. v. 6. **A** *Prehendet vir fratrem suum: vestimentum tibi est: esto princeps noster p. 549.*

v. 7. *Nolite me constituere principem populi. p. 549.*

v. 8. *Ruit Jerusalem, & Judas concidit. p. 549.*

Exc. 5. v. 2. *Expectavi, ut faceret iras; fecit autem labruscas. p. 218.*

Exc. 6. v. 6. *Volavit ad me unus de Seraphim p. 157.*

Exc. 11. v. 1. *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet. p. 29. & 144.*

Exc. 14. v. 12. *Quomodo cecidisti de cælo, Lucifer. p. 554.*

v. 13. & 14. *Super astra Dei exaltabo solium meum; sedebo in monte testamenti, in lateribus*

- Aquilonis similis ero altissimo. p. 359. 360. & 554.*
- Exc. 30. v. 16. *Erit lux lunæ sicut lux solis, & lux solis erit septemplex sicut lux septem dierum in die, qua alligaverit Dominus vulnus populi sui, & percussuram plagæ ejus sanaverit. p. 154.*
- Exc. 33. v. 20. *Respice, Sion, civitatem solemnitatis nostræ: videbunt oculi tui, Jerusalem, habitationem opulentium tabernaculum, quod nunquam transferripotest. p. 100.*
- v. 21. *Quia ibi solummodo magnificus est Dominus noster. p. 100.*
- Exc. 38. v. 1. *Dispone domui tuæ, quia morieris. p. 301.*
- Exc. 45. v. 8. *Rorate, cæli, desuper, & nubes pluant justum. p. 51.*
- Exc. 49. v. 2. *Posuit me sicut sagittam electam. p. 435.*
- Exc. 53. v. 2. *Vidimus eum, & non erat ei aspectus. p. 386.*
- v. 8. *Generationem ejus quis enarrabat? p. 326.*
- v. 12. *Cum sceleratis reputatus est. p. 352.*
- Exc. 55. v. 1. *Omnes sitientes venite ad aquas, properate, & comedite; venite, emite absque argento, & absque ulla commutatione vinum, & lac p. 62. & 68.*
- Exc. 63. v. 3. *Torcular calcavi solus, & de gentibus non fuit vir mecum. p. 425.*
- v. 15. *Ubi est multitudo viscerum tuorum? p. 438.*

Ex Proph. Jeremia.

- Exc. I. v. 14. **A** *B* *Aquilone panditur malum. p. 461.*
- Exc. 6. v. 4. *Consurgite, & ascendamus in meridie. p. 571.*
- Exc. 11. v. 19. *Mittamus lignum in panem ejus. p. 430. & 432.*
- Exc. 17. v. 12. *Solum gloriæ altitudinis à principio, locus sanctificationis nostræ. p. 358. & 377.*
- Exc. 31. v. 22. *Statue tibi speculam: Femina circumdabit virum. p. 404.*

Ex Proph. Ezechiele.

Exc. I. v. 6. **Q**uatuor
facies
uni. I-
psum est animal, quod
vidi juxta fluvium Cho-
bar... similitudo quatuor
animalium. p. 296.

v. 10. Facies aquilæ desu-
per ipsorum quatuor p. 6.

v. 18. Totum corpus oculis
plenum in circuitu i-
psorum quatuor. p. 404.
& 405.

v. 20. Spiritus vitæ erat
in rotis. p. 66.

Exc. 2. v. 9. Et scripta erant
in eo lamentationes, &
carmen, & v. p. 105.

Exc. 3. v. 1. & 3. Comede vo-
lumen istud: comedi il-
lud & factum est in ore
meo tanquam mel dul-
ce. p. 105.

Exc. 9. v. 2. Vir quoque unus
vestibus lineis in medio
eorum erat, & atramentarium
scriptoris ad re-
nes ejus. p. 90.

v. 4. Signa Thau super frö-
tes virorum gementi-
um. p. 90.

Ex Proph. Daniele.

Exc. 3. v. 5. **I**n hora, qua
audieritis so-
nitum tubæ, & fistulæ,
& citharæ, cadentes a-
dorate statuam auream.
p. 380.

Exc. 4. v. 8. & 9. Proceritas
ejus contingens cælum:
Aspectus illius erat us-
que ad terminos univer-
sæ terræ; folia ejus pul-
cherrima; fructus ejus
nimius; & esca univer-
sorum in ea: subter eam
habitabant animalia, &
bestiæ. In ramis ejus con-
versabatur volucres cæ-
li. p. 523.

v. 10. Ecce vigil, & san-
ctus de cælo descendit:
clamavit fortiter, & sic
ait: succidite arborem,
& præcidite ramos ejus;
veruntamen germen ra-
dicum ejus in terra sinit.
p. 523. & 524.

Ex Proph. Osea.

Exc. 12. v. 4. **I**nvaluit ad
Angelum. p.
pp 2 116.

Ex Proph. Habac.

Exc. 3. v. 9. **S**uscitās sus-
citabis arcū
iuum. p. 226.

Ex Proph. Zacharia.

Exc. 2. v. 8. **Q**ui vos
tangit,
tāgit pu-
pillam oculi mei. p. 347.

Exc. 9. v. 17. Quid bonum e-
jus, & quid pulchrum e-
jus; nisi frumentum ele-
ctorum? p. 23. & 260.

Exc. 10. v. 1. Petite à Do-
mino pluuiam in tempo-
re serotino, & Dominus
faciet nives. p. 51.

Ex Proph. Malachia.

Exc. 1. v. 6. **S**i ego sum
Dominus,
ubi est timor meus? p. 12.

Exc. 2. v. 17. Laborare fecistis
Dominum. p. 117.

Exc. 4. v. 2. Orietur vobis sol
iustitiæ, & sanitas in
pennis ejus. p. 77. 159.
& 519.

Exc. I. v. I. **L**iber ge-
nerationis
JESU Christi filij Da-
vid, filii Abrahæ. p.
336. 339. 370. 378.
381. 390. & 391.

v. 2. Abraham genuit, Isa-
ac genuit. p. 388.

v. 5. Jesse autem genuit
David Regem, David
autem Rex genuit Salo-
monem. p. 558.

v. 16. De qua natus est
JESUS, qui vocatur
christus. p. 107. 335.
352. & 356. 361. 370.
388. & 390.

Exc. 2. v. 1. Cum natus esset
JESUS in Bethlé Ju-
da. p. 35.

v. 2. Ecce Magi ab Orien-
te venerunt. p. 525.
Ubi est, qui natus est
Rex? 99.

Exc. 3. v. 15. Sine modo; sic
nos decet implere om-
nem iustitiam. p. 166.

Exc. 5. v. 29. Si oculus tuus
scandalizat te, erue eum,
& projice abs te. p. 572.

v. 45. Qui solem suum
oriri facit super bonos &
malos.

dos lugares da Sagrada Escriitura.

malos. p. 152.

Et pluit super justos, & injustos. p. 227.

Exc. 6. v. 6. Tu autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora patrem tuum. p. 399.

v. 11. Panem nostrum super substantialem da nobis. p. 20.

Exc. 9. v. 27. Creditis; quia hoc possum facere vobis? Utique Domine. p. 341.

Exc. 10. v. 2. Primus Simon, qui dicitur Petrus, & Andreas frater ejus; Jacobus Zebedæi, & Joannes frater ejus. p. 531.

v. 16. Estote prudentes, sicut serpentes. p. 191.

Exc. 11. v. 11. Qui autem minor est in regno celorum, maior est illo. p. 553.

v. 14. Ipse est Elias, qui venturus est. p. 309.

Exc. 12. v. 47. Ecce mater tua, & fratres tui foris stant querentes te. Quae est mater mea? p. 398.

Exc. 14. v. 28. Fube me venire ad te super aquas... & cum cepisset mergi, cla-

mavit. p. 551. 502.

Exc. 16. v. 14. Quem dicunt homines esse filium hominis? Alij Eliam; alij vero Jeremiam. p. 534.

v. 16. Vos autem quem me esse dicitis: Tu es Christus filius Dei vivi. p. 354.

v. 24. Siquis vult post me venire, tollat crucem suam. p. 308. & 494.

Exc. 17. v. 2. Resplenduit facies ejus sicut sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix. p. 386.

v. 5. Hic est filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui. p. 386.

Exc. 18. v. 25. Cum autem non haberet, unde redderet. p. 203.

Exc. 19. v. 27. Ecce nos reliquimus omnia, & sequuti sumus te; quid ergo erit nobis? Vos, qui sequuti. &c. p. 561. 562. 563. 578. & 579.

Exc. 20. v. 20. Adorans, & petens aliquid. p. 546.

v. 21. Dic, ut sedent hi duo filii mei, unus ad

dexteram tuam, & alius ad sinistram. Nescitis, quid petatis. p. 471. & 330.
 v. 22. Potestis bibere, calicem, quē ego bibiturus sum? dicant ei: possumus. p. 491. & 556.
 v. 23. Calicem quidem meum bibetis; sedere autē ad dexteram meā, vel sinistram non est. mecum dare vobis, sed quibus peratum est à patre meo. Indignati sunt de duobus. p. 528. 546. 547. 556. & 528. 471. 490. 491. 493. 527. 528. 536. 543. 492. 495. 496. 545. & 560.
 Exc. 22. v. 9. Ite ad exitus viarum, & quoscunque inveneritis, vocate ad nuptias; p. 366.
 v. 14. Multi sunt vocati; pauci vero electi. p. 366.
 v. 22. In resurrectione erunt, sicut Angeli Dei in celo. p. 536.
 Exc. 25. v. 11. Clausa est janua; Domine; Domine, aperiri nobis. p. 195.
 Exc. 26. v. 39. Pater, si possibile est, transeat a me

calix iste. p. 204.
 v. 58. Petrus autem sequebatur eum à longe. 559.
 v. 45. Tenebrae factae sunt super universā terram. p. 445.
 Exc. 27. v. 46. Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me? p. 419. 457. 486. & 487.
 Exc. 28. v. 20. Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consumptionem saeculi. p. 100.
 Exc. D. Marco. p.
 Exc. 1. v. 24. **Q**uid nobis, & tibi Iesu Nazarene? Scio, quis sis sanctus Dei. p. 257.
 Exc. 2. v. 16. Et imposuit Simonì nomen Petrus, & Jacobū Zebedaei, & Joannem fratrem Jacobi. p. 531.
 Exc. 6. v. 6. Et non poterat tibi virtutem ullā facere propter incredulitatem eorum. p. 195.
 Exc. 7. v. 36. Pracepit ei, ne cui diceret... Quanto precipiebat, tanto magis

- gis plus prædicabat. p.
255.
- Exc. 14. v. 36. Pater, omnia
tibi possibilia sunt. Tra-
fer calicem istum à me.
p. 205. & 495.
- Exc. 15. v. 44. Pilatus au-
tem mirabatur, si jam
obiisset. p. 501.
- Exc. 16. v. 15. Euntes in mū-
dum univèrsam prædi-
cate. Evangelium omni
creaturæ. p. 305. 306.
& 533.
- Ex D. Luca.
- Exc. I. v. 15. **S**piritu Sã-
cto replebi-
tur adhuc ex utero ma-
tris suæ. p. 372.
- v. 28. Ave, gratia plena;
Dominus tecum. Bene-
dicta tu in mulieribus.
p. 272.
- v. 29. Turbata est, & co-
gitabat, qualis esset ista
salutatio. p. 206.
- v. 31. Ecce concipies in u-
tero, & paries filium, &
vocabis nomen ejus JE-
SUM. p. 231. & 1315.
- v. 32. Hic erit magnus, &
filius Altissimi vocabi-

- tur; dabit illi Dominus
Deus sedem David pa-
tris ejus, & regnabit in
domo Jacob in æternũ,
& regni ejus non erit fi-
nis. p. 231. & 139.
- v. 33. Quomodo fiet istud,
quoniam virum non co-
gnosco? ibidem.
- v. 34. Spiritus Sanctus su-
perveniet in te, & vir-
tus Altissimi obumbrabit
tibi, ideoque, & quod
nascetur ex te sanctum,
vocabitur filius D. i. p.
232. 197. & 393.
- v. 37. Non erit impossibile
apud Deum omne ver-
bum. p. 193. & 205.
- v. 38. Ecce ancilla Domi-
ni, fiat mihi secundum
verbum tuum. p. 232.
& 122. & 138.
- v. 39. Excurgens Maria
abiit in montem, cum fe-
stinatione, p. 142. 152.
& 398.
- v. 43. Unde hoc mihi. p.
144. & 315.
- v. 44. Ut facta est vox,
exultavit præ gaudio in-
fans in utero meo. p.
144.
- v. 78. Per viscera miseri-

cordiæ Dei nostri, in quibus visitavit nos. p. 144. & 438.

Exc. 2. v. 6. Impleti sunt dies, ut pareret, & peperit filium suum primogenitum. p. 148. 264.

v. 10. Evangelizo vobis gaudium magnum. 700.

v. 11. Natus est vobis hodie Salvator. p. 301 & 397.

v. 13. Facta est cum Angelo multitudo militiæ celestis exercitus p. 300.

v. 14. Gloria in altissimis Deo, & in terra pax hominibus. p. 115.

v. 22. Postquam impleti sunt dies purificationis Mariæ secundum legem Moysi. p. 162.

v. 32. Lumen ad revelationem gentium, & gloriam plebis tuæ Israel. p. 178.

Exc. 6. v. 4. Simonem, quem cognominavit Petrum, & Andream fratrem ejus; Jacobum, & Joannem. p. 531.

v. 36. Estote misericordes, ut sitis filii Patris vestri. p. 149.

v. 13. Misericordia motus: surge, & recedit, qui erat mortuus. p. 158.

Exc. 7. v. 42. Non habentibus illis, unde redderent. p. 203.

Exc. 10. v. 18. Videbam satanam tanquam fulgur de cælo cadentē. p. 554.

v. 34. Alligavit vulnera ejus, infundens oleum, & vinum. p. 443.

v. 38. Intravit JESUS in quoddam castellum, & mulier quedam Martha nomine excepit illū in domum suam. p. 313. 325. & 329.

v. 40. Domine, non est tibi cura, quod soror mea reliquit me solam ministrare. p. 323.

v. 43. Maria optimam partem elegit, quæ non auferetur ab ea. p. 324. & 332.

Exc. 11. v. 6. Commoda mihi tres panes p. 400.

v. 7. Noli mihi molestus esse; jam ostium clausum est, & pueri mei mecum sunt incubili, non possū surgere, & dare tibi. p. 400.

dos lugares da Sagrada Escritura.

- v. 14. *Cum eiecisset demonium, locutus est mutus.*
p. 272.
- v. 15. *In Beelzebut principe demoniorum eiecit demonia.* p. 220.
- v. 27. *Beatus ventex, qui te portavit.* p. 182. 194. 200. 219. & 237.
Extollens vocem quaedam mulier de turba dixit illi. Beatus, & c. & ubera, quae suxisti. p. 271. 395. 397. & 494.
- v. 28. *Quinimò, beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.* p. 239. 291. & 312.
- Exc. 12. v. 27. *Amen dico vobis, quod praecinget se, & faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis.* p. 4.
- Exc. 15. v. 7. *Gaudium erit coram Angelis Dei super uno peccatore penitentiam agente.* p. 562.
- v. 9. *Convocat amicas, & vicinas dicens: congratulamini mihi, quia inveni dracham, quam perdideram.* p. 485.
- Exc. 16. v. 21. *Cupiebat saturari de micis, quae ca-*
- debant de mensa divitis, & nemo illi dabat.*
p. 555.
- v. 27. *Rego, ut mittas eum in domum patris mei; habeo enim quinque fratres, ut testetur illis, ne & ipsi veniant in hunc locum tormentorum.* p. 335.
- Exc. 22. v. 8. *Misit Petrum, & Joannem dicens: euntes parate nobis pascha, ut manducemus.* p. 65.
- v. 15. *Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum.* p. 118.
- v. 30. *Ego dispono vobis regnum, ut edatis, & bibatis super mensam meam in regno meo.* p. 4.
- Exc. 24. v. 16. *Oculi eorum tenebantur, ne eum agnoscerent.* p. 55.
- v. 27. *Incipiens à Moyse, & omnibus prophetis interpretabatur illis ibidem.*
- v. 30. *Et dum recumberet cum eis, accepit panem, & benedixit, ac fregit, & porrigebat eis.* p. 75.
- v. 31. *Aperti sunt oculi eorum & cognoverunt eum.* p. 55. & 75.

v. 35. *Cognoverunt eum in fractione panis.* p. 36.

v. 43. *Et cum manducasset coram eis.* p. 36.

Ex D. Joanne.

Exc. I. v. I. **I**N principio erat Verbum.
p. 297. & 327. & 258.

v. 3. 4. *Omnia per ipsum facta sunt... quod factum est in ipso vita erat.* p. 217. & 81.

v. 12. *Dedit eis potestatem filios Dei fieri.* p. 149.

v. 18. *Unigenitus, qui est in sinu Patris.* p. 148.

Exc. 2. v. I. *Erat Mater JESU ibi.* p. 440.

v. 2. *Vocatus est JESUS, & Discipuli ejus ad nuptias.* p. 401.

v. 3. *Deficiente vino... vinum non habent.* *ibidē.* p. 440.

v. 4. *Quid mihi, & tibi est, Mulier? nondum venit hora mea.* p. 185. & 441.

Exc. 3. v. 24. *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita exaltari oportet filium hominis.* p.

52. 348. & 439.

Exc. 2. v. 16. *Sic Deus dilexit mundum, ut filium suum Unigenitum daret.* p. 33.

Exc. 5. v. 23. *Pater omnem judicium dedit Filio, ut omnes honorificent filium, sicut honorificant Patrem.* p. 303.

Exc. 6. v. 51. *Ego sum panis vivus, qui de caelo descendi.* p. 183.

v. 55. *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, ego suscitabo eum in novissima die.* p. 41.

v. 56. *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus.* p. 46.

v. 58. *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem, & qui manducat me, & ipse vivet propter me.* p. 81.

v. 59. *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum.* p. 3. & 64.

v. 61. *Durus est sermo hic, & quis potest eum audire?* p. 52.

Exc. 8. v. 56. *Abraham exultavit, ut videret diem meum.* p. 127.

Exc. II.

dos lugares da Sagrada E. scritturã.

Exc. 11. v. 4. *Infirmetas hæc non est ad mortem, sed pro gloria Dei, ut glorificetur Filius Dei per eam.* p. 519. & 520.

v. 11. *Lazarus amicus noster dormit.* v. 14. *Lazarus mortuus est.* p. 315.

v. 25. *Ego sum resurrectio, & vita.* p. 41.

v. 28. *Vocavit Mariam silencio: Magister adest, & vocat te.* p. 260.

v. 35. *Lacrymatus est. infremuit spiritu, & turbavit semetipsum.* p. 207, & 343.

v. 36. *Ecce, quomodo amabat eum.* p. 158.

v. 37. *Non poterat hic, qui aperuit oculos cæciniti, facere, ut hic non moreretur.* p. 442.

v. 43. *Voce magna clamavit: Lazare, veni foras.* p. 158.

Exc. 12. v. 7. *Sinite illam, ut in diẽ sepulturæ meæ servet illud* p. 43.

v. 24. *Nisi granum frumenti cadens in terram.* p. 404.

Exc. 13. v. 1. *Sciens, quia ve-*

nit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo, cum dilexisset, in finẽ dilexit. p. 5. & 39.

v. 3. *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus.* p. 47.

v. 9. *Non tantum pedes, sed & manus, & caput.* p. 351.

Exc. 14. v. 23. *Siquis diligit me, Pater meus diliget eum, & ad eum, veniemus.* p. 365.

v. 28. *Pater maior me est.* p. 544.

v. 36. *Regnum meum non est de hoc mundo.* p. 550.

Exc. 15. v. 13. *Maiorem hæc dilectionem nemo habet, quã ut animã suã ponat pro amicis suis.* p. 38. & 475.

v. 25. *Odio habuerunt me gratis.* p. 40.

Exc. 16. v. 21. *Mulier cum parit, tristitiam habet.* p. 415.

v. 26. 27. *In die illo in nomine meo petetis: & non dico vobis, quia ego rogabo patrem de vobis: ipse enim pater amat vos.* p. 493.

- v. 28. *Exivi à patre, & veni in mundum.* p. 265.
- Exc. 17. v. 11. *Pater Sancte, serva eos in nomine tuo, quos dedisti mihi, ut sint unum, sicut & nos.* p. 32.
- v. 22. *Ego claritatem, quã dedisti mihi, dedi eis.* p. 6.
- Exc. 19. v. 25. *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus.* p. 252. 411. 412. 420. 428. 430. 467. 432. 433. 450. 453. & 462.
- v. 26. *Mulier ecce filius tuus.* p. 261. 351. 417. 423. 458. 462. 478. 480. & 483.
- v. 27. *Et illa hora accepit eam discipulus in sua.* p. 463.
- v. 32. *Ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt ejus crura.* p. 432.
- Exc. 20. v. 19. 20. *Stetit in medio: ostendit eis manus, & latus.* p. 513.
- v. 24. *Thomas, unus ex duodecim, qui dicitur Dydimus non erat cum eis, quando venit JESUS.* p. 509. 512. 513.
- Vidimus Dominum.*
- v. 25. *Nisi videro in manibus ejus fixurã clavorum, & mittam digitum meum in locum clavorum, & mittam manum meã in latus ejus, non credã.* p. 516. 517. & 519.
- v. 26. *Cum vidisset JESUS Matrem.* p. 479.
- v. 27. *Mitte manum tuam in latus meum.* p. 516.
- v. 27. *Noli esse incredulus, sed fidelis.* p. 507. & 520.
- Exc. 21. v. 7. *Dixit Discipulus ille, quem diligebat JESUS, Petro, Dominus est.* p. 503.
- v. 19. *Alius cinget te, significans, qua morte esset clarificaturus Deũ.* p. 476.
- v. 20. *Conversus Petrus vidit illum Discipulũ, quẽ diligebat JESUS, sequentem, qui & recubuit in cana super pectus ejus, & dixit: Domine, quis est, qui tradet te?* p. 469. 480. 484. 486. 488. 501. & 504.
- v. 21. 22. *Domine, hic autem quid? Sic eum volo manere.*

manere, quid ad te. *ibid.*

- v. 23. Exiit sermo inter fratres, quod Discipulus ille non moritur, & non dixit **JESUS**; non moritur. p. 470. 474. 475. & 477.

Ex Act. Apostol.

- Exc. 1. v. 4. 9. **C**onvescēs præcepit eis: & vid. nitibus illis, levatus est. p. 37.
- Exc. 9. v. 1. Saulus adhuc spirans minarū, & cædis in Discipulos Domini p. 571. 574. & 578.
- v. 4. Saule, Saule, quid me persequeris? p. 563. 569. 570. & 577.
- v. 5. Quis es, Domine? p. 577.
- v. 7. Domine, qui e vis facere? p. 578.
- v. 8. Apertis oculis, nihil videbat. p. 579.
- Exc. 22. v. 6. Factum est autem, ut eunte me, & appropinquante Damasco media die circumfulsit me lux copiosa. p. 564. 568. 570. 572. 573.

576. & 578.

- Exc. 26. v. 13. Dum irem Damascum, die media vidi in via, o Rex. supra splendorem solis circumfulsisse me lumen. p. 564. 571. 576. 577. 578. & 579.

Ex Epist. B. Pauli Apostoli Ad Romanos.

- Exc. 4. v. 8. **I**n spem conceptam, in contritionem credidit. p. 192.
- Exc. 5. v. 8. Cum adhuc peccatores essemus, Christus pro nobis mortuus est. p. 39.
- Exc. 6. v. 10. Mortuus est semel. p. 447.
- Exc. 8. v. 17. Quod si filii, & heredes; heredes quidē Dei, cohæredes autem Christi. p. 213.
- v. 32 Qui proprio filio suo non pepercit, sed pro nobis omnibus tradidit illum, quomodo cum illo non omnia nobis donavit? p. 193.
- Exc. 13. v. 8. Nemini quicquam debeatis, nisi ut invicem diligatis; qui enim diligit proximum, legem

*legem adimplevit. p. 27.
& 475.*

Ex Epist. I. B. Pauli Apost.
Ad Corinthios.

Exc 6. v. 12. **O**mnia mi-
hi licent;
*sed non omnia expedi-
unt. p. 172.*

Exc. 9. v. 10. *Debet in spe,
qui arat, arare. p. 130.*

Exc. 10. v. 11. *Omnia in fi-
gura contingebant illis.
p. 353.*

v. 16. *Panis, quem fran-
gimus, nonne participa-
tio corporis Domini est?
p. 432.*

v. 23. *Omnia mihi licent,
sed non omnia edificant.
p. 172.*

Exc. 11. v. 20. *Jam non est
Dominicam cenam man-
ducare. p. 74.*

v. 23. *In qua nocte trade-
batur. p. 445.*

v. 28. *Probet autem se i-
psum homo, & sic de pa-
ne illo edat. p. 191.*

v. 30. *Ideo inter vos multi
infirmi, & imbecilles, &
dormiunt multi. p. 74.*

Ex 2. ad Corinth.

Exc. 12. v. 2. **R**aptum hu-
jusmodi
*usque ad tertium caelum.
p. 373.*

Ex Epist. B. Pauli Apost.
Ad Galatas.

Exc. 1. v. 13. **S**upra modum
persequer
Ecclesiam Dei. p. 578.

Exc. 2. v. 20. *Vivo ego, jam
non ego, vivit verò in me
Christus. p. 573.*

Exc. 4. v. 4. *Ubi venit pleni-
tudo temporis, misit De-
us Filium suum. p. 187.*

Exc. 6. v. 17. *Stigmata Do-
mini JESU in corpore
meo porto. p. 573.*

Ex Epist. B. Pauli Apost.
Ad Ephesios.

Exc. 3. v. 18. **U**T possitis
cõprehen-
*dere, quæ sit latitudo, &
longitudo, & sublimitas
& profundum. p. 460.*

Exc. 4. v. 9. *Qui descendit, i-
pse est, & qui ascendit.
p. 140.*

dos lugares da Sagrada Escriitura.

Ex 1. Epist. B. Pauli Apost.
Ad Thessalonicenses.

Exc 4. v. 16. **N**os, qui
vivimus,
qui relinquimur, simul
rapiemur cum illis ob-
viam Christo in aera. p.
505.

Ex Epist. 1. B. Pauli Apost.
Ad Timotheum.

Exc. 1. v. 15. **C**hristus
JESUS
venit in hunc mundum
peccatores salvos face-
re, quorum primus ego
sum. p. 561.

Exc. 6. v. 14. Adam non est
seductus, mulier autem
seducta in praevaricati-
one fuit. p. 79.

Ex 2. ad Timoth.

Exc. 4. v. 8. **R**eposita est
michi coro-
na justitiae, quam reddet
michi Dominus in illa
die justus iudex. p. 61.

Ex Epist. B. Pauli Apost.
Ad Titum.

Exc. 2. v. 13. **E**xpectan-
tes beatã
spem. p. 240.

Ex Epist. B. Pauli Apost.
Ad Hebræos.

Exc. 9. v. 12. **P**er ampli-
us, & per-
fectius tabernaculũ in-
troivit semel in sancta,
eterna redemptione in-
venta. p. 100. & 57.

v. 16. Ubi testamentum est,
mors nec esse est, interce-
dat testatoris. p. 213.

v. 27. Statutum est homi-
nibus semel mori. p. 505.

Exc. 11. v. 1. Fides est argu-
mentum non apparenti-
um. p. 3.

Ex Epist. 1. Beati Petri
Apostoli.

Exc. 1. v. 12. **I**n quem de-
siderant An-
geli prospicere. p. 13.

Exc. 3. v. 19. In quo, & his,
qui in carcere erant, spi-
ritibus veniens, predi-
cavit. p. 310.

Ex Epist. 2. B. Petri Apost.
Ex c.

Exc. I. v. 4. **U**T efficia-
mini Di-
vine consortes naturæ.
p. 365.

Ex Epist. I. B. Joannis
Apostoli.

Exc. 3. v. 2. **N**unc filij
Dei su-
mus; & nondum appa-
ruit, quid erimus. Sci-
mus, quoniam cum ap-
paruerit, similes ei eri-
mus: quoniã videbimus
eum sicuti est. p. 17. &
365.

Ex Apocalypsi B. Joannis
Apostoli.

Exc. I. v. 8. **E**go sum Al-
pha, & O-
mèga, principii, & fi-
nis. p. 65.

Exc. 4. v. 3. Iris erat in cir-
cuito sedis p. 119. 282.
& 435.

v. 6. In conspectu sedis
tanquam mare vitreum.
p. 331. 517. & 518.

v. 9. 10. Et cum darent il-
la animalia gloriam vi-
venti in secula seculo-

rum, procidebant vigin-
ti quatuor seniores an-
te sedentem in throno,
& adorabant, & mitte-
bant coronas suas ante
thronum. p. 15.

Exc. 5. v. 1. Et vidi in dex-
tera sedentis supra thro-
num librum scriptum in-
tus, & foris, signatum
sigillis septem. p. 93.

v. 4. Et ego flebam multũ,
quia nemo dignus invē-
tus est aperire librum &
solvere septem signacu-
la ejus. p. 93.

v. 5. Et ecce vicit leo de
tribu Juda aperire li-
brum, & solvere septem
signacula ejus. *ibid.*

v. 6. Et vidi, & ecce in
medio throni Agnũ stan-
tem, tanquam occisum.
ibid. & p. 283. & 435.

Exc. 6. v. 2. Et ecce equus al-
bus, & qui sedebat super
illum, habebat arcum,
& data est ei corona,
& exivit vincens, ut
vinceret. p. 49. &
275.

Exc. 10. v. 9. Accipe librum,
& devora illum, & in
ore tuo erit dulce tanquã
mel.

dos lugares da Sagrada Escriptura.

mel. p. 95.

v. 10. *Accepi librum de manu Angeli, & devoravi illum, & erat in ore meo tanquam mel dulce. p. 49. & 275.*

Exc. II. v. 1. *Datus est mihi calamus similis virgæ, & dictum est mihi: surge, & metire templū Dei. p. 452.*

Exc. 12. v. 1. *Signū magnū apparuit in celo: Mulier amicta sole; luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum duodecim. p. 120. 179. 288. 327. & 331.*

v. 2. *In utero habens, clamabat parturiens. p. 288.*

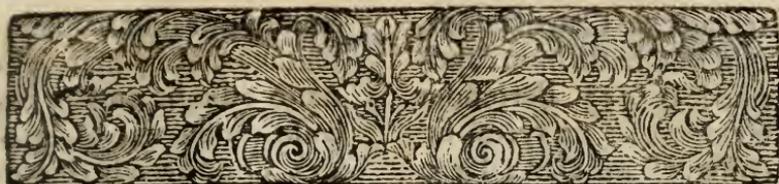
v. 4. *Draco stetit ante Mulierem, ut cum peperisset, filium ejus devoraret. p. 288.*

v. 8. *Neque locus inventus est eorum amplius in celo. p. 522.*

Exc. 21. v. 2. *Sicut sponsam ornatam viro suo. p. 2.*

v. 13. *Ab Oriente portæ tres: ab Aquilone portæ tres: ab Austro portæ tres: ab Occasu portæ tres. p. 196. 464. & 465.*





INDICE

DAS COUZAS NOTAVEIS

deste segundo tomo.

O numero he o da página, que se denota com a letra p.

A

Adam.

fender com a setta o mini-
no. p. 160.

Alexandre Magno.

O ffendeo a Deos na honra, & Paulo no amor. p. 569. & 570. Porque quis Deos, que Adam se chamasse imagem sua, & não Eva? 385. Parallelo entre Adam, & Paulo. p. 575. & 576.

Alcaõ.

O Que disse de hum soldado, que achou dormindo no tempo da vigia. Vide *Sono*. p. 74. Como enganou a hum Filosofo, que primeiro lhe pediu muito, & depois pouco. p. 224. O que dizia a sua estatua olhando pera o Ceo. p. 554.

M Atou a huma serpente, que estava enroscada em seu filho, sem of-

N *Ambição.*
Aõ se satisfaz a nossa
ambição com muita

Qq 2. ter-

terra; & do Ceo dizemos, que nos basta hum cantinho! p. 553. Pertender ser o maior na terra, he culpavel: anhelar a ser o maior no Ceo, he louvavel; & porque? p. 553. Ser maior entre os pequenos, não he ser maior; he ser menos pequeno. p. 553.

Amizade.

S O Deos sabe ser amigo: so elle nos ama a nos; os outros amigos amaõ-se a si. p. 400.

Amor.

Differença entre o Divino, & o humano. p. 474. A intensão do amor he de dous fazer hũ. p. 31. O do Sacramento sobre amor foraõ zelos. p. 33. O do Nascimento foi hum ensaio pera o amor do Sacramento. p. 35. O de Christo nas ultimas horas de sua vida sahio a campo com o odio dos homens. p. 39. Que faça

o amor por fino, o que intentava fazer o mais refinado odio, he o maior excesso da fineza. p. 430. 431. O que o odio intentou fazer na cruz, executou o amor no Sacramento. p. 432. O amor, se he excessivo, tem condiçãõ de inferno. p. 473. 474. O amor não se paga; antes a paga do amor he vova divida. p. 474. 475. O amor tem o thezouro, aonde têm o coraçãõ; pello contrario a avareza tem o coraçãõ, onde tem o thezouro. p. 560. Pintaraõ os antigos o amor cõ tres coroas. p. 504. Pedir a quem ama, favoreça o amado, he dezacreditar o amor, & a fineza. p. 492. 493. O amor de hũa may pera com seo filho he o mais ençarecido amor. p. 451. Amor inconstante não he amor. p. 243. Descriçãõ da Musica do amor. p. 50. Vid. *Eucarestia. Imagem. Mãy. Remedio. Sacramento.*

Anjos.

O S bons sustentaraõ se com

com o pam do Sacramen-
to, & na batalha, que ti-
veraõ com os maos, ven-
ceraõ, & triumpharão, por-
que se esforçaraõ cõ este
Divino Pam; & os maos
foraõ vencidos, porque
fenaõ quizeraõ alimentar
delle. p. 13. Parece que
o amor dos Anjos fas di-
stinação de Christo fora
do Sacramento a Christo
Sacramentado. p. 17.

Annos.

P Rimeiro que chegasse
a ley da Graça, passa-
raõ quatro mil annos da
creação do mundo. p. 51.
Tres mil nove centos se-
fenta & sinco se passaraõ
desde a mesma criação,
atè o nascimento da Vir-
gem N. Senhora. p. 117.

Apelles.

O Que lhe succedeo cõ
hum gentil imagem,
que pintou. p. 382.

Arca do Testamento.

P Orque naõ tinha cha-
ve, com que se fechace?
197.

Arithmetica.

N A ordem da Arith-
metica implica se-
gundo sem primeiro; mas
naõ na ordem politica. p.
513.

Arvore.

H Uma foi a occaziaõ
da ruina do mundo;
& noutra esteve o seo re-
medio. p. 574.

Assumpção.

H E necessario o lume
da gloria pera co-
nhecer a gloria da Assum-
pção. p. 327. Occupa a
Senhora em sua Assum-
pção no Ceo mais autho-
risado lugar, que o Pay, &
que o Filho. p. 328. &
329. Subio á gloria pera
se coroar, & pera coroar
com os resplandores de
sua belleza a mesma glo-
ria. p. 313. No dia de sua
Assumpção he nova, &
gloriosamente Mãe de
Christo. p. 314. Foi tres
vezes a Senhora formal-
mente Mãe de Christo. p.

316. & 317. Porem a Maternidade, que começou a ter no dia da Assumpção, parece, q̄ excedeo as outras duas; porque as outras haviaõ de acabar, & esta não. p. 321. usque ad 323. Vide Maria Santissima Mãy. &c.

Beber.

Ficar com vida na auzência do amado, he ficar morrendo sempre. p. 476. Maior martyrio he pera quem ama a auzencia, q̄ a morte. p. 500.

B

BAtalha. Vide Competencia.

Beber.

Deo Moyses a beber aos filhos de Israel as cinzas do novillo, que fizeraõ no dezerto, pera mostrar, que não hera Deos, o que bebiam. p. 54.

Beneficios.

Os maiores, que Deos fesa aos homens, foraõ quazi sempre feitos de noite; & os maiores castigos de dia, & porque? p. 444. Vid. Noite.

Braga, Cidade de Portugal.

SEos louvores, & descripção. p. 24. Seos fundadores os Egepcios. ibid. Mudafelhe o nome de Braga no de Heliopolis, que quer dizer cidade do Sol; & porque? ibidem. Entre todas as cidades do mundo se singulariza em solennizar o Divino Sol Sacramentado. p. 25. Merece o nome de Cidade da Solennidade do Sacramento. p. 100.

C

Capacidade.

NAõ a mede Deos pelos nacimentos, ou grandeza delles, fenaõ pello

pello lustre das obras. p.

III.

Catam.

Vide Exemplo.

Centro.

A Ansia, com que o bu-
caõ todas as couzas,
em especial a agulha
Nautica. p. 117.

Ceos.

S Aõ o paradigma da ma-
ior beneficencia. p. 143.
Quem quer pouco do
Ceo, esta mui arriscado a
nada ter delle. p. 554. Vi-
de Ambigaõ.

Christo.

N A Encarnação he
roza encarnada; no
Nascimento hum jasmim
mimozo; na morte hum
lirio roxo; na Resurrey-
ção huma perpetua im-
mortal; & no Sacramen-
to hum ramallete intey-
ro. p. 29. & 30. Na Eu-
caristia he fol no meio
dia. p. 34. Nem na meza
da gloria hade fazer mais,
do que faz na meza do

Sacramento, nem na me-
za do Sacramento fez me-
nos do que hade fazer na
meza da gloria. p. 4. Mo-
strasse em dia da procif-
saõ de Corpus na mesma
forma, em que hia pellas
ruas de Jerusalem a ser
Crucificado. p. 44. Qual
foi maior fineza de Chri-
sto; o encarnar, ou mor-
rer? p. 50. Em morrer por
nos, nos amou mais, que
assi mesmo. p. 56. Mas
naõ parou aqui o amor
do Sacramento, que ain-
da parece foi mais avante-
jado, que o morrer por
nos. ibidem. Mostra a sua
Divindade em se nos dar
por alimento. p. 55. Fez
hum comentario real de
suas proezas na Eucari-
stia. p. 90. Cõmungouse
a si mesmo Christo. p. 98.
Duas vezes teve a acla-
mação de Rey; huma no
Prezepio, outra na Cruz.
p. 99. Depois que entrou
nas purissimas entranhas
da Virgem Senhora, naõ
podendo crescer, parece,
que creceo. p. 140. Pare-
ce, que mais lhe custou fa-

hir do ventre purissimo
 da Mãy, que do peito do
 Eterno Pay. p. 264. Tres
 vezes começou a ser for-
 malmente filho da Senho-
 ra. p. 316. & 317. He bé-
 aventurado tambem, por-
 que faz bemaventurados.
 p. 244. Quando encarnou,
 se sacramentou em representa-
 ção. p. 344. Instituiu o sacramento da
 Eucaristia principalmente
 por amor da Virgem
 Senhora. p. 350. Porque
 não quis beber o fel, que
 lhe deraõ na Cruz? p. 351.
 Foi Redemptor de sua
 Mãy Santissima; mas fo
 prezervativo, & não cu-
 rativo. p. 442. Toda a sa-
 bidoria sem Christo he de
 nenhum proveito. p. 180.
 & 181. Vide Eucaristia.
 Sacramento. Maria San-
 tissima.

Comparaçoens.

A Essencia Divina cla-
 ramente vista he co-
 mo hum espelho cristalli-
 no; mas com a differença
 de que o espelho recebe,

& imprime em si a imagẽ
 do objecto, mas não lhe
 imprime nelle a sua; po-
 rem no espelho da Divin-
 dade recebe, quem nelle
 se reve, a semelhança de
 tam divino espelho. p. 18.
 Vide Christo. Vide etiã
 o amor do Sacramento da
 Eucaristia comparado cõ
 o amor da Encarnação,
 &c. p. 31. 32. A da mor-
 te com o inferno. p. 34.
 Do amor com os zelos. p.
 34. & 35. Da Esperança
 com o penhor. p. 42. Do
 sono com a morte. p. 74.
 Da espada com a pena. p.
 89. Do *fiat* de Deos na
 creação do mundo com o
fiat de nossa Senhora na
 Encarnação do Divino
 Verbo. p. 138. Do tẽmor
 com a esperança. p. 248.
 Do fogo do Inferno com
 o elementar. p. 474. Do
 amor Divino com o hu-
 mano. ibidem De S. Joaõ
 com S. Pedro, & os de ma-
 is Condiscipulos. p. 476.
 477. Do sono cõ o amor.
 p. 486. 487. De Deos pa-
 ra com o mundo, & do
 Principe pera com os feos
 vassa-

vassallos. p. 511. 512. Do mar com o fol. p; 517. De Adam com S. Paulo: hũ formado, outro reformado no Campo Damasceno. p. 573. 574.

Competentia.

QUando he entre notavelmente deziguaes, não so ella, mas a mesma victoria he injuriosa ao maior. Quem chega a competir, confessa no contrario igualdade. p. 564. Nas batalhas, & cõpetencias, que os pequenos tem com os grandes, aindaque venção os pequenos, sempre ficaõ chorando. p. 262. A competencia do odio de Paulo com o amor de Christo. p. 571. A que houve ao pe da Cruz na Virgẽ entre a dor, & o gosto, entre a piedade pera com Christo, & pera cõ os homẽs. p. 421. A do odio dos homens cõ o amor de Christo foi tam profiada em sua morte, que aindaque à quella era impossivel a

victoria, parece, que a fez duvidosa. p. 39. & 40.

Conceyçaõ.

A Conceyçaõ da Mãy foi delineada pello nascimento eterno do Filho, & juntamente foi exemplar da geraçaõ téporal do mesmo Filho. p. 388. 389. 390. Foi tres vezes sancta, tres vezes immaculada, tres vezes purissima. p. 361. 363. A graça da Conceyçaõ da Senhora excede a graça não so de todos os homẽs; mas dos Anjos todos: aonde elles todos puzeraõ termo à sua graça, alli teve seo principio a graça da Conceyçaõ. p. 372. Foi sancta com tres formas sanctificantes, ou cõ tres sanctidades formaes. Foi sancta pella graça, sancta pello amor, sancta pella gloria, que logo teve. p. 363. 364. & 368. Excede os termos da fe, por isso athe agora senaõ definio de fe este mystério. p. 362. & 363. A senhora

nhora foi concebida não so em graça, mas em gloria. p. 364. Aindaque Deos, para encarnar, & nacer, não izentasse a sua Máy Santíssima da primeira culpa; para se sacramentar nella, a havia de izentar da macula original. p. 344. A Senhora estárã no mesmo Sacrario com o Sacramento. p. 346. Em sua Conceyção amou Deos à Virgem muito mais, que a todos os Sanctos, & Anjos todos; & ella so amou mais a Deos, do que todos os Sanctos, & Anjos amaraõ, amaõ, & ham de amar. p. 374. & 375. Vide Maria Sanctíssima. Imagem.

Conversaõ.

EM huma verdadeira conversaõ a Deos ham de ficar os olhos abertos, & fechados. p. 579. 580.

Coraçaõ.

OS homens não tem o coraçaõ no coraçaõ;

temno nos olhos. p. 219.

Cordeiro.

O Cordeiro Pascoal foi figura da morte de Christo, & do Sacramento; da morte, porque se matava; do Sacramento, porque se comia. p. 57.

Cruz.

DE instrumêto de supplicio a fez Christo cetro de feo imperio. p. 303. Vide Amor. Piedade. Sacramento.

D.

Demonio.

PResume alcançar mais facilmente a victoria do Filho, que da Máy. p. 287. & 288.

Deos.

O Titulo de Deos convem a Deos desde a eternidade; porem o de Senhor

Senhor lo cômpete a Deos em tempo; senaõ produzira creatura alguma, fora Deos; mas naõ fora Senhor. p. 10. Onome de Deos he maisbrando, benigno, suave, & de maior amor, que o de Pay. p. 11. & 12. Foi sempre estilo de Deos reduzir, & compendiar a unidade, o que tinha partido em numeros. p. 27. Diferença de se dar Deos por compahneyro, & se dar por sustêto. p. 55. Deos pera aceitar singularizase, & pera dar multiplicase. p. 235. Deos pera mandar huma boa nova multiplica os nuncios; & para dar huma ma deminueos: pello contrario os homens. p. 300. & 311. Vide Amizade, & Castigos.

Descriçoens.

DE huma cidade em tempo de festas. p. 1. De hum templo pompofamente armado. p. 2. De hum ramalhete de flores. p. 29. & 30. De Deos fei-

to menino nas inclemencias de Dezembro. p. 35. Do Sol quando nace, & quãdo chega ao meio dia. p. 37. & 38. Da Esperança, & do penhor. p. 42. Da Musica do amor. p. 50. Da varinha crescendo. p. 67. & 68. & 115. Da espada, & da penna. p. 89. Da victoria, que Christo alcançou da morte, & como peleijou. p. 92. De hum leam rumpente. p. 97. Da agulha de marear. p. 117. Do Iris. p. 119. & 120, & 145. Do Mysterio da Encarnação. p. 123. De huma estatua animada. p. 125. Da obra de Deos nos 6. dias da creação do mundo. p. 126. De Deos. p. 131, & 132. Do homem. p. 133. Da Esperança. p. 183. Dos influxos do Ceo, & seos beneficios. p. 208, & 209. Dos principes da terra. p. 209. & 210. Dos influxos dos planetas mediante a Lua. p. 212. Da arvore na primavera, & no outono. p. 221. Dos que se mostraõ espinhados. p. 266. Da
rosa

rosa mui elegante. p. 269.
 & 279. Da fermosura enganoza. p. 270. Da subida da Senhora ao Ceo. p. 320. & 328. Do mundo quando sahio a luz. p. 346. Da fermosura de Esther. p. 362. Da fontefinha despenhada. p. 402. Do que he Deos. p. 309, & 310. Do que succedeo na morte de Christo. p. 412. 433. 434. 453. & 457. De hú dia brusco, & de inverno. p. 459. Do fogo do inferno. p. 474. Das condiçõens do mar, & do sol. p. 517. Da India na Metaphora de arvore. p. 523. De como se forma, accende, & cahe o raio. p. 537. Dos elementos. & suas qualidades, & do que obraõ nos homens, q̄ compoem. p. 547. 548. Do sol ferindo com seus raios os espelhos de chrystal. p. 578.

Dezesperaçãõ.

DE certo modo tira o poder a Deos, & faz impossivel o remedio, de

hum dezesperado, & so Maria SS. o faz possivel. p. 195. Assim como a esperança he o ultimo bem, que se perde; assim a dezesperaçãõ he o ultimo mal, que se padece, & o mais impossivel de curar. p. 144. Ha esperanças esperadas, & ha esperanças dezesperadas; as primeyras se poem em Deos; as segundas nos homêes; dos homens athe as esperanças se podem dezesperar; de Deos athe as esperanças se podem esperar. p. 241. A melhor esperança, que se pode por nos homens, he a dezesperaçãõ. Entaõ esparis melhor dos homens, quando dezesperais mais dos homens. &c. p. 341. Vide Esperança, & Maria Sanctissima.

Differença.

DA Gloria ao Sacramento da Eucaristia. p. 19. Da semelhança à identidade com Deos. p. 19. & 20. Da Unidade, à uniam. p. 31. & 32. De se fazer

fazer Deos companhia
 ro a se dar em sustento. p.
 55. Do verbo *Invenio*, &
Reperio. p. 57. A dos lu-
 gares não variou a seme-
 lhança dos nascimentos
 de JESU, & Maria. p.
 109. De Unigenito, &
 Primogenito a respeito
 de Christo. p. 148. A que
 ha entre a esperança em
 Nossa Senhora, & nos
 homens. p. 198. Entre a
 vara de Moyfes, & a de
 Aaraõ. p. 307. Entre
 Christo, & sua Mãe SS.
 para com os homens. p.
 331. 332. Entre a morte
 do corpo, & da alma. p.
 343. Entre a redempção
 da Cruz, & do Sacramen-
 to. p. 347. Do Verbo *Pa-
 rio* & *Parturio*. p. 416.
 Entre as palavras *Puella*,
Puerpera, & *Mulier*. p.
 417. Entre as palavras
Vir, & *Homo*. p. 426.
 Entre o Arco, & o Circu-
 lo. p. 435. & 436. Entre
 os remedios da serpente
 & do Mana, isto he, entre
 a piedade da Cruz, & do
 Sacramento. p. 440. En-
 tre a hora do Filho, &

da Mãe. p. 441. Das ho-
 ras do dia, ou Sol, & das
 da Lua, ou noite. p. 446.
 Entre o amor Divino, &
 o humano. p. 474. Do fo-
 go do inferno ao elemē-
 tar. p. 474. Do sono, & do
 Amor. p. 487. Entre o
 Calix, & Cruz de Chri-
 sto. p. 495. Entre o mar-
 tyrio do Evangelista, que
 foi por dentro, & o dos
 outros martyres por fora.
 p. 496. Vide *Deos. Amor*.

S. Domingos.

F Oi o primeyro Apo-
 stolo do Rozario. p.
 273. Vizaõ, que teve o
 mesmo Sancto. p. 274.
 Tomou-o a Senhora por
 instrumento para refor-
 mar o mundo por meio
 do Rozario. p. 306. Pre-
 gando *S. Domingos* o
 Rozario, temeraõ, & tre-
 meraõ os infernos. p. 275.

E.
Elementos.

P Orquẽ entraõ todos
 na

na constituição do homê,
& como lhe comunicaõ
suas qualidades, & pro-
priedades? p. 510. 547. &
548.

Encarnação.

O Dia da Encarnação
foi o maior para De-
os; o maior para o homê,
& o maior para a Virgem
Senhora. p. 124. Foi obra
de hum amor sem fim; &
o dia septimo, que a re-
presentou tambem não
teve fim. p. 127. Aheo
dia da Encarnação não
sabia o homem a sua grã-
deza. p. 134. Parece que
fez o Divino Verbo Duas
Encarnações; huma da
Pessoa, outra da voz. p.
147. Vide Eucaristia. Ma-
ria Sanctissima.

Engano.

A Quem ama o enga-
no, não se faz enga-
no. p. 79. Ha enganos, q̃
daõ vida, & dezenganos,
que matam. p. 80.

Entendimento.

S Em entendimento não
ha vida; vida, & enten-
dimento sam synonymos:
vive quem entende; que
não entende, não vive. p.
81.

Espelhos.

S Aõ os olhos da arte; &
os olhos são os espelhos
da Natureza. p. 73. Ha
certos espelhos, que re-
prezêtaõ os objectos ma-
iores do que em si são. p.
434.

Esperança.

N Aõ se compadesse
cõ a posse, nem ain-
da no Ceo; porem cabem
ambas no peito Virginal
da Senhora. p. 183. &
184. Sua desferição. p. 183.
Condiçoens, que deve
ter o seo objecto. p. 185.
Na esperança da Senho-
ra nem ha futuro, nem dif-
ficultozo, nem impossi-
vel. p. 185. Esperar o im-
possivel he destruir a mes-
ma esperança. p. 192. Po-
rem

rem com a esperança na Senhora se faz possível o impossível. *ibidem*. A esperança em Deos dos impossíveis fas possíveis. p. 193. O lirio he symbolo da esperança. p. 183. No Sacramento da Eucaristia està em sua flor a esperança. p. 3. Diferença da esperança na Senhora, & nos homens. p. 198. Pintura da Esperança. p. 198. De quem não esperais a salvação de vossa alma, tudo o mais, que esperais, he nada. p. 210. A condição humana em quanto espera de vos, temvos por vivos; se acabou a esperança, acabastes para ella; contavos entre os mortos. p. 213. & 214. Nos homens sempre a esperança he maior, que a experiencia; & na Senhora sempre a experiencia he maior, que a esperança. p. 121. A esperança de nossa Senhora fasnos bemaventurados. p. 240. Tambem a esperança tem seos bemaventurados, ainda que ella não entre no Ceo. p.

240. No Ceo ha bemaventurados da posse, & na terra; bemaventurados da esperança na Mãe de Deos. p. 242. As esperanças da Senhora na primavera tem o outono, nas flores os fructos, & nas esperanças a posse. p. 243. Ter os olhos nas esperanças do Ceo he felicidade; porem tellos nas da terra he trabalho, he castigo, he maldição. p. 249. Os favores dos homêes se haõ de esperar com desesperação, & desesperar com esperança; pello contrario os de Deos. p. 242. Se he duvidosa a esperança, não he esperança; as duvidas nella bastaõ para vos fazer herege da Esperança. p. 245. Vide *Dezesperação. Maria Santissima.*

Espirito Sancto.

QUando se ouviu a primeira ves o nome do Espirito Sancto? p. 393.

Esther.

Esther.

D Escreve-se sua grande fermosura. p. 363.
 Não se comprehendeo na ley de Assuero. p. 362. He figura da Virgem Sanctissima em sua immaculada Conceyção. p. 362.

Estimação.

D Iversa faz Deos do homem, do que o homem faz de si mesmo. p. 135.

Estrellas.

S Aõ as rozas do Ceo, como as rozas saõ as estrellas da terra. p. 289.

Evangelho.

O S Evangelhos saõ quatro hum, & hum quatro. p. 296. Vid. *Rosario.*

Eucaristia.

O Brigouse Christo a instituil-a com voto.

p. 177. He gloria de Deos na terra. p. 2. & 3. No Sacramento da Eucaristia temos mais alguma couza, do que na gloria. p. 3. Identidade de circunstancias entre a meza da Gloria, & a meza da Eucaristia. p. 5. O mesmo foi ver-se na terra o Sacramento, que ver-se a gloria na terra. p. 7. Ainda à vista da gloria suspirao os Santos pelo Sacramento da Eucaristia. p. 8. & 9. He opiniam piedoza dos contemplativos, que nõ Ceo se hade confervar eternamente o Sacramento em huma hostia consagrada. p. 14. A gloria faz aos homens semelhantes a Deos, & o Sacramento faz aos homens Deozes. p. 17. A gloria beatifica, o Sacramento Deifica. p. 19. Por meio do Sacramento confeguimos a mesma individuidade com Christo. p. 20. O Mysteriõ da Eucaristia leva vengagem a todos os outros mysterios da graça. p. 20. He huma cifra de todos elles.

elles. p. 27. Ou he mysterio dos mysterios. p. 28. O que acifra he entre os numeros da Arithmetica, he a Eucaristia entre os mysterios da graça. p. 28. O circulo da Hostia he figura de hũa cifra ibi. He muitos mysterios em hũ mysterio, & muitos amores em hum amor. p. 29. Os outros amores de Christo fã rios, o amor da Eucaristia he mar ibid. A Eucaristia he huma extençãõ à Encarnaçãõ. p. 30. A Encarnaçãõ he huma cõmunhaõ, ou cõmunicaçãõ limitada, & a cõmunhaõ he huma Encarnaçãõ sem limite. p. 31. O Amor do Sacramento da Eucaristia he *o plus ultra* do amor da Encarnaçãõ. p. 31. O amor da Eucaristia faz mais hũ, q̃ o amor da Encarnaçãõ, porque aquelle faz hum por unidade, este hum por uniaõ. p. 31. & 32. O que faz entre o Pay, & o Filho a cõmunicaçãõ, faz de certo modo entre Christo, & o homem a cõmunhaõ. p.

33. Ainda (que Deos não tivesse decretado, que haviaõ de resuscitar todos os homens; os que comungam dignamente, haviaõ de lograr unicamente a gloria de resuscitados. p. 41. Os que cõmungaõ pella participaçãõ do corpo de Christo, adquirem novo titulo para a resurreiçãõ. p. 42. Assim como entre os resuscitados hade haver differença entre os maos, & os bons; assim entre os bons hade haver differença entre os que não cõmungaraõ, & os que cõmungaraõ: os bons, que não cõmungaraõ, haõ de resuscitar por hum so titulo, & os que cõmungaraõ, haõ de resuscitar por dõbrados titulos. ibidem. O Concilio Niceno chamou ao Sacramento da Eucaristia symbolo da Resurreiçãõ. ibidem. He o milagre maior da Omnipotencia, & o maior prodigio do amor. p. 46. Para os outros milagres basta a Omnipotencia applicar hũ dedo;

mas para o milagre da Eucaristia foi necessario applicar ambas as maõs. p. 47. Nos outros mysterios seguiu o amor de Christo as leis da fineza conforme a arte; mas no mysterio da Eucaristia sabio das leis da arte a fineza. p. 50. O Sacramento da Eucaristia he o Cõmentario real das proezas, & grandezas do Senhor. p. 88. Na Eucaristia està Christo com tinta, & pena para notar, & escrever as menores irreverencias. p. 91. Sete milagres obra Christo continuamente na Eucaristia, & quaes? p. 94. He hum livro fechado, & aberto. p. 96. Neste livro naõ estuda melhor quem mais entende, entende melhor, quem mais ama. p. 96. Vid. *Christo. Sacramento.*

Exemplo.

P Ode muito nos vassallos o do Principe, & nõs subditos o dos Prelados. p. 577. O de Catam

Uticense, com que naõ quis beber a agoa, q̃ hum soldado lhe offerencia estando elle, & todo o feo exercito ardendo com sede, o que obrou? p. 557. Vide *Principe.*

F

Fallar.

Q Ual serà maior milagre: dar falla a hũ mudo, ou tiralla a hum fallador? p. 273. Os que mais fallaõ, saõ os q̃ menos vencem. p. 272. Os que menos fazem, saõ os que mais blazonaõ. p. 563. Vide *Silencio.*

Fe.

H E a vida da Esperança. p. 234. Fe duvida naõ he fe. p. 245. Que fe he a daquelles, q̃ temem mais aos homens, que a Deos? p. 175. Vide *Justiça.*

Fogo.

Fogo.

O Nossõ elementar he como pintado, comparado com o do inferno. p. 474.

G

Gastar.

O Que se gasta em servir, & honrar a Deos, não se gasta, guarda se. p. 43: O que a Magdalenina gastou nas vaidades do mundo, ninguem o censurou; o que gastou em obzequio de Christo, athe os Apostolos o murmuraraõ. p. 43.

Gloria.

T Oda a gloria, ainda que seja do Ceo, se he nesta vida, passa. p. 377.

H.

Helena.

N Aõ a pintando hum

artifece, a quem se dera este cuidado, retratou melhor sua fermosura. p. 259. Deo huma roza a Aquilles, para zombar dos encantos das Sereas. p. 308.

Homem.

H E hum compendio de todas as creaturas; & entre as viziveis a mais excellente. p. 27. Que hum homem seja Deos, bem o entendeo a gentildade; porem, que hum homem coma a Deos, so o podia fazer o excessodo amor. Divino. p. 54. Tem tres vidas. p. 66. E na sua esfera cabe o ser Deos. p. 133.

Honra.

A Honra aggravada dà tregos ao descanso; o amor offendido não da descanso ao cuidado. p. 570.

Honestidade.

N Aõ basta so ser, he
Rr 2. neccs

necessario tambem parecer honesto. p. 174. Tanto necessita da opiniao, como da verdade. p. 176. Vide *Maria Sanctissima. Recolhimento.*

I

Ignorancia.

HE a ignorancia das ignorancias aceitar, sem saber, o que aceytaes. p. 546.

Igreja.

Pello reyno do Ceo se entende a Igreja de Christo na terra. p. 532.

Imagem.

Inventou-a o amor para na auzenzia do amado entreter a faudade. p. 380. O Amor na Trindade não he Filho, porque não he imagem. p. 380. Deve a Esposa ser imagem do Espozo. p. 392. Não são maiores os privilegios da

peessoa, que os da imagem. p. 379. Antes estima em mais o principe a adoraçao da imagem, que a da peessoa. p. 380. A Senhora por ser imagem, logrou em sua Conceyçao as izençoens da culpa original. p. 381. Maria he imagem de toda a SS. Trindade. ibi. Quem não he imagem, não he filho. p. 383. Porq̃ declarou Deos por Filho seo a Christo no Thabor, & não no Calvario? p. 386. O que rezolve o direito civil à cerca da imagem, que o pintor delineou em materia alhea. p. 387. Vide *Conceyçao.*

Inimigo.

Nenhum se deve desprezar por pequeno, que seja. p. 565.

Inveja.

FAzer milagres entre envejosos, he despertar contra si testemunhos falsos. p. 272.

S. João Evangelista.

D Escrevemse feos louvores. p. 469. Té por assumpto o não ter assumpto. p. 470. Quererse igualar com elle, he ignorancia. p. 471. Deulhe Christo a esperança por martyrio. Era não so amante, mas o mesmo amor. p. 478. He por analogia o Espírito Sancto; & por isso mais que homem, mais que Anjo, mais que Serafim. p. 469. & 479. Com hum novo, & espiritual modo de geração naceo de Christo, & da Virgem Mãy. p. 479. Parecia o mesmo cõ Christo. p. 481. No peito de Christo estava o coração do Evangelista, & a este ferio a lança. 487. A Cruz do Evágelista he a Cruz, & Calix de Christo; & porque? p. 494. & 495. Não so foi martyr em Roma, mas tambem no Calvario. p. 496. 497. & 498. He o principe dos Martyres. p. 497. Foi o feo amor, como o inferno.

p. 498. 499. O não morrer no incendio, foi o maior martyrio pera feo amor. p. 500. He coração de Christo, da Igreja, & da Senhora. p. 502. Está ja resuscitado em corpo & alma no Ceo. p. 505. & 506.

Joseph filho de Jacob.

C Receo de cima para baixo, & debaixo para cima. p. 71.

Justiça.

A Lguns temem mais a humana, que a Divina. p. 175.

L

Lagrimas.

S Aõ expressivas do maior amor. p. 382. As de Jozias, & de Ezequias, q̃ effeito tiveraõ? p. 514.

Lazaro.

C Hamoulhe Christo a-
Rr 3 mi

migo, quando dormia, & não quando estava morto; com que mysterio? p. 316.

Ley.

A Verroes chamou à ley dos Judeos: *Lex puerorum*; & à dos Mouros: *Lex porcorum*. p.95. Vide *Maria Sanctissima Principe*.

Licurgo.

E Ntrou no Senado, aonde o chamaraõ para o condenar, com huma imagem de Cybelles, & q̃ lhe succedeo? p. 251.

Lingua.

D Os feos vicios, & escandalos compos hũ grande Abcedario o Veneravel P. Drexelio. p. 572. Porque manda Christo cortar a mão, ou pe, que nos escandalizaõ; & não manda tambem cortar a lingua pello mesmo? p. 572.

Louvor.

Q Ual he maior: ser singular no singular, ou singular no plural? p. 292. & 293. Vide *Silencio*.

M

Maria Sanctissima Senhora Nossa.

F Oi chamada no principio dos caminhos de Deos, & os outros Sanctos no fim. p. 364. Sem a sua assistencia não quer Christo favorecernos. p. 114. He chamada centro de Deos. p. 117. A vista de Maria cahem a Deos os raios da mão. p. 120. Nada lhe he impossivel. p. 193. Nella crece a misericordia de Deos. p. 144. De Mãy de Deos fobio a ser Mãy de Misericordia. Podia ser Mãy de Deos, sem ser Mãy de Misericordia; mas não podia ser Mãy de Misericordia, sem ser Mãy de Deos; & porq̃.

porque? p. 152. He Dioptra do Sol Divino; & porque? p. 151. Purificouse para purificar a Purificação; assim como o Filho se bautizou para purificar o bautismo. p. 164. & 165. Por Senhora, & por Virgem estava izêta da ley da Purificação; mas porque Virgem, & Senhora estava obrigada à execução da ley. p. 165. Em sua Purificação fez pella opiniaõ, o que as outras mãys faziaõ pella verdade. p. 176. Intercedeo ao pe da Cruz pello bom ladram, & que succedeo. p. 188. O que Christo faz com difficuldade, faz a Senhora sem ella. p. 190. He porta principal do Ceo, & sem chave, porque sempre esta aberta para todos. p. 196. Sem Maria Sanctissima nem os homens tinhaõ que esperar de Deos, nem Deos que esperar dos homens. p. 202. Suppostos os decretos Divinos, o remedio, & salvação dos homens sem Maria era im-

póssivel. p. 204. & 205. Não so a salvação, mas nenhum outro bem temos, que esperar sem Maria. p. 211. Assim como na ordem da natureza se participaõ os influxos do Ceo mediante a Lua; assim mediante Maria Sanctissima participamos todos os favores de Deos na ordem da graça. p. 212. Nenhuma couza sem Maria pode ser grata a Deos, não so na terra, mas nem no Ceo. p. 215. Em Maria estaõ todas as creaturas com maior perfeição, do que em si mesmas. p. 217. Sua liberalidade vêce nossas esperanças. p. 226. Não so as dos que esperaõ com rezaõ; mas tambem dos que não esperaõ, nem tem rezaõ para esperar. p. 227. & 228. Na menor bemaventurança não a podemos imitar; na maior sim. p. 229. He imagem, ou forma da Divindade. p. 265. & 266. Tem no Ceo duas mãos direitas; huma para os bons, outra para os maos.

p. 330. Hũa grande parte da gloria da Senhora no Ceo he interceder, & focorrer aos miseraveis. p. 333. Aos demais remio Christo na Cruz, à Senhora remio no Sacramêto. p. 347. He trono de Deos desde sua immaculada Conceyção. p. 359. O peccado de Lucifer, cõ que se precipitou, foi querer fazer trono seo à Virgem Sanctissima, & ter lugar nella. p. 360. Para nos focorrer não espera, que a rogemos; acode ainda sem ser chamada. p. 401. 440. 441. Toda he olhos pera nos defender, & vigiar sobre nos. p. 403. Ao pè da Cruz dividio a Maternidade; porque a mesma, que em Belem gerou a Deos, no Calvario gerou os homens, que alli naceraõ della como de sua verdadeira Mãy. p. 414. & 415. Ao pè da Cruz parece, que sentio maior dor, que o mesmo Filho; porque este sentia por paixãõ, & a Mãy por compaixãõ. p. 418. O

mesmo Filho se compadeceo mais da compaixãõ de sua Mãy, que de sua mesma paixãõ. 419. O gosto, que teve a Senhora, de ver os homês remidos, venceo a dor de ver padecer a seo proprio Filho. p. 422. Tanto foi o amor, que teve à salvaçãõ dos homens, que se fosse necessario ella mesma offerceria à morte seo amado Filho. p. 422. & 424. Deve o mundo tambem sua redempção à piedade da Senhora. p. 225. Pode-se chamar Salvadora do mundo; porque assim a Mãy, como o Filho, nos remio. p. 425. 426. Todos são predestinados, os que se valem da piedade da Senhora. p. 461. Vid. *Assumpção. Conceyção. Imagem. Mãy. Piedade. Sacramento, &c.*

Mãy.

N Otítulo de Mãy, ao que parece, deo mais o Eterno Pay à Senhora, do que a seo proprio Filho

lho. p. 135. 136. & 137. Porque rezaõ não deo Christo à Senhora o titulo de Mãy varias vezes? p. 101. 351. 135. 136. 137. Aristoteles disse, q̄ a mãy tinha maior amor ao filho, q̄ mais dores lhe custou. p. 417. Vide *Maria Sanctissima.*

Meio dia.

Significa na Sagrada Escriitura o fervor de zennfreado de peccar, & tambẽ o fervor da caridade, & amor. p. 571. Dezafo do meio dia do amor com o meio dia do odio. p. 571.

Meza.

Ascouzas singularmente grandes, que Christo obrou, foraõ quasi todas sobre meza. p. 36. & 37. Todas as vezes, que Christo se assentou à meza, se deo Sacramentado ou na realidade, ou na representação. p. 37.

Mizericordia.

Christo Provedor da Mizericordia. p. 159. Os Irmaõs da Mizericordia são irmaõs inteyros de Christo, & os demais fieis são so meios irmaõs; & porque? p. 149. São os Benjamins preferidos aos demais. p. 151. Deve-se pintar com 6. azas a Mizericordia. p. 158. A de Deos se vio crecida em Maria. p. 152. Grande elogio della. p. 153. Tem Deos por mais digno de sua grandeza tratar da saude dos miseraveis, que da producção do mundo todo. p. 154. & 155. O exercicio de huma obra de mizericordia faz o lugar, onde se exercita, de carcere paraizo; de inferno huma gloria, & de hospital hum Ceo. p. 156. He mais diligente em remediar a Mizericordia, que o amor. p. 158. Em hum Irmaõ da Mizericordia a mizericordia he justiça. p. 159.

Morte.

Morrer para logo resuscitar.

fuscitar, não he morrer.
p. 505.

N

Nascimento.

O De Christo, & de sua Mãy Sanctissima tem tanta semelhança, que parece o mesmo. p. 100. Ambos tiverão os mesmos effeitos. p. 115.

Natureza.

H E estilo da Natureza não conceder beneficio sem pensão. p. 507.

Noite.

O S maiores beneficios, que Deos fez aos homens, foraõ quasi todos de noite, & os maiores castigos de dia; & porque? p. 112. 113. 444. 445. & 446.

Nurvens.

A S mais altas so levantão huma legoa

da terra. p. 455.

O

Obras.

A Sobras vos dam o nome: negar o nome de Elias, a que tem obras & espirito de Elias, he ser herege da rezaõ. p. 309.

Obrigaçãõ.

Q Uem cumpre a obrigaçãõ com titulo de obsequio, quer obligar, & faz da justiça graça; porem que faz o obsequio a titulo de obrigaçãõ, quer dezobrigar, & faz da graça justiça. p. 117.

Obzequio.

H A homens, q̃ a mesma offensa vos venderão por obzequio, & o mesmo agravaõ por merecimento. p. 513.

Omnipotencia.

Ven.

Vence com o mais fraco o mais valente; cõ o mais humilde o mais poderozo; & ainda com o mais ignorante o mais fabio. p. 237. A gloria do poder Divino està em fazer instrumento da victoria a occaziaõ da ruina. p. 574.

Opiniaõ.

HA couzas, em que he melhor a verdade, que a opiniaõ: outras, em que he melhor a opiniaõ, que a verdade. Na materia das letras melhor he a opiniaõ, que a verdade; na das riquezas melhor he a verdade, que a opiniaõ. p. 173.

P

S. Paulo.

FAzia Christo mais estimação de Paulo so, que do mundo todo. p. 572. No mesmo campo Damasceno, em que Deos

formou Adam, reformou a S. Paulo. p. 573.

Peccado.

EM nenhuma creatura pode haver cabedaes para satisfazer por hum peccado mortal. p. 202. Homens, que publicação o feo peccado, & fazem gala delle, não são dignos do nome de homens, mas de brutos, a quem a natureza negou o pejo, que a o homem deo. p. 176.

S. Pedro.

FOio primeyro Juiz, ou Mordomo do Sacramento. p. 65. Depois de negar a Christo, recorreo à Virgem Senhora, & foi salvo; o que não fez Judas, & por isso se condemnou. p. 448.

Piedade.

HE filha legitima do amor; quem mais ama, mais se compadece. p. 451. A maior gloria da pieda-

piedade he occultar o remedio, para que se não veja o dano. p. 442. Maior he a piedade, que me focorre antes de experimentar o dano, do que a que me acode, depois de o padecer. p. 340. A piedade do Sacramento he maior, que a da Cruz; & porque? p. 435. & 436. He a piedade da Senhora para com nosco, como a de seu Filho para com ella. p. 441 442. Parece que temos mais confiança na piedade da Mãy, que na do Filho. p. 448. A piedade da Senhora teve seu principio da eternidade. p. 462. A piedade da Senhora para cõ nosco não fo a crucificou, mas chegou a sacramental. p. 433. He a Virgem da Piedade, hum espelho do Sacramento. p. 438. Maior foi a piedade da Senhora como corredemptora para com os homês, que para com seu proprio Filho. p. 453. Gostava de ver, que pella salvação dos homens era Crucifi-

cado seu Filho. p. 456. & 458. A maior piedade da Senhora ao pe da Cruz. foi o dezejo da salvação dos homens. p. 467. A Cruz leva muitos ao Ceo; mas a piedade da Senhora leva muitos mais. p. 467. A piedade da Senhora athe ao mesmo inferno dece, porque muitas vezes fez revogar a sentença de condenação, que estava ja dada contra muitas almas. p. 466. Vi-
 de Maria Sanctissima.

Portugal.

D As quatro partes do mundo a melhor he Europa; de Europa o melhor he Hespanha; de Hespanha o melhor he Portugal. p. 534.

Pressa.

N Aõ esta o remedio no remedio, mas na pressa do remedio. p. 157. Para livrar huma alma do peccado, não ha pressa, que não seja vagar. p. 161.

Princi-

Principes.

N Os principes he justiça a decencia. p. 166. Notaõse os eclipses do Sol, & Lua, por serem os principes dos astros; porque os defeitos dos principes são mais observados, & notaveis. p. 167. O que os principes não devem à lei, devemno ao exemplo. p. 171. He obrigação no principe, o que no vassallo he so decencia. p. 168. O que não he necessario a hũ principe em quanto homem, he necessario a hum homem, em quanto principe. p. 169. Deve ter humna vontade sem affectos, & hum affecto sem inclinaçoens. p. 509. A hum principe benevolo mais lhe custa o dano dos vassallos, que o seu proprio. p. 514. São os vassallos o coração do principe. p. 515. Nos outros homens o exemplo he so exemplo; no principe o exemplo he preceito, & com o seu exemplo manda. p. 528. Pode mui-

to nos vassallos o exemplo do principe, & nos subditos o dos prelados; p. 527.

R.

Raio.

O De Jupiter defeito em cinzas pello amor. p. 449.

Recolhimento.

D Evem as Senhoras ser recolhidas; porque athe na mesma Senhora parece se estranha o andar por fora; o seu proprio Filho parece que mostra desconhecella assim por Mãy. p. 398.

Remedio.

H Ase de applicar primeiro a quem ama, do que a quem padece. p. 486. Muitas vezes peor he o remedio, que a enfermidade, se se descobre a enfermidade, para acreditar

ditar o remedio. p. 443.

Rosa.

HE symbolo do silencio. p. 254. Antes da primeira culpa nacia a rosa sem espinhos. p. 261. Foi antigamente symbolo da primavera. p. 499. Vide. *Estrellas. Helena.*

Rozario.

QUIZ Christo, que o Rozario tivesse igual, ou maior efficacia, que o seo Evangelho. p. 306. & 307. He o Rozario Evangelho da Virgem Senhora. p. 294. O nome, o fim, & os effeitos do Rozario são os mesmos, que os do Evangelho. p. 296. 299. & 308. Foi a reformação do mundo. p. 309. Foraó tantos os prodigios, & milagres do Rozario da Mãy, que venceraó os do Evangelho do Filho. p. 310. & 311. Mais de sincoenta refuscitaraó por virtude do Rozario, & quazi outros tantos estando ja cõ-

denados ao inferno, por morrerem em peccado, por virtude do Rozario, ou Evãgelho da Mãy, lhes concedeo Christo espaço de penitencia, & se salva- raó. p. 310. Pello Rozario se haó de absolver muitos, & nenhum condenar. p. 305. Foi vencedor dos homens, do demonio; & athe do mesmo. Christo foi vencedor. p. 273. As victorias do Rozario são para os homens remedio, para o demonio ruina, & para Deos são coroa. p. 273. He o Rozario huma coroa dividida em tres coroas, ou tres coroas unidas em huma; p. 277. He tam certo sinal da victoria, que naó ha victoria sem este sinal; & so a este sinal se attribuem as victorias. p. 278. Ao Sacramento serve o Rozario de coroa. p. 283.

S

Sacramento.

O

Sacramento faz ao ho-

homem Deos. p. 19. O que não fez a Cópanhia de Christo, fez Christo com o Sacramento. p. 55. O amor do Sacramento, parece que excedeo o amor da Cruz; porque no Sacramento offerece infinitas vezes o mesmo corpo, & fangue, que huma vez offereceo na Cruz. p. 56. No Sacramento do altar temos tres vidas. p. 67. Os Christãos na primitiva Igreja chamavaõ ao Sacramento por antonomasia Vida. ibi. Faz dos velhos meninos, & dos meninos velhos. p. 72. He espelho. 73. Tem virtude para abrir os olhos mais cerrados. p. 76. Hemeza de aguias. p. 82. O Sacramento da Eucaristia em quanto Sacrificio he hum compendio de todos os sacrificios da lei antiga; & em quanto Sacramento he hum epilogo de todos os Sacramentos. p. 87. He huma cifra das grãdezas, & maravilhas de Deos. p. 88. No Sacramento se mo-

strou Deos magnifico em todos os seus attributos. p. 102. Christo no Sacramento parece maior, que o mesmo Pay. p. 102. O Sacramento, ou Sacrificio da Eucaristia, institutio Christo por voto. p. 177. O Sacramento da Eucaristia exposto, & posto em huma Cruz he a maior fineza do amor; porq̃ foi o intento do maior odio. p. 430, & 431. Maiores finezas de amor mostrou Christo para conosco no Sacrameto, que na Cruz. p. 431. 432. O que o odio intentou na Cruz, executou o amor no Sacramento. p. 432. A Cruz he remedio fanativo, o Sacramento he prezervativo. 439. No Sacramento se obraõ continuamente 7. milagres. p. 94. He o Sacramento entre os mysterios da graça, o que he a cifra entre os numeros da Arithmetica. Deos Sacramentado he Deos Encarnado, he Deos Nacido he Deos Morto he Deos Resuscit-

fuscitado. p. 88. Deos, em quanto Sacramétado, pede maior pureza, que em quanto Nacido. p. 345. No Sacramento não fo recebemos a Christo, mas alguma parte da carne purissima da Virgê Mãy. 427. Vide *Conceyção. Eucaristia. Rozario. Esperança.*

Salvaçãõ.

A Salvaçãõ sem nada mais he tudo; tudo o mais sem salvaçãõ he nada. p. 208. De quem não esperais a salvaçãõ de vofsa alma, tudo o mais, que podeis esperar, he nada. p. 210. Vid. *Maria Santissima. Esperança.*

Santiago.

P Os Christo à sua petição, & de S. Joãõ seo irmão: como pede. p. 528. Para Santiago pedia a Mãy a cadeira da mão direita, & a elle a deo Christo, & a S. Joãõ a da mão esquerda. p. 531. & 532.

O De Santiago ate os erros podem ser acertos, & seos dezacertos panegyricos. p. 547. Foi o primeiro dos Apostolos, que morreu por Christo, & por isso unico. p. 536. N. Senhora não fo pedio, mas deo a S. Tiago a cadeira da mão direita. p. 539. E o seo primeiro filho, & a S. Joãõ segundo. p. 541. 542. 543. Foi trez vezes Primaz, & he maior não fo a respeito de S. Tiago menor, mas a respeito de todos os demais, porque tantas vezes primeyro. p. 543. Por ser o primeyro he duas vezes martyr, & os mais Apostolos, parece que o não foraõ em sua comparaçãõ. p. 558.

Segredo.

H A homens, que entãõ guardaõ menos hum segredo, quando mais se lhes recomenda. p. 255. Ter confiança para perguntar hum segredo, ou he grande amor, ou gran-

grande ignorancia. p.
488.

Sentimento.

Mais fente, quem se
compadece, que o
mesmo, que padece. p.
418. & 419. Maior con-
fiança de amor he com-
municar o sentimêto, que
o gosto. p. 485.

Silencio.

O maior louvor não he,
o que se diz; he o que
se cala; porque senão po-
de dizer com palavras,
mas só admirar com silen-
cio. p. 256. Tambem se
falla, & louva melhor cõ
o silencio. p. 259, 260. &
261. Ha sojeitos, em cu-
ja boca melhor he o silen-
cio, que o louvor. p. 257.

Socrates.

DElle disse Seneca, que
entrara no carcere,
para lhe tirar a ignomi-
nia; & que de carcere o
fizera palacio. p. 156.

Sol.

Christo na Eucaristia;
he sol no meio dia.
Vid. Christo. Eucaristia.

Sono.

He imagem da morte;
& Alexandre disse
de hum soldado, que pre-
cipitou dos muros dor-
mindo: morto o achei, &
morto o deixei. p. 74.

T

Theodozio Emperador.

Tudo, o que este Prin-
cipe prometia, certa-
mente dava. p. 242.

Sf

Tigris.

M Odo ardilozo de os
caçar. p. 577. &
578.

Tribunal.

A Ntigamente costu-
mavaõ os juizes por
os seos tribunacs fora das
portas das cidades, para
que os requerentes fos-
sem mais facilmente des-
pachados. p. 399. Al-
guns temem mais o tri-
bunal da justiça humana,
que o da Divina. p. 175,
& 176. Ao tribunal de
Maria Sanctissima conce-
deo Deos maior prero-
gativa, que ao seo. p. 400.

V

Valimento.

N Aõ ha couza, que
cauze mais ciume

nos vassallos, que o vali-
mento com os Principes.
p. 550. Querer ser so no
valimento he intoleravel
aos mais, & por isso a
tragedia de hum valido
he comedia para os def-
validos. p. 551. & 552.
Vide Principes.

Viatico.

P Orque se chama Via-
tico o Sacramento? p.
59. *Vide Uniaõ. Unida-
de. Amor. Eucaristia. &
p. 130.*

Victoria.

V Encer o mais com o
menos, he victoria
propria de Deos. p. 238.
A victoria, que convence,
he maior, que a que so
vence: aquella he inteira,
esta he mea victoria. p.
284. Maior he a victoria,
que Deos alcança, & a
vingança, que toma dos
pecca-

peccadores, a quem converte, que dos peccadores, a quem condena ! p. 284.

Unico.

QUando o fojeito he unico, alguma couza se lhe ha de dissimular, & sofrer. p. 572. Primeiro, & unico são synonymos: qué vos não tira

o ser primeyro; não vos tira o ser unico. p. 540. Vide. *Santiago*.

Z

Zeuxis.

PARA pintar a imagem de Juno, tirou de todas as fermostras o melhor. p. 313.

FINIS



...

...

M

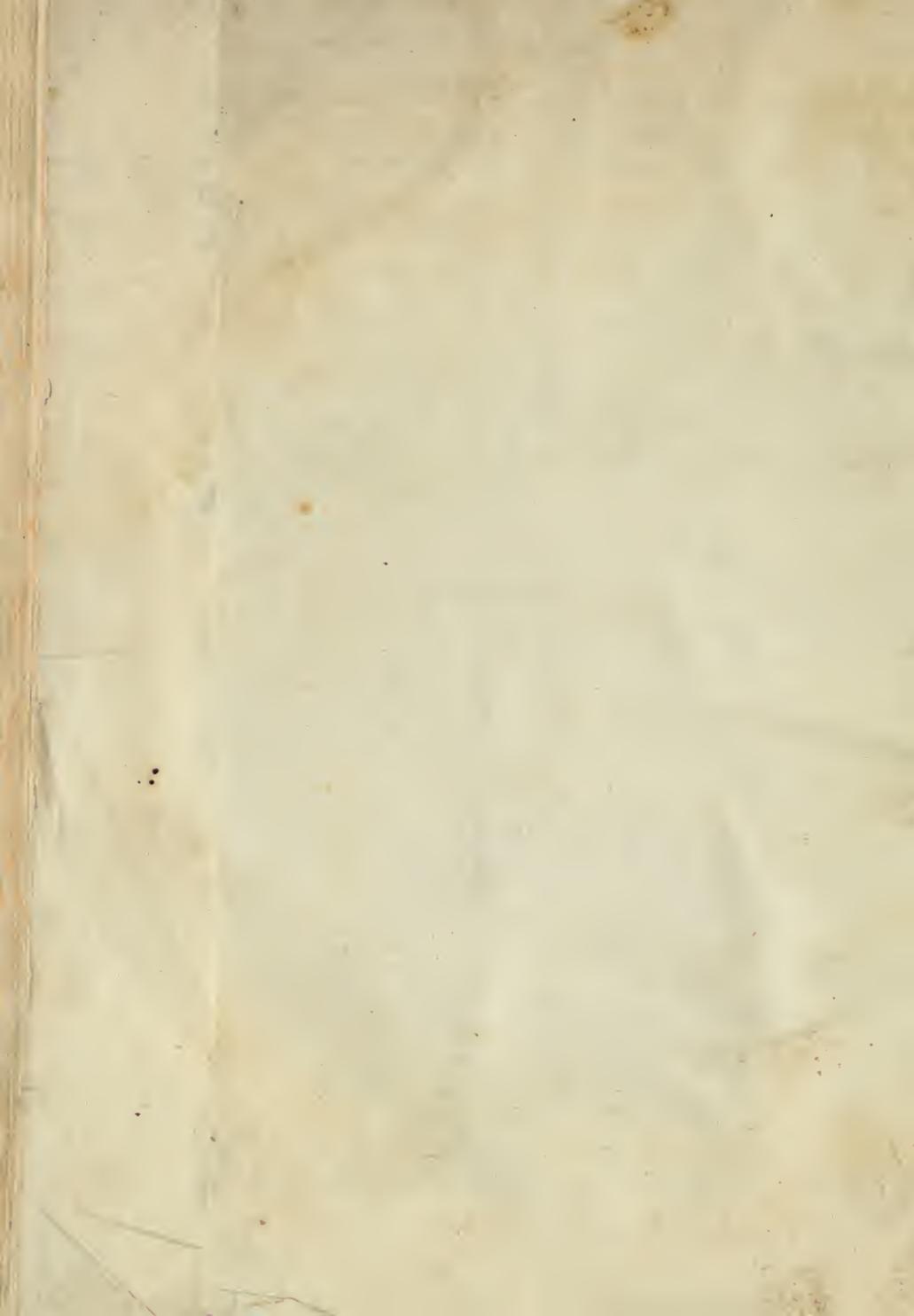
...

P

C

FINIS





au
animan
Cardina

Epit
io.

omin
uli tui

